



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Afonso Henriques dos Santos Francisco Vita

**O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO
CULTURAL E DE MEMÓRIA EM ANGOLA:
A ROTA DE ESCRAVOS**

**Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Humana,
Orientada pela Professora Doutora Fernanda Delgado Cravidão,
Coorientado pelo Professor Doutor Ziva Domingos
e apresentada ao Departamento de Geografia e Turismo da
Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra**

Dezembro de 2021

Faculdade de Letras

**O desenvolvimento do turismo cultural
e de memória em Angola:
A rota de escravos**

Ficha Técnica:

Tipo de Trabalho:	Tese de Doutoramento
Título:	O desenvolvimento do turismo cultural e de memória: A rota de escravos
Autor:	Afonso Henriques dos Santos Francisco Vita
Orientadora:	Professora Doutora Fernanda Delgado Cravidão
Coorientador:	Professor Doutor Ziva Domingos
Identificação do Curso:	3.º Ciclo em Turismo, Lazer e Cultura
Área científica	Turismo e Lazer



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Dedicatória

*À memória de
Luísa Amélia Vita e António Francisco Vita,
pelos sacrifícios consentidos e ensinamentos,
sem os quais não seria possível sonhar
com este trabalho de investigação.*

“Ntondele Muna Mawonsoho”

“Nzambi Kala Yeno yi Katoma Kululunda nga Kuna Zulu Diandi”.



Agradecimentos

A elaboração desta tese de doutoramento só foi possível, graças ao contributo e apoio directo e indirecto de várias individualidades entre professores, profissionais de diferentes instituições, familiares e amigos durante todas as fases e etapas do processo de investigação. Como não é possível mencionar todos, vou destacar o contributo daqueles que tiveram uma participação directa, sem desprimor aos demais que desde já fica aqui a minha eterna gratidão à todos.

Em primeiro lugar à Deus todo-poderoso por ter-me dado saúde, paz, força e a oportunidade de continuar os meus estudos na histórica e emblemática Universidade de Coimbra.

À minha Orientadora Professora Doutora Fernanda Cravidão, pelas orientações, ensinamentos e sobretudo a sua paciência de esperar quase 8 anos para ver essa tese concluída. Ao meu Coorientador Professor Doutor Ziva Domingos, pelas orientações, conselhos, encorajamentos incessantes e paciência.

Aos professores do curso pelos ensinamentos diversos, conselhos e encorajamentos especialmente ao Professor Doutor Lúcio Cunha, Professor Doutor João Luís Fernandes, Professor Doutor Norberto Santos e a Professora Doutora Suzana Ramos.

À todos os colegas do curso de doutoramento, especialmente os estudantes angolanos pelo espírito de apoio, interajuda e encorajamento para não desistir do curso, Doutora Professora Amélia Cazalma (Sua Reverendíssima), Professor Doutor Bumba de Castro (Guia Imortal), Professora Doutora Sandra Vigário, doutoranda Miraldina Vazio, doutoranda Isabel Fernando e doutorando Destino Alexandre.

Aos Administradores Municipais do Soyo, Ambriz, Administrador do Distrito da Ingombota e Administrador Comunal de Massangano, pelo apoio e colaboração em termos de fornecimento de dados ao longo do presente trabalho.

À Embaixadora e Delegada Permanente de Angola junto da UNESCO, Doutora Ana Maria de Oliveira, pela disponibilidade, apoio e encorajamento na elaboração do presente trabalho de investigação.

Ao Embaixador de Angola junto da Santa Sé – Vaticano, Dr. Paulino Baptista, pelo apoio prestado desde a primeira em termos de bibliografia sobre o presente tema de investigação.

À Coordenadora do Programa Cultural Afro-Brasileira e Biblioteca Zumbi dos Palmares, Doutora Solange Barbosa, pela disponibilidade, colaboração, apoio e intercâmbio de informações.

Aos líderes das associações AGTSA, KALU, AHRA e AAVOTA, respectivamente Dr. Carlos Bumba, Cristina Pinto, Arlete Jardim, Ramiro Barreira e Augusto Pedro, pela colaboração, incentivo e apoio.

Ao arquitecto Agostinho Xavier (Reverendo), pelo seu apoio técnico incondicional, disponibilidade, colaboração e companheirismo em todas as fases do processo de investigação.

Aos colegas do Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente, Arq. Amaro Francisco, Rosa Cruz, Flávio António, Alexandrina Cunha, Zahira de Assunção, Gracinda de Sousa, Elsa Eliote, Cristina de Oliveira, Regina Ribeiro, Adelina Vicente, Palmira Crimica, Mengua Simão, Hilário Buba e Rogério Paxe, Arlindo Dala, Dinis Quicassa e Ivone David.

Aos directores gerais dos hotéis Nempanzo, Epic Sana, Palmeiras Suites, Trópico, Presidente, Alvalade, Skyna, Continental e agências de viagens Valeria Tour, Trevogel, Travelgest, Atlântida, pelo apoio e colaboração.

Aos meus irmãos GeraldoVita, Ricardo Vita, Suzana Tussamba e Mavaka Eduardo, pelo apoio bibliográfico, financeiro e encorajamentos. Os meus agradecimentos são extensivos ao tio António Vita, minhas irmãs Maria da Conceição Vita, Catarina das Dores Vita, Ponteciana dos Anjos Vita, Inocêncio Henriques, António Fernandes, Francisco Vuvu e todos os sobrinhos e familiares pelos conselhos e encorajamentos.

Um profundo reconhecimento e especial agradecimento a minha esposa e filhos pelos sacrifícios consentidos todos os dias, meses e anos, sonhando com a fase final da tese, para terem o esposo e pai de volta para casa. Brinsam Vita, Jennifer, Vanessa, Diana Vita, Leandra Vita, Briana Vita e AfonsoVita Jr, à todos vocês a minha eterna gratidão, *“I Have to Say Thanks to you guys, from the bottom of my heart for all your Sacrifices, and Dad will be Back Soon. May God Protect and Bless us Today, Tomorrow and Forever and Ever”*.

Resumo

O turismo atravessa actualmente a pior crise desde que emergiu como actividade económica relevante, após a II Guerra Mundial, devido a pandemia da Covid-19 que assola o mundo desde Dezembro de 2019. A pandemia tem afectado profundamente a actividade turística mundial em termos de chegadas e receitas turísticas, contrariando todas as previsões feitas pela OMT sobre o desenvolvimento deste importante sector.

Ainda assim e atendendo a dinâmica do turismo e a sua capacidade de adaptação e resiliência, o mundo tem esperança que a indústria turística sobrevirá mais este desafio e continuará a ocupar o seu lugar de vector de desenvolvimento económico, social e factor de unidade e aproximação entre as diferentes nações e povos.

Apesar de reinar ainda um clima de incerteza em volta do turismo mundial devido ao contexto actual, em Angola supõe-se ter chegado o momento de se começar a evidenciar os enormes atractivos turísticos originais e derivados que o país dispõe, para que possam contribuir em pleno para o seu desenvolvimento, participar na diversificação da economia e garantir o bem-estar das suas populações.

A presente tese visa analisar o contributo dos locais históricos ligados a escravatura em Angola, por via da rota de escravos, nas localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, transformando-as em lugares de interesse para o turismo e consequentemente contribuir para a melhoria das condições de vida das populações locais que terão uma participação directa no projecto, em termos de concepção, operacionalização e monitorização.

Trata-se de um projecto multidimensional de cariz internacional que aproximará e reunirá a diáspora africana no mesmo espaço geográfico, através do Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro da Africanidade em Angola.

Nesta perspectiva, na primeira parte da tese foi feita uma contextualização, através de um enquadramento teórico-conceptual para melhor entender as diferentes abordagens sobre o tema, através de uma pesquisa documental.

A segunda parte foi consagrada ao estudo de caso, ou seja, análise dos resultados do trabalho de campo realizado por meio de inquéritos aos residentes e visitantes das quatro (4) localidades de estudo, assim como entrevistas aos responsáveis de vários sectores (público e privado).

A presente investigação permitiu concluir que é fundamental a implementação do projecto da reconstituição das rotas de escravos em Angola, visto que contribuirá para o resgate, valorização e divulgação da história da escravatura em Angola, reunir os angolanos e a sua diáspora, bem como melhorar as condições de vida das populações locais.

Palavra-chave: turismo, rota de escravos, desenvolvimento turístico, Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda.

Abstract

In the current situation where tourism is going through the worst crisis of all time since its emergence as an economic activity, due to the Covid-19 pandemic that has been plaguing the world since December 2019, profoundly affecting the global tourist activity in terms of arrivals and revenues tourism, strongly contradicting all the predictions made by the WTO on the development of this important sector.

Still, and given the dynamics of tourism and its capacity for adaptation and resilience, the world hopes that the tourism industry will overcome this challenge and continue to occupy its place as a vector of economic and social development and a factor of unity and approximation between the different nations and peoples.

Despite the fact that there is still a climate of uncertainty around world tourism due to the current context, in Angola it is assumed that the time has come to start showing the enormous original tourist attractions and derivatives that the country has, so that they can contribute fully. For its development, participate in the diversification of the economy and guarantee the well-being of its people.

This thesis aims to analyze the contribution of historical sites linked to the history of slavery in Angola, through the slave routes, in the locations of Soyo, Ambriz, Massangano and Luanda, transforming them into places of interest for the tourism and consequently contribute to the improvement of the living conditions of the local populations who will have a direct participation in the project in terms of design, operation and monitoring.

It is an international multidimensional project that will approach and bring together the African diaspora in the same geographic space, through the International Biannual Festival of Encounter and Reunion of Africanity in Angola.

In this perspective, in the first part of the thesis a contextualization was made, through a theoretical-conceptual framework to better understand the different approaches on the theme, through a documentary research.

The second part was devoted to the case study, that is, analysis of the results of the field work carried out through surveys of residents and visitors from the four (4) study locations, as well as interviews with those responsible for various sectors (public and private).

The present investigation concluded that it is essential to implement the project to reconstruct the slave routes in Angola, since it will contribute to the rescue, valorization and dissemination of the history of slavery in Angola, bringing together Angolans and their diaspora, as well as improving the living conditions of local populations.

Keyword: *tourism, slave route, tourist development, Soyo, Ambriz, Massangano and Luanda.*

ÍNDICE GERAL

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vii
Abstract.....	ix
ÍNDICE GERAL.....	xi
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xvii
ÍNDICE DE TABELAS.....	xxv
ACRÓNIMOS E SIGLAS.....	xxxii
INTRODUÇÃO.....	33
Enquadramento do Tema.....	38
Objectivo Geral.....	40
Objectivos específicos.....	40
Âmbito da Investigação.....	40
Questões de Partida:.....	57
Hipóteses Gerais.....	57
Hipóteses Específicas.....	57
PRIMEIRA PARTE.....	59
I. CAPÍTULO – O BINÓMIO TURISMO E CULTURA.....	61
1.1. Diferentes Tipologias de Turismo Cultural.....	67
Turismo Histórico.....	67
Turismo Étnico.....	67
Turismo Religioso.....	68
Turismo Rural Integrado.....	69
Turismo de Memória.....	69
a) Turismo Escuro ou <i>Dark Tourism</i>	70
b) Turismo de Guerra.....	76
c) Turismo de Rotas de Escravatura.....	79
II. CAPÍTULO – TURISMO INTERNACIONAL E SUAS TENDÊNCIAS.....	81
2.1. Principais Tendências do Turismo Internacional.....	81
2.2. Turismo em África.....	87
2.3. Turismo em Angola e Perspectivas.....	89

2.3.1. Principais indicadores do turismo de Angola	97
III. CAPÍTULO – O FENÓMENO TRÁFICO DE ESCRAVOS OU COMÉRCIO TRIANGULAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS	109
3.1. Origem do Tráfico de Escravos no Mundo	111
3.2. O Tráfico de Escravos em África antes e durante a Colonização	115
3.2.1. O Tráfico de Escravos antes da Colonização	115
3.2.2. O Tráfico de Escravos Durante a Colonização.....	121
3.3. O Tráfico de Escravos em Angola.....	132
3.4. Principais Países de Destino dos Angolanos Escravizados	142
3.4.1. Principais Figuras angolanas que Lutaram Contra a Escravatura	152
a) N´vemba Nzinga (1456-1543)	152
b) Nzinga Mbandi (1582-1663).....	153
c) Nvita Nkanga (1617-1665).....	154
d) Kimpa Vita (1684-1706)	155
e) Aqualtune da Casa De Kinlaza.....	156
f) Ganga Zumba	157
g) Zumbi dos Palmares (1655-1695).....	158
h) Zacima Gaba	160
i) Teresa de Benguela	161
3.4.2. Rebeliões, Conspirações e Revoltas	163
A rebelião Stono de 1739	163
Conspiração de 1741 na cidade de Nova Iorque	164
Revolução Haitiana de 1804	165
Conspiração de Gabriel de 1800	166
Insurreição de German de 1811	167
Rebelião de Nat Turner	168
3.4.3. Abolição da Escravatura.....	169
3.5. A Contribuição dos Angolanos na Edificação das Américas.....	173
IV. CAPÍTULO – EXPERIÊNCIA DE SUCESSO DE ALGUNS PAÍSES NO DOMÍNIO DO TURISMO DE MEMÓRIA	183
Senegal	186
Gana	188

Benin	190
Tanzânia	193
Brasil	196
4.1 Síntese conclusiva	199
Sugestões:.....	200
SEGUNDA PARTE	203
V. CAPÍTULO – GEOGRAFIA DOS TERRITÓRIOS DA ESCRAVATURA	205
5.1. Delimitação do território de estudo	211
5.2. Localização Geográfica dos Locais de Estudo	214
5.2.1. Soyo	215
5.2.2. Ambriz	220
5.2.3. Massangano	223
5.2.4. Luanda	227
Cidade Alta.....	230
Calçada do Pelourinho	230
Largo do Pelourinho.....	231
Rua dos Mercadores	231
Casa dos Escravocratas	232
Rua das Flores	233
Largo do Atlético ou Luís Lopes Sequeira.....	234
Palácio Dona Joaquina	234
Largo Infante Dom Henriques.....	235
Travessa dos Enforcados.....	236
Calçada Simão Mascarenha	236
Igreja da Nazaré	236
Museu da Escravatura	236
Vila Calumbo	237
VI. CAPÍTULO – METODOLOGIA, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO	239
6.1. Metodologia e Técnicas de Pesquisas Utilizadas na Investigação	242
6.2. As diferentes fases das metodologias usadas	244
6.3. Abordagem quantitativa e abordagem qualitativa	248

6.4. Planificação da metodologia de recolha de dados	250
6.4.1. Selecção da amostra.....	251
6.4.2. Validade e consistência da investigação.....	254
VII. CAPÍTULO - TRATAMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	259
7.1. Análises dos resultados quantitativos dos inquéritos dos residentes	262
7.1.1. Análise sociodemográfica	262
7.2. Análises dos resultados quantitativos dos inquéritos dos visitantes.....	289
7.2.1. Análise sociodemográfica	289
7.3. Correlação entre variáveis	307
7.3.1. Inquéritos aos residentes.....	307
7.3.2. Inquéritos aos visitantes.....	311
7.4. Análise de independência de Qui Quadrado.....	313
7.4.1. Inquéritos aos residentes (Ambriz).....	313
7.4.2. Inquéritos aos residentes (Luanda)	317
7.4.3. Inquéritos aos residentes (Massangano)	320
7.4.4. Inquéritos aos residentes (Soyo).....	321
7.4.5. Inquéritos aos visitantes (Ambriz).....	322
7.4.6. Inquéritos aos visitantes (Luanda).....	324
7.4.7. Inquéritos aos visitantes (Massangano).....	326
7.4.8. Inquéritos aos visitantes (Soyo).....	327
7.5. Análise dos resultados qualitativos dos inquéritos por entrevistas	329
VIII. CAPÍTULO – CONCEPÇÃO E RECONSTITUIÇÃO DA GEOGRAFIA DAS ROTAS DE ESCRAVOS EM ANGOLA	339
8.1. Concepção do Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro da Africanidade em Angola.....	349
Mesa redonda	349
Feira de artesanato.....	349
Concurso de gastronomia.....	350

Realização de concurso de dança	352
Visita guiada ao Centro Histórico de Mbanza Kongo.....	354
Roteiro turístico de Mbanza Kongo	354
8.2. Definição de uma estratégia de marketing-mix multidimensional para promover o Projecto Rota de Escravos em Angola	355
a) Identificação dos mercados alvos (<i>target</i>)	360
b) Definição de uma estratégia de marketing-mix adaptada aos mercados alvos ...	364
No âmbito da promoção	370
No âmbito captação de visitantes (turistas).....	372
No âmbito da facilitação de entrada para Angola	372
No âmbito do acolhimento nos empreendimentos turísticos em Angola	374
CONCLUSÃO.....	379
Limitação do trabalho e pistas para futuras investigações	385
a) Limitações do Trabalho.....	385
b) Pistas para futuras investigações	385
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	387
ANEXO I – FIGURAS ANGOLANAS QUE SE DESTACARAM NA LUTA CONTRA A ESCRAVATURA	399
a) Nzinga Mbandi (1582 – 1663).....	400
b) Nvita Nkanga (1617 – 1665).....	401
c) Kimpa Vita (1684 -1706).....	402
Figuras angolanas que se destacaram na luta de destaque nos países de destino e dignas de reconhecimento nacional.....	403
ANEXO II - DISCURSO DE D. MANUEL ALVES DA CUNHA	419
ANEXO III: Questionario dos inqueritos aos residentes das localidades de estudo. .	437
QUESTIONÁRIO DO RESIDENTE DO SOYO	437
QUESTIONÁRIO DO RESIDENTE DO AMBRIZ	443
QUESTIONÁRIO DO RESIDENTE DO MASSANGANO.....	449
QUESTIONÁRIO DO RESIDENTE DO LUANDA.....	455
ANEXO IV: Questionario dos inqueritos aos visitantes das localidades de estudo...	461
QUESTIONÁRIO AO VISITANTE DE SOYO	461
QUESTIONÁRIO AO VISITANTE DE AMBRIZ.....	467
QUESTIONÁRIO AO VISITANTE DE MASSANGANO	473
QUESTIONÁRIO AO VISITANTE DE LUANDA	479

ANEXO V - Projecto Rota de Escravo da Unesco.....485

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da rota de escravos oriundo da África, século XVIII.....	50
Figura 2. Diferentes rotas utilizadas no processo de tráfico de escravos	52
Figura 3. Mapa das principais rotas do tráfico de escravos.....	53
Figura 4. Principais localidades de captura e embarque de escravos em Angola	55
Figura 5. Chegadas Internacionais de Turistas (2015 – 2019)	83
Figura 6. Receitas Internacionais do Turistas (2015 – 2019).....	83
Figura 7. Chegadas de turistas por regiões de destino (Em milhões): 2015-2019	84
Figura 11. Estrutura Actual de Categorização dos Hotéis.....	100
Figura 12. Motivo de viagens para Angola em 2019	104
Figura 13. Visita de alguns membros da família Tucker à Angola, em 2021, a convite do Presidente da República de Angola, Dr. João Manuel Gonçalves Lourenço. Da esquerda para direita: Wanda Tucker, Carolita Cope, Vincent Tucker e Dra. Maria da Piedade de Jesus, Secretária de Estado da Cultura de Angola.	150
Figura 14. Rei N’vemba Nzinga	152
Figura 15. Rainha Nzinga Mbandi	153
Figura 16. Rei Nvita Nkanga.....	154
Figura 17. Profetiza Kimpa Vita	155
Figura 18. Aqualtune da Casa de Kinlanza	156
Figura 19. Ganga Zumba	157
Figura 20. Zumbi dos Palmares	158
Figura 21. Princesa Zacimba Gaba.....	160
Figura 22. Teresa de Benguela	161
Figura 23. Dakar – Casa dos Escravos	187
Figura 24. Cape Coast Castle	190
Figura 25. Forte de São João de Ajudá, actual Museu Histórico, Benim, Museu de Ouidah	192
Figura 26. Porta do não-retorno, voltado para o oceano, a última parada dos escravos, Benin.....	193
Figura 27. Árvore de Esquecimento de Ouidah	193
Figura 28. Estátua da Escravatura – Tanzânia.....	196
Figura 29. Escravos na colheita do café. Marc Ferrez, 1882, Rio de Janeiro.	199
Figura 30. Principais localidades de captura e embarque de escravos em Angola. ...	206
Figura 31. Antes e depois da chegada dos Europeus em África.....	208

Figura 32. Roteiro Turístico de Mbanza Kongo.....	213
Figura 33. Roteiro Turístico de Mbanza Kongo.....	214
Figura 34. Turistas junto ao monumento histórico Ponta do Padrão	216
Figura 35. População da Ponta do Padrão/Soyo.....	218
Figura 36. Base da Empresa LNG no Soyo.....	218
Figura 37. Igreja Católica construída depois da chegada dos Portugueses	219
Figura 38. Local de baptismo de escravos antes de embarque no Porto de M’pinda.	220
Figura 39. Casa de Escravos de Ambriz.....	221
Figura 40. Interior da Casa de Escravos de Ambriz	222
Figura 41. Fortaleza de Massangano, Província de Cuanza Norte	223
Figura 42. Imagem Aérea da Fortaleza de Massangano.....	224
Figura 43. Túmulo de Paulo Dias de Novais, fundador da cidade de Luanda	225
Figura 44. Praça de Escravos de Massangano	226
Figura 45. Comitiva de Turistas na Praça de Escravos de Massangano.....	226
Figura 46. Visita à Rua dos Mercadores de Luanda.....	229
Figura 47. Palácio Presidencial da Cidade Alta	230
Figura 48. Largo do Pelourinho de Luanda.....	231
Figura 49. Rua dos Mercadores	232
Figura 50. Rua dos Mercadores	233
Figura 51. Rua das Flores	233
Figura 52. Palácio Dona Joaquina	235
Figura 53. Largo Dom Afonso Henriques	235
Figura 54. Museu da Escravatura	236
Figura 55. Local de Punição de Escravos no Calumbo	237
Figura 56. Género	263
Figura 57. Habilitações Académicas	263
Figura 58. Estado Civil.....	264
Figura 59. Já ouviu falar da escravatura em África?	266
Figura 60. Luanda desempenhou um papel preponderante?	266
Figura 61. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola?”	268
Figura 62. “A actividade turística pode ser boa para a cidade de Soyo, porquê pode?”	269

Figura 63. Questão “A actividade turística pode ser boa para vila de Ambriz, porque?”	270
Figura 64. Questão “A actividade turística pode ser boa para a cidade de Luanda, porque?”.....	271
Figura 65. Questão “A actividade turística pode ser boa para a vila de Massangano, porquê?”.....	273
Figura 66. – Questão “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz, porque?”.....	274
Figura 67. Questão “A actividade turística pode ser má para a cidade do Luanda, porque?”.....	276
Figura 68. Questão “A actividade turística pode ser má para a vila do Massangano, porquê?”.....	277
Figura 69. Questão “A actividade turística pode ser má para a cidade do Soyo, porque?”	278
Figura 70. “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Ambriz)..	279
Figura 71. “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Luanda) ..	280
Figura 72. Figura 71. “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Massangano)	282
Figura 73. “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Soyo).....	283
Figura 74. “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Ambriz do nível?” (Ambriz)	284
Figura 75. “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Ambriz do nível?”	285
Figura 76. Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Massangano?” ..	286
Figura 77. “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Soyo do nível?”	287
Figura 78. “Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a visitar, no período de 8 a 10 dias?”	288
Figura 79. Género	290
Figura 80. Habilitações Académicas	290
Figura 81. Estado Civil.....	291
Figura 82. Habilitações Académicas	294
Figura 83. Onde passa habitualmente as férias?.....	294
Figura 84. Habilitações Académicas	296

Figura 85. Tempo de permanência?	296
Figura 86. O que mais aprecia?	297
Figura 87. Onde está hospedado?	299
Figura 88. Visita a cidade acompanhado(a)?.....	299
Figura 89. A integração da cidade na Rota Turística é uma mais-valia?	300
Figura 90. “O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola?”	301
Figura 91. Questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila do Ambriz?”	302
Figura 92. Questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Luanda?”	303
Figura 93. Questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila do Massangano?”.....	304
Figura 94. Questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Soyo?”	305
Figura 95. Levaria a sua família a visitar as suas cidades durante 8 a 10 dias, no caso de estas serem incluídas na Rota Turística e Cultural de Escravos, em Angola.	306
Figura 96. O que pode significar a proposta do Projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola?	329
Figura 97. O Projecto pode ser um veículo essencial para a promoção de Angola no exterior?	330
Figura 98. Proposta de construção de monumentos e a definição de uma data comemorativa para homenagear os angolanos que foram vítimas da escravatura? ...	331
Figura 99. O Projecto Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, pode contribuir para catapultar o seu país no mercado mundial?	332
Figura 100. Qual é o apoio que o projecto poderá oferecer para a sua concretização, valorização e operacionalização?	333
Figura 101. Levaria a sua família ou amigos a percorrerem a Rota Turística num período mínimo de 8 dias?.....	334
Figura 102. Há algum projecto com vista a recuperação, valorização e divulgação desses locais?	335
Figura 103. Qual é a sua opinião sobre a constatação?	336
Figura 104. Tem alguma opinião ou comentário sobre o dia 23 de agosto na cidade de Mbanza Kongo?.....	337

Figura 105. Gostaria de fazer mais algum comentário adicional sobre o referido projecto?	338
Figura 106. Mapa da delimitação dos locais estudos	341
Figura 107. Composição da rota turística e cultural de escravos em Angola.....	342
Figura 108. Rota turística e cultural de escravos do Soyo	343
Figura 109. Rota turística e cultural de escravos de Ambriz.....	344
Figura 110. Rota turística e cultural de escravos de Massangano	345
Figura 111. Rota turística e cultural de escravos de Luanda.	346
Figura 112. Rota turística e cultural de escravos em Angola.	347
Figura 113. Circuito da rota turística e cultural de escravos em Angola	348
Figura 114. Feira de artesanato da Ilha de Luanda.....	350
Figura 115. Safú e Mandioca fervida.	351
Figura 116. Kikuanga, kisaka e bacalhau	352
Figura 117. Dança tradicional defronte a Igreja de Mbanza Mazina.	353
Figura 118. Momento de convívio entre os diplomatas e a população local.....	353
Figura 119. Países emissores de turistas para a rota turística e cultural de escravos em Angola	364
Figura 120. Principais mercados de promoção turística.....	366
Figura 121. Pressupostos para concepção de produto turístico	370
Figura 122. Árvore Genealógica de Zumbi	414

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Principais localidades ligadas a história da escravatura	56
Quadro 2. Alguns conceitos estatísticos de visitante.....	63
Quadro 3. Tipologias de Dark Tourism/Thanaturismo	72
Quadro 4. Chegadas de turistas por regiões de destino (em milhões): 2015-2019	84
Quadro 5. Principais destinos turísticos (2015 – 2019).....	85
Quadro 6. 10 principais destinos turísticos que mais arrecadaram (2015 -2019).....	85
Quadro 7. Principais destinos que mais gastaram (2015 – 2019).....	86
Quadro 8. Visão do turismo de Angola para 2020	94
Quadro 9. Análise SWOT do Turismo em Angola	96
Quadro 10. Rede Hoteleira, Restaurantes e Similares e Agências de Viagens	98
Quadro 11. Estrutura da Rede Hoteleira Nacional	99
Quadro 12. Estrutura Actual de Categorização dos Hotéis	99
Quadro 13. Mapa dos Principais Hotéis em Construção	101
Quadro 14. Chegadas de Turistas Internacionais em Angola por Regiões	102
Quadro 15. Motivos de Viagens	103
Quadro 16. Receitas Turísticas em Mil Milhões de Kwanzas (1 Kz = 0,0013 €).....	105
Quadro 17. Estimativa da Importação de Escravos pelas Américas 1451-1870.....	122
Quadro 18. Estimativas demográficas do tráfico de escravos entre vários autores..	123
Quadro 19. Estimativas de Perda Demográfica em África VII - XVI.....	124
Quadro 20. Estimativa do Tráfico Atlântico de Escravos por Países/bandeira de 1501-1866	126
Quadro 21. Origem Geográfica dos Escravos Africanos do Tráfico Transatlântico..	126
Quadro 22. Partidas de Escravos da África Ocidental e da África do Centro-Oeste .	127
Quadro 23. : Tráfico de Escravos Transatlântico por Países de 1501-1875.....	128
Quadro 24. Escravos Saídos pelos Portos de Luanda e Benguela de 1680 a 1836	138
Quadro 25. Destino dos Escravos Embarcados em Luanda no Período 1723-1771 .	139
Quadro 26. Distribuição da população americana em 1860.....	151
Quadro 27. Escravos Libertos em Angola entre 1859 e 1863	172
Quadro 28. Registos de Escravos Angolanos Baptizados em Nova Iorque	175
Quadro 29. Principais Invenções dos Afrodescendentes.....	180
Quadro 30. Principais locais de capturas, comercialização e embarque de escravos .	207
Quadro 31. Caracterização dos Locais de Estudo	215

Quadro 32. Locais de Captura, Concentração e Embarque de Escravos.....	215
Quadro 33. Técnicas quantitativas e qualitativas de recolha de dados.....	249
Quadro 34. Tipo de abordagens Metodológicas	250
Quadro 35. Amostragem para os residentes das 4 localidades.....	253
Quadro 36. Amostragem para os visitantes das 4 localidades.....	253
Quadro 37. Entrevistas das personalidades das 4 localidades de estudo.....	254
Quadro 38. Estimativa dos afroamericanos nos principais países de destino	362

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Características da amostra – Variáveis sociodemográficas: género, habilitações literárias e estado civil	262
Tabela 2. Estatística descritiva relativa à variável sociodemográfica Idade	265
Tabela 3. Características das questões “Já ouviu falar da escravatura em África?” e “Luanda desempenhou um papel preponderante?”	265
Tabela 4. Tabela de Frequência da questão “O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola?”	267
Tabela 5. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser boa para a cidade de Soyo, porquê pode?”	268
Tabela 6. Tabela de frequências relativas da questão “A actividade turística pode ser boa para a vila de Ambriz, porquê?”	269
Tabela 7. Tabela de frequências relativas da questão “A actividade turística pode ser boa para a cidade de Luanda, porquê?”	270
Tabela 8. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser boa para a vila de Massangano, porquê?”	272
Tabela 9. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz, porque pode?”	273
Tabela 10. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser má para a cidade do Luanda, porquê?”	275
Tabela 11. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser má para a vila do Massangano, porquê?”	276
Tabela 12. Frequências relativas da questão “A actividade turística pode ser má para a cidade do Soyo, porquê?”	278
Tabela 13. Tabela de Frequências Relativas da questão “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Ambriz)	279
Tabela 14. Tabela de Frequências Relativas da questão “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Luanda)	280
Tabela 15. Tabela de Frequências Relativas da questão “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Massangano)	281
Tabela 16. Tabela de frequências relativas da questão “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Soyo)	282
Tabela 17. Tabela de frequências relativas da questão “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Ambriz do nível?” (Ambriz)	283

Tabela 18. Tabela de Frequências Relativas da questão “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Luanda do nível?” (Luanda).....	285
Tabela 19. Tabela de frequências relativas da questão “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Massangano do nível?” (Massangano).....	286
Tabela 20. Tabela de frequências relativas da questão “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Soyo do nível?” (Soyo).....	287
Tabela 21. Tabela de frequências relativas da questão “Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a visitar, no período de 8 a 10 dias?” ...	288
Tabela 22. Características da amostra – Variáveis sociodemográficas Género, Habilitações Académicas e Estado Civil.....	289
Tabela 23. Estatística Descritiva relativa à variável sociodemográfica Idade	292
Tabela 24. Características da amostra – Variáveis sociodemográficas de nacionalidade, actividade profissional e questão “Onde passa habitualmente as férias?”	293
Tabela 25. Características da amostra – questões “Qual o motivo da sua visita?”, “Tempo de permanência?” e “O que mais aprecia?”	295
Tabela 26. Características da amostra – Questões “onde está hospedado?”, “Visita a cidade acompanhado(a)?”, “Já ouviu falar de escravatura?” e “A integração da cidade na Rota Turística é uma mais-valia?”	298
Tabela 27. Tabela de Frequência da questão – “O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola?”	300
Tabela 28. Tabela de frequências relativas da questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila do Ambriz?”	301
Tabela 29. Tabela de frequências relativas da questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Luanda?”	303
Tabela 30. Tabela de frequências relativas da questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila do Massangano?”	304
Tabela 31. Tabela de frequências relativas da questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Soyo?”	305
Tabela 32. Tabela de frequências relativas a questão “Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a visitar no período de 8 a 10 dias?”....	306
Tabela 33. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Ambriz)	307

Tabela 34. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Luanda)	308
Tabela 35. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Massangano)	309
Tabela 36. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Soyo)	310
Tabela 37. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Ambriz)	311
Tabela 38. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Luanda)	311
Tabela 39. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Massangano)	312
Tabela 40. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Soyo)	313
Tabela 41. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Género” e as restantes questões do inquérito por questionário	313
Tabela 42. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Naturalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário	314
Tabela 43. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Académicas” e as restantes questões do inquérito por questionário	315
Tabela 44. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário	316
Tabela 45. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário	317
Tabela 46. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Género” e as restantes questões do inquérito por questionário	317
Tabela 47. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário	318
Tabela 48. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Académicas” e as restantes questões do inquérito por questionário	318
Tabela 49. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário	319
Tabela 50. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Género” e as restantes questões do inquérito por questionário	320

Tabela 51. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Acadêmicas” e as restantes questões do inquérito por questionário	320
Tabela 52. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	321
Tabela 53. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	321
Tabela 54. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	322
Tabela 55. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	322
Tabela 56. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Acadêmicas” e as restantes questões do inquérito por questionário	323
Tabela 57. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	323
Tabela 58. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Género” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	324
Tabela 59. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	324
Tabela 60. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Acadêmicas” e as restantes questões do inquérito por questionário	324
Tabela 61. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	325
Tabela 62. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	325
Tabela 63. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	326
Tabela 64. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Acadêmicas” e as restantes questões do inquérito por questionário	326
Tabela 65. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	326
Tabela 66. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	327
Tabela 67. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	327

Tabela 68. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Acadêmicas” e as restantes questões do inquérito por questionário	328
Tabela 69. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário	328
Tabela 70. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário.....	329

ACRÓNIMOS E SIGLAS

AAVOTA	Associação das Agências de Viagens e Operadores Turísticos de Angola
AAVA	Associação das Agências de Viagens de Angola
ACNUDH	Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos
AHRA	Associação de Hotéis e Resorts de Angola
AHORESIA	Associação dos Hotéis, Restaurantes e Similares de Angola
AGTSA	Associação Guias Turísticos do Sul de Angola
AGUITA	Associação dos Guias Turísticos de Angola
APCPA	Associação dos Cozinheiros e Pasteleiros de Angola
ATA	American Travel Association
CAN	Campeonato Africano de Futebol
DNHS	Direcção Nacional da Hotelaria e Similares
DNQIPT	Direcção Nacional de Qualificação de Infra-estruturas e Produtos Turísticos
DINATUR	Direcção Nacional do Turismo
GEPE	Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatísticas
GNA	Ghana News Agency
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LNG	Liquefied Natural Gás
MINTUR	Ministério do Turismo
MINHOTUR	Ministério da Hotelaria e Turismo
MCTA	Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente
OIT	Organização Internacional de Trabalho

ONU	Organização das Nações Unidas
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMT	Organização Mundial do Turismo
PDT	Plano Director do Turismo
PDN	Plano de Desenvolvimento Nacional
PIB	Produto Interno Bruto
POT	Plano Operativo do Turismo
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RTP	Rádio Televisão Portuguesa
RDC	República Democrática do Congo
SADC	Southern African Development Community
SME	Serviço de Migração Estrangeiros
SWOT	Strengths, Weakness, Opportubities and Treat
TAAG	Linhas Aéreas de Angola
TRI	Turismo Rural Integrado
UCCLA	União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UN	United Nations
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNWTO	United Nations Tourism Organization
USA	United States of America
WTO	World Tourism Organization
WTTC	Conselho Mundial de Turismo e Viagens

INTRODUÇÃO

O turismo como actividade económica, conheceu um crescimento exponencial ao longo da sua trajectória, transformando-se hoje em vector de desenvolvimento e factor dinamizador de muitas economias ao nível mundial, arrastando consigo várias actividades graças a sua dinâmica de estimular outros sectores económicos, capacidade de adaptação e de resiliência em momentos de crise. De acordo com António Guterres, Secretário-geral da ONU, “o turismo é um dos mais importantes sectores económicos na esfera económica mundial, ele emprega 1 em cada 10 pessoas no mundo e faz viver centenas de milhões de outras”¹.

Os principais factores que contribuíram para desenvolvimento rápido do turismo no século XX foram a melhoria das condições económicas e sociais, o direito a férias pagas e, sobretudo, o surgimento e modernização dos meios de transportes. O transporte aéreo permitiu encurtar as distâncias e atingir localidades longínquas nos quatro cantos do globo terrestre. O automóvel ou carro próprio foi determinante para as deslocações em família e para o crescimento exponencial do turismo interno, já o autocarro ajudou bastante no crescimento e desenvolvimento de pacotes turísticos. A influência do transporte ferroviário foi igualmente bastante importante para esse desenvolvimento, na medida em que foi o meio que permitiu a massificação da actividade turística iniciadas um século antes com Thomas Cook. A partir dos anos 1990s, o desenvolvimento das tecnologias de informação, com maior ênfase nas redes sociais, revolucionou o crescimento do turismo em todas as dimensões.

Ainda nos anos de 1950, muito antes da criação da OMT, o total de turistas internacionais já somava 25 milhões, 40 anos depois, ou seja, em 1990 este número já ultrapassava os 500 milhões, para atingir quase mil milhões na primeira década do século XXI, de acordo com os dados da OMT.

No entanto, depois desta trajectória de sucesso do turismo mundial, o sector foi surpreendido por uma queda brusca, diminuindo em mais de 70% as chegadas turísticas internacionais e aproximadamente 70% dos destinos aumentaram as restrições de acesso

1 <https://www.unwto.org/fr/tourisme-covid-19>.

aos seus territórios, voltando aos níveis dos anos de 1990, segundo os indicadores da OMT. Esta queda brusca é consequência do impacto negativo da pandemia Covid-19, que começou em Wuhan – China em dezembro de 2019 e espalhou-se em todo mundo, contrariando grandemente todas as previsões de crescimento anteriormente feitas pela organização encarregada de promover o turismo mundial.

De acordo com Zurab Pololikashvili, Secretário-Geral da OMT, numa nota publicada pela ONU-Tourisme - Actualité, N-19, do dia 23 de dezembro de 2020, referiu que “milhões de pessoas não tiveram a possibilidade de explorar os diferentes lugares turísticos e abrirem-se à outras culturas e costumes. O mundo perdeu ocasiões de permitir ao turismo criar empregos, sustentar e apoiar as empresas, de relançar o desenvolvimento, de proteger e de preservar as coisas que procuramos ver quando nós viajamos”. Tendo acrescentado ainda que “o 2020 foi o ano mais difícil na história do turismo mundial”.

Numa outra intervenção e já em 2021, o Secretário-geral da OMT, referiu que “esta crise provocada pela Covid-19 é uma ocasião de repensar o sector do turismo e a sua contribuição à humanidade e ao planeta; é uma ocasião de reconstruir melhor um sector do turismo mais durável, mais inclusivo e mais resiliente, permitindo aproveitar largamente e de maneira equitativa as mais-valias do turismo”.

Nesta base e considerando a resiliência e a dinâmica demonstrada pelo turismo ao longo da sua história, como elemento impulsionador e catalisador de várias economias na esfera internacional, o mundo ainda tem esperança que nos próximos cinco anos esta actividade volte a participar de forma activa na economia mundial e dar a sua tradicional contribuição ao desenvolvimento económico e social dos países. A capacidade de resiliência do turismo tem sido evidenciada, não obstante os efeitos nefastos da pandemia, com práticas mais são saudáveis associada ao ambiente e a contemplação da vivência e construção humana ao longo da sua história. Por outras palavras, na impossibilidade da realização de práticas de multidão como o Sol e Mar, o turismo procura reforçar a tendência de buscar práticas mais sustentáveis.

Cravidão e Cunha (2017, p. 425) referem no seu artigo intitulado Turismo em Espaços Litorais: Onde o Mar começa e a Terra se Preserva, que “o conceito de turismo está intimamente ligado ao conceito do litoral”. Tendo fundamentando que os principais destinos, particularmente os ligados à fruição em tempos de férias, fazem das linhas de costa e das actividades balneares associadas o objectivo de lazer o local de prática e o

recurso a fruir. Os dois autores enfatizam que “se a imagem das linhas da costa e, particularmente, das praias como principal objecto e objectivo turístico se mantém, nos últimos anos tem-se vindo a assistir a uma mudança de usos e a uma diversificação que compreende actividades desportivas (por exemplo surf, mergulho e golfe), ambientais, culturais e de saúde que marcam os espaços litorais diminuindo a clássica sazonalidade e acrescentando valor económico”.

A necessidade de combater a monotonia e a sazonalidade deu lugar a diversificação das actividades turísticas e ao surgimento de vários segmentos ou tipologias do turismo com maior ênfase ao turismo cultural – a essência do presente trabalho de investigação – que de acordo com a OMT constitui actualmente a modalidade turística que mais cresce a nível internacional. Carvalho (2017, p. 349) considera que “a cultura como processo de um tempo longo e o turismo como processo de um tempo breve juntam-se em conceitos distintos, permitindo a construção e o consumo dos bens do Homem, da sua sustentável permanência e da criação inovadora”.

Neste sentido, a autora dando continuidade a sua visão, definiu o turismo cultural como “uma actividade que se refere à afluência de turistas a núcleos receptores que oferecem como produto essencial o legado histórico do Homem em épocas distintas, representando a partir do património e do acervo cultural manifesto nas ruínas, monumentos, museus e obras de arte, gastronomia, no trabalho, na língua, no *savoir-faire*. Trata-se de um fenómeno baseado nas motivações e percepções dos turistas, e não apenas nos atributos específicos de cada local de visita”, Carvalho (2017, p. 349).

A identidade cultural de um povo ou país constitui na verdade a base do turismo, um forte elemento de atracção turística e um factor diferenciador ou de distinção incontornável na diferenciação entre um determinado destino turístico e os demais. O manancial histórico e cultural de Angola e a necessidade premente e urgente da sua valorização via turismo, levou a definir o presente tema de doutoramento, enquadrado no espírito da resolução da ONU que declarou a Década Internacional de Afrodescendentes, que compreende o período de 2015-2024, através da sua resolução 68/237.

“A ONU reconhece com esse significativo gesto, apesar de tardio, que há uma comunidade de pessoas que foi forçada a abandonar o seu continente, as suas terras, suas casas, suas famílias em suma o seu habitat habitual. Essa comunidade foi transportada em navios como mercadoria para regiões longínquas, tendo sido espalhada em vários

continentes, sobretudo nas Américas, que de uma forma isolada representa actualmente cerca de 200 milhões de pessoas”² cujos direitos precisam ser reconhecidos, promovidos, valorizados, protegidos e celebrados por todos.

Os resquícios de discriminação desses emigrantes forçados a sair do seu continente de origem continuam. Recentemente, em plena luz do dia 25 de maio de 2020, o mundo assistiu atónico a morte do afro-americano George Floyd protagonizada por um polícia de raça branca na cidade de Mineápolis, nos Estados Unidos da América. As mortes de Brianna Taylor no dia 13/03/2020 e Ahmaud Arbery no dia 23/02/2020, também nos Estados Unidos da América, sem esquecer as mortes quase diárias que acontecem no Brasil e em outros países de menor mediaticidade de pessoas da raça negra por razões infundadas, demonstram a continuidade de um preconceito rácico que perpetua desde o período da escravatura. A inegável participação da Igreja Católica no processo de escravatura levou o Papa João Paulo II, a pedir perdão em 1992 quando visitava a Ilha do Goré no Senegal, com as seguintes palavras: “A partir deste santuário africano do sofrimento negro, imploramos o perdão do céu”.

A insurreição no Capitólio no dia 06 de janeiro de 2021, nos Estados Unidos da América é, igualmente, um exemplo dos resquícios de uma franja das sociedades desenvolvidas que continua a acreditar na supremacia de uma raça. É também demonstrativo que o fenómeno da escravatura ainda não foi enterrado e continua vivo na mente de algumas pessoas e em alguns sistemas políticos. Baptizada de “The Trump Insurrection”, membros do movimento que defende a supremacia branca e originários dos estados confederados que lutaram pela manutenção da escravatura na guerra civil americana, tentaram interromper a cerimónia da certificação das eleições de 2020 ganhas pelo Presidente Joe Biden.

Os acontecimentos acima ilustrados demonstram claramente que ainda há um longo caminho a percorrer para se sarar as feridas deixadas pelo comércio triangular e que o mundo precisa se unir cada vez mais com acções concretas de aproximação e coabitação, sem distinção de raça, religião, género, filiação partidária e complexo de superioridade ou inferioridade entre as pessoas para que haja mais harmonia, paz, amor, justiça e igualdade de direitos entre os cidadãos dentro de uma sociedade e entre as nações dos diferentes continentes.

²Fonte: <http://une-autre-histoire.org/fr>, acedido em 22/12/2020

O projecto do desenvolvimento do turismo cultural e de memória, a rota de escravos, através do trinómio Turismo, Cultura e Território, surge como uma terapia, contribuição e solução para facilitar a aproximação e interacção não só entre Angola e a diáspora africana, mas também com todos os cidadãos do mundo amantes da história, cultura e turismo. Sobretudo os cidadãos cujos países foram protagonistas do processo (colonizadores e destinatários de escravos) devem procurar conviver, vivenciar e desfrutar no mesmo espaço e momento o património histórico-cultural-turístico de Angola, contribuindo para um melhor conhecimento do passado, a fim de se criar um mundo mais humanizado, reencontrado e pacificado.

Trata-se de um projecto multidimensional a ser operacionalizado em duas velocidades, ou seja, enquanto se criam condições de melhorias em alguns locais integrantes do projecto onde não há infra-estruturas suficientes, não obstará que o mesmo receba visitantes, visto que as premissas para o efeito já existem nos diferentes territórios que compõem a Rota Turística e Cultural de Escravos.

A presente tese de doutoramento sobre “o desenvolvimento do turismo cultural e de memória em Angola – a rota de escravos”, está estruturada em duas partes, contendo oito capítulos, sendo que, introdução é composta pelo enquadramento do tema, objectivos do trabalho, questões de partida e hipóteses do trabalho e a estrutura da tese. O primeiro capítulo refere-se ao binómio turismo e cultura, contemplando um resumo teórico sobre o turismo cultural, assim como as diferentes tipologias do turismo de memória; o segundo capítulo faz uma abordagem sobre o turismo internacional e as suas tendências, agregando um breve resumo sobre o turismo em África e perspectivas futuras do turismo em Angola; o terceiro capítulo cobre a parte referente ao fenómeno do tráfico de escravos e as suas consequências, subdividindo a temática em quatro partes, nomeadamente: tráfico de escravos no mundo, tráfico de escravos em África, tráfico de escravos em Angola e os principais países de destino dos angolanos escravizados; o quarto capítulo aborda as experiências de sucesso de alguns países no domínio do turismo de memória – rotas de escravos, fechando assim a primeira parte da tese.

A segunda parte da tese é dedicada a um estudo mais específico do tema, com um trabalho empírico sobre os territórios definidos. Esta parte começa com o quinto capítulo que é reservado a geografia dos territórios da escravatura, debruçando-se sobre a delimitação do território de estudo, caracterização das localidades do projecto, principais áreas de captura, comercialização, concentração e embarque de escravos; o sexto capítulo trata da

metodologia, técnicas e instrumentos de investigação; o sétimo capítulo é dedicado ao tratamento e análise de dados; o oitavo capítulo aborda a problemática da concepção e reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola, incluindo a sua criação e a definição de uma estratégia de marketing-mix multidimensional para promover o projecto. A última parte desta tese de doutoramento é composta pela conclusão, bibliografia, anexos e o Projecto Rota do Escravo da UNESCO.

Enquadramento do Tema

A pesquisa elaborada para esta tese de doutoramento se fundamenta no património histórico e cultural de Angola, particularmente num estudo aprofundado sobre o turismo de memória alicerçado nos locais relevantes de captura, concentração e embarque de escravos no período de realização do comércio transatlântico entre os séculos XV e XIX. Com essa perspectiva, de propões uma investigação em torno do tema “O desenvolvimento do turismo cultural e de memória: A rota de escravos”, onde é sugerido um projecto com uma operacionalização concreta a fim de ajudar o país a posicionar-se em termos turísticos apresentando um produto diferenciado no mercado regional e internacional.

A escolha foi influenciada pelo facto de o país ser detentor de um manancial cultural e histórico nessa vertente, uma vez que foi dos principais fornecedores de escravos para as Américas. A história da escravatura e o comércio de escravos entre a África Ocidental, a América e a Europa permitiram criar uma diáspora africana em vários países, muitos deles com ancestralidade angolana, que interessa atrair e proporcionar-lhe parte do passado retirado, reconstruindo ou complementando a sua história através do turismo. Por outro lado, a escolha foi também reforçada pela manifestação das autoridades angolanas de encararem o turismo cultural como uma tipologia estratégica a desenvolver no país, conforme o Plano Director do Turismo (PDT) elaborado em 2011, assim como pelo trabalho que tem sido desenvolvido para inscrever e elevar bens culturais nacionais a Património Mundial, tal como os Vestígios da cidade histórica de Mbanza Kongo, antiga capital do Reino do Kongo, inscrita pela UNESCO aos 08 de Julho de 2017.

Na visão do executivo angolano, com a aprovação PDT, fica implícita a necessidade de ser feito um investimento no sector como forma de atrair investidores, aumentar as receitas, criar postos de trabalho, capacitar os quadros angolanos, apostando numa primeira fase no desenvolvimento do turismo interno. Com essa estratégia o sector

turístico angolano perspectivava criar até 2020 um milhão de postos de trabalho directos e indirectos, 4,7 mil milhões de dólares americanos de receitas, aumento significativo do peso do sector no produto interno bruto em pelo menos 3% e atingir a meta de 4,6 milhões de turistas internacionais. Entretanto, as previsões e metas propostas no documento ficaram longe da sua concretização por razões diversas.

O plano estratégico previa também a criação de pressupostos necessários para a integração de Angola na rota turística internacional, começando pela dinamização do turismo interno tal como já foi referido, tendo sido já criados quatro polos de desenvolvimento do turismo, nomeadamente: polo turístico do Futungo-Mussulo, polo turístico de Calandula, polo turístico de Cabo Ledo e o polo turístico de Okavango, sem no entanto esquecer o projecto transfronteiriço KAZA-ATFC³ de conservação da biodiversidade e desenvolvimento do turismo, que integra cinco países da região da SADC⁴ (Angola, Botswana, Namíbia, Zâmbia e Zimbabwe).

Importa igualmente relevar como influência à escolha, a própria dimensão cultural que a actividade turística tem adquirido nas últimas décadas, tendo em conta as necessidades crescentes dos visitantes procurarem a diversidade, a curiosidade e a variedade de conhecimentos. Aliar a cultura ao turismo permite precisamente satisfazer essa necessidade de alargar horizontes, despertar novos conhecimentos e emoções aos visitantes, através de um produto que proporcione a descoberta de um património, de um território ou de uma memória (Oliveira *et al.* 2011, p. 169).

Como refere Nuryanti (1996), no século XX assistiu-se à procura de novas formas de comunicação com o passado ao mesmo tempo que se acentuaram movimentos na direcção do reencontro com as raízes e o aumento da tendência para valorizar as tradições, aspectos que se contextualizam na relação entre o local e o global. Isto reflecte-se entre os turistas que procuram novidades através do retorno dos valores sociais tradicionais, cujos novos estilos se reportam ao passado e cujas procuras se tornaram mais especializadas. Este fenómeno traduz geralmente na procura por identidade, autenticidade de locais e encontros que diferem daqueles obtidos no turismo de massas.

³Sigla inglesa de Área Trans-Fronteiriça de Conservação Kavango Zambeze.

⁴SADC – Southern African Development Community (Comunidade de Desenvolvimento da África Austral).

Portanto, existe do autor um interesse particular na escolha do tema, atendendo a necessidade de compreender melhor a história e o património cultural do país, contribuindo assim para a sua inventariação, conservação, valorização e divulgação e, concomitantemente, olhar para a necessidade premente do país desenvolver práticas turísticas que acrescentem valor às comunidades.

Objectivo Geral

Atendendo a temática apresentada, foi desenvolvida uma investigação em torno de um objectivo central de reconstituição da geografia das rotas em dos escravos em Angola, apresentando assim abaixo os principais objectivos da tese.

Elaborar um estudo sobre o turismo de memória nos territórios da escravatura para propor a reconstituição da Rota dos Escravos em Angola, visando a valorização dos pontos de captura, concentração e embarque como lugares de memória e de interesse para turismo.

Objectivos específicos

- Fazer uma abordagem abrangente sobre os principais conceitos relacionados com o turismo de memória e a escravatura;
- Delimitar os espaços geográficos ligados à escravatura e a consequente turistificação;
- Definir e cartografar a rota do turismo cultural e de memória em Angola;
- Contribuir para a inventariação, conservação e divulgação do património histórico e cultural de Angola por via do seu aproveitamento turístico;
- Contribuir para uma melhor compreensão da história de Angola, mediante o fomento do turismo de memória;
- Propor a criação de um festival cultural de encontro e reencontro com a história, transformando o passado histórico sombrio em momentos de lazer, alegria e recreação entre filhos de diferentes nações, mas da mesma origem e raiz cultural.

Âmbito da Investigação

Considerando o princípio estabelecido de que sem cultura não há turismo [Hunziker e Krapf (1942) *apud*. Beni (2007) e Cunha (2013)], a cultura é uma matéria-prima determinante na produção turística. Nessa conformidade, o turismo, pela sua envolvimento com as sociedades e manifestações diversas dos povos, é um potencial instrumento que pode servir como veículo à reabilitação das culturas, contribuindo em grande parte para

a sua difusão mundial. “Assim como a actividade agrícola deu origem à cultura que se expressa nas tradições, nas relações sociais, na arquitectura, na música ou no pensamento, também o turismo tem de ser concebido como uma forma de o homem expressar sentimentos, ideias ou concepções e adquirir experiências que formam um património para o futuro e dão testemunho de si próprio” (Cunha, 2013, p. 221).

Antes que se fale de memória é fundamental compreender o significado de património cultural, que é constituído através da memória, sendo a única via para criação da identidade cultural de um povo ou nação, partindo do princípio de que uma sociedade sem memória é uma sociedade sem identidade cultural própria. “A terminologia património derivado do latim *patrimonium* e esteve tradicionalmente associada à herança familiar ao colecionamento e à propriedade privada de bens materiais revestidos de valores económicos. Decorre dessa concepção a denominação de património histórico que englobava elementos materiais da cultura, nomeadamente edificações históricas, monumentos, museus, obras de arte e demais artefactos, compreendidos como depositários da ancestralidade das classes abastadas e, portanto, susceptíveis de protecção” (Carvalho, 2010, p.155).

O património cultural expressa o resultado do processo cultural que proporciona ao ser humano o conhecimento e a consciência de si mesmo e do ambiente que o cerca. Apresenta no seu conjunto, os resultados do processo histórico. Permite conferir a um povo a sua orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores, estimulando o exercício da cidadania, a partir de um lugar social e da continuidade do tempo.

A ampliação do conceito tradicional de património histórico edificado para abordagem mais dinâmica, adaptada à realidade actual surge como resultado do alargamento conceitual do termo cultura, entendida cada vez mais como um processo, e como tal, enriquecida na dinâmica das relações sociais e das interacções entre o homem e o meio ambiente. A concepção abrangente de património cultural se assemelha ao conceito de legado cultural (Barretto, 2001; Bonfim, 2005), entendido como construção colectiva, inserido numa rede de relações dinâmicas que sofrem constantes processos de transformação e recreação, seja por meio da criatividade dos diversos segmentos sociais seja pela intensificação dos contactos culturais.

Segundo Kersten (2000), o património cultural engloba as manifestações significativas presentes nas relações sociais. A sua definição apresenta um avanço na salvaguarda dos registos do património, tornando-o menos restrito às edificações e mais abrangente e aberto à imaterialidade, aos modos de viver, às práticas e manifestações culturais. Nesta base, o património cultural atribui valor às vivências individuais e colectivas do homem dentro de uma sociedade. O conjunto dos elementos acima referenciados estabelece a ligação temporal entre os diferentes grupos sociais, contribuindo para a reconstrução e o fortalecimento da memória e da identidade de uma determinada região. Por isso, Dias (2006, p. 100) definiu o património como uma das partes mais visíveis da memória colectiva de uma sociedade, história materializada em objectos e em acções carregadas de significados; são símbolos que, continuamente, lembram que a realidade dos processos socioculturais actuais está no passado e se articula constantemente com ele, ao redefinir-lo e redefinir-se ao mesmo tempo.

Para Portuguesez (2001), todo o lugar é histórico e se produz a partir de preceitos culturais, que variam ao longo de tempo, fazendo com que a paisagem apresente a adição de momentos distintos da evolução social. Em outras palavras, pode-se dizer que a paisagem é a somatória de tempos distintos, do homem e dos demais elementos da natureza, que se conjugam e, por vezes, produzem lugares capazes de serem utilizados para fins de recreação. Nesta perspectiva, Portuguesez (2004, p. 8), refere, entendendo o legado ou herança como sendo “às pessoas, às origens e a história de uma comunidade, prega-se aqui a necessidade de preservar o património e reforçar a identidade das pessoas e dos lugares em primeiro lugar”.

A identidade cultural é sem sombra de dúvidas a chave para um desenvolvimento seguro e sustentável porque uma vez que sabemos quem somos, facilmente faremos face às diferentes mutações e mudanças que o mundo actual tem estado a ser submetido, adaptando-as progressivamente à nossa própria realidade. Em outras palavras, é necessário que o desenvolvimento seja actualizado, regionalizado e culturalizado consoante a realidade de cada povo ou sociedade.

Nesta óptica, a ampliação do conceito de património permite novos horizontes e possibilidades de interpretação do legado histórico tornando-o mais abrangente e congregador, facilitando a conservação e preservação dos bens culturais e históricos no seu todo. De acordo com Carvalho (2010), com essa medida visionária, muda-se o foco do património de pedra e cal para a dimensão imaterial das produções humanas,

principalmente do carácter processual das relações e práticas sociais, os símbolos e significados que conferem sentido à existência dos grupos humanos como agentes culturais, enfatizando a diversidade e a pluralidade cultural.

A reorientação do conceito de património histórico permitiu também o reconhecimento de outras formas de representação simbólica das sociedades, das artes, a literatura, o artesanato, os saberes e fazeres transmitidos de geração a geração. Para além dos monumentos de valor excepcional e representativos de determinados acontecimentos ou personagens históricos, tornam-se objecto de preservação os espaços e as práticas socioculturais que possuem um forte conteúdo simbólico e espiritual para uma determinada comunidade ou sociedade através da conservação da sua memória, que permite a criação da identidade cultural.

O património cultural pode ser compreendido como uma forma de representação da memória e das identidades, adquirindo sentido como a teia de significados que envolvem as acções colectivas que caracterizam a dinâmica sociocultural Geertz (1989). Entendendo o património como resultado da acção humana e reflexo da sociedade que produz, Martins (2006) afirma que é fundamental considerar a importância e influência que a memória desempenha no processo, enquanto criadora do sentido de pertença. É apenas através da memória comum que se amalgama o processo de reconhecimento, e são forjados sentimentos de pertença a partir de identificação de semelhança de certo grupo ou comunidade.

Neste prisma, a UNESCO define que o património é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações (...) é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade. O que faz com que o conceito de Património Mundial seja excepcional é sua aplicação universal. Os sítios do património mundial pertencem a todos os povos do mundo, independentemente do território em que estejam localizados⁵.

Esta definição da UNESCO e outras enfatizam a palavra transmissão de legado que herdamos às gerações vindouras. Só é possível evidenciar a transmissão de conhecimentos se existir a memória que serve de fonte de inspiração, conservação e armazenamento da informação para depois ser canalizada para outros fins. Deste modo, a memória torna-se num elemento basilar e instrumento extremamente importante na

⁵ <http://www.unesco.org/new/pr/brasil>, acedido em 22/12/2020.

salvaguarda, eternização e preservação da identidade cultural de um povo e na garantia da sua continuidade, sobretudo nesta era da globalização que tem provocado uma acelerada fragmentação e desestruturação das sociedades menos preparadas em termos de protecção cultural.

Segundo Nora (1993), os seres humanos têm sentido a necessidade de criar lugares de memória, de enquadrar locais de posteridade, numa tentativa de preservar o passado como herança das antigas populações e conservar o património cultural para gerações futuras. Através da memória se fortalece o sentido de pertença dos grupos sociais a um passado ou origem comum, delimitando neste sentido, fronteiras socioculturais. Para Pollak (1992, p. 5), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como colectiva, na medida em que ela é também um facto extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

A memória e o património estão intimamente ligados e correlacionados, ou seja, a existência de um implica a do outro, uma vez que ao serem accionados, aludem às reminiscências que conferem aos grupos sociais o sentido de pertença a uma determinada cultura e sociedade. De acordo com Le Goff (1996, p. 476) “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

A memória como suporte essencial e indispensável das informações e salvaguarda de determinadas lembranças, factos e acontecimentos, permite aos sujeitos situarem-se em um dado contexto histórico e social, reelaborando-o num mecanismo incessante dirigido pela dialéctica da lembrança e do esquecimento (Pollak, 1989). Segundo Maurice Halbwacs (1991, p. 2), “*la memoria colectiva consiste en asegurar la permanência del tiempo y homogeneidad de la vida, como en un intento por mostrar que el pasado permanece, que nada há cambiado dentro del grupo y por ende, junto con el pasado la identidad dese grupo tambien permanece asi como sus projetos*”.

O turismo assume uma dimensão que exige a compatibilização entre os valores materiais e as formas de expressão espirituais e efectivas que contribuem para a valorização do homem e para a criação de uma memória colectiva para o futuro. O turismo é um instrumento de desenvolvimento pessoal e colectivo para buscar a compreensão e a

promoção de novos valores éticos comuns da humanidade, num espírito de tolerância e respeito da diversidade de crenças, prestando atenção às tradições, as práticas sociais e culturais de todos os povos (OMT, 2001). Efectivamente, é um instrumento de valorização e promoção cultural, um agente de formação de estilos, formas, atitudes, gostos e experiências, a partir dos quais o homem adquire um certo sentido de vida e de sociedade.

Quando se aborda a simbiose entre o turismo e a cultura, fica subjacente a história e a expressão cultural das sociedades em sentido lato e o património cultural numa abordagem mais específica, isto é, de conservação e salvaguarda. O património cultural, não só está presente no conjunto de monumentos históricos e manifestações artísticas de culturas passadas, mas representa também o presente das comunidades que preservam e mantêm sua identidade étnico-cultural. Faz alusão não apenas às manifestações e expressões do passado, mas a todos os bens arquitectónicos, obras de arte, restos pré-históricos, documentos, fazeres, festas, tradições e toda a produção presente que constituirá, naturalmente, o património cultural do futuro.

O património cultural é formado pelo conjunto de bens de valor material e imaterial, que possui significado e importância para um determinado grupo ou sociedade, e que foi criado ao longo de sua história. “Sustenta valores, mobiliza dimensões humanas que, interligadas, erigem as identidades” (Almeida, 2009, p. 9). Para Toledo (2003, p. 5), “o património cultural é a riqueza comum que nós herdamos como cidadãos transmitida de geração em geração, constitui a soma dos bens culturais de um povo, conserva a memória do que fomos e somos, revela a nossa identidade”. O autor acrescenta que o património cultural expressa o resultado do processo cultural que proporciona ao ser humano o conhecimento e a consciência de si mesmo e do ambiente que o cerca, permitindo conferir a um povo a sua orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores, estimulando o exercício da cidadania a partir de um lugar social e de continuidade no tempo.

Portanto, é na compreensão do património cultural e sua incidência nas comunidades que radica o fundamento do turismo cultural. A ligação cada vez maior entre os produtos turísticos disponíveis nos destinos e o respectivo território converge para uma transformação do espaço, com evidentes preocupações na preservação ambiental e na patrimonialização dos recursos existentes (Santos *et al.*, 2010; Oliveira *et al.*, 2011). Na verdade, conforme assinala Castro (2019), citando Carvalho (2012), os produtos turísticos

emergem como oportunidade para revitalizar territórios, melhorar a qualidade de vida das populações com a criação de empregos e outras oportunidades, assim como valorizar os recursos mais relevantes, como o património natural, cultural e paisagístico.

Nesta base, Castro (2019), apresenta a perspectiva de vários autores, sustentando que o turismo surge como o veículo ideal para valorização, conservação, divulgação e promoção do património cultural e um fenómeno de notável importância para as actuais sociedades, na medida em que constitui-se num instrumento para “reconstruir a força física e mental” (Krippendorf, 2001), “permite o contacto com a natureza” (Beni, 2001), “gera empregos e renda” (Lemos, 1999)”, “protege e preserva culturas passadas” Acerenza (2000), além de proporcionar “experiências mais autênticas e genuínas” (Beni, 2003).

Segundo Cluzeau (2013), durante muito tempo, falar do turismo cultural soava a pleonasmos, pelo menos, até ao início do século XX, uma vez que o turismo foi sempre uma forma de expressão cultural, desde as viagens antigas e mesmo ao longo da sua concepção moderna no início do século XVII. Foi a cultura e a civilização greco-romana que impulsionou as viagens dos primeiros jovens estudantes britânicos da alta sociedade, consideradas indispensáveis para completar a formação académica, os jovens acompanhados de seus tutores visitavam por longo período algumas cidades europeias, por via da *Grand Tour*, para descobrirem a Europa continental e terem contacto com as diferentes formas de expressão cultural a nível das artes.

Com o desenvolvimento dos meios de transporte, propiciados pela revolução industrial, o turismo cultural ganha um grande impulso nos finais do século XVIII e início do século XIX. O grande público desse turismo passou a ser não apenas a nobreza, mas também a classe burguesa, a nova classe que procurava elitizar-se não apenas com o dinheiro, mas também com a aquisição de conhecimento.

Foram as viagens iniciais da aristocracia britânica que se popularizaram e se multiplicaram. Deixou de ser uma actividade da elite, reservada a uma classe privilegiada, transformando-se numa actividade democrática para todas as classes sociais. Assim, foram surgindo outras práticas turísticas como o turismo balnear, turismo social, turismo de aventura etc. Com o desenvolvimento das sociedades o fenómeno turístico foi-se difundindo dentro do corpo social, mas a cultura sempre se manteve presente em todas as tipificações turísticas (Cluzeau, 2013).

Através do turismo cultural os centros receptores da demanda turística oferecem aos seus visitantes os bens e serviços presentes em qualquer outra tipologia, como o lazer e o entretenimento, mas haverá sempre espaço para o intercâmbio cultural e convivência temporária com hábitos e costumes diferentes. Pelo desejo ou pela necessidade de participar de ambientes e sociedades diferentes dos que lhes são próprios, o turista se dispõe a interferir e a integrar-se num processo cultural, como elemento activo e passivo de influência (Andrade, 1997, p. 95).

Segundo a OCDE (2009), a OMT calcula que 40% de todas viagens envolvem um elemento cultural, sendo a tipologia do turismo cultural aquela que mais cresce no conjunto do turismo. Nos principais destinos turísticos europeus por exemplo, é perceptível a grande dimensão do turismo cultural. No Reino Unido, mais de metade dos visitantes elege as artes e o entretenimento cultural como uma das mais importantes razões para as suas deslocações, por sua vez, em França, 42% dos turistas visitam monumentos históricos. Nestes países, os monumentos, os museus e os palácios constituem as principais atracções turísticas, como por exemplo o British Museum, Notre Dame e o Museu de Louvre (Planel, 2005).

Para demonstrar o protagonismo que o turismo cultural tem vindo adquirir, importa considerar outros dados relevantes. O estudo sobre a competitividade do turismo na União Europeia (STUDY, 2009) considera que os destinos com maior sucesso são aqueles que reconhecem as fortes implicações entre o turismo e a cultura. Cerca de 70% dos americanos que viaja para a Europa procura uma experiência turística cultural, sobretudo patrimonial; perto de 67% de todos os visitantes de Reino Unido procura uma experiência turística cultural como parte integrante da sua viagem (Antolovic, 1999). Campbell (1994) refere que 90% dos canadianos estão interessados em visitar lugares de património cultural. Portanto, o turismo cultural reforça a diferenciação entre um destino e outro, constitui um factor chave de competitividade para o aumento dos gastos médios dos visitantes porque os turistas nas suas viagens culturais tendem a gastar mais do que o valor médio, daí a importância da preservação dos valores históricos e culturais nos países receptores.

Um dos elementos que desempenha um papel preponderante na transmissão e preservação da cultura entre diferentes gerações e sociedades, contribuindo grandemente na conservação da identidade cultural de um povo, é a memória que deu lugar ao chamado turismo de memória que constitui o principal foco do presente estudo.

Segundo Marcus Garvey, “*a people without the knowledge of their past history origin and culture is like a tree without Roots*” (MINCULT, 2013). Esta verdade expressa por Garvey evidencia a importância da identidade cultural de um povo para o desenvolvimento de qualquer sociedade tendo como fundamento a sua memória individual ou colectiva. Filosoficamente, a memória significa a capacidade de reter um dado da experiência ou conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente: E esta é necessária para constituição da experiência e do conhecimento científico. Toda produção do conhecimento se dá a partir de memórias de um passado que é consolidado no presente.

A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento actual com um evento do passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente (Japiassú, 1996, p. 178). Segundo Pollak (1992, p. 5), a memória é um elemento do sentimento de identidade tanto individual como colectiva, na medida em que ela é também um factor extremamente importante do momento do sentimento de continuidade e de coerência de pessoa ou de um grupo em sua reconstrução. Existem lugares de memória ligados particularmente a uma lembrança que pode ser pessoal ou colectiva, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico, pode ser por exemplo um lugar de férias na infância que permaneceu muito forte na memória da pessoa marcando o seu passado, independentemente da data real em que a vivência teve lugar (Pollak, 1992, p. 202).

O resgate da memória é de suma importância para a construção de uma identidade consistente de um determinado povo, para isso é fundamental que não se deixe de rememorar, ir em busca das raízes, das origens do âmago da história e manter uma ligação directa com o passado, a fim de consolidar e preservar a identidade cultural que é o baluarte de qualquer nação que deve ser protegida por todos.

A abordagem que se realiza nessa investigação está alinhada com a história da escravatura em Angola, é por isso uma tipificação do turismo de memória na medida em que reflecte um fenómeno social, produto da experiência humana. A abrangência do turismo de memória, integrando no seu leque o turismo sombrio ou *dark tourism* e o turismo de guerra, com ligações directa com histórias dos povos ou de sociedades, permite fazer uma incursão sobre um acontecimento de triste memória que pode ser convertido em produto turístico histórico-cultural, como o praticado no Brasil, Gana, Benin, Tanzânia ou Senegal, ligado directamente à história da escravatura e do comércio triangular de escravos entre os três continentes – África, Europa e América.

Segundo Caldeira (2013, p. 52), o início do tráfico atlântico de escravos acontece em 1444, quando uma frota algarvia de seis caravelas chega à Lagos, no regresso de uma expedição ao Golfo de Arguim (actual Mauritânia). “Naquela manhã quente de princípio de agosto, despertando a curiosidade da população local, desembarcava em Lagos um contingente de 235 escravos africanos. A notícia correria de boca em boca. Todos queriam ver o inusitado espectáculo até mesmo o poderoso Infante D. Henrique, que tinha direito a um quinto dos desembarcados, não quis deixar de estar presente”.

Para o autor, simbolicamente este triste episódio coloca os portugueses a partir de 1444, e durante aproximadamente 180 anos, como os detentores quase em exclusivo do comércio de escravos entre as margens do atlântico. Só a partir de 1621, com a criação de Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, novos concorrentes chegam em força a este mercado. Importa, porém, sublinhar que a escravatura já existia antes da colonização em África, mas num figurino diferente, uma questão melhor desenvolvida ao longo da investigação.

O comércio de escravos transatlântico, mais conhecido como “Comércio Triangular”, ligando a economia de três continentes, permitiu segundo os dados da UNESCO» Culture» Theme» Dialogue»The Slave Route» Transatlantic Slave Trade, a deportação entre 25 a 30 milhões de pessoas, homens, mulheres e crianças, vendidos como escravos nos diferentes sistemas da escravatura⁶. A figura 1 apresenta uma estimativa do número de africanos capturados para a escravatura no século XVIII. Parte substancial deste número morreu durante a captura, concentração, embarque ou ainda ao longo da travessia, nos navios negreiros. De acordo com Deveau, citado pela UNESCO (2011), o comércio de escravos e as consequências da escravatura, que decorreu entre os séculos XVI e XIX, constitui uma das maiores tragédias na história da humanidade em termos de escala, dimensão e duração.

Por esses factos, interessa apresentar em síntese o projecto rota de escravos da UNESCO que visa, através do turismo, vivenciar um dos acontecimentos mais nefastos da história da humanidade que representou o comércio dos escravos da África Ocidental para os continentes Americano e Europeu. A figura 1 ilustra o movimento de escravos para o chamado novo mundo, mais precisamente nas Américas.

⁶<http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/dialogue/the-slave-route/transatlantic-slave-trade>, 01/09/15, às 20 horas.

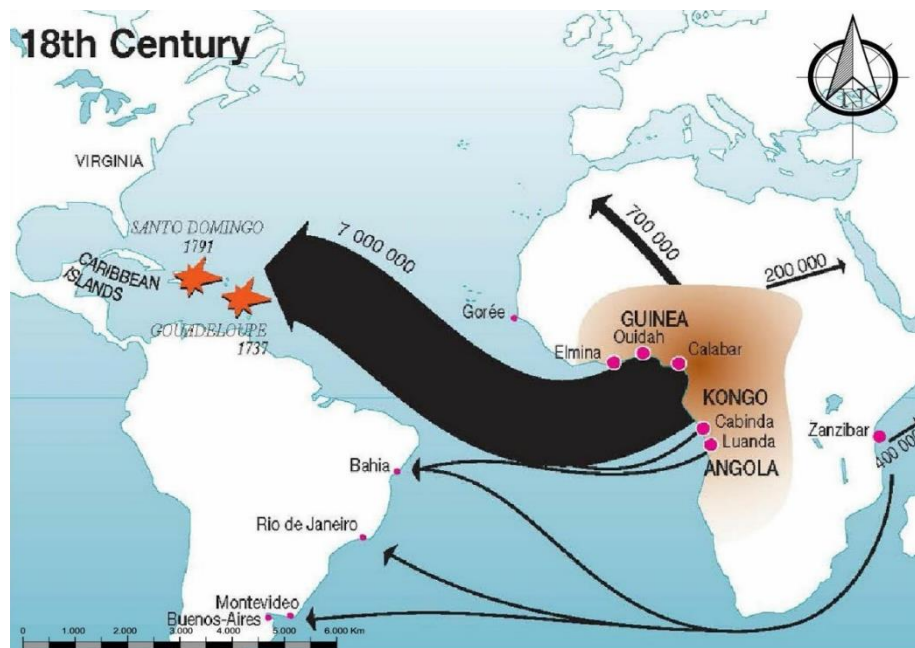


Figura 1. Mapa da rota de escravos oriundo da África, século XVIII

Fonte: <https://decada-afro-onu.org/slave-trade.shtml>, acessido em 2019

Para activar a memória e evitar que erros do passado possam se repetir, a UNESCO lançou em 1994, em Ouidah, Benin, o projecto “Rota do Escravo”, promovendo a história da escravatura, assim como os seus territórios, encorajando a criação de rotas nos diferentes países escravizados e troca de experiências e cooperação entre os gestores das respectivas rotas de escravos. Esta iniciativa foi inspirada nas lutas contra o preconceito, a discriminação racial e todas as formas de escravidão que, ainda hoje, atingem mais de 20 milhões de pessoas em todo o mundo.

Importa salientar que o projecto surgiu de uma iniciativa do Haiti, em conjunto com vários países africanos que foram vítimas da escravatura. Para a antiga Directora-geral da UNESCO, Irina Bokova, “a Rota do Escravo, não é apenas um evento do passado, é a nossa história e moldou o carácter de várias sociedades modernas, criou laços indissolúveis entre povos, continentes e transformou de maneira irreversível o destino, a economia e a cultura de várias nações”.

O projecto “Rota do Escravo” da UNESCO é sustentado em três objectivos principais, nomeadamente:

Contribuir para uma melhor compreensão das causas, formas de operação, as questões e as consequências da escravidão no mundo (África, Europa, Américas, Caribe, Oceano Índico, Médio Oriente e Ásia);

Destacar as transformações globais e interações culturais que resultaram dessa história;

Contribuir para uma cultura pacífica, promovendo uma reflexão sobre o pluralismo cultural, diálogo intercultural e para a construção de novas identidades e cidadanias.

De acordo com Ali Moussa Iye, Director do projecto, desde o seu lançamento em 1994 já foram implementados vários programas, um dos quais sobre o tráfico negreiro que marcou as relações entre a África, a Europa e as Américas. Um dos principais objectivos do projecto é a elaboração de um guia conceitual e metodológico dirigido aos gestores culturais que facilitará a instalação do turismo de memória em torno dos sítios, lugares, monumentos e museus ligados ao tráfico negreiro e à escravidão. Para esse responsável da UNESCO, o projecto tem sido bem-sucedido em vários sentidos. Trata-se de um tema muito importante no cenário internacional, graças ao qual tem sido possível obter incentivos a pesquisa científica, publicação de livros e estudos sobre o assunto e também a possibilidade de vários países desenvolverem material pedagógico para crianças e jovens em escolas. Por outro lado, tem sido possível inventariar os sítios de memória do tráfico de escravos.

Com base nesse projecto, Ali Moussa Iye acredita no princípio dos 3 R's (três erres):

- Reconhecimento: a necessidade de reconhecermos tudo o que aconteceu;
- Reparação: a necessidade de reparar os danos causados através da criação de leis e de acções afirmativas;
- Reconciliação: a necessidade de reconciliação entre os opressores e os oprimidos.

A “Rota do Escravo” é um projecto intersectorial inicialmente focado às regiões ligadas a parte transatlântica (figuras 2 e 3) e actualmente está direccionado em descobrir outras áreas ou continentes que também fazem parte da história da escravidão, como a Ásia, o Mar Vermelho e o Médio Oriente. Actualmente há países com Rotas de Escravos já concebidas e bem estruturadas como o Brasil, país que acolheu cerca de 40% da população africana traficada no período da escravatura, o que contribuiu para que o Brasil seja hoje o segundo país com a maior população negra do mundo.

O “Projecto Rota Turística Caminhos da Liberdade” implementado no Brasil é um bom exemplo da consolidação desta iniciativa da UNESCO e pode inspirar a abordagem e proposta em torno da “Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola”, tendo em conta as suas características e especificidades. As figuras 2 e 3 abaixo ilustram as diferentes rotas utilizadas no processo de tráfico de escravos que conectavam a África e as Américas, essencialmente o Brasil, que serviu de principal porta de entrada dos africanos traficados e outros destinos.

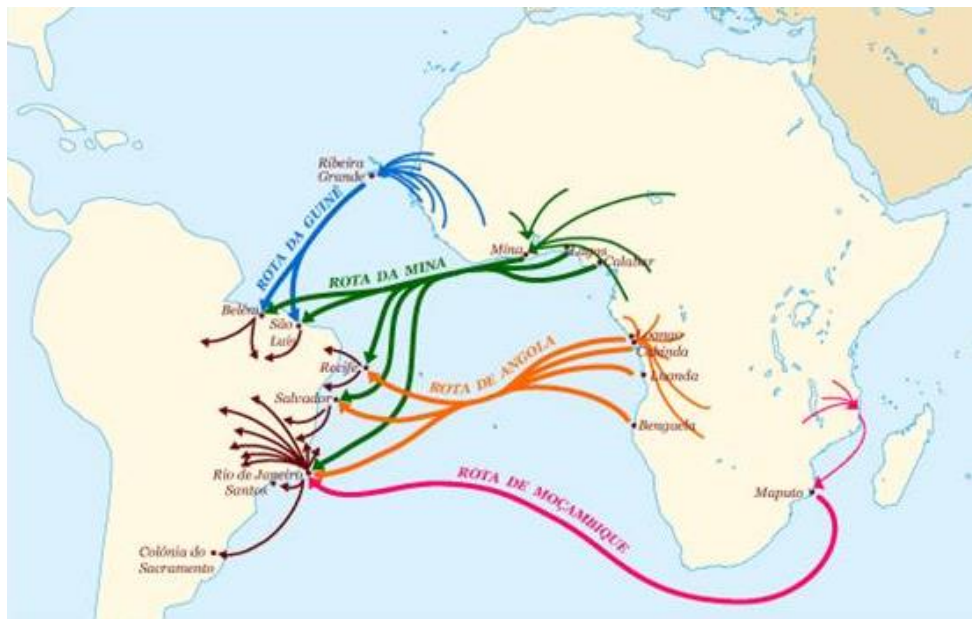


Figura 2. Diferentes rotas utilizadas no processo de tráfico de escravos

Fonte: Só História. Rotas da Escravidão (2019). Disponível em:

<https://www.sohistoria.com.br/ef2/culturaafro/p5.php>

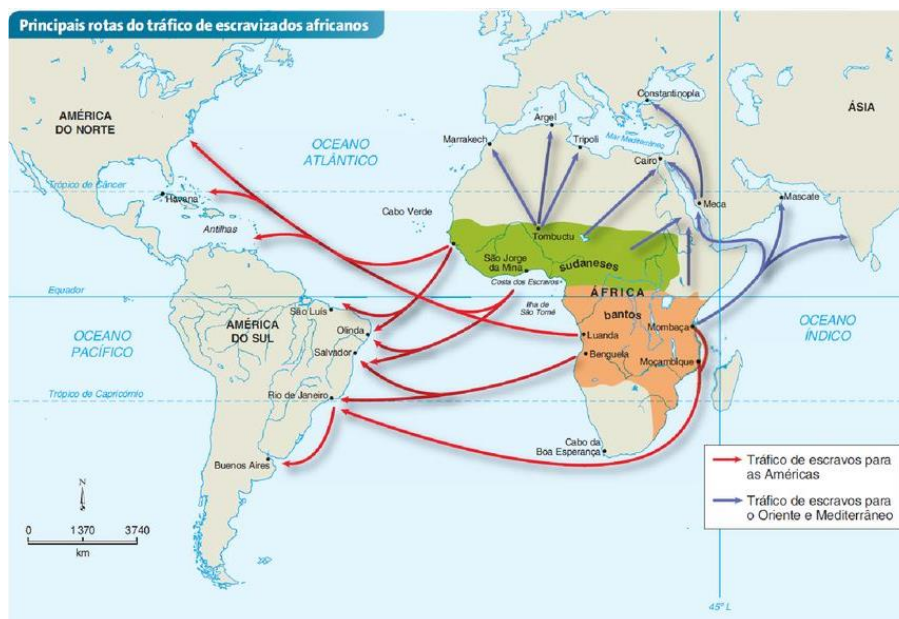


Figura 3. Mapa das principais rotas do tráfico de escravos

Fonte: Vicentino, Cláudio. Atlas Histórico: Geral e Brasil. São Paulo. Scipione (2011. p. 93)

Para além do Brasil, é feita na tese uma abordagem mais incisiva sobre as rotas de escravos desenvolvidas em alguns países da costa ocidental de África, nomeadamente na Ilha do Goré, no Senegal, onde entre os séculos XV e XIX terá sido dos maiores centros de comércio de escravos do continente deportados para as Américas. Classificada em 1978 como Património da Mundial, recebe anualmente a volta de 500 mil visitantes, é um símbolo da exploração humana e uma escola para as gerações actuais e vindouras, com grande importância para a diáspora africana.

Na opinião de Augustin Senghor, Administrador de Goré, onde 70% da população vive do incentivo do turismo de memória sobre a escravidão, é fundamental a protecção e gestão dos sítios históricos africanos para salvaguarda e valorização do seu passado histórico, porque o património cultural só tem sentido se for um instrumento e uma alavanca para a dinâmica do desenvolvimento local. O Gana é outra importante referência africana do comércio de escravos. A sua localidade, Cape Coast Castle acolhe mais de 65 mil americanos anualmente, dos quais um terço são afro-americanos, para além de visitantes de outras nacionalidades.

Pela dimensão e importância do projecto e atendendo o sucesso da sua implantação nos países acima referenciados, concluiu-se que Angola por ter sido um importante “agente”

e desempenhado um papel preponderante nesse processo, não pode ficar à margem do desenvolvimento deste importante segmento do turismo, tendo por isso todas as condições para inscrever projectos do género na UNESCO. Fazer uma abordagem em torno do desenvolvimento de uma rota turística de escravos para o país, pode suscitar um debate e induzir à elaboração de planos e programas concretos que possam permitir a diversificação da sua oferta turística e a valorização da sua história e cultura.

Em resumo, de acordo com os objectivos da tese apresentados, a investigação visa através do turismo contribuir para a preservação, valorização e divulgação do património histórico e cultural angolano ligado ao tráfico negreiro. Para o efeito, foi elaborada uma proposta da reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola”, envolvendo as principais localidades do país que contribuíram na captura, concentração, comercialização, transporte e embarque, conforme espelha a figura 4 e quadro 1.



Figura 4. Principais localidades de captura e embarque de escravos em Angola

Fonte: Mapa adaptado de Geobica. Own work, CC BY-SA 4.0, (2019), Disponível em:

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=106149615>

Quadro 1. Principais localidades ligadas a história da escravatura

Nº	Províncias	Localidades
01	Benguela	Benguela
02	Bengo	Ambriz
03	Cabinda	Malembo
04	Malanje	Baixa de Cassanje
05	Cuanza Norte	Massangano
06	Luanda	Palácio Ana Dona Joaquina Museu da Escravatura
07	Zaire	Mpinda/Soyo
08	Cuanza Sul	Amboim
09	Namibe	Moçâmedes

Fonte: elaboração própria

Numa altura em que o país procura emprestar outro dinamismo ao turismo, tendo em conta as dificuldades resultantes com a queda do preço de comercialização do petróleo bruto no mercado internacional, apostar em projectos que possibilitem o desenvolvimento das localidades com alguma sustentabilidade e a melhoria das condições de vida das populações afigura-se estratégico. Neste sentido, considera-se que a presente investigação pode ser relevante nesse aspecto.

Tendo em conta a importância do turismo como factor impulsionador da economia em vários países do mundo, o desenvolvimento do turismo de memória em Angola, para além de contribuir para diversificar a produção turística, deverá permitir uma constante interacção entre o passado e o presente, possibilitando assim a valorização do património histórico e cultural nacional. Com o presente trabalho de investigação desenvolveu-se um estudo científico para demonstrar a importância desse património no desenvolvimento turístico de Angola e despertar as autoridades e a população angolana para a necessidade

premente de implementação de projectos consistentes e diferenciados que valorize o turismo de memória.

Neste contexto, como problemática da pesquisa são apresentadas a seguir as perguntas de partida da investigação.

Questões de Partida:

Em que medida o estudo sobre o turismo de memória, na vertente tráfico de escravos em Angola, deverá contribuir para o desenvolvimento da actividade turística e melhorar o seu posicionamento neste domínio na região e no mundo?

De que forma a implementação do projecto “O desenvolvimento do turismo cultural e de memória: A rota de escravos”, poderá promover o desenvolvimento dos espaços geográficos da escravatura e garantir o bem-estar das populações locais?

Para dar respostas as questões levantadas foram formuladas hipóteses para uma melhor condução da investigação pretendida.

Hipóteses Gerais

Hipótese 1. Considera-se que o estudo sobre o turismo de memória em Angola é um importante contributo para fomentar a conservação, valorização e divulgação do património histórico e cultural angolano;

Hipótese 2. O turismo de memória na vertente rota de escravos em Angola, constitui um segmento capaz de facilitar o posicionamento e promover Angola como um destino turístico de referência e diferenciado.

Hipóteses Específicas

Hipótese 1: O turismo de memória constitui o veículo ideal para educação e reeducação dos angolanos sobre o seu passado histórico;

Hipótese 2: O estudo sobre a escravatura em Angola vai permitir a descoberta de factos novos e abordagens inéditas sobre a história do país, de África e do mundo;

Hipótese 3: A criação do projecto rota turística e cultural de escravos em Angola é fundamental para garantir o desenvolvimento dos territórios de escravatura e o bem-estar das populações locais;

Hipótese 4: A implementação do projecto rota turística e cultural de escravos em Angola é a alternativa mais viável para o desenvolvimento do turismo cultural angolano;

Hipótese 5: O turismo de memória representa para Angola um elemento diferenciador para competição turística regional e internacional;

Hipótese 6: O festival internacional bianual de encontro e reencontro da africanidade em Angola, enquadrado na rota turística e cultural de escravos, constituirá um elemento estratégico para captação de visitantes e turistas para o país.

Terminada a apresentação das notas introdutórias da investigação, assim como os pressupostos metodológicos da pesquisa, é iniciada a primeira parte da tese com o primeiro capítulo intitulado “o binómio entre a cultura e o turismo”. Neste capítulo é abordada a problemática inter-relacional do turismo com a cultura, que constitui o *backbone*, ou coluna vertebral do presente trabalho de investigação, que culmina com a concepção da proposta de desenvolvimento do turismo cultural e de memória: a rota de escravos, e sua operacionalização no âmbito do desenvolvimento e promoção do turismo de memória no país.

PRIMEIRA PARTE

I. CAPÍTULO – O BINÓMIO TURISMO E CULTURA

“O turismo é uma universidade em que o aluno nunca se gradua, é um templo onde o suplicante cultua, mas nunca vislumbra a imagem de sua veneração, é uma viagem com destino sempre à frente, mas jamais atingido. Haverá sempre discípulos, sempre contempladores, sempre errantes aventureiros”

Lord Curzon (1859-1925) Governador-Geral da Índia.

O turismo tem sido reconhecido por muitos estudiosos, políticos e governantes como um sector da economia que oferece boas perspectivas para os países e para o desenvolvimento económico e social a nível mundial. Esta aceção é entendível pelo seu peso na produção de riqueza e pela movimentação de pessoas que origina. A indústria turística tem conhecido um desenvolvimento considerável a nível internacional, sendo considerado como um elemento catalisador e impulsionador de algumas economias nacionais sobretudo dos países emergentes e em vias de desenvolvimento.

Segundo Moreira (2013), por se considerar que o turismo não é apenas um “fenómeno”, uma actividade humana, isto é, uma actividade económica, social e cultural, é um todo, composto por múltiplas componentes que se inter-relacionam e interagem, evidenciando uma natureza multidimensional, multirracional, dinâmica e complexa – uma complexidade que cresce após a década de 50 do século XX. Mostra-se adequado interpretar o turismo como um sistema. Há necessidade de um outro instrumento analítico que permita uma aproximação naquela que é a verdadeira imagem do turismo, a figura do sistema e a abordagem sistemática (Silva, 1997 *apud*. Moreira, 2013).

Antes de aprofundar o estudo sobre o turismo, que se transformou hoje num incontornável vector de crescimento económico e sendo o seu desenvolvimento o objectivo fulcral do presente estudo, torna-se necessário compreender o seu conceito para um melhor entendimento do fenómeno turístico. Considerando o seu impacto económico, existem várias definições sobre o turismo, tendo sofrido alterações significativas ao longo dos tempos.

A primeira tentativa de definir o turismo surgiu em 1910, da autoria do austríaco Herman Von Schullern Schrattenhoffen. No entanto, foram os professores Walter Hunziker e Kurt

Krapf que foram considerados os autores da definição mais elaborada em 1942, ou seja, 32 anos após Schrattenhoffen, tendo considerado o turismo como “o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do local de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal” (Cunha, 2009, p. 29).

Conceptualmente, apesar da validade e importância da definição formulada pelos professores Hunziker e Krapf, surgiu em 1982 uma nova definição mais esclarecedora e completa concebida por Mathienson e Wall que consideraram o turismo como “o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as actividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades” (Henriques, 2003, p. 22).

Na visão do autor, a definição de Mathienson e Wall foi considerada por vários especialistas na matéria do turismo como a mais aglutinadora tendo em conta a variedade de actividades que o turismo engloba, apesar de algumas insuficiências que lhe foram apontadas como o tempo limite de permanência no local visitado e a não referência da exclusão da remuneração durante a viagem ou seja o não exercício de uma actividade remunerada.

Como foi mencionado inicialmente, existem várias definições sobre o conceito do turismo, o que levou a OMT, a regular a situação estabelecendo uma definição tecnicamente mais apropriada e adaptada, considerando o turismo como “as actividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu ambiente habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (OMT, 2008).

Na nossa visão a definição da OMT é a mais consensual e completa estabelecendo limites claros para permitir mensurar o peso do turismo em termos económicos devido a sua complexidade. No quadro nº 2 são apresentados alguns conceitos básicos para melhor compreensão do fenómeno turístico.

Quadro 2. Alguns conceitos estatísticos de visitante

Nº Ord.	Alguns conceitos de visitantes
1	Viajante - Qualquer pessoa que se desloca entre dois ou mais Países (viajante internacional) ou entre duas ou mais localidades dentro do seu País de residência habitual (viajante doméstico).
2	Visitante - Qualquer pessoa que viaje para qualquer lugar fora do seu ambiente por menos de 12 meses consecutivas e cujo motivo principal da visita não seja o de exercer uma actividade remunerada no local visitado.
3	Turista - Visitante que permanece pelo menos uma noite no local.
4	Excursionista- Visitante que permanece menos de 24 horas local visitado.
5	<p>Ambiente Habitual - O principal objectivo da introdução deste conceito é excluir do conceito de visitante pessoas que se deslocam diária ou semanalmente entre a sua casa e o local de trabalho ou estudo ou outros lugares visitados frequentemente. A definição deste ambiente baseia-se nos seguintes critérios:</p> <p>Distância mínima percorrida;</p> <p>Duração mínima de ausência do local de residência habitual;</p> <p>Exclusão explícita de certas deslocações ordinárias.</p>
6	Residência Habitual - é um dos critérios chaves para determinar se uma pessoa que chega a um País é um «visitante» ou «outro viajante» e sendo visitante se é nacional ou não residente. A classificação dos visitantes internacionais segundo a sua origem é feita pelo País de residência e não de nacionalidade.

Fonte: UN/OMT, Recommendations on Tourism Statistics, 1994.

Existe uma relação íntima e profunda entre a cultura e o turismo, esta ligação é tão forte que levou os professores Hunziker e Krapf (1942), citado por Cunha (2013), a concluir que “sem cultura não há turismo”. O turismo tem servido de veículo para manutenção,

preservação, promoção e divulgação da identidade cultural de um país. Os autores atribuíram ao termo “cultura” dois significados:

- Subjectivo e pessoal a cada indivíduo e servido à edificação do homem, na aceção mais vasta do saber e do conhecimento;
- Objectivo enquanto criação do espírito, isto é, como projecção externa da criatividade humana e de resultados concretos testemunhados pelas suas obras.

Segundo esta dicotomia, o turismo como acto cultural, é subjectivo e pessoal, enquanto o turismo cultural é objectivo.

Para Claude (2013), falar do turismo cultural durante muito tempo foi sempre um pleonasma até a viragem do século XX, o turismo foi sempre cultural por natureza, mas depois com a evolução tecnológica e do tempo, as temáticas sobre viagens se multiplicaram surgindo outras tipologias do turismo como o balnear, aventura, saúde, e o fenómeno turístico se difundiu dentro do corpo social, mas a vertente cultural permanece em todas as modalidades do turismo. A relação entre a cultura e o turismo é profunda e não se pode dissociar a cultura do turismo, ou seja, a cultura é a base do turismo, sendo difícil conceber a actividade turística sem cultura. Em outras palavras, toda viagem turística possui na sua essência uma experiência cultural.

De acordo com Ashworth (1995), citado por Henriques (2003), a relação entre o turismo e a cultura pode realizar-se de três grandes formas (por ordem decrescente de intensidade). A primeira forma de relação entre turismo e cultura estabelece-se entre o turismo e a arte consubstancia no designado turismo de arte. Aqui a cultura incorpora o seu significado original e mesmo popular, evocando a capacidade de uma elite erudita e sensível compreender e apreciar as grandes obras artísticas e civilizacionais. Nesta perspectiva, a cultura pode ser utilizada como atracção ou actividade turística, sendo a arte vista como mais um elemento no vasto pacote de serviços turísticos que são oferecidos ao turista. Exemplos: museus, galerias de arte, espectáculos de música, teatro, ópera, dança etc.

Ainda segundo a visão de Ashworth (1995) estabelece-se entre o turismo e o património monumental assente no designado turismo patrimonial/turismo de património. A cultura assume aqui uma dimensão mais ampla incorporando para além das actividades artísticas, o património histórico construído. Esta definição abarca a historicidade transformada em património. Está adjacente a ideia de uma herança/património histórico construído. Em

termos turísticos manifesta-se num mix de edificações preservados, modelos morfológicos e paisagísticos de partes conservadas da cidade, assim como lugares associados a eventos e personalidades históricas. Estão incluídos conjuntos de edifícios preservados (exemplos: igrejas, casas típicas, castelos, vestígios arqueológicos e também associações de lugares com acontecimentos históricos e personalidades (exemplos: reconstituição de uma batalha famosa, casa de Mozart, etc).

Carvalho (2017, p. 352) reforça que “costumes, crenças, arquitectura corrente, religiosidade, gastronomia [e a história], quer uns quer outros associam-se ao turismo e a cultura quando permitem a sensibilidade do “espírito do lugar”, a atmosfera envolvente de um passado significativo que justifica o presente nas suas múltiplas manifestações”.

A perspectiva de reconstituir a geografia das rotas de escravos em Angola visa exactamente congregar todos os elementos que constituem o património cultural dos quatro locais que integram a presente investigação, recreando as suas valências a fim de permitir os seus visitantes vivenciarem a diversidade cultural local e criar neles a forte sensação de querer voltar a visitar os diferentes locais depois do primeiro contacto.

Sessa (1984), citado por Beni (2007), afirma que o turismo traz uma dupla contribuição: directa, como resultado de uma experiência cultural que enriquece a população visitada e a visitante com a aquisição dos valores que ambas possuem; indirecta, que consiste no planeamento (antes da viagem) e na verificação natural de pontos de dúvida entre o turista e o estrangeiro. A afirmação do Sessa ilustra que o turismo contribui para a preservação de valores culturais que se apresentam aos turistas ou visitantes, bem como promove os diferentes destinos turísticos, colocando em evidência a originalidade cultural de cada um através do seu património cultural, que desempenha um papel diferenciador.

Segundo Cunha (2017), foi principalmente a partir dos anos 90 do século passado que o turismo cultural se tornou uma das maiores fontes de desenvolvimento turístico para muitos destinos e a cultura adquiriu uma importância crescente, porque cria uma distinção no mercado e fortalece a competitividade e a atractividade dos destinos. Tendo concluído que muitos daqueles destinos que agora têm maior sucesso são os que reconhecem as fortes implicações entre o turismo e a cultura e a elegem para a atracção de novos segmentos de mercado.

Assim, o turismo pode ser entendido como um instrumento de promoção cultural. Thomas Mann (1875-1975), citado por Cunha (2013, p. 221), define a relação entre o turismo e a

cultura em duas dimensões, na primeira, o turismo pode ser entendido como um instrumento de promoção cultural, ou seja, como agente de formação de estilos, formas, atitudes, gostos e experiências a partir dos quais o homem adquire um certo sentido da sociedade. Nesta perspectiva, o turismo a par da dimensão económica e social que o caracteriza e impulsiona, assume igualmente uma dimensão cultural que exige a compatibilização entre os seus valores materiais e as formas de expressão efectivas que contribuem para a valorização do homem e para a criação de uma memória para o futuro.

Na segunda dimensão, o turismo é um meio de proporcionar o encontro de culturas que lhe são preexistentes e de estabelecer relações com valores adquiridos. Nesta base, o turismo cultural promove e “vende” o acesso a uma cultura preexistente, transformada em produto, isto é, o turismo combina factores diversos para, mediante um preço ou valor, permitir a uma pessoa desfrutar de uma manifestação ou expressão cultural de um povo, definindo-se assim como as visitas de pessoas motivadas pela herança histórica, artística, científica ou estilo de vida oferecidos por uma comunidade.

Embora serem localidades quase sem actividade turística, todavia, uma visita a vila de Massangano ou a cidade de Mbanza Kongo, em Angola, permite com facilidade constatar a capacidade de interacção conseguirá interagir com as populações locais e desfrutar em pouco tempo o património histórico e cultural desses povos através da sua música, dança, gastronomia, arquitectura e outros aspectos históricos e culturais que os caracterizam.

Segundo Mac Cannel (2003), citado por Cunha (2013), se a cultura for definida como património de conhecimentos, de costumes, de princípios, de usos e de regras, de experiências e de opções, que contribuem para transformar o mundo material e criar novos valores espirituais, concluiremos que o turismo cultural é o conjunto de meios que permite aos visitantes conviverem com os modos de vida autênticos de outros povos ou comunidades e de poderem desfrutar de todas as suas heranças e dos seus conhecimentos seja qual for o modo pelo qual os expressam. Estes modos de vida ou de conhecimentos observam-se nos sítios originários, mas podem também sê-lo noutros lugares (exposição ou museus) estando neste caso perante uma autenticidade encenada.

O turismo cultural tem conhecido um crescimento considerável em termos de interesse dos visitantes a nível internacional na escolha dos destinos turísticos sobretudo nos principais países emissores e receptores de turistas. Segundo a OMT, 40% de todas as viagens envolvem um elemento cultural, e um estudo da Europa Nostra, concluiu que

mais de 50% da actividade turística europeia resulta de uma herança cultural e que o turismo cultural será aquele que mais crescerá no conjunto do turismo (OCDE, 2009).

O turismo engloba várias tipologias que podem ser consideradas subgrupos do turismo cultural porque tem uma relação directa com o *modus vivendi* das populações, tais como turismo histórico, turismo étnico, turismo religioso, turismo rural integrado e o turismo de memória. Neste último caso, o foco do autor está mais direccionado na vertente da escravatura porque constitui o objectivo do presente trabalho de investigação.

1.1.Diferentes Tipologias de Turismo Cultural

Turismo Histórico

Trata-se de um tipo turismo ligado a história de um povo ou de uma sociedade. Essa tipologia do turismo envolve visitas a museus, monumentos, igrejas, catedrais e outros locais. É uma tipologia que apresenta poucas dificuldades na sua prática. Um número considerável de atracções se localizam geralmente nas cidades ou em periferias, embora existam sejam igualmente em número significativo os monumentos e sítios fora das localidades. Uma das valências do turismo histórico é o facto de gerar produtos para todas as épocas do ano, sem princípios de sazonalidade como as outras tipologias do turismo (Kuazaqui, 2000).

Para o autor, o turismo histórico contribui grandemente na protecção, preservação e divulgação do património histórico e cultural, permitindo aos seus visitantes vivenciar realidades históricas seculares de gerações passadas, desenvolvendo por essa via o seu intelecto, em contrapartida, deixa recursos financeiros para a manutenção dos respectivos locais e assim contribui na manutenção e criação de empregos para garantir o bem-estar das populações, que é uma das características tradicionais e mais importante do turismo.

Turismo Étnico

Segundo os autores Smith *et al.* (1989), citados por Cunha (2009), o turismo étnico refere-se as viagens que tem como objectivo principal observar as expressões culturais ou modos de vida autênticos e exóticos dos povos, que pode incluir visitas às casas dos nativos, contemplando a observação de danças e cerimónias bem como a possibilidade de assistir aos eventos ou rituais religiosos. Nesta perspectiva, o turismo étnico refere-se às deslocações de pessoas para estabelecerem contactos as tribos, grupos de pessoas ou comunidades caracterizadas por modos de vida, hábitos, costumes e cultura exóticas ou

muito distintos daqueles que se verificam nas grandes cidades, como é caso dos Berberes em Marrocos, Mumuíla, Mucubais e Axikongos em Angola.

Turismo Religioso

Pode ser definido como uma actividade desenvolvida por pessoas que se deslocam por motivos religiosos ou para participar de eventos de significado religioso. Os referidos eventos compreendem as peregrinações, romarias, visitas a locais de carácter histórico, religioso, festas e espectáculos de cunho sagrado. Esses eventos acontecem nas diferentes religiões. De seguida alguns exemplos a título ilustrativo:

Em Mecca, Arábia Saudita, os fiéis muçulmanos se reagrupam para peregrinação que concentra anualmente milhões de fiéis naquele local sagrado para louvar ao seu Deus; as peregrinações realizadas periodicamente em Jerusalém movimentando multidões de pessoas provenientes dos quatro cantos do mundo; a peregrinação Católica de Nossa Senhora de Fátima que acontece periodicamente em Portugal; a peregrinação da Igreja Católica em vias de internacionalização que acontece anualmente no mês Julho na localidade da Muxima, que arrasta milhares de fiéis em Angola; e a peregrinação de Massangano realizada anualmente no mês de Agosto, tendo registado em 2019, a presença aproximada de oito mil pessoas.

Não menos importantes são as peregrinações de igrejas endógenas, ou de matriz africana, que nas suas manifestações religiosas congregam igualmente milhares de fiéis e simpatizantes. São os casos da peregrinação da Igreja Kimbanguista⁷, tipicamente africana e bem enraizada em Angola, que se realiza anualmente movimentando milhares de pessoas provenientes de todas as partes do mundo; das peregrinações da Igreja Tocoísta, a única genuinamente angolana e uma das maiores congregações religiosas do país, fundada pelo profeta e nacionalista Simão Toko. Esta igreja realizou em 2016 uma peregrinação na localidade de Catete, município do Icolo Bengo, província de Luanda, que concentrou no mesmo espaço mais de um milhão de fiéis.

Considerando a importância crescente que se verifica em volta do turismo religioso e o grande número de pessoas que esses eventos religiosos movimentam em Angola, o Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente, no âmbito das suas atribuições, está a

⁷ Foi fundada por Simon Kimbangu, em 1921, em Mbanza N’Kamba, República Democrática do Congo.

conceber uma estratégia que visa a turistificação de todos os grandes eventos religiosos a fim de melhorar a sua organização e o seu impacto no turismo nacional.

Turismo Rural Integrado

Esse tipo de turismo refere-se as actividades turísticas praticadas dentro ou no seio das comunidades envolvendo directamente as populações locais na realização e prática do turismo. O Turismo Rural Integrado (TRI) permite as autoridades governamentais desenvolver as zonas rurais e combater o desemprego com facilidade através do envolvimento directo das populações na concepção e realização do produto turístico cujo impacto é sentido directamente pelos próprios residentes da localidade.

A implementação do TRI consiste em localizar aldeias bem estruturadas e de preferência fora das grandes cidades, áreas com valores culturais reconhecidos em termos de preservação e valorização, onde são criadas as condições infra-estruturais (vias de acesso, energia e água) habitações iguais as das populações locais, usando o mesmo material de construção das habitações, gastronomia local permitindo que os habitantes da zona possam receber hóspedes ou visitantes em suas casas depois de acções de formação e sensibilização, tal como aconteceu em Casamansa, República do Senegal, com auxílio da OMT.

Importa referir que dentro do conceito do TRI, os turistas participam em actividades agrícolas, culturais e outras, realizadas pelas populações visitadas, permitindo uma interacção e um intercâmbio prático entre os visitantes e visitados dentro dos parâmetros previamente definidos pelos órgãos locais em termos de conduta e observada de forma rigorosa pelas partes envolvidas.

Turismo de Memória

Pode ser definido como as viagens turísticas organizadas por grupos de pessoas ou de forma individual com o objectivo de visitar lugares marcados pelo terror ou simplesmente ligados a morte e sofrimento de pessoas, a fim de render homenagem às vítimas de determinadas atrocidades levadas a cabo pelos homens de forma consciente ou inconsciente. As visitas podem igualmente acontecer em lugares de memórias alegres, associadas a eventos positivos de celebração, festividades e vitórias. Este segmento do turismo constitui actualmente uma tendência mundial bastante forte, com uma vertente que se encarrega de transformar memórias históricas colectivas ou individuais em património histórico e cultural e conseqüentemente em produto turístico de grande valor.

A visita a um lugar de memória não tem o mesmo significado que uma visita a um destino turístico clássico. O turismo de memória é um ritual colectivo de conhecimento do passado e a construção da identidade de um território. A memória é realmente a atitude moral, um refazer das coisas que comprometeram a consciência no caso sombrio ou a revalorização dos feitos e das pessoas que proporcionam coisas positivas. A visita aos locais de experiência no turismo de memória é vivida através da jornada, uma forma de consciência histórica do turista (Charles Finocchietti em *Insights: O turismo de memória*).

De acordo com Ribeiro (2006), o turismo em cemitérios é um movimento recente em que se busca a apreciação das obras de arte da necrópole, suas estruturas e obras arquitectónicas, além da visita a túmulos de celebridades. Busca-se também resgatar a história da cidade, do local e das pessoas que ali já residiram. Para o autor, os túmulos, por meio de sua arquitectura, caracterização, obras de arte e pessoas enterradas, fornecem informações acerca do passado da região e seus habitantes, fazendo com que a visita de um cemitério seja uma experiência cultural.

O segmento turismo de memória, na sua abrangência abarca o turismo escuro ou *Dark Tourism*, turismo de guerra e o turismo de rotas de escravos, que são bastante concorridos nos últimos tempos devido a valorização cada vez crescente da história, cultura e dos diferentes fenómenos das sociedades. A seguir se resume de forma sintética as diferentes tipologias do turismo de memória:

a) Turismo Escuro ou *Dark Tourism*

O turismo escuro, *dark tourism*, também conhecido por Thanaturismo (do grego *tanachos*, que personifica a morte na mitologia grega), pode ser definido como turismo que envolve viagens ou visitas direccionadas aos locais historicamente associadas a tragédias, morte ou seja, lugares ligados a um passado histórico sombrio, dor e sofrimento que personificam a morte e o terror. A principal atracção dos locais do *dark tourism* é o valor da sua história do que a sua ligação com a morte ou sofrimento de seres humanos, ou seja, o *dark tourism* é uma forma de turismo que faz referência a viagens que tem como destinos lugares, atracções ou exposições onde ocorreu alguma tragédia tanto natural como provocada pelo homem e que tem valor histórico (Petrocchi, 2008, p. 222).

A promoção e comercialização de pacotes turísticos para lugares ligados ao sofrimento, tragédias, mortes e desastres estão a tornar-se um fenómeno de moda em termos turísticos

na vertente cultural das sociedades contemporâneas. Há milhares de pessoas atraídas por esse tipo de visitas e ávidas de consumir o produto turístico ligado à morte e sofrimento de seres humanos.

Em 2004 realizou-se um seminário em Londres sobre o assunto, promovido pela organização *The Tourism Society*, onde segundo Lennon, citado por Petrocchi (2008, p. 222), esse segmento de turismo é motivado por encontros actuais ou simbólicos com a morte e o desastre. Ele cita a atracção por lugares de assassinatos em massa ou genocídios, fascínio por eventos do passado obscuro e histórias trágicas e ainda o conflito entre o registo da história e as distorções das tradições e subversão da memória.

Dunkley, também citado por Petrocchi (2008, p. 222), outro especialista em matéria de *dark tourism*, indica que as atracções de turismo macabro apontam para:

- Testemunhas (conhecer refugiados de guerra ou seguidores de tornados, por exemplo);
- Locais de assassinatos (J.F. Kennedy, Martin Luther King Jr., Malcom X entre outros);
- Visitação de cemitérios, prisões e memoriais;
- Visita aos museus e exposições (Museu de Horrores Tussaud, Masmorras de Edimburgo, subterrâneos secretos etc.);
- Apresentação/encenação de eventos.

Dunkey refere que há uma determinada tipologia no *dark tourism* ressaltando sete modalidades conforme o quadro número 3 abaixo mencionado:

Quadro 3. Tipologias de Dark Tourism/Thanaturismo

Tipologia	Locais de Visitação
Turismo de Horror	Masmorras de Londres; Roteiro de Jack, o estripador.
Turismo de Pesar	Cemitério de Arlington; Althorp, propriedade da família Spencer localizado a 8 km a noroeste do centro da cidade de Northampton, onde está enterrada a princesa Diana.
Turismo de Sofrimento	Prisão de Alcatraz; Robben Island na África do Sul, onde esteve encarcerada o histórico Líder e Prêmio Nobel da Paz Nelson Mandela, durante 27 anos.
Turismo de Tragédia	Hirochima; Ground Zero - local onde ocorreram os ataques de 11 de Setembro em 2001, nos Estados Unidos da América.
Turismo de Guerra	Roteiros em campos de batalhas; Imperial War Museum, museu em Londres sobre peças de guerras envolvendo o Império Britânico.
Turismo de Genocídio	Auschwitz, campos de genocídio no Cambodja.
Thanaturismo Extremo	Execuções públicas. Sky burial, ritual praticado no Tibete, no qual os mortos são cortados em pedaços pequenos e colocados no alto de uma montanha para serem comidos pelos pássaros.

Fonte: Petrocchi (2008, p. 223).

Segundo Stone e Sharpley (2008)⁸, o *dark tourism* tem conhecido um desenvolvimento considerável em termos de procura turística, tendo-se tornado já num produto turístico de referência internacional. As pessoas actualmente descobriram que as visitas aos locais historicamente ligados a morte, tragédia e o sofrimento como Murambi (local onde ocorreu o genocídio no Ruanda), Bósnia, Croácia e World Trade Center, vivenciando aqueles momentos de dor através da história, constitui uma das melhores formas de reeducar e consciencializar o homem a banir o mal e prevenir situações dolorosas e de terror no futuro.

⁸ Os autores são os investigadores e professores do Lancashire Business School da Universidade Central de Lancashire do Reino Unido, que tem desenvolvido várias investigações académicas sobre essa matéria.

Um dos destinos turísticos mais conhecidos no mundo em matéria do *dark tourism* é Campo de Concentração de Auschwitz, na Polónia, que simboliza o holocausto perpetrado pelo Regime Nazi liderado pelo Adolf Hitler ao longo da Segunda Guerra Mundial. Em África, os sítios mais concorridos neste domínio são a cadeia onde esteve encarcerado durante 27 anos o presidente Nelson Mandela (Madiba), o local do genocídio do Ruanda, já mencionado, e a cadeia de Tarrafal em Cabo-Verde, onde foram presos pelos colonialistas portugueses milhares de nacionalistas africanos que lutavam pelas suas independências.

Como referiram os professores Stone e Sharley (2008), hoje os turistas sobretudo os estrangeiros, estão mais interessados em conhecer e descobrir lugares desconhecidos, factos inéditos que marcaram a história da humanidade, vivenciando o imaginário, o inacreditável e daí o grande interesse pelo turismo escuro praticado em lugares de desastres, mortes e sofrimento.

De seguida são apresentados alguns dos destinos turísticos mais visitados da actualidade no que ao *dark tourism* diz respeito⁹.

Batalla y Psicofonía de Belchite, Zaragoza – Espanha

Foi uma batalha da guerra civil espanhola em 1937, onde morreram mais 5000 pessoas, tendo deixado a localidade completamente devastado pelos bombardeamentos efectuados. Quando terminou a guerra, o regime de Franco construiu uma nova aldeia ao lado da antiga e foi atribuído o nome de Novo Belchite.

Batalha de Somme, em França

Esta batalha teve lugar durante a Primeira Guerra Mundial, em 1916, tendo marcado fortemente a região francesa, provocado mais de um milhão de mortes entre os beligerantes e ainda é possível visitar as trincheiras, cemitérios e outros lugares ligados a essa triste batalha.

Desastre Nuclear de Chernóbil, Ucrânia, 1986

Foi uma das maiores tragédias humana e ecológica quando o reactor 4 explodiu, fazendo com que as radiações envenenassem mais de oito milhões de pessoas. A cidade de Pripyat tornou-se numa cidade fantasma e o acesso a referida zona passou a ser mais restrita.

⁹ Fonte: <https://touristear.com/10-destinos-de-dark-tourism>, 05/11/2018, 10 às horas.

Devido ao risco que representava, eram fundamentalmente cientistas e jornalistas que a visitam, embora turistas não cientistas podiam também visitar. A visita pode ser feita nas áreas abandonadas, observar a vegetação a crescer e alguns animais domésticos isolados a circularem na zona.

Campo de Concentração de Auschwitz- Birkenau, Polónia

Foi o maior campo de concentração construído pelos alemães em 1940 para albergar os prisioneiros políticos da Polónia, mas não tardou muito tempo a transformar o local na concentração dos membros da resistência, intelectuais e sobretudo judeus. Actualmente simboliza o holocausto perpetrado pelo nazismo sobre o comando de Hitler, transformando-se hoje num dos locais turísticos mais conhecidos e procurados em termos de *dark tourism*, tendo em conta o seu passado histórico.

Importa referir que o Campo de Concentração Auschwitz-Birkenau recebeu em 2012, 1,43 milhões de visitantes, este número representou um recorde ao longo dos seus 65 anos de existência e história enquanto local associado ao holocausto. Segundo Piotr Cywinski, Director do museu, o turismo tem aumentado cada vez mais nesse local, tendo enfatizado que em 2011, o campo foi visitado por 1,4 milhões de pessoas, número que triplicou em relação a década anterior. As nacionalidades que mais visitam o local são a polaca, britânica, americana, italiana, alemã e israelita. O Director sublinhou ainda que uma das prioridades é a preservação do local, nomeadamente a instalação de laboratórios modernos com vista à conservação de objectos que pertenceram às vítimas do regime nazi, mantendo assim o local mais fiel possível à data da sua desocupação levada a cabo pelas tropas soviéticas em 1945.

Prisão de Sighet, em Roménia

Inicialmente funcionou como prisão para delinquentes até 1918. No princípio do regime comunista passou para centro de detenção para dissidentes políticos onde era na verdade um lugar de extermínio da elite do país até 1950, momento em que a Roménia entra na ONU, permitindo a alteração da situação política no país. Em 1993 a Academia Cívica recuperou o edifício e o transformou em museu e as suas 51 celas em salas de exposições. Em cada sala são tratados temas específicos como a deportação ou a resistência comunista nas montanhas. Nas paredes estão gravados os nomes das 8 mil pessoas que morreram nas prisões comunistas da Roménia.

Cemitério Nacional de Arlington, Washington DC

Neste cemitério estão enterrados militares de todas as guerras americanas. As campas mais visitadas são de John F. Kennedy, a campa dos desconhecidos e o memorial das vítimas de 115 do pentágono. O cemitério acolhe mais de 3 milhões de visitantes por ano, abre durante os sete dias da semana e 365 dias do ano. São permitidas as visitas do público em geral, sem restrições.

Museu da Tortura Solar, Santillana de Mar, Espanha

O museu dispõe de uma exposição permanente dedicada aos diversos instrumentos de tortura, castigo, humilhação e pena capital, utilizados durante a inquisição. Toda gama de equipamento e material foi utilizado para fazer mal aos outros, são organizados e expostos a disposição dos visitantes para vivenciarem os momentos difíceis vividos pelas pessoas que foram vítimas do processo.

Museu de Apartheid em Johannesburg

Foi aberto em 2001, ilustra o auge ou o ponto mais alto e a queda do Apartheid, que foi considerado um dos regimes mais seccionistas e racistas do mundo. Neste espaço encontram-se expostas imagens, fotografias painéis de textos entre outros objectos e imagens que contam os acontecimentos e as histórias humanas do fenómeno do Apartheid. Há uma série de 22 espaços de exposição que o visitante, através de uma viagem emocional e dramática, conta a história de um sistema autorizado pelo Estado baseado na discriminação, segregação racial, luta da maioria da população e queda da tirania.

Escola Superior de Mecânica da Armada (ESMA) 1976-1983

De 1976 a 1983, a ESMA em Buenos, Argentina, foi o maior centro de detenção e tortura da última ditadura naquele país. Passaram no referido espaço cerca de cinco mil pessoas e apenas duzentas sobreviveram as atrocidades daquele sistema político. As pessoas foram mortas de diferentes maneiras e muitas morreram através dos chamados Voos da Morte, jogadas ainda conscientes no Rio da Prata.

Hoje, o referido local foi transformado em lugar de memória e direitos humanos. Em 2015 foi visitado por 430 mil pessoas e realizou-se mais de 800 eventos culturais no ano seguinte, demonstrando claramente a importância que esses lugares estão a conquistar e

o peso económico que os mesmos podem representar quando são valorizados, preservados, divulgados e geridos de forma racional.

Durante as pesquisas realizadas foi possível encontrar alguns indicadores sobre os cinco locais mais visitados devido a sua popularidade no domínio do *dark tourism*, nomeadamente o Memorial e Museu Ground Zero, em Nova Iorque (4,5 milhões de visitantes ano); Alcatraz, San Francisco (acima de 1,5 milhões ano); Auschwitz, Krakov, Polónia (acima de 1,5 milhões de visitantes ano); Pearl Harbor, Arizona (1,5 milhões de visitantes por ano); Pompeie, Itália, (acima de 1 milhão)¹⁰.

b) Turismo de Guerra

Pela sua denominação, denota-se claramente de que é um tipo de turismo diferente do clássico tendo em conta o próprio conceito da palavra guerra e as características dos locais onde ele é realizado, com fortes tendências de crescimento ao nível global. Os locais onde decorreram grandes batalhas ou confrontos sangrentos das diferentes guerras que o mundo tem registado ao longo da sua história, hoje atraem visitantes interessados em vivenciar experiências que aliem lazer, história e cultura tornando uma tendência mundial a transformação de locais de morte, tragédias e sofrimento em sítios de interesse turístico.

Em França, Paris, nas imediações da Euro Disney, abriu-se uma nova atracção turística de grande valor histórico para a Europa, América e o Mundo. Trata-se de um museu totalmente dedicado à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que envolveu as nações mais poderosas do planeta naquela época. A França, mesmo sabendo que é o país que mais turistas recebe no mundo, apercebeu-se que não pode continuar a contar apenas com a Torre Eiffel e Museu do Louvre, evoluindo para outras atracções turísticas porque os visitantes actualmente estão interessados pelo passado histórico da humanidade.

O governo de Nicolas Sarkozy investiu na potencialização desse mercado na altura, prevendo a realização de dois acontecimentos históricos importantes. O primeiro é o centenário do início da Primeira Guerra Mundial e o segundo são os 70 anos do dia D¹¹ - 6 de Junho de 1944. Na visão estratégica do antigo presidente francês, era preciso prever a situação e capitalizar o máximo possível os dois eventos e a França ocupar cada vez mais um lugar de destaque nesta matéria.

¹⁰ <https://touristear.com/10-destinos-de-dark-tourism>, 05/11/2018.

¹¹ Dia decisivo quando as tropas aliadas iniciaram o despejo dos nazistas da Normandia durante a Segunda Guerra Mundial.

O *boom* desse segmento do turismo ocorre também em outras partes do mundo onde foram deixadas marcas deste passado mortífero, doloroso e triste, não apenas dos fenómenos da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, mas de outras guerras que também dizimaram vidas humanas em grande ou pequena escala. “O comportamento do turista está mudando, ele quer experiências que lhe acrescentem mais à vida, que tragam amadurecimento (Tomé, 2013).

A França dispõe de 155 lugares de memória classificados no seu território e a maior parte deles foram transformados em destinos turísticos adaptados para receber visitantes. 80% deles entraram em funcionamento em termos de actividades turísticas em 1980, tendo obtido um sucesso imediato. Segundo um estudo conjunto realizado entre a Agência de Desenvolvimento Turístico de França e o Ministério da Defesa Francesa, cerca de 6,2 milhões de pessoas visitaram os referidos locais em 2012, das quais 45% eram estrangeiras. De acordo ainda com o estudo, cinco países compõem 70% dessas visitas internacionais nomeadamente: Reino Unido com 17%, Alemanha com 16,5%, Bélgica com 15,5%, Países Baixos com 13,2% e os Estados Unidos da América com 8,1%.

A presença de grande número de turistas provenientes dos países acima ilustrados justifica-se pelo passado histórico que liga os mesmos e principalmente as duas guerras mundiais e o reforço dos países da Commonwealth, que também tem contribuído muito em termos do movimento de turistas ligados ao turismo de memória.

Angola, considerando o seu passado histórico doloroso marcado por diferentes guerras, durante e após o domínio colonial, isto é, após ter alcançado a sua independência, dispõe de um manancial bastante elevado e ainda virgem sobre essa matéria. É um manancial capaz de gerar receitas para os cofres do Estado, criar empregos para as populações e facilitar sobretudo aos cidadãos o conhecimento da sua história, se a esses locais se agregar valor, forem preservados e encarados com políticas racionais de gestão.

Entre os potenciais locais do país para a prática do turismo de guerra, pode-se destacar as batalha de Ambuíla no Uíge entre as forças coloniais e os nativos no século XVII; a batalha do Cuito Cuanavale no Cuando Cubango, local onde foi travada a guerra feroz contra o poderoso exército Sul-africano, que contribuiu para a independência da Namíbia e influenciou a libertação de Nelson Mandela; a vila da Canjala, ao longo da estrada nacional Luanda-Lobito, por ter sido palco de fortes batalhas militares durante a guerra

civil entre os angolanos; a Jamba, localidade que serviu de quartel general da UNITA¹² e onde se encontra o *bunker* do seu líder histórico e supremo, Jonas Malheiro Savimbi. De igual modo é também referência o local da sua morte em combate, no dia 22 de fevereiro de 2002.

Importa realçar que a histórica e derradeira Batalha de Ambuíla, que decorreu na localidade de Ambuíla ou Mbuíla, marcou o declínio e o fim do poderoso Reino do Kongo, e teve lugar no dia 29 de outubro de 1665, entre as forças do Reino do Kongo e as forças do regime colonial português. Segundo os dados existentes as forças do Reino Kongo, eram compostas por um efectivo entre 21.900 e 29.000 homens de infantaria, comandados pelo Rei Nvita a Nkanga, que era também chamado por António I, nome que lhe foi atribuído depois do baptismo, e as forças portuguesas eram 14.500 efectivos de infantaria, apoiadas por duas artilharias e comandadas pelo capitão Luís Lopes de Cerqueira¹³.

No fim da guerra, o saldo desta terrível batalha resultou na morte de cinco mil homens da parte das forças do Reino do Kongo, os dois filhos, quatro governadores e outros foram capturados e o temível Rei Nvita a Nkanga, capturado, morto e a sua cabeça decapitada, transportada para Luanda e colocada nas fundações da Igreja da Nazaré em Luanda, com a cumplicidade dos líderes católicos.

Relativamente a Batalha do Cuito Cuanavale, considerando a sua importância não só para Angola, mas também para região da SADC e África em geral, o local foi declarado como Património Histórico Nacional. Foi erguido um imponente monumento de história militar, dando dimensão a trajectória do espaço e estão sendo criadas as condições técnicas necessárias para a sua candidatura a Património da Mundial junto da UNESCO. É fundamental assinalar que, apesar da escassez de infra-estruturas de apoio e equipamentos turísticos, se verificam movimentos de cidadãos dos países vizinhos que estiveram envolvidos naquela guerra sangrenta, nomeadamente sul-africanos, namibianos, angolanos e cubanos, sobretudo os antigos guerrilheiros, com intuito de voltar a ver o local que foi palco de grandes desafios militares e que mudou a história da região Austral de África.

¹² União Nacional da Independência Total de Angola.

¹³ Battle of Mbuila – Wikipédia, 30/05/2018, às 19 horas.

Em termos de turismo guerra, estes são alguns dos locais mais conhecidos, no entanto, existe a consciência de que, olhando para as diferentes guerras que Angola conheceu ao longo da sua história, outros lugares poderão ser cadastrados futuramente, sabendo-se sobretudo que a verdadeira história do país está por se contar e escrever. O importante neste momento é reconhecer que o território angolano dispõe, infelizmente, desses locais que não orgulham ninguém, contudo, havendo vontade política transformada em acções concretas, os mesmos poderão ser convertidos em fontes de receitas para o bem-estar das populações locais, ao invés de conservarem a má imagem que lhes deu origem.

c) Turismo de Rotas de Escravatura

O comércio triangular entre os três continentes, nomeadamente África, Europa e América, ou simplesmente a escravatura que envolveu vários países do continente africano, que viram milhões dos seus filhos a serem carregados em condições desumanas, constitui o foco principal deste trabalho investigação, a semelhança de outros países africanos, como o Senegal que desenvolveu este segmento de turismo com muito sucesso na Ilha de Goré. “*La Porte de Voyage Sans Retour*”, é um memorial dedicado as vítimas do comércio negreiro de milhões de africanos escravizados provenientes de vários países da região para uma viagem de sentido único, sem retorno, ou seja, sinónimo de morte como a designação da própria porta de entrada para o porto de embarque o indica.

Tal como Senegal, existem outros países africanos que foram vítimas do mesmo fenómeno que também desenvolveram o mesmo segmento de turismo com resultados satisfatórios. É o caso do Brasil, como já referido, que serviu de porta de entrada para os africanos escravizados e de país acolhedor para maioria, tendo deixado marcas indeléveis na sociedade brasileira visíveis até aos nossos dias.

Angola, considerando o papel que desempenhou durante o processo da escravatura, não apenas como território de caça e captura de homens indefesos, mas também como um dos principais fornecedores de escravos do continente negro, não pode ficar a margem do desenvolvimento deste segmento turístico. Nesta perspectiva, pretende-se reconstituir a geografia das rotas escravos, nomeadamente os locais de captura, concentração e embarque, visando a sua transformação em áreas de interesse para turismo, à semelhança de outros países, e a criação de um festival internacional bianual de encontro e reencontro com a história para dinamização e valorização do património cultural imaterial para

diferenciar a rota turística e cultural de Angola das demais: Esta matéria é aprofundada na segunda parte deste trabalho de investigação, após o capítulo referente a escravatura.

Em suma, além de vestígios arquitectónicos de um evento traumático que os caracterizam, esses lugares representam espaços de reflexão, de discurso, de debate público, de escuta e de educação sobre a história. São espaços que proporcionam ambientes propícios para a transformação das mentes e consciencialização dos homens sobre a necessidade de fazer o bem ao em vez do mal e para a consolidação daquilo que se pode chamar de “Nunca Mais”. Nunca mais a escravatura, nunca mais ao silêncio em relação as atrocidades contra os homens, mulheres e crianças. Jamais.

Com a conclusão do capítulo referente ao binómio turismo e cultura, que permitiu ter uma apreciação sobre a correlação existente entre as duas actividades, onde se retira a ilação de que uma não pode existir sem outra, o próximo capítulo se consubstancia no turismo internacional e suas tendências.

II. CAPÍTULO – TURISMO INTERNACIONAL E SUAS TENDÊNCIAS

2.1. Principais Tendências do Turismo Internacional

Até aos arredores do século XX, a actividade turística era uma realidade reservada a algumas classes privilegiadas. A transformação que a actividade sofreu, que pode ser denominada como uma revolução turística, começa depois da II Guerra Mundial, cujos anos subsequentes foram importantes para a dinamização do turismo, onde se pode destacar quatro factores fundamentais que influenciaram em grande medida o crescimento acelerado do sector turístico mundial (Cunha, 2017):

- O direito a férias remuneradas por parte dos trabalhadores, como resultado dos processos de industrialização e urbanização das sociedades;
- Aumento do rendimento das famílias que permitiu poupar algum valor para momentos de lazer;
- O desenvolvimento de vários meios de transportes entre terrestres, marítimos, ferroviários e sobretudo aéreos, que encurtaram as distâncias geográficas entre os países e diferentes continentes, facilitando a programação de férias, gestão do tempo e dando maior acessibilidade ao fenómeno turístico.

De igual modo, salienta-se a revolução tecnológica, ou apenas as tecnologias de informação e comunicação rápidas e modernas, que aceleraram a circulação de dados informáticos seja qual fosse a distância, tendo contribuído sobremaneira na melhoria dos diferentes sistemas de pagamentos.

Foram as oportunidades sucessivamente geradas pelos factores acima que impulsionaram o crescimento da organização de plataformas de acolhimento e as dimensões operacionais do negócio, incluindo todos os aspectos directos, e também alguns indirectos, como sejam, os sistemas de pagamento e de financiamento vocacionados para o consumo turístico (Umbelino, 2013; Williams, 2009).

Há cerca de 70 anos, mais precisamente em 1950, o fluxo turístico internacional situava-se a volta de 25 milhões de chegadas. Actualmente a organização responsável pelo turismo mundial prevê uma subida fenomenal em 2030, atingindo a cifra mais alta, em torno de 1.800 milhões de chegadas internacionais. Historicamente, desde a década de 1950 que a procura turística internacional vem conhecendo um crescimento considerável e ininterrupto em termos numéricos, passando de 25 milhões para 277 milhões em trinta

anos, tendo quase quadruplicado o número para os 940 milhões em 2010, correspondendo a uma taxa de crescimento médio de 6%¹⁴.

A expansão do turismo internacional tem sido constante nas últimas décadas, colocando esta actividade no centro das atenções graças as suas valências, como a geração de receitas para os países receptores, o equilíbrio da balança de pagamentos, a criação de postos de trabalho para as populações locais, o desenvolvimento dos territórios onde é desenvolvida a actividade, a aproximação entre os diferentes povos e o fortalecimento da paz e unidade entre os visitantes e visitados.

A gigantesca movimentação de fluxos turísticos está na base do turismo moderno, abarcando todas as classes da população com origem e destino em todos os países do mundo, assim como todas as actividades para dar resposta às necessidades que origina, modificando e transformando a forma de ser ou o comportamento das pessoas. O turismo transformou-se num agente dinamizador da globalização, aproximando cada vez as pessoas e os países, universalizando as culturas.

O turismo é um verdadeiro factor de desenvolvimento quando é planificado, valorizado, explorado e promovido como deve ser. De acordo com Cunha (2017), “todos sabem que o turismo cria empregos e que o seu desenvolvimento proporciona melhores condições de vida às populações locais. Contudo, quase sempre se esquece que é o turismo que garante a exploração económica de recursos naturais disponíveis que, sem ele não geram qualquer valor: as paisagens, a qualidade do ambiente, as tradições, os monumentos ou centros históricos urbanos. O turismo é a única actividade que os pode “vender”, isto é, transformá-los em facilidades produtivas, utilizando-os sem os consumir.”

Segundo Silva (2013), após ter registado uma sólida e contínua expansão nas últimas décadas, o turismo assume-se na actualidade como um dos sectores mais importantes e com maior crescimento da economia mundial (UNWTO, 2012).

Os indicadores constantes nos quadros 4, 5, 6, 7 e figuras 5, 6, 7, 8, 9 e 10, ilustram a dimensão e o crescimento da actividade turística mundial no período de 2014 a 2019, em termos de chegadas de turistas internacionais, receitas internacionais de turismo, principais destinos turísticos e outros dados essenciais sobre o turismo mundial, facilitando dessa forma uma melhor compreensão do fenómeno turístico.

¹⁴ Fonte: Barómetro do Turismo Mundial – Maio de 2020.

Chegadas Internacionais de Turistas

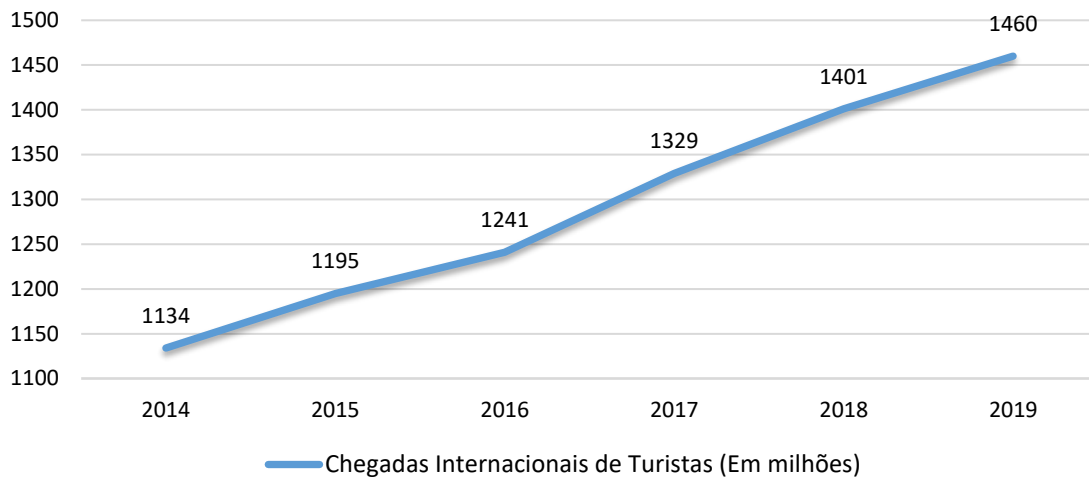


Figura 5. Chegadas Internacionais de Turistas (2015 – 2019)

Fonte: UNWTO – Tourism Highlights Edition 2016, 2017, 2018, 2019, 2020

Fonte: UNWTO – Tourism Highlights Edition 2016, 2017, 2018, 2019, 2020

Receitas Internacionais do Turismo

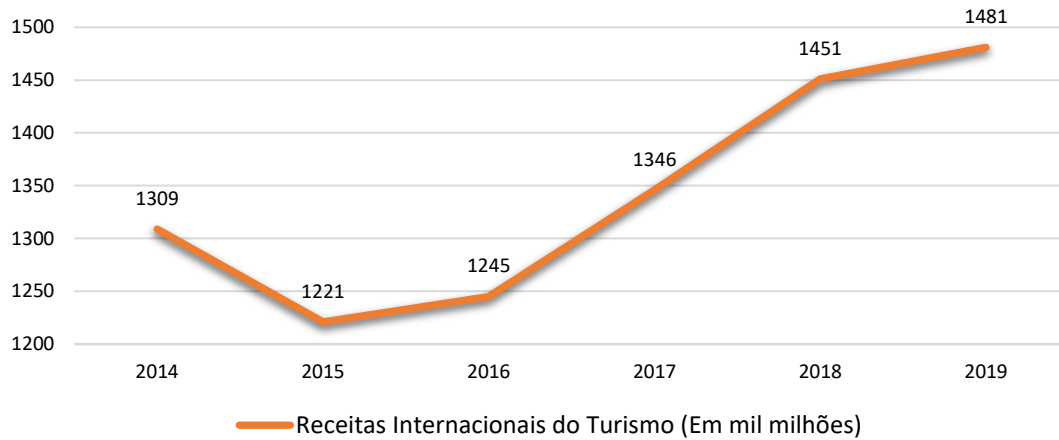


Figura 6. Receitas Internacionais do Turistas (2015 – 2019)

Quadro 4. Chegadas de turistas por regiões de destino (em milhões): 2015-2019

Chegadas de turistas por regiões de destino (2015 – 2019)					
Região	2015	2016	2017	2018	2019
Europa	604,5	619,7	676,6	715,9	744,3
Ásia e pacífico	284,6	306,6	324,1	347,7	360,6
Américas	194,1	201,3	210,9	215,9	220,2
África	53,5	57,8	63,7	68,8	73,2
Médio oriente	58,3	55,5	57,7	60,1	64,2
Mundo	1195,0	1240,9	1333,0	1408,4	1462,5

Fonte: UNWTO - Barómetro do Turismo Mundial - Maio 2020

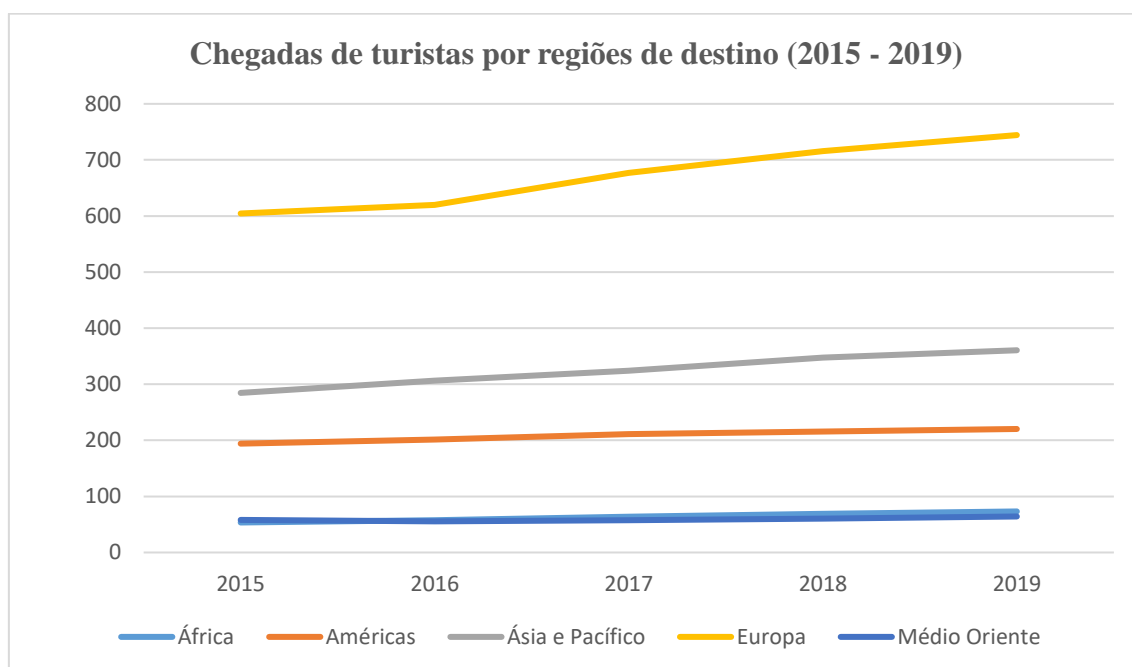


Figura 7. Chegadas de turistas por regiões de destino (Em milhões): 2015-2019

Fonte: UNWTO - Barómetro do Turismo Mundial - Maio 2020

Quadro 5. Principais destinos turísticos (2015 – 2019)

10 Principais destinos turísticos (2015 – 2019)					
Rank	2015	2016	2017	2018	2019
França	84,5 (1)	82,6 (1)	86,9 (1)	89 (1)	89 (1)
EUA	77,5 (2)	75,6 (2)	76,9 (3)	80 (3)	79 (3)
Espanha	68,2 (3)	75,6 (3)	81,8 (2)	83 (2)	84 (2)
China	56,9 (4)	59,3 (4)	60,7 (4)	63 (4)	66 (4)
Itália	50,7 (5)	52,4 (5)	58,3 (5)	62 (5)	65 (5)
Turquia	39,5 (6)	30,3 (10)	37,6 (8)	46 (6)	51 (6)
Alemanha	33,0 (8)	35,6 (7)	37,5 (9)	39 (8)	40 (8)
Reino Unido	34,4 (7)	35,8 (6)	37,7 (7)	36 (9)	39 (10)
México	32,1 (9)	35,0 (8)	39,3 (6)	41 (7)	45 (7)
Tailândia	31,3 (10)	32,6 (9)	35,4 (10)	36 (10)	40 (9)

Fonte: UNWTO – Tourism Highlights Edition 2016, 2017, 2018, 2019, 2020

Quadro 6. 10 principais destinos turísticos que mais arrecadaram (2015 -2019)

10 Principais destinos turísticos que mais arrecadam (2015 – 2019)					
Rank	2015	2016	2017	2018	2019
EUA	204,5 (1)	205,9 (1)	210,7 (1)	214 (1)	214 (1)
China	114,1 (2)	44,4 (3)	32,6 (10)	40 (9)	40,3 (8)
Espanha	56,5 (3)	60,3 (2)	68,0 (2)	74 (2)	80 (2)
França	45,9 (4)	42,5 (4)	60,7 (3)	67 (3)	64 (3)
Reino Unido	45,5 (5)	39,6 (7)	51,2 (5)	52 (5)	53 (5)
Tailândia	44,6 (6)	49,9 (5)	57,5 (4)	63 (4)	61 (4)
Itália	39,4 (7)	40,2 (6)	44,2 (6)	49 (6)	50 (6)
Alemanha	36,9 (8)	37,4 (8)	39,8 (7)	43 (7)	42 (7)
Hong Kong (China)	36,2 (9)	32,9 (9)	33,3 (9)	36,8 (10)	29,0 (10)
Macau (China)	31,3 (10)	30,4 (10)	35,6 (8)	40,7 (8)	40 (9)

Fonte: UNWTO – Tourism Highlights Edition 2016, 2017, 2018, 2019, 2020

Quadro 7. Principais destinos que mais gastaram (2015 – 2019)

10 Principais destinos que mais gastaram (2015 – 2019)									
Rank	2015	2016		2017		2018		2019	
China	292.2	China	261.1	China	257,7	China	277	China	255
EUA	112.9	EUA	123.6	EUA	135,0	EUA	144	EUA	152
Alemanha	77.5	Alemanha	79.8	Alemanha	89,1	Alemanha	94	Alemanha	93
Reino Unido	63.3	Reino Unido	63.6	Reino Unido	71,4	Reino Unido	76	Reino Unido	72
França	38.4	França	40.5	França	41,4	França	48	França	52
Rússia	34.9	Canada	29.1	Austrália	34,2	Austrália	37	Rússia	36
Canada	29.4	Coreia do Sul	26.6	Canada	31,8	Rússia	35	Austrália	36
Coreia do Sul	25.0	Itália	25.0	Rússia	31,1	Canada	33	Canada	35
Itália	24.4	Austrália	24.9	Coreia do Sul	30,6	Coreia do Sul	32	Coreia do Sul	32
Austrália	23.5	Hong Kong (China)	24.2	Itália	27,7	Itália	30	Itália	30

Fonte: UNWTO – Tourism Highlights Edition 2016, 2017, 2018, 2019, 2020

O estudo da OMT projecta os fluxos turísticos a nível internacional, demonstrando um crescimento contínuo dos grandes mercados turísticos sempre com o predomínio do continente europeu. O estudo do Turismo do Horizonte 2010-2030 demonstra também que existe um potencial substancial que permitirá uma longa e continua expansão nas próximas décadas, dando oportunidade aos novos destinos turísticos desde que consigam criar as condições necessárias, tanto em termos de infra-estruturas, facilidades, marketing, assim como em recursos humanos para o desenvolvimento do turismo.

No entanto, esta oportunidade representará também grandes desafios para os novos mercados concorrentes, maximizando os benefícios económicos e sociais e minimizando os impactos negativos do fenómeno turístico, que precisam de uma grande mestria por parte dos países emergentes, obtendo lições dos países turísticos tradicionais que detêm uma grande experiência neste domínio.

Em suma, as projecções feitas pela OMT e os dados actuais da indústria turística demonstram que o futuro da economia mundial repousa na indústria turística e caberá a cada país posicionar-se convenientemente e competir a fim de ganhar a sua fatia no

mercado, tirando proveito deste grande sector, considerado actualmente como um grande vector de desenvolvimento, sobretudo para os países do continente africano.

No entanto, contrariamente as previsões e estudos feitos pela OMT, que previam um crescimento extraordinário do turismo mundial tanto em termos de chegadas como em receitas, a realidade actual é totalmente diferente pelo facto do mundo ter sido surpreendido com a inesperada pandemia da Covid-19, que tem sido destruidora não só de vidas humanas, mas também das economias dos países. O mundo vive hoje uma situação de imprevisibilidade total que coloca em causa a forma de vivência humana habitual. A pandemia tem dizimado um número elevado de pessoas em pouco tempo, sobretudo pessoas adultas e idosas, sem distinção de países, e sem, todavia, haver um medicamento credível para garantir cura até ao presente momento.

A pandemia Covid-19, afectou profundamente todos os países do mundo. As consequências desse “inimigo invisível” atingiram grandemente os principais países receptores de turistas internacionais, paralisando quase totalmente os sectores dos transportes, criando um clima de insegurança em termos de movimentação de pessoas de um lado para o outro. A situação pandémica no mundo tem um impacto negativo forte em termos económicos que levará tempo para a recomposição da actividade turística internacional, sobretudo dos países africanos com economias mais fracas e limitadas, frustrando assim todas as expectativas existentes.

2.2. Turismo em África

Com a sua diversidade de recursos turísticos naturais abundantes, sua fauna, flora, montanhas, rios, lagoas, quedas de água, o seu património histórico e cultural multiforme e milenar, sem no entanto esquecer a hospitalidade que caracteriza o seu povo; África, o continente berço, tem todos os pressupostos básicos para aumentar de forma significativa a sua “fatia de mercado” no domínio de chegadas turísticas internacionais, visto que os actuais indicadores não correspondem ao seu manancial de recursos turísticos.

O estudo da OMT revela que África terá um crescimento considerável, aumentando a sua quota em termos de chegadas turísticas até 7%, ou seja, as chegadas turísticas internacionais atingirão 1.8 bilhões até 2030. O continente africano atingirá o fluxo *record* de 134 milhões de turistas internacionais e conseqüentemente o aumento do seu volume de receitas turísticas. Para o efeito, os países africanos de forma individual, devem aproveitar essa oportunidade criando as condições necessárias para atrair os turistas e

explorar os seus maravilhosos recursos de forma racional e sustentável, apoiando-se em programas de marketing turístico consistentes, dinâmicos e actuates.

Nos últimos tempos, o interesse para visitar o continente africano tem estado a crescer por parte de turistas de outras regiões do mundo devido ao seu património histórico e cultural multiforme, que permite aos visitantes vivenciarem experiências seculares passadas de geração a geração, através do turismo cultural, sendo este, o segmento do turismo com maior índice de crescimento nas últimas décadas, ao lado do ecoturismo.

Como se mencionou inicialmente, o continente africano tem para oferecer aos seus visitantes um potencial de recursos diversificados e muitos deles ainda virgens, que reflectem a sua história, cultura, clima, assim como o seu incomparável meio ambiente. Entre as suas maravilhas podemos destacar os parques nacionais de Kilimanjaro (Norte da Tanzânia), Table Mountain (Sudoeste da África do Sul), a cidade histórica de Tombuktu (Centro do Mali), com os seus edifícios típicos e tradicionais de uma beleza ímpar, o Complexo de Pirâmides de Gizé Necrópoles (Egipto), Victoria Falls (no Zimbabwe/Zâmbia), e outros importantes locais como a cidade de Mbanza Kongo (Angola) recentemente classificada como Património Mundial pela UNESCO e Marrakech (Marrocos).

Estes locais turísticos acima citados e outros que não foram mencionados devem ser preservados, valorizados, divulgados e transformados em produtos turísticos de excelência para servirem de fontes de receita para o bem-estar das populações locais que tanto precisam.

O turismo é um sector que oferece múltiplas vantagens económicas e sociais, criando empregos directos e indirectos em vários subsectores como os promotores turísticos, agentes de viagens, guias turísticos, companhias de transportes, restaurantes, bares, empreendimentos de alojamento, entretenimentos ou diversão e artesanatos. O turismo cria oportunidades imensas de emprego e formação, além do impacto directo nos outros sectores como agricultura, indústria, comércio, construção, transportes, finanças e cultura etc.

A título ilustrativo, já existem países africanos que têm no turismo como uma das suas principais fontes de receita, como é o caso da Namíbia, onde o turismo gera cerca de 6% do Produto Interno Bruto (PIB), o mesmo valor gerado pelo sector agrícola, enquanto que

no Quénia contribui com 11% do PIB. No Reino dos Marrocos o turismo empregou em 2015 cerca de quinhentas mil pessoas e contribui com 7% no PIB do país.

Segundo Okech (2010) “o turismo é uma exportação instável, dependente da procura externa que é afectada por múltiplos factores fora do controlo dos países receptores”. Segundo a autora considera que os turistas são muito sensíveis a instabilidade política e social que possa ameaçar a sua segurança. Assim sendo, além de desenvolver as infra-estruturas turísticas necessárias para actividade, os Estados africanos são chamados a criar um clima de estabilidade política e social para potenciar o desenvolvimento harmonioso e sustentável do sector e que constituí o garante do crescimento em todas as vertentes.

Nota-se actualmente, na maior parte dos países africanos, que o turismo ainda não tem sido considerado nas suas estratégias de desenvolvimento e de combate à fome e a pobreza. O desenvolvimento do turismo tem-se direccionado na promoção internacional e na atracção de investimentos para grandes hotéis e estâncias turísticas de grande dimensão, sem o envolvimento directo das comunidades locais que seriam os principais beneficiários dos projectos, tornando insignificante o impacto do sector na vida das populações mais necessitadas.

A distribuição do emprego deve ser feita na óptica do turismo sustentável, incluindo a repartição por sexo assim como o acesso para empresários locais, a partir dos sectores formal e informal, são essenciais para a eliminação e o combate à pobreza. Na mesma perspectiva, o desenvolvimento de infra-estruturas também deve ser planificado e programado de forma a beneficiar as comunidades locais, através do fornecimento de energia, água, boas estradas, saneamento básico e comunicações.

2.3. Turismo em Angola e Perspectivas

Angola é detentora de vastos recursos turísticos, como os 1650 quilómetros de costa marítima, as montanhas, os rios, as lagoas, florestas densas, fauna, flora, os seus animais de variadíssimas espécies, sua história milenar. Considera-se igualmente a sua multifacetada cultura, sua população alegre, seu incontornável património histórico e cultural que encarna a sabedoria e a sapiência (wisdom) do povo bantu, incluindo obviamente o comércio negreiro, pois representou um dos principais territórios de caça de escravos do continente africano.

Angola dispõe de todos os pressupostos básicos necessários para lançar-se como um destino turístico credível e transformar o seu manancial de recursos turísticos em uma

fonte de receitas que poderá contribuir significativamente na melhoria das condições de vida das populações locais, garantindo assim o seu bem-estar, desde que haja vontade política transformada em acções concretas a favor do desenvolvimento do turismo.

Em termos práticos, o turismo em Angola nunca assumiu um papel relevante na economia nacional. Atendendo o seu passado histórico recente, partindo do princípio de que o turismo é uma indústria de paz que não se desenvolve onde há instabilidade política, económica e social. Por outro lado, este sector nunca mereceu uma atenção considerável durante os vários governos que passaram pelo país desde a sua independência, salvo alguns sinais tímidos sobre o sector turístico sobretudo nos últimos dez anos, o que pode ser considerado como falta de visão estratégica por parte de quem governa.

O processo organizativo do sector turístico iniciou em 1978, ou seja, três anos depois da independência do país, que culminou com a criação da DINATUR (Direcção Nacional do Turismo), incorporado no Ministério do Comercio e Turismo. Em 1986 Angola aderiu à OMT como membro efectivo e a criação do MINHOTUR¹⁵ aconteceu em 1996. Foram os primeiros sinais que demonstravam a vontade política dos angolanos sobre o desenvolvimento do sector turístico.

O país herdou algumas unidades hoteleiras, restauração e similares depois do fim da colonização em 1975, principalmente nas grandes cidades como Luanda, Benguela, Huambo, Namibe e Lubango. Mas devido a complexidade de gestão dos serviços hoteleiros, restauração e a falta gritante de profissionais com experiência e formação no ramo, visto que os seus proprietários e gestores abandonaram o território nacional, provocou a degradação massiva e falência da maior parte dos empreendimentos e a transformação de alguns em outras actividades económicas.

A realização do Campeonato Africano de Futebol em 2010, pela primeira vez em Angola, despertou as autoridades angolanas e a população em geral sobre a importância do sector hoteleiro e turístico na realização de grandes eventos internacionais, provocando um grande movimento de mobilização de investidores na construção de hotéis, principalmente nas quatro cidades seleccionadas para albergar o campeonato,

¹⁵ Ministério da Hotelaria e Turismo. Um Ministério criado no âmbito do processo de implementação do Governo de Unidade e Reconciliação Nacional em Angola, de acordo com Protocolo de Lusaca. Um acordo assinado entre as partes beligerantes, Governo angolano e a UNITA, em 1994 na capital zambiana, para o restabelecimento da paz depois do reascender do conflito armado após as primeiras eleições gerais no país em 1992.

nomeadamente em Benguela, Cabinda, Huíla e Luanda. Na altura não havia nem infra-estruturas desportivas compatíveis as necessidades do momento, nem empreendimentos de alojamento e de restauração suficientes para fazer face ao grande desafio, onde eram estimadas 10.000 visitantes.

Houve uma resposta positiva aos apelos lançados, os investidores tanto nacionais como estrangeiros entraram em acção sobretudo na capital do país, onde foram erguidos mais de 20 hotéis, sendo 5 de grande dimensão, ou seja, com mais de 200 unidades de alojamento. Foi realmente o momento de mudança de página para sector em Angola, porque a partir daquele momento houve alguma mudança de mentalidade por parte dos governantes que despertaram *vis-à-vis* do turismo e começaram a surgir outros eventos importantes tanto no domínio político, económico, como desportivo, dando uma outra dimensão ao adormecido sector.

Actualmente o sector está minimamente estruturado em termos organizativos tanto no domínio de políticas, instrumentos legais, rede hoteleira e turística, apesar de ser ainda insuficiente, bem como no domínio privado com a existência de várias associações profissionais do ramo concorrendo para o desenvolvimento do turismo nacional e defesa dos interesses dos seus associados. O sector hoteleiro e turístico angolano enfrenta vários desafios, um dos maiores é o facto de se tratar de um país que andou durante muito tempo fechado fruto da sua opção ideológica política comunista, implantada numa economia planificada, onde o Estado era o dono e o garante de tudo num regime de partido único.

Como consequência dessa situação, o país continua refém do seu passado, mesmo depois da liberalização económica tímida, ainda não conseguiu abrir as portas ao mundo com receio de que algo pode correr mal em detrimento do desenvolvimento de importantes sectores da economia como o comércio, a indústria, os transportes e principalmente o turismo que depende essencialmente da movimentação de pessoas.

Outro desafio que também tem constituído um grande *handicap* para o desenvolvimento do sector, é a falta de políticas de incentivo para promover os investimentos em termos fiscais, aquisição de terrenos, obtenção de financiamentos, situação que deve ser alterada rapidamente se na verdade se pretende desenvolver o turismo nacional e colocar Angola na rota turística continental e internacional.

Angola tem a sua imagem desgastada devido ao seu passado recente marcado por uma guerra civil que durou cerca de trinta anos, seguido por um momento de grandes

incertezas em termo de gestão do país e do bem público marcada por grandes insuficiências com a falta de transparência e corrupção ao mais alto nível. Neste sentido, existe a necessidade premente e urgente de se inverter o paradigma de gestão e lançamento de uma campanha de marketing multidimensional e internacional visando melhorar o cenário actual.

Depois de vários anos de trabalho para definir uma política e estratégia adequada para o desenvolvimento do sector, finalmente em 2011 foi concebido e aprovado pela Comissão Permanente do Conselho de Ministros o primeiro Plano Director do Turismo (PDT) de Angola 2011-2020, tendo o Ministério da Hotelaria e Turismo iniciado uma nova página na sua história e um novo ciclo de actuação, centrado na implementação da estratégia que se afigurava ambiciosa do ponto de vista de concretização dos objectivos.

Observando com cuidado e rigor que se impõe para as metas definidas e os *timings* previstos no PDT, considera-se que foram bastante ambiciosas, principalmente olhando para o ponto de partida do país, as acções e os desafios que teriam que ser ultrapassados, na sua maior parte transversais, ou seja, sem dependência directa do sector do turismo, mas de outros para o alcance dos objectivos projectados. O PDT almejava para o sector atingir as seguintes metas: 4,6 milhões de turistas, 4,7 bilhões de receitas turísticas, 1 milhão de postos de trabalho e contribuir com 3% do PIB até 2020, que infelizmente por razões conjunturais de vária ordem e condicionalismos diferentes, não foram alcançadas.

Compreende-se a ânsia e a vontade de ver o país a progredir no turismo, visto que dispõe de recursos turísticos suficientes para justificar essa vontade, contudo, não se deve quebrar etapas. É preciso reconhecer que ainda há muito por fazer, há desafios que deverão ser ultrapassados e sobretudo em termos de investimentos financeiros, é preciso trabalhar seriamente para poder competir com os países africanos já bem estabelecidos em matéria do turismo no continente, como a África do Sul, Marrocos, Tunísia, Quénia e outros.

Angola tem um grande manancial de recursos turísticos, reforçado pela localização geográfica privilegiada, para o turismo se impor como um sector de importância estratégica para a economia angolana, tendo em conta a sua capacidade de gerar riqueza, empregos e o seu efeito multiplicador, arrastando consigo outros sectores como a cultura, os transportes, o comércio, a indústria, a construção e urbanismo, mas isso só é possível,

havendo uma vontade política que não passa de meros discursos, mas sim transformar as palavras em acção.

O PDT de Angola definiu um conjunto de acções ao nível institucional e ao nível dos eixos de desenvolvimento que deveriam ser implementados no horizonte de 10 anos, podendo ser ajustados consoante as necessidades e exigências de cada momento. Na visão do sector, o turismo é o “petróleo verde” que Angola deveria definir como aposta estratégica para a diversificação da economia nacional. O plano perspectivava a dinamização inicial do turismo interno, passando pelo turismo regional (SADC), para depois consolidar-se no mercado internacional, tendo definido como acções prioritárias a adequação do pacote legislativo, a criação do Fundo de Desenvolvimento do Turismo, e a implementação dos Polos de Desenvolvimento Turístico, que aguardam por recursos para sua operacionalização.

No âmbito do PDT, foram criados numa fase inicial quatro zonas prioritárias de desenvolvimento turísticos nomeadamente:

- a) O Polo do Futungo de Belas e Mussulo, com uma área total de 517 ha. Tendo como atracção principal a Baía do Mussulo;
- b) O Polo de Cabo Ledo, com uma área de 2000 ha. Tendo como atracção principal a zona balnear com 120 km de extensão;
- c) O Polo de Kalandula, com uma área de extensão de 2000 ha. Tendo como atracção principal as quedas de água de Kalandula;
- d) O Polo da Bacia do Okavango, com uma área de 12000 ha. Tendo como principal atracção a área partilhada com o projecto transfronteiriço Okavango-Zambeze.

Importa sublinhar que Angola também faz parte do Projecto KAZA-ATFC que integra cinco países da região Austral de África, cuja parte angolana é de cerca de 90.000 km². O objectivo do projecto KAZA-ATFC é a implementação do turismo transfronteiriço entre os Estados constituintes, a fim de contribuir para o desenvolvimento socioeconómico e cultural da região Austral, ligando 14 áreas de importância ecológica para protecção ambiental, e pode vir a tornar-se na maior área de atracção turística da África Austral.

Uma das principais atracções do projecto é a população de elefantes, que é a maior em território contíguo no continente africano. Destaca-se também a abundância e diversidade de espécies da vida selvagem, abundância em flora com pelo menos 3000 espécies, 100

das quais endémicas na sub-região, contando com mais de 600 espécies de aves que caracterizam as savanas da África Austral, as zonas arborizadas e as zonas pantanosas.

O quadro 8 ilustra a visão do turismo de Angola para 2020, os seus produtos estratégicos que poderão servir de suporte para o desenvolvimento turístico nacional, assim como competição com os principais destinos turísticos da região e do continente.

Quadro 8. Visão do turismo de Angola para 2020

Visão	Angola: País Jovem e Divertido		
Produtos Estratégicos	Cultura	Sol e Praia	Natureza
	-Festivais de Música/Cultura; -Festividades Regionais; -Eventos e locais Religiosos; -Competições Desportivas; -Gastronomia; -Rota dos Escravos.	-Praia; -Actividades Náuticas; -Surf/Windsurf; -Observação de Cetáceos;	-Passeios na Natureza; -Safaris; -Observação de Vida Animal; -Descida de Rios

Fonte: MINHOTUR (2013)

Segundo o Plano Director do Turismo de Angola, a potenciação do país como destino turístico passa pelo desenvolvimento integrado, faseado e coerente de seis eixos estratégicos, a saber:

- 1) Mercado Emissores;
- 2) Enriquecimento da Oferta;
- 3) Promoção e Distribuição;
- 4) Acessibilidades;
- 5) Serviços e Competências;
- 6) Qualidade Urbana e Ambiental.

De facto, a estruturação do turismo de qualquer país ou região passa necessariamente por essas fases, que são determinantes para o sucesso de qualquer política ou estratégia de desenvolvimento turístico. Ainda em termos de estratégia, o executivo angolano, no

âmbito da sua política de diversificação da economia nacional, definiu o turismo como um dos quatro pilares de desenvolvimento.

Com a implementação dessas acções políticas e estratégias, espera-se, tal como referem Cravidão e Santos (2013), que a oferta do turismo nacional depois da sua estruturação e qualificação, potencie a vocação natural de cada destino; melhore a qualidade urbana, ambiental e paisagística do território; desenvolva a participação e crie experiências distintas e inovadoras; incremente a animação cultural, desportiva ou lúdica, reforçando a imagem de marca do destino e recursos humanos envolvidos; integre conhecimento que permita qualidade do serviço, inovação e reforço da competitividade empresarial no sector turístico.

Em suma, acções capazes de tornar Angola a curto e médio prazo um destino turístico de renome no continente africano e conseqüentemente no mercado internacional, impondo a sua marca através de uma estratégia do turismo consistente, funcional, actuante e dinâmica.

Em 2016, numa das cerimónias da apresentação do PDT, foi apresentado a análise SWOT no quadro 9 abaixo, pelo Ministério da Hotelaria e Turismo, onde estão resumidas as principais insuficiências do sector que persistem até ao presente momento:

Quadro 9. Análise SWOT do Turismo em Angola

Factores Externos		Factores Internos	
Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
Dimensão Territorial Diversificação Territorial	Recursos Humanos	Turismo Multiplicador Económico e factor de Coesão nas diversidades	Capacidade de Investimento Público
Património Natural	Infra-estruturas de Suporte	Limitação na Saída de Cidadão Nacionais	Percepção Extrema do País
História, Hábitos e Costumes	Acessibilidades Províncias e Locais	Reforço da Consciência Ambiental	Concorrência Regional (SADC)
Gastronomia	Custo do Contexto	Projectos Transfronteiriços e de cooperação	-
Costa Marítima	Iniciativa Económica Privada	Polos de Desenvolvimento Turísticos	-
Rede Hidrográfica	Associativismo Sectorial	-	-
Parques e Reservas	-	-	-

Fonte: Ministério da Hotelaria e Turismo (2016)

Pouco foi feito para alterar o cenário. A situação das acessibilidades internas entre a capital do país e as restantes 17 províncias melhoraram comparativamente ao passado, mas prevalecem ainda as dificuldades de acesso entre as diferentes cidades e os principais recursos turísticos, sem esquecer a falta de infra-estruturas, como energia e água nas principais zonas turísticas.

No domínio dos recursos humanos, assim como na promoção turística do país a nível internacional, houve algumas acções paliativas, pouco significativas. O governo ainda não se convenceu do seu real papel no lançamento e crescimento da actividade turística em Angola, embora seja notória a existência de vontade política em levar o sector a outros patamares, mas as acções não têm sido compatíveis com os discursos políticos pronunciados frequentemente. Infelizmente o turismo no país, com abundantes recursos

turísticos continua por desenvolver e mantém-se como um “gigante adormecido” aguardando por dias melhores.

2.3.1. Principais indicadores do turismo de Angola

O país dispõe de uma rede hoteleira já considerável em termos de capacidade instalada, no domínio do alojamento, com um crescimento significativo nos últimos anos apesar da crise financeira que afectou profundamente o sector. Como já foi referido, o parque hoteleiro angolano teve um rápido desenvolvimento quantitativo e qualitativo, graças a realização no país do Campeonato Africano de Futebol (CAN) em 2010, que impulsionou o surgimento de vários empreendimentos turísticos nas quatro localidades palco do referido evento, e não só.

Actualmente o parque hoteleiro angolano tem uma capacidade instalada de 235 hotéis operacionais, perfazendo um total de 14.700 quartos sem, no entanto, incorporar os aldeamentos turísticos, aparthotéis, motéis, estalagens, pensões e lodges, cujos dados são detalhados no desenvolvimento do presente capítulo. De realçar que há um número significativo de empreendimentos turísticos em construção que poderão contribuir significativamente na competitividade e na melhoria da qualidade dos serviços prestados pelo sector. O quadro 13, ilustra os principais projectos em construção e já em fase avançada de obras, assim como as empresas promotoras dos referidos empreendimentos.

O fluxo turístico nacional ainda não é dos melhores em termos de chegadas e receitas turísticas. Angola continua situada na cauda dos países da região em termos de posicionamento nos dois domínios referenciados, fruto da falta de políticas, estratégias coerentes e sobretudo de vontade política necessária que se transforme em acções concretas.

Os quadros 10, 11, 12, 13 e 14 ilustrados por domínios, demonstram de forma resumida os principais indicadores do sector turístico em Angola, para facilitar a leitura, compreensão e interpretação dos mesmos, a fim de se tirar conclusões.

Quadro 10. Rede Hoteleira, Restaurantes e Similares e Agências de Viagens

Tipologia de Empreendimentos	Anos				
	2015	2016	2017	2018	2019
Hotéis	196	220	233	238	235
Outro Meios de Alojamento	1286	1342	1399	1443	1545
Restaurantes e Similares	4736	4924	5629	5763	4932
Agências de Viagens e Turismo	160	234	312	340	468
Total Geral	6378	6720	7573	7784	7180

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2020)

A estrutura actual da rede hoteleira e similar angolana tem um total geral de 7.180 empreendimentos de várias tipologias entre hotéis, apart-hotéis, aldeamentos turísticos, motéis, pensões e hospedarias, conforme o quadro acima ilustrado. O país dispõe de 235 hotéis que perfazem um total de cerca de 18.302 camas, sendo o maior número concentrado em Luanda, capital do país, que representa 48% da capacidade de alojamento total. Existe alguma capacidade instalada em termos de unidades de alojamento diversificado, principalmente nas províncias do litoral, mas insuficiente para fazer face a demanda, sobretudo em momentos de pico que são normalmente nos feriados prolongados.

Existe uma grande necessidade de investimentos para a construção de empreendimentos turísticos em zonas rurais para o ecoturismo, como lodges, aldeamentos turísticos, resorts e outros, principalmente na região do Projecto Transfronteiriço do Okavango Zambeze, a fim de competir com os países da região, que estão melhor preparados nesta matéria, nomeadamente a África do Sul, Namíbia, Zimbabwe, Zâmbia e Botswana.

Quadro 11. Estrutura da Rede Hoteleira Nacional

Nº ord.	Tipologia de Empreendimentos	Quantidade	Nº de Quartos	Nº de Camas
01	Hotéis	235	14700	18302
02	Aparthotéis	21	949	1376
03	Aldeamentos Turísticos	107	3144	3803
04	Lodges	1	66	132
05	Motéis	4	111	115
06	Pousadas	1	7	14
07	Estalagens	2	36	36
08	Pensões	516	7235	9829
Total Geral		887	26248	33607

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2020)

No que se refere especificamente aos hotéis, importa apresentar a sua distribuição por categoria para que se tenha uma percepção da dimensão qualitativa e quantitativa deste tipo de estabelecimento hoteleiro. Neste sentido, o quadro 12 e a figura 11 indicam que no país existem apenas três hotéis de cinco estrelas, todos eles situados em Luanda. As categorias mais representativas são os hotéis de três com 79 unidades e os de duas estrelas com 68, representado respectivamente 33% e 29% do total de hotéis no país.

Quadro 12. Estrutura Actual de Categorização dos Hotéis

Nº Ord.	Categoria	Nº de Hotéis
01	5*	3
02	4*	21
03	3*	79
04	2*	68
05	1*	64
Total		235

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2020)

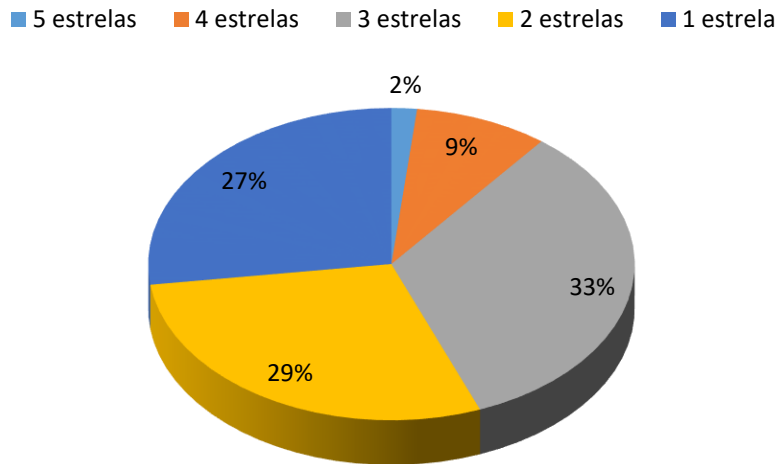


Figura 8. Estrutura Actual de Categorização dos Hotéis

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2020)

A capacidade de alojamento em Angola tende a crescer substancialmente nos próximos anos. O quadro 13 indica vários projectos hoteleiros em construção que perfazem no total 8.166 novos quartos para o mercado, prevendo-se uma grande incidência na estrutura de preços, e sobretudo na criação de postos de trabalhos para os angolanos. Se aplicado o ratio clássico de 1 empregado por quarto, considera-se um total de 8.166 que vão conseguir emprego por via dos projectos em curso. De assinalar que, face ao défice de formação e qualificação no ramo, o ratio poderá atingir 1,5 empregado por quarto, o que implicaria um total de 12249 postos de trabalho, bastante necessários no país para aliviar as elevadas taxas de desemprego e pobreza.

Quadro 13. Mapa dos Principais Hotéis em Construção

Nº Ord.	Empresa Investidora	Nº de Hotéis	Nº de Quartos	Províncias
01	Asseguradora AAA	50	6.445	Todas as Províncias
02	Sonangol	1	390	Luanda
03	Grupo Chic-Chic	2	386	Lunda-Sul e Luanda
04	Grupo Vip	1	370	Luanda
05	Organizações Bikuku	2	246	Lunda-Sul e Luanda
06	Grupo Equador	1	183	Luanda
07	Grupo Miamop	1	146	Malanje
Total		58	8166	

Fonte: Elaboração Própria com base nos dados do MINHOTUR (2015)

É de realçar os investimentos empreendidos pela empresa seguradora AAA, a primeira na história da hotelaria angolana a construir 50 hotéis, distribuídos nas 18 províncias do país, perfazendo um total de 6.445 quartos, impulsionando o desenvolvimento do turismo nacional.

No domínio da restauração e similares, existe um número considerável de restaurantes com uma relativa qualidade, dependendo da sua localização geográfica. No entanto, acções formativas contínuas são necessárias para melhorar cada vez mais os serviços, principalmente daqueles que se encontram em zonas longínquas dos grandes centros urbanos.

Relativamente as agências de viagens e turismo, estão cadastradas na Direcção Nacional de Qualificação de Infra-estruturas e Produtos 468 agências de viagens, mas infelizmente a maioria está inoperante. As poucas que funcionam não desempenham cabalmente a sua função de dinamização das actividades turísticas, como a realização de pacotes, excursões e circuitos turísticos, limitando-se apenas na emissão de bilhetes de passagem e tratamento de vistos junto dos consulados. Na verdade, o número de agências que se notabiliza é bastante reduzido, cerca de 20, havendo necessidade de acções formativas

com vista a melhoria da prestação deste subsector e aumentar a sua contribuição no desenvolvimento do turismo nacional.

Relativamente as chegadas turísticas internacionais, os dados do quadro 14 permitem observar que em 2015, Angola recebeu um total de 592.495 turistas internacionais provenientes de várias regiões do mundo e, no ano seguinte, entraram no território angolano 397.485, ou seja um decréscimo de 195.010 turistas, equivalente a menos 33%. Esta tendência negativa continuou em 2017 ao registar-se um número total de 260.961 turistas, menos 136.524 que em 2016, equivalente a um decréscimo de 34%.

Quadro 14. Chegadas de Turistas Internacionais em Angola por Regiões

Regiões	Anos				
	2015	2016	2017	2018	2019
África	176022	52686	40769	105692	111907
América	105106	61731	33809	35560	35318
Ásia	108139	60518	46863	37751	33218
Austrália	978	1261	730	34699	32339
Europa	199127	213051	134456	3380	4019
Médio Oriente	3123	8238	4334	784	711
Total	592495	397485	260961	217866	217512

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2020)

O declínio do número de turistas internacionais a visitarem Angola persistiu durante os cinco anos em análise. Em 2018 o país acolheu 217.866 turistas, contra 260.961 turistas já referidos do ano anterior, portanto, menos 43.095, equivalente a um decréscimo de 16.5%. Em 2019 o número de turistas foi praticamente o mesmo em relação ao ano anterior, com o total de 217.512 turistas recebidos.

No que se refere a origem dos turistas internacionais, constata-se que a região europeia emitiu mais turistas para Angola em relação as demais regiões nos três primeiros anos em análise. Nos dois anos subsequentes, nomeadamente 2018 e 2019, Angola recebeu mais visitantes dos países africanos. O aumento de visitantes africanos para Angola pode ter sido influenciado pela política de isenção e facilitação de vistos, implementada

ultimamente pelo executivo angolano, visando a facilitação do movimento de pessoas e bens com os países da região, apesar de não ter um grande impacto em termos de receitas turísticas, contrariamente a outras regiões.

Seria muito mais benéfico para Angola promover a política de facilitação e isenção de vistos de entrada para os principais países emissores de turistas do mundo e ao grupo dos países que mais gastam, conforme a classificação da OMT, assim como alguns blocos económicos regionais, com vista a facilitar a movimentação de fluxo turísticos e investimentos no sector turístico. Importa referir que a Ásia tem ocupado também uma posição de destaque em termos de chegadas turísticas internacionais em Angola nos últimos tempos, devidas as relações comerciais existentes entre ambos, sobretudo com a China, que ocupa um lugar privilegiado em termos económicos no país, investindo quase em todos domínios.

No que se refere aos motivos de viagens, conforme se apresenta no quadro 15, constata-se que em 2015 a maior parte dos turistas que se deslocaram à Angola foi por motivos de negócios, seguida da motivação serviço e em terceiro lugar as férias. Essa tendência é alterada em 2016, passando o serviço a ser o principal motivo das deslocações para Angola até ao ano 2019, seguida da motivação por negócios. Para uma melhor percepção visual da dimensão de cada motivação de viagem, é apresentado a figura 12 com os valores percentuais.

Quadro 15. Motivos de Viagens

Motivos de Viagens	Anos				
	2015	2016	2017	2018	2019
Férias	86702	48807	33380	35191	35587
Negócios	272475	106655	73937	50719	49540
Serviço	233318	242023	153022	131440	131826
Transito	0	0	622	516	559
Total Geral	594510	397485	260961	217866	217512

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2020)

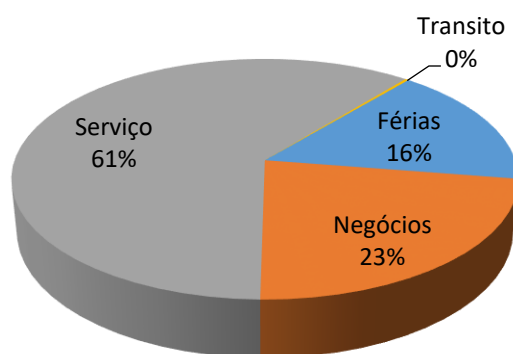


Figura 9. Motivo de viagens para Angola em 2019

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2020)

Importa referir que em termos de conceitos de turismo e, considerando as definições da OMT, os dados estatísticos do Gabinete de Estudos Planeamento e Estatística do Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente, podem ser considerados confusos e passíveis de discussão, visto que, segundo os ditames da OMT, quem viaja tendo por motivo principal da visita o exercício de uma actividade remunerada ou serviço no local visitado, não deve ser considerado turista.

No que se refere as receitas turísticas arrecadadas pelos empreendimentos turísticos durante o período em referência, as mesmas podem ser consideradas razoáveis, tendo em conta a fragilidade e a volatilidade da moeda nacional, conforme espelha o quadro 16. Os preços dos serviços turísticos (transporte, alojamento e alimentação), são considerados pelos cidadãos nacionais como elevadíssimos devido ao custo de vida e os salários locais que raramente são actualizados de acordo com a variação da taxa de câmbio, servindo assim de factor inibidor para a sua participação em actividades turísticas, salvo uma pequíssima franja da sociedade com condições para o fazer.

Quadro 16. Receitas Turísticas em Mil Milhões de Kwanzas (1 Kz = 0,0013 €)

Tipologia de Empreendimento	Anos				
	2015	2016	2017	2018	2019
Hotéis	31.753,74	35.419,00	20.306,98	56.317,49	77.542,32
Outro Meios de Alojamento	47.158,53	20.741,00	24.468,40	28.761,07	42.756,22
Restaurantes e Similares	76.452,86	56.829,00	46.281,67	44.903,48	47.861,32
Agências de Viagens e Turismo	40.920,77	9.385,00	18.841,35	10.980,16	31.803,55
Total Geral	196.285,90	122.374,00	109.898,40	140.962,20	199.963,41

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2020)

Este elemento inibidor para os nacionais constitui uma mais-valia para o turista ou visitante internacional, que traz consigo uma moeda estável e forte capaz de pagar o quarto por noite o equivalente a 100 ou 120 dólares, convertidos na moeda local, num hotel de 4 estrelas em Luanda, que já foi considerada a cidade mais cara de Angola. Fora da cidade capital a diária é ainda mais barata para quem é portador de divisa.

Esses pressupostos tornam difícil de mensurar a contribuição real do sector do turismo na balança de pagamentos e consequentemente a sua valorização por parte do Estado, que não passa de meros discursos políticos sem acções concretas, retardando cada vez mais o desenvolvimento do turismo nacional, apesar da variedade dos seus atractivos turísticos.

Sobre a actividade do sector privado, o mesmo está estruturado em várias associações profissionais, sendo as mais importantes: a Associação dos Hotéis e Resorts de Angola (AHRA), a Associação dos Hotéis, Restaurantes e Similares de Angola (AHORESIA), a Associação das Agências de Viagens de Turismo de Angola (AAVOTA), a Associação dos Guias Turísticos de Angola (AGUITA), a Associação das Agências de Viagens de Angola (AAVA), a Associação dos Profissionais de Cozinha e Pastelaria de Angola (APCPA) e a Associação dos Guias de Turismo e Servidores Artísticos de Angola (AGTSA).

As organizações profissionais mencionadas são todas de âmbito nacional e têm dado um grande contributo na dinamização das actividades do sector. Concorrem para uma melhor

organização e desenvolvimento do sector hoteleiro e turístico de Angola e têm sido consideradas parceiras e interlocutores válidos do sector público em termos de consulta sobre as grandes decisões e políticas do turismo, além de defender os interesses específicos dos seus associados.

Para concluir o presente capítulo, realçar que ao longo desta investigação tem sido mencionado de forma recorrente que Angola dispõe de enormes recursos turísticos, que uma vez valorizados e explorados racionalmente poderiam facilmente transformar o país num destino turístico de destaque em África. Também se fez questão de notar que não bastam as potencialidades turísticas para que um determinado país se torne num destino turístico, a menos que haja vontade política transformada em acção.

Em outras palavras, o turismo não está desenvolvido em Angola porque nunca fez parte da agenda política, ou das prioridades de governação, durante os 42 anos de independência do país. A principal razão está relacionada com a distração devido a existência de outros recursos naturais considerados estrelas e de fácil exploração, como o petróleo e o diamante. Foi preciso o surgimento de uma crise financeira económica e financeira, provocada pela queda brusca do preço do barril do petróleo no mercado internacional, para se alterar o discurso político *vis-à-vis* do turismo, tendo como palavra de ordem “a diversificação da economia nacional”, onde o turismo aparece como um dos quatro pilares fundamentais da estratégia governamental.

O Presidente de Angola, durante a sua campanha nas eleições eleitorais de 2017, teve sempre presente nos seus discursos as potencialidades turísticas, tendo prometido criar as condições necessárias para o desenvolvimento do turismo, começando pela flexibilização do sistema de vistos que constitui uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento do sector e melhoria do ambiente de negócios. Olhando para as acções levadas a cabo se pode afirmar que começa a existir a vontade política que faltava. O turismo entrou finalmente na agenda do executivo angolano e, doravante, espera-se uma dinâmica efectiva na criação de condições para turistificação do país e conseqüentemente a sua entrada na rota turística internacional como destino turístico, que venha igualmente ser potenciada com o desenvolvimento do turismo cultural e de memória.

Depois de uma abordagem abrangente sobre o turismo internacional e suas tendências, nas suas várias dimensões, mais precisamente, o turismo em África e o turismo em Angola e suas perspectivas, o capítulo a seguir trata sobre o fenómeno tráfico de escravos

ou comércio triangular e suas consequências e o modo como o turismo e a sua geografia podem constituir-se numa forma de trazer aos dias de hoje o passado que não se deve esquecer.

III. CAPÍTULO – O FENÓMENO TRÁFICO DE ESCRAVOS OU COMÉRCIO TRIANGULAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS

“A história é um diálogo interminável entre o presente e o passado”

Carr (1961).

De acordo com Cesaire (1913-2008), “a história é sempre perigosa. O mundo da história é o mundo de risco, mas cabe a nós a cada momento estabelecer e reajustar a hierarquia dos perigos”. Estas palavras chamam atenção sobre o cuidado e os riscos que a história pode representar dentro de uma sociedade, sem, no entanto, perder o foco da verdade que deve ser anunciada sem desvios, para prevenir o mal e garantir o bem-estar das gerações vindouras.

Ao entrar neste capítulo que constitui a essência e o fundamento deste trabalho de investigação, é feita uma breve introdução usando as palavras do ex. Secretário-geral das Nações Unidas Kofi Annan e da antiga Directora Geral da UNESCO¹⁶, Irina Bokova, sobre o importante tema da escravatura. No dia internacional para a abolição da escravatura, em 2 de dezembro do ano 2000, o antigo Secretário-geral da ONU, que no ano seguinte receberia o Prémio Nobel da Paz, citado por Carneira (2013), fazia assim o ponto de situação: “há mais de 50 anos foi redigido o artigo 4.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, afirmando que ninguém será mantido em escravidão ou em servidão e que a escravatura e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas”.

Apesar de todos os esforços realizados desde então para a sua abolição, em todas as suas formas, a escravatura não desapareceu. Continua a ser uma realidade e em algumas partes do mundo percebe-se um certo crescimento. A escravatura é uma afronta a todos os homens e todas as mulheres livres. Nova forma de escravidão tais como a exploração de crianças para fins sexuais, o trabalho infantil, o trabalho forçado, a servidão, o trabalho de imigrantes ilegais, o trabalho familiar, a escravatura com fins rituais ou religiosos e o tráfico de seres humanos; colocam outros tantos desafios que devem ser enfrentados com toda a urgência.

A comunidade internacional adoptou tratados sobre a escravatura, mas muitos Estados têm ainda de ractificá-los, aplicá-los e determinar o que se deve fazer para eliminar a

¹⁶ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

escravatura em todo mundo. Chegou o momento para todos os Estados se unirem com vista à abolição efectiva da escravatura. Além disso, é urgente promulgar leis e tomar medidas para garantir que as novas formas de exploração e de opressão a que estamos a assistir não se transformam, a prazo, em novas formas de escravatura. Mas é também urgente garantir que aqueles que se dedicam a práticas escravagistas sejam identificados e impedidos de o fazer.

Marcando o aniversário dos 222 anos da primeira revolta de escravos bem-sucedida no ocidente, a então Directora Geral da UNESCO disse que contar a história do tráfico de escravos é crucial para prestar homenagem aos combatentes da liberdade e “honrar as suas contribuições para a afirmação dos direitos humanos (...). Devemos ensinar os nomes dos heróis dessa história, porque eles são os heróis de toda a humanidade”, disse Bokova em mensagem para o dia Internacional para Relembrar o Tráfico de Escravos e sua Abolição, que é comemorado anualmente em 23 de agosto, data da revolução haitiana, liderada pelos escravos em 1791.

O significado e as implicações desta história devem ser conhecidos por todos e ensinados dentro e fora das escolas por meio da media e na arena pública, afirmou Bokova. “Que isso seja uma fonte de respeito e um chamamento universal em prol da liberdade para as futuras gerações”, acrescentando que, por meio de suas lutas, seu desejo de dignidade e liberdade, os escravos contribuíram para a universalidade dos direitos humanos.

A UNESCO tem desempenhado um papel de liderança na promoção da compreensão e do reconhecimento do tráfico de escravos. Desde a criação do projecto “A Rota do Escravo” em 1994, a agência tem trabalhado para revelar a extensão e as consequências do tráfico e retratar a riqueza das tradições africanas. Por meio de debates e conversas, o projecto espera criar entendimento mútuo, reconciliação internacional, estabilidade, e aumentar a consciencialização sobre o assunto. Pretende-se que os esforços do projecto venham a contribuir para a Década Internacional dos Povos Afrodescendentes – que começou no dia 1 de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2024 – e pretende impulsionar compromissos políticos em favor de pessoas com ascendência africana.

“O tráfico de escravos não é apenas algo do passado, é nossa história e tem moldado a face de muitas sociedades modernas, criando laços indissolúveis entre povos e continentes, e transformando de forma irreversível o destino, a economia e a cultura das nações”, observou Bokova, afirmando que os heróis do passado também servem de

exemplo para dar continuidade à luta pelo fim do preconceito racial e das novas formas de escravidão.

A ONU honrou a memória de aproximadamente 15 milhões de vítimas inocentes que sofreram ao longo de quatro séculos, como resultado do tráfico transatlântico de escravos, destacando a situação dos 21 milhões que, de acordo com estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ainda sofrem a brutalidade da escravidão moderna.

A história anda devagar quando se trata de garantir o respeito pelos direitos humanos. Ignorar isso é quase tão perigoso como pensarmos que nada muda. Nem a existência de escravatura ao longo dos tempos pode justificar a escravatura nos dias de hoje, nem a existência da escravatura contemporânea pode servir para desvalorizar a dimensão e a violência da escravatura no passado. Pelo contrário, o conhecimento histórico pode e deve ser um tónico poderoso para o nosso sobressalto cívico, sempre que a dignidade humana é posta em causa.

Para melhor elucidar a temática da escravatura, é apresentado a seguir o tema sobre a origem do tráfico atlântico ou negreiro, de seguida é feita uma abordagem sobre o tráfico de escravos em África, antes, durante e após a colonização, assim como o tráfico de escravos em Angola. Por fim, é apresentada a Rota do Escravo da UNESCO.

3.1. Origem do Tráfico de Escravos no Mundo

Segundo Williams (2012), em 1492, ao descobrir o Novo Mundo em nome da monarquia espanhola, Cristóvão Colombo desencadeou uma longa e forte disputa internacional pelas possessões coloniais que, até hoje, passados mais de 450 anos continua sem solução. Portugal, que iniciara o movimento de expansão internacional, reivindicou os novos territórios alegando que se enquadravam nos termos de uma bula papal de 1455, autorizando o reino a reduzir todos os povos infiéis à servidão. Para dirimir a controvérsia as duas potências procuraram arbitragem e, sendo católicas, recorreram ao Papa – passo lógico e natural numa época em que as pretensões universais do papado ainda não tinham sido questionadas por indivíduos e governos.

Depois de avaliar cuidadosamente as ambições rivais, o Papa lançou uma série de bulas em 1493, estabelecendo uma demarcação entre as possessões coloniais dos dois Estados: as terras a leste ficariam para Portugal, as terras a oeste com a Espanha. Mas a partilha não satisfaz às aspirações portuguesas, e no ano seguinte as partes em conflito chegaram a um acordo mais satisfatório, o Tratado de Tordesilhas, que rectificava a decisão papal,

permitindo que Portugal ficasse com o Brasil, tendo assim os reinos ibéricos dividido o mundo entre si.

A arbitragem do Papa e o tratado formal não inclui as outras potências europeias, e pelo facto ambos foram rejeitados. A viagem de Cabot à América do Norte, em 1497, foi a resposta imediata da Inglaterra à partilha. Francisco I da França protestou com a sua famosa declaração: “O sol brilha para mim como para os outros. Gostaria de ver a cláusula do testamento de Adão que me exclui da partilha do mundo”. O Rei da Dinamarca se recusou a reconhecer a autoridade papal no que se referisse às Índias Orientais. Sir William Cecil, o famoso político elisabetano, negou ao Papa o direito de “dar e tirar reinos a seu bel-prazer”. Em 1580, o governo inglês contra-atacou mais uma vez, sustentando que o princípio da ocupação de facto deveria ser o critério determinante da soberania (Williams, 2012, p. 31).

O autor sustenta que a partir daí, como diziam na época, não houve “paz abaixo da linha do trópico”. As disputas continuaram entre as grandes potências da época, onde cada uma queria ocupar mais territórios que as outras porque isso representava um grande poder político e sobretudo financeiro. Disputava-se, nas palavras de um futuro Governador de Barbados, se o monarca das Índias Ocidentais será o Rei da Inglaterra ou da França, pois o Rei da Espanha não consegue mais controlar a situação”. A Inglaterra, a França e mesmo a Holanda começaram a contestar o eixo ibérico e a reivindicar seu lugar ao sol. O negro também teria seu lugar, mesmo sem pedir: era o sol escaldante das fazendas de cana-de açúcar, tabaco e algodão do Novo Mundo.

Segundo Caldeira (2013), o relato deste episódio foi lido e transcrito vezes sem conta. Mas isso não lhe retira o dramatismo. Embora o autor tenha morrido há mais de cinco séculos, a sua descrição não perdeu nada da frescura descritiva, da capacidade de evocação e de um sentido de humanidade tão profundo que as suas palavras ainda hoje nos comovem.

Gomes Eanes de Zurara, cronista da corte de D. Afonso V, contou de forma exemplar a chegada a Lagos do primeiro grande contingente de escravos africanos. E também se comoveu: “se as brutas animálias, com seu bestial sentir, por um natural instinto conhecem os danos de suas semelhantes, que queres que faça esta minha humanal natureza, vendo assim ante os meus olhos aquestos miserável campanha, lembrando-me de que são da geração dos filhos de Adão! Estava-se no ano de 1444, na manhã já quente

de um dia de princípios de agosto. A notícia do próximo desembarque corra de boca em boca nos campos e nas aldeias em redor de Lagos e não foram poucos os hortelãos e os lavradores que não hesitaram em perder um dia de trabalho por espectáculo tão inusitado, mesmo que a muitos deles tenha arrancado lágrimas e lamentos” (Caldeira, 2013).

De acordo com o autor, o próprio Infante D. Henrique, somando o interesse financeiro na partilha (cabia-lhe um quinto) à curiosidade pessoal, veio lá da Raposeira, num poderoso cavalo, até ao campo de Lagos onde os escravos estavam a ser descarregados e repartidos em lotes. O que se passava não era bonito de ver. Uns tinham as caras baixas e os rostos lavados em lágrimas, olhando uns para os outros; outros estavam gemendo mui dolorosamente, esguardando a altura dos céus, firmando os olhos neles, bradando altamente, como se pedissem socorro ao Pai da natureza; outros feriam seu rosto com as palmas das mãos, lançando-se estendidos no meio do chão; outros faziam suas lamentações em maneira de canto, segundo o costume de sua terra, nas quais, posto que as palavras da linguagem não pudessem ser entendidas dos nossos, bem correspondiam ao grau de tristeza.

Mas para seu dó ser mais acrescentado, sobreviveram aqueles que tinham cargo de partilha e começam a apartá-los uns dos outros, a fim de pôr os seus quinhões em igualeza; onde convinha a necessidade de se apartarem os filhos dos pais, e as mulheres dos maridos e os irmãos uns dos outros. A amigos nem a parentes não se guardava nenhuma lei, somente cada um caía onde a sorte o levava! (...). Quem poderia acabar aquela partição sem mui grande trabalho? Que tanto que os tinham posto em uma parte, os filhos, que viam os pais na outra, alevantavam-se rijamente e iam-se para eles; as mães apertavam os outros filhos nos braços e lançavam-se com eles de braços, recebendo feridas, com pouca piedade de suas carnes, por lhes não serem tirados! (Caldeira, 2013).

O autor sustenta ainda que os escravos desembarcados, num total de 235 indivíduos, tinham sido capturados na zona imediatamente a sul do Cabo Branco (em árabe, Ras Nouadhibou) por uma frota de «seis caravelas bem armadas», de capitais mistos, em que participaram pilotos experientes, como Gil Eanes, e que era comandada pelo escudeiro Lançarote da Ilha, um homem do Infante D. Henrique. Segundo o autor, as fontes não o dizem, mas é mais que provável que os elementos da expedição tivessem conseguido tão volumosa presa interceptando algumas caravanas de mercadores muçulmanos procedente da África subsaariana. Embora não tivesse sido alcançado até então um número tão

elevado de cativos, não era a primeira vez que chegavam a Lagos escravos do litoral africano resultado de expedições marítimas patrocinadas pelo Infante.

De uma forma simbólica, este triste episódio marca o início do tráfico Atlântico de escravos. A partir de 1444 e durante perto de 180 anos os portugueses detiveram o monopólio quase em exclusivo do comércio de escravos entre as margens do Atlântico. Só a partir de 1621, com a criação da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, começou a concorrência no mercado negreiro e foram surgindo rapidamente novos concorrentes (Caldeira, 2013).

De acordo com Vita (2019), o necessário trabalho de memória feito pelo filósofo francês Claude Ribbe, vocacionado a questões ligadas a escravatura dos africanos, revela que a Igreja Católica, mesmo condenando geralmente a escravatura, permaneceu silenciosa de 1444 – data das primeiras incursões portuguesas – até 1839 quando se tratava de condenar formalmente a escravatura dos africanos. Este culpado silencioso foi uma aprovação implícita. O autor sustenta que, com o apoio oficial de Portugal, Gil Eanes liderou em 1444 uma expedição ao Banco de Arguim, na costa da Mauritânia, para atacar africanos que foi vender como escravos. O ataque foi precisamente realizado em Cabo Branco, na fronteira entre a Mauritânia e o Saara Ocidental, e a venda foi feita em Lagos, Portugal.

O autor conclui que, embora o primeiro traficante de escravos europeu conhecido, desde 1441, seja o português Antão Gonçalves, também companheiro de Eanes, a operação de 1444 marca o início do tráfico de escravos africanos organizado pelos europeus, tal como foi sustentado por Caldeira (2013), tendo durado quatro séculos e meio.

Para Santos (2013), nos dois primeiros séculos dessa epopeia (XV e XVI), o agente económico quase que não se diferenciava do agente militar, do comerciante, do pirata, do colono, do conquistador, do empresário ou do aventureiro. Muitas vezes, o primeiro a chegar era o padre, com a cruz e a missa. Conforme declarou em dada ocasião o queniano Jomo Kenyatta, nacionalista pan-africano e defensor incansável do continente africano, “quando os missionários chegaram, os africanos tinham a terra e os missionários a bíblia. Eles nos ensinaram como rezar de olhos fechados, quando abrimos os olhos, eles tinham a terra e nós a bíblia”.

Essa aceção, confirma que o Cristianismo e o nome de Deus foram usados para facilitar a penetração dos europeus no continente africano e a dominação dos povos africanos, contrariando grandemente um dos dez mandamentos constantes na bíblia que foi

fundamental para a conquista do continente negro, precisamente o mandamento sete, que diz “não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, pois, o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão”.

De acordo Williams (2012), a primeira expedição inglesa para o tráfico de escravos foi a de Sir John Hawkins, em 1562. Como tantas das empreitadas elisabetanas, foi uma expedição bucaneira, transgredindo os termos da arbitragem papal de 1493, que fazia da África um monopólio de Portugal. Os escravos obtidos eram vendidos aos espanhóis nas Índias Ocidentais. O tráfico de escravo inglês foi de carácter inconstante e esporádico até o estabelecimento de colónias britânicas no Caribe e a implantação do sector açucareiro. Quando terminaram as revoltas políticas e sociais do período da guerra civil, em 1660, a Inglaterra estava pronta para se lançar vigorosamente a um ramo do comércio que só então começava a ser plenamente avaliado em termos de importância para as colónias britânicas de tabaco e cana-de-açúcar no Novo Mundo.

Essas acções e outras marcaram de forma simbólica e incontornável o início da maior tragédia da humanidade que mudou a história e o destino de todos os filhos do continente negro, tanto os que partiram numa viagem sem regresso como os que ficaram para sempre. Tema que é detalhado nas páginas seguintes, nas diferentes dimensões do processo.

3.2. O Tráfico de Escravos em África antes e durante a Colonização

3.2.1. O Tráfico de Escravos antes da Colonização

Segundo alguns historiadores (Caldeira, 2013; Keita, 2018), a escravidão esteve presente no continente africano muito antes do início do comércio triangular com os europeus. Desde os anos 700 d.C., prisioneiros capturados nas guerras santas, que expandiram o islão da Arábia pelo Norte de África e através da região do Golfo Pérsico, eram vendidos e usados como escravos. Esse processo aconteceu durante os três impérios medievais do norte da África (séculos X a XV), o comércio de escravos foi largamente praticado, mas não com tanta intensidade, violência e crueldade como aconteceu depois da entrada em acção das potências europeias daquela altura.

O volume e a violência do tráfico atlântico, que a campanha abolicionista do século XIX ajudou a analisar a sua verdadeira dimensão de horror, fizeram esquecer que os comerciantes muçulmanos tinham iniciado, vários séculos antes, o seu tráfico africano de escravos, transportando um número de escravizados ainda hoje difícil de contabilizar. A

questão dos «tráficos orientais» continua, aliás, a ser polémica mesmo actualmente, não faltando quem afirme que chamar a atenção para outras rotas é uma forma de desviar a atenção do comércio transatlântico, como se não fosse possível tratar todas as formas de tráfico com o mesmo esforço de isenção ou a mesma indignação apesar de um ser mais desumano que o outro (Caldeira, 2013).

O autor defende que o tráfico para o oriente teve início no século VII, com a formação do Império Árabe, sendo importante sublinhar que a lei islâmica não permitia a escravidão de muçulmanos, mas aceitava a dos infiéis, ou seja, de todos que não eram da religião muçulmana, o que levou a que se estabelecesse uma rede de abastecimento que incluía a população negra da África subsaariana, mas também as populações brancas dos países eslavos e do Cáucaso e de outras regiões fronteiriças do império, como os reinos cristãos do Al-Andalus.

Muhammad Ibn Hawqa, citado por Caldeira (2013), um geógrafo muçulmano de origem turca que viajou no século X pelo ocidente, registou nos seus cadernos que o artigo de exportação mais conhecido do Al- Andalus eram os escravos, rapazes e raparigas trazidos de França (condados catalães) e da Galiza (reino de Leão) que eram vendidos em leilões públicos em mercados especializados (ma'rid), do tipo dos existentes nas principais cidades do Império Muçulmano. Nesses pontos de venda de escravos iriam surgir, com uma frequência cada vez maior, africanos que eram chamados genericamente “do Sudão”. Era o resultado do tráfico transariano desenvolvido pelos muçulmanos após o domínio político de todo o Norte de África e que lhes dava acesso aos mercados africanos, que iam da África ocidental até ao norte da actual Nigéria, e na oriental até à Tanzânia.

A travessia do deserto, que podia demorar cerca de três meses, através da complexa rede de rotas caravaneiras que foram sendo criadas, era, como se calcula, dura e perigosa, sobretudo para grandes grupos, exigindo experiência e cálculos rigorosos sobre a duração das etapas para aproveitar os raros pontos de água existentes nos vários percursos. Ainda assim, a mortalidade era muito elevada, chegando a ultrapassar os valores que se vão registar na fatídica travessia do Atlântico. Pelas arriscadas pistas que cruzavam o Sahara, os comerciantes não traziam apenas escravos, mas também ouro, «pimenta da Guiné» e marfim. O destino eram os principais mercados mediterrâneos do Norte e do Cairo. Mais para ocidente eram Gadamés, Cairuão, Tunes, Marrakech ou Fez¹⁷.

¹⁷ RTP África – Reportagem: As Rotas da Escravidão, 03/05/20, 19 horas.

A escravatura desempenhou um papel determinante no estabelecimento, sustentabilidade e expansão de vários impérios que o mundo conheceu, como o Império Romano, o Muçulmano ou o Árabe. Em 841 Bagdad transformou-se na capital mundial, economicamente sustentado pelo sistema da escravatura montado naquele território, tendo passado naquela localidade mais de três milhões e quinhentos escravos de etnias africanas, que eram usados como mão-de-obra barata para cultivar a terra e garantir a produção agrícola entre o século VII e o XIV¹⁸.

Segundo dados históricos, no Iraque-Bagdad as pessoas de raça negra eram fortemente discriminadas, mesmo aquelas que pela sua capacidade física ou intelectual conseguiam inserir-se na sociedade como pessoas normais, com bom emprego por exemplo ou atingindo o estatuto de deputado, continuavam a ser consideradas cativas dentro do Império Muçulmano¹⁹.

Presume-se que foi através da intersecção de algumas destas caravanas vindas da região subsaariana que os portugueses obtiveram os primeiros carregamentos de escravos negros desembarcados em Portugal, e era também essa via que abastecia a feitoria de Arguim (na actual Mauritânia), onde o Infante D. Henrique mandou levantar em 1455 uma fortaleza, que só ficaria concluída já após a sua morte (Caldeira, 2013).

Paralelamente as rotas transarianas, os comerciantes muçulmanos e de outras origens abriram também uma rota marítima para o transporte de escravos da África oriental, através do oceano Índico e do mar Vermelho. Esses escravos provinham de uma vasta rota área da África centro-oriental que compreendia o Alto Congo e a região dos Grandes Lagos e ia até à bacia do rio Zambeze, sendo embarcados, em geral, a partir de um grande entreposto situado na ilha de Zanzibar. Embora o objectivo fosse sobretudo o abastecimento da Arábia com mão-de-obra escrava, a verdade é que, desde o século VIII, surgem africanos escravizados quase em todo o arco do oceano Índico e até para lá do estreito de Malaca. O processo da escravatura expandiu e no final do século IV já havia notícias de escravos negros na ilha de Java, e uma inscrição um pouco posterior dá conta de uma oferta de cativos de origem africana feita por um rei javanês ao Imperador da China (Caldeira, 2013).

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

Importa referir que no mundo muçulmano eram destinadas aos escravos africanos as tarefas mais diversas. Eram também recrutados como soldados, por exemplo em Marrocos, desde os Almorávidas, havia temidos corpos do exército formado por escravos e isso pode ser observado até aos dias de hoje, sobretudo na guarda real marroquina. O mesmo acontecia também no Iraque, em Bagdad, na época dos grandes califas abássidas. Independentemente do exército, havia também milhares de escravos africanos em outros trabalhos como na exploração das minas de sal, de alúmen e de cobre do deserto do Sara; nas grandes explorações agrícolas em vários pontos do império, como era o caso das planícies pantanosas do Tigre e do Eufrates; nos estaleiros da construção naval ou como remadores nas gales de combate; em suma, todos trabalhos físicos difíceis e de grande risco eram da responsabilidade dos escravos (Caldeira, 2013).

No passado, ou seja, durante a escravidão, os prisioneiros de guerra eram utilizados como mão-de-obra barata para grandes empreendimentos e particularmente para trabalhos agrícolas. No período de paz a mão-de-obra excedente era trocada, penhorada, ofertada ou vendida para aquisição de bens de primeira necessidade, quando não fosse por quinquilharias fabricadas no estrangeiro e por ele vendidas. Havia também capturas de homens livres através de actos de banditismo praticados fora do âmbito de guerra, cujas vítimas eram obrigadas a trabalhar em proveito dos raptos até serem comercializados (Ferreira, 2012).

Os prisioneiros e os sequestrados, como nem sempre eram restituídos aos seus povoados de origem, por questão de honra dos vencedores ou de receio dos ladrões, eram mortos por falta de condições para mantê-los ou controlá-los. No entanto, com a evolução do tempo, verificou-se que havia hipótese de os vender, mudou-se de estratégia e passaram a ser comercializados como mercadoria para satisfazer o mercado que precisava de mão-de-obra barata para aumentar a produção interna. Tendo surgido assim o assédio dos estrangeiros por interesse de força de trabalho fisicamente forte a baixo preço, a fim de revender-se a comerciantes negreiros que os expatriavam para outros continentes (Ferreira, 2012).

O autor prossegue afirmando que, em tempo de crise, isto é, quando houvesse outra solução para sobrevivência, não eram vendidos apenas os prisioneiros, como também os próprios súbditos, os quais, com um pouco de mais sorte, poderiam ser penhorados pelos parentes directos (tios maternos) a estranho de mais posses, aos quais se endividavam para que em tempo de bonança pudessem ser resgatados e voltava tudo ao normal como

era inicialmente. Apenas em casos de condições extremas que os Sobas autorizam a penhora para a venda de seus filhos de sangue, quando por exemplo fossem confrontados com uma calamidade natural, que não pudesse ser superada, como a seca ou excesso de chuvas que provocavam miséria, fome e sofrimento. Na maior parte dos casos, preferiam apenas penhorá-los para proteger e manter a família unida, essas situações eram muito frequentes no território actual de Angola.

A escravidão é a condição em que o ser humano está sujeito ao cativo, como prisioneiro de guerra, oferta, dote, penhora, permuta. Nos casos em que, para receber uma educação melhor em instituições religiosas, casa de padrinhos ou de outras pessoas com melhores condições de vida, sem remuneração, tinham de fazer trabalhos forçados para compensar ou em troca daquilo que recebiam. Os europeus estudaram lições da escravidão que era praticada quase em toda África, variando consoante a localidade, povo, religião e cultura, para introduzirem a escravatura transatlântica (Ferreira, 2012).

A parte mais polémica relacionada com os chamados «tráficos orientais», é o desconhecimento do número de homens e mulheres africanos escravizados que terão sido forçados a deixar as suas terras de origem. Trata-se de um fenómeno desenvolvido num espaço temporal bastante longo (séculos VIII a XX), mas não há registos consistentes em termos de dados numéricos sobre as referidas rotas. Segundo Caldeira (2013), para os anos que vão de 650 a 1400, ou seja, antes do início do comércio transatlântico, o historiador americano Ralph Austen calcula que tenham sido transportados pelas rotas transarianas cerca de 4 milhões de escravos, e perto de 2 milhões por via marítima.

O número total dos «tráficos orientais» no período que vai de 650 a 1920 – só no início do século XX terminou oficialmente a circulação de escravos por essas rotas – está longe de ser objecto de consenso. Têm sido apresentados valores que oscilam entre os 9 milhões e os 17 milhões de seres humanos deportados de África. Os números que têm sido avançados no tráfico transatlântico são em torno dos 13 milhões de vítimas africanas (Caldeira, 2013).

Argumenta-se que os valores entre ambos não sejam tão díspares, embora a que se ter em conta que no comércio transariano e oriental se trata de um processo que se prolongou por mais de 1300 anos, enquanto no atlântico se concentrou em cerca de quatro séculos. Apesar de ter sido menos tempo, foi o mais violento, cruel e desumano. Os defensores dos valores mais elevados para os «tráficos orientais» puderam utilizar essa aparente

diferença quantitativa para continuar a afirmar que «não foram os ocidentais os maiores negociantes de escravos» (Caldeira, 2013).

Nas sociedades indígenas pré-coloniais havia pessoas que serviam as outras famílias, onde o direito sobre elas era transferido para quem serviam ou pertenciam, dependendo da situação e das circunstâncias. Esse tipo de pessoa era chamado “escravo”, mas é preciso referir que havia uma grande diferença entre os escravos daquele tempo, os escravos árabes e os que surgiram depois da colonização do continente africano pelos europeus (Koponen, 1988). O que era chamado escravos nas sociedades indígenas eram pessoas que perdiam os seus direitos por várias razões: a falta de meios financeiros para pagar uma dívida de grande valor, prisioneiros de guerra ou alguém que cometeu um crime grave e mereça uma pena pesada. Entre o patrão e o escravo a relação era de protecção como também de serventia. Por exemplo, segundo o Instituto de Educação da Tanzânia (1988), o escravo podia casar-se, criar a sua própria família, cultivar a sua terra e criar a sua própria riqueza.

Numa entrevista efectuada ao Nyarubamba II (1988), o último Rei de Kihanja, uma localidade da Tanzânia, explica como a escravatura funcionava naquela altura:

“O escravo podia ser qualquer pessoa do reino. Ele ou ela podia dirigir-se ao rei porque ouviu algumas vozes dizendo para ir ao palácio entregar-se ao rei. Dentro do palácio do rei ele ou ela podia trabalhar como servente e aprender como os alunos numa escola actualmente. O escravo não teria salário, mas trabalharia e em troca receberia comida e um espaço para viver. Nessa situação, o rei tinha que assumir a responsabilidade sobre essas pessoas quando houvesse algum problema, e enquanto permanecessem no palácio a sua saúde e alimentação seriam tutelados pelo rei. Quando o escravo, sobre sua livre e espontânea vontade, pretendesse reganhar a sua liberdade pedia ao rei, e este por sua vez, autorizava a saída do escravo do seu palácio, concedendo-lhe a liberdade e colocando-lhe um sinal numa das mãos para demonstrar que essa pessoa é livre e que já não é obrigada a viver no palácio real”.

A semelhança do que sucedeu na Tanzânia também ocorria em outras partes do continente africano. A escravatura entre famílias sempre existiu, mas num outro prisma ou conceito mais humano, sem grande violência ou humilhação. Era preciso que houvesse factos concretos para submeter o outro à escravidão, um reconhecimento do próprio e da família da falha ou falta em alguma coisa perante o outro. Segundo ainda o Nyarubamba II, esse

tipo de escravatura não tinha nada a ver com o comércio de escravos pré-colonial protagonizada pelos árabes, nem tão pouco com o comércio triangular levado a cabo pelos europeus durante a colonização do continente africano. Quando os árabes chegaram à África ocidental encorajaram a escravatura porque era a principal fonte de mão-de-obra para eles.

Segundo Ahmad Baba, citado por Willis (1985), a lei islâmica determinava de que todas as pessoas que pertenciam a um grupo que não tinha nenhum pacto de paz com a religião muçulmana não tinham protecção divina e eram consideradas infiéis. Os infiéis podiam ser capturados e transformados em escravos, através da Jihad, depois de recusar a conversão ao islamismo. Aquelas pessoas que nasceram dentro da religião muçulmana ou aquelas convertidas para islamismo antes da Jihad são consideradas livres perante a lei islâmica, confundindo-se com a filosofia usada pelos católicos. Importa referir que quando um homem não muçulmano se convertia ao islamismo depois da sua captura como escravo continuaria a ser escravo até a sua libertação formal, através de um dos vários canais que a lei islâmica dispõe.

A visão muçulmana sobre a escravatura funcionou quase da mesma forma que o tráfico negreiro ou atlântico que é abordada na temática seguinte.

3.2.2. O Tráfico de Escravos Durante a Colonização

A escravatura surgiu da carência de mão-de-obra, com força e resistência para trabalhos físicos duros da época, em continentes como a Europa e América. Esse acontecimento fez prosperar o negócio que transformou os homens, mulheres e crianças do continente negro em mercadoria, muitas vezes vendida a baixo preço com a cumplicidade dos próprios africanos, que serviam de angariadores ou intermediários a favor dos estrangeiros. Quando os latifundiários se aperceberam do tratamento que os africanos recebiam dos seus próprios irmãos, como cativos ou quando cometessem algum crime ou como prisioneiros de guerra, exploraram o cenário de forma inteligente e traçaram a estratégia de envolver os nativos no processo, dividindo-os para facilitar o seu negócio.

O escravagismo surge como um sistema económico a partir do momento em que se constata a necessidade do tráfico de escravos, no qual estavam envolvidos europeus e africanos, como é o caso de Angola e da maior parte dos países escravizados. O comércio de escravos tornou-se bastante rentável a partir do século XVI, depois do descobrimento de regiões férteis que precisam de homens fortes para trabalhar nas Américas, visto que

os seus autóctones não reuniam as condições físicas e de resistência necessárias para o efeito. Na condição de escravo, o homem deixava de ser pessoa e passava a ter valor comercial de um objecto no mercado, dependendo da época da sua comercialização e do local a ser vendido (Caldeiras, 2013).

A escravatura é um negócio que foi explorado por todos estrangeiros em África. Em Angola foram os portugueses, espanhóis e holandeses os maiores esclavagistas e incentivadores da escravatura, praticando-a directamente ou através de meios pouco escrupulosos, como a índole do próprio negócio (Ferreira, 2012). O quadro 17 demonstra as estimativas do movimento de escravos nas diferentes regiões, de 1451-1870.

Quadro 17. Estimativa da Importação de Escravos pelas Américas 1451-1870

Nº Ord.	Região ou País	Philip Curtin	Jaimes Rawley
01	América do Norte Britânica	399.000	523.000
02	América Espanhola	1.552.100	1.687.000
03	Caribe Britânico	1.665.000	2.443.000
04	Caribe Francês	1.600.200	1.655.000
05	Caribe Holandês	500.000	500.000
06	Caribe Dinamarquês	28.000	50.000
07	Brasil	3.646.800	4.190.000
08	Velho Mundo	175.000	297.000
TOTAL		9.566.100	11.345.000

Fonte: (Curtin, 1969: 87; Rawley, 1981: 428)

A grande questão levantada por vários historiadores é saber de facto o número de pessoas que foram traficadas nesse processo. Milhões de homens, mulheres e crianças foram lançados através dos oceanos para espaços desconhecidos. Quantos escravos foram transportados da África para as Américas em quatro séculos? Vários investigadores tentaram responder essa questão baseando-se em pesquisa documental, cálculos derivados. Alguns chegaram em estimativas de 20 milhões, outros menos. Como se pode constatar, o quadro 18 põe em evidência a variação das estimativas fornecidas pelos vários autores.

Quadro 18. Estimativas demográficas do tráfico de escravos entre vários autores

Nº Ord.	Autore	Ano	Estimativa
01	E.D. Dunbar	1861	13.887.500
02	O. Martins	1880	20.000.000
03	W. E. B. Du Bois	1915	15.000.000
04	R. R. Kuczynski	1936	14.650.000
05	N. Deer	1949	11.970.000
06	P. D. Curtin	1969	9.566.100
07	J. J. Ajayiej. E. Inikori	1978	15.400.000
08	Lovejoy	1983	11.698.000
09	C. Coquery- Vidrovitch	1985	11.698.000

Fonte: Elaboração própria baseado em Daget (1990: 171).

No entanto, há outros dados em termos de perda da demografia africana durante a escravatura, referentes ao período compreendido entre os séculos VII e XIII e o século XVI. O afroamericano W. Du Bois, tido como dos maiores especialistas sobre o tráfico negreiro, fornece estimativas de números de escravos levados para América com base em variados métodos de cálculos: novecentos mil no século XVI, dois milhões setecentos e cinquenta no século XVII, sete milhões no século XVIII, quatro milhões no século XIX. Através destes valores obtém-se um total de quinze milhões, tal como ilustrado no quadro 18. Após novas investigações (tomando em consideração os manifestos de partida) foi estabelecido que o total de negros transformados em escravos, entre homens, mulheres e crianças, ascendia aos cem milhões de pessoas (Keita, 2018, p. 297).

Nunca a humanidade tinha experimentado situação do género e espera-se que não venha a ocorrer jamais um genocídio. Como sublinhou Keita (2018, p. 297), “nunca o racismo, em nenhuma parte do mundo, tinha feito tantas vítimas como aconteceu durante o comércio triangular. As vítimas do tráfico negreiro do século XV ao XIX sejam quais forem as razões que estiveram na base do tal genocídio humano, o número de pessoas vítimas da escravatura ultrapassou todas as expectativas possíveis e imagináveis”. As estimativas no quadro 19 são demonstrativas da perda demográfica em África por via do tráfico de escravos.

Quadro 19. Estimativas de Perda Demográfica em África VII - XVI

Período	Número	Média Anual
650 – 800	150.000	1000
800 – 900	300.000	3000
900 – 1100	1.740.000	8700
1100 – 1400	1.650.000	5500
1400 – 1500	430.000	4300
1500 – 1600	550.000	5500

Fonte: Keita (2018, p. 296).

Como foi mencionado, o tráfico transatlântico, simbolicamente teve o seu início em 1444, apesar de que muito antes dessa data já havia movimentações de escravos de forma isolada em pequena escala perpetrados pelos europeus, sobretudo pelos portugueses. Portugal teve um papel pouco honroso na história do comércio triangular por ter sido o país, segundo vários historiadores, que iniciou o tráfico de escravos no Atlântico, graças ao domínio da técnica das caravelas, tendo conservado o monopólio do processo durante 180 anos até o surgimento de novos concorrentes.

Vários investigadores e estudiosos têm trabalhado ao longo das últimas décadas para encontrar dados que permitam definir o número mais aproximado possível de africanos que foram forçados a abandonar o seu *habitat* (casa, família, terra e país), para satisfazer os interesses e ambições de outras pessoas e nações. Este importante e ambicioso projecto de investigação colectiva é dirigido pelo historiador norte-americano David Eltis, que pretende criar uma base de dados capaz de reconstruir a dimensão e a estrutura do tráfico negreiro entre os séculos XVI e XIX, tendo sido já divulgados os primeiros resultados em 1999 em CD-ROM e colocados na Internet para facilitar a consulta livre aos interessados (Caldeira, 2013).

Os estudiosos inseridos no projecto constataram que as expedições negreiras latino-americanas estavam seriamente subestimadas e, como consequência disso, entre 2001 e 2005 foi realizada uma pesquisa mais profunda e alargada que envolveu vários investigadores em arquivos de língua portuguesa e espanhola nas bacias do Atlântico para corrigir as lacunas encontradas. Foi um trabalho que levou três anos, de 2002-2005,

financiado pela Arts and Humanities Research Board do Reino Unido, administrados pela University of Hull, tendo o David Richardson e o David Eltis como principais investigadores (Cardeira, 2013).

Com os novos dados, em função das 36.000 viagens de escravatura constatadas pelos investigadores entre XVI e XIX, conseguiu-se obter uma melhor apreciação da dimensão que teve o fenómeno tráfico negreiro em termos de movimentação de pessoas. Nesta base, projecções actuais apontam que partiram da África central-ocidental 5.567.530 africanos de ambos os sexos, representando cerca de 44,5% de todos os africanos que deixaram o continente, cujo total geral segundo os últimos dados é de 12.524.336 pessoas, dos quais 4.839.311 sobreviveram à travessia do Atlântico e desembarcaram nas Américas ou em outras terras que não tinham nada a ver com sua cultura e realidade (Lovejoy, 2015, p. 441).

Segundo Caldeira (2013), de acordo com as estimativas mais recentes, África perdeu entre os anos de 1500 e 1866 mais de 12.500.000 dos seus amados filhos, só através do tráfico transatlântico. A imensa maioria embarcada em direcção ao continente americano. Desses, apenas 10.700.000 terão posto os pés nas Américas, os cerca de 2 milhões restantes, cerca de 14,5% do total, morreram de fome, sede, maus tratos ou doença, nos porões dos navios, denominados adequadamente de «tumbeiros».

Os quadros 20, 21, 22 e 23 que se seguem apresentam indicadores numéricos arredondados sobre a quantidade de escravos transportados anualmente, seu destino, país de origem, protagonistas e outros elementos importantes de análise, para ajudar a compreender o fenómeno tráfico de escravos, a sua dimensão e os seus principais intervenientes.

Quadro 20. Estimativa do Tráfico Atlântico de Escravos por Países/bandeira de 1501-1866

Anos	Portugal Brasil	Grã Bretanha	França	Espanha Uruguai	Holanda	EUA	Países Bálticos	Totais
1501/1550	32.400	---	---	31.700	---	---	---	64.100
1551/1600	121.800	1900	100	88.200	1400	---	---	213.400
1601/1650	469.100	33.700	1800	127.800	33.600	800	1.100	667.900
1651/1700	542.000	394600	36.600	18.500	186.400	3300	26.300	1.207,700
1701/1750	1.011,100	964.600	380.000	---	156.900	37.300	10.600	2560.500
1751/1800	1.201,900	1.580,700	759.000	10.700	173.100	152.000	56.700	3.934,100
1801/1850	2.460,600	284.000	203.900	568.800	3.000	111.400	16.300	3.648,000
1851/1866	9.300	---	---	215.800	---	500	---	225.600
TOTAIS	5.848,200	3.259,500	1.381.400	1.061,500	554.400	305.300	111.000	12.521,300

Fonte: Caldeira (2017, p. 32). Número arredondado à centena.

Quadro 21. Origem Geográfica dos Escravos Africanos do Tráfico Transatlântico

Anos	Senegâmbia e Serra Leoa	Costa do Ouro (Mina)	Baía do Benim	Baía do Biafra	África Centro Occidental	Outras Origens	Totais
1501-1550	57.200	0	0	2.100	4.900	0	64.100
1551-1600	91.500	0	0	6.400	113.000	2.500	213.400
1601-1650	55.600	2.500	9.600	36.500	563.400	300	667.900
1651-1700	87.300	106.200	260.200	149.900	571.400	32.700	1.207.700
1701-1750	166.200	460.600	734.900	248.900	888.200	61.900	2.560.600
1751-1800	399.000	553.900	549.700	655.700	1.477.000	298.600	3.934.000
1801-1850	282.700	86.100	410.800	495.200	1.919.900	453.300	3.648.800
1851-1866	4800	0	33.900	0	156.800	30.200	225.600
TOTAIS	1.144.300	1.209.300	1.999.000	1.594.600	5.694.699	879.500	12.521.300

Fonte: Fonte: Caldeira (2017, p. 34). Número arredondado à centena.

Quadro 22. Partidas de Escravos da África Ocidental e da África do Centro-Oeste

Anos	África Ocidental	%	África do Centro- Oeste	%	Total de Partidas
1501-1525	12.726	95.2	637	4.8	13.363
1526-1550	46.571	91.7	4.219	8.3	50.790
1551-1575	52.916	86.7	8.138	13.3	61.054
1576-1600	47.511	31.2	104.884	68.8	152.395
1601-1625	31.395	8.9	322.013	91.0	353.753
1626-1650	74.407	23.7	239.642	76.3	314.049
1651-1675	203.770	41.6	275.225	56.2	489.525
1676-1700	455.838	63.1	250.060	34.6	721.842
1701-1725	814.806	74.3	268.390	24.5	1.096.009
1726-1750	916.776	61.8	564.142	38.0	1.484.080
1751-1775	1.238.466	63.5	705.886	36.2	1.950.086
1776-1800	1.136.161	56.0	841.544	41	2.029.347
1801-1825	771.834	41.1	904.930	48.2	1.876.649
1826-1850	467.471	26.5	1.049.315	59.4	1.767.308
1851-1865	148.179	67.0	28.504	12.9	221.324
TOTAIS	6.418.829	51.0	5.567.530	44.3	12.581.573

Fonte: The Trans-Atlantic Slave Trade Database, www.slavevoyages.org (14 de Janeiro de 2018).

Quadro 23. : Tráfico de Escravos Transatlântico por Países de 1501-1875

Anos	Espanha/ Uruguai	Portugal/ Brasil	Grã- Bretanha	Países Baixos	EUA	França	Dinamarca	Totais
1501- 1525	6.363	7.000	0	0	0	0	0	13.363
1526- 1550	25.375	25.387	0	0	0	0	0	50.762
1551- 1575	28.167	31.089	1.685	0	0	66	0	61.007
1576- 1600	60.056	90.715	237	1.365	0	0	0	152.373
1601- 1625	83.496	267.519	0	1.829	0	0	0	352.844
1626- 1650	44.313	201.609	33.695	31.729	824	1.827	1.053	315.050
1651- 1675	12.601	244.793	122.367	100.526	0	7.125	653	488.065
1676- 1700	5.860	297.272	272.200	85.847	3.327	29.484	25.685	719.675
1701- 1725	0	474.447	410.597	73.816	3.277	120.939	5.833	1.088.909
1726- 1750	0	536.696	554.042	83.095	34.004	259.095	4.793	1.471.725
1751- 1775	4.239	528.693	832.047	132.330	84.580	325.918	17.508	1.925.315
1776- 1800	6.615	673.167	748.612	40.773	67.443	433.061	39.199	2.008.670
1801- 1825	168.087	1.160.601	283.959	2.669	109.545	135.815	16.316	1.876.992
1826- 1850	400.728	1.299.969	0	357	1.850	68.074	0	1.770.978
1851- 1875	215.824	9.309	0	0	476	0	0	225.609
TOT AIS	1.061.524	5.848.266	3.259.441	554.336	305.326	1.381.404	111.040	12.521.337

Fonte: The Trans-Atlantic Slave Trade Database, www.slavevoyages.org (14 de Janeiro de 2018).

Número arredondado à centena.

Constata-se que Portugal, mesmo com a entrada em acção de novos países no negócio conservou a liderança por mais de dois séculos e meio. Só após o período 1751-1800 é que perde o primeiro lugar a favor da Grã-Bretanha, conforme ilustra o quadro 20,

voltando, entretanto, a recuperar o seu espaço no período de 1801-1850. Neste meio século, Portugal atinge pela primeira vez a cifra de 2.460.600 escravos e fecha o ciclo com um total de 5.848.200 escravos africanos traficados.

O reinado português contou no início do processo com o suporte legal do Papa Nicolau V, através da bula de 1452, que concedia a Don Afonso o direito de conquista e sujeição de terras aos sarracenos, e da bula aos romanos pontífex de 1455, que outorgava a Portugal e ao Infante Don Henrique o direito de invadir e conquistar terras dos infiéis e dos pagãos rendendo-os à escravidão, bem como adquirir legitimamente todas terras descobertas ou a descobrir perpetuamente, proibindo qualquer interferência de outras nações em acções portuguesas sobre essa matéria.

O quadro 20 demonstra também que a Espanha, apesar de ser o segundo país a entrar no tráfico negreiro ao lado de Portugal, foi ultrapassada pela Grã-Bretanha que inicialmente entrou no processo de forma tímida. Outro protagonista no processo é a França, tendo somado um total de 3.259.500 escravos africanos entre os anos de 1501 e 1866.

Os quadros 22 e 23 resumem a origem geográfica dos escravos africanos do tráfico transatlântico, ilustrando que a região da África ocidental foi a primeira a ser fortemente atingida pelo fenómeno negreiro, tendo atingido o apogeu no período de 1751-1775, com o número total de 1.238.466 africanos capturados e um total geral de 6.418.829 forçados a abandonar as suas famílias, casas e terras numa viagem para um destino desconhecido e sem regresso, representando 51% do total de escravos levados fora do continente.

A região entre os rios do Senegal e Gâmbia, a chamada Senegâmbia, foi a primeira com que os portugueses estabeleceram relações regulares de comércio. A intensidade desses contactos fará com que um crioulo português se vá tornar, durante séculos, uma espécie de língua franca do comércio nessa área, mesmo quando passam a ser franceses e ingleses que aí se instalam. Como em todas as outras regiões, foi no século XVIII que a Senegâmbia e a Serra Leoa viram crescer o tráfico de forma mais marcada, ultrapassando índices até aí registados (Caldeira, 2013).

No princípio do tráfico negreiro, os protagonistas estavam atraídos pelo cheiro do ouro, mostraram particular interesse pelo segmento noroeste do golfo (a chamada Costa da Mina ou Costa de Ouro, entre o Cabo das Palmas e o rio Volta), que povoaram de fortalezas. Seria, no entanto, da Baía do Benin (a que os portugueses tinham chamado Costa dos Escravos e frequentavam desde o fim do século XV) que saíram, no final do

século XVII e nas primeiras décadas do século XVIII, os maiores efectivos de mão-de-obra cativa (trazidos até ao litoral através dos braços do rio Níger). Essa capacidade de exportação vai-se progressivamente alargando à Baía do Biafra, desde a barra do Níger até ao Cabo de Lopo Gonçalves. Assim, enquanto na primeira metade do século XVIII teriam saído 734.900 escravos da Baía do Benin e 248.900 da Baía de Biafra, na segunda metade a posição inverte-se, sendo os números, respectivamente de 549.700 e 655.700 (Caldeira, 2013).

Segundo Caldeira (2013), entre 1456 e 1462, foram sendo descobertas as dez ilhas do arquipélago de Cabo Verde (todas elas desabitadas), e logo em 1462 começaram a ser feitas diligências para o seu povoamento, sendo a Ilha de Santiago entregue em capitania a Diogo Afonso (parte norte) e a António da Noli (parte sul). Será este último quem inicia o aproveitamento económico da ilha e esteve na origem do que viria a ser a cidade da Ribeira Grande (hoje conhecida como Cidade Velha, Património Mundial da UNESCO). Como forma de atrair povoadores, o Rei D. Afonso V, concedeu aos moradores de Santiago vários privilégios, uma vez que «por ser tão alongada de nossos reinos, a gente não quer ir lá viver, senão com mui grandes liberdades e franquezas». Entre os privilégios contava-se o livre comércio com a Costa da Guiné (com excepção de Arguim), prerrogativa que foi, alguns anos depois definida com maior rigor e restringida à região entre o rio Senegal e a Serra Leoa.

Com esse estatuto especial, o arquipélago de Cabo Verde, e em particular a Ilha de Santiago, vai tornar-se assim e por alguns séculos um entreposto estratégico fundamental da navegação atlântica, funcionando inicialmente como intermediário no tráfico de escravos entre a costa africana (Costa da Guiné) e os mercados europeus da Península Ibérica. A partir de 1518, a Espanha começa a autorizar a ligação directa com a América, sendo os portos de destino são sobretudo São Domingos, na Ilha Hispaniola, e alguns da «terra firme», como Vera Cruz. Exemplificando esse tráfico, entre junho de 1541 e dezembro de 1546 saíram do Porto da Ribeira Grande 68 navios com destino às Índias Espanholas, levando a bordo um total de 7442 escravizados (Ferreira, 2012).

A humilhação e desvalorização do negro africano foi tão longe que um cavalo chegou a ser trocado por 25 a 30 escravos africanos, embora depois de 1500 dificilmente valesse mais de dez, e a tendência era de um ratio descendente. O grande paradoxo e como ironia do destino, entre os chamados lançados ou tangomaus – são algumas das mais alucinantes e fascinantes personagens da expansão portuguesa no mundo – a maior casou com

mulheres africanas, muitas delas filhas de chefes locais, ganhando assim uma notoriedade social que os tornava intermediários privilegiados no tráfico de escravos do ponto de vista económico e comercial. No domínio cultural, a sua originalidade deriva da imersão muito profunda no universo dos comportamentos e dos valores africanos, dando origem a descendentes, homens e mulheres, à primeira geração de euro-africanos (Ferreira, 2012).

Como refere o cabo-verdiano Carreira (2000, p. 14), “é a escravatura e à sua persistência, ao longo dos séculos, que devemos a nossa especificidade, a nossa identidade. Sem ela, as nossas características, enquanto povo, seriam absolutamente semelhantes às dos restantes arquipélagos atlânticos que formaram a Micronésia, como sejam as Canárias, os Açores e a Madeira. Em todos eles foram introduzidos escravos que acompanhavam sempre a produção da cana sacarina. Diluíram-se, completamente, no seio da população branca e não há memória que tenha marcado as suas sociedades. Mesmo em Portugal, cuja Lisboa quinhentista apresentava 10% de população negra, onde a mão-de-obra negra e escrava persistiu até 1763, data da abolição da escravatura no reino, essa população diluiu-se completamente. Portanto, a cabo-verdeneidade, de que tanto falamos e que tanto orgulho nos suscita, tem a marca indelével do negro africano (...). Não se pode, pois, negar, nem esconder as influências negro-africanas na nossa cultura. Como foram muitas e diversas as etnias que participaram nesse processo, o difícil é identificar quem é quem nesse mosaico cultural que somos.”

A região da África do centro-este também sofreu fortemente com o comércio triangular, tendo no período de 1826-1850 sido a zona que mais escravos forneceu, atingindo 1.049.315, ou seja 59,4% de todo continente africano no período referido. Esta região perdeu um total geral de 5.567.530 africanos de 1501 a 1865, representando 44,3% do total traficados durante o período. Importa referir que foi a região da África do centro-oeste que mais escravos forneceu, compreendendo essencialmente o Loango, o Kongo (cujo porto principal é Mpinda, na embocadura do rio Zaire) e Angola (com os portos de Ambriz, Luanda e Benguela). Por esses portos centro-ocidentais africanos se escoou uma imensa corrente humana, entre 5 milhões e 6 milhões de pessoas, quase metade dos efectivos do total do tráfico transatlântico.

A região da África oriental não contribuiu muito com o envio de escravos que povoaram Américas, por ter sido atingida apenas na fase final do comércio negreiro. Nessa fase os traficantes acharam compensador passar o Cabo da Boa Esperança para ir buscar aos Portos de Moçambique o complemento de algumas dezenas de milhares de escravizados.

3.3. O Tráfico de Escravos em Angola

A escravatura chegou a Angola 38 anos depois de ter iniciado na África ocidental, tendo atingido fortemente a região da Senegâmbia, Tanzânia, Cabo Verde e outros países ou territórios daquela zona. O Reino do Kongo, serviu como porta de entrada da tragédia que martirizou o continente negro, tendo sido considerado como a pior catástrofe que a humanidade testemunhou e que mudou para sempre a história e o destino da África e dos seus filhos (Deveau, 1994).

Tudo começou quando em 1482, depois da chegada do navegador português Diogo Cão, com a sua caravana na foz do rio Nzadi (Zaire), na costa do Soyo, onde colocou o seu padrão²⁰, que deu ao local o actual nome de Ponta do Padrão. Para além desse simbolismo, os portugueses marcam muito mais o território, uma rotura profunda na história do povo angolano que foi obrigado a aceitar como dádivas as migalhas de um progresso alheio, a fazer muitas vezes o que menos lhes convinha, pagando com as chagas profundas que a escravatura causou uma factura pesada em benefício do pretense benemérito.

Os navegadores portugueses foram bem-recebidos no Reino do Kongo. Foram três as caravelas comandadas por Diogo Cão, a quem o Rei D. João II de Portugal tinha confiado a missão de descobrir ou pelo menos tentar encontrar o caminho marítimo para a Índia, e durante a sua digressão, aproveitar a ocasião para fazer o reconhecimento da costa ocidental de África. Paralelamente a isso, tinha recebido instruções para não fazer o uso da violência, assim como não esquecer de colocar, se possível, padrões de pedra a assinalar a passagem dos portugueses nas terras descobertas (Heywood e Thornton, 2007; Fortuna, 2011; Caldeira, 2013).

A porta de entrada foi no Soyo, onde foram recebidos não directamente pelo Mani Soyo (governador da província), mas por intermédio de mandatários seus, entre os quais se contava um sobrinho. Recebidos de braços abertos por homens e mulheres aos olhos de todo um povo encantado e curioso pela súbita e aparatosa presença desses homens vindos de um longínquo reino situado “para lá do mar”. À primeira vista, em paz, de mãos e coração abertos, sempre dispostos a presentear seguindo a tradição e costumes da África enraizada nos bakongo (Fortuna, 2011).

²⁰ É um marco que os portugueses foram colocando em todos os territórios africanos descobertos e conquistados por eles, simbolizando a sua presença por forma a defenderem-se dos concorrentes que também vinham com a mesma intenção.

Depois da calorosa recepção oferecida aos ilustres visitantes, o comandante da navegação, atrasou com os contactos com a população local, não sabia que o Soyo era uma província e parte integrante do Reino do Kongo. A capital do reino era M'Banza Kongo (Kongo Dia Ntotela), onde vivia o soberano do Kongo, o Muanakongo ou Ntotela, e situava-se há 400 quilómetros do interior da localidade onde se encontravam. Durante os seus contactos com a população do Soyo, Diogo Cão tomou conhecimento da existência de grandes lagos que na sua visão pudessem facilitar a sua chegada a Índia que era o seu objectivo principal. Mas, para alcançar os referidos lagos seria necessário ir pela parte de cima do rio.

Durante a sua estadia em terras do Kongo, os marinheiros da sua frota sob o seu comando ou talvez não, foram navegando pelo rio até esbarrar com as intransponíveis cataratas de Yelala. Grande foi sem dúvida a decepção, e voltaram a Mpinda, uma importante localidade do Soyo na história da escravatura, que se transformou em grande porto de embarque de escravos. Enquanto o comandante Diogo Cão voltava ao mar e navegava para o sul a procura da passagem marítima para a Índia, um grupo de portugueses foi de visita a M'Banza Kongo, para a apresentação de saudações da parte do rei de português com presentes ao soberano Reino do Kongo (Fortuna, 2011).

Com os gestos amistosos de ambas as partes se criou uma atmosfera de respeito mútuo, que permitiu que em pouco tempo se arquitectasse trocas comerciais que duraram vários anos. Logo nos primeiros anos foram enviadas várias pessoas do Reino do Kongo, incluindo o filho do rei, Mvemba a Nzinga, futuro rei D. Afonso I, a Portugal, para serem educadas à maneira lusitana. Em contrapartida, padres artesãos e comerciantes portugueses instalaram-se no Reino do Kongo para transmitir os seus conhecimentos aos nativos, incluindo a bíblia sagrada, para acalmar os espíritos dos enfiéis. No princípio os dois reinos tinham relações bilaterais fraternas, privilegiadas e próximas, na base da igualdade e reciprocidade entre as duas partes, com troca de embaixadores, chegando mesmo a tratarem-se por irmãos nas suas correspondências (Fortuna, 2011).

No intercâmbio entre os dois reinos, os produtos essencialmente comercializados eram: de Portugal vinham tecidos, vinho, aguardente, objectos de culto e outras bugigangas; e do Reino Kongo eram fornecidos marfim e escravos, tendo assim começado o triste fenómeno que viria transformar-se numa tragédia. Segundo Vladimiro (2011), o principal comércio praticado pelos portugueses no Reino do Kongo, do século XV ao XVI foi o tráfico de escravos. Com efeito, todos os portugueses residentes naquele território desde

alfaiates, carpinteiros, pedreiros, professores e até missionários, participaram no referido negócio e solicitavam que os seus serviços fossem pagos em escravos.

Almeida (1978) revela que em 1508 chegou ao Kongo, a pedido do Don Afonso I, Rei de Portugal, um segundo grupo de 13 a 15 padres e missionários, cuja conduta seria posteriormente referida como imoral, estando alguns deles dedicado ao comércio de escravos, vivendo em casas particulares com mulheres nativas e filhos.

Quando em 1493 os portugueses deram início ao povoamento da Ilha de São Tomé, com o objectivo, por um lado de libertar a metrópole dos condenados, das minorias raciais e religiosos e, por outro lado, de recrutar pessoal para trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar, tinham o destino para enviar os primeiros escravos angolanos. Assim, os escravos africanos adquiridos no Reino do Kongo seguiam primeiramente para São Tomé, onde trabalhavam no cultivo da cana antes de serem direccionados para outros destinos. Nos meados do século XVI, depois dos europeus iniciarem a colonização da América, os escravos provenientes do Reino do Kongo passaram a ser direccionados para o Novo Mundo. Por volta de 1490 já saíam anualmente do Porto de Mpinda cerca de 1000 escravos. Em 1548 W.G.L. Randles calcula que neste ano a exportação anual do Kongo terá sido na ordem dos 6000 a 7000 escravos (Fortuna, 2011).

No fim do século XVIII e princípio do século XIX quase a totalidade dos escravos levados para às Américas saía de “Angola” (mais precisamente dos portos de Luanda e Benguela onde eram concentrados os escravos capturados em várias localidades do território). Depois de 1810, o tráfico da região que Karasch denomina de “Kongo Norte” (da desembocadura do rio Congo/Zaire até ao Cabo Lopes e ao norte, no actual Gabão) e Ambriz houve um aumento considerável do número de escravos. Em 1550, os navios portugueses já transportavam perto de 10.000 escravos anualmente para as plantações de São Tomé e Brasil, sendo uma boa parte destes escravizados provenientes das regiões limítrofes do Reino do Kongo.

Segundo Tomba (2019), a cidade de Casamansa, no Senegal, foi povoada pelos Kongo, ou seja, de escravos provenientes do Reino do Kongo que não conseguiam chegar ao destino final que eram as Américas. A caminho do Novo Mundo, muitos navios negreiros repletos de escravos não conseguiam chegar ao destino final graças a pressão das companhias abolicionistas britânicas que lutavam contra o comércio de escravos que culminou com instalação de patrulhas inglesas nos principais corredores do atlântico para

impedir a passagem dos traficantes. Esse facto obrigou o descarregamento de vários navios em Casamansa de pessoas provenientes de várias localidades como reino do Kongo.

Durante o comércio triangular entre os séculos XV e XIX, no Golfo da Guiné – que inicia precisamente no norte de Angola e termina ao Sul da actual Mauritânia – o Reino Kongo e os seus vassallos (reinos do Ndongo, Loango, Kakongo e Ngoyo), sobretudo a partir de 1520, foram os maiores fornecedores de escravos até ao final de século XIX, durante o tráfico clandestino nas Américas organizados pelos portugueses e brasileiros. A região da África Centro-Occidental que compreendia essencialmente o Loango, o Congo (cujo porto principal é Mpinda) e Angola (com os portos de Ambriz, Luanda e Benguela), escoaram uma imensa corrente humana estimada entre 5 milhões e 6 milhões de pessoas, quase metade dos efectivos totais de todo tráfico transatlântico. Nesta importante região geográfica do continente africano, estava situado o poderoso Reino do Kongo, cujo território actualmentge envolve cinco países: Congo Brazzaville, República Democrática do Congo, Gabão, Camarões e Angola.

No entanto, a contribuição desse reino continuou a crescer em detrimento do seu povo. A assinatura de um tratado²¹ entre Portugal e o Reino Unido, forçou Portugal a diminuir o fluxo do comércio negreiro, obrigando a supressão do tráfico de escravos no norte do Equador (África ocidental). Em contrapartida, autorizou o comércio ou fluxo no hemisfério sul (África central e meridional), para garantir a mão-de-obra que era necessária no novo mundo. Com esse tratado, no século XIX o Kongo e outros reinos da actual Angola transformaram-se no maior mercado fornecedor de escravos de toda África. Os indicadores do banco de dados ilustram que de 1816 a 1851 os escravos desembarcados nas Américas provenientes de Luanda representavam mais de 71% do total, enquanto os da Costa da Mina (Gana, Benin e Togo) pouco menos de 1% (Tomba, 2019).

Um dos reinos que também desempenhou um papel preponderante foi o do Ndongo, situado ao sul do Kongo, entre os rios Dande e o Kwanza, ao passar a ser rapidamente uma das principais zonas de resgate de escravos. Segundo relatos de Caldeira (2013), as primeiras referências que os portugueses tiveram sobre o Reino do Ndongo datam entre

²¹ Tratado de Viena de 22 de janeiro de 1815 e ractificado no dia 8 de junho do mesmo ano, no Rio de Janeiro.

1512 e 1514, fornecidas pelo Rei Afonso I do Kongo. Numa das suas correspondências dirigida ao Rei de Portugal retratou uma das expedições organizadas contra este reino a fim de capturar escravos. Segundo Cavazzi (1965), citado por Vladimiro (2011), o Reino do Ndongo surgiu no século XVI e teve como fundador Ngola Kiluanje, o rei que estava no trono quando os portugueses chegaram ao reino.

Depois de tomar conhecimento da existência deste importante reino, o Rei de Portugal ordenou de imediato os seus homens Manuel Pacheco e Baltasar de Castro que fizessem uma visita ao Reino de Angola²² e que convertessem ao cristianismo todos os seus habitantes, que confirmassem as informações sobre a existência de prata neste reino e que preparassem um relatório completo sobre o referido território. O Rei Ngola Kiluanje, visionário que era, antecipou os acontecimentos e solicitou por vontade própria uma visita dos portugueses com a pretensão de estabelecer relações de amizade e trocas de produtos com os portugueses (Fortuna, 2011).

Os emissários de Portugal ao Reino do Ndongo saíram com a orientação, como sempre, de que só regressariam a casa se tivessem com um barco cheio de escravos, marfim e cobre. Tal como foi ordenado pelo soberano português, depois do primeiro contacto entre as duas partes, o tráfico de escravos cresceu vertiginosamente neste reino. No pretérito ano de 1565 Paulo Dias de Novais, fundador da cidade de Luanda, é superiormente autorizado pelo soberano do Reino do Ndongo a partir para Portugal com um carregamento de escravos, marfim e cobre cumprindo na íntegra a orientação do Rei de Portugal. Segundo Nogueira, citado por Fortuna (2011), com a fundação da Capitania de Luanda que veio incrementar o tráfico de escravos, são exportados a partir desta zona cerca de 9000 a 12000 escravos por ano. Por outro lado, Mauro, também citado por Fortuna (2011), estimou que um ano após a fundação desta capitania eram exportados 14000 escravos anualmente.

Esse número subiu rapidamente com a campanha militar de 1618 protagonizada e liderada pelo general português Luís Mendes Vasconcelos contra o Reino do Ndongo, resultando na captura de cerca de 50.000 escravos nesta região. Dados confirmados por Thornton (1998) revelam que “a referida ofensiva militar transformou a região numa das principais zonas de fornecimento de escravos de África para o Brasil e para os Estados Unidos da América”. Tendo sublinhado que o impacto desta campanha militar foi tão cruel e

²² Ngola Kiluanji, soberano do Reino do Ndongo que deu nome ao país (Angola).

profundo que no final do conflito muitas aldeias da região encontravam-se despovoadas. Soares, citado por Fortuna (2011), recorda que por volta do mês de setembro de 1619 os corpos de milhares de pessoas assassinadas pelos portugueses poluíam os rios, enquanto os sobreviventes tinham sido capturados e traficados.

Essa foi considerada como uma das maiores expedições para captura de escravos que ocorrera na história da escravatura africana. Milhares de angolanos tirados a força das suas casas esperavam, expostos ao sol e à chuva durante meses sem uma alimentação condigna, até que os navios negreiros chegassem para os transportar numa travessia perigosíssima do oceano atlântico em direcção às Américas. Atendendo o sucesso das empreitadas portuguesas na captura de escravos e para dar resposta ao volume de cativos em termos de transporte, atracaram nos portos angolanos no ano fiscal de 1618-1619, 36 navios negreiros com a capacidade média de 350 a 400 escravos (Fortuna, 2011).

O estudo de Lopes (1944) consagrou à escravatura em geral e à escravatura portuguesa em particular. Fornece no que se refere a Angola os números que parecem mais credíveis e talvez se aproximam da realidade. Esses podem ser mais credíveis porque observando os números referenciados pelo Caldeira (2013), que refere que a região da África Centro-Occidental por si só forneceu de 5 milhões a 6 milhões de homens, e se se incluir a porção correspondente ao Reino do Kongo aos dados de Lopes (1944), conclui-se que mais de metade do total de escravos do continente africano saíram dessa região. António de Oliveira de Cadornega quis, ao proceder ao inventário das “guerras angolanas”, dispor de uma informação demográfica consagrada ao tráfico negreiro durante o período de 1485 a 1680. No período em referência, o número de escravos exportados oscilava entre 800.000 e um milhão. Este número assustador foi ajustado por Lopes (1944), que depois desta correcção para mais, procurava inventariar a situação tendo culminado com dados constantes no quadro 24.

Quadro 24. Escravos Saídos pelos Portos de Luanda e Benguela de 1680 a 1836

Anos	Número de Escravos
1680	1.500.000
1758	897.000
1803	642.000
1836	600.000
TOTAL	3.639.000

Fonte: Elaboração própria com base em Lopes (1944)

O quadro 25 fornece indicadores sobre a forma como os escravos provenientes de Angola eram repartidos nos portos brasileiros. O seu movimento totalizou um universo de 550 navios de 1723 a 1771. O território angolano abastecia principalmente o porto do Rio de Janeiro, seguido em termos de escala por Bahía e Pernambuco. No norte e nordeste brasileiro os escravos provinham maioritariamente da Costa da Guiné, enquanto que Pernambuco, Maranhão e Pará retinham 20% do tráfico de escravos angolano (Ferreira, 2012).

De acordo com Klein (1978), após a abolição do monopólio das companhias privilegiadas criadas por Marquês de Pombal, ampliou-se a participação desses portos, sobretudo de Pernambuco, no comércio angolano de escravos. Essas companhias foram criadas em 1755 e 1759. Para o autor, uma das características peculiar do comércio de escravos angolanos para o Brasil é o número reduzido de mulheres e crianças listadas nos carregamentos, dando a impressão de que as crianças eram compradas apenas na última hora para completar a carga. Por exemplo, Luanda é registado somente 6% de crianças e Benguela 3%. A outra referência importante é a mortalidade menor das crianças, estimada em 6,2%, contra 9,5% dos adultos. O quadro 25 ilustra o destino dos escravos angolanos que embarcaram em Luanda no período de 1723-1771.

Quadro 25. Destino dos Escravos Embarcados em Luanda no Período 1723-1771

Nº Ord.	Portos Brasileiros	Número de Adultos	Número de Navios
01	Rio de Janeiro	104.170	282
02	Bahia	55.696	158
03	Pernambuco	37.092	95
04	Maranhão	2.570	5
05	Pará	2.161	4
06	Desconhecido	172	1
07	Colónia de Sacramento	1.569	4
08	Santos	474	1

Fonte: KLEIN S.; The Middle Passage: p.32

As formas da escravatura primitiva angolana, isto é, antes da chegada dos europeus, como em toda África, eram bastante ténues e implicavam, a prazo mais ou menos longo, a integração nas estruturas familiares. O parentesco permitia tornar flexível o sistema e repelir as formas violentas de dominação e de exclusão. O simples facto de existirem mecanismos que permitiam a alguém, homem ou mulher, tornar-se voluntariamente escravo de outra pessoa, demonstra a enorme flexibilidade do sistema da escravatura africana, pois aquele indivíduo que optava pela escravatura o fazia para solucionar ou resolver um problema pessoal como por exemplo a fome, dívida ou outras situações que requeriam de um recurso adicional em termos de meios financeiros fora do habitual, recorrendo a famílias que tinham melhor estabilidade económica e social (Ferreira, 2012).

O escravo poderia recuperar a sua liberdade, com o apoio do seu proprietário, logo que as circunstâncias se tornassem mais propícias, ou seja, assim que fossem ultrapassadas as situações que o levaram àquela condição, sendo importante sublinhar que o escravo poderia mudar de proprietário caso o desejasse, desde que a comunicação entre as partes fosse feita de forma prévia e que fossem observados compromissos assumidos por ambos. Na região que compreende Kassanje, Bié, Lunda e mesmo no norte de Angola, nos territórios que faziam parte do Reino do Kongo, pode-se facilmente constatar através dos documentos existentes que homens e mulheres escravos se inseriam facilmente nas

famílias dos seus proprietários, convivendo e assumindo todos trabalhos caseiros, sobretudo no domínio agrícola (Ferreira, 2012).

Henriques (1996) apresenta as principais condições inerentes a escravatura angolana considerada importante para estabelecer as diferenças com tráfico negreiro, que são: a hereditariedade, a dívida, a compra, a venda, a guerra e a feitiçaria. A hereditariedade nas sociedades matrilineares assenta no facto dos filhos de pais escravos ou simplesmente de mãe escrava nascerem escravos, o que subentende a existência de casamentos entre escravos e escravas de um lado e, por outro, homens e mulheres livres. Uma questão complexa cuja explicação passa pelo conhecimento das regras de parentesco existentes nessas sociedades.

A situação de escravatura por dívida era sempre provisória, apesar de se poder tornar definitiva no caso de o débito não ser satisfeito. Essa dívida podia resultar do não pagamento de bens recebidos ou da não satisfação de indemnização ou de multas, provocadas por infracções cometidas, entre as quais contam as práticas de adultério. Nas sociedades matrilineares, que dominam esta região, o indivíduo reduzido à escravatura raras vezes é o devedor, a maior parte das vezes é substituído por um sobrinho ou sobrinha maternos (filhos das irmãs), que este requisita para o efeito.

Na questão da compra e venda, um homem, uma mulher ou uma criança pode ser vendida por exemplo em períodos de fome ou trocados por mercadorias, como sal, por um parente a quem o estatuto de parentesco dá esse direito, tornando-se escravo daquele que a compra. Os escravos podiam ser revendidos e sujeitos a castigos corporais. Mas no caso de agressões violentas ou morte pelo proprietário, este último era obrigado a pagar ao Soba (chefe político) uma importância bastante elevada em mercadorias e outras obrigações para compensar ou minimizar os danos causados. Este mecanismo permitia que as situações de violência se tornassem muito raras.

A guerra era uma das situações mais favoráveis para assegurar a produção de escravos. A captura fazia-se no campo de batalha, entre os adversários, assim como na sequência de ataques inesperados que desencadeavam combates sangrentos. Os vencidos tornavam-se escravos, património vitalício dos vencedores e transformados em cativos. A feitiçaria é, segundo Ladislau (1849-1857), outra situação que reduzia um homem ou uma mulher à escravatura. Acusadas pela sociedade de práticas e de poderes nefastos, essas pessoas e as suas famílias eram escravizadas ou mesmo condenadas à morte.

Para Henriques (1996), essas diferentes origens da escravatura permitem sublinhar a complexidade do problema, ao mesmo tempo que dão conta da importância do escravo africano na organização da sociedade. Não só a redução à escravatura implicava maneiras de fazer aparecer o parentesco e os seus laços particulares, mas a existência de regras de protecção ao escravo e as diferentes categorias de escravos portadoras de designações precisas, preenchendo funções particulares na manutenção da coesão social e do equilíbrio económico da sociedade.

Os escravos em Angola e nas sociedades africanas no geral, desempenhavam além das funções já citadas, funções políticas importantes consoante as suas habilidades e capacidades de adaptação. Em não poucos casos, os escravos podiam alcançar o poder político e, em mais de uma história político-familiar se refere que a família a exercer o poder descendia de um antigo escravo. Mesmo que essa origem seja simplesmente mítica, ela revela a vontade de integrar o escravo na estrutura hierárquica da sociedade não só pelo seu empenho, habilidades e capacidades, mas também pelo reconhecimento do seu contributo em alguns casos (Ferreira, 2012).

Uma das situações mais conhecidas da valorização e elevação dos escravos às estruturas de chefias importantes é a do povo da região das Lundas, que visou assegurar a consolidação e a homogeneização do maior império da África central até aos finais do século XIX. Os imperadores Lundas ou os seus representantes confiavam a gestão de regiões económicas e politicamente importantes, geralmente distantes da Musumba²³, à escravos, nomeados chefes políticos com todos os privilégios e as honras devidas à função. É o caso do Reino de Kazembe. Dependente dos Lundas e rico em sal nos finais do século XVIII foi confiado à um escravo pelo Imperador Lunda, como revela o pombeiro angolano Pedro Baptista, escravo de um comerciante português, comandante de feira de Kassanje (Ferreira, 2012).

O carácter controlável do escravo pelo seu proprietário era importante para lhe serem atribuídas responsabilidades e funções. O escravo em geral era um homem sem família e não sujeito às obrigações e às responsabilidades impostas pelo parentesco, o que permitia o controlo dos espaços, o reforço do poder central, coesão do império e a assunção do poder em toda sua plenitude. Esses elementos garantiam a confiança para atribuição do

²³ Sede do centro do poder na tradição dos povos lunda.

poder aos escravos e aos seus descendentes no seio do povo Lunda e em várias sociedades africanas (Ferreira, 2012).

Em síntese, Angola exerceu um papel preponderante na história da escravatura como território de caça e captura de escravos, tendo perdido um grande número dos seus habitantes, arrancados, mortos ou transportados em navios negreiros sem condições higiénicas para outros continentes, afectando grandemente o seu desenvolvimento e a sua estrutura organizacional e demográfica.

O tema seguinte elucida a participação e contribuição das pessoas escravizadas saídas de Angola, sobretudo do Reino do Kongo, na edificação das sociedades americanas a partir do século XVI, em termos culturais e científicos e outras dimensões da vida social.

3.4. Principais Países de Destino dos Angolanos Escravizados

Os portugueses criaram, dominaram e monopolizaram o comércio triangular por mais de 100 anos e há autores como Heywood e Thornton (2007), no livro intitulado *Central Africans Atlantic Creoles, and the Foundation of the Americas 1585-1660*, que apontam para 150 anos de domínio e monopólio de Portugal. Os dois especialistas americanos de renome internacional em estudos do fenómeno tráfico de escravos em África afirmam que o Senegal, em 1444, foi o primeiro país ou território do continente negro a sentir o sabor amargo da escravatura. A sua proximidade com a Europa permitiu que fosse transformado em vítima, antes dos demais países, e pioneiro nesta matéria com a captura de pescadores e alguns habitantes do litoral que foram levados forçadamente para Europa e transformados em escravos, marcando assim o início do triste pesadelo.

Com o Romonus Pontifex, a Bula Pontifícia emitida pelo Papa Nicolau V, para o rei Afonso V de Portugal, no dia 18 de junho de 1452, este país acabava de receber a licença para escravizar os africanos e fazer deles o que muito bem entendesse. O Papa, líder supremo do mundo, ordenou reduzir os africanos infiéis à servidão, ignorando as suas crenças e a sua civilização, com instituições estruturadas, hierarquizadas e organizadas.

O britânico Lord Macaulay, durante a sua intervenção feita no dia 2 de fevereiro de 1835, no Parlamento Britânico disse: “viajei pelas profundezas da África, não encontrei pessoas desesperadas, desestruturadas, desorientadas ou pedindo esmolas, mas sim saudáveis, com altos valores morais e culturais, com pessoas deste calibre, penso que não conseguiremos conquistar estes territórios, a menos que tenhamos que destruir a coluna vertebral (backbone), a sua espiritualidade ou religiosidade, a sua herança histórica e

cultural e depois disso, eu proponho que substituamos o seu antigo sistema de educação, sua cultura, porque se os africanos concluírem que tudo que vem de fora é bom e melhor do que aquilo que é produzido localmente irão perder a autoestima pela sua cultura, eles se renderão e serão aquilo que nós quisermos que eles sejam, nações verdadeiramente dominadas”.

Foi exactamente a fórmula que foi utilizada para arruinar e apagar a história da África e dos africanos a favor dos colonizadores, transformando os seus filhos em escravos eternos do ocidente em todas as vertentes, os seus territórios em fontes de receitas e palcos de disputa entre as grandes potências mundiais.

Durante o comércio triangular, os primeiros escravos africanos eram transportados pelos navios negreiros em condições desumanas e enviados primeiramente para Europa Ocidental, nas ilhas da costa africana, depois para as colónias espanholas na América e finalmente na sua própria colónia no Brasil, que precisava de mão-de-obra forte, resistente e barata. Tal como se descreve a seguir, a história de uma mulher capturada e embarcada em Luanda que sobreviveu todas as vicissitudes da travessia até chegar ao destino final em Jamestown, primeiro assentamento britânico fundado em carácter permanente em 14 de maio de 1607, actualmente pertencente ao Estado de Virgínia, nos Estados Unidos da América.

A Ângela, transformada em escrava na época de chuva em 1619, em Luanda, citado por Heywood e Thornton (2007), tendo começado uma tragédia que nunca imaginou viver na sua vida. Pelo seu nome, demonstra que ela foi baptizada pelos católicos antes do seu embarque como era o hábito, tendo perdido o nome africano originário. Ela estava entre os cerca de 4000 cristãos escravos, capturados pelos soldados mercenários ao serviço de Portugal, durante as guerras entre os portugueses e os Reinos do Ndongo e do Kongo. Ela e milhares de outras pessoas capturadas em guerras foram carregadas em condições desumanas e transportada num dos navios negreiros chamado São João Bautista. O Capitão Manuel Mendes da Cunha, tinha a responsabilidade de orientar o navio durante travessia do Atlântico até ao porto de Vera Cruz no México, com o objectivo de vender a carga humana africana aos mercantilistas espanhóis para trabalhar nas plantações ou como servidores.

O navio São João Bautista, depois de uma longa viagem, fez uma paragem na Jamaica e vendeu 24 crianças, conseguiu abastecer-se para poder assegurar o percurso que faltava

para destino final. Depois dessa curta paragem, o navio seguiu rumo ao porto de Vera Cruz, mas ao cruzar-se com dois navios (um britânico e um holandês) houve distúrbios porque os mesmos tinham uma licença ou autorização para capturar navios espanhóis, receber tudo que achassem importante ou de grande valor. Introduziram 25 homens a bordo do navio São João, tendo retirado parte da sua carga e 50 a 60 escravos, incluindo a Ângela. Depois disso, libertaram o capitão da Cunha para continuar a sua viagem e descarregar os restantes 122 escravos que faziam parte da sua carga para Vera Cruz.

A Ângela, depois de passar para o navio britânico *Treasure*, teve algumas melhorias em termos de condições de transportação comparativamente ao São João Bautista, rumo colónia Inglesa em Virgínia. O navio denominado *White Lion* chegou a Virgínia com vinte negros, considerados tradicionalmente na história dos Estados Unidos como os fundadores da presença africana na colónia Inglesa da América.

Quatro dias depois chegou à Point Comfort o navio *Treasure*, onde estava a Ângela, mais 28 sobreviventes provenientes de Luanda foram entregues ao Governador Samuel Butler, tendo sido colocados numa das suas casas em St. Georges como se fossem prisioneiros. Alguns dos escravos foram vendidos a diferentes colonialistas de Bermuda para trabalhar nas suas empresas. Em fevereiro de 1620, a Ângela, mais meia dúzia de sobreviventes do navio São João Bautista regressaram para Virgínia transportados pelo navio *Treasure*. Ângela reaparece em 1625 numa lista, fazendo parte dos quatro serventes que trabalhavam para o Capitão William Pierce, em James City, na principal cidade de Virgínia, ajudando a organização dos trabalhos de casa e criação de animais como porcos e outros Heywood e Thornton (2007).

Como Ângela, forte, corajosa e resistente, a maior parte dos africanos identificados nos registos que fazem parte da geração fundadora da população afro-americana no século XVII saíram da África Central-Oeste. A história de Ângela, a primeira mulher escrava africana que chegou em Jamestown, Estados Unidos da América no dia 19 de agosto de 1619, permite perceber que milhões de escravos saídos do continente negro povoaram e construíram a Europa e as Américas de uma forma geral, apesar da contínua discriminação até aos dias de hoje, sendo que grande parte deles saiu de Angola. O dia 19 de agosto de 2019 assinalou os 400 anos da chegada do primeiro grupo de escravos aos Estados Unidos, onde fazia parte a Ângela, que se tornou hoje num símbolo da história da escravatura naquele país e como prova da presença dos angolanos no território

americano antes da fundação dos Estados Unidos da América. Infelizmente, ela é conhecida apenas por Ângela, não há mais detalhes sobre o seu nome completo e filiação.

A historiadora e professora da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, Catarina Madeira Santos, revela que devido a destruição da Casa da Mina, pelo terramoto de 1755, onde eram guardados os registos de toda as transacções de escravos comercializados em Lisboa, incluindo dos ocupantes do navio São Baptista, provocou o desaparecimento do arquivo, levando à perda de um grande acervo que ajudaria a encontrar os detalhes sobre a Ângela, bem como traçar a história escravagista de Portugal.

Thornton (2009), no seu livro intitulado “*The Kongolese Saint Anthony, Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684-1706*”, apresenta vários indicadores que evidenciam de forma clara o destino dos angolanos escravizados, especialmente os congolese, dando-nos uma ideia da influência desse povo na construção e constituição das sociedades americanas. Segundo as ilustrações de Thornton, os navios negreiros britânicos são os que mais levavam escravos para as possessões nas Américas, como o de 1709 com o navio *Rosenburgh*, que carregou 390 pessoas para Saint Thomas, em Danish no oeste da Índia. Ainda em maio de 1709, o Capitão Hereford de Elizabeth Hannah levou 200 pessoas vindas de Angola para Jamaica; em 1711, o navio *Joanna Magtelt* carregou 650 pessoas para Curaçao; em 1716 o navio *Guntersteyn* levou 600 para Surinam, no ano seguinte carregou 538 pessoas, e em 1719 mais 596 pessoas.

Thornton refere ainda que depois dos britânicos conquistarem as Ilhas Caribenhas, especialmente a Jamaica e Barbados, essas localidades foram transformadas em mercado central para transportação de escravos antes de serem canalizados para as suas colónias pequenas como Antígua, Nevis, Montserrat ou nas grandes colónias como South Carolina e Virgínia. Os comerciantes britânicos que operavam nos territórios do Reino do Kongo (Cabinda, Soyo e Malembu) levaram mais de 65.000 escravos nas décadas que se seguiram a morte da profetiza Dona Beatriz Kimpa Vita e depois da restauração do Pedro em São Salvador. Esse número cresceu de forma dramática, atingindo cerca de 90.000 escravos nas duas décadas seguintes. De igual modo, os comerciantes e navios franceses também disputavam o mercado para povoar as possessões como o Haiti, que sofreu muita influência Congolese, Antilhas e outras.

No entanto, os dados de vários autores como Heywood e Thornton (2007) demonstram que Angola foi um dos principais países fornecedor de escravos e a maior parte dos

angolanos escravizados foi para o Brasil, Estados Unidos, Colômbia, Argentina, México, Panamá, Haiti, Uruguai e Cuba, sem esquecer as Ilhas americanas como Bermuda, Porto Rico e outras.

Os exemplos mais visíveis da influência da cultura do reino do Kongo e de outros povos de Angola assentam na história, música, desportos, artes, cultura, culinária e até nas lutas de libertação dos países, bem como para liberdade dos negros africanos em vários territórios, como o Brasil e o Haiti. No Panamá, numa localidade chamada de Porto Bello, onde a maior parte das pessoas que foi levada para aquele local era do Kongo, conforme o relato da Mamã Ari – uma senhora de estrutura corporal imponente, encarnando a beleza de mulher genuinamente africana e orgulhosa de seu passado histórico e cultural herdado dos seus antepassados.

Na sua qualidade de responsável e protectora do templo e do património histórico e cultural do Kongo em Porto Bello, para salvaguarda dos valores tradicionais naquele país, Mamã Ari começou por dizer que 95% dos habitantes daquela localidade são descendentes de africanos vindos do Kongo. “Tudo aqui chama-se Kongo, a nossa língua é Kongo, tudo que nós fizemos é Kongo e nós somos o Kongo”, afirmou.

“Os nossos antepassados vindos da África sofreram muito para sobreviver as diferentes humilhações, sacrifícios e tempestades que eram submetidos pelos espanhóis, por exemplo, para a construção desse templo ou fortaleza, eles eram obrigados a nadar até ao fundo do mar para encontrar e arrancar as pedras que serviram de base para levantar as paredes, muitos iam e não regressavam, ficavam para sempre devido as dificuldades que encontravam nas profundezas do mar. Outros conseguiram enfrentar aquilo que parecia ser impossível e lutaram até ao fim para vencer a escravatura e arrancar a nossa liberdade, esta que temos hoje que nos permite cantar e dançar sem receio, nem medo de voltar a ser escravos”.

“A cultura Kongo faz parte do nosso quotidiano, ela é transmitida de geração a geração, tornando-a perpetua para futuras gerações para que elas possam dar continuidade e nunca deixar apagar a nossa história que custou vidas humanas e sangue de homens, mulheres e criança em troca liberdade”.

“A dança é uma das expressões mais antigas, importantes e fortes da cultura Kongo porque através dela conseguimos exprimir os nossos sentimentos e transmitir várias mensagens. Quando dançamos usamos vestidos largos azuis e fizemos movimentos

giratórios frequentes. Os vestidos são sempre largos para permitir girar e fazer qualquer tipo de movimento, simbolizando a liberdade arrancada pelo nosso povo vencendo a escravatura. A cor azul significa a natureza, porque tudo ocorre nela. Os movimentos giratórios caracterizam as voltas que tivemos que dar, o sofrimento e o sacrifício que suportamos para conquistarmos a paz e a liberdade”.

Mamã Ari, terminou a sua intervenção com a apresentação do património emblemático do povo Kongo do Porto Bello, dizendo que estão orgulhosos da sua herança cultural, “possuímos actualmente um museu dotado de toda informação necessária para transmitir a nossa história e a vida dos nossos antepassados aos nossos visitantes, além dos diferentes vestígios existentes na localidade”. Tendo sublinhando que, fruto do impacto histórico e cultural do seu povo, o Porto Bello entrou na lista do Património Mundial da UNESCO em novembro de 2018, um ano depois de Mbanza Kongo, e aguarda pelos visitantes amantes do turismo cultural para vivenciarem e desfrutarem o seu património cultural e turístico.

Além do relato da Mamã Ari, há um outro país da América latina que também acolheu muitos africanos provenientes do Reino do Kongo. Uruguai tem outras marcas lendárias que demonstram e provam que a sua comunidade afro-uruguaia veio de facto do Reino do Kongo, como por exemplo o Candombe. É uma manifestação cultural reconhecida e desenvolvida pela comunidade afro-descendente do Uruguai como herança dos ascendentes ou ancestrais escravos africanos. Deste modo, vem desempenhado um papel preponderante e significativo na cultura uruguaia nos últimos 200 anos, ou seja, o Candombe surgiu antes da independência daquele país.

O Candombe surge a partir da chegada dos primeiros cativos vindos da África ao continente Sul Americano, tendo chegado ao Uruguai ainda no século XVIII, a partir da mistura dos ritmos africanos trazidos ao Rio da Plata. A partir de 1750, com o início do tráfico de escravos para Uruguai, então colónia espanhola, Montevideo passou a receber vários contingentes de escravos africanos de forma contínua, provenientes de diversas regiões, sobretudo da área Bantú – África oriental e equatorial. Tal fluxo de escravos fez com que, no início do século XIX, a população negra de Montevideo fosse considerável.

As raízes dessa expressão musical e artística na história e na cultura daquele país permitiram que fosse reconhecido como Património Mundial pela UNESCO. O Candombe, reconhecido como Património Imaterial da Humanidade, é tocado através de

três tipos distintos de tambores: pequeno, piano e repique que são denominados em conjunto como “cuerdas de tambores”.

Na capital uruguaia, Montevideo, os bairros “S” e “Palermo” são conhecidos como berços do Candombe, cada um com seu ritmo característico: o ritmo “Cuareim” no primeiro e o “Ansina” no segundo. O termo Candombe, a princípio referia-se genericamente às danças praticadas pelos negros no Uruguai, com o tempo passou a designar o ritmo musical, calcado sobretudo nos tambores chamados de tangó ou tambó, nome também usado para designar o lugar onde realizavam as candomberas e a própria dança.

Os dados constantes na nota informativa da Embaixada uruguaia em Angola demonstram claramente a presença e a influência da cultura dos kongoleses (angolanos) na sociedade uruguaia.

O plano de marketing multidimensional a ser concebido no desenvolvimento deste trabalho tem em consideração os países que acolheram os angolanos escravizados, a fim de se estabelecer laços de cooperação e troca de experiências entre os filhos de nações diferentes, separadas pela maldita história da escravatura, e incentivar os movimentos turísticos entre as várias comunidades. Certamente que Porto Bello, Montevideo e Haiti são parte integrante e ocupam um lugar de destaque na estratégia do projecto.

Relativamente aos Estados Unidos da América, os dados de 1776 demonstram que a escravatura existia em todos os 13 Estados que integravam aquela colónia britânica, sobretudo no sudoeste do país, devido a importância do clima que favorecia as plantações agrícolas, contrariamente ao norte. Além de outras razões que incentivaram a escravatura nos territórios americanos, uma das principais foi a produção do algodão, o chamado King Cotton, que representava mais de 50% das exportações americanas. Depois da invenção do motor ou máquina de algodão (Cotton Engine), por Eli Whitney’s em 1793, combinada com a força dos escravos africanos, revolucionou-se a produção do algodão no sul dos Estados Unidos, passando para 2 milhões de balões por ano.

Os censos de 1850 e 1860 ilustram importantes indicadores para permitir entender a dimensão demográfica que o fenómeno da escravatura atingiu naquele país. Em 1850 havia cerca de 3,2 milhões de escravos comparativamente aos 6,2 milhões de brancos nos 15 estados do Sudoeste. Dez anos depois, mais precisamente em 1860, havia 4 milhões de escravos comparativamente aos 8 milhões de brancos, sublinhando que em 1850, em cada três famílias brancas uma detinha escravos, situação que foi alterada com a subida

dos custos de manutenção dos escravos, passando para cada quatro famílias brancas uma possuía escravos em 1860. 88% dos proprietários de escravos detinham menos de 20 escravos naquele ano e 50% de proprietários não tinham mais de 5 escravos. Mais de cinquenta por cento de escravos viviam nas plantações Farmer (2012)

A maior parte de escravos pertencia a dez mil famílias, três mil famílias detinham mais de cem escravos como sua propriedade e instrumentos de trabalho. 55% dos escravos trabalhavam nas fazendas e fábricas de produção de algodão, 10% na produção do tabaco, 10% no açúcar e arroz enquanto que 15% eram servidores ou trabalhadores domésticos Farmer (2012).

Há dados que indicam que nem todos os negros americanos eram escravos. Em 1860 já havia cerca de 260 mil afro-americanos livres no sul dos Estados Unidos, uma liberdade adquirida de várias formas. Uns tinham dinheiro suficiente que lhes permitiu comprar a sua liberdade junto dos seus patrões e muitos eram de raça híbrida ou mista e obtiveram a liberdade através dos seus pais brancos. Importa referir que naquele tempo, no Sudoeste dos Estados Unidos, os negros americanos ou seja os escravos livres, para circularem fora das suas residências tinham que se munir da sua documentação sobre a sua liberdade caso contrário, corriam o perigo de serem presos e voltar a ser escravos, tal como aconteceu com Northup (2013), raptado em 1841 por escravagistas de má-fé, foi drogado e vendido como escravo a uma plantação em Luisiana, onde foi mantido como escravo por 12 anos, perdendo a sua liberdade que só conseguiu recuperar em 1853 depois de muito sofrimento.

Os negros não tinham direitos políticos e a sua situação ou estatuto legal era precária, assim como as oportunidades de trabalho muito limitadas, fruto da segregação racial que se vivia na altura. A actual Embaixadora dos Estados Unidos da América em Angola, Nina Fite, que visitou a localidade de Cambambe no 01 de setembro de 2021, com objectivo de conhecer melhor a vila aonde partiram milhares de angolanos vendidos como escravos para os Estados Unidos da América e outras regiões do novo mundo, disse durante a visita que 1 em cada 4 americanos descendentes de África são oriundos de Angola²⁴. Importa relembrar que os angolanos foram os primeiros africanos a chegarem

²⁴ Fonte: Administração Municipal de Cambambe, Província de Cuanza Norte, 01/09/2021.

nos Estados Unidos da América, em Jamestown, estado de Virgínia desde os primórdios 1619.

A grande família Tucker (figura 13), residente em Virgínia, constitui a prova viva da afirmação da Embaixadora norte americana em Angola. Wanda Tucker, um dos membros da família Tucker, disse que no passado lhes diziam voltam para os vossos países, não sabiam como reagir, mas hoje as coisas mudaram, já sabemos que viemos de Angola e somos descendentes de dois continentes, isso representa um grande poder e é reconfortante.



Figura 10. Visita de alguns membros da família Tucker à Angola, em 2021, a convite do Presidente da República de Angola, Dr. João Manuel Gonçalves Lourenço. Da esquerda para direita: Wanda Tucker, Carolita Cope, Vincent Tucker e Dra. Maria da Piedade de Jesus, Secretária de Estado da Cultura de Angola.

Fonte: Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (2021).

Para melhor perceber em termos quantidade e o volume de escravos que cada Estado Americano detinha em 1860 durante o tempo da escravatura, o quadro 26 apresenta a distribuição populacional nas colónias britânicas americanas

Quadro 26. Distribuição da população americana em 1860

Estados	Branços	Escravos	Negros Livres	Total
Delaware	90.589 (80%)	1.798 (1.6%)	19.829 (17.7%)	112. 216
Kentucky	919,484 (79.6%)	225.483 (19.5%)	10.684 (0.9%)	1.155.651
Maryland	515,918 (75.1%)	87.189 (12.7%)	83.942 (12.2%)	687.049
Missouri	1.063.489(90.0%)	114.931 (9.7%)	3.572 (0.3%)	1.181.992
Total	2.589.480 (82.5%)	429,401 (13.7%)	118.027 (3.8%)	3.136.908
Alabama	526.271(54.6%)	435.080 (45.1%)	2.690 (0.3%)	964.041
Arkansas	324.143(74.4%)	111.115(25.5%)	114 (0.1%)	435.402
Florida	77.747(55.4%)	61.745(44.0%)	932 (0.7%)	140.424
Georgia	591.550(56.0%)	462.198(43.7%)	3.500 (0.3%)	1.057.248
Louisiana	357.456(50.5%)	331.726(46.9%)	18.647 (2.6%)	707.829
Mississippi	353.899(44.7%)	436.631 (55.2%)	773 (0.1%)	791.303
North Carolina	629.942(63.5%)	331.059 (33.4%)	30.463 (3.1%)	991.464
South Carolina	291.300 (41.4%)	402.406(57.2)	9.914 (1.4%)	703.620
Tennessee	826.722(74.5%)	275.719(24.9%)	7.300 (0.7%)	1.109.741
Texas	420.891(69,7%)	182.566 (30.2%)	355 (0.1%)	603.812
Virgínia	1.047.299(65.5%)	490.865 (30.8%)	58.042 (3.6%)	1.596.206
Total	5.447.220 (59.9%)	3.521.110 (38.7%)	132.7660 (1.5%)	9.101.090

Fonte: Alan Farmer (2012, pag.272) – “United States Civil War: Causes, Courses and Effects 1840-1877”

Pela dimensão que atingiu o fenómeno tráfico de escravos em termos de escala, vítimas e duração, a UNESCO tem desenvolvido esforços para preservação, valorização e divulgação da história da escravatura como forma de consciencializar a humanidade para prevenir situações semelhantes no futuro, tendo concebido um importante projecto que consta no anexo deste trabalho.

Depois da incursão histórica sobre aquilo que foi o comércio triangular ou tráfico negroiro e seu impacto, não só em África, mas também na Europa e sobretudo nas Américas, a seguir são apresentadas algumas figuras angolanas que se destacaram na luta contra a escravatura em diferentes dimensões.

3.4.1. Principais Figuras angolanas que Lutaram Contra a Escravatura

Foram várias tentativas lavadas a cabo pelos líderes africanos de várias regiões para travar a escravatura nos seus territórios, infelizmente sem sucesso, apesar de todos os esforços empreendidos as ambições e interesses económicos e outros dos invasores falaram mais alto.

No entanto, como já foi referido, apesar da complexidade do fenómeno, em Angola vários líderes originários dos Reinos do Kongo, Ndongo, Matamba e outros no chamado Novo Mundo tomaram acções visíveis contra a escravatura cujos principais nomes são resumidos abaixo:

a) N'vemba Nzinga (1456-1543)

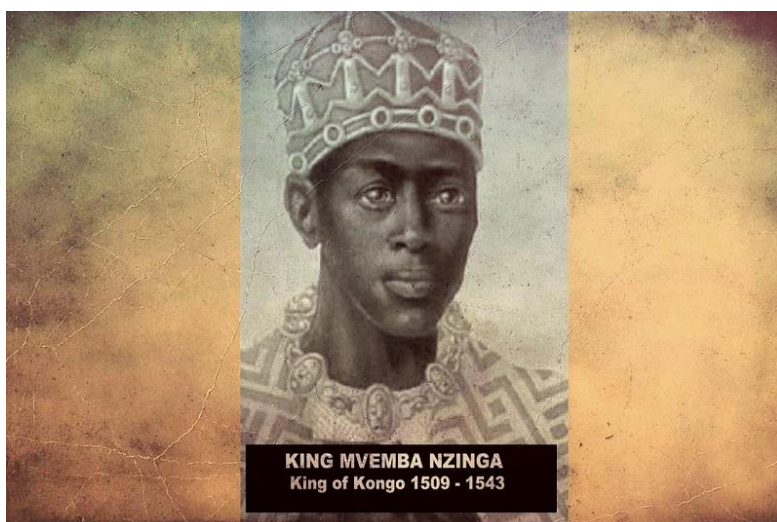


Figura 11. Figura 14. Rei N'vemba Nzinga

Fonte: O Guardiã. Consultado em 07/10/2021, disponível em: <https://guardiao-ao.com/2021/06/24/filme-reino-do-kongo-em-busca-do-reino-destruido-estreia-sabado/>

O rei N'vemba Nzinga nasceu em 1456 em Mbanza Kongo, filho de Nzinga Nkuwu (João I), sucedeu o seu pai no trono, tendo reinado durante 37 anos, ou seja, de 1506 a 1543. N'vemba Nzinga marcou a história da colonização portuguesa pela duração do seu reinado, capacidade negocial, esforços empreendidos pela consolidação do cristianismo no reino do Kongo, interesse pela educação e sobretudo a sua oposição ao tráfico de escravos nos seus territórios à maneira Europeia.

O Manikongo N'vemba Nzinga, receando que do comércio de escravos pudessem advir abusos por parte de comerciantes portugueses contra o seu povo e por forma a prevenir eventuais situações, chegou a exigir numa das suas cartas escritas entre 1519 e 1520, dirigida ao rei Don Manuel I de Portugal, solicitando a emissão de um alvará proibindo o comércio no Kongo por parte dos navios portugueses que não fossem do Estado, muito antes da famosa carta que denunciava o despovoamento do seu reino.

b) Nzinga Mbandi (1582-1663)



Figura 12. Rainha Nzinga Mbandi

Fonte: Fundação Cultural Palmares, acessado em 07/10/2021, disponível em:

<http://www.palmares.gov.br/?p=53160>

A rainha Nzinga Mbandi nasceu em 1582 em Malanje, filha do Ngola Kiluanji, rei do Ndongo e de Ngangela Makombe, irmã de Ngola Mbandi que, sucedeu o seu pai no trono e posteriormente substituído pela própria Nzinga Mbandi, depois da sua morte estranha. Nzinga Mbandi, reinou no Ndongo entre 1624 e 1626, e posteriormente no reino da Matamba até a sua morte, no dia 17 de dezembro de 1663, aos 81 anos de idade.

Foi um dos mais marcantes líderes do continente africano, tendo-se distinguido no meio dos homens pela sua coragem, estratégias e visão, uma mulher destemida e pregadora da unidade entre os seus. Lutou contra a escravatura, nunca concordou com o comércio

triangular, tendo chegado a um entendimento com os seus adversários que todo e qualquer escravo que se escapasse dos seus patrões e entrar nos territórios da sua alçada era automaticamente considerado um homem livre.

c) Nvita Nkanga (1617-1665)



Figura 13. Rei Nvita Nkanga

Fonte: Rádio Kongo Dieto, acessado em 07/10/2021, disponível em: <http://radiokongodieto.com/roi-nvita-nkanga/>

O rei Nvita Nkanga, que depois do seu baptismo católico passou a ser chamado de António I, nasceu em 1617 em Mbanza Kongo, foi Manikongo desde o dia 23 de janeiro de 1660 até a sua morte em combate no dia 29 de outubro de 1665, na famosa batalha da Ambuíla, entre o exército real do Kongo e o exército português.

Nvita Nkanga, foi sobrinho do rei Don Garcia II do Kongo, não cultivou boas relações com Portugal, o que faz presumir que não concordava com a visão colonial, tendo gerado rivalidades entre os dois reinos que no passado os seus soberanos consideravam de irmãos.

O rei Nvita Nkanga, foi o Manikongo mais temido pelos seus adversários visto que era um homem de acção e pouco diplomata e, sobretudo, intolerante perante as atrocidades e injustiças estrangeiras contra o seu povo, daí ter decidido liderar a batalha de Ambuíla com

o seu exército, membros da administração e toda sua família em defesa da sua soberania, seu povo e sua identidade cultural.

d) Kimpa Vita (1684-1706)



Figura 14. Profetiza Kimpa Vita

Fonte: Africa heritages, acessado em 07/10/2021, disponível em:

<https://africaheritages.wordpress.com/2016/09/07/kimpa-vita-the-great-prophetess/>

Kimpa Vita, nasceu em 1684 no Reino Kongo, uma jovem profetiza que em muito pouco tempo, atendendo o contexto e a instabilidade que se vivia, transformou-se em líder política do Reino do Kongo em defesa do seu território, soberania, povo e sua identidade cultural. Dona Beatriz Kimpa Vita, nome que lhe foi atribuído depois do seu baptismo católico, jovem visionária e superdotada com capacidade de prever o futuro, liderou o Movimento Antoniano, tendo defendido a unidade do povo kongo e a sua identidade cultural, denunciando as manobras e táticas coloniais que procurava dominar o Reino do Kongo a qualquer preço e destruir o seu passado histórico.

Kimpa Vita, anunciou numa das suas profecias ao seu povo que Jesus Cristo, era africano, negro e nasceu em Mbanza Kongo, pedindo aos seus seguidores para não acreditarem nas mentiras trazidas da Europa, com objectivo de desviar, desorientar os africanos e facilitar a dominação estrangeira do continente, usando a palavra de Deus. Esse facto lhe custou

a vida, tendo sido queimada viva, no 2 de julho de 1706, com o seu filho nas costas, com a cumplicidade dos padres católicos.

e) Aqaltune da Casa De Kinlaza



Figura 15. Aqaltune da Casa de Kinlaza

Fonte: CBN Recife, Aqaltune - Liderança e luta dentro do sistema escravocrata. Acessado em 04/07/2019, disponível em: <https://www.cbnrecife.com/revistaeletronica/artigo/aqaltune-lideranca-e-luta-dentro-do-sistema-escravocrata>.

Aqaltune da Casa de Kinlaza, de acordo com historiadores, a sua data de nascimento e da morte não são claras até ao momento devido as circunstâncias complexas dos acontecimentos em que fez parte. Aqaltune foi filha de um dos reis do Kongo, onde foi princesa, capturada durante uma batalha e vendida como uma escrava reprodutora e enviada para o Recife – Brasil, em 1597.

A princesa Aqaltune já estava em estado de gestação do seu primeiro filho Ganga Zumba, no Brasil, quando ouviu falar na existência de um local longínquo dentro do território brasileiro que servia de refúgio seguro para os negros, informação que lhe fez voltar a ter esperança de reganhar a sua liberdade. Ela já trazia experiência de luta e outras técnicas de sobrevivência em momentos complexos do Reino do Kongo. Arquiectou uma

estratégia com ajuda dos seus companheiros e conseguiu efectivar a fuga até ao Quilombo dos Palmares. Posteriormente ganhou o comando e liderança do mesmo, reorganizando e desenvolvendo o território até passar a liderança ao seu primogénito. Importa referir que Aqualtune teve três filhos, Ganga Zumba, Ganga Zona e Sabina. Essa última a progenitora de Zumbi dos Palmares, o guerreiro que marcou a história como um dos maiores líderes negro brasileiro.

f) **Ganga Zumba**



Figura 16. Ganga Zumba

Fonte:<http://sambio.org.br/ganga-zumba/#.YCurADKSmM8>.

Segundo a historiadora Juliana Bezerra, Ganga Zumba ou Grande Filho do Senhor como era chamado carinhosamente, foi o primeiro rei do Quilombo dos Palmares, o maior Quilombo da era colonial no Brasil, que servia de abrigo para os escravos foragidos (fugitivos) das fazendas. O Quilombo dos Palmares era formado por um conjunto de onze mocambos (aldeias) que se assemelhavam as cidades muralhadas medievais da Europa, mas os seus construtores colocavam madeira ao invés de pedra. A sua extensão territorial se aproximava a dimensão ou superfície de Portugal e durante o reinado do seu primeiro rei já contava com uma população de cerca de trinta mil habitantes.

Ganga Zumba conseguiu estabelecer relações comerciais com as populações das regiões circundantes, como Vilarejos, onde havia fortes intercâmbios de produtos entre as partes,

sobretudo dos excedentes da produção agrícola e artesanal da comunidade quilombola. O Quilombo dos Palmares era uma confederação de quilombos com língua própria, um verdadeiro território autónomo ou nação independente encravado dentro do Brasil. Havia um código de conduta interno que punia severamente a traição e outras acções que não coadunavam com os princípios societários estabelecidos naquela região.

Ganga Zumba, foi um excelente articulador político e diplomata, tendo conseguido organizar vários povoados num comando único e centralizado e treinar a sua tropa regularmente para garantir a defesa do quilombo. Para isso contava com um poder hierarquizado com ele na liderança, mas todas as decisões eram tomadas de forma colegial como recomendam as grandes democracias, facto que garantiu a sua longa permanência no trono.

g) Zumbi dos Palmares (1655-1695)



Figura 17. Zumbi dos Palmares

Fonte: <https://sites.google.com/site/heroisnegros701/herois-historicos/ganga-zumba>.

Zumbi dos Palmares nasceu livre em 1655, na Serra da Barriga, Capitania de Pernambuco e morreu no dia 20 de novembro de 1695, com apenas 40 anos de idade. Zumbi do Palmares foi o último líder Quilombola brasileiro, substituindo o seu tio Ganga Zumba. Foi capturado enquanto criança com 6 anos de idade e entregue ao padre português António Melo, depois do seu baptismo foi-lhe atribuído o nome de Francisco Zumbi, recebeu o sacramento, aprendeu o português, latim e a sua missão era ajudar diariamente o padre na celebração das missas.

Na sequência da rejeição da proposta do Governador da Capitania de Pernambuco Caetano de Melo pelos habitantes do Quilombo dos Palmares que sugeria o abandono do território pelos quilombolas, deslocando-os numa outra localidade, e depois da morte do rei e tio Ganga Zumba, em condições não esclarecidas, Zumbi assume o trono e a liderança do Quilombo dos Palmares. Com o seu comando assiste-se a uma grande mudança em termos de gestão e estratégias, saindo da diplomacia que caracterizava o seu tio para acção. Eram duas pessoas de personalidades diferentes apesar de pertencerem a mesma família. Zumbi dos Palmares desenvolveu uma estratégia de governação fortificando as suas bases de apoio, unindo cada vez mais o seu povo em termos de defesa e criando um verdadeiro império, à semelhança dos reinos africanos, dando continuidade a filosofia de gestão da Aqualtune, sua avó.

No dia 6 de fevereiro de 1694, mais precisamente quinze anos após a assunção da liderança por Zumbi, o Quilombo dos Palmares foi atacado por militares comandados por Domingos Jorge Velho, com uma missão bem-sucedida depois de várias tentativas falhadas. O Grande rei, comandante e guerreiro, o famoso Zumbi dos Palmares foi finalmente atingido, tendo sobrevivido durante um ano em fuga. Foi traído depois por um dos seus companheiros de luta, culminando com a sua morte. Após 300 anos de escravidão no Brasil, a data da sua morte foi instituída pelo Movimento Negro, como o dia Nacional da Consciência Negra no Brasil.

No dia 14 de março de 1696, Caetano de Melo e Castro, Governador de Pernambuco, escreveu ao rei de Portugal o seguinte: “determinei que pusessem a sua cabeça em um poste público desta praça, para satisfazer os ofendidos e justamente queixosos e atemorizar os negros que supersticiosamente julgavam Zumbi um imortal, para que esta empresa acabava de todo com os Palmares”.

h) Zacima Gaba



Figura 18. Princesa Zacimba Gaba

Fonte: Revista Omnira, Zacimba Gaba: princesa, escrava e guerreira angolana. Acessado em 02/10/2021, disponível em: <http://www.fundacaomnira.com.br/2021/04/zacimba-gaba-princesa-escrava-e.html>.

De acordo com historiadores, Zacimba Gaba foi uma princesa proveniente do Reino do Kongo, mais precisamente de Cabinda, onde foi vendida como escrava e levada para o Brasil e recebida como princesa pelos seus irmãos negros naquele território. O facto de a notícia ter chegado aos escravos da fazenda de que ela era uma princesa gerou polémica e fúria dos patrões, tendo sido castigada fisicamente, humilhada e proibida de sair da Casa Grande, tendo criado um sentimento de revolta no seio dos escravos no local, o que levou a planearem a morte do Barão José Trancoso e a fuga da princesa Gaba.

A princesa Gaba, sendo uma mulher experiente e visionária, depois de viver momentos difíceis de sofrimento e humilhação pública, pois em prática o seu plano com a ajuda dos seus irmãos escravos para matar lentamente o Barão, usando a sua sabedoria e paciência. Criou um veneno tradicional através da cabeça da cobra jararaca. Cortada, torrada, moída e transformada em pó, foi colocando na alimentação do Barão José Trancoso, tendo-o levado até a morte. Com a morte do Barão a princesa Gaba liderou a fuga de todos os escravos que se encontravam na fazenda e juntos dirigiram-se à uma mata fechada distante da localidade onde estavam e construíram o seu Quilombo que serviu de refúgio

para os negros que se encontravam naquela região do Brasil, tendo travado várias batalhas e conquistado muitas vitórias.

Importa referir que a princesa Gaba, usando a sua perspicácia e sabedoria, engendrou um plano de resgate nos navios negreiros tão logo atracassem no porto, contando, contando com a ajuda dos seus companheiros que já gozavam da liberdade. Libertavam os escravos e eram de seguida encaminhados para o seu Quilombo, onde reganhavam a sua liberdade, apesar das limitações que se impunham.

i) Teresa de Benguela

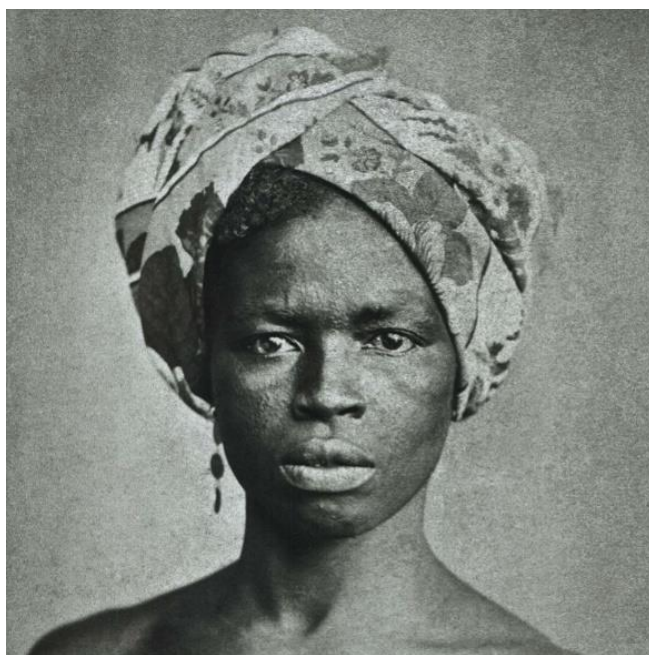


Figura 19. Teresa de Benguela

Fonte: disponível em: www.esquerdadiario.com.br/25-de-julho-Dia-Nacional-de-Tereza-de-Benguela.

Acessado em 02/10/2021.

Teresa de Benguela foi rainha no século XVIII. Estratega militar e dirigente política reinou no Quilombo de Quariterê, localizado em Vale do Guaporé, no Estado do Mato Grosso. Ela tornou-se uma lenda na história brasileira pela sua emancipação na luta contra a escravatura dos negros e índios no Brasil durante a colonização portuguesa, tendo participado directamente na luta, concebendo estratégias de actuação e liderando vários combates de forma exemplar para defender povos de diferentes origens, incluindo índios e brancos desfavorecidos que integravam a sua comunidade.

Teresa de Benguela reinou e administrou o maior Quilombo do Mato Grosso, resistindo as acções dos bandeirantes de 1730 a 1795, quando o seu território foi brutalmente atacado e destruído sob comando da capitania regional, numa das batalhas que vitimou o seu esposo José Piolho, que era o líder do Quilombo. Segundo historiadores, Teresa de Benguela tinha um sistema de governação colegial onde reinava o consenso em termos de tomada de decisões cruciais. Para a manutenção e sobrevivência da estratégia política criou uma estrutura como se fosse um parlamento com deputados e conselheiros da rainha, que analisavam as questões e consoante a problemática era tomada a decisão. Pelo seu contributo na luta contra a escravatura no Brasil e o seu papel na emancipação da mulher negra naquele país, foi proclamado o dia 25 de julho como Dia Nacional da Teresa de Benguela.

“Lembrar o 25 de julho e a luta do Quilombo liderado por Teresa de Benguela, significa não esquecer jamais a luta das mulheres negras” (Paula Almeida, quarta-feira, dia 26 de julho de 2018/edição do dia).

Honra e glória aos antepassados que com as suas vidas, sangue, sofrimento, dor, lágrimas, sabedoria, perspicácia e resiliência conseguiram enfrentar e vencer as peripécias da vida impostas pela ambição desmedida dos homens daquela época, vivendo com dignidade e orgulho dentro dos limites que as diferentes sociedades lhes impunham, deixando hoje um mundo melhor, apesar dos desafios que ainda persistem, que convocam a cada um dos cidadãos do mundo a colocar a sua pedra neste grande edifício em construção, dizendo basta às injustiças e ao silêncio.

Informações detalhadas sobre as figuras que lutaram contra a escravatura em Angola e nos países onde os angolanos foram levados involuntariamente como escravos são acrescidas no anexo I desta tese.

O compartimento a seguir consubstancia-se na descrição das principais rebeliões, conspirações e revoltas que tiveram lugar nas Américas, influenciando a independência de alguns territórios e o surgimento de movimentos abolicionistas que lutaram grandemente contra a escravatura nos diferentes países do mundo, essencialmente no continente americano.

3.4.2. Rebeliões, Conspirações e Revoltas

A rebelião Stono de 1739

Foi a maior revolta de escravos de então, envolvendo treze colónias americanas. Teve lugar num domingo, dia 9 de setembro de 1739, um dia livre em termos de trabalho da mão-de-obra escrava. Cerca de vinte escravos, sob liderança de um escravo proveniente do Reino do Kongo de nome Jemmy, deram aos patrões uma dolorosa lição sobre o desejo de liberdade perdida em África e que almejavam voltar a conquistar pela força. Os elementos do grupo demonstraram que dominavam as técnicas militares, manipulação das armas e detinham experiência de guerra trazida das suas terras de origem, essencialmente do Kongo e do Ndongo, onde foram capturados e vendidos como escravos (Thornton, 2009).

Reuniram no rio Stono e decidiram pilhar as lojas, começando por matar os guardas das lojas, cortando as suas cabeças e colocadas nos degraus da entrada dos estabelecimentos comerciais e serviram-se das armas de fogo. Continuaram as suas acções revolucionárias, executando os proprietários e colocando as cabeças em frente as lojas para que todos pudessem ver. O mesmo foi feito nas residências da área, matando os ocupantes e queimando as estruturas, saindo posteriormente em direcção à colónia de Santo Agostinho, na Florida, onde nos termos do direito espanhol seriam homens livres (Thornton, 2009).

Muitos mais escravos foram atraídos pela rebelião, aumentando o número para cerca de 100 escravos revoltosos. A marcha continuou passando pela auto-estrada, com bandeiras gritando liberty! – lukango na língua nativa Kikongo, uma palavra que expressa em inglês ideias consagradas de liberdade e salvação. Ao longo da sua manifestação foram cantando “kanga mundele, kanga ndoki” – agarra e amarra o branco, agarra e amarra o feiticeiro, uma característica típica do movimento antoniano da profetiza Beatriz Kimpa Vita (Thornton, 2009).

De acordo com Thornton (2009), a maior parte dos integrantes do grupo que levou a cabo a referida rebelião detinha experiência e tácticas militares. Existe a probabilidade deles terem participado nas guerras da localidade de Bamba, no Kongo, cinco anos antes da sua chegada às Américas, além de outras guerras, 25 anos antes da expansão do movimento antoniano no território de Kimpanzu.

A rebelião e a luta entre os escravos e os ingleses duraram mais de uma semana antes que os colonizadores mobilizassem fortemente o exército que conseguiu matar mais de 12 elementos da rebelião durante a troca de tiros, mas a maior parte dos revoltosos escapou e supõe-se que tenham atingido a Fortaleza Mosé. Mesmo depois das forças coloniais esmagarem a insurreição de Stono, outros surtos ocorreram como por exemplo a de Carolina do Sul no ano seguinte, onde foram executados pelo menos 50 escravos considerados rebeldes adicionais (Thornton, 2009).

Portanto, a rebelião Stono marcou a viragem sobre a forma de ser e de estar entre os patrões e os escravos, criando um clima de medo permanente sempre que se tratasse de dias livres ou festas, como o Natal. Os senhores de escravos tinham receio que se repetisse os mesmos acontecimentos do dia 9 de setembro por um lado, e por outro, os escravos descobriram que havia afinal uma fórmula que podia ser usada em situações extremas para defender os seus direitos fundamentais, lutando contra os seus patrões, apesar de colocarem suas vidas em risco.

Conspiração de 1741 na cidade de Nova Iorque

Em 1741 já viviam em Nova Iorque 1.700 negros e cerca de 7 mil brancos, determinados em violentar todas as pessoas de ascendência africana, pelo que a revolta negra se tornou inevitável. No início de 1741, em Fort George, surgiram incêndios em vários locais da cidade, em Nova Jersey e em Long Island. Várias pessoas de raça branca alegaram que ouviram escravos a falar sobre incêndios e ameaçando o pior. Essas acusações permitiram concluir que os incêndios tinham sido arquitetados pelos negros, instigados por sacerdotes e lacaios católicos-brancos, pretos, castanho (livres e escravos)²⁵.

Os escravos eram provenientes da região de Whydah (Ouidah) no Benin, Igbo na área ao redor do rio Níger e os malgaxes, provenientes de Madagáscar. O outro grupo que foi facilmente identificado e suspeito era conhecido e constituído por indivíduos vindos de Cuba, intitulados por “Pessoas de Cuba”, formado por negros e mulatos que tinham sido capturados no início da primavera de 1740, antes homens livres no seu país de origem.

Durante as investigações sobre a preparação da insurreição, uma servente de 16 anos de idade foi presa e declarou ter tomado conhecimento sobre a preparação de uma rebelião composta por negros e alguns brancos para matar os brancos e incendiar a cidade. No

²⁵ Fonte: https://pt.wikiqube.net/wiki/New_York_Conspiracy_of_1741, dia 11/09/2021, às 12 horas.

prosseguimento da investigação, trinta homens negros, dois homens brancos e duas mulheres brancas foram executados. 70 pessoas de descendência africana foram exiladas para lugares longínquas como Newfoundland, Madeira e Santo Domingo (Haiti), devido ao medo que se criou no seio da população branca²⁶.

Revolução Haitiana de 1804²⁷

Também designada de Revolta de São Domingo, teve início no dia 22 de agosto de 1791, com um impacto muito grande no processo de escravatura, causando uma brusca e surpreendente viragem na história do tráfico de escravos. A revolta foi liderada por Toussaint Louverture, que conseguiu mobilizar milhares de escravos para enfrentar o exército francês do general Napoleão Bonaparte, considerado na época o mais poderoso do mundo. Do lado francês contou com 60 mil homens (forças regulares) e 86 navios de guerra e fragatas, contra os 55 mil do exército regular haitiano, mais 100 mil voluntários. A revolta durou 12 anos e 4 meses tendo como saldo 200 mil mortos do lado haitiano, 45 mil britânicos mortos e 75 mil mortos da parte francesa.

Essa revolução histórica vencida pelos haitianos surpreendeu as grandes potências da época que se sentiram ameaçadas pela coragem dos negros em confrontar um exército muito bem equipado, temendo o surgimento de outras revoltas em outras localidades. A revolta haitiana revolucionou a mentalidade dos escravos a nível mundial, tendo provocado instabilidade em quase todas as comunidades escravagistas, permitindo que o Haiti alcançasse a sua independência depois de mais de dois séculos de escravidão francesa, tornando-se assim no primeiro país negro independente fora e dentro do continente africano.

Guillaume Raynal previu revoltas de escravos em diferentes colónias, considerando o clima tenso que se vivia entre os escravos e patrões brancos. No dia 22 de agosto de 1791 a previsão de Reynal tornou-se realidade, quando os escravos haitianos decidiram desobedecer os patrões e pegaram em armas em busca de igualdade de direitos e liberdade. A revolta teve início quando um sacerdote do Vodou e líder dos escravos do quilombo, de nome Dutty Boukman, a ordenou durante uma cerimónia religiosa em Bois Caiman. Nas noites do dia 14 e 22 de agosto a situação atingiu níveis incontrolláveis, com saques, mutilações e morte de patrões brancos, com a aderência de quase a totalidade dos

²⁶ Fonte: https://pt.wikiqube.net/wiki/New_York_Conspiracy_of_1741, dia 11/09/2021, às 12 horas.

²⁷ Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br>, dia 11/09/2021, às 12h32.

escravos. O exército francês perdeu o controlo da situação, culminando com a sua histórica derrota e a proclamação da República do Haiti.

Conspiração de Gabriel de 1800

Gabriel nasceu em 1776, dentro de uma plantação situada há seis milhas do norte da cidade de Richmond. Ele era um homem alto e organizado. O que o distinguia dos demais escravos, para além da altura, era a sua habilidade de ler e escrever, visto que naquele tempo apenas 5% dos escravos eram alfabetizados. Gabriel e os seus contemporâneos, inspirados na Revolução Francesa de 1789 e na fervura política da época de ideologia democrática do Jeffersonismo²⁸ que se opunha a escravização dos homens negros pelos brancos, concebeu um plano em busca da liberdade dos negros²⁹.

Impulsionado por soldados franceses de espírito de liberdade que encontrou em Tavern, Gabriel, começou por alistar o seu irmão Salomon e outros escravos da plantação onde trabalhava na luta para liberdade, que era um objectivo comum. A informação circulou rapidamente em Richmond e outras aldeias vizinhas daquela região bem como em Petersburg e Norfolk, através dos negros que já estavam livres, e também dos escravos que queriam a todo custo tornarem-se livres do pesadelo da escravatura. Convencido com os ideias da liberdade, Gabriel arriscou a sua vida expondo-se demasiado para puder divulgar o plano e os métodos de implementação, necessário para atrair seguidores e pôr em marcha, apesar do grande receio de traição porque nem todos tinham a mesma coragem e determinação³⁰.

O plano do Gabriel perseverou, tendo conseguindo mobilizar cerca de 1000 escravos que tinham como slogan “Liberdade ou Morte” – “Death or Liberty”. Ele estava determinado a capturar como refém o Governador James Moroe durante a insurreição e exigir direitos iguais para todos, programando a sua acção para o dia 30 de agosto, tendo sido divulgado para todos os participantes. Infelizmente no mesmo dia surgiu um forte furacão que devastou o Estado de Virgínia, arrastando e destruindo tudo e a circulação das pessoas foi proibida devido a gravidade da situação, enterrando o plano quando faltavam apenas horas para a sua implementação. Muitos dos seus seguidores perderam a fé, tendo sido

²⁸ Jeffersonismo: conceito inspirado nas ideias de Thomas Jefferson, terceiro presidente dos Estados Unidos da América e um dos pais da independência.

²⁹ <https://encyclopediaVirgínia.org>gabriel>, dia 12/09/2021, às 13 horas.

³⁰ <https://encyclopediavirginia.org>gabriel>, dia 12/09/2021, às 13 horas.

traído por um escravo chamado Pharoah, que receava represálias caso a rebelião falhasse³¹.

O plano foi descoberto e desactivado. Gabriel e vários co-conspiradores foram capturados, vinte e cinco escravos que valiam cerca de \$9.000 (nove mil dólares) ou mais em Virgínia foram executados antes do Gabriel ser morto sozinho de forma brutal³².

Insurreição de German de 1811

A Revolução Haitiana de 1791 lançada por Touissant Louverture, levada a cabo por escravos negros e sob a liderança de Jean Jacques Dessaline, tornou-se num factor de inspiração para os escravos africanos espalhados pelo mundo, como uma bola de neve contagiando todas as comunidades negras, principalmente nas Américas. Revolucionou as mentes dos escravos que já estavam cansados com maus tratos, injustiças, discriminação e segregação racial e sentiram o renascer da esperança e o sonho da liberdade.

Em 1811, a cerca de 40 milhas a norte de New Orleans, Charles Descondes, um mulato escravo que trabalhava numa plantação de açúcar de Andry, em German, na área costeira de Louisiana, teve uma inspiração esporádica da vitória haitiana. Dirigiu a operação que Rasmussen (2011) considerou a maior e mais sofisticada revolta de escravos na história da escravatura americana, sublinhando que a rebelião de Stono tinha sido a maior revolta de escravos da época até um certo ponto, porque ocorreu nas colónias antes dos Estados Unidos da América conquistarem a independência junto da Grã-Bretanha³³.

Depois de comunicar as intenções aos escravos da plantação de Andry e outras áreas circundantes, numa noite de chuva do dia 08 de janeiro, Descondes e outros companheiros escravos levantaram e atacaram o proprietário da plantação e sua família. Durante o ataque mataram um dos filhos do proprietário da plantação, mas por descuido operacional o patrão conseguiu escapar dos homens furiosos. Os revoltosos ocuparam o armazém da plantação onde montaram a sua milícia para dirigir as operações de revolta, uniformizados com armas e munições. Foram caminhando dentro de New Orleans com a intenção de capturar a cidade completa, tendo uma dúzia de homens e mulheres juntando-se a causa, cantando em crioulo cânticos de protesto, enquanto pilhavam as plantações e matavam os

³¹ <https://www.jstor.org>stable>, dia 12/09/2021, às 13h20.

³² <https://encyclopediavirginia.org>gabriel>, dia 12/09/2021, 13h25.

³³ <https://en.m.wikipedia.org>wiki>, dia 12/09/2021, às 14 horas.

brancos. Algumas estimativas apontam para 300 homens os que defendiam a cidade enquanto as forças do Descondes não ultrapassam os 124 homens (Rasmussen, 2011).

Só depois de dois dias é que as forças armadas americanas conseguiram neutralizar os insurgentes. Não houve mortos da parte das forças armadas, quanto aos escravos, 20 deles foram mortos após rendição, 50 foram presos e os restantes conseguiram fugir.

Rebelião de Nat Turner

No dia 22 de agosto de 1831, Turner e cerca de 70 escravos e negros livres, munidos de armas de fogo, decidiram massacrar os patrões brancos. De manhã cedo atacaram o patrão de Turner, sua esposa e filhos com martelo e catana. No final do dia seguinte, os rebeldes teriam atacado já 15 residências, matado entre 55 e 60 pessoas de raça branca e foram evoluindo para uma zona chamada cadeia de Jerusalém, Virgínia. Outros escravos, depois de juntaram-se a rebelião e com receio de serem derrotados, revoltaram-se contra os seus companheiros escravos assim que se aperceberam que as forças oficiais contra-atacavam os insurgentes seguidores do Turner. A maior parte dos insurgentes foi rapidamente capturado, mas Turner levou mais de um mês para ser apanhado pelas autoridades (Malva, 2020).

Foi apresentado na corte especial do Estado de Virgínia, onde foi sentenciado a morte no dia 5 de novembro e executado 6 dias depois do julgamento. Turner, sendo o líder da rebelião, mereceu um castigo maior, a sua execução foi bárbara, tendo sido pendurado, seu corpo cortado e espalhado em todos cantos para servir de recordação. Segundo Malva (2020), sua cabeça foi removida e colocada no Departamento de Biologia de Wooster College, em Ohio, para sua preservação.

As revoltas, rebeliões e outras manifestações dos escravos, sobretudo a Revolução Haitiana, contribuíram para mudança de mentalidade e consciência por parte dos capitalistas opressores, permitindo o surgimento de vários movimentos abolicionistas que se empenharam fortemente na luta contra a escravatura e a favor da liberdade dos negros quase em todos países ocidentais. Depois de três séculos de sofrimento incalculável, o final do século XVIII começou com o nascer de uma nova consciência de homens sensíveis aos danos causados pelo triste fenómeno, tendo sido liderado por britânicos através de campanhas abolicionistas, como a Society for the Abolition of Slavery, fundada em Londres, em maio de 1787. Em França, em 1788 foi criada a Societé des Amis des Noirs, que se juntou aos esforços da Society for the Abolition of the Slave

Trade, cujas acções contra a escravatura eram pressentidas quase em todas sociedades escravocratas. Como consequência do crescente movimento abolicionista, em 1833 o congresso britânico aboliu o comércio negreiro em todas as suas colónias (Williams, 2009).

O Reino Unido foi a primeira potência escravagista a condenar o fenómeno e a extinguir o mesmo, fazendo uma cruzada e forte pressão contra todos que insistentemente continuavam com a prática, como era o caso de Portugal, tornando-a quase impraticável. Durante a cruzada abolicionista britânica foram postas em acção as unidades da Marinha de combate ao tráfico negreiro, assim como a British Anty Slave Trade Squadron e a British Navy, para patrulhar as costas da África na região do Golfo da Guiné, ou seja, na África ocidental, entre 1815 e 1865, demonstrando a determinação britânica no combate a escravatura (Williams, 2009).

Por forma a clarificar e sustentar a sua determinação contra os navios negreiros, o Reino Unido comprou o território da actual Serra Leoa, tendo atribuído o nome de Freetown à sua capital, para colocar os escravos livres. Exemplo que foi seguido pela França, com a capital gabonesa que era sua colónia, denominando-a de Libreville, para acomodar os negros libertos da escravidão, aderindo assim a iniciativa britânica, ao abolir a escravatura em (Williams, 2009).

No entanto, importa referir que um dos primeiros sinais de abolição de escravatura já tinha sido dado por Portugal, com a “assinatura em 1761 do primeiro alvará da autoria do Marquês de Pombal, Primeiro-ministro, visando a eliminação da escravatura no território, mas mantendo-a nas suas colónias, ou seja, passaram a ser considerados homens livres os escravos que estavam em Portugal e os que entrassem a partir daquela data. Depois do sinal de meia culpa de Portugal que foi pioneiro do triste e cruel fenómeno, multiplicaram-se então as iniciativas de movimentos abolicionistas nos principais países que eram palcos do comércio triangular como Estados Unidos, Inglaterra, França, Dinamarca e outros” (Mascarenhas, 2012, p. 162).

3.4.3. Abolição da Escravatura

A escravatura, no seu sistema moderno, vigorou cerca de cinco séculos vitimando milhões de africanos que foram transformados em mercadoria e instrumentos de trabalho para potenciar e fortalecer as economias das grandes nações ocidentais da época, tendo sido reconhecido como o processo mais violento e brutal contra a vida humana que a

humanidade conheceu. O comércio triangular foi uma instituição fortemente económica com filosofia capitalista que permitiu criar as bases de desenvolvimento das potências ocidentais em detrimento dos mais fracos que representavam a matéria-prima para o seu crescimento económico.

A escravatura foi um processo bem estruturado e organizado cujos objectivos estavam claramente definidos, ou seja, usar a mão-de-obra barata africana para impulsionar e dinamizar o desenvolvimento da Europa, que foi o promotor do projecto, e das Américas que acabaram por ser arrastadas no processo como consequência das conquistas europeias feitas na descoberta do novo mundo. As Américas viriam a ser o destino de milhões de africanos, onde muitos tiveram que pagar com a sua própria vida por causa da crueldade e da humilhação a que eram submetidos.

Ao longo da sua vigência foram surgindo várias revoltas, insurreições e mesmo rebeliões no seio dos escravos contra os maltratos que eram vítimas, reivindicando a sua liberdade arrancada por razões económicas. Para o efeito, apresentou-se de forma sucinta algumas delas, que se consideram importantes porque ajudaram a mudar consciência das sociedades e de muitos escravocratas, devolvendo a liberdade retirada aos africanos e a consequente abolição do triste fenómeno.

Como declarou Harriet Tubman (1849)³⁴, “naquele tempo tenebroso que vivíamos, uma das duas coisas eu tinha direito: a liberdade ou a morte; senão podia ter uma teria a outra”. Com estas fortes e electrificantes palavras da Tubman facilmente se pode imaginar a energia passada para a mente dos escravos, principalmente aqueles que participaram de forma activa e corajosa nas diferentes revoltas.

Relativamente a escravidão em Angola, a primeira legislação foi criada pelo governo português em 1854, sem, no entanto, alterar nada em termos práticos no quotidiano dos escravos angolanos. Foi criada uma categoria intermediária entre o homem livre e o escravo. Ao liberto competia trabalhar para o antigo senhor (patrões) durante 10 anos a fim de ser ressarcido, mas não houve como levar a termo a legislação de 1854. Na verdade, a escravatura acabou por ser abolida por Portugal apenas em 1868. Os homens libertos, na prática, continuavam a ser escravos dos seus antigos patrões porque viviam

³⁴ Nasceu em Maryland em 1820, tendo escapado da escravatura no sul dos Estados Unidos, fugindo para Philadelphia, onde assumiu a liderança abolicionista antes do surgimento da guerra civil americana. Mulher negra, escrava, corajosa e guerreira, ajudando centenas de escravos a escaparem da escravatura.

sobre as suas ordens e comando, dentro do limite do liberalismo português. Foi possível acabar com tráfico de escravos, mas a escravidão se manteve intacta nos territórios do domínio de Portugal. Segundo Mascarenhas (2012), isto foi uma estratégia deliberada do Estado Português e pregado por alguns publicistas da época: acabar com tráfico ilegal exactamente para manter e fortalecer a escravidão.

Segundo Robert (1981), ao diminuir os embarques devido a repressão do tráfico ilegal por parte alguns países como a Inglaterra, França, Estados Unidos, Brasil e Portugal, a partir de 1850, os preços de escravos caíram. Em Angola, entre 1846 e 1850, foram embarcados 113.000 escravos, já entre 1850 e 1855 o número baixou significativamente atingindo apenas 7.600 escravos exportados. O preço de um escravo jovem em Luanda que custava cerca de 70 a 80 dólares passou para apenas 10 a 20 dólares.

De acordo com Ladislau (1849 a 1857), o húngaro que viajou e viveu no interior de Angola, o fim do tráfico ilegal fez desabar em 1/3 os preços dos escravos, a partir do momento que eram impedidos de embarcar. O autor sublinha que já se podia comprar um jovem escravo adulto ou uma jovem escrava por 35-40 côvados de diversos tecidos europeus, concluído que “um boi passante custava quase a mesma coisa.

No quadro 27 constata-se que o Gulungo Alto apresentava o maior número de libertos nesse período, devido a situação económica favorável na altura porque era nesta região onde se concentravam as rotas do comércio com os sertões. Luanda aparece em segunda posição pela condição privilegiada da cidade, capital da província e detentora do porto principal da região, com uma localização geográfica estratégica. Benguela na terceira posição pelo estatuto favorável de cidade costeira, como segundo maior porto da província e um desenvolvimento considerável em termos económicos. Na posição seguinte aparece Moçâmedes, devido ao seu crescimento económico na altura, sobretudo na produção de algodão, e finalmente o Ambriz.

Quadro 27. Escravos Libertos em Angola entre 1859 e 1863

Distritos	Libertos em 1859	Libertos em 1863
Ambriz	24	422
Luanda	2.328	6.781
Benguela	1.792	1.583
Moçâmedes	47	291
Gulungo Alto	9.483	21.182
Total	13.674	30.259

Fonte: Ferreira (2012, p. 107)

Importa referir que em alguns casos, quando os escravos fossem muito maltratados poderiam fugir para outro local e encontrar um novo dono que serviria de protecção. Os costumes africanos ou angolanos facultavam aos escravos o direito de fugir para encontrar outros donos. Bastavam os escravos sentirem algum tipo de «descontentamento» com seus donos. Existiam dois tipos de fugas, a primeira era a vátira, o escravo simplesmente abandonava tudo e fugia do seu antigo dono. Esta fuga não era sancionada pelos costumes locais e levava o escravo para o ponto mais longe possível, muitas vezes até ao estrangeiro, para garantir a sua segurança e evitar ser reencontrado (Ferreira, 2012).

O verdadeiro perigo para os donos de escravos era fuga chimbika ou tombika. Nessa modalidade o escravo podia procurar qualquer outro chefe africano e se oferecer para ser seu escravo. Bastava apenas cometer algum delito, por exemplo, matar um animal do dono pretendido e dizer que não tem meios para pagar ou ressarcir o prejuízo causado, oferecendo-se como escravo e trabalhar o tempo que for necessário para compensar a dívida (Ferreira, 2012).

A chimbika ou tombika era posta em prática quando um determinado escravo estivesse descontente com o seu dono, simulava uma saída e dirigia-se à residência de um chefe de família, geralmente abastado e influente, seleccionado por ele antecipadamente, procurando chegar num momento com pessoas a volta para testemunhar os seus actos. Aproxima-se, mata um animal pertencente ao pretendido patrão, ou faz algo que cause danos ao potencial patrão. Chamado a responsabilidade, ele declara-se automaticamente escravo que pretende abandonar o seu actual dono, oferecendo-se ao serviço da residência

para pagar o prejuízo causado. A outra forma de accionar a chimbika era apenas chegar, pegar na veste ou casaco do chefe da família e fazer um pequeno rasgão dizendo: ame pika yove – sou o teu escravo.

A chimbika ou tombika era também usada pelos escravos criminosos que tinham facilidades em praticar determinados crimes que exigiam força e muita coragem. Fugindo e repetindo o mesmo procedimento. Ou seja, causar algum dano ao património de outra pessoa para então oferecer-se como escravo. Sendo um potentado, o antigo dono poderia ainda tentar reaver o seu escravo através de pagamento. Isto é, bastava pagar o dano causado pelo seu escravo ao dono pretendido. Mas escravos visionários sabiam como impedir ou evitar o seu resgate usando a estratégia da antecipação, a de causar danos avultados que ultrapassassem as capacidades económicas do seu antigo dono, para desencorajar o resgate (Ferreira, 2012).

Segundo Magyar e Monteiro, citados por Ferreira (2012), quase que não havia diferenças na escravidão praticada no interior de Angola. Os autores concluíram que a escravidão era uma instituição com carácter doméstico: benigna e não hereditária. Os cativos contraíam matrimónio com mulheres livres e eram integrados na família dos seus donos. Na região ambundu existiam duas diferentes classes de escravos, os Fukas e os Dongo. Os Fukas eram mantidos sob propriedade de alguém, como uma penhora, podiam ser resgatados pelos antigos donos ou famílias mediante o pagamento do valor da dívida. Sendo importante realçar que esta prática se observava quase em todo território angolano, incluindo na região bakongo e persistiu depois da independência do país.

Hoje há pessoas desintegradas das suas famílias originárias devido ao Fuka, porque não foram capazes de pagar as suas dívidas no passado. A segunda classe de escravos era o Dongo, que se referia as pessoas compradas e as capturadas nas guerras entre os diferentes reinos ou grupos, tida como propriedade absoluta dos seus donos, ou seja, escravos para sempre (Ferreira, 2012).

3.5. A Contribuição dos Angolanos na Edificação das Américas

No dia 14 de fevereiro de 2008, em Luanda, a antropóloga norte-americana Sheila Walker afirmou que o surgimento e o desenvolvimento dos Estados Unidos da América contaram com o inestimável contributo dos africanos, em particular dos angolanos, em todas as dimensões.

Segundo a antropóloga, além dos britânicos e indígenas (índios), os cientistas descobriram que em 1619, no Estado de Virgínia, local da formação dos Estados Unidos da América, estavam também presentes angolanos como resultado ou consequência do dramático tráfico negreiro. O contributo e a participação dos africanos no surgimento dos Estados Unidos da América e o engajamento dos afrodescendentes, desde a música, religião, desportos, culinária, ciência, métodos agrícolas e até nos nomes atribuídos aos filhos, denotam claramente a forte ligação com a mãe África. A presença de africanos é patente numa boa parte do continente americano e noutras partes do mundo, como na Índia e países árabes ou muçulmanos, onde são visíveis as raízes africanas no comportamento, fisionomia e forma de ser de algumas comunidades.

Nomes como Jinga e Congo, assim como instrumentos musicais como marimba e hungu, são frequentemente utilizados pelas comunidades africanas nas suas cerimónias e vida quotidiana, em outras localidades do mundo, pese embora com outras designações. A antropóloga sustentou que anos atrás descobriu que a sua tetravó se chamava Amélia Congo, descoberta essa que a tem igualmente impulsionado a pesquisar mais sobre a presença africana no mundo e os esforços consentidos para a construção e desenvolvimento de muitos países fora do continente negro.

Em 1771, a população negra de Nova Iorque já atingia aproximadamente 20.000 habitantes e havia regiões onde o número era bastante superior, como nas Caraíbas, na América central e do sul. A título ilustrativo, em 1787 as Índias Ocidentais Britânicas tinham mais de 450.000 negros, Santo Domingos e Haiti cerca de 300.000, Venezuela 500.000 e Brasil, com maior número de negros, 2.000.000, o principal centro de movimentação de escravos do mundo na época³⁵.

As revelações da antropóloga Sheila Walker são evidências da participação de milhões de africanos e seus descendentes que, com o seu esforço, inteligência e sabedoria, ajudaram a erguer o império norte-americano de hoje, e da própria Europa, apesar de a história ainda continuar a camuflar essa grande verdade.

O quadro 28 apresenta o registo de escravos em Nova Iorque, onde muitos deles preferiram adoptar o nome Angola como seu apelido para não perder a origem e a raiz cultural.

³⁵ Brasil é actualmente o segundo país do mundo com maior número de negros (atrás apenas da Nigéria) e o primeiro fora da África.

Quadro 28. Registos de Escravos Angolanos Baptizados em Nova Iorque

Anos de Registo	Nomes de Angolanos Registados
1639	Suzana D`Angola
1640	Samuel Angola, Isac D`Angola, Emanuel Van Angola, Lucie Van Angola, Catharina de Angola, Isabel D`Angola, Marie D`Angola
1641	Suzana Van Angola, Jaco Anthony Van Angola, Cleyn Antony Van Angola, Magdalena Van Angola, Lucie Angola, Cleyn Anthony Angola, Clara de Angola, Paulo D`Angola, Manuel de Gerrit de Reus Vab Angola, Garcia D`Angola
1642	Suzana Simons Van Angola, Andrie Van Angola, Isabel Van Angola, Emanuel Swager Van Angola, Andries Van Angola, Marie Van Angola
1643	Pallas Megrinne Van Angola, Catharina Van Angola, Antony Van Angola e Domingo Angola
1644	Antony Van Angola, Catharina de Angola, Samuel Van Angola, Lucretie D`Angola Negrinne
1645	Andries Van Angola, Mayken Van Angola
1646	Paulus Van Angola, Lucretia Albiecke Van Angola, Emanuel Van Angola, Francisco de Angola e Albiecke Van Angola
1647	Marie Van Angola, Jan Van Angola- Neger, Palasse Aka Pallas Van Angola, Philippe Swartinne Van Angola
1648	Emmanuel Angola
1649	Cristyn Van Angola, Laurens Samuel Angola, Catelina Van Angola, Maria Angola, Geracy Van Angola, Lovys Angola, Paulus Neger Aka Paulus Van Angola.
1651	Marie D`Angola, Suzana D`Emanuel Van Angola
1653	Doroth Angola, & Paulo D`angola
1655	Matheus de Angola
1656	Maria Angola & Gerasy Van Angola
1660	Louys Angola
1664	Cristina Angola & Domingos Angola

Fonte: Fortuna (2011)

Pairavam dúvidas sobre a origem dos 20 primeiros negros considerados estranhos que chegaram a América em 1619. Vários historiadores fizeram pesquisas, sem sucessos, para

definir a sua proveniência. Foi preciso esperar a apresentação dos resultados da investigação do historiador norte-americano Engel Sluiter, em 1997, para se dissipar as dúvidas sobre o seu local de captura em África e como chegaram aos Estados Unidos. Segundo Sluiter (1997), citado por Fortuna (2011), os primeiros africanos que desembarcaram em 1619 em Jamestown, Virgínia, eram angolanos. O autor chegou a essa conclusão depois de ter localizado os registos das viagens efectuadas pelos portugueses que comercializavam escravos de África para as colónias espanholas na América.

A forte presença dos angolanos naquele território e a influência da sua cultura e história deu lugar a criação de uma cidade chamada Angola, localizada no estado norte-americano de Indiana, Condado de Steuben, fundada no dia 28 de junho de 1838, por Thomas Gale e Cornelius Gilmore.

O tráfico negreiro universal foi uma instituição que marcou a vida de todas as sociedades do mundo em momentos históricos precisos, apresentando uma tripla singularidade: a sua duração – cerca de quatro séculos; a especificidade das vítimas – homens, mulheres e crianças; a sua legitimação intelectual – a desvalorização cultural de África e dos africanos, isto é, a construção de uma ideologia de racismo contra o negro e sua organização jurídica (Williams, 2009).

O choque brutal causado pela escravatura gerou, num quadro de violência e de discriminação extrema, o surgimento de novas culturas que irromperam nas Américas e que marcam actualmente as suas especificidades, graças as forças culturais e espirituais africanas que permitiram conservar a sua origem, enfrentando a vida e a morte. Estas duas palavras chegaram a significar a mesma coisa naqueles momentos de intenso sofrimento e injustiça. O negreiro e o escravagista, interessados na vertente económica do escravo, mesmo com tanta violência e atrocidades não puderam eliminar, não conseguiram acabar com as culturas, religiões, valores, mitos, nomes, histórias e divindades que os homens carregavam consigo e que lhes permitiu sobreviver, resistir, renovar, adaptar-se e reconstruir uma nova identidade cultural, num espaço marcado por hostilidade global (Heywood e Thornton, 2007).

A escravatura imposta pelos europeus alterou os parâmetros de vida do homem africano, retirando-lhes as suas qualidades humanas para os transformar em pura mercadoria, modificando-lhe o corpo, tentando apagar as suas marcas culturais e tradicionais para introduzir outras totalmente diferentes à sua realidade cultural. A maior parte dos escravos

da África central-ocidental que chegou às colónias inglesas e holandesas antes do meado do século XVII, sobretudo na Nova Inglaterra, Barbados e Novo Amsterdam (hoje Nova York) ou nas regiões de Amazonas e Guianas; era distinta em vários aspectos. A maior parte falava duas línguas bantus, similares uma da outra, o Kikongo e o Kimbundo³⁶, o crioulo de versão portuguesa e outras línguas africanas (Heywood e Thornton, 2007).

Para os autores, a origem, passado histórico e cultural comum da África central e ocidental permitiu envolver práticas religiosas africanas similares, incluindo vários aspectos do cristianismo e uma profunda conexão com a cultura crioula do Atlântico, em termos de vestuário, culinária, música, dança e conhecimentos sobre a agricultura. Esses elementos e outros influenciaram e contribuíram na modificação e diversidade do estilo de vida na América, fornecendo um importante modelo cultural proveniente dos hábitos e costumes africanos.

A geração do Atlântico Charter Créole, foi uma das mais homogêneas dos grupos africanos que entraram nas Américas em toda a história do comércio triangular. Essa homogeneidade permitiu-lhes ter um impacto substancial na formação da cultura dos afroamericanos e influenciar gerações de africanos subsequentes. Essa geração possuía todos elementos ao seu favor para implantar a sua própria cultura, isto é, a cultura africana nas Américas, mesmo não sendo suficientemente numerosos. Tinham contactos regulares entre eles para evitar uma absorção dentro dos mundos de seus proprietários ou patrões e Euro-América vizinhos, estabelecendo relações familiares para passar a sua herança, habilidades profissionais, funções de supervisão, trabalhos de casa, obras de construção e outros (Heywood e Thornton, 2007).

Segundo os autores, houve um número considerável que depois de reencontrar a liberdade e estabelecer a sua própria comunidade, desapareceram dentro da grande comunidade euroamericana através de casamentos ou migração fora das fronteiras. São muito poucos os que conseguiram criar famílias poderosas. Para aqueles que permaneceram na escravatura, a sua posição fez deles modelos de cultura para os numerosos recém-chegados não crioulos, reforçados pelo papel desempenhado pela comunidade de afroamericanos livre.

³⁶ Línguas nacionais faladas em Angola pelos Bacongo e Ambundus respectivamente. Dois dos principais grupos étnicos do país de origem bantu.

Um dos momentos marcantes deste trabalho de investigação aconteceu no dia 23 de julho de 2017, quando uma ex colega da esposa do autor, de origem africana, de nome Myrna St. John, de 68 anos de idade, natural da Guiana inglesa e de nacionalidade Americana, apareceu em casa para visitar a sua antiga colega que estava em convalescença. Preparado o almoço (funge, sakafolha e bacalhau), a visitante foi convidada a juntar-se a mesa. Depois de saborear as iguarias provenientes de África e preparada à maneira angolana, a senhora afirmou que a comida estava deliciosa e que tinha sido a primeira vez que comera o funge, mas que já tinha ouvido falar, pedindo uma marmita para levar a sua casa. O que mais chamou a atenção foi quando ela olhou para a sakafolha e disse que no seu país todos os pratos que levam verdura são chamados de kalulu³⁷, designação de um prato típico angolano muito apreciado pela população, sobretudo a de Luanda.

Esse episódio vivido pelo autor é uma indicação clara sobre a raiz cultural e a origem da população das Guianas. É uma revelação que sustenta as referências da antropóloga Sheila Walker, que fez menção sobre a influência dos afroamericanos na história e cultura das Américas, sobretudo nos Estados Unidos da América, no domínio da gastronomia, música, dança, desporto, ciência e tecnologia e das artes de uma forma geral. No domínio da música, da dança e dos desportos, os africanos deram uma contribuição considerável, visível até aos dias de hoje. Um dos exemplos a destacar é o da capoeira do Brasil, cuja origem começa no século XVI, na fase em que o território brasileiro era uma colónia portuguesa e o principal mercado de concentração de escravos provenientes de várias partes da África.

No passado, um dos costumes dos povos pastores do Sul do actual território angolano era comemorar a iniciação dos jovens à vida adulta com uma cerimónia chamada “n’golo”, que em kikongo significa força. Durante a cerimónia comemorativa, os homens competiam numa luta animada pelo ritmo ou toque do batuque em que ganhava o que saltava mais alto, ou seja, quem conseguisse encostar o pé na cabeça do adversário. O grande vencedor tinha direito de escolher, sem ter de pagar o dote obrigatório em termos de costumes locais, uma noiva entre as jovens que estavam sendo iniciadas à vida adulta. Com a chegada dos portugueses e a consequente escravização do continente africano, essa prática foi transportada e introduzida no Brasil com a designação de capoeira³⁸.

³⁷ Guisado de peixe seco e fresco com verduras em de óleo de palma ou vegetal, acompanhado de funge e feijão.

³⁸ www.politize.com.br, 20/08/18, às 15 horas.

Como é do conhecimento geral, a mão-de-obra escrava foi muito utilizada no Brasil, principalmente nos engenhos (fazendas produtoras de açúcar) do nordeste do país. Muitos desses escravos eram oriundos de Angola, transformado em seu principal território de caça de escravos. Quando os africanos chegavam ao Brasil eram violentados e maltratados de todas as formas possíveis, inclusive proibidos de falar as suas línguas de origem e, muito cedo, perceberam que havia necessidade de desenvolverem técnicas de protecção e de defesa contra a violência dos seus patronos³⁹.

Existem três tipos de capoeira que se diferenciam umas das outras, em função dos movimentos. O tipo mais antigo, criado na época da escravidão é a chamada capoeira de Angola. As principais características da capoeira de Angola são o ritmo musical lento, golpes mais baixos, próximos do solo e muita malícia em termos de golpes e táticas. A segunda caracteriza-se pela mistura da malícia da capoeira de Angola com o jogo rápido de movimentos circulatorios, ao som do instrumento musical denominado berimbau. Os golpes são muito rápidos e secos, sendo que as acrobacias não são utilizadas. Já o terceiro estilo é a capoeira contemporânea e moderna. Porém, é importante ressaltar que segundo os brasileiros, a capoeira é só uma, a de Angola, considerada como a mãe dos outros estilos que conserva a configuração da capoeira criada pelos escravos africanos representada pelo Grupo de Capoeira Angola Zimba⁴⁰.

Considerando sua importância na história universal, a UNESCO declarou a capoeira como Património Mundial Imaterial. De acordo a Organização, a capoeira representa a luta e resistência dos negros brasileiros contra a escravidão durante os períodos colonial e imperial da nossa história, tendo consagrado o dia 3 de agosto como dia internacional do capoeirista.

Outras contribuições da diáspora africana são assinaladas, tal como o “Jass”, que mais tarde transformou-se em Jazz, estilo de música criado pelos escravos afroamericanos em New Orleans, mais precisamente pelo cornetista Buddy Bolden (1877-1931). Este estilo foi desenvolvido por Louis Armstrong (1901-1971), considerado um dos maiores pivots da música Jazz pela contribuição dada na actuação da trompeta, corneta e composição da música. De igual forma, o tango argentino é uma dança iniciada e muito praticada pelos escravos africanos, posteriormente desenvolvida por outros artistas tornando-se

³⁹ www.politize.com.br, 20/08/18, às 15 horas.

⁴⁰ Fonte: <http://m.monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/capoeira-angola.htm>, 19/08/18, às 6 horas.

património não apenas da Argentina, mas também consagrada pela UNESCO como Património Mundial⁴¹.

No domínio científico e da tecnologia, a diáspora africana deu uma grande contribuição para o desenvolvimento científico do mundo e para a melhoria da qualidade de vida da humanidade, que por razões de vária ordem e condicionalismos diferentes, não são suficientemente tornados públicos, nem sequer constam em manuais didácticos. O quadro 29 resume algumas das mais importantes invenções de cientistas negros como contribuição para o mundo e bem-estar dos seres humanos.

Quadro 29. Principais Invenções dos Afrodescendentes

N/Ord.	Nome do Cientista	Invenções
01	Alexander Miles	Elevador
02	Alice Parker	Forno de aquecimento
03	C.J Walker	Artefacto para cuidar do cabelo
04	Charles Drew	Criou o primeiro banco de sangue do mundo
05	Daniel Hale Williams	Executou a primeira cirurgia aberta de coração
06	Ernest E. Just	Fertilização e a estrutura celular do ovo, Realizou a primeira visão da arquitectura humana ao explicar como trabalham as células
07	Frederick Jones	Ar condicionado
08	Garret A. Morgan	Semáforo e a primeira máscara contra gases
09	George T. Samon	Secadora de roupas
10	John Love	Apontador de lápis
11	William Purvis	Caneta de tinteiro
12	George Washington Carver	Métodos de cultivo que salvaram a economia do sul dos Estados Unidos na década de 1920
13	Granville T. Woods	Transmissor do telefone que revolucionou a qualidade e distancia que podia viajar o som
14	Jan E. Matzeling	Máquina de colocar solas de sapatos
15	John Standard	Geladeira/ geleira

⁴¹<https://en.wikipedia.org/wiki/jazz>, 25/07/18, às 5 horas.

16	Joseph Gammel	Sistema de supercarga para os motores de combustão interna
17	Lee Burrige	Máquina de dactilografia
18	Lewis Howard Latimer	Filamento que se coloca dentro da lâmpada electrónica
19	Lloyd Quarteman	Primeiro reactor nuclear na década de 1930
20	Lloyde P. Ray	Pá de lixo
21	Lydia O. Newman	Escova para pentear cabelos femininos
22	Mccooy	Sistema de lubrificação para maquina a vapor
23	Patricia E. Bath	Dispositivo lazer para cirurgia de cataratas
24	Philip Emeagwali (Nigeriano)	Computador mais rápido do mundo, 3.1 bilhões de cálculos por segundo, possibilitando estudar o aquecimento global, as condições do tempo e determinar como o petróleo flui sobre a terra
25	Percy L. Julian	Desenvolvimento do tratamento do mal Alzheimer e do glaucoma
26	Philip Downing	Caixa de correio
27	Raphael E. Armattoe	Cura pra doença do verme da água da Guine com a sua droga ‘Abochi’
28	Richard Spikes (1878-1963)	Mudança automáticas das viaturas; Sistema de transmissão; Sistema de travões de segurança; Sinais direccionais; Serpentina de fino (Cerveja).
29	Roberto E. Shurney	Pneumático de malha de arame para o Robot da ‘Apolo XV’
30	Sarah Boone	Tabua de passar roupas

Fonte: <https://www.geledes.org.br/cientista-e-inventores-negros/>, 03/10/21, às 11 horas.

Para além dessas invenções existem outras, tão ou mais importantes, que não foram registadas nem divulgadas. Por exemplo, segundo Nelson Pascarelli Filho, “o pai da medicina não foi Hipócrates, mas sim Imotep, um médico negro que viveu dois mil anos antes do médico grego”. O autor acrescenta lamentando que “infelizmente os livros didáticos de ciências que ele conhece não mencionam a contribuição dos cientistas

negros na qualidade de vida da humanidade, perpetuando assim uma educação nos moldes europeus, no qual o homem branco e cristão é paradigma da beleza e verdade”⁴².

Todavia, o importante é saber que os antepassados africanos contribuíram com seu trabalho, sacrifício, inteligência e sabedoria para o mundo atingir o desenvolvimento que tem hoje. Os dados que existem actualmente, apesar de alguns continuarem ainda inacessíveis pela força da supremacia branca, são suficientes, elucidativos e factuais para serem contrariados.

O tratamento do presente capítulo permitiu analisar o fenómeno tráfico de escravos em todas suas dimensões e avaliar as suas consequências tanto em África como no mundo. O próximo capítulo se debruça sobre experiências de sucesso de alguns países no domínio do turismo de memória.

⁴²Fonte: <https://www.geledes.org.br/cientista-e-inventores-negros/>, 03/10/21, às 11 horas.

IV. CAPÍTULO – EXPERIÊNCIA DE SUCESSO DE ALGUNS PAÍSES NO DOMÍNIO DO TURISMO DE MEMÓRIA

Há pouco mais de cinco séculos iniciava um dos mais hediondos crimes da humanidade, o tráfico transatlântico de africanos reduzidos à escravatura. O tráfico negreiro teve como fundamento legal as diferentes bulas do Papa Nicolau V, nomeadamente a bula “Dum Diversos” dirigida ao rei Afonso V de Portugal, publicada em 18 de junho de 1452 e a bula papal “Romonus Pontifex”, que autorizou a escravatura em 8 de janeiro de 1454, declarando a guerra santa contra a África. “Nós lhe concedemos, por estes presentes documentos, com a nossa Autoridade Apostólica, plena e livre permissão de invadir, buscar, capturar e subjugar os sarracenos e pagãos e quaisquer outros incrédulos e inimigos de Cristo”. Essas foram as palavras daquele que era considerado representante de Deus na altura, líder supremo da Igreja Católica, (Williams, 2009).

O comércio de seres humanos que alimentou, enriqueceu e impulsionou a economia da Europa ao longo de quatro séculos, é praticamente desconhecido, pois que os seus autores achavam por bem não lhe dar o lugar que merece nos livros de história e de ensino em geral, escondendo-o pelo contrário, por detrás de ideologias que apresentavam o negro como um ser inferior e sem cultura e que precisava, portanto, de ser civilizado e evangelizado. Assim, a humanidade foi considerando o tráfico negreiro ao longo do tempo como um facto marginal da história do mundo, até que em maio de 2001 a deputada da Guiana Francesa Christiane Toubira-Dellanon, e o seu grupo, conseguiram fazer com que o parlamento da França declarasse esse tráfico e a própria escravatura como um crime contra a humanidade⁴³.

Segundo o Senegalês Doudou Diagne, Diretor do Sector de Projectos Interculturais na UNESCO, a adopção dessa lei pela França (Toubira-Dellanon), e na esperança que a ONU fizesse o mesmo a nível universal, é fruto de uma acção colectiva na qual estão associados diversos factores, onde um dos mais importantes é sem dúvida a coragem excepcional demonstrada pela deputada Toubira-Dellanon. Para Elie Wiesel, “o carrasco sempre mata duas vezes, a segunda vez por meio do silêncio”. Historicamente, questões mundiais – desenvolvimento, direitos humanos, pluralismo cultural e diálogo internacional – têm

⁴³ <http://memoire-esclavage.org>, 2017

sido caracterizadas pela total falta de consciência e de compreensão do tráfico transatlântico.

Para romper o silêncio em torno do tema, a UNESCO lançou o Projecto Rota do Escravo no dia 10 de setembro de 1994, uma pesquisa mundial sobre os meios de se promover a aproximação de povos por meio do legado compartilhado dessa tragédia. Esse importante projecto tem provocado um impacto significativo na mudança de mentalidades das pessoas tanto dos países que foram vítimas do fenómeno bem como dos promotores, o que ajudou a assegurar o reconhecimento oficial do tráfico de escravos como crime contra a humanidade.

Segundo Ali Moussa Lye, então Director do Projecto Rota do Escravo, graças a iniciativa do Haiti e de alguns países africanos, a UNESCO estabeleceu o projecto a Rota do Escravo adoptando uma abordagem holística e não acusatória para restabelecer o diálogo. O objectivo é entender que essa tragédia dividiu a humanidade. Manter esse facto histórico como um tabu em silêncio absoluto constitui um obstáculo para construir a paz e a reconciliação. Nessa base, a UNESCO levou a cabo uma série de acções visando a consciencialização das pessoas sobre essa matéria tendo conseguido inserir o tráfico de escravos na agenda internacional, ao mesmo tempo em que desenvolveu o conhecimento científico sobre a questão e promoveu a sensibilização de todo mundo. Além de contribuir para o reconhecimento da escravidão como um crime contra humanidade, a UNESCO instituiu o dia 23 de agosto como Dia Internacional da Memória do Tráfico de escravos e de sua abolição, estabelecendo Comitês Nacionais da Rota do Escravo em Cuba, Haiti, Beni, Gana, Portugal, México⁴⁴.

Para a UNESCO, a lembrança, isto é, a conservação, valorização e divulgação do património histórico ligado ao tráfico negreiro é um elemento chave da luta contra o racismo. A transmissão da história do tráfico de escravos fortalece as bases para a paz e aprofunda o respeito pelos direitos humanos. “O desafio de “viver juntos” em nossas sociedades multiculturais implica o reconhecimento da história e da memória de cada pessoa e, ao mesmo tempo, o comportamento de um património comum, a fim de transcender as tragédias do passado”, disse Ali Moussa.

Um dos grandes objectivos da UNESCO é a promoção da memória do tráfico negreiro, isto é, ajudar todos os países ligados ao fenómeno a consciencializarem-se sobre a

⁴⁴ <http://www.acpha.ca/activites/mhn-2017-2018/ali-moussa-lye>

importância do tema e promover a restauração de todos lugares de memória ligados a escravatura, como os cemitérios; locais de esconderijos, concentração, venda e embarque de escravos; castelos, cidades e outros, criando as condições necessárias em termos de acessibilidades e infra-estruturas de apoio para serem promovidos no âmbito do turismo de memória.

Fazendo leituras dos novos tempos, observa-se uma forte tendência de uma crescente necessidade das pessoas conhecerem as origens dos seus antepassados, representando um desafio na criação das condições básicas necessárias e ao mesmo tempo uma grande oportunidade, tendo em conta milhares de pessoas nas Américas, Antilhas e Europa que desejam descobrir e vivenciar as terras de proveniência dos seus ancestrais.

É necessário criar esses locais de memória nos países aonde ainda não existem para que as populações, sobretudo as novas gerações e os visitantes, possam ter uma ideia e testemunho claro do fenómeno tráfico negreiro, tal como sucedeu depois da Segunda Guerra Mundial. A comunidade judaica fez questão de que os campos de concentração, testemunhos vivos da tragédia do holocausto que vitimou milhares de pessoas, fossem mantidos e conservados para serem visitados como locais de transmissão da história e do conhecimento sobre passado.

Nesta perspectiva, vários países criaram as suas rotas de escravos individuais no âmbito do Projecto Rota do Escravo da UNESCO, dando cumprimento aos desígnios desta organização, que luta pela valorização, divulgação e promoção do património histórico ligado ao tráfico negreiro, com vista a consciencializar as pessoas principalmente as novas gerações sobre o triste passado. Para o efeito, tem sido criado um ambiente de mais aproximação e de paz entre os países promotores do processo, países vítimas assim como os descendentes dos escravos espalhados em todos continentes, através da prática do turismo de memória.

Assim e tendo em conta o sucesso alcançado por alguns países neste domínio, essencialmente africanos, apresenta-se a seguir as várias experiências que poderá servir de referência para a definição e concepção da Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola; nomeadamente o Senegal, Gana, Tanzânia, Benin e Brasil.

Senegal

Geograficamente situado na África Ocidental, o Senegal ocupa um espaço territorial de aproximadamente 196.722 mil quilómetros quadrados. O seu território é banhado a oeste pelo oceano Atlântico, limita-se ao norte com a Mauritânia, a leste com o Mali, a sudeste com a Guiné e a sudoeste com a Guiné-Bissau, além da Gâmbia, que está totalmente inserida no território senegalês. Está dividida administrativamente em 11 regiões e a língua oficial é o francês.

A sua população é composta por cerca de 16,74 milhões de habitantes, sendo que a maioria (57,6%) reside em áreas rurais. A sua capital é Dacar, a cidade mais populosa do país com 2,8 milhões de habitantes. A religião com maiores adeptos é o islamismo, 87,2%, crenças tradicionais 6,2%, cristianismo 6%, sem religião 0,4% e bahaismo 0,2%. O seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,485 (Pnud-2014), a taxa de analfabetismo é de 57%, a esperança de vida é de 65,1 anos (2015), o PIB-US\$ é de 38,9 mil milhões (estimativa de 2016), o PIB per capita é de US\$ 2.525 (estimativa 2016) e a sua moeda é Franco CFA⁴⁵

Falar do Senegal sobre a escravatura implica, necessariamente, falar sobre a Ilha do Goré, onde foram embarcados milhões de escravos africanos para as Américas até ao século XIX. A ilha mantém como memória e símbolo desse passado que tem sido valorizado pelas autoridades locais, conseguindo preservar vários vestígios e monumentos históricos como a Casa dos Escravos do tempo dos holandeses, ligada ao mar por um vão denominado *“la porte de voyage sans retour”*. Local que encarna uma forte expressão daquilo que foi o fenómeno tráfico de escravos e visitado por vários estadistas mundiais como Bill Clinton, George W. Bush, Barack Obama. O presidente português Marcelo Rebelo de Sousa visitou o local no dia 13 de abril de 2017, sendo o primeiro Chefe de Estado Português a fazê-lo.

É na Ilha do Goré, localizada a 20 minutos de barco da capital do Senegal, onde no ano de 1992, o Papa João Paulo II pediu perdão pela escravatura, afirmando: “a partir deste santuário africano do sofrimento negro, imploramos o perdão do céu”. Em 2005, passados alguns dias depois da morte do Papa João Paulo II, o então Presidente do Brasil, Lula da Silva, visitando a Ilha do Goré, fez questão de repetir o mesmo gesto, referindo-se que embora não tivesse “nenhuma responsabilidade com o que aconteceu no período da

⁴⁵ Fonte: <https://en.m.wikipedia.org/wiki/Senegal>.

escravatura, declarou perdão pelo que fizemos aos negros”. Importa referir que os navegadores portugueses foram os primeiros a chegar a Ilha de Goré em 1444, numa descoberta atribuída a Dinís Dias, e denominaram a mesma como Ilha da Palma. Depois da passagem dos portugueses surgiram os holandeses, seguidos pelos franceses que ficaram até a independência do país em 1960. O primeiro presidente do Senegal foi Leopoldo Senghor, seguido de Abdul Diop.

Considerando a carga histórica, assim como o património histórico e cultural ligado ao fenómeno tráfico negreiro existente no local, a Ilha do Goré foi classificada como Património Mundial pela UNESCO em 1978. Actualmente é um incontornável destino turístico mundial no domínio do turismo de memória, uma fonte de aprendizagem e referência para as novas gerações sobre a escravatura, bem como uma fonte de receitas para o bem-estar das populações locais, constituindo assim num grande exemplo para os países como Angola.

Augustin Senghor, Administrador de Goré, localidade onde 70% da população vive do incentivo do turismo de memória, realça a importância e o impacto do sector turístico na economia e na vida das pessoas, tendo sublinhado a necessidade de protecção, valorização e gestão racional e cuidado dos sítios históricos e culturais africanos para salvaguarda do seu passado histórico, que constitui o baluarte da sua identidade cultural e uma fonte de receitas para dinamização das economias locais. Na figura 23 é apresentada a fachada principal da Casa dos Escravos da ilha.



Figura 20. Dakar – Casa dos Escravos

Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Casa_dos_Escravos, acedido aos 20/07/2017

Gana

É um país situado na África Ocidental, com uma superfície de 238.536 km², limitado a norte pelo Burkina Faso, a leste pelo Togo, a sul pelo Golfo da Guiné e a oeste pela Costa do Marfim. A sua capital chama-se Acra, que significa na língua local “guerreiro”, e é derivado do antigo Império do Gana. Foi o primeiro país independente da África subsaariana, proclamada pelo nacionalista e pan-africanista Kwame Nkruma no dia 6 de março de 1957, tendo sido o seu primeiro presidente. Em termos demográficos o Gana tem uma população de 28.400.000 de habitantes, com um índice de desenvolvimento humano de 0,579/140 (Pnud-2015), esperança de vida de 64 anos (2015), PIB-per capita 4.550 (ppp-2017). Em termos de religião, 50% da população é cristã, 30% animista e 20% muçulmana⁴⁶.

O Gana é um dos países africanos que melhor conserva, valoriza e divulga a história da escravatura. Dispõe do maior acervo e vestígios visíveis sobre essa matéria, cujo mais importante monumento é o Cape Coast Castle. Esse magnífico monumento construído pelo sueco Hendrik Caerloff, da empresa Swedish Africa Company, representa um dos quarenta castelos ligados a história da escravatura existente no Gana. A sua dimensão, estrutura, originalidade e localização distingue-o dos demais, onde se destaca também o Elmina Castle e o Fort Christiansborg.

O Cape Coast Castle foi construído para servir a comercialização do ouro que o país detinha em abundância na época da sua descoberta pelos europeus, mas com tempo foi transformado em local de concentração, venda e embarque de escravos para os navios negreiros que eram vendidos nas Américas, especialmente no Caribe. O Cape Coast Castle era a “saída sem regresso”, ou seja, era a última paragem antes de se atravessar o oceano Atlântico para o chamado novo mundo, que na verdade significava o inferno na terra.

A primeira atracção dos europeus naquele território africano foi a grande quantidade de ouro encontrado na época. Muitos nativos de Cape Coast Castle tinham vantagens em termos comerciais perante os seus compradores. Em troca do seu ouro, tal como acontecia em outras paragens do continente africano, os ganenses recebiam produtos locais, roupas, lençóis, bebidas e uma variedade de produtos alimentares. O Cape Coast Castle era o grande mercado onde todas as transacções eram processadas, sendo importante referir

⁴⁶ Fonte: <https://www.icex.es>.

que os escravos representavam o produto com mais valor comercial nas Américas e depois tornou-se na principal *comodity* para comercialização.

Com mudança verificada no mercado em termos de produtos, foram feitas muitas transformações estruturais com vista a adaptar o espaço as novas exigências de cada momento. Uma das alterações feitas foi a ampliação da parte subterrânea ou cave, aumentando a sua capacidade, a fim de armazenar milhares de escravos no mesmo momento sem recorrer a espaços adicionais. Muitos europeus escalavam o Cape Coast Castle para comprar e carregar os escravos para comercializar em diferentes mercados do mundo, sobretudo na Europa e Américas. O negócio de escravos era tão competitivo que originou vários conflitos entre os intervenientes no processo, razão pela qual o Cape Coast Castle mudou de gestão várias vezes durante a sua história de comercialização.

Actualmente os castelos do Gana ligados a história da escravatura foram preparados e transformados em verdadeiros monumentos históricos para transmitir as lições do passado aos visitantes provenientes de todas as partes do mundo que, através da sua presença nestes locais, conseguem vivenciar o sofrimento daquele passado doloroso e marcante. A título ilustrativo, o Elmina Castle e Cape Coast Castle, os dois combinados receberam em 2016, 111.296 turistas. No ano anterior os dois locais registaram a visita de 105.423 turistas, verificando assim um acréscimo de 5.874 turistas.

Fazendo uma análise separada entre os dois locais, o Cape Coast Castle registou um total de 70.326 turistas em 2016, contra 61.532 em 2015, sendo um aumento de 8.794 turistas. O Elmina Castle por sua vez recepcionou 40.971 turistas em 2016, contra 43.891 em 2015, tendo sofrido uma diminuição de 2920 turistas. O número de turistas domésticos que visitaram os dois castelos também aumentou nos dois anos em análise, sendo 87.655 turistas em 2016 e 82.521 em 2015. Em relação aos turistas internacionais, foram registados 22.827 turistas em 2015 e 23.639 turistas em 2016 (Ghana News Agency-19-01-2017).

Os dados mencionados permitem constatar que o turismo doméstico tem contribuído de forma muito significativa em termos de visitas aos locais históricos, o que demonstra a maturidade dos ganenses na valorização do seu passado histórico e da sua identidade cultural, reflectindo o grande empenho e trabalho de sensibilização feito pelo governo daquele país. O outro elemento digno de realce tem a ver com a manutenção e preservação dos referidos monumentos históricos que tem merecido um tratamento especial e

diferenciado em termos de valorização e gestão. A figura 24 é a imagem do Cape Coast Castle, que tem sido uma das principais atracções do Gana no domínio do turismo de memória.



Figura 21. Cape Coast Castle

Fonte: <http://www.latitudenews.com/story/slave-tourism-african-americans-travel-ghana-africa-obama>

Benin

O Benin é um país africano com uma superfície de 112.622 km², com uma população de 10,8 milhões de habitantes (dados de 2016), tendo como capital Cotonou. Tem uma divisão administrativa de 12 departamentos e a língua oficial é o francês. O seu PIB é de US \$22,5 mil milhões (estimativa de 2016), o PIB per capita é de US \$2025 (estimativa de 2016), IDH: 0,480 (PNUD 2014), com uma esperança de vida de 56,7 anos, taxa de alfabetização de 65% e população activa de 4,1 milhões de trabalhadores. O país alcançou a sua independência no dia 01 de agosto de 1960 e o primeiro presidente foi o Coutocar Hubert Maga⁴⁷.

Em termos históricos o Benin é um dos países africanos onde se localizaram uma das civilizações mais antigas de África desenvolvidas a partir de cidades estados. Os três principais reinos foram os de ALLADA, fundado no século XVI, o de ABONEY, em 1625 e o de Porto-Novo, chamado de Adjacé e de Hogbonou. Essas três organizações políticas se estruturaram em torno de centros urbanos e desenvolveram o comércio local

⁴⁷ Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Benim>.

que, a partir do século XVII, foi baseado no tráfico de escravos. Com a sua abolição em 1807, o seu principal produto comercial passou a ser o óleo de palma. Essa economia facilitou que se estabelecessem na costa (que foi baptizada pelos portugueses como Costa dos Escravos) entrepostos comerciais dos ingleses, dinamarqueses, portugueses e franceses.

Entre os vários locais ligados ao tráfico negreiro no Benin, o que mais simboliza a história da escravatura é o Forte de São João de Ajudá, conhecido como Costa dos Escravos. O litoral do país foi o local de um activo e dinâmico comércio de escravos praticado pelos portugueses a partir de 1472. Os portugueses construíram por volta de 1580 a feitoria de Ajudá (Uidá ou Ouidah) que em 1721 foi reconstruída e colocada o nome de Forte de São João Baptista de Ajudá. Naquela época os portugueses tinham o domínio da região, o tráfico de escravos era controlado por Francisco Felix de Sousa (1754-1849), um mulato brasileiro nascido na Bahia, cuja fortuna e a fama se tornaram lendárias até aos dias de hoje pelos seus descendentes espalhados nos países da região, nomeadamente Togo, Gana e no próprio Benim. A região que se chamava Daomé tornou-se uma colónia francesa em 1892, mas o forte continuou sobre controlo e gestão dos portugueses.

Depois da independência o país mudou de nome, começou a chamar-se República Popular do Benin. O novo governo não se contentou com a realidade do país, chamando a si a responsabilidade de reorientar a história e rumo a seguir, ordenando a invasão de Ajudá e conseqüentemente a expulsão dos portugueses. Em 1965 fez-se o encerramento simbólico do forte e depois transformado em Museu Histórico de Ajudá. Tendo em conta a sua importância e seu impacto histórico no tráfico negreiro, em 1995 foi inaugurada pela UNESCO um memorial em recordação a deportação de milhões de cativos para as colónias em todo Atlântico, saindo do centro de Ajudá. A Rota do Escravo reconstruída traça a jornada dos escravos até ao porto onde foi erguido o Portal do Não-Retorno, local da última parada dos escravos, isto é, a última visão da África.

Em termos de estrutura e característica, o Portal tem cerca de 15 metros de altura, possui um arco na sua parte superior, encontram-se também figuras de homens nus, acorrentados, caminhando em direcção ao mar. Ao lado do Portal tem estruturas em metal que representam as famílias dos prisioneiros. Faz parte também do referido memorial uma estrutura em madeira que simboliza a célebre Árvore do Esquecimento, uma árvore considerada mágica em torno da qual os cativos eram obrigados a dar voltas antes de embarcar para os navios negreiros (sendo 9 voltas para os homens e 7 voltas as mulheres).

O objectivo era que os escravos esquecessem tudo que fazia parte da sua vida, sua família, amigos, terra, incluindo o seu nome.

Importa referir que o importante projecto da UNESCO Rota do Escravo foi lançado em Ajudá em 1994, com o objectivo de promover a valorização, preservação, consciencialização e divulgação do património ligado a escravatura em todo mundo, essencialmente em África, visando a transformação dos referidos espaços em locais turísticos através do turismo de memória. Parte do património constante do projecto é apresentado nas figuras 25, 26 e 27 referentes respectivamente ao Forte de São João de Ajudá, Porta de não- Retorno e Árvore de Esquecimento.



Figura 22. Forte de São João de Ajudá, actual Museu Histórico, Benim, Museu de Ouidah

Fonte: www.museeouidah.org/Accueil.htm, acedido aos 15/10/2017.



Figura 23. Porta do não-retorno, voltado para o oceano, a última parada dos escravos, Benin

Fonte: www.museeouidah.org/Accueil.htm, acedido aos 25/10/2017

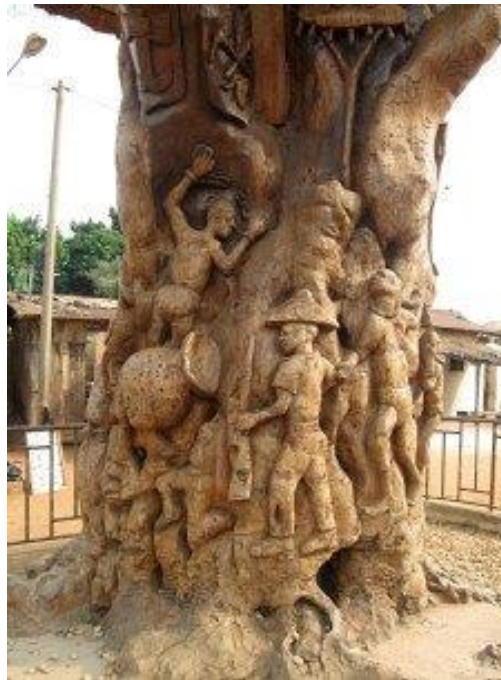


Figura 24. Árvore de Esquecimento de Ouidah

Fonte: www.museeouidah.org/Accueil.htm, acedido aos 20/10/2017

Tanzânia

A República Unida da Tanzânia é um país situado na África Oriental, limitado a norte pelo Uganda e Quênia, a leste pelo Oceano Índico, a sul por Moçambique, Malawi e pela

Zâmbia e a oeste pelo Burundi, Ruanda e pela República Democrática do Congo (fronteira exclusivamente lacustre, através do lago Tanganica). Além da sua parte continental, a Tanzânia inclui o arquipélago de Zanzibar, no Oceano Índico.

A Tanzânia⁴⁸ é um Estado unitário composto por 26 regiões cuja independência foi proclamada em 1960. A designação República Unida da Tanzânia resulta da união entre Tanganica e Zanzibar. Tanganica (a parte continental da actual Tanzânia) foi uma colónia alemã desde a década de 1880 até 1919, quando foi entregue ao Reino Unido na sequência da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Zanzibar (a sua parte insular) era um protectorado britânico na mesma altura.

No entanto, Tanganica tornou-se independente no dia 09 de dezembro de 1962 e em 26 de abril de 1964 uniu-se ao Zanzibar para criar, como já mencionado, a República Unida da Tanzânia. O acordo da união dos dois territórios prevê que quando o Presidente da República é originário do continente, o Vice-Presidente deve ser necessariamente do Zanzibar e vice-versa. O primeiro presidente da Tanzânia foi o nacionalista e Panafricano “Mwalimu” Julius Nyerere, igualmente presidente do partido Chama Cha Mapinduzi (que significa “partido da independência”).

Trata-se de um país montanhoso, onde está situado o Monte Kilimanjaro, o pico mais alto do continente africano. No norte e oeste encontram-se os grandes lagos como o Victoria (o maior lago de África) e o Tanganica (o lago mais profundo da África, conhecido pelas suas espécies únicas de peixes). O país tem uma superfície de 945.087 km², com uma população de 52.482.726 habitantes, o PIB é de US\$ 39.262 mil milhões, o PIB Per Capita é de US\$ 1.256, o IDH é de 0,531 e possui como línguas oficiais o Suaíli e o Inglês.

Em termos históricos, a Tanzânia foi uma placa giratória no domínio de comercialização de escravos tanto na escravatura oriental como no tráfico negreiro transatlântico, e os seus vestígios são visíveis até aos dias de hoje. A Ilha de Zanzibar foi por mais de sete séculos um dos mais importantes entrepostos de escravos controlado pelos muçulmanos que, desde o século XII dominavam a referida Ilha. Actualmente transformou-se numa rota de turismo de luxo, dispondo de magníficos resorts, hotéis nas suas praias de areia branca e águas cristalinas.

⁴⁸ Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Tanzania>, 2017.

Os escravos eram capturados no interior do continente, ou seja, em vários países da região e eram encaminhados para Tanzânia onde existiam grandes mercados de compra e venda de homens, mulheres e crianças. Acorrentados, caminhavam mais de 1300 km até a cidade da Pedra, como era chamada em Zanzibar, eram vendidos para outros países principalmente para o Iémen, Seychelles e Madagáscar, muito antes do comércio triangular protagonizado pelos europeus. O comércio de escravos e marfim enriqueceu vários comerciantes árabes do arquipélago que se dedicavam ao processo.

Entre os protagonistas ou esclavagistas, destaca-se o Hamed Bin Mohammed Bin Juma Bin Rajah EL Murjebi, mais conhecido como TIPPU TIP (1837-1905) que chegou a ter mais de 10 mil escravos, além de diversas plantações em Zanzibar, onde alguns serviam como instrumentos de trabalho. A sua casa, que era o edifício mais luxuoso da Ilha e dividida em vários apartamentos, hoje encontra-se degradada e subaproveitada, onde residem muitas famílias locais.

Após o fim do comércio de escravos em 1873, no local onde se encontrava o antigo mercado de escravos foi erguida a Catedral da Igreja Anglicana para atenuar o sofrimento de milhares de filhos de África, um espaço que o autor teve o privilégio de visitar em 2010 aquando da realização da reunião da ATA (American Travel Association), tendo tido a oportunidade manter encontros com várias individualidades americanas representantes de organizações defensoras dos direitos dos afroamericanos e afrodescendentes. Entre os presentes na reunião estava o famoso actor de cinema Danny Glove. Ainda sobre a Catedral, importa referir que no subsolo do antigo mercado de escravos encontram-se 15 celas onde ficavam amontoados entre 50 a 75 escravos a espera de embarque. Duas delas são acessíveis aos visitantes e turistas para vivenciar e testemunhar o doloroso fenómeno.

Em 1998, tal como aconteceu no Benin, foi construído do lado de fora da Catedral, o Memorial da Escravidão. Trata-se de um buraco rectangular, como se fosse um tanque de água, onde se encontram cinco esculturas de escravos em cimento no seu interior, simbolizando os procedimentos que se observavam antes do seu embarque. As cinco pessoas representadas como escravas estão acorrentadas uma das outras pelo pescoço tal como se fazia como no passado para transmitir uma imagem e mensagem aproximada da realidade vivida ao visitante. A corrente colocada é original, foi usada no século XIX no comércio de escravos.

Considerado o peso histórico-cultural da cidade da Pedra de Zanzibar, em 2000 foi declarada Património Mundial pela UNESCO, com roteiros de escravos bem definidos, sendo hoje um importante destino turístico, principalmente no segmento turismo de memória, tendo como principais turistas os afroamericanos, tal como acontece no Gana e no Senegal. A figura 28 demonstra como eram encarcerados os escravos nas celas antes do seu embarque para o novo mundo.



Figura 25. Estátua da Escravatura – Tanzânia

Fonte: www.understandingslavery.com, acessado aos 20/10/ 2017

Brasil

O Brasil acolheu 40% da população escravizada, situação que contribuiu para que actualmente o país se apresente como tendo a maior comunidade negra fora da África, com mais de 100 milhões de negros, representando uma percentagem superior a 53% do total da população brasileira, fruto dos mais de 300 anos do holocausto negro que levou aquele território mais de 100 milhões de africanos em situação de escravidão (IPEA - Instituto de Pesquisa Aplicada, 2017).

Os escravos africanos transportados para Brasil eram provenientes de vários países do continente. No século XVI saíam fundamentalmente da Serra Leoa, Senegal, Guiné, Guiné Bissau e Gâmbia – os primeiros países africanos descobertos pelos europeus. Os escravos eram encaminhados para Pará, Maranhão e Bahia. Já no século XVII evoluíram para os Congos, Gabão, Angola, Camarões (eram todos parte integrante do reino do

Kongo), Gana e Guiné Equatorial que eram direccionados para Bahia, Pernambuco e Alagoas. A terceira fase, já nos séculos XVII e XVIII, os grandes territórios de caça de escravos eram Congo e Angola e eram transportados para o Rio de Janeiro e São Paulo.

No Brasil a escravidão teve início com a produção do açúcar na primeira metade do XVI. Os portugueses levavam os negros africanos das suas colónias, e não só, para utilizar como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Segundo o antropólogo e fotógrafo da UNESCO, Milton Guran, a dívida que o Brasil tem com os africanos justifica a importância da conservação da sua história. O Brasil não existiria sem a mão-de-obra e a tecnologia africana. Foram os africanos que levaram o tipo de agricultura que veio a ser partilhada, incluindo os próprios instrumentos agrícolas como enxada, picareta e tudo mais. Os africanos ensinaram os brasileiros a trabalhar o ferro que é também herança do continente negro, levaram a siderurgia rudimentar, a pecuária extensiva e a criação de gado. O autor sustenta que o Brasil foi erguido com suor, sacrifício e trabalho dos negros africanos traficados.

As consequências dessa barbaridade histórica são visíveis até aos dias de hoje. Os negros sofrem com um “genocídio” diário. Entre 2005 e 2015 a taxa de morte por homicídio entre negros aumentou (+12,2% entre homens negros e mais de 22% entre mulheres negras), enquanto da população branca diminuiu (-12,2% entre homens brancos e -7,4% entre as mulheres brancas), fruto da pobreza e desigualdade social que se vive naquele país. A probabilidade de um negro ser assassinado é maior em 23,5% em relação a cidadãos de outras raças ou cores (IPEA, 2017).

O Brasil aboliu a escravatura em 1888, os negros estavam livres para trabalhar e inserirem-se na sociedade brasileira como cidadãos normais e iguais perante a lei em termos teóricos. Apesar dos negros terem conquistado, depois de muito sacrifício e luta, a sua liberdade estava reservado para eles o desafio da conquista do seu espaço no seio da comunidade brasileira onde, a partida, já começaram com grandes desvantagens e fragilidade fruto da sua história e do seu passado.

No ano de 1888 calculava-se cerca de 1,5 milhões de população negra na época liberta e lançada ao mercado para começar a sua vida normal na sociedade. Os afro-brasileiros não tinham sobrenomes, sem documentos, desprovidos de terra, de acesso à educação e ao sistema de saúde pública. Como é que esta comunidade poderia competir em pé de igualdade com outras raças? Nesta condição, foram marginalizados e empurrados a

habitar nas periferias das cidades, onde viviam e vivem em condições precárias, que reforçam a dificuldade de integração ao tecido social e económico do país.

A situação da população negra no Brasil continua complexa quando se observa o modo de vida desta comunidade, onde o risco de vida é permanente e que a morte pode chegar a qualquer momento devido a cor da pele. Em setembro de 2014 um relatório da ONU já confirmava a existência de um “racismo estrutural e institucionalizado no Brasil”. A desigualdade e segregação são evidentes na televisão, revistas, filmes e em relatos de pessoas que viajam para aquele país. Caldeira (2013) testemunha um facto aquando da sua participação no congresso comemorativo aos 120 anos da abolição da escravatura no Brasil. “Não foi com surpresa que vi, entre a documentação distribuída no primeiro dia, um pequeno autocolante com uma mensagem cujas palavras não recorro com rigor, mas cujo sentido era «diga não à escravidão», autocolante que quase todos afixamos no exterior das pastas ou no peito da camisa. Num dos dias seguintes, circulou entre os participantes um abaixo-assinado exigindo maior rigor no combate ao trabalho escravo no Brasil. Em suma: estava vivo o monstro cuja data do funeral vínhamos de comemorar”.

Este é o retrato real da sociedade brasileira e que poderá durar muito mais tempo se não houver políticas de inserção e integração social eficientes e mais equilibradas com vista a proteger as camadas mais vulneráveis, a fim de criar um ambiente social harmonioso entre as populações e ir minorando a segregação racial existente. O Brasil foi o último país a abolir a escravatura depois de vários séculos de prática, e tudo indica que o fenómeno ainda não foi abolido em termos práticos.

No âmbito do projecto Rota do Escravo da UNESCO foi feito um inventário de mais de 100 lugares ligados a história da escravatura no Brasil, que culminou com a definição de cerca de 115 locais que compõem a Rota do Escravo daquele país. Entre as rotas existentes pode-se destacar as seguintes:

- Rota Turística Caminhos da Liberdade;
- Rota dos Engenhos de Pernambuco;
- Rota da Fundação dos Palmares, que possui vários locais históricos ligados ao tráfico negreiro.

Importa realçar que a Rota Turística Caminhos da Liberdade é composta por quinze (15) municípios, nomeadamente Bananal, Cruzeiro, Cunha, Guaratinguetá, Ilhabela, Lorena, Pindamonhangaba, Piquet, Redenção da Serra, São José do Babelo, São Luís do

Paraitinga, São Sebastião, Taubaté, Tremembé e Ubatuba. Todos eles pertencentes a região turística do litoral do Norte, sendo importante referenciar que as acções desta rota são coordenadas pela UNESCO. A figura 29 ilustra o momento de colheita de café pelos escravos no Brasil.



Figura 26. Escravos na colheita do café. Marc Ferrez, 1882, Rio de Janeiro.

Fonte:<http://www.museeoidah.org/Accueil.htm>, acedido aos 22/11/2017.

4.1 Síntese conclusiva

Da análise feita aos quatro países africanos seleccionados e acrescentados do Brasil, países ligados a história da escravatura, podem ser retiradas algumas ilações que se resumem no seguinte:

Tanto os países escravizados como os que acolheram os homens, mulheres e crianças da África transformados em mercadoria, estão consciencializados da importância da valorização e divulgação do património ligado ao tráfico negreiro. Basta observar os diferentes monumentos erguidos nos vários países, apesar de existir ainda alguma resistência em algumas sociedades;

Os monumentos históricos existentes nos diferentes países mencionados e outros vestígios que representam o património da escravatura reflectem, claramente, aquilo que foi o fenómeno tráfico de escravos em África e permitem aos seus visitantes vivenciar o dramático passado histórico;

É notável o grande esforço empreendido pelos países africanos referidos na reconstituição da história e na conservação, valorização e divulgação do património histórico referente a escravatura, que hoje faz parte da nossa herança e identidade cultural;

Os países africanos em estudo conseguiram, além de reconstruir a história do comércio triangular, educar e sensibilizar, consciencializar as suas populações de forma sabia, corajosa e inteligente a importância da escravatura dentro do seu mosaico cultural. Basta ver que no Gana, mais de 78% dos visitantes dos locais históricos em 2016 foram turistas domésticos, sobretudo nacionais;

É fundamental notar a forma como são geridos os espaços históricos ligados ao património da escravatura, assim como a sua manutenção, que permite reflectir uma imagem da história e transmitir uma dimensão daquilo que foi o tráfico de escravos em cada um dos locais retratados;

O Brasil, na sua qualidade de primeiro país com a maior população negra fora da África, tem feito um grande esforço para a valorização do seu passado histórico multifacetado, sendo hoje o país com mais rotas turísticas ligadas a escravatura, concebidas com o apoio da UNESCO. Contudo, apesar da abolição da escravatura em 1888 e de várias iniciativas para a integração das vítimas e seus descendentes, os relatos que chegam daquele país demonstram que ainda está longe de uma convivência pacífica, integrada e harmoniosa entre os brasileiros de todas as raças.

Sugestões:

Que o paradigma usado pelos quatro países africanos estudados no presente capítulo, em termos de reconstituição, valorização, gestão e divulgação do património histórico ligado a escravatura sirva de modelo para outros países africanos que viveram o mesmo pesadelo, mas que não têm nada visível que retrate a matéria em referência, como é o caso de Angola, especialmente no ensino e na valorização do património histórico e cultural ligado a escravatura;

Que se crie um programa de troca de experiências e intercâmbio entre os gestores dos diferentes locais históricos ligados ao tráfico negreiro, a fim de melhorar cada vez mais o seu desempenho e performances na preservação da identidade cultural e história comum;

Que se estude mecanismos para a criação de um roteiro regional integrado de Rota do Escravo entre os países africanos e se conceba um programa promocional internacional comum no âmbito da visão da UNESCO.

SEGUNDA PARTE

V. CAPÍTULO – GEOGRAFIA DOS TERRITÓRIOS DA ESCRAVATURA

O comércio triangular foi uma odisséia para África e o principal responsável pela desestruturação do continente africano, cujas consequências são sentidas e vivenciadas até aos nossos dias. Pela sua dimensão, escala e duração foi considerado como a pior e maior tragédia que abalou a humanidade ao longo da sua história.

Em Angola e em outras partes do continente negro, este triste fenómeno contou com a participação e cumplicidade de algumas lideranças dos reinos locais, o que facilitou a sua implantação, abrangência e desenvolvimento. Embora, ao sentirem mais tarde os danos e as consequências do fenómeno, alguns se tenham revoltado com a situação, mas já era tarde porque o sistema estava já estruturado e enraizado em termos económicos e políticos. Era a principal fonte de receita e de lucro fácil para os escravagistas e seus países.

Nos séculos XVII e XVIII alguns reinos do território de Angola actual aceitaram e participaram de forma activa nas operações comerciais ligadas a escravatura, utilizando os benefícios das actividades comerciais com europeus para consolidar e controlar melhor os seus poderes tanto no plano político como económico. Sem essa estrutura interna de suporte, de um sistema de relações directas entre as duas costas do Atlântico, não seria possível garantir a organização do tráfico de escravos angolanos em grandes quantidades, destinados preferencialmente ao Brasil e posteriormente para o novo mundo.

Com o envolvimento directo das autoridades africanas não só facilitou a implantação da escravatura nos territórios africanos, incluindo Angola, como também permitiu a sua expansão de forma célere, abarcando praticamente todo o país, como mostra o quadro seguinte. Os territórios situados no interior do país eram considerados como áreas de capturas e comercialização de escravos, enquanto as zonas do litoral eram as de concentração e pontos de embarque para o “maldito novo mundo”, como ilustram as figuras 30 e o quadro 30.



Figura 27. Principais localidades de captura e embarque de escravos em Angola.

Fonte: Mapa adaptado pelo autor. De Geobica. Own work, CC BY-SA 4.0, (2019), disponível em:

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=106149615>

Quadro 30. Principais locais de capturas, comercialização e embarque de escravos

N. Ord.	Províncias	Localidades	Locais de Concentração	Locais de Embarque
01	Benguela	Benguela, Egipto Praia	Armazém de Escravos	Litoral de Benguela
02	Bengo	Ambriz	Ambriz	Porto do Ambriz
03	Cabinda	Malembo	Landana	Landana
04	Cuanza Norte	Massangano	Praça de Massangano	Ponto de embarque de Massangano
05	Cuanza Sul	Amboim	Amboim	Porto Amboim
06	Malanje	Baixa de Cassanje	Feira de Escravos	Massangano ou Luanda
07	Namibe	Moçâmedes	Moçâmedes	Porto de Moçâmedes
08	Luanda	Ingombota e Belas	Palácio Dona Ana Joaquina, Calumbo	Museu de Escravatura
09	Zaire	Soyo	M'pinda e Porto Rico	Porto de M'pinda e Porto Rico

Fonte: Elaboração própria

Importa referir que na época da escravatura, África não tinha a divisão político-administrativa que apresenta actualmente. O continente tinha um paradigma diferente, a maior parte dos seus territórios eram constituídos por reinos que englobavam várias regiões, transformadas hoje em países como consequência da colonização. O mapa continental foi desenhado a medida dos interesses dos colonizadores como resultado da conferência de Berlim, realizada em 1885. Essa conferência decidiu repartir a África como se de um pedaço de bolo se tratasse para satisfazer, sem qualquer preocupação sobre as consequências da desestruturação e desintegração dos territórios e famílias, comprometendo grandemente várias gerações.

A título ilustrativo, o Reino do Kongo abarcava 4 países da configuração geográfica actual. O Gabão, o Congo Brazzaville, o Congo Democrático e a Angola eram todos parte integrante do poderoso e histórico reino, conforme a figura 31 do antes e do pós colonização.

O antes e o depois

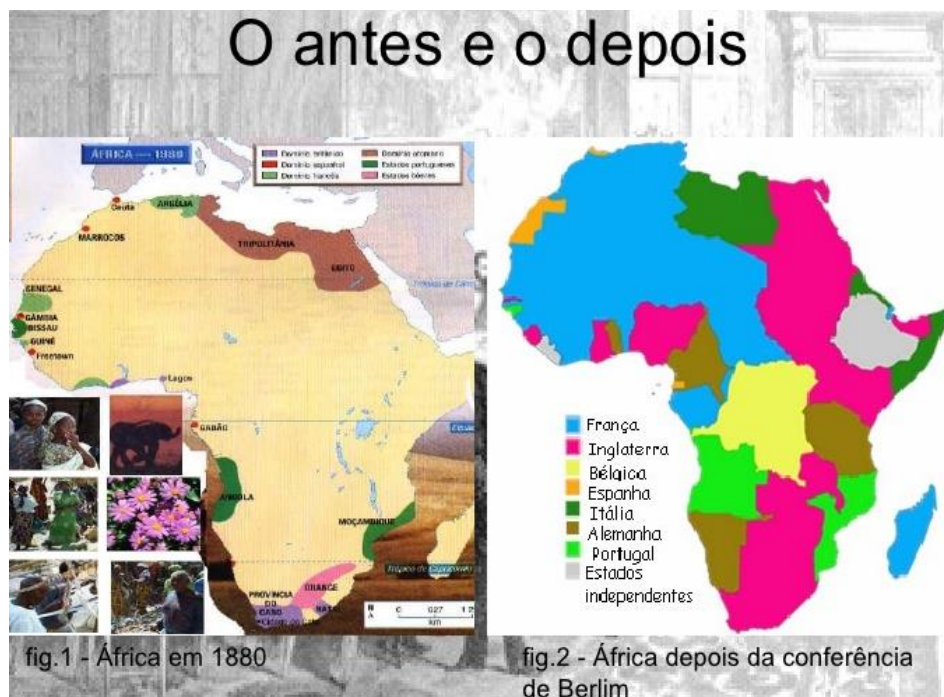


Figura 28. Antes e depois da chegada dos Europeus em África.

Fonte: <https://images.app.goo.gl>, acessado aos 20/07/2017

“O tráfico de escravos negro provocou a estagnação, a paralisia das forças produtivas na África negra, comprometendo durante décadas o seu desenvolvimento. O drama abateu-se, em primeiro lugar, sobre os elementos mais «úteis» das sociedades, os mais vigorosos e portadores de futuro (jovens – mulheres, homens, crianças). A procriação e a fecundidade foram atingidas por várias décadas. Em segundo lugar, as consequências económicas negativas e políticas levaram muito mais tempo a corrigir-se do que se possa imaginar” (Keita, 2018).

Sociedades inteiras foram constituídas como resultado do comércio triangular ou simplesmente através da escravatura. Como ilustra o cabo-verdiano Carreira (2000), “é a escravatura e a sua persistência ao longo dos séculos que devemos a nossa especificidade, a nossa identidade. Sem ela, as nossas características, enquanto povo, seriam absolutamente às dos restantes arquipélagos atlânticos que formam a Micronésia, como sejam as Canárias, Açores e a Madeira. Em todos eles foram introduzidos escravos que acompanharam sempre a produção da cana sacarina”.

O autor prossegue: “diluíram-se completamente no seio da população branca e não há memória que tenha marcado as suas sociedades. Mesmo Portugal, cuja Lisboa

quinhentista apresentava 10% de população negra, onde a mão-de-obra negra e escrava persistiu até 1763, data da abolição da escravatura, essa população diluiu-se completamente. Portanto, a cabo-verdianidade de que tanto falamos e que tanto orgulho nos suscita, tem a marca indelével do negro africano... não se pode, pois, negar, nem esconder as influências negro-africanas na nossa cultura. Como foram muitas e diversas as etnias que participaram nesse processo, o difícil é identificar nesse mosaico cultural quem somos”

A afirmação de António Carreira ilustra claramente o quão foi doloroso o tráfico de escravos nas sociedades africanas e nos países de acolhimento. O sobreviver, integrar-se e adaptar-se a uma nova realidade, nova forma de viver fora do seu habitat habitual, esquecendo totalmente a sua origem, o seu nome, a sua família, a sua história, em suma a sua identidade cultural. Tal como aconteceu com a população de Cabo Verde, que se transformou numa sociedade híbrida que luta para encontrar a sua verdadeira identidade, muitas delas apagadas pela carga histórica do passado colonial, Aimé Césaire sustenta que, “existem duas maneiras de perder-se, por segregação emparedada no particular ou por diluição no universal”.

O pesadelo da escravatura ultrapassou os limites da humilhação humana, visto que o negro era considerado como um objecto ou instrumento de trabalho igual as máquinas. Um negro era vendido muitas vezes por um valor inferior ao valor de um animal. “Uma das mais dramáticas consequências do tráfico de escravos negreiro foi, sem dúvida, o dano moral, cultural e intelectual. Este, o profundo e indelével jamais poderá ser contabilizado, quantificável. Muitas frustrações morais, muitos atrasos no desenvolvimento cultural e intelectual do negro vêm dos tempos de tráfico e das condições em que os deportados viviam nas Caraíbas e na América. Embora existam actualmente alguns indicadores sobre esta dimensão, muito resta a fazer. Devem ser feitos estudos profundos a fim de não ficar a superfície das constatações” (Keita, 2018).

Howitt citado por Keita (2018), disse que “as barbaridades, as atrocidades (...) cometidas por raças que se pretendiam cristãs (...) contra todos os povos que elas puderam subjugar não têm semelhança (...) entre nenhuma outra raça por mais selvagem, mais grosseira, mais cínica, mais impiedosa que fosse”.

O primeiro embaixador negro Africano junto do Vaticano ou, simplesmente Nsaku Ne Vunda, baptizado como António Manuel, retratado por Abrantes (2019), falando na primeira pessoa sobre a tragédia do comércio de escravo, afirmou:

“Em agosto de 1606 pisei finalmente terra europeia pela primeira vez nos arrabaldes de Lisboa. A minha primeira visão da cidade em nada se pareceu com as belezas que gabavam os meus mestres em Mbanza Kongo: mendigos pelas ruas estreitas, crianças raquíticas, sujéria e maus cheiros por todo lado, nada aqui revelava uma humanidade distinta da dos Bakongo, não havia aqui nenhum traço de uma opulência inspirada pela fé católica”.

“As pessoas tinham um ar triste, sombrio e pleno de melancolia. Vi uma mulher, que bem podia ser da minha região, a limpar um passeio onde outros despejavam dejectos humanos fedorentos. Nunca ninguém me tinha dito que, além dos jovens bakongo membros da família real e da nobreza que vinham estudar para Lisboa e gozavam de um estatuto privilegiado, havia outra gente do reino a residir em Portugal. Chorei de raiva ao ver numa praça repleta de gente um escravo a imitar um macaco ao som de um tambor, sob as ordens e a ameaça de chicote de quem devia ser o seu dono. Mesmo ao lado, havia um mercado de venda por leilão, onde os produtos mais procurados eram as mulheres, apresentadas semi-nuas e os cavalos”.

Eu gostava que todos os bakongo pudessem ter sido, como eu, testemunhas deste lastimável espectáculo de desumanidade, mesmo ao centro da capital portuguesa. Centenas deles matam-se a trabalhar na descarga de barcos no porto e a maioria faz trabalhos domésticos na casa dos senhores ricos que os compraram, ou deambulam pelas ruas a vender produtos dos seus patrões. Entretanto, nas nossas terras continuam a desembarcar apenas indivíduos sem escrúpulos e obcecados pelo dinheiro, prontos a pilharem sem limites não só os metais enterrados no nosso solo, mas também os seres humanos.

Os dados obtidos do presente estudo demonstram que a totalidade do território angolano esteve ligada a escravatura, como zonas de captura, concentração, venda ou embarque de escravos, apesar de que há áreas que foram mais afectadas que as outras consoante a localização geográfica.

5.1. Delimitação do território de estudo

Angola tem hoje um papel importante a desempenhar em termos de turismo cultural a nível do continente africano ligado a tipologia Rota de Escravos, ou simplesmente turismo de memória, colocando um novo produto turístico no mercado, sendo actualmente dos segmentos mais atractivos. O ritmo da concorrência mundial do turismo global não permite que esse país compita plenamente no mercado regional como internacional, por falta de infra-estruturas gerais e turísticas capazes de favorecer o desenvolvimento do sector, sobretudo nesta fase embrionária do seu desenvolvimento.

No entanto, como já foi referido, poderá haver mais oportunidade de sucesso no domínio turístico se se começar com um produto diferenciado e difícil de imitar, como o turismo cultural, para o desenvolvimento da actividade turística nesta fase inicial. A tendência mundial da diáspora africana, nomeadamente nas Américas e na África, que tem dado um grande interesse à sua história e às suas origens, torna favorável para Angola o desenvolvimento deste tipo de turismo que é rentável e prestigioso.

O passado histórico trágico da escravatura pode tornar-se num trunfo para o desenvolvimento deste segmento, que poderá também servir de base pedagógica e de memória para a educação histórica dos africanos, e principalmente dos angolanos, porque Angola é do ponto vista cultural um país de transição entre a África central francófona e a África anglófona.

Angola foi um dos primeiros países africanos a conhecer o “sabor amargo” do colonialismo europeu. O país tornou-se muito cedo num vasto território de caça de escravos que foram enviados para o ocidente. Ainda nos primórdios, em 1514, no reinado de Mvemba-a-Nzinga ou D. Afonso I, já eram comercializados mais de 5000 escravos por ano, apesar do rei ter escrito em 1526 ao Dom João III, rei de Portugal, que não concordava com a forma que os portugueses tratavam o seu povo, capturando diariamente centenas de pessoas transformadas em escravos.

O tráfico de escravos foi proibido em 1836, mas continuou clandestinamente até 1869. A Libéria foi fundada em 1821 para receber os escravos africanos libertos, e em 1847 este tornou-se o primeiro país africano independente. Actualmente, os descendentes dos sobreviventes deste crime nas Américas e em África, têm manifestado a vontade de conhecerem as suas origens em paralelo ao vigor das tendências integracionistas e revisionistas actuais.

A iniciativa do Prof. Gates sobre a pesquisa das origens dos descendentes africanos é resultante de uma tomada de consciência de um povo, um género humano sob a qual a experiência humana lhe impôs uma condição. Felizmente é chegada a hora de buscar a sua verdadeira identidade. Os resultados das pesquisas concluíram por exemplo que o actor de Hollywood, Chris Tucker, é descendente de escravos angolanos; Oprah Winfrey, apresentadora e proprietária de TV, é descendente de escravos liberianos; e a famosa actriz de cinema Whoopi Goldberg, é descendente de escravos da Guiné-Bissau. E as pesquisas continua a transformar esse grande movimento em busca de identidade.

Importa mencionar que as diferentes lutas contra a escravatura e discriminação do homem negro, como é o caso da luta dos movimentos de direitos cívicos contra a segregação racial nos Estados Unidos da América nos anos 1960, com a proeminência do pastor Martin Luther King Jr., foi todo um processo longo, cujo reconhecimento culminou com a eleição em novembro de 2008 de Barack Hussein Obama, como primeiro negro a ocupar a magistratura suprema do país mais poderoso do mundo.

Nesta perspectiva, perante esta grande oportunidade do movimento internacional em busca de identidade e da tendência crescente do desenvolvimento do segmento do turismo cultural, e partindo do princípio de que o turismo aproxima e une os povos de diferentes nações, se propõe a delimitação das localidades que integrarão o projecto da Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos de Angola.

Assim, fazem parte da proposta da Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, a ser constituída, 4 localidades que foram palco do tráfico de escravos em Angola, nomeadamente Soyo (Porto de M'pinda e Porto Rico), Ambriz, Massangano e Luanda. Em termos de operacionalização do projecto seria muito difícil a integração de Benguela, apesar da dimensão do seu acervo nesta matéria, e outras províncias e localidades como Cabinda, Malanje, Cuanza Sul e Namibe, que também desempenharam um papel preponderante como territórios de caça, captura, comercialização, concentração e embarque de escravos.

Nesta perspectiva, deu-se início com a cidade de Mbanza Kongo, antiga capital do Reino do Kongo e património cultural da mundial da UNESCO, que serve de “umbrella” ou cobertura a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, pelo seu estatuto actual e por razões históricas ligadas ao processo de escravatura. O papel desempenhado pelos diferentes soberanos do Kongo no surgimento do tráfico de escravos e no seu

desenvolvimento assim como a sua luta para travar o mesmo, mas sem sucesso, justificam esse “privilégio” de Mbanza Kongo.

Assim, a cidade de Mbanza Kongo é o primeiro local a ser visitado no quadro da rota, onde se realizará a mesa redonda anual sobre a história do Reino Kongo, nas suas diferentes fases, a multidimensional história da escravatura e o Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro entre Filhos de Diferentes Nações, mas da mesma Raiz Cultural, contando com todo folclore local à dimensão do património material e imaterial do Kongo. O programa de visitas na antiga capital do Reino do Kongo poderá ter uma duração mínima de dois dias de actividades, seguindo-se as visitas às quatro localidades que integram o projecto. Importa referir que, considerando a dimensão e a importância do património histórico e os vestígios existentes em Mbanza Kongo, os participantes ao festival visitarão o centro histórico da antiga cidade, obedecendo o roteiro abaixo ilustrado nas figuras 32 e 33.

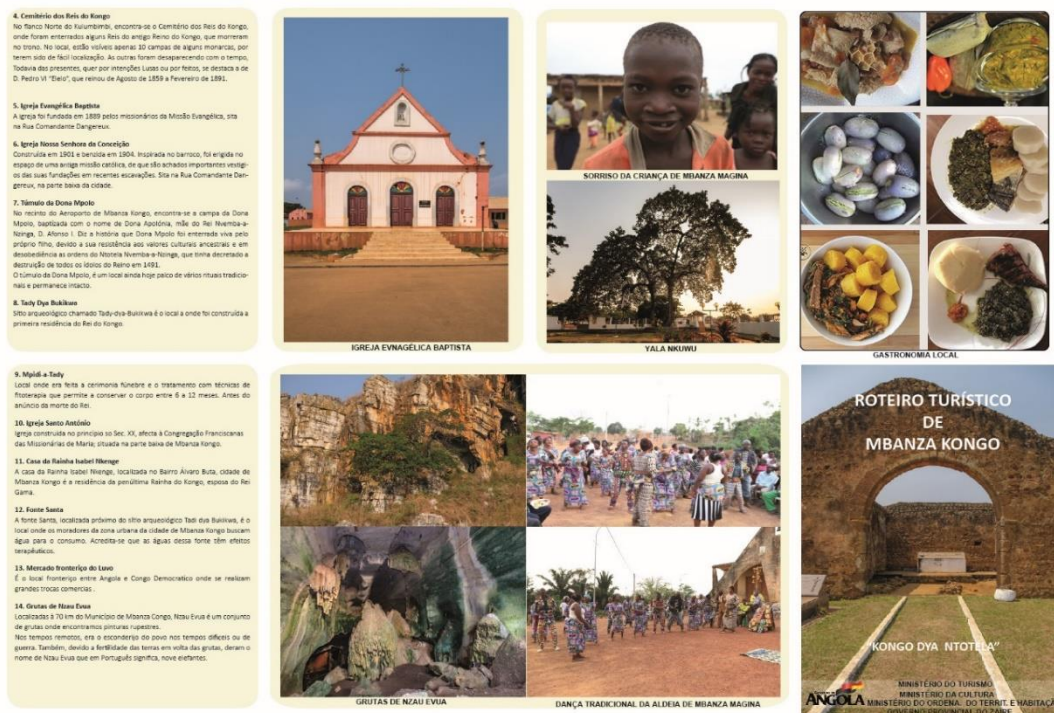


Figura 29. Roteiro Turístico de Mbanza Kongo

Fonte: Ministério do Turismo de Angola (2018)

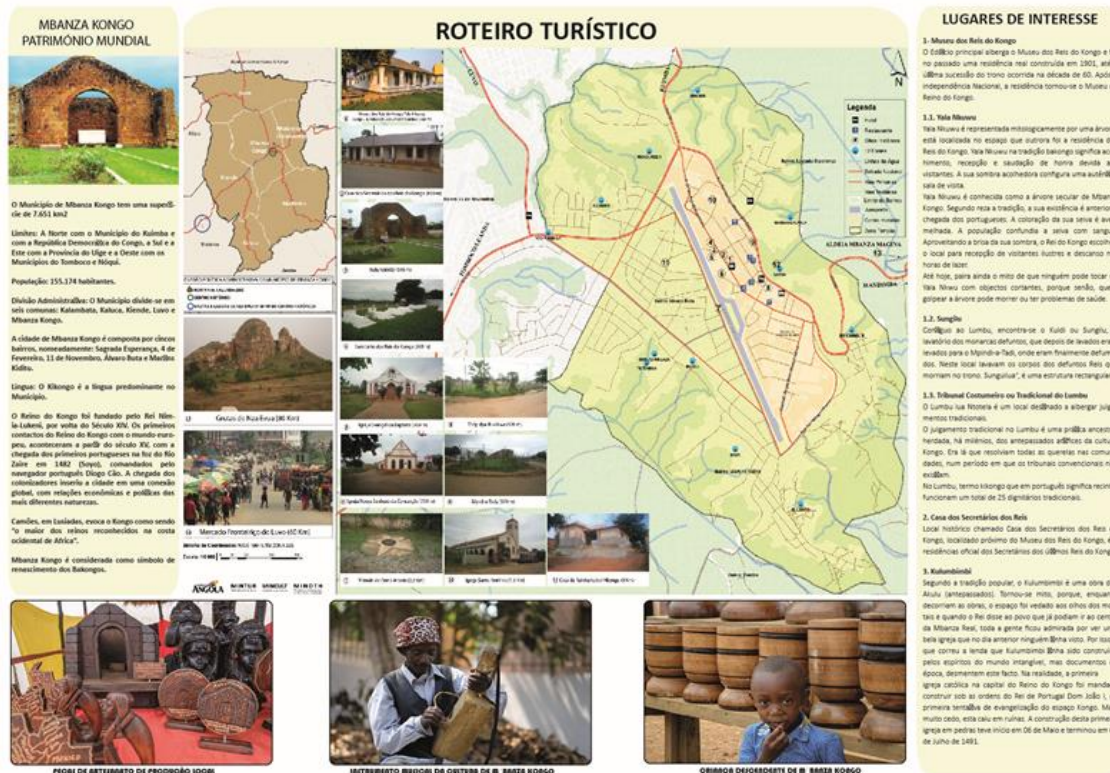


Figura 30. Roteiro Turístico de Mbanza Kongo

Fonte: Ministério do Turismo de Angola (2018)

5.2. Localização Geográfica dos Locais de Estudo

A proposta da Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, em reconstituição, será sequenciada consoante a ordem do circuito turístico a ser concebido, para permitir compreender a história, localização, situação demográfica e outros aspectos gerais dos locais escolhidos, conforme os quadros 31 e 32.

Quadro 31. Caracterização dos Locais de Estudo

Nº Ord.	Província	Localidade de Estudo	Superfície da Localidade	População	Densidade de Hab./Km2
01	Zaire	Soyo	5.572 km2	218.193	37.4
02	Bengo	Ambriz	4.203 Km2	21.806	5.9
03	Cuanza Norte	Massangano	1,776 Km2	13.900	7.83
04	Luanda	Luanda	18.826 Km2	7.976.907	377
Total			30.377 Km2	8.230.806	428.13

Fonte: Elaboração própria com base em INE (2016)

Quadro 32. Locais de Captura, Concentração e Embarque de Escravos

Nº Ord.	Província	Localidade de Estudo	Pontos de Concentração e Comercialização	Pontos de Embarque
01	Zaire	Soyo	M'pinda & Porto Rico	Porto De M'pinda
02	Bengo	Ambriz	Armazém De Escravos	Porto De Ambriz
03	Cuanza Norte	Massangano	Praça de Escravos	Massangano (Através Do Kwanza)
04	Luanda	Luanda	Palácio Dona Joaquina	Museu De Escravatura

Fonte: elaboração própria

5.2.1. Soyo

O município do Soyo faz parte dos seis municípios que compõem a província do Zaire no quadro da actual divisão política e administrativa de Angola, cuja capital é Mbanza Kongo. Este importante e histórico município serviu de porta de entrada para os portugueses percorrerem o reino do Kongo e, conseqüentemente, todo território que faz parte de Angola. Trata-se de uma cidade secular, onde foram trocados os primeiros contactos entre europeus e congolese, visto que naquela altura Angola ainda não existia como país.

A cidade do Soyo era naquela época uma das 6 províncias que integravam o Reino do Kongo, que se estendia desde a actual república do Gabão até à foz do rio Kwanza, província de Luanda. Sendo importante referir que das províncias que eram parte

integrante do reino, Soyo tinha uma importância capital devido a sua localização, extensão, recursos económicos e a sua diversidade histórica e cultural.

Em 1482 o navegador português Diogo Cão desembarcou na foz do rio Zaire, mais precisamente na Ponta do Padrão, com as suas caravelas, tendo deixado o marco que simboliza a sua passagem (continua no local até hoje), numa viagem ao serviço do rei D. João II de Portugal. Esta viagem o levou até ao centro do poder do reino, em Mbanza Kongo, para encontrar-se com rei, penetrando através dos diferentes rios da região, onde ficou surpreendido por ter encontrado um reino organizado, estruturado hierárquica e administrativamente, o que constituiu um grande espanto para um europeu.

Portanto, Soyo, além de ter sido a porta de entrada para o território angolano, marcou também o início dos contactos entre Portugal e Kongo, tendo alterado o paradigma da sua história e das suas populações para sempre. A figura 34 ilustra a visita de um grupo de diplomatas acreditado em Angola ao marco histórico da Ponta do Padrão.



Figura 31. Turistas junto ao monumento histórico Ponta do Padrão

Fonte: Autor (2019)

As marcas ou vestígios do passado colonial são visíveis naquele espaço territorial, começando pela localidade de M’pinda, onde se encontra uma enorme cruz que assinala a primeira missão católica no território congolês. Na parte inferior da cruz podem ser observadas as seguintes palavras: “Da cruz a luz” e “Em memória dos baptizados”, em 1491. Entre os baptizados constam o Mani-Soyo, tio e representante do rei Nzinga Nkuwu

do Kongo, que recebeu o nome de Manuel depois do seu baptismo ou conversão. A Igreja Católica de M'pinda também representa os vestígios do passado e o poder exercido pela igreja durante o tráfico de escravos, visto que serviu de meio de sensibilização para facilitar a colonização e a passagem dos cativos ao chamado novo mundo, com o prévio baptismo antes do embarque e consequente conversão.

O primeiro baptismo realizado na localidade de Mpinda, no Soyo, simbolizou não só a entrada da Igreja Católica no Reino do Kongo, mas também do evangelho de uma forma geral, porque foi a partir desta época que foram surgindo outras tendências religiosas no território, em detrimento das confissões religiosas locais. Em outras palavras, M'pinda representa o berço do cristianismo e da evangelização em Angola. Também podem ser encontrados no local outros vestígios como antigos edifícios coloniais, casas residenciais antigas, museus e outros meios.

O poder tradicional continua presente e preservado no Soyo. O rei, ou Mani-Soyo, é o representante do Reino Kongo, tal como era no passado. Actualmente o Mani-Soyo é o Sr. Pedro Tona, de 77 anos de idade, reside no Ngoda Soyo, que é a denominação do palácio real. Pedro Tona, é descendente do Mani-Soyo Kixixi Vemba, uma linhagem que já teve três representantes na alta esfera do poder tradicional do Kongo. Importa realçar que no local não se pode realizar nenhum projecto de impacto social, económico, político ou de qualquer índole, sem consultar o Mani-Soyo.

Tendo em conta o peso histórico e cultural da população da região e sobretudo para salvaguarda da identidade cultural herdada dos seus antepassados, a maior parte dos conflitos dos habitantes são resolvidos pelo poder tradicional. No caso de difícil resolução ao nível local, o Mani-Soyo recorre ao Núcleo Real instalado em Mbanza Kongo para o devido aconselhamento e orientação. A figura 35 permite é uma imagem que procura elucidar o estilo de vida da população da Ponta do Padrão, seguindo a sua vida com normalidade, mesmo sem água potável nem luz da rede pública.



Figura 32. População da Ponta do Padrão/Soyo

Fonte: Autor (2019)

Além da sua história, o município do Soyo continua a preservar a sua pujança económica. É a localidade mais bem-dotada da província, sendo o petróleo a sua principal riqueza, garantindo mais 70% da produção petrolífera de Angola. Há sensivelmente 12 anos iniciou-se um mega projecto que envolve grandes empresas multinacionais de produção de gás natural em larga escala, através da empresa ANGOLA LNG (Liquefied natural gas), que se estende num espaço territorial de 270 hectares, produzindo gás natural para servir o mercado nacional e internacional. A figura 36 é uma imagem parcial da referida empresa.



Figura 33. Base da Empresa LNG no Soyo

Fonte: Autor (2019)

Em termos de turismo, o Soyo tem um manancial incalculável no domínio de recursos turísticos naturais e derivados, começando com a sua história secular, material e imaterial, os vestígios ligados ao tráfico de escravos e os vários locais, rituais e contos que formam o património cultural e histórico do povo mussolongo.

Angola é um país dotado em termos recursos naturais, sendo o Soyo um dos municípios mais privilegiados em termos de abundância e diversidade. Um destes recursos naturais é o rio Zaire (Nzadi), o segundo maior rio da África depois do Nilo e o segundo com maior caudal e bacia hidrográfica do mundo, navegável em território angolano até ao município do Noqui. A parte mais panorâmica do rio Zaire é onde o mesmo se junta com o oceano Atlântico, produzindo uma paisagem agradável para os apreciadores da beleza da natureza, onde cada elemento natural encontrado fala por si e tem um significado diferente.

O seu clima é tropical húmido, propício para o cultivo de café, caju, mandioca, banana, jinguba, milho, entre outros produtos produzidos na região norte. A localidade de M'pinda, constituía no passado um importante porto do Soyo, designado porto de M'pinda, que na língua local significa “jinguba” (onde se fizeram as primeiras trocas comerciais de produtos diversos como cobre, marfim e outros), foi mais tarde transformado em porto de embarque de escravos tal como outros locais que se encontram espalhados em todo país. Calcula-se terem embarcado a partir do M'pinda mais de 60 mil escravos para S. Tomé, Brasil e outros destinos. A figura 37 é uma imagem de uma das mais antigas igrejas do território angolano e da região, construída depois da chegada dos portugueses, marcando a presença dos católicos e o início do cristianismo europeu em Angola.



Figura 34. Igreja Católica construída depois da chegada dos Portugueses

Fonte: Autor (2019)

A outra localidade do Soyo ligada ao processo de escravatura é o Porto Rico, que também desempenhou um papel preponderante durante o fenómeno. Era o segundo local onde os escravos eram concentrados e baptizados para depois embarcarem rumo ao novo mundo. Dista a sensivelmente 40 quilómetros do Porto M'pinda. Os dois combinados asseguravam a partida dos cativos provenientes das actuais repúblicas do Gabão, Congo Brazzaville RDC e outras localidades. A figura 38 era o local de baptismo dos escravos pelos padres católicos antes do embarque.



Figura 35. Local de baptismo de escravos antes de embarque no Porto de M'pinda

Fonte: Autor (2021)

Portanto, considerando a relevância e importância dos locais mencionados e outros existentes no município do Soyo, justifica-se a decisão da sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola em reconstituição, visando a sua recuperação, valorização e divulgação.

5.2.2. Ambriz

Ambriz é um dos municípios da província do Bengo, localizado a 127 quilómetros de Caxito, capital da província. Faz fronteira com os municípios do Nzeto, da província do Zaire, na parte norte, e município do Dande, pertencente a província do Bengo, na parte sul. A leste encontra-se o município do Nambwangongo e a oeste o Oceano Atlântico.

Trata-se de uma pequena vila com características próprias capazes de cativar qualquer visitante devido as suas paisagens e uma localização geográfica estratégica. A vila situa-se há 25 metros acima do nível do mar, o seu clima é tropical com precipitações em quase todo o ano e uma temperatura que varia entre os 26°C e 32°C. O município é atravessado pelos rios Lodge, com água permanente e Onzo e Weso com águas sazonais propícias para a pesca e irrigação.

O município do Ambriz tem uma superfície de 4.203,5 Km² e com uma população de 20 mil habitantes, cuja maior parte é bacongo. Completam a demografia local os descendentes de portugueses e pessoas de origem ovimbundo e kimbundo provenientes do sul e norte de Angola. Os naturais de Ambriz são designados por ambrizenses e a língua local é o kikongo, visto que era parte integrante do Reino do Kongo. A sede do município é a vila de Ambriz e integra duas comunas, nomeadamente o Tabi e a Belavista.

As figuras 39 e 40 ilustram a Casa de Escravos, onde eram armazenados os escravos antes de seguirem viagem, sem regresso, ao destino final.



Figura 36. Casa de Escravos de Ambriz

Fonte: Autor (2017)



Figura 37. Interior da Casa de Escravos de Ambriz

Fonte: Autor (2017)

Ambriz foi um terreno de disputa entre as grandes potências da época, nomeadamente Portugal e Inglaterra, na conquista dos territórios africanos, tendo criado grandes transtornos para diplomacia portuguesa naquela altura, visto que os ingleses faziam ameaças de guerra para quem violasse os seus espaços conquistados.

Segundo historiadores, houve um incidente diplomático entre Portugal e Reino Unido no período de 1846 e 1882, relacionado com o limite norte dos territórios sujeitos ao domínio português na costa ocidental africana, no quadro da divisão geográfica da África pelas potências mundiais da época. Aquando da assinatura da Convenção de 1817, o terceiro de três acordos diplomáticos assinados entre os dois países europeus, ao contrário do que sucedeu nos dois primeiros tratados, os limites do regime de excepção para o tráfico de escravos atribuído a Portugal eram:

- Todos os efectivamente possuídos por essa coroa entre o paralelo 18° e o 8° de latitude Sul;
- Aqueles sobre os quais Portugal declarara que reservava os seus direitos, chamados Molembo e Cabinda, “na costa oriental africana”, desde o paralelo 5° 12’, ao paralelo 8° latitude Sul.

Relativamente aos locais históricos e de interesse para o turismo, realça-se o património histórico construído como a Casa de Escravos, Fortaleza de Ambriz, Igreja de São José, Edifício da Administração Municipal e edifício da Antiga Câmara Municipal de Ambriz; a localidade dispõe também de atractivos turísticos naturais, designadamente a Praia dos Pescadores, Praia de Kinfuka, Praia do Kapulo, Cascatas do Loge Grande, Praia do Yembe, Praia Tabi, Pedra Mariana de Ambriz e Rochas Sedimentadas de Belavista.

Em termos de gastronomia, além dos pratos habituais como *funje de bombó*, *kisaka* e *muteta*, podem ser encontrados pratos como carne abatida ou de caça, quiabos, jimboa, couve, repolho e outros legumes. No que se refere a recursos marinhos, pode ser encontrado uma variedade de peixe, caranguejo, santolas, camarão, lagosta, ostra e gambas.

5.2.3. Massangano

É uma comuna do município de Cambambe, província do Cuanza Norte, onde decorreu em 1580 a famosa batalha de Massangano, na qual as forças portuguesas derrotaram o Reino do Ndongo, e em 1583 foi construído um forte de protecção que assegurou a ocupação portuguesa na região, conforme ilustram as figuras 41 e 42.



Figura 38. Fortaleza de Massangano, Província de Cuanza Norte

Fonte: Autor (2018)

O verdadeiro nome da localidade era Nguimbi yá Songo (cidade do Songo), nome que foi alterado depois da chegada dos portugueses naquela região, tal como aconteceu com vários locais do país.

Massangano pode ser transformada todo ele em museu, porque no seu território se encontram as antigas minas de ferro de Nova Oeiras, as ruínas de N'guimbi Songue, entre elas a primeira Câmara Municipal, a Igreja de Nossa Senhora da Victória, o Tribunal, a Fortaleza, a Casa da Reclusão, o Forte de Massangano, a Praça de Escravos (onde eram concentrados, comercializados e transportados para Luanda) e o Túmulo do Paulo Dias de Novais.



Figura 39. Imagem Aérea da Fortaleza de Massangano

Fonte: Autor (2018)

Trata-se de uma localidade estratégica em termos de localização geográfica, com uma beleza natural ímpar, uma área paradisíaca onde dois rios se abraçam, o portentoso rio Kwanza e o Lucala. Este último oferece ao país as suas maiores cataratas, as quedas de Kalandula, localizadas na província de Malanje.

Segundo historiadores, Paulo Dias de Novais efectuou a sua primeira viagem a África no ano 1560, tendo chegado à foz do rio Kwanza acompanhado dos primeiros missionários jesuítas. Na sua primeira viagem as terras do Reino do Ndongo, Paulo Dias de Novais, penetrou pela Barra do Kwanza e chegou aos territórios do Rei N'gola Kiluanji Inene, que o fez prisioneiro durante cinco anos. Depois de um longo período de cadeia, Paulo Dias de Novais teve que contar com o auxílio de uma das filhas do rei para conseguir

escapar da prisão, com a promessa de regressar a Portugal em busca de apoio para sustentar um levantamento contra o seu pai, desencadeado por Kiloango Kya Kongo, o seu temido rival do Kongo, tendo desta forma conseguido partir para sua terra de origem. A figura 43 indica onde foi sepultado Paulo Dias de Novais, fundador da cidade de Luanda.



Figura 40. Túmulo de Paulo Dias de Novais, fundador da cidade de Luanda

Fonte: Autor (2018)

Em 20 de Fevereiro de 1575 estava de regresso as terras angolanas, tendo desembarcado desta vez na chamada Ilha das Cabras, actual Iha de Luanda, que já era composta de sete (7) embarcações e cerca de 40 europeus estabelecimentos no local. Um ano depois, mais precisamente no dia 25 de janeiro de 1576, funda a vila de São Paulo de Luanda, em seguida lançou a pedra para edificação da Igreja dedicada a São Sebastião, no lugar onde hoje é o Museu de História Militar (Morro de São Miguel), antes de regressar a Massangano em 1580, comandando as forças da coroa portuguesa, que lograram derrotar finalmente o rei N'gola Kiluanji, na conhecida “Batalha de Massangano”.

Um dos vestígios materiais mais importantes de Massangano é precisamente a Praça dos Escravos, o local onde eram comercializados os angolanos transformados em escravos. O mercado se encontra numa elevação, no ponto mais alto localidade, uma estrutura aberta com pedras sobrepostas. Na extremidade esquerda depois das escadas encontra-se uma cruz imponente, colocada pelos missionários católicos para o baptismo dos escravos antes do seu embarque, conforme as figuras 44 e 45.



Figura 41. Praça de Escravos de Massangano

Fonte: Autor (2018)

A praça dos escravos é um local que transmite uma forte mensagem aos visitantes sobre aquilo que foi o seu passado. Logo a entrada encontra-se uma escadaria de betão, no ângulo esquerdo e observa-se uma placa onde figura o nome “Praça de Escravos”, que choca qualquer ser humano porque faz reviver o passado sombrio daqueles que por ali passaram. Na extremidade direita está um grande imbondeiro que, pelas suas características, deverá ser secular e seguramente “testemunha” do terror, tortura e o sofrimento vivido no lugar.



Figura 42. Comitiva de Turistas na Praça de Escravos de Massangano

Fonte: Autor (2018)

Massangano, além de ser um dos maiores “museus” do país, ou seja, local de concentração de vários monumentos singulares e seculares, com histórias distintas, possui também enormes atractivos turísticos capazes de atrair qualquer visitante. São os casos das trinta e seis lagoas, cujo pescado serve de sustento da população local, e ilhas espalhadas pela região, onde uma delas servia de esconderijo da Rainha Njinga Mbandi, nas grandes batalhas travadas contra os diferentes reinos e o colono português. Também estava localizado o seu *Ngundu*, onde guardava as suas jóias, com uma vista panorâmica singular e colorido ao pôr-do-sol, reflectido nas águas dos rios Kwanza e Lucala (Silvestre, 2014, p. 39).

5.2.4. Luanda

A cidade de Luanda, capital da República de Angola, é a maior cidade do país. Nos anos de 1974 e 1975 Luanda tinha uma população de cerca de 500 mil habitantes, actualmente possui acima de 7 milhões de habitantes (INE, 2016). A instabilidade política que o país conheceu obrigou as populações a abandonarem os seus locais de residência habitual em busca de melhores condições de segurança e de vida, provocando assim um êxodo populacional para as periferias das cidades.

Foi em 1575 que Paulo Dias de Novais desembarcou na Ilha do Cabo, onde para além de alguns compatriotas seus, encontrou uma população nativa bastante numerosa de cerca de 700 pessoas, 350 das quais homens de armas, padres, mercadores e servidores. Após a sua chegada, reconhecendo a Ilha de Luanda como não sendo o “lugar ideal para a capital da conquista”, avança para terra sólida ou firme e funda formalmente a vila de São Paulo de Luanda, tendo lançado a pedra para a edificação da igreja dedicada a São Sebastião, a 25 de janeiro de 1576, no lugar onde hoje é o Museu de História Militar (Morro de São Miguel).

A escolha do local foi influenciada por três factores fundamentais: a existência de um magnífico porto natural, situado numa baía aberta ao mar, mas protegida por uma Ilha; água potável, as águas dos poços da Maianga que era a lagoa dos elefantes; e as excelentes condições de defesa oferecidas pelo morro.

Durante os primeiros tempos a economia de Luanda assentava exclusivamente no comércio de escravos, proporcionando avultados lucros e um elevado nível de vida aos moradores da cidade que, de forma desumana, ganhavam a sua vida em detrimento dos outros seres humanos. Com o aumento da população europeia e do número de edifícios,

em 1605 a vila de São Paulo de Luanda recebeu o foral ou estatuto de cidade, tendo sido construída a primeira vereação municipal. Na mesma época ergueram-se na parte alta da cidade a conhecida Cidade Alta, a igreja, o palácio do governador e outros edifícios.

Luanda tornou-se a partir de 1627 o centro administrativo da região devido a sua localização geográfica altamente estratégica. Na época das conquistas por parte das potências europeias, havia muita concorrência entre os europeus em busca de melhores benefícios nas localidades conquistadas. Para proteger Luanda os portugueses construíram a Fortaleza de São Pedro da Barra, a Fortaleza de São Miguel de Luanda e a Fortaleza do Penedo. Em 1640, apesar das várias fortalezas de defesa erguidas, Luanda foi atacada e ocupada por forças holandesas (1641), situação que prevaleceu até à reconquista da cidade por Salvador Correia de Sá, em 15 de agosto de 1648.

Actualmente, Luanda é subdividida administrativamente em nove municípios, nomeadamente: Luanda, Belas, Cazenga, Viana, Quiçama, Cacuaco, Icolo e Bengo, Talatona e Kilamba Kiaxi. O município de Luanda é formado pelos distritos urbanos da Ingombota, Luanda, Maianga, Rangel, Samba e Sambizanga. Os habitantes de Luanda são na sua maioria de origem bantu, essencialmente Ambundus, Ovimbundus e Bakongos, que constituem os grandes grupos étnicos do país, sendo o kimbundu, umbundo e kikongo as línguas mais faladas. Como é sabido, a língua oficial de Angola é o português, mas no seio da população do interior do país predominam as línguas nacionais.

Do ponto de vista económico, Luanda é a cidade que apresenta maior crescimento, particularmente desde que Angola alcançou a paz e estabilidade política. Grandes investimentos nacionais, internacionais e de parcerias pública-privada são realizados, essencialmente na área da construção civil e telecomunicações, fazendo de Luanda uma metrópole com sofisticados edifícios residenciais e escritórios, que coabitam com a cidade colonial e com vários musseques, carecendo ainda de saneamento básico e condições de fornecimento de água e energia.

Portanto, Luanda é o principal centro económico e financeiro do país, onde interagem vários interesses, sendo responsável por cerca de 90% do PIB de Angola, onde estão sedeadas várias empresas estratégicas e multinacionais. Uma das empresas estratégicas é o porto de Luanda, localizado na baixa da cidade, o principal porto do país,

movimentando mais de 70% das importações e exportações angolanas (excepto o petróleo e o crude), seguido pelos portos do Lobito e do Namibe.

Luanda ocupa uma superfície de 113 km², de clima tropical, com uma estação quente e húmida de outubro a maio e estação fria e seca, o cacimbo, de junho a setembro. Oferece vários atractivos aos seus visitantes, começando pela Baía de Luanda, que constitui o seu cartão postal, a Ilha de Luanda com os inúmeros restaurantes e praias, os monumentos históricos, museus, igrejas e alguns hotéis espalhados pela cidade, fazem de Luanda um bom lugar para ser visitado. Igualmente interessante é a designada pérola da cidade, a Ilha do Mussulo e os seus encantos. A figura 46 refere-se a visita de um grupo de profissionais do turismo de Angola à rua dos mercadores, onde eram encarcerados e comerciados os escravos.



Figura 43. Visita à Rua dos Mercadores de Luanda

Fonte: Autor (2019)

Em termos de história da escravatura, Luanda foi o maior centro de concentração, comercialização e embarque de escravos de Angola, visto que a maior parte dos angolanos escravizados partiram de Luanda com destino para o Brasil e Estados Unidos da América, fundamentalmente. Lamentavelmente, a cidade não possui nenhum monumento digno de referência que simbolize a dimensão de vidas humanas perdidas e que serviria para homenagear os filhos da terra que partiram para sempre. Uma lacuna que não se verifica em outros países, como se viu, que conhecem o valor da história de um povo e da sua identidade cultural como são os casos do Gana, Senegal, Benin e Tanzânia.

Apesar da falta de interesse que se verifica por parte de quem deveria defender a história, talvez por falta de conhecimento ou consequência do sistema político que o país viveu durante cerca de 43 anos, continuando com a visão colonial de desvalorização da verdadeira história dos povos, ainda existem alguns locais que simbolizam o fenómeno do tráfico de escravos em Luanda e no geral em Angola.

Cidade Alta

Como o seu nome define, situa-se na parte mais alta da cidade, onde faz parte o palácio presidencial, antigo palácio do Governador no período colonial. Era a zona onde eram escolhidos os escravos de boa constituição física para desempenharem a função de serviços domésticos em casas dos grandes patrões. Na figura 47 a fachada frontal do actual Palácio Presidencial de Angola.



Figura 44. Palácio Presidencial da Cidade Alta

Fonte: Autor (2019)

Calçada do Pelourinho

Marco da trajectória dos escravos com destino aos armazéns onde eram guardados em pequenos espaços para posterior embarque marítimo para exterior.

Largo do Pelourinho

Centro de castigo ou local de inquisição e chacina de escravos que eram considerados insubmissos pelos seus patrões e submetidos a castigos públicos, muitas vezes até a morte. O lugar está localizado na baixa de Luanda, cidade velha, era designado pelos negros de *Katadi* (suplício em língua local kimbundu). O Pelouro, figura 48, era um mastro ou pilar onde acorrentavam e torturavam os escravos revoltosos que não aceitavam a humilhação estrangeira.



Figura 45. Largo do Pelourinho de Luanda

Fonte: Autor (2019)

Rua dos Mercadores

Principal montra dos escravos. Trata-se de uma rua muito estreita (figura 49), com casas sobrepostas, que possuem uma parte residencial em cima e um pequeno armazém em baixo e, por isso, designados de sobrados. Possuíam igualmente quintais adjacentes onde eram guardados, concentrados e vendidos os escravos enquanto “mercadoria humana”.



Figura 46. Rua dos Mercadores

Fonte: Autor (2019)

Casa dos Escravocratas

A maior parte das casas dos escravocratas está situada na rua dos mercadores que era o principal centro de comercialização de escravos. As casas são compostas por sobrados que tinham uma dupla função, habitação em cima ou parte superior e armazém de escravos na parte de baixo ou rés-do-chão. Chamavam-se sobrados por terem a divisão entre o piso de cima e a parte térrea feita com a madeira que vinha nos navios negreiros no trajecto do exterior para Angola para equilibrar os mesmos durante a navegação, visto que no regresso eram carregados de homens, mulheres e crianças escravizados.

A madeira vinda essencialmente do Brasil, considerada material “sobrado”, era aproveitada para construir as residências dos escravocratas, com áreas específicas para o armazenamento de escravos. Embora em ruínas devido ao tempo, as referidas casas existem até aos dias de hoje e podem ser observadas para testemunhar o passado o triste. Na figura 50 é ilustrada a fachada de um sobrado.



Figura 47. Rua dos Mercadores

Fonte: Autor (2019)

Rua das Flores

No segundo quarto do século XIX o tráfico de escravos era ilegal, mas dado o seu impacto na economia, a clandestinidade foi a escapatória dos pombeiros⁴⁹. De acordo com os dados históricos, durante uma revolta de escravos, os mesmos foram espancados e encarcerados, a rua ficou totalmente manchada de sangue e houve necessidade urgente de encobrir para camuflar com flores, pois nas imediações passaria uma autoridade que não podia descobrir o triste acontecimento que sucedeu com os escravos que, ao passar por lá, maravilhou-se com as flores, e daí nasceu o nome.



Figura 48. Rua das Flores

⁴⁹Derivado da palavra *pumbu* no Kimbundu arcaico, que signica comércio.

Largo do Atlético ou Luís Lopes Sequeira

Atlético é o nome de clube que fez parte da gesta do nacionalismo angolano. Porém, o local mantém o nome de Luís Lopes Sequeira, o homem que comandou a tropa portuguesa e considerado pelo colonizador como vencedor da batalha de Ambuíla de 1665 que vitimou Sua Majestade Rei N'Vita-a-Nkanga, monarca do Reino do Kongo. Depois da morte do soberano do Kongo, a sua cabeça foi decapitada e transportada para Luanda, para testemunhar a vitória portuguesa. Foi feita uma procissão que partiu da Igreja de Jesus, na Cidade Alta, até à ermida de Nossa Senhora da Nazaré, na marginal de Luanda, onde foi enterrada nas suas fundações.

Palácio Dona Joaquina

É um edifício construído nos meados do século XVII que encarnava a história do tráfico negreiro visto que a sua proprietária, que atribuiu o seu nome ao imóvel, foi um dos maiores comerciantes de escravos do país. Lamentavelmente por falta de sensibilidade histórica ou simplesmente ignorância do passado histórico, a estrutura inicial foi demolida e construída uma réplica no seu lugar, matando totalmente o seu valor identitário e genuíno.

Dona Ana Joaquina foi uma mulher mestiça que contraiu mais de três casamentos com escravocratas que infelizmente não resistiam ao calor e morriam de malária. Ela comprou o edifício em 1827, e na sua qualidade de magnata de escravos forjou a construção de um túnel que ligava a sua imponente residência ao mar para permitir o embarque de escravos de forma clandestina.

O palácio Dona Ana Joaquina (figura 52) era um sobrado com as salas de recepção de visitas e grandes comerciantes na parte de cima e, na parte inferior ou rés-do-chão, os armazéns para os escravos comprados no sertão.



Figura 49. Palácio Dona Joaquina

Fonte: Autor (2019)

Largo Dom Afonso Henriques

Antiga praça, local de concentração e cais de escoamento ou porto de embarque de escravos no século XVI, que serviu de principal porta de saída de escravizados para os principais mercados no exterior. Actualmente chamado largo de Baleizão, está situado na baixa da cidade velha de Luanda (figura 53).



Figura 50. Largo Dom Afonso Henriques

Fonte: Autor (2019)

Travessa dos Enforcados

Trata-se de uma montanha com uma inclinação de 10%, onde eram levados e atirados os escravos insurrectos, mortos e os seus corpos eram enterrados onde está localizado actualmente o estádio dos Coqueiros.

Calçada Simão Mascarenha

Trata-se da calçada de pedras coladas uma das outras, sendo a via de acesso para à Fortaleza de São Miguel, que hoje é o Museu de História Militar. Na sua construção contou com a mão-de-obra angolana escravizada.

Igreja da Nazaré

Construída em 1664, por ordens de André Vidal de Negreiros, em agradecimento à Nossa Senhora da Nazaré, por ter sobrevivido a um vendaval em 1661 quando viajou do Brasil para Angola. Fazem parte da decoração da Igreja da Nazaré, azulejos onde estão gravadas imagens simbólicas que representam a famosa Batalha de Ambuíla.

Museu da Escravatura

O Museu da Escravatura, figura 54, localizado na parte sul da cidade de Luanda, era o local de embarque dos últimos escravos que deixaram o território angolano. Actualmente é o único espaço do país dedicado a homenagear as vítimas do comércio, ao contrário do que acontece em outros países africanos. Por isso, um dos objectivos desta investigação é contribuir para a reconstituição da história assim como valorizar os locais cadastrados ligados a escravatura.



Figura 51. Museu da Escravatura

Fonte: Autor (2019)

Vila Calumbo

Uma localidade do município de Viana, ao sul de Luanda, com um enorme potencial histórico, económico e religioso derivado a sua localização geográfica e do seu passado. A pequena Vila de Calumbo está localizada na margem do “Corredor do Kwanza”, zona de muita influencia durante o comércio triangular porque o rio Kwanza era usado como “auto-estrada” para transportação de escravos saídos de regiões do país, como o Cuanza Norte, Malanje, Moxico Lundas Norte e Sul, passando por Calumbo. Na figura 55 a imagem de um lugar ligado a escravatura.



Figura 52. Local de Punição de Escravos no Calumbo

Fonte: Autor (2019)

Actualmente em Calumbo encontra-se um Santuário Católico, pertencente à Diocese de Viana, que é regido pela Congregação dos Missionários Passionistas, com o apoio pastoral de V. Rev.ma D. Joaquim Ferreira Lopes, para o zelo religioso relativamente ao templo e aos espaços adjacentes tão necessários para proporcionar um ambiente de silêncio, de paz, de reflexão, de encontro e de evangelização. O Santuário possui uma igreja de pequena dimensão com mais de 400 anos de existência, tendo sido classificado como imóvel de interesse público pela portaria nº 10.678, publicada no boletim oficial nº 11 de 18 de março de 1959-1ª Série.

Segundo dados estatísticos daquela igreja e depois do sucesso das últimas peregrinações anuais, o Santuário de Calumbo tem reunido mais de 70.000 pessoas e um número

elevado de peregrinos que frequenta mensalmente o Santuário, estimado em 30.000 pessoas. Dentro do Santuário e junto a igreja existe um imponente imbondeiro centenar de grandes proporções, que servia como espaço para comercialização de escravos que hoje serve de testemunha do fenómeno e da cumplicidade da Igreja Católica. Na localidade encontrava-se ainda o Porto de Embarque de escravos provenientes de várias regiões de Angola como já foi mencionado, onde embarcavam em pequenas embarcações rumo a Luanda, para depois serem transferidos aos grandes navios de maior capacidade e seguir ao destino final.

Após ter percorrido os territórios da escravatura em Angola, o que permitiu ter uma apreciação clara sobre os mesmos e delimitar os espaços de estudo tendo em conta as características e dos objectivos do projecto, o capítulo seguinte vai tratar da metodologia, técnicas e instrumentos de investigação da presente tese de doutoramento.

VI. CAPÍTULO – METODOLOGIA, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

A investigação pode ser definida como sendo o melhor processo de chegar a soluções fiáveis para problemas, através de recolhas planeadas, sistemáticas e respectiva interpretação de dados. É uma ferramenta de máxima importância para incrementar o conhecimento e, deste modo, promover o progresso científico permitindo ao homem um relacionamento mais eficaz com o seu ambiente, atingindo os seus fins e resolvendo os seus conflitos (Cohen e Manion, 1980; Santos, 1999, 2002).

Segundo Ludke e Andre (1986) e Santos (1999, 2002) investigar é um esforço de elaborar conhecimento sobre aspectos da realidade na busca de soluções para os problemas expostos. Tal como refere Bell (1997), uma investigação é conduzida para resolver problemas e para alargar conhecimentos. A investigação sendo um campo científico vasto, há questões epistemológicas ligadas a três aspectos que se levantam (1) Natureza do objecto da investigação (o quê?); Relação investigadora/objecto, ou seja, sobre o processo do conhecimento científico (o como?); Objectivo inerente a uma investigação, ou seja, a finalidade da actividade científica (o porquê?).

A actividade turística sendo uma área complexa e bastante desafiante, a sua investigação carece da combinação de várias disciplinas ou matérias devido a sua transversalidade, que a torna num sector pluridisciplinar e multifacetado, exigindo a participação de vários actores. O turismo sendo um sector ou uma ciência jovem, dinâmica e em constante mutação, necessita de um novo paradigma para o seu desenvolvimento e adaptado a realidade de cada país.

No entanto a palavra paradigma pode ter várias significações, como refere Margaret Masterman (1970, p. 75-79), citado por Firmino (2007), que “a nova imagem da ciência” identificou 21 sentidos referentes a palavra paradigma. Masterman, citando Kuhn, afirma que a palavra paradigma deve ser entendida como realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo fornecem modelos de problemas e soluções para uma comunidade de profissionais

Insistindo ainda sobre a palavra paradigma, Masterman (1970), citado por Firmino (2007), sustenta que o termo paradigma pode também ser interpretado como: manual ou obra clássica de “ciência normal”, reconhecida pela comunidade científica; realização científica concreta; analogia; especulação metafísica bem-sucedida, superior a teorias

suas concorrentes; modelo ou padrão geralmente aceite e que servirá de exemplo; origem dos conceitos e instrumentos de análise, a partir das novas realidades; ilustração normal pela comunidade científica, em manuais, conferências e em laboratórios (...); modelo com uma verdadeira solução científica (diferente de simples especulação teórica); princípio organizador da percepção das experiências; ponto de vista epistemológico geral; novo modo de encarar os enigmas pelos cientistas; grande extensão da realidade ou grandes áreas da experiência, em simultâneo.

Segundo Firmino (2007, p. 31), em turismo poder-se-á falar de um conhecimento disperso, ainda não suficientemente estruturado a nível universal, embora com a importância económica universalmente reconhecida, contrariamente a Silva (2004) que reconhece existirem alguns progressos na investigação em turismo em vários países como Reino Unido, Itália, Alemanha, países Nórdicos, Espanha, França, Estados Unidos da América, Canadá, Austrália e Nova Zelândia.

O dicionário português “prestígio”, define a palavra metodologia como um conjunto de regras ou princípios empregados no ensino de uma ciência ou arte, ou ainda, parte da lógica que estuda os métodos das diversas ciências e como terceira definição, arte de dirigir o espírito na investigação da verdade. Interpretando as três definições, facilmente se compreende de que, com a implementação da metodologia, consegue-se estudar um determinado caso ou fenómeno através da aplicação coerente dos diferentes elementos ou regras que fazem parte de um processo de investigação científica, chegar a uma conclusão sobre o sujeito em análise e responder de forma segura e consistente aos objectivos gerais e específicos do referido estudo.

Nas investigações actuais, cujo tema central é o turismo, pode-se questionar a escola empiricista (desde o século XVII), o positivismo e neopositivismo, por estudarem factos e relações de forma determinística e fragmentada (Silva, 2004). De acordo com este autor, os problemas situam-se ao nível da complexidade das relações entre variáveis e dos contextos culturais que são distintos em cada destino turístico. Grande parte destas dificuldades residem ao nível das relações entre as diferentes variáveis a serem estudados e a envolvência externa, havendo assim a necessidade da credibilização de processos analíticos cujos resultados carecem de comprovação.

Para ir ao encontro dos objectivos preconizados por um determinado estudo é preciso definir um caminho claro que permita, através da aplicação de procedimentos científicos

adaptados a realidade da região, localidade ou sujeito em análise afim, alcançar ou aproximar os resultados projectados pelo cientista.

Método em ciência, “é o conjunto de actividade sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objectivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (Lakatos e Marconi, 1991, p. 83)”. Os referidos autores, citando Bunge, afirmam que o método científico é a teoria da investigação. De acordo com Giddens (2000), citado por Cazalma (2016), “todos os métodos de investigação (...) têm as suas vantagens e limitações. Por isso, é vulgar combinar vários métodos de investigação num único processo de investigação, usando cada um deles para complementar e testar os outros”.

Adaptando o método de abordagem hipotético-dedutivo, segundo Bunge, à investigação, os seus objectivos serão atingidos, de forma científica, quando cumpre as seguintes etapas:

- 1) Descoberta do problema;
- 2) Colocação do problema;
- 3) Procura de conhecimentos ou instrumentos relevantes;
- 4) Tentativa de solução do problema;
- 5) Invenção de novas ideias ou produção de novos dados empíricos;
- 6) Obtenção da solução;
- 7) Investigação das consequências da solução obtida;
- 8) Prova da solução;
- 9) Correções.

Rebollo e Baidal (2001, p. 23), citados por Firmino (2007), observam que quando se estuda o turismo impõe-se uma metodologia transversal, com enfoque integrado e multidisciplinar e com fundamentos epistemológicos próprios. Tratando-se de um conjunto de actividades que incluem alojamento, transporte, animação, comercialização, entre outras, várias dimensões confluem para a configuração do produto turístico. Sublinhando que todos os métodos são valiosos se ajudarem o investigador a dar novos passos na sua pesquisa.

As sete etapas de investigação de acordo com a OMT (2001), citado por Marques (2013) e Cazalma (2016):

Etapa 1: Planeamento e justificação do problema:

- Reconhecimento dos factos e ideias da investigação;
- Identificação e formulação do problema;
- Definição de objectivos;
- Construção de hipóteses;
- Estratégias de investigação;
- Planificação dos tempos de investigação;
- Natureza dos resultados que se pretende obter;
- Custos da investigação;
- Habilidades e experiencia dos investigadores.

Etapa 2: Construção do modelo teórico:

- Revisão da literatura;
- Levantamento de hipóteses;
- Definição de variáveis;
- Seleccção do processo de investigação.

Etapa 3: Determinação da população objecto de estudo e da amostra correspondente:

- Seleccção e desenho da amostra;
- Processo de Amostragem;
- Tamanho da amostra;
- Elaboração de questionários.

Etapa 4: Codificação e obtenção dos dados:

- Elaboração de instrumentos de análise;
- Obtenção das estatísticas descritivas;
- Análise dos dados.

Etapa 5: Análise dos resultados:

- Elaboração e apresentação dos resultados.

Etapa 6: Aplicação da Investigação para os Fins Propostos

Etapa 7: Conclusão do Estudo.

6.1. Metodologia e Técnicas de Pesquisas Utilizadas na Investigação

O presente trabalho de investigação enquadra-se na metodologia descritiva ou ecléctica, atendendo que é utilizada uma metodologia mista, técnicas quantitativas e qualitativas, assim como questionários, entrevistas, pesquisa, observação e análise documental,

técnica de triangulação e para dar sustentabilidade e consistência as diferentes metodologias e técnicas, foi realizado também o trabalho de campo que consiste no levantamento das quatro localidades de estudo com vista a confrontar os dados teóricos aos do campo a fim de validar a investigação.

A abordagem ecléctica ou mista assenta na complementaridade entre as abordagens quantitativas e qualitativas e surge como um caminho para alcançar uma maior e mais profunda compreensão dos fenómenos em estudo. A investigação aplicada tem motivado os estudiosos, fundamentalmente no campo do turismo, a considerarem o recurso a uma ampla variedade de estratégias de investigação, complementando as ferramentas estatísticas com as técnicas qualitativas (Brito, 2012 citado por Castro, 2019).

Para Castilho et al. (2014), a investigação quantitativa representa tudo aquilo que pode ser mensurado ou medido e o seu objecto é claramente descritivo, a onde o investigador desejará obter o maior grau de correcção possível dos dados, assegurando deste modo a confiabilidade de seu trabalho. Enquanto a investigação qualitativa tem a qualidade de ideias, coisas, e pessoas permitindo que sejam diferenciados entre si de acordo com as suas naturezas, podendo também possuir um conteúdo efectivamente descritivo. Para Schumacher (1989), citado por Vieira (1995), enquanto a investigação quantitativa procura essencialmente estabelecer relações e explicar as causas das mudanças observadas nos factos sociais que são alvo de medição, a investigação quantitativa está mais virada para a compreensão dos fenómenos sociais a partir da perspectiva dos participantes.

Para Fortin, 1999, citado por Castro, 2019, a investigação qualitativa é utilizada para o desenvolvimento e procura da compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. O autor defende que o método qualitativo tem características de ser indutivo, holístico e naturalista, tendo em conta a preocupação de compreensão dos fenómenos, de abrangência do estudo e de interacção com os sujeitos ou situações de estudo. Ainda de acordo com o autor, a investigação quantitativa é um processo sistemático de recolha de dados observáveis e quantificáveis. Este método de investigação é baseado na observação de factos objectos, de acontecimentos e fenómenos, reflecte um processo complexo que conduz resultados que devem conter o menor enviesamento possível, tendo como finalidade contribuir para o desenvolvimento e validação dos acontecimentos.

Para os autores Carmo e Ferreira (1998, p. 178), citados por Cazalma (2016), o objectivo da utilização do método quantitativo é a generalização dos resultados à uma determinada população em estudo a partir da amostra, o estabelecimento de relações causa-efeito e previsão de fenómenos, outrossim, encontrar relações entre variáveis, fazer descrições recorrendo ao tratamento estatístico de dados recolhidos e testar teorias. O paradigma interpretativo, engloba os aspectos qualitativos, fenomenológico, naturais, humanista, englobando um conjunto de correntes interpretativas cujo interesse é centrado no estudo dos significados das acções humanas e da vida social (Erickson, 1986; Santos, 1999, 2002).

6.2. As diferentes fases das metodologias usadas

Para Gill (2006), a observação constitui um elemento fundamental para a investigação e apresenta como principal vantagem em relação as outras técnicas a percepção dos factos directamente sem qualquer intermediário, reduzindo a subjectividade que permeia todo o processo de investigação. Adler e Adler (1994), reforçam afirmando que a observação é, por conseguinte, concebida não como simples recolha visual de dados, mas como uma actividade que envolve todas as faculdades humanas relevantes como tacto, audição e a visão, desempenhando o investigador o papel de testemunha activa dos fenómenos.

Segundo Santos (1999, 2002), o investigador não pode estar totalmente alheio, independente e neutro em relação aos fenómenos educacionais que estuda, pois participa neles sempre com os seus valores, crenças e ideias pelo que deve tentar integrar-se no contexto de estudo, fazendo parte “natural” do cenário. Para Ludke e Andre (1986), a observação é um dos instrumentos básicos para a recolha de dados na investigação qualitativa. Na verdade, é uma técnica de recolha de dados, utilizando os sentidos, de forma a obter informação de determinados aspectos da realidade, ajudando-o a identificar e a obter provas a respeito de objectivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento (Lakatos e Marconi, 1990 e Santos, 1999; 2002).

Quer a observação seja a estrutura ou não, o seu papel consiste em observar e registar de forma mais objectiva possível e depois interpretar os dados recolhidos. Como vantagens para esta técnica, pode-se referir o facto de a observação permitir chegar mais perto da “perspectiva dos sujeitos” e a experiência directa ser melhor para verificar as ocorrências (Ludke e Andre, 1986), ou ainda o permitir a evidência de dados que seriam possíveis de obter nas respostas a questionários (Lakatos e Marconi, 1990).

Referente a abordagem quantitativa, os dados foram obtidos através da elaboração de um questionário, como já foi mencionado, dirigido aos residentes e visitantes de cada localidade integrante do projecto. Colas e Buendia (2001), citados por Vigário (2016), definem o questionário como sendo uma técnica de recolha de dados de maior utilidade para a investigação. Para Vieira (1995), sozinho em situação de administração individual ou em grupo.

Relativamente as entrevistas, foram realizadas como já foi mencionado nas diferentes áreas de estudo com vista a colectar informações importantes junto das personalidades dos órgãos locais, central e da sociedade civil que intervêm directa ou indirectamente no funcionamento do sistema do turismo, sobretudo as ligadas a cultura. Segundo Carmo e Ferreira (1998), recorre-se a entrevista quando o investigador tem questões relevantes, cuja resposta não encontra na documentação disponível. Nesta óptica, o recurso a entrevista justifica-se pelas condições que esta técnica reúne de permitir análises profundas e abordagens mais abrangentes, visto que os entrevistados tendem a fornecer informações e dados sem barreiras dos inquéritos estruturados em questionários, podendo inclusive contribuir para a recolha de informações não esperadas pelo investigador enriquecendo assim a pesquisa.

Haguette (1997) define a entrevista como um processo de interacção social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador tem por objectivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. A entrevista como mecanismo de colecta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho, através dela o pesquisador busca a obter informações, ou seja, colectar dados objectivos e subjectivos. Se os dados objectivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como questionários, testes, etc., os dados subjectivos só podem ser obtidos através da entrevista, pois que, estes se relacionam com os valores, atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados.

A entrevista é uma técnica de recolha de informações que consiste numa conversa com uma ou mais pessoas devidamente seleccionadas consoante os objectivos da pesquisa e podem ser divididas em entrevistas não-estruturadas (sem nenhum guião a partida), semiestruturadas (com um guião ou tópicos) e estruturadas (com questões previamente determinadas) (Fortin, 1999; Sousa, 2005; Sousa e Baptista, 2013; citados por Castro, 2019).

Para o caso desta investigação foi usada a entrevista semiestruturada, com um guião de perguntas sequenciadas tendo em conta as especificidades do tema, objectivos de estudo e as localidades que integram o projecto, salvaguardando a liberdade do entrevistado, sem o desvio do tema. A preparação da entrevista é uma das fases ou etapas mais cruciais para o investigador porque requer tempo, avaliação e cuidado, destacando-se entre eles: o planeamento da entrevista que ter em vista o objectivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade e domínio do tema pesquisado; a oportunidade da entrevista ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista desejada pelo investigador para permitir a preparação previa do questionário correspondente; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo das suas confidências e da sua identidade e por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (Lakatos e Marconi, 1996).

Relativamente à formulação das questões, o investigador deve ter o cuidado para não colocar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas devem ser feitas levando em conta a sequência do entrevistado, ou seja, procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico para o entrevistado com vista a incentivá-lo a falar sobre a matéria em referência sem qualquer pressão do entrevistador.

De acordo com Boudieu (1999), para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta directa, mas sim fazer com que o entrevistado relembra parte da sua vida, podendo o investigador suscitar a memória do entrevistado.

As fases metodológicas que foram utilizadas para permitir alcançarem os resultados preconizados no presente projecto de investigação, mais precisamente de Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: A Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos, são as seguintes:

Observação – é feita através da deslocação do investigador às quatro localidades de estudo com vista a constatar e vivenciar *in situ* a situação e ter as informações e a capacidade necessária de avaliar e comparar de forma mais segura os diferentes dados obtidos ao longo da investigação.

Pesquisa Documental – acontece quando o investigador analisa materiais, documentos e artefactos, possibilitando ao pesquisador que oriente a sua investigação considerando

enfoques diferenciados partindo do princípio de que os documentos são uma grande fonte de informação registadas por um longo período de tempo. Nesta perspectiva, a pesquisa foi realizada com base na bibliografia recolhida tanto dentro como fora do país, para ajudar a entender melhor o fenómeno tráfico de escravos e as suas consequências, método que foi complementado com outros materiais de informação como vídeos, áudios, revistas e jornais etc.

Inquérito por questionários – Segundo Foddy (2002, p. 1), o inquérito tem sido ao longo do tempo uma estratégia central na investigação social, usando de diferentes formas, em diferentes contextos, quando se pretendem reconhecer “variáveis do foro subjectivos não directamente mensuráveis”. São realizados inquéritos através de questionários direccionados às quatro localidades integrantes do projecto, sendo os mesmos divididos em dois grupos, ou seja, um modelo para os residentes e o outro para os visitantes, a fim de se colectar o máximo de informação possível para a realização do trabalho.

Inquérito por entrevista – foi direccionado as diferentes personalidades intervenientes no processo, nomeadamente: Ministros, Governadores, Secretários de Estados, Directores Nacionais e Provinciais de Cultura e Turismo e outros sectores tendo em conta a transversalidade do turismo, historiadores e autoridades tradicionais.

Técnica de triangulação – consiste em combinar dois ou mais pontos de vistas, fontes de dados, abordagens técnicas ou métodos de recolha de dados numa mesma pesquisa para que se possa obter um resultado final consistente ou a compreensão completa ou mais aproximada do fenómeno em análise, devidamente explorada e aproveitada neste trabalho de investigação.

A maior diversidade e integração de métodos produz uma maior confiança nos resultados Santos (1999, 2002). Segundo Denzin (1970), citado por Merriam (1998), a racionalidade desta estratégia reside no facto de se poder atingir o melhor de cada um dos métodos, pois que os defeitos de um método são muitas vezes os pontos fortes do outro, pelo que a combinação de métodos permite que se ultrapasse as deficiências específicas.

Análise de documentos de gestão: foram também analisados durante o presente trabalho de investigação documentos que regem o funcionamento dos sectores públicos directamente ligados ao tema em análise como Plano Director do Turismo (PDT), os diferentes instrumentos legais do sector do turismo, protocolo de cooperação entre o Ministério do Turismo e o Ministério da Cultura e outros que se julgaram necessários.

6.3. Abordagem quantitativa e abordagem qualitativa

Segundo a OMT (2001), a pesquisa qualitativa em turismo é uma forma sistemática passível de interpretar a realidade e compreender o fenómeno turístico, além de ser uma “estratégia usada para responder a questões sobre os grupos, comunidades e interações humanas, e tem uma abordagem descritiva dos fenómenos de interesse ou previsão dos fenómenos turísticos ou dos comportamentos humanos e a sua relação com o turismo. A pesquisa qualitativa é um método de investigação de base linguística-semiótica usada principalmente em ciências sociais.

Considera-se técnicas qualitativas todas aquelas diferentes à pesquisa estatística e ao experimento científico, como por exemplo entrevistas abertas, grupos de discussão ou técnicas de observação de participantes. O método qualitativo procura entender, descrever e em alguns casos, explicar os fenómenos sociais, culturais de grupos sociais e não faz uso da representação estatística. Os problemas da validade são minimizados através de diversas técnicas entre elas a permanência prolongada no campo, a triangulação dos resultados com os dados quantitativos ou adopção do critério de representatividade estrutural: incluir na amostra membros dos principais elementos da estrutura social em torno do tema de estudo.

Quanto a pesquisa quantitativa, ela atribui valores numéricos às declarações ou observações, com o propósito de estudar com métodos estatísticos possíveis relações entre as variáveis, enquanto a investigação qualitativa recolhe os discursos completos dos sujeitos para proceder com a sua interpretação, analisando as relações de significado que se produzem em determinada cultura ou ideologia.

Por outro lado, o método quantitativo generaliza os resultados para determinada população através de técnicas estatísticas de amostragem. A pesquisa quantitativa é conclusiva, e tem como objectivo quantificar um problema e entender a dimensão dele, em suma, esse tipo de pesquisa fornece informações numéricas sobre o comportamento do consumidor. O método quantitativo pode ser usado para medir o tamanho de um mercado, de um segmento de mercado, frequência de compra de um determinado produto, o comportamento dos consumidores, níveis de distribuição do produto e satisfação dos clientes. A pesquisa quantitativa tem como objectivo de verificar estatisticamente hipóteses a partir da colecta de dados concretos e quantificáveis, ou seja, números, sendo importante aqui referir que um dos aspectos mais importantes para desenvolver uma boa pesquisa quantitativa é definir uma amostragem de pesquisa.

Quadro 33. Técnicas quantitativas e qualitativas de recolha de dados

Abordagem Quantitativa (Tipos)	Abordagem Qualitativa (Tipos)
<p>Observações Estruturadas</p> <p>Entrevistas</p> <p>Testes</p> <p>Questionários</p> <p>Medidas não Reactivas</p>	<p>Observações Etnográficas</p> <p>Entrevistas Etnográficas</p> <p>Consulta de Documentos</p> <p>Observações não Participantes</p>
Características	Características
<p>Utilização de Instrumentos de “papel e lápis” na recolha de dados;</p> <p>Dados recolhidos, principalmente sob a forma numérica;</p> <p>Decisões a priori quanto á apresentação dos dados;</p> <p>Os dados assumem uma forma única – o tipo de resposta determinado pelo instrumento utilizado;</p> <p>As conclusões são tiradas com base nos procedimentos estatísticos utilizados.</p>	<p>Recolha de dados sem a utilização obrigatória de instrumentos esse papel é assumido, muitas vezes, pelo investigador;</p> <p>Dados recolhidos, principalmente, pela forma verbal;</p> <p>Não existem decisões a priori; apresentação depende dos dados recolhidos;</p> <p>Os dados assumem uma variedade de formas: Nota de campo, documentos, gravações de entrevistas, filme, etc;</p> <p>A codificação é utilizada, apenas, para permitir a descoberta de certos padrões nos dados, possibilita, assim, a integração e a compreensão de toda a informação qualitativa;</p> <p>As interpretações derivam das técnicas qualitativas utilizadas (significados estratégicas).</p>

Fonte: Adaptação de McMillan e Schumacher (1989).

Segundo Vergara (2007), as análises qualitativas são exploratórias, ou seja, visa extrair dos entrevistados seus pensamentos que foram livremente ditos sobre algum tema, objecto ou conceito. A principal diferença entre os métodos quantitativa e qualitativa reside na medida em que, o método quantitativo é baseado em números e cálculos

matemáticos, enquanto o método qualitativo tem como base o carácter subjectivo, usando narrativas escritas ou faladas.

Considerando a importância da utilização das técnicas quantitativas e qualitativas neste trabalho de investigação e em qualquer estudo científico, decidiu-se incorporar neste estudo um quadro ilustrativo para permitir diferenciar uma técnica da outra conforme os quadros 33 e 34.

Quadro 34. Tipo de abordagens Metodológicas

Quantitativa	Qualitativa
Abordagem das ciências naturais	Abordagem da etnologia e da comunicação
A preocupação é a objectividade	Essa preocupação é secundária
Lógica da verificação	Lógica da descoberta
O contexto é colocado	O contexto é apreendido
O controlo a priori das variáveis	O controlo a posteriori das variáveis
Procedimentos codificados e fixados	Procedimentos variáveis

Fonte: Colin (1996), citado por Cazalma (2014).

6.4. Planificação da metodologia de recolha de dados

Ao perspectivar-se conceber a “Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos nos Territórios da Escravatura em Angola”, pretende-se colocar no mercado angolano um novo produto turístico diferente dos demais existentes, pela sua história, força, amplitude, importância e dimensão, fruto do novo paradigma que a diáspora africana está atribuir aos seus locais de origem, incentivado pela Assembleia Geral da ONU, através da resolução 68/237 que proclama a Década Internacional dos Afrodescendentes, correspondente ao período 2015 e 2024. Nesta perspectiva foram utilizadas várias técnicas de investigação para se atingir os objectivos preconizados neste estudo.

Latorre e Amal (2003, p. 51) definem as principais linhas de orientação que devem fazer parte do processo de investigação que, pela sua pertinência e objectividade, são mencionadas neste estudo como segue:

- a) Planificação da investigação, elaboração do projecto correspondente e o desenho do fio condutor a ser seguido de forma sequenciada;
- b) Realização da investigação onde são consideradas a acção de recolha e análise de dados, através de instrumentos adequados e definidos que possibilitem colectar a informação necessária e adequada;
- c) Comunicação das conclusões extraídas e plasmadas na redacção de um informe.

Nesta base e depois da planificação da investigação, a recolha documental afigura-se fundamental para sustentar a abordagem teórica, foram utilizadas várias fontes da informação como as bibliotecas, livrarias, museus, sites de internet que uma vez recolhida a informação foi filtrada e analisada de forma criteriosa. A informação documental foi complementada pelos dados colectados mediante os inquéritos através de questionários e entrevistas realizadas nos quatro locais que integram o projecto nomeadamente: Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda.

Importa mencionar que também se levou a cabo visitas de campo para melhor aferir a veracidade das informações que colectadas através das diferentes técnicas de investigação e para garantir sobretudo a sua credibilidade e consistencialidade.

6.4.1. Selecção da amostra

Hill e Hill (2012), citado por Castro (2019), defendem que qualquer investigação empírica pressupõe uma recolha de dados. Os dados são informações ou medidas dos valores de uma ou mais variáveis normalmente fornecidas por um conjunto de entidades. Em ciências sociais é vulgar designarmos estas entidades por “casos” da investigação. Os casos podem ser pessoas singulares, famílias, empresas, conselhos, ou qualquer tipo de entidade para a qual o investigador pretende retirar conclusões a partir da informação fornecida. Ao conjunto total dos casos sobre os quais se pretende retirar conclusões dá-se o nome de “população ou universo”.

População ou universo é definido como um conjunto de fenómenos estudados ou por estudar, tais como objectos, acontecimentos ou pessoas que apresentam uma ou mais características comuns ou iguais. Segundo Sousa (2005, p. 64) o termo população “designa geralmente o total de determinado lugar “. Para Ghiglione e Matalon (1985) citado por Sousa (2005, p. 64) e Sandra (2017, p. 51), a população é um todo, um universo. Um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características.

Fazendo uma analogia das duas definições, elas estão certas dependendo do contexto ou caso em análise, ou seja, a população pode ser de uma determinada região ou país quando se tratar de um censo populacional ou contagem demográfica, como pode ser também o universo de indivíduos seleccionados para um determinado estudo ou pesquisa. De acordo com Sousa (2005, p. 65), quando a população alvo de estudo possui uma dimensão demasiado grande para que os procedimentos da investigação possam ser aplicados a todos os seus elementos, faz-se a selecção de uma amostra, possuidora de todas as características da população visada, trabalhando-se apenas com os sujeitos da amostra ou “échantillon”.

Se a população em termos estatísticos ou universo amostral é o conjunto de elementos cujos atributos são objecto de um determinado estudo e interessam ao investigador a fim de atingir os seus objectivos, a amostra pode ser definida como colecção de dados representativas da população ou subconjunto da população para efeitos de estudo. A dimensão ou o tamanho da amostra é o número de dados da amostra que se representa normalmente por letra N.

Para o presente estudo de investigação e considerando as especificidades do tema em análise, foi utilizada a amostragem probabilística do tipo estratificada. O principal objectivo de utilizar a amostragem estratificada é para permitir generalizar o estudo à totalidade da população alvo das localidades que integram o projecto da Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O universo alvo foi composto, como foi mencionado, por governantes, técnicos, habitantes das localidades de estudo, visitantes das mesmas localidades, historiadores e autoridades tradicionais. Segundo Sousa (2005, p. 68), a técnica de amostragem estratificada “envolve a divisão da população alvo em grupos homogéneos, contendo cada grupo características semelhantes, construindo-se a amostra com a mesma estratificação e sorteando os sujeitos de cada grupo com a mesma taxa percentual que na população.

Nesta perspectiva, foram realizados 701 inquéritos por questionário, utilizando uma amostragem exploratória nas 4 localidades que integram nomeadamente: Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, segmentados consoante a dimensão populacional de cada localidade, repartidos em dois diferentes grupos, ou seja, um questionário para os residentes e um outro para os visitantes. Paralelamente aos inquéritos por questionário e observando as regras do método qualitativo, foram realizadas 10 entrevistas envolvendo

os intervenientes ou stakeholders do processo das diferentes localidades do projecto, como ilustram os dados dos quadros 35, 36 e 37 abaixo.

Quadro 35. Amostragem para os residentes das 4 localidades

Locais De Estudo	Quantidade de Pessoas Inquiridas	Percentagem %
Soyo	100	25%
Ambriz	50	12.5%
Massangano	50	12.5%
Luanda	200	50%
Total	400	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 36. Amostragem para os visitantes das 4 localidades

Locais de Estudo	Pessoas inquiridas	Percentagem (%)
Soyo	100	33.22%
Ambriz	50	16.61
Massangano	50	16.61
Luanda	101	33.55%
Total	301	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 37. Entrevistas das personalidades das 4 localidades de estudo

Personalidades a Entrevistar	Quantidade
Embaixador	1
Administradores	2
Directores Gerais	1
Directores Nacionais	1
Associações Profissionais do Turismo	2
Especialista Brasileira de Rotas	1
Universidade	1
Historiadores	1
TOTAL	10

Fonte: elaborado pelo autor.

6.4.2. Validade e consistência da investigação

Com o tratamento do presente tema pretende-se olhar para o turismo angolano de outra maneira, a fim de se dar uma nova dinâmica usando um paradigma diferente e inscrever uma nova página em termos de operacionalização e desenvolvimento da actividade turística nacional.

Relativamente a validade da investigação, procurou-se sustentar a presente tese com uma dimensão teórica consistente e de rigor conceitual para garantir desta forma uma validade interna fundamental para este trabalho de investigação, garantindo a consistência entre os objectivos previamente definidos e os dados colectados, bem como a credibilidade dos mesmos através do processo da triangulação. Pela importância da validade da investigação no domínio da pesquisa, importa referenciar aqui alguns conceitos que se julgam serem fundamentais para ilustrar melhor a sua envolvimento e importância:

Dependability: a capacidade de investigadores externos seguirem o mesmo método usado pelo investigador;

Aplicabilidade: a capacidade de outros investigadores confirmarem as construções do investigador (Lincoln e Guba, 1991).

Credibilidade: termo paralelo ao de “validade interna” de um estudo quantitativo, diz respeito ao quanto as construções do investigador reproduzem os fenómenos em estudo e/ou os pontos de vista dos participantes na pesquisa. A credibilidade é obtida “submetendo (os resultados) à aprovação dos construtores das múltiplas realidades em estudo (Lincoln e Guba, 1991), e pode operacionalizar-se de diversas formas. Uma das formas é o peer debriefing, que consiste em permitir que um colega que seja profissional fora do contexto tenha conhecimento geral da problemática e do processo de pesquisa, analise os dados, teste as hipóteses de trabalho e sobretudo escute as ideias e preocupações do investigador (Erlandson et al., 1993). Há um outro processo que se designa por member checks, que consiste em devolver aos participantes do estudo os resultados da análise feita pelo investigador as informações que lhe forneceram, para que estes possam confirmar se as interpretações do investigador reflectem de facto as suas experiências, ideias e sentimentos. Em outras palavras, testar se as informações registadas vão de encontro com as prestadas pelos inquiridos.

Transferibilidade: refere-se à possibilidade de que os resultados obtidos num determinado contexto ou estudo ou pesquisa qualitativa possam ser aplicados noutra contexto. Trata-se de um conceito equivalente ao de validade externa ou generalização da metodologia quantitativa experimental.

Consistência: é equivalente ao conceito de fiabilidade de uma investigação quantitativa e traduz-se pela capacidade de replicar o estudo, que só é possível se os instrumentos de pesquisa forem “neutros”, ou seja, quando aplicados de novo produzem os mesmos resultados (Denscombe, 2001).

Confirmabilidade: é o paralelo da objectividade na pesquisa quantitativa e visa certificar-se se o investigador tenta estudar objectivamente os conteúdos subjectivos dos sujeitos (Bogdan e Bilken, 1994), se está envolvido na actividade como participante activo, mas é capaz de reflectir sobre ela como um observador externo. Em outras palavras, averiguar até que ponto o investigador se esforça para ver a realidade através dos olhos dos sujeitos envolvidos (Vieira, 1999).

Em suma, partindo do princípio de que a validade do conhecimento depende da maneira como se aplicam as diferentes técnicas e métodos de investigação para se atingir os objectivos preconizados por um determinado estudo, foram observados os princípios básicos de forma criteriosa e com todo o rigor necessário em todas as fases deste projecto

multidimensional, com vista a garantir a sua sustentabilidade, credibilidade, valorização e operacionalização.

Em jeito de conclusão e segundo Marques (2013), o processo de investigação envolve um conjunto de métodos empíricos-experimentais, procedimentos, técnicas e estratégias para se obter um conhecimento científico, técnico e prático dos factos e realidades do sector turístico. Para a OMT (2001), citada por Marques (2013), a investigação em turismo consiste na formulação de perguntas, na recolha sistemática de informação para responder a essas perguntas, e na organização de dados com vista a obter padrões de comportamento, relações e tendências que permitam a compreensão do sistema e a tomada de decisões.

De facto, a investigação em turismo requer uma combinação de técnicas e métodos de análise, atendendo as suas características e especificidades, como sector da actividade económica resultante da sua dependência aos diferentes sectores, tornando-a uma actividade multisectorial e pluridisciplinar. No presente trabalho de investigação, e como refere Marques, foram observadas várias técnicas de investigação, começando por uma abordagem meramente interpretativa e especulativa que consistiu na revisão bibliográfica, análise documental (análise de documentos fornecidos por entidades oficiais públicas e privadas), livros, revistas, jornais e artigos diversos que serviram de base na estruturação desta tese.

Paralelamente a análise bibliográfica, foram obtidas informações importantes através de filmes, vídeos, documentários e reportagens televisivas sobre matérias ligadas a escravatura mundial e sobretudo ao fenómeno do comércio triangular que afectou o continente africano por mais de 500 anos. Para completar a informação e garantir consistência dos dados obtidos, foram aplicados os métodos quantitativos e qualitativos, através de questionários direccionados aos residentes e visitantes das quatro localidades integrantes do projecto, assim como a realização de entrevistas aos governantes e personalidades ligadas ao turismo e a cultura das respectivas zonas, consolidando assim a base de dados utilizado nesta investigação.

O processo de investigação culminou com a realização do trabalho de campo que permitiu confrontar os dados teóricos obtidos com a realidade de cada localidade que integra o projecto, bem como ter apreciação mais próxima e profunda dos diferentes locais de estudo. Importa referir que, tratando-se de um projecto concreto e de impacto imediato

que visa a reconstituir a geografia das rotas de escravos em Angola, foram realizadas Fam Trips – visitas técnicas de profissionais do sector turístico angolano (directores de hotéis, gestores de agências de viagens, guias de turismo, gestores de restaurantes, jornalistas de vários órgãos da imprensa nacional e estrangeira), sob coordenação do Ministério do Turismo, com resultados satisfatórios e surpreendentes, que serviram de antecâmara do trabalho técnico que deve ser realizado em termos de infra-estruturas de apoio e equipamentos turísticos para a implementação desse projecto multidimensional.

O capítulo vai dar sequência ao tema, estando reservado ao processamento, tratamento e análise dos dados obtidos através das diferentes técnicas de investigação utilizadas a fim de se tirar conclusões sobre a matéria em estudo e apresentação de sugestões necessárias para concretização dos objectivos desta investigação.

VII. CAPÍTULO - TRATAMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Tal como foi mencionado nos capítulos anteriores, para a realização do trabalho de campo foi elaborado um questionário dirigido aos residentes das quatro localidades de estudo e um segundo para os visitantes dos mesmos locais, tendo os dois sido realizados de forma simultânea, ou seja, no mesmo período de tempo, entre o dia 05 de junho e 20 de agosto de 2020.

Importa referir que o surgimento da pandemia Covid-19 criou grandes constrangimentos na programação previamente estabelecida, dificultando a realização do trabalho em todas as vertentes, visto que foram tomadas medidas preventivas de biossegurança que restringiam a circulação das pessoas, tendo como consequência a dilatação do tempo de recolha da informação.

Para o efeito, foram definidas as amostras exploratórias para as quatro localidades, consoante a dimensão de cada território e a sua população, sendo 100 inquéritos para os residentes do Soyo, 50 para Ambriz, o mesmo número para Massangano e 200 inquéritos para os residentes de Luanda. Tratando-se de quatro localidades geograficamente diferentes e distanciadas, o autor contou com o apoio de várias individualidades, como representantes provinciais do turismo, familiares e amigos, assim como associações profissionais, que assumiram um papel preponderante na mobilização e sensibilização de pessoas para o preenchimento dos questionários.

Relativamente aos visitantes, foi aplicada a mesma fórmula usada para os residentes, a mesma amostra exploratória nas quatro localidades, tendo havido apenas alteração no número de inquéritos de Luanda devido ao encerramento do Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro (principal porta de entrada de pessoas ao país), e dos empreendimentos turísticos e de restauração, como impacto negativo imediato da Covid-19, passando de 200 para 101 visitantes. Contrariamente a Luanda, as outras três localidades, apesar da distância, a gestão foi mais fácil visto que havia circulação de pessoas e bens sem qualquer limitação.

No tocante aos visitantes, contou-se com o apoio dos directores dos empreendimentos turísticos implantados nas diferentes localidades de estudo, essencialmente em Luanda e Soyo, na sensibilização dos seus hóspedes, permitindo assim atingir os números previstos. Para a colecta, processamento e interpretação dos dados adquiridos através do método

quantitativo, isto é, inquérito por questionário, recorreu-se à um aplicativo digital automatizado de inquéritos, denominado *Google Forms*, que permitiu em tempo record fazer o tratamento da informação recolhida de forma sistemática e produzir os resultados. O programa estatístico utilizado para a análise de dados foi o IBM SPSS⁵⁰, versão 26.0, que permitiu processar os dados colectados e obter os resultados estatísticos.

Inicialmente pensava-se que o processo de recolha de dados por questionários fosse mais fácil com a utilização do aplicativo informático, visto que o preenchimento de um questionário não levaria mais de dez minutos, mas ao longo do processo foi-se constatando que as pessoas não estavam muito motivadas e disponíveis para dar resposta, tanto ao nível dos residentes como dos visitantes. É provável que essa indisponibilidade tivesse sido influenciada pela pandemia, pois, causou incerteza na vida das pessoas. O acesso e o custo de internet em algumas localidades de estudo também contribuíram para as dificuldades de preenchimento, sobretudo no caso dos residentes e visitantes do Ambriz e Massangano que estão distantes dos grandes centros urbanos.

Para se inverter a situação foi preciso persistência e alguma pressão junto dos inquiridos para a obtenção dos resultados, essencialmente no domínio dos visitantes, que foram escasseando-se dia após dia devido a cerca sanitária que foi decretada em todo país. As pessoas podiam circular nas 17 províncias de Angola excepto em Luanda, porque inicialmente a Covid-19 estava apenas nesta cidade, tendo sido alastrada para as demais províncias cinco meses depois.

A pandemia da Covid-19 tem tido um impacto muito negativo no sector do turismo angolano, que já suportava uma crise económico-financeira desde final de 2014, provocada pela baixa do preço do petróleo no mercado internacional, o principal recurso de exportação do país. Essa situação afectou toda a economia angolana, particularmente a actividade turística em termos de chegadas e receitas turísticas internacionais, assim como no domínio dos investimentos para sector.

O surgimento inesperado da Covid-19 afundou-se mais o sector, tendo cerca de 50% dos empreendimentos (empreendimentos turísticos, restaurantes e similares e agências de viagens e turismo) encerrado as suas portas na fase inicial, ficando apenas aqueles empreendimentos turísticos que tiveram a “sorte” de serem contratados para servirem de espaços para quarentenas e confinamentos de trabalhadores de empresas petrolíferas e

⁵⁰ Statistical Package for the Social Sciences

algumas quarentenas institucionais decretadas pelo executivo angolano, para apoiar os angolanos e cidadãos estrangeiros residentes que se encontravam fora do país depois do surgimento da pandemia.

Para fazer face a situação o executivo angolano criou uma Comissão Nacional de Prevenção e Combate à Covid-19, coordenada pelo ministro de Estado e Chefe da Casa de Segurança do Presidente da República, integrando vários sectores, entre os quais os da Saúde, Defesa, Interior, Finanças e o Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente. Aos empreendimentos turísticos foi submetido o protocolo sanitário de biossegurança definido pela OMS. O sector da Cultura, Turismo e Ambiente, com a supervisão do Ministério da Saúde, concebeu os guias de boas práticas para prevenção e combate à doença, específicos para cada tipologia de empreendimentos, instrumentos que continuam a ser usados até a presente data.

Voltando a questão da recolha dos dados, os questionários aplicados, tanto aos residentes como aos visitantes, incluíam os dados biográficos (idade, género, naturalidade, nacionalidade, estado civil, habilitações académicas, local de residência, grupo da actividade profissional, questões de reflexão, meio de alojamento utilizado e atractivos turísticos das localidades).

Foram também colocadas questões ligadas a história da escravatura, a fim de testar os conhecimentos dos inquiridos sobre a matéria em investigação e colher as opiniões sobre a possibilidade da reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola. Por último, foram colocadas questões abertas solicitando a opinião qualitativa (escala de Likert) num total de cinco opções que variaram de discordo completamente a concordo completamente, fechando os dois inquéritos (residente e visitante) questionando os inquiridos se participariam ou não na visita ao circuito da Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola uma vez reconstituída.

Importa realçar que, de acordo com a conduta ética exigida, foi colocada na parte introdutória do questionário a informação sobre a utilização exclusiva e sigilosa dos dados obtidos nos inquéritos apenas para a tese, a fim de garantir a privacidade e a confidencialidade dos participantes, assim como o anonimato das respostas, visto que o nome não fazia parte dos requisitos solicitados.

Nesta perspectiva, seguem-se os resultados obtidos nos diferentes inquéritos e entrevistas realizados nas quatro localidades que compõem o presente trabalho, começando com os residentes.

7.1. Análises dos resultados quantitativos dos inquéritos dos residentes

7.1.1. Análise sociodemográfica

Na tabela 1 verifica-se que o género masculino é o mais representativo nos quatro locais analisados, obtendo sempre a maioria. Relativamente às habilitações literárias, apenas Luanda tem um maior número de inquiridos com licenciatura, sendo que Ambriz, Massangano e Soyo, apresentam um maior número de inquiridos com a 10^a a 12^a classe. O estado civil solteiro(a) é o mais representativo de entre os quatro locais alvo do inquérito, sendo de destacar Ambriz e Massangano, com uma taxa de 80,0%.

Tabela 1. Características da amostra – Variáveis sociodemográficas: género, habilitações literárias e estado civil

Variáveis	Categorias	Ambriz		Luanda		Massangano		Soyo	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Género	Feminino	17	34,0	92	45,8	14	28,0	29	29,0
	Masculino	33	66,0	109	54,2	36	72,0	71	71,0
	Total	50	100,0	201	100,0	50	100,0	100	100,0
Habilitações Académicas	Ensino Primário	4	8,0	0	0,0	3	6,0	17	17,0
	Entre 7 ^a e 9 ^a classe	13	26,0	0	0,0	8	16,0	28	28,0
	Entre 10 ^a e 12 ^a classe	22	44,0	25	12,4	18	36,0	31	31,0
	Bacharelato	9	18,0	45	22,4	11	22,0	5	5,0
	Licenciatura	2	4,0	105	52,2	9	18,0	16	16,0
	Mestrado	0	0,0	21	10,5	1	2,0	3	3,0
	Doutoramento	0	0,0	5	2,5	0	0,0	0	0,0
	Total	50	100,0	201	100,0	50	100,0	100	100,0
Estado Civil	Solteiro(a)	40	80,0	109	54,2	40	80,0	65	65,0
	Casado(a)	8	16,0	80	39,8	6	12,0	30	30,0
	Divorciado(a)	2	4,0	10	5,0	3	6,0	3	3,0
	Viúvo(a)	0	0,0	2	1,0	1	2,0	2	2,0
	Total	50	100,0	201	100,0	50	100,0	100	100,0

Fonte: elaboração Própria

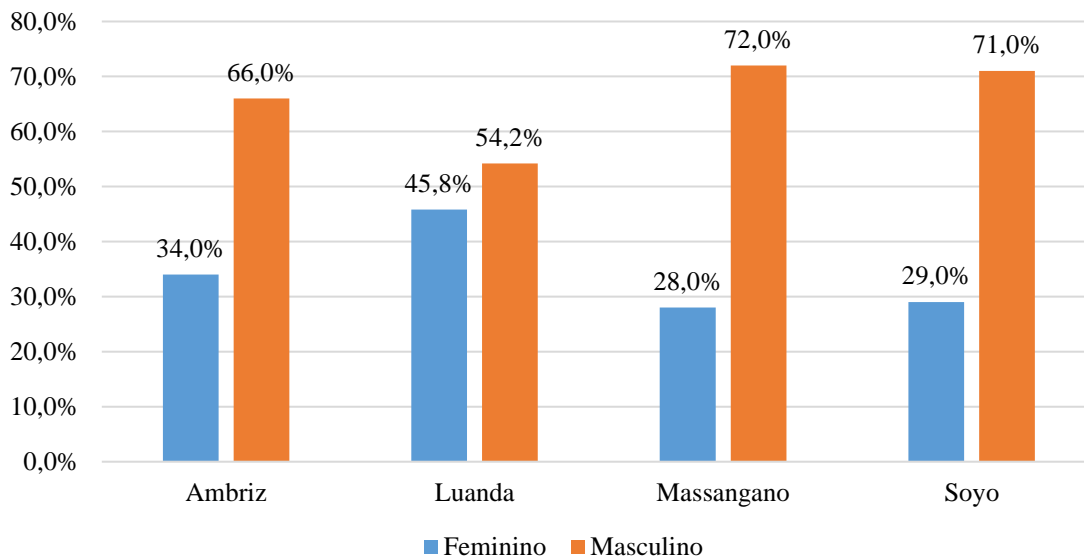


Figura 53. Género

Fonte: elaboração própria

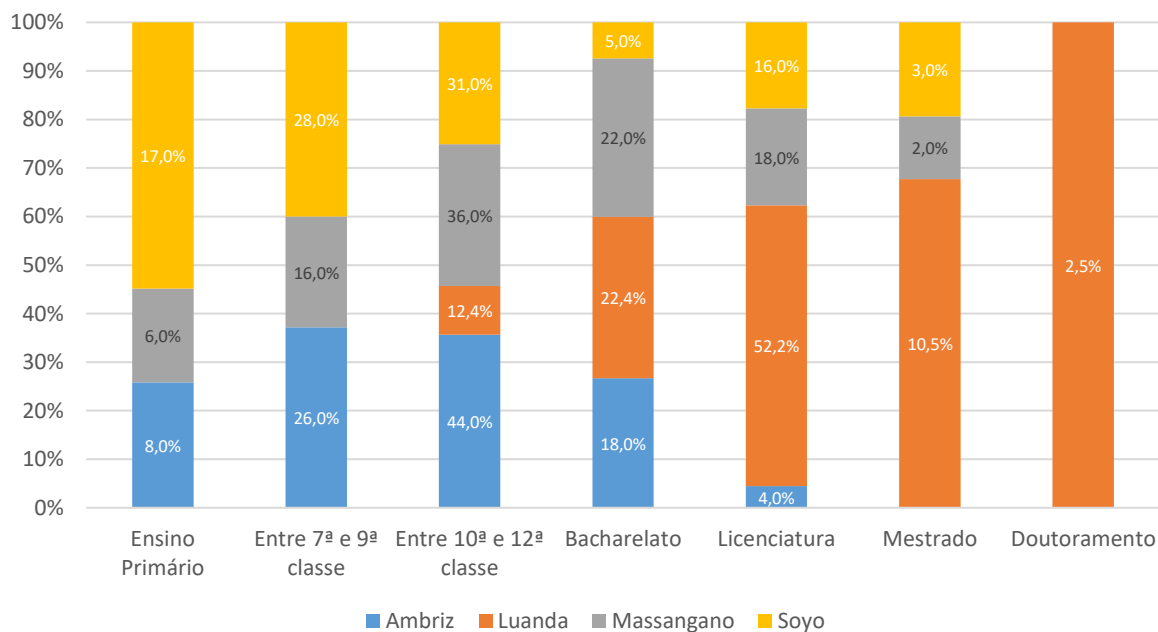


Figura 54. Habilitações Académicas

Fonte: elaboração própria

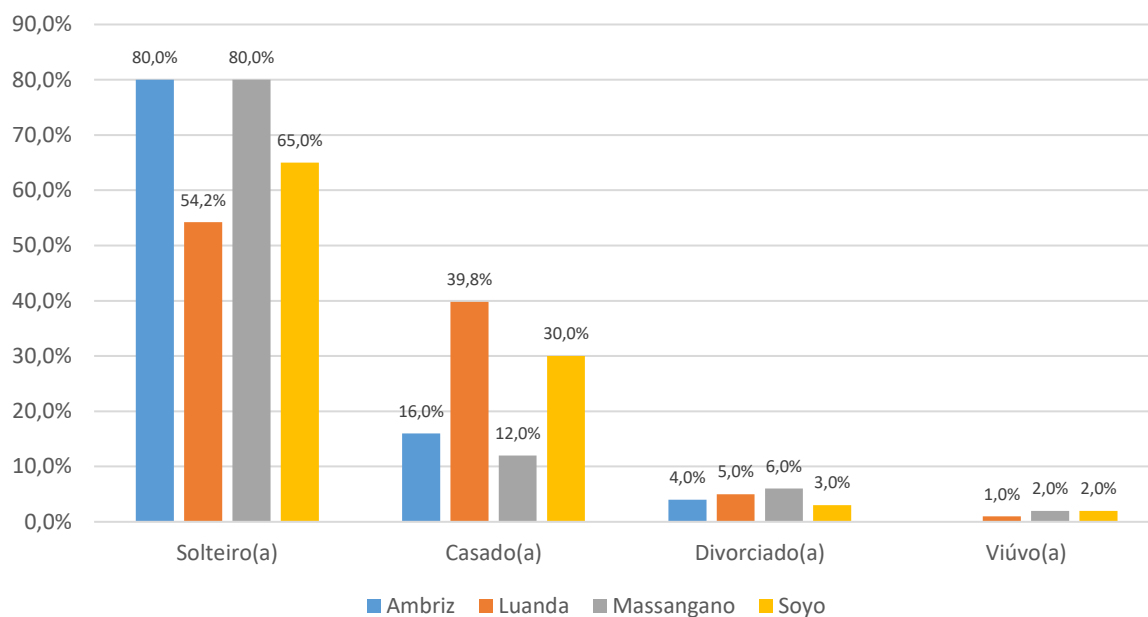


Figura 55. Estado Civil

Fonte: elaboração própria

Na tabela 2 estão representadas as principais medidas de estatística descritiva, onde se observa que a média de idade dos elementos de Luanda e Soyo são superiores aos de Ambriz e Massangano, 40,81 anos e 40,87 anos respectivamente. Também a moda é superior em Luanda (45 anos), concluindo-se que existe um maior número de elementos com esta idade. A maior amplitude de idades situa-se no Soyo, em que o inquirido mais novo tem 18 anos e o mais idoso tem 100 anos. A diferença entre a idade do inquirido mais elevado (68 anos) e a idade do mais novo (18 anos) é de 50 anos, ou seja, a amplitude dos dados relativos à idade. Já Massangano, apresenta uma amostra dos 20 aos 54 anos, ou seja, dados mais homogéneos.

Tabela 2. Estatística descritiva relativa à variável sociodemográfica Idade

	Média (\bar{X})	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo (X_{\min})	Valor Máximo (X_{\max})	N
Ambriz	34,14	33	10,027	20	66	50
Luanda	40,81	45	9,672	21	70	101
Massangano	33,42	30	9,342	20	54	50
Soyo	40,87	33	12,506	18	100	100

Fonte: elaboração própria

Quase a totalidade dos inquiridos dos 4 locais já ouviram falar de escravatura em África (tabela 3), assim como a maior parte afirmou que as quatro localidades desempenharam um papel preponderante durante a escravatura em Angola e são de opinião de que a integração dos locais na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola pode trazer benefícios para as populações locais. Ambriz foi o local em que esta opinião foi menos evidente (68,0%), e Massangano a mais evidente (100,0%).

Tabela 3. Características das questões “Já ouviu falar da escravatura em África?” e “Luanda desempenhou um papel preponderante?”

Variáveis	Categorias	Ambriz		Luanda		Massangano		Soyo	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Já ouviu falar da escravatura em África?	Sim	49	98,0	200	99,5	50	100,0	100	100,0
	Não	1	2,0	1	0,5	0	0,0	0	0,0
	Total	50	100,0	201	100,0	50	100,0	100	100,0
Luanda desempenhou um papel preponderante?	Sim	34	68,0	189	94,0	50	100,0	91	91,0
	Não	16	32,0	12	6,0	0	0,0	9	9,0
	Total	50	100,0	201	100,0	50	100,0	100	100,0

Fonte: elaboração própria

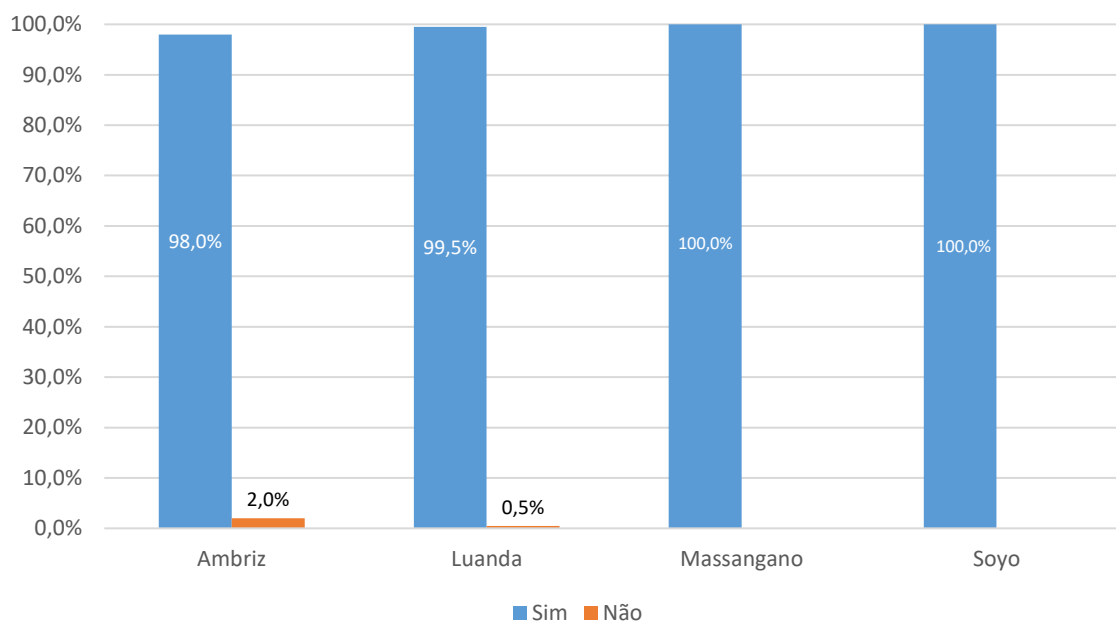


Figura 56. Já ouviu falar da escravatura em África?

Fonte: elaboração própria

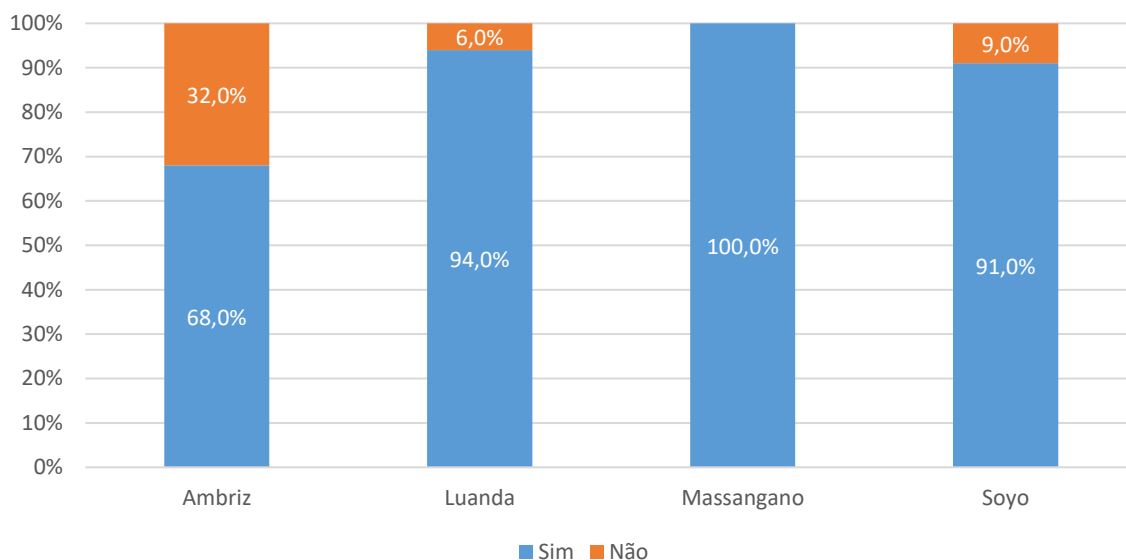


Figura 57. Luanda desempenhou um papel preponderante?

Fonte: elaboração própria

Quando se questionou sobre o que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola, os elementos de Massangano e Soyo referiram dever existir uma maior divulgação por parte das mídias (TV e Rádio), com 22,8% e 20,5%

respectivamente (tabela 4). Ainda em Massangano, pode-se verificar que 17,9% dos inquiridos referiram que devia ser indicada uma data para homenagear anualmente as vítimas da escravatura. No Soyo, 18,6% também referiram a necessidade da indicação desta data, e outros 18,6% a necessidade de reconstruir a história da escravatura.

Por outro lado, 24,2% dos elementos de Ambriz referiu que deveria ser indicada uma data para homenagear anualmente as vítimas da escravatura. Já 21,5% dos inquiridos de Luanda salientaram que se deveria reconstruir a história da escravatura. Ainda em relação à região de Ambriz, observa-se que 22,1% dos inquiridos referem a reconstrução da história da escravatura assim como em Luanda, 18,6% referem a necessidade da indicação de uma data para homenagear anualmente as vítimas da escravatura.

Daqui se conclui que a maior divulgação da escravatura, por parte dos média (TV e Rádio), a indicação de uma data para homenagear anualmente as vítimas de escravatura e a reconstrução da história da escravatura, são as 3 áreas principais sobre o que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola.

Tabela 4. Tabela de Frequência da questão “O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola?”

Motivos	Ambriz		Luanda		Massangano		Soyo	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Ensinar a história da escravatura nas escolas	5	10,5	31	15,4	8	15,2	15	15,2
Maior divulgação por parte dos medias (TV e Rádio)	9	17,4	36	17,9	11	22,8	20	20,5
Criar manifestações culturais sobre a escravatura	9	17,9	21	10,6	6	12,4	13	13,4
Indicação de uma data para homenagear anualmente as vítimas da escravatura	12	24,2	37	18,6	9	17,9	19	18,6
Reconstruir a história da escravatura	11	22,1	43	21,5	9	18,6	19	18,6
Criar monumentos para simbolizar a escravatura	3	7,4	32	15,8	6	12,4	14	13,7
Manter a situação com está	1	0,5	1	0,2	1	0,7	0	0,0
Total	50	100,0	201	100,0	50	100,0	100	100,0

Fonte: elaboração própria

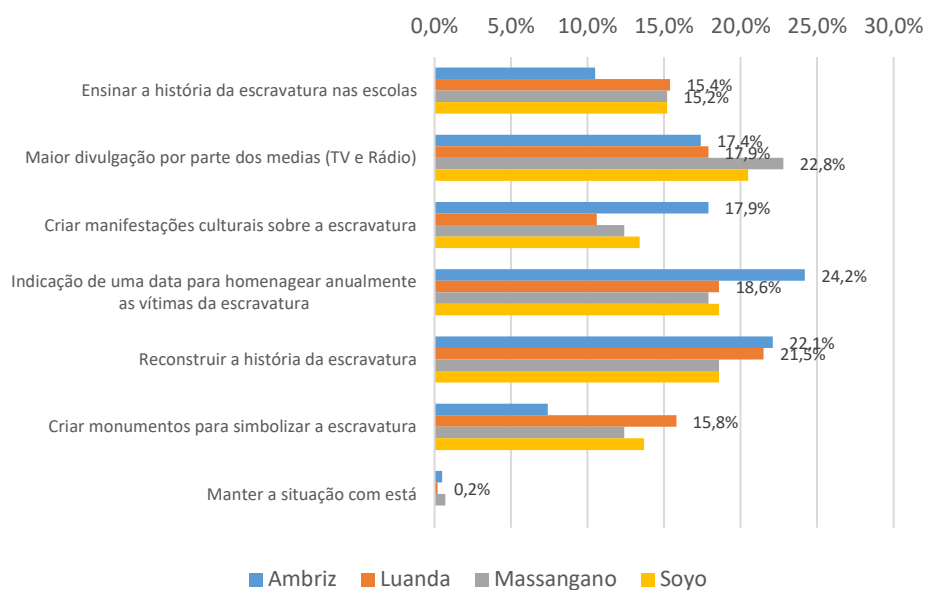


Figura 58. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola?”

Fonte: elaboração própria

Na tabela 5, verificamos que a maior parte dos inquiridos concordam com o facto da actividade turística poder ser boa para a cidade do Soyo, em categorias como o “Dinamizar as actividades económicas e locais” (79,0%), “Trazer muito mais visitantes para a cidade” (77,0%) e “Criar muitos negócios e empresas para os residentes” (77,0%).

Tabela 5. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser boa para a cidade de Soyo, porquê?”

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Trazer muito mais visitantes para a	2,0	4,0	0,0	77,0	17,0
Dinamizar as actividades	2,0	3,0	2,0	79,0	14,0
Criar muitos negócios e empresas	4,0	1,0	3,0	77,0	15,0
Valorizar e promover a cultura	3,0	3,0	13,0	67,0	14,0
Aumentar a produção agrícola e	3,0	3,0	24,0	63,0	7,0
Contribuir para a reabilitação da	5,0	3,0	29,0	56,0	7,0

Fonte: elaboração própria

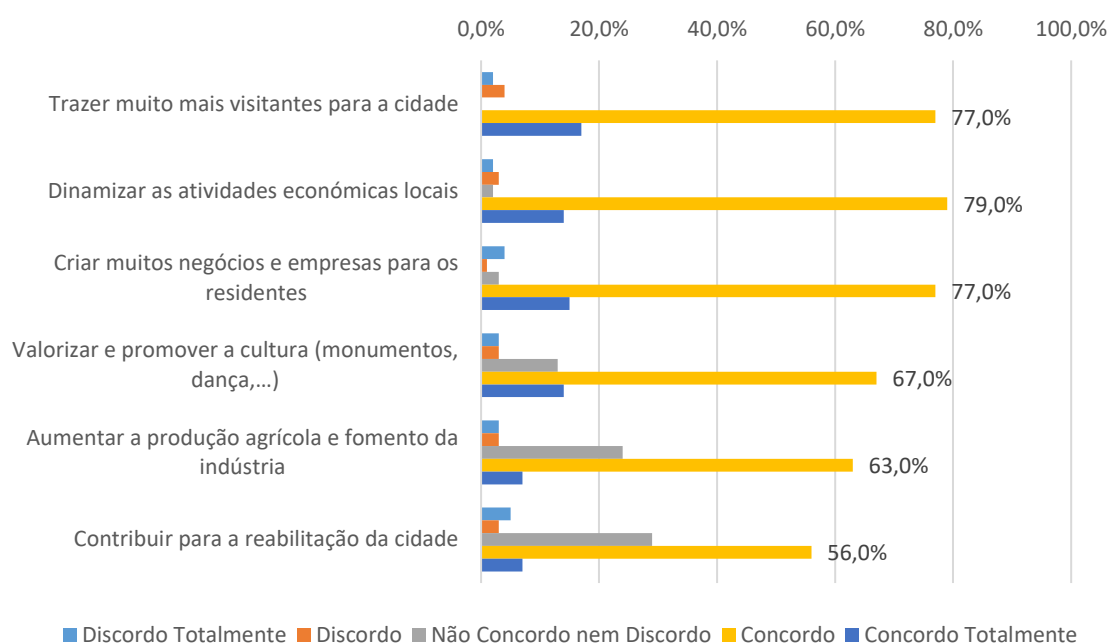


Figura 59. “A actividade turística pode ser boa para a cidade de Soyo, porquê pode?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 6. Tabela de frequências relativas da questão “A actividade turística pode ser boa para a vila de Ambriz, porquê?”

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Trazer muito mais visitantes para a cidade	0,0	0,0	0,0	98,0	2,0
Dinamizar as actividades económicas locais	0,0	0,0	2,0	94,0	4,0
Criar muitos negócios e empresas para os residentes	0,0	2,0	2,0	90,0	6,0
Valorizar e promover a cultura (monumentos, dança,...)	0,0	0,0	10,0	84,0	6,0
Aumentar a produção agrícola e fomento da indústria	0,0	0,0	10,0	84,0	6,0
Contribuir para a reabilitação da cidade	2,0	0,0	24,0	70,0	4,0

Fonte: elaboração própria

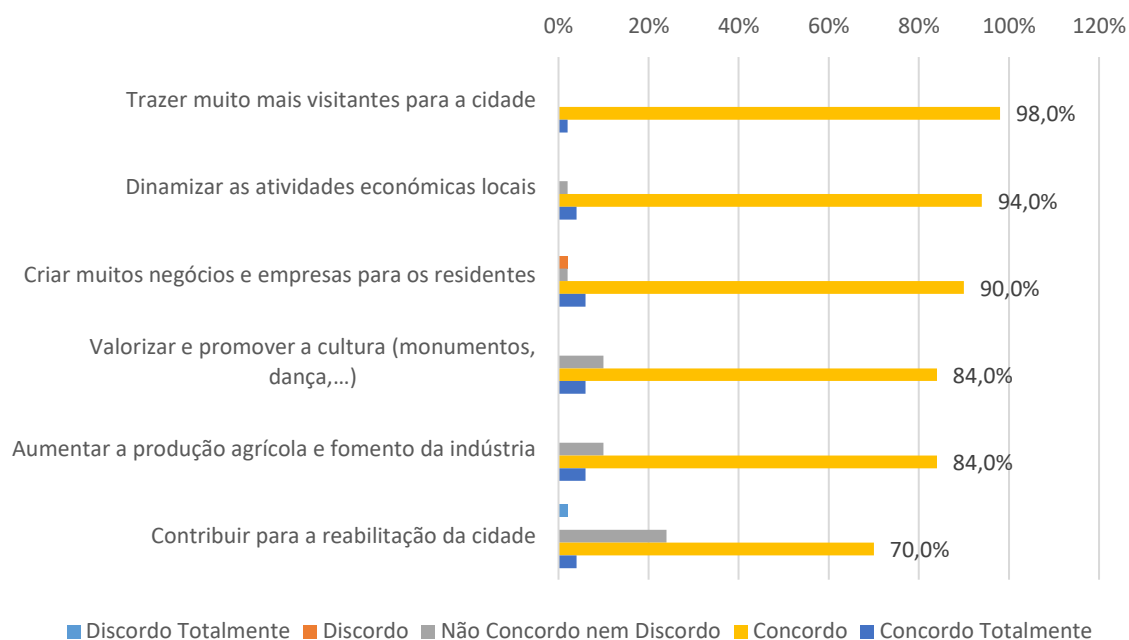


Figura 60. Questão “A actividade turística pode ser boa para vila de Ambriz, porque?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 7. Tabela de frequências relativas da questão “A actividade turística pode ser boa para a cidade de Luanda, porquê?”

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Trazer muito mais visitantes para a cidade	4,5	1,5	1,5	55,7	36,8
Dinamizar as actividades económicas locais	3,0	3,4	3,0	46,8	43,8
Criar muitos negócios e empresas para os residentes	4,0	2,5	2,5	51,7	39,3
Valorizar e promover a cultura (monumentos, dança,...)	5,0	1,0	2,0	32,8	59,2
Aumentar a produção agrícola e fomento da indústria	5,6	12,4	12,4	34,3	35,3
Contribuir para a reabilitação da cidade	5,0	4,5	11,4	33,3	45,8

Fonte: elaboração própria

Relativamente à cidade de Luanda, observa-se na tabela 7 que são valorizadas como “concordo totalmente”, categorias como a “Valorização e promoção da cultura (monumentos e dança) (59,2%)”, “Contribuição para a reabilitação da cidade” (45,8%) e o “Aumento da produção agrícola e fomento da indústria” (35,3%).

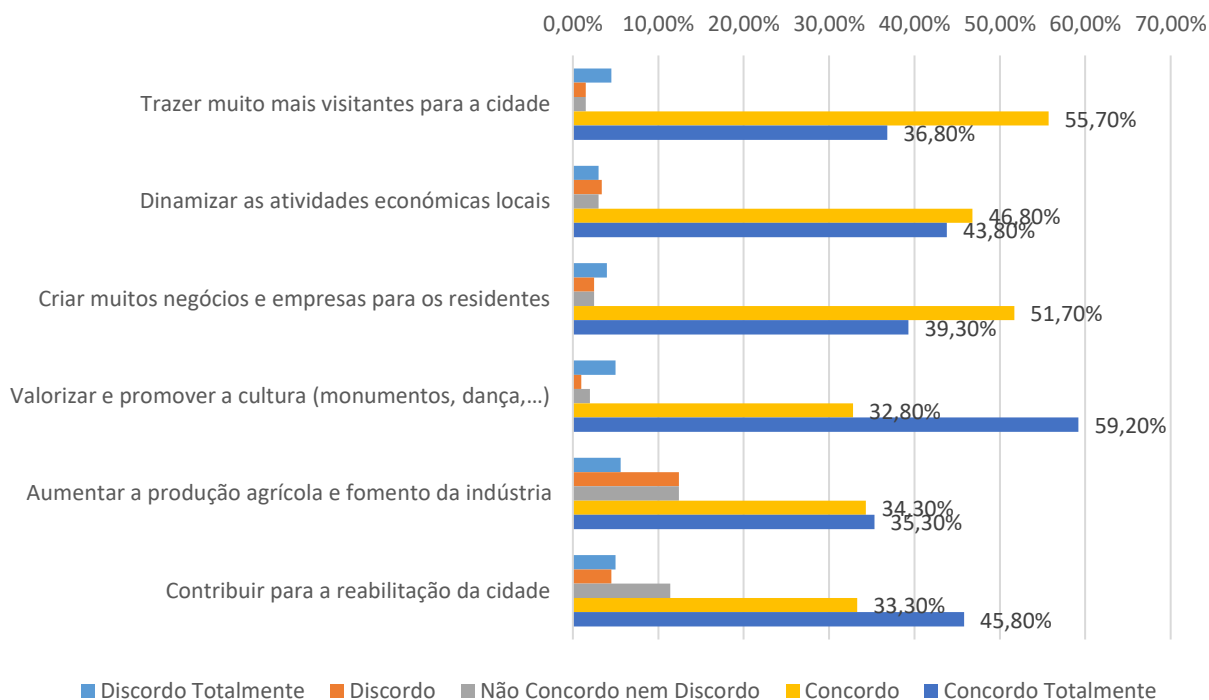


Figura 61. Questão “A actividade turística pode ser boa para a cidade de Luanda, porque?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 8. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser boa para a vila de Massangano, porquê?”

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Trazer muito mais visitantes para a cidade	4,0	8,0	0,0	56,0	32,0
Dinamizar as actividades económicas locais	4,0	6,0	2,0	64,0	24,0
Criar muitos negócios e empresas para os residentes	8,0	0,0	4,0	64,0	24,0
Valorizar e promover a cultura (monumentos, dança,...)	6,0	6,0	18,0	50,0	20,0
Aumentar a produção agrícola e fomento da indústria	6,0	6,0	38,0	42,0	8,0
Contribuir para a reabilitação da cidade	8,0	6,0	34,0	42,0	10,0

Fonte: elaboração própria

Na tabela 8, e para a localidade de Massangano, observa-se que 64,0% dos inquiridos concordam que a “Dinamização das actividades económicas locais” e a “Criação de muitos negócios e empresas para os residentes”, poderá contribuir para a actividade turística local.

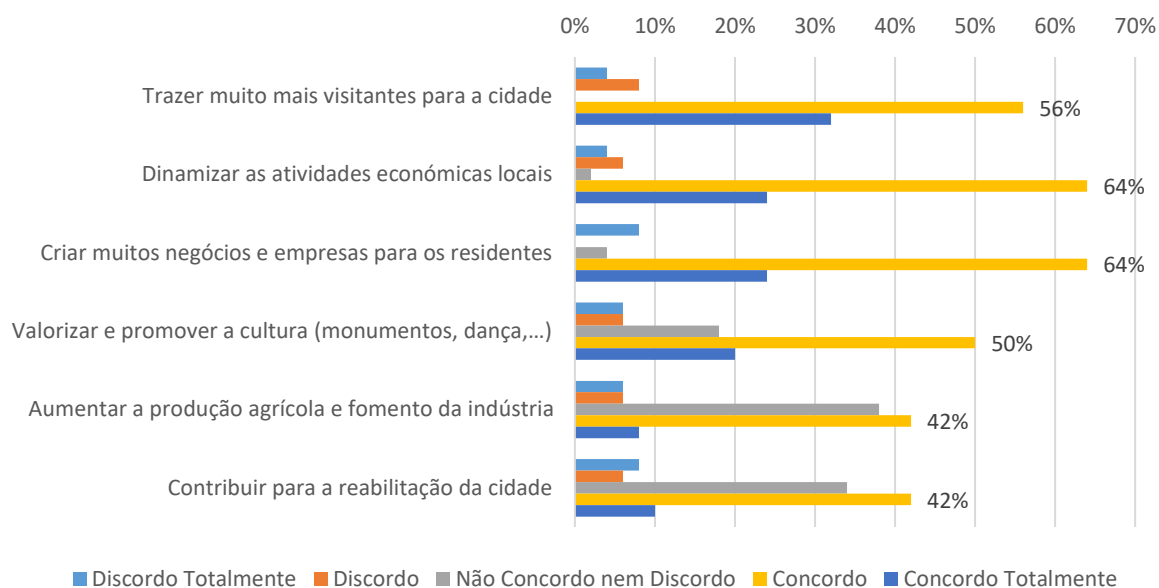


Figura 62. Questão “A actividade turística pode ser boa para a vila de Massangano, porquê?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 9. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz, porque pode?”

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Tornar a vila suja e congestionada	8,0	84,0	2,0	6,0	0,0
Contribuir para aumentar a delinquência	6,0	78,0	12,0	4,0	0,0
Aumentar o uso de drogas e prostituição	4,0	74,0	12,0	10,0	0,0
Degradar os locais históricos e as praias	2,0	54,0	40,0	2,0	2,0
Aumentar os preços dos bens e serviços	2,0	44,0	36,0	14,0	4,0
Poluir o meio ambiente	4,0	38,0	42,0	16,0	0,0

Fonte: elaboração própria

Por outro lado, existem critérios que poderão ser prejudiciais para a actividade turística das localidades. Relativamente a Ambriz, 84,0% dos inquiridos discordam com o “Tornar a cidade suja e congestionada”, enquanto 78,0% também discordam com a “Contribuição para o aumento da delinquência” (tabela 9).

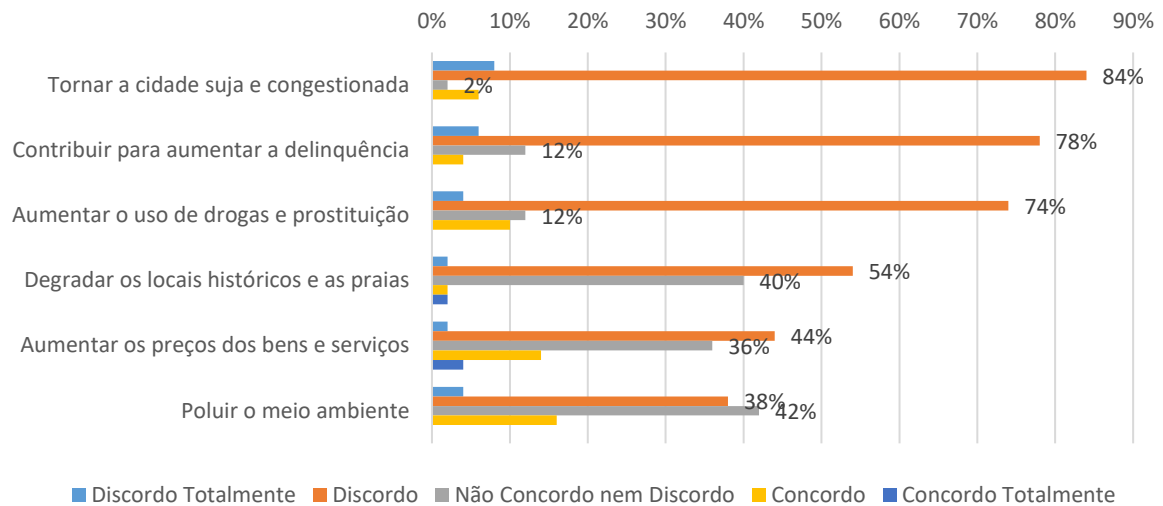


Figura 63. – Questão “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz, porque?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 10. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser má para a cidade do Luanda, porquê?”

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Tornar a cidade suja e congestionada	22,9	63,7	9,0	4,4	0,0
Contribuir para aumentar a delinquência	19,9	61,2	14,4	4,0	0,5
Aumentar o uso de drogas e prostituição	17,9	49,8	19,4	11,9	1,0
Degradar os locais históricos e as praias	17,9	46,8	28,9	6,0	0,4
Aumentar os preços dos bens e serviços	11,9	30,3	33,9	21,9	2,0
Poluir o meio ambiente	13,9	38,9	35,3	10,4	1,5

Fonte: elaboração própria

Também em Luanda (tabela 10), critérios como “Tornar a cidade suja e congestionada” (63,7%) e “Contribuir para a aumentar a delinquência” (61,2%), reúnem a discórdia dos inquiridos, relativamente ao facto da actividade turística ser má para a cidade.

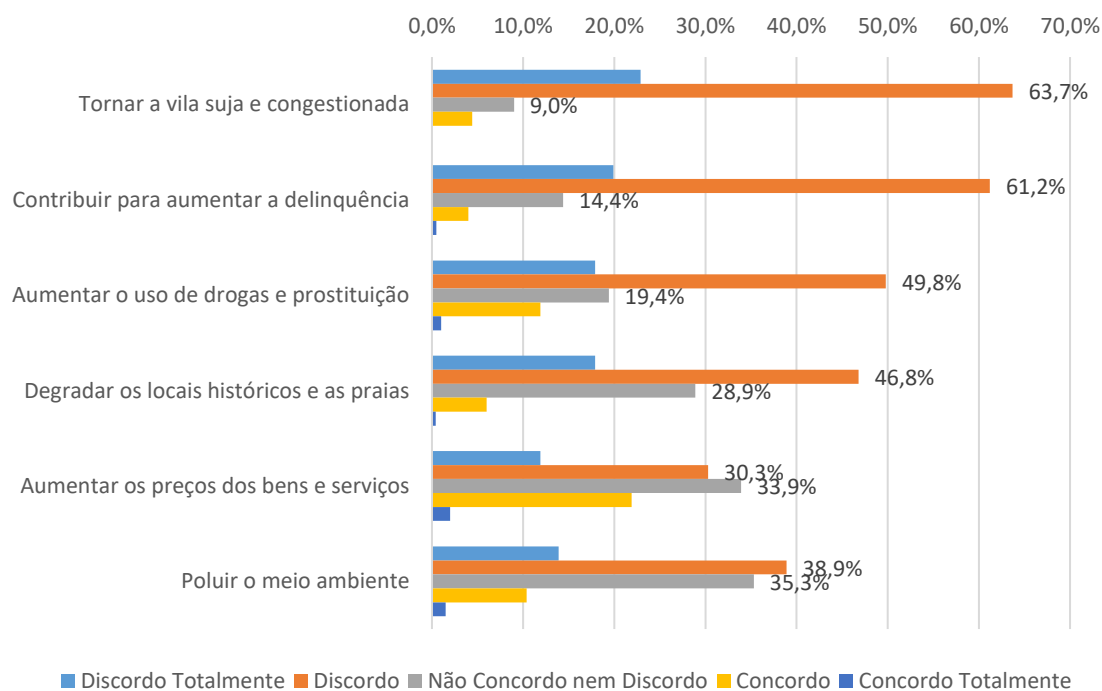


Figura 64. Questão “A actividade turística pode ser má para a cidade do Luanda, porque?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 11. Tabela de Frequências Relativas da questão “A actividade turística pode ser má para a vila do Massangano, porquê?”

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Tornar a vila suja e congestionada	24,0	54,0	12,0	6,0	4,0
Contribuir para aumentar a delinquência	18,0	54,0	24,0	4,0	0,0
Aumentar o uso de drogas e prostituição	14,0	44,0	30,0	10,0	2,0
Degradar os locais históricos e as praias	14,0	26,0	46,0	10,0	4,0
Aumentar os preços dos bens e serviços	4,0	20,0	40,0	28,0	8,0
Poluir o meio ambiente	2,0	22,0	50,0	22,0	4,0

Fonte: elaboração própria

Os inquiridos de Massangano não concordam nem discordam com critérios como “Poluir o meio ambiente” (50,0%) e “Degradar os locais históricos e as praias” (46,0%), como factores negativos para a actividade turística naquela região (tabela 11).

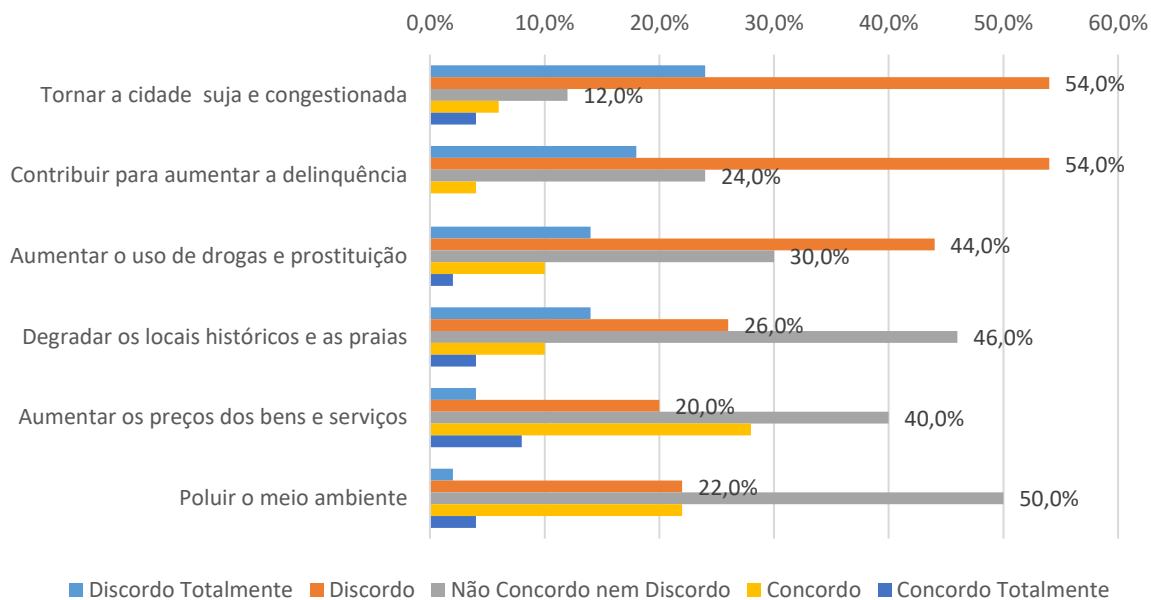


Figura 65. Questão “A actividade turística pode ser má para a vila do Massangano, porquê?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 12. Frequências relativas da questão “A actividade turística pode ser má para a cidade do Soyo, porque?”

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Tornar a cidade suja e congestionada	26,0	62,0	8,0	4,0	0,0
Contribuir para aumentar a delinquência	22,0	62,0	12,0	3,0	1,0
Aumentar o uso de drogas e prostituição	25,0	55,0	15,0	5,0	0,0
Degradar os locais históricos e as praias	17,0	58,0	20,0	5,0	0,0
Aumentar os preços dos bens e serviços	13,0	51,0	27,0	8,0	1,0
Poluir o meio ambiente	15,0	49,0	27,0	9,0	0,0

Fonte: elaboração própria

Relativamente ao Soyo (tabela 12) constata-se que a maior parte dos inquiridos discordam com os critérios apresentados para uma má actividade turística, como “Tornar a cidade suja e congestionada” (62,0%), “Contribuir para aumentar a delinquência” (62,0%) e “Degradar os locais históricos e praias” (68,0%).

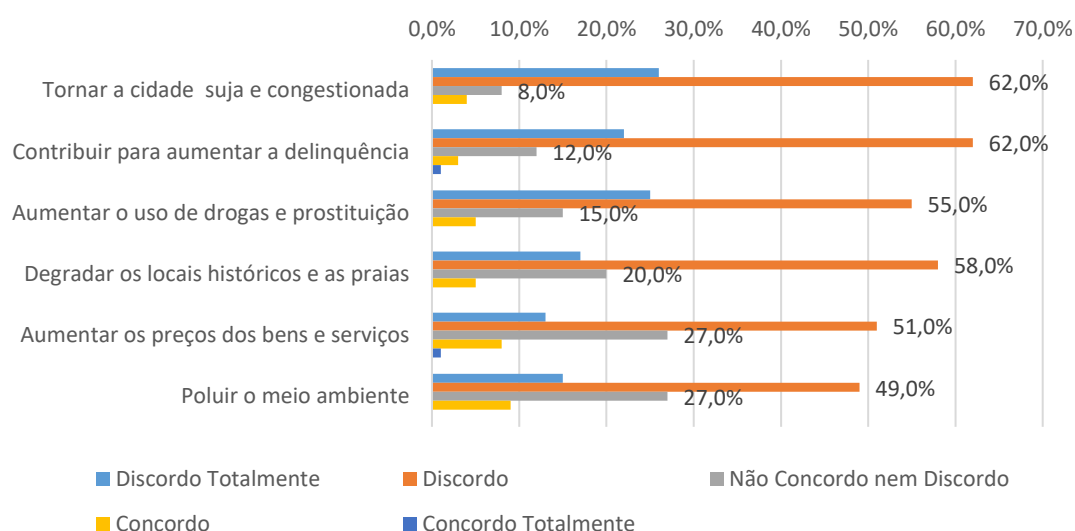


Figura 66. Questão “A actividade turística pode ser má para a cidade do Soyo, porque?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 13. Tabela de Frequências Relativas da questão “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Ambriz)

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Sítios ligados a escravatura	0,0	2,0	2,0	90,0	6,0
Monumentos Históricos	0,0	8,0	12,0	78,0	2,0
Cerimónias, rituais e tradições antigas	0,0	2,0	14,0	78,0	6,0
Músicas populares e as danças	0,0	4,0	24,0	70,0	2,0
Gastronomia Local	0,0	4,0	22,0	70,0	4,0
Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual	0,0	6,0	26,0	66,0	2,0

Fonte: elaboração própria

Quando se questionou sobre que aspectos da cultura local consideravam mais importantes, 90,0% dos inquiridos de Ambriz mencionaram que concordavam com “Sítios ligados a escravatura”, 78,0% com “Monumentos históricos” e, igualmente, 78,0% com “Cerimónias, rituais e tradições antigas” (tabela 13).

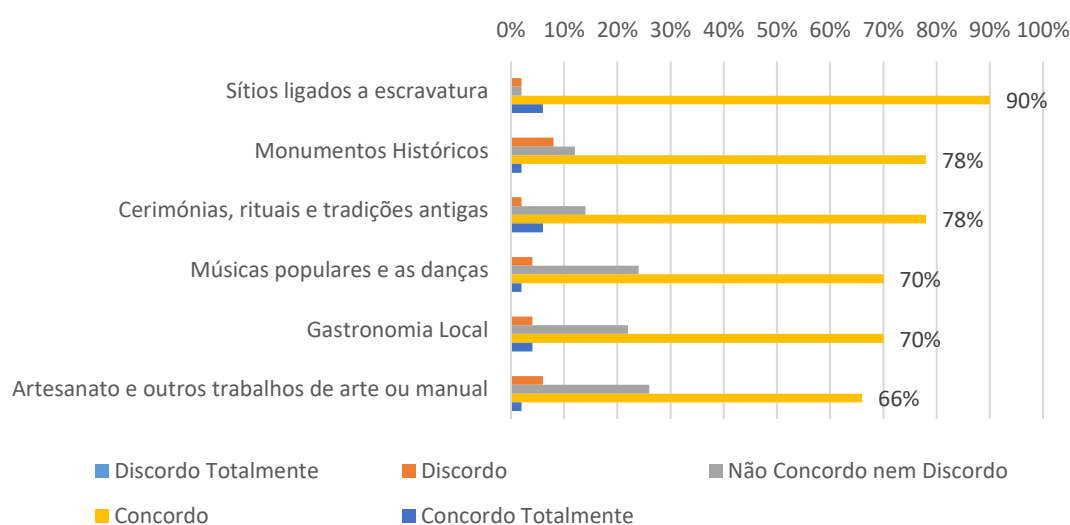


Figura 67. “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Ambriz)

Fonte: elaboração própria

Tabela 14. Tabela de Frequências Relativas da questão “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Luanda)

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Sítios ligados a escravatura	2,0	11,4	8,0	62,7	15,9
Monumentos Históricos	3,5	3,5	4,0	52,7	36,3
Cerimónias, rituais e tradições antigas	4,0	4,5	11,4	52,7	27,4
Músicas populares e as danças	3,0	3,5	5,0	53,2	35,3
Gastronomia Local	2,5	3,0	5,5	52,7	36,3
Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual	3,5	2,0	7,0	47,3	40,2

Fonte: elaboração própria

Para a mesma questão, Luanda apresentou valores mais baixos de concordância para esta mesma questão, sendo que “Sítios ligados a escravatura” teve 62,7%, as “Músicas populares e danças” 53,2% e “Gastronomia local” 52,7% (tabela 14).

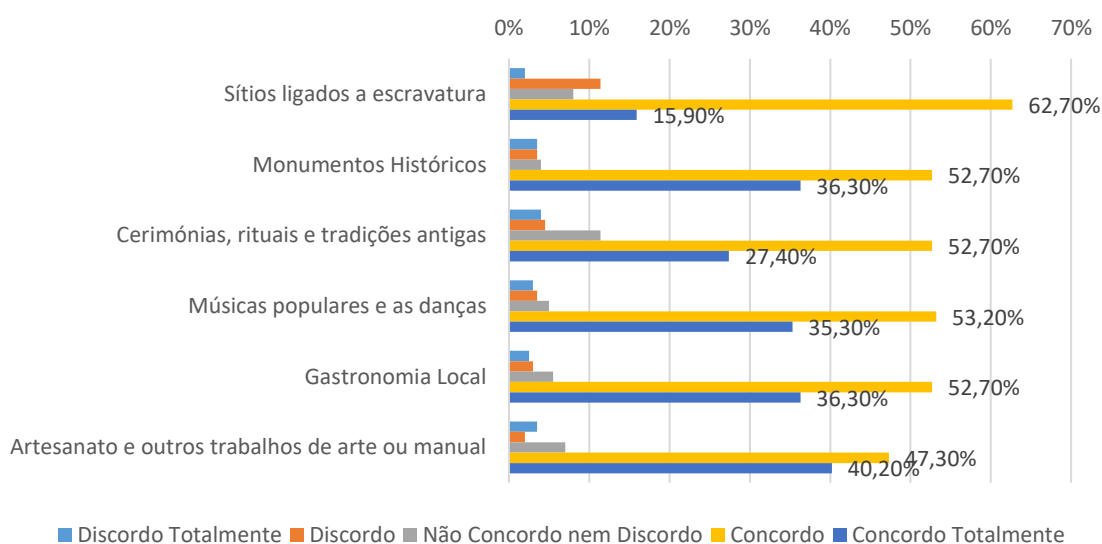


Figura 68. “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Luanda)

Fonte: elaboração própria

Tabela 15. Tabela de Frequências Relativas da questão “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Massangano)

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Sítios ligados a escravatura	2,0	8,0	12,0	42,0	36,0
Monumentos Históricos	0,0	4,0	14,0	50,0	32,0
Cerimónias, rituais e tradições antigas	0,0	8,0	30,0	40,0	22,0
Músicas populares e as danças	4,0	4,0	30,0	46,0	16,0
Gastronomia Local	2,0	8,0	36,0	38,0	16,0
Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual	0,0	10,0	30,0	42,0	18,0

Fonte: elaboração própria

Na tabela 15 verifica-se que metade dos inquiridos de Massangano (50,0%) concordam que os “Monumentos históricos” são importantes para a cultura local, assim como “Músicas populares e danças” (46,0%) e “Sítios ligados a escravatura” (42,0%).

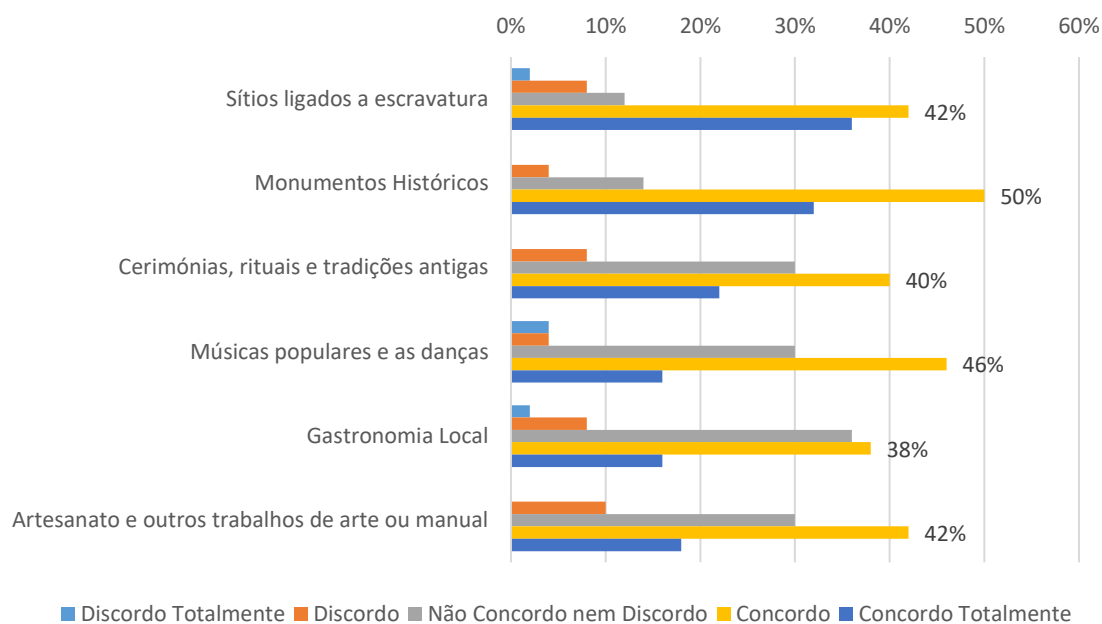


Figura 69. Figura 71. “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Massangano)

Fonte: elaboração própria

Tabela 16. Tabela de frequências relativas da questão “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Soyo)

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Sítios ligados a escravatura	0,0	6,0	1,0	70,0	23,0
Monumentos Históricos	0,0	6,0	4,0	68,0	22,0
Cerimónias, rituais e tradições antigas	0,0	3,0	8,0	76,0	13,0
Músicas populares e as danças	0,0	6,0	13,0	63,0	18,0
Gastronomia Local	0,0	4,0	22,0	59,0	15,0
Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual	0,0	3,0	19,0	61,0	17,0

Fonte: elaboração própria

Relativamente ao Soyo e aos aspectos que os inquiridos consideram mais importantes para a cultura local (tabela 16), de destacar as “Cerimónias, rituais e tradições antigas” (76,0%) e os “Sítios ligados a escravatura” (70,0%).

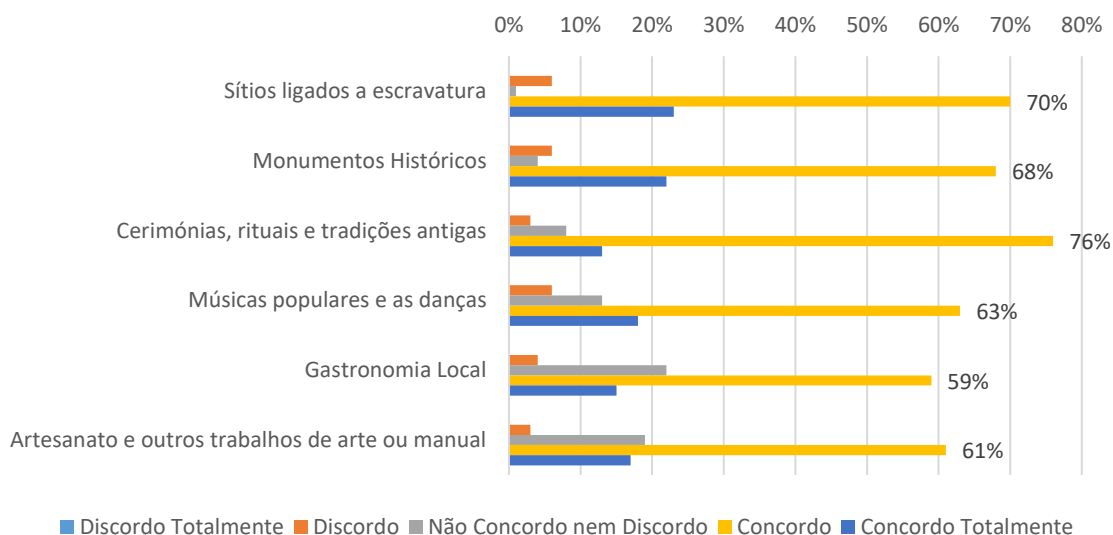


Figura 70. “Que aspectos da cultura local considera mais importantes?” (Soyo)

Fonte: elaboração própria

Tabela 17. Tabela de frequências relativas da questão “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Ambriz do nível?” (Ambriz)

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade	2,0	88,0	2,0	8,0	0,0
Condições de vida das populações	2,0	62,0	10,0	26,0	0,0
Moral, atitude e comportamento dos residentes	2,0	74,0	4,0	20,0	0,0
Hábitos e costumes	2,0	66,0	10,0	22,0	0,0
Grau académico dos residentes	0,0	28,0	22,0	48,0	2,0
Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços	0,0	36,0	30,0	32,0	2,0

Fonte: elaboração própria

Após a conquista da paz em 2002, em Angola, houve melhorias em Ambriz ao nível do “Grau académicos dos residentes” (48,0%). Por outro lado, 88,0% dos inquiridos discordaram com o “Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade”, assim como 74,0% também discordaram com a “Moral, atitude e comportamento dos residentes” (tabela 17).

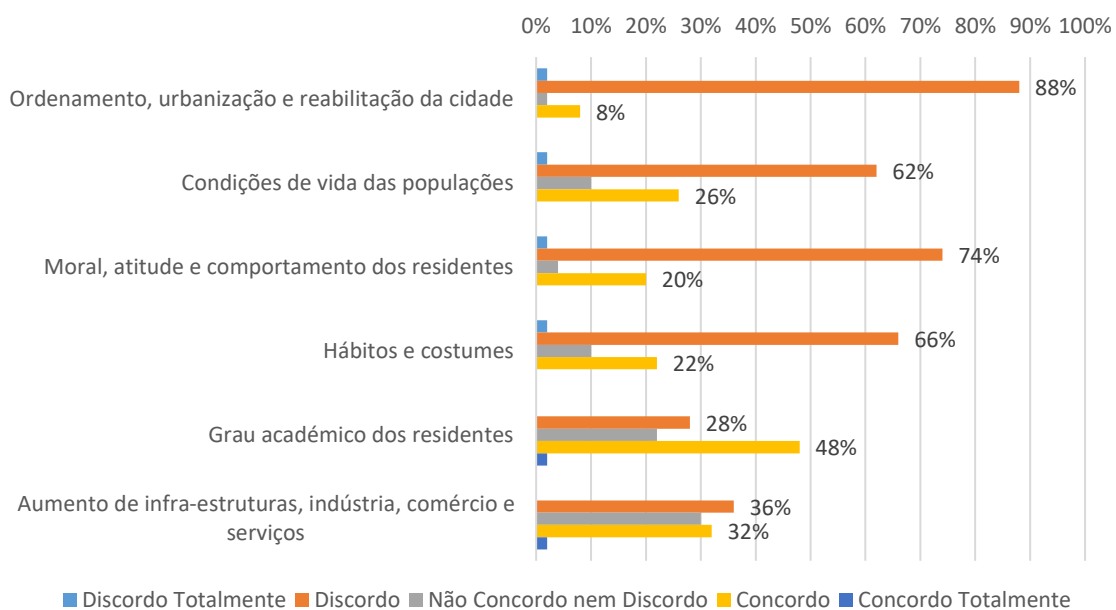


Figura 71. “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Ambriz do nível?”
(Ambriz)

Fonte: elaboração própria

Tabela 18. Tabela de Frequências Relativas da questão “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Luanda do nível?” (Luanda)

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade	9,5	40,3	10,0	34,2	6,0
Condições de vida das populações	12,4	45,3	13,4	22,9	6,0
Moral, atitude e comportamento dos residentes	9,4	40,3	23,4	19,9	7,0
Hábitos e costumes	7,0	23,4	32,8	26,4	10,4
Grau académico dos residentes	4,0	9,4	27,9	45,8	12,9
Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços	5,4	8,0	22,9	47,8	15,9

Fonte: elaboração própria

Os inquiridos de Luanda (tabela 18) concordam com melhorias em áreas como o “Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços” (47,8%) e “Grau académico dos residentes” (45,8%). Por outro lado, 45,3% discordam em questões como as “Condições de vida das populações”.

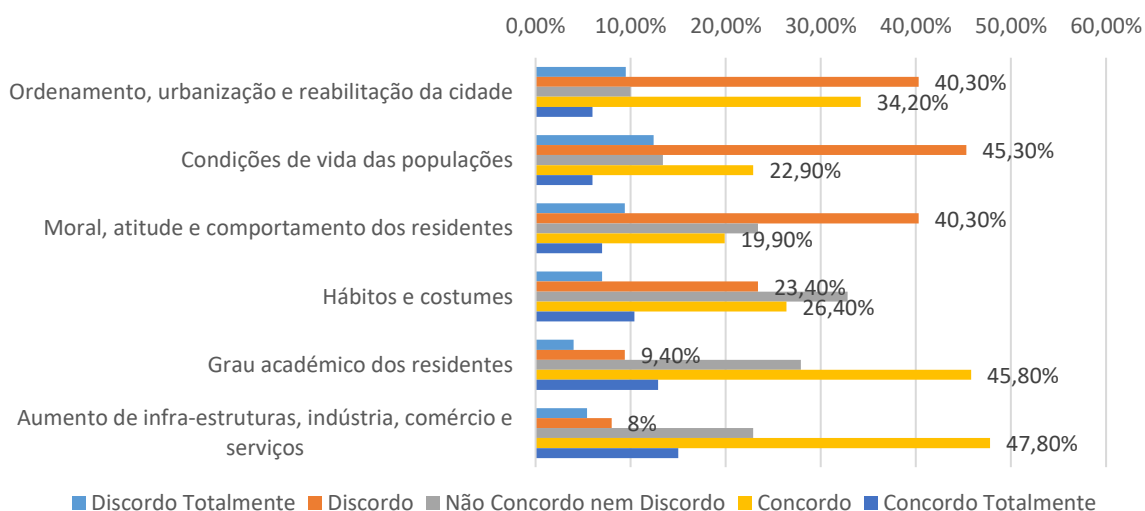


Figura 72. “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Ambriz do nível?”

Fonte: elaboração própria

Quando à localidade de Massangano, observa-se que metades dos inquiridos (50,0%) discordam que as “Condições de vida das populações” tenham melhorado com a conquista da Paz no país, em 2002. 38,0% Também discordaram com o “Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade” (tabela 19).

Tabela 19. Tabela de frequências relativas da questão “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Massangano do nível?” (Massangano)

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade	22,0	38,0	22,0	18,0	0,0
Condições de vida das populações	6,0	50,0	30,0	12,0	2,0
Moral, atitude e comportamento dos residentes	4,0	34,0	44,0	12,0	6,0
Hábitos e costumes	4,0	22,0	52,0	18,0	4,0
Grau académico dos residentes	6,0	12,0	40,0	40,0	2,0
Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços	12,0	22,0	36,0	22,0	8,0

Fonte: elaboração própria

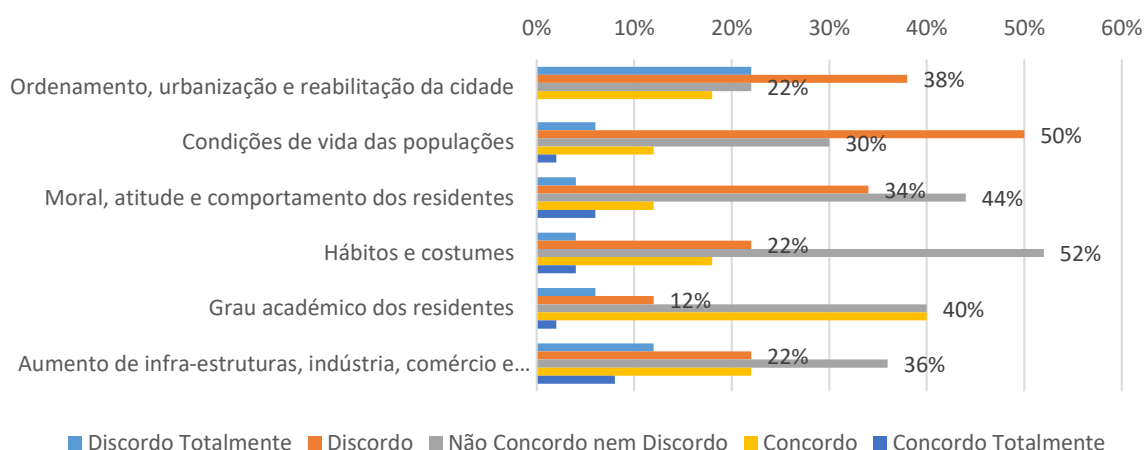


Figura 73. Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Massangano?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 20. Tabela de frequências relativas da questão “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Soyo do nível?” (Soyo)

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade	5,0	40,0	10,0	37,0	8,0
Condições de vida das populações	3,0	41,0	12,0	34,0	10,0
Moral, atitude e comportamento dos residentes	3,0	38,0	12,0	36,0	11,0
Hábitos e costumes	3,0	32,0	13,0	41,0	11,0
Grau académico dos residentes	0,0	7,0	14,0	59,0	20,0
Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços	0,0	7,0	14,0	63,0	16,0

Fonte: elaboração própria

Na tabela 20, verifica-se os valores relativos à localidade do Soyo, onde se conclui que 63,0% dos inquiridos concordam que o “Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços”, melhoraram com a Paz em 2002, assim como o “Grau académicos dos residentes”, 59,0%.

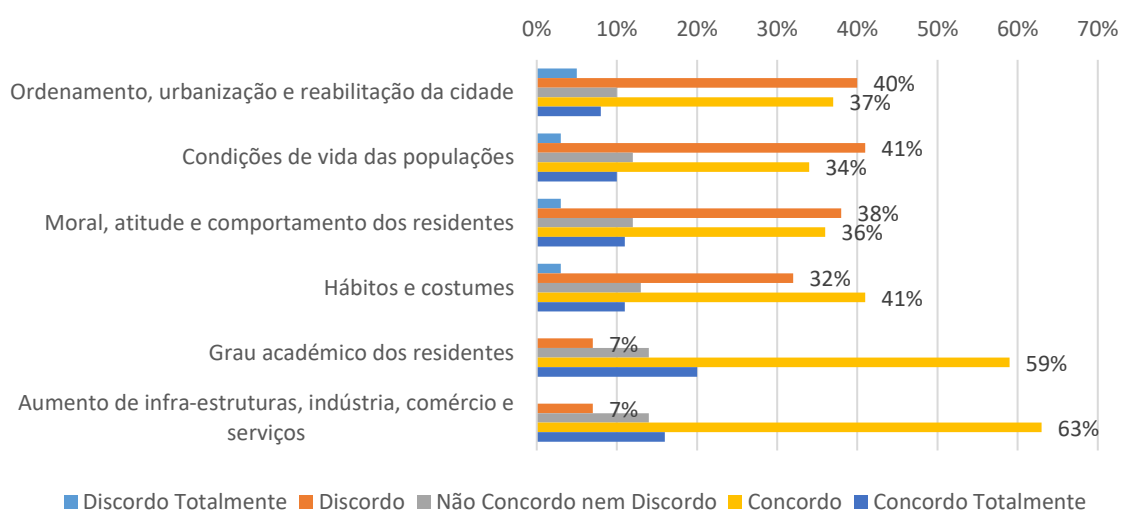


Figura 74. “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Soyo do nível?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 21. Tabela de frequências relativas da questão “Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a visitar, no período de 8 a 10 dias?”

	Sim		Não	
	N	%	N	%
Ambriz	50	100,0	0	0,0
Luanda	191	95,0	10	5,0
Massangano	50	100,0	0	0,0
Soyo	100	100,0	0	0,0

Fonte: elaboração própria

Quando se questionou todos os inquiridos se levariam as suas famílias a visitar estas 4 localidades, num período de 8 a 10 dias, no âmbito de uma Rota Turística e Cultural dos escravos, a totalidade afirmou que sim. Curiosamente, apenas 5,0% (10 inquiridos) de Luanda, referiram que não fariam essa visita familiar.

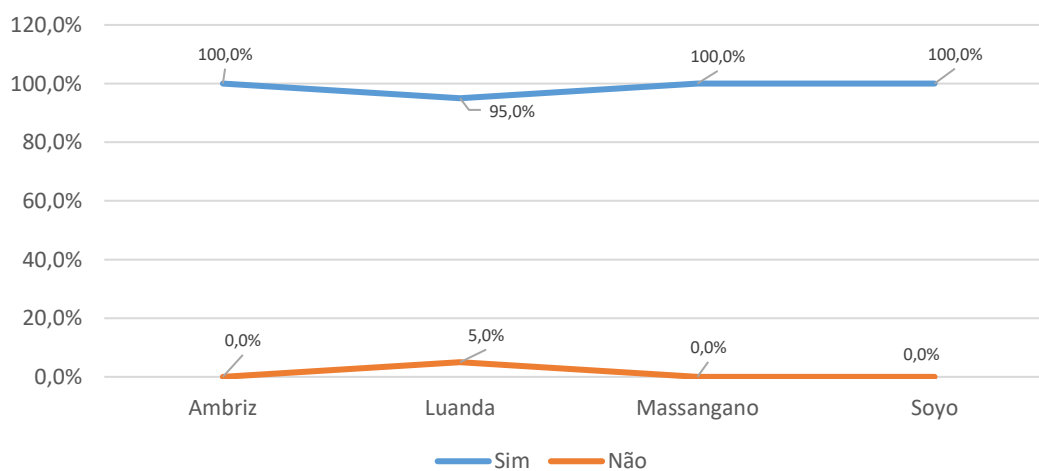


Figura 75. “Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a visitar, no período de 8 a 10 dias?”

Fonte: elaboração própria

7.2. Análises dos resultados quantitativos dos inquéritos dos visitantes

7.2.1. Análise sociodemográfica

Verifica-se na tabela 22 que os elementos do género masculino representam a maioria nas 4 localidades analisadas, chegando no Soyo aos 66,7%. A habilitação académica mais representativa foi a licenciatura, variando entre os 36,0% em Ambriz e os 43,4% em Massangano. Relativamente ao estado civil, a maior parte dos inquiridos afirmaram ser solteiro(a), à excepção dos da localidade do Soyo, em que 57,8% são casados (as).

Tabela 22. Características da amostra – Variáveis sociodemográficas Género, Habilitações Académicas e Estado Civil

Variáveis	Categorias	Ambriz		Luanda		Massangan o		Soyo	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Género	Feminino	23	46.0	48	47.1	23	43.4	34	33.3
	Masculino	27	54.0	54	52.9	30	56.6	68	66.7
	Total	50	100.	102	100.	53	100.	102	100.
Habilitações Académicas	Ensino Primário	0	0.0	0	0.0	0	0.0	2	2.0
	Entre 7ª e 9ª classe	3	6.0	2	2.0	4	7.5	4	3.9
	Entre 10ª e 12ª	15	30.0	31	30.4	10	18.9	25	24.5
	Bacharelato	10	30.0	20	19.6	8	15.1	23	22.5
	Licenciatura	18	36.0	40	39.2	23	43.4	41	40.2
	Mestrado	4	8.0	8	7.8	8	15.1	6	5.9
	Doutoramento	0	0.0	1	1.0	0	0.0	1	1.0
	Total	50	100.	102	100.	53	100.	102	100.
Estado Civil	Solteiro(a)	25	50.0	58	56.9	39	54.7	40	39.2
	Casado(a)	22	44.0	40	39.2	20	37.7	59	57.8
	Divorciado(a)	3	6.0	3	2.9	4	7.6	2	2.0
	Viúvo(a)	0	0.0	1	1.0	0	0.0	1	1.0
	Total	50	100.	102	100.	53	100.	102	100.

Fonte: elaboração própria

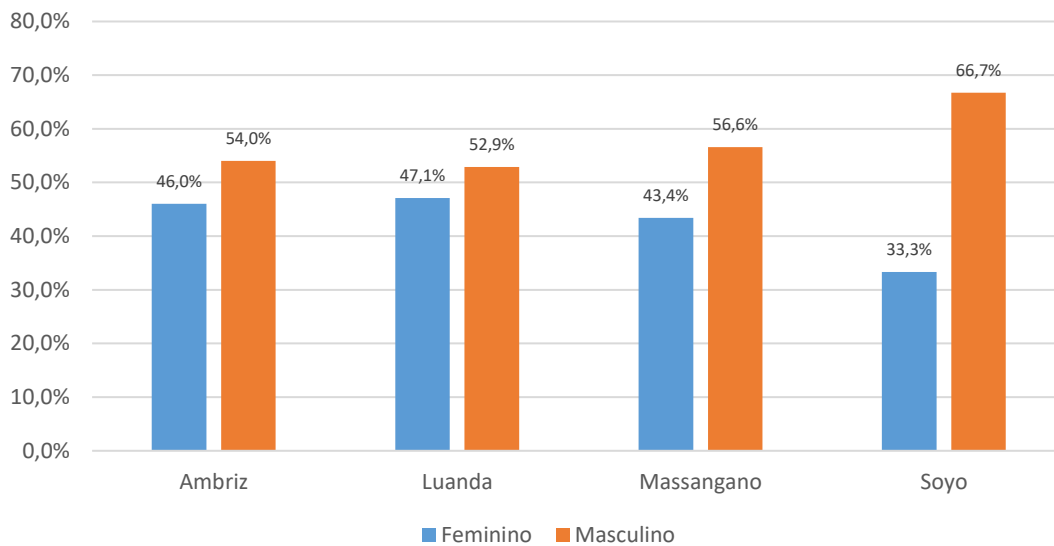


Figura 76. Género

Fonte: elaboração própria

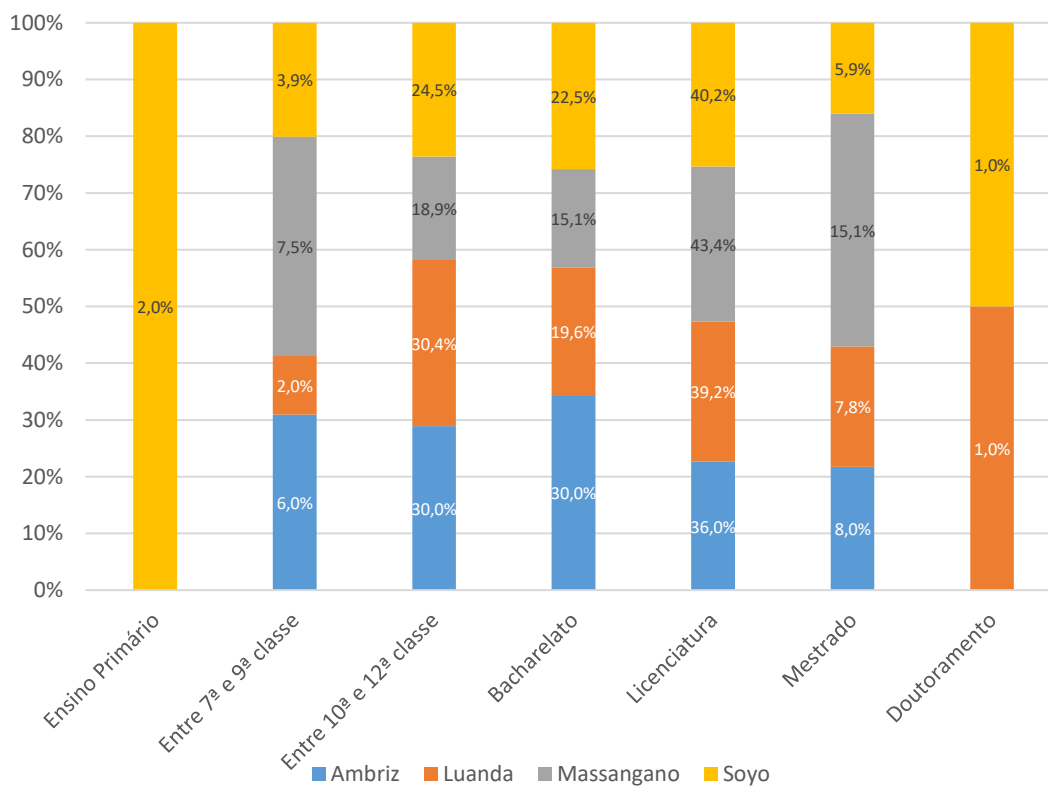


Figura 77. Habilitações Académicas

Fonte: elaboração própria

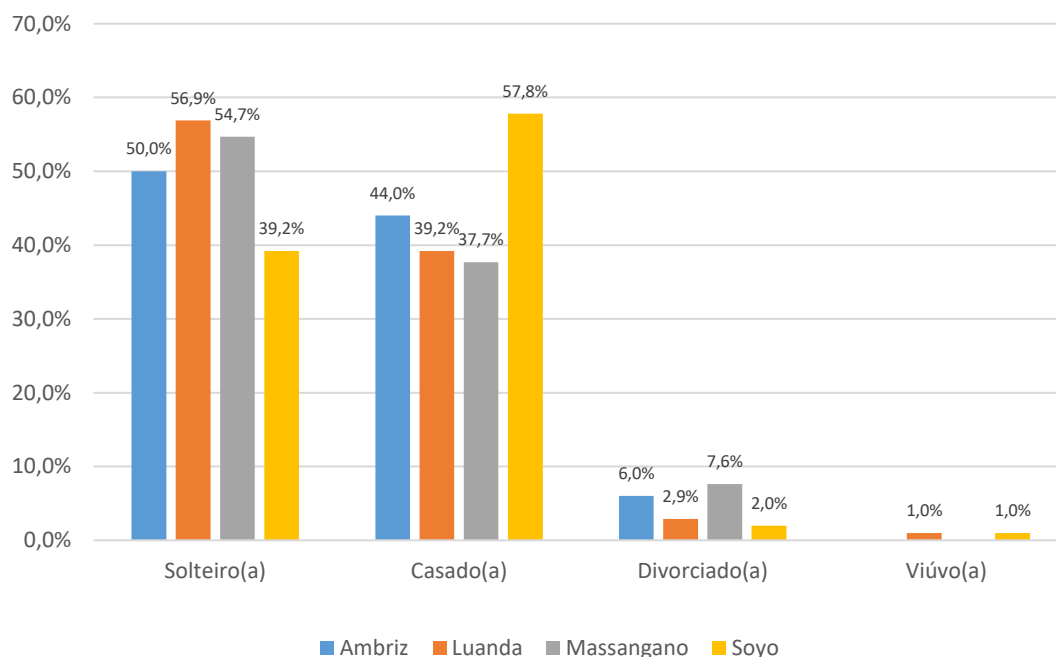


Figura 78. Estado Civil

Fonte: elaboração própria

Na tabela 23 estão representadas as principais medidas de estatística descritiva relativa à variável idade, onde se observa que a média mais elevada situa-se no Soyo (45,28 anos), com um desvio padrão de 10,153 anos, apresentando um coeficiente de variação de aproximadamente 22,4%. Nesta região, a diferença entre a idade do inquirido mais idoso (64 anos) e a idade do mais novo (23 anos) é de 41 anos, isto é, a amplitude dos dados relativos à idade.

Massangano é o local que apresenta menor valor média para a idade (35,92 anos), com um desvio padrão de 11,985 anos, apresentando uma dispersão de 27,8% superior à do Soyo, indicando que aqui as idades encontram-se distribuídas de forma menos homogénea. Também em Massangano a amplitude dos dados é maior (43 anos), em que o inquirido mais idoso tem 63 anos e o mais novo 20 anos.

Tabela 23. Estatística Descritiva relativa à variável sociodemográfica Idade

	Média (\bar{X})	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\text{mín}}$)	Valor Máximo ($X_{\text{máx.}}$)	N
Ambriz	42.56	48	13.614	18	66	50
Luanda	41.65	33	10.853	17	69	102
Massangano	35.92	22	11.985	20	63	53
Soyo	45.28	33	10.153	23	64	102

Fonte: elaboração própria

Em relação à nacionalidade (tabela 24), observa-se que a angolana é largamente a mais representada, chegando aos 88,0% em Ambriz e 79,4% no Soyo. A principal actividade profissional varia nos 4 locais analisados. Enquanto em Ambriz se destaca o trabalhador por conta própria (30,0%), em Luanda é o trabalhador por conta de outrem (69,6%). Já em Massangano é o funcionário público, que representa 34,0% e, no Soyo, também o trabalhador por conta de outrem (36,3%). Relativamente ao local onde costumam passar habitualmente as férias, todos os inquiridos referem que é em Angola, onde se destacam os 64,2% de Massangano e os 56,0% de Ambriz.

Tabela 24. Características da amostra – Variáveis sociodemográficas de nacionalidade, actividade profissional e questão “Onde passa habitualmente as férias?”

Variáveis	Categorias	Ambriz		Luanda		Massangano		Soyo	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Nacionalidade	Americana	1	2.0	1	1.0	1	1.9	0	0.0
	Angolana	44	88.0	72	70.4	39	73.6	81	79.4
	Benim	0	0.0	0	0.0	0	0.0	1	1.0
	Brasileira	0	0.0	1	1.0	1	1.9	0	0.0
	Cabo Verdiana	1	2.0	0	0.0	4	7.5	1	1.0
	Canadiana	0	0.0	2	2.0	0	0.0	0	0.0
	Chinesa	1	2.0	0	0.0	0	0.0	1	1.0
	Cubana	0	0.0	0	0.0	1	1.9	1	1.0
	Espanhola	0	0.0	1	1.0	0	0.0	0	0.0
	Francesa	0	0.0	2	2.0	2	3.9	1	1.0
	Inglesa	0	0.0	1	1.0	0	0.0	0	0.0
	Gabonesa	1	2.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0
	Guineense	1	2.0	0	0.0	0	0.0	1	1.0
	Libanesa	0	0.0	0	0.0	1	1.9	3	2.9
	Luso Angolana	0	0.0	5	4.9	0	0.0	0	0.0
	Moçambicana	0	0.0	0	0.0	1	1.9	0	0.0
	Portuguesa	0	0.0	17	16.7	1	1.9	11	10.7
	Taiwanesa	1	2.0	0	0.0	1	1.9	1	1.0
	Total		50	100.0	102	100.0	53	100.0	102
Actividade Profissional	Funcionário Público	14	28.0	7	6.9	18	34.0	30	29.4
	Serviços Religiosos	0	0.0	1	1.0	3	5.7	1	1.0
	Trabalhador em	1	2.0	4	3.9	0	0.0	3	2.9
	Trab. por conta de	12	24.0	71	69.6	12	22.6	37	36.3
	Trab. por conta	15	30.0	19	18.6	14	26.3	23	22.6
	Estudante	8	16.0	0	0.0	3	5.7	4	3.9
	Reformado	0	0.0	0	0.0	3	5.7	4	3.9
Total		50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0
Onde passa habitualmente as férias?	Em Angola	28	56.0	50	49.0	34	64.2	54	52.9
	Fora de Angola (Em	8	16.0	18	17.6	8	15.0	21	20.6
	Fora do Continente	14	28.0	34	33.4	11	20.8	27	26.5
	Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0

Fonte: elaboração própria

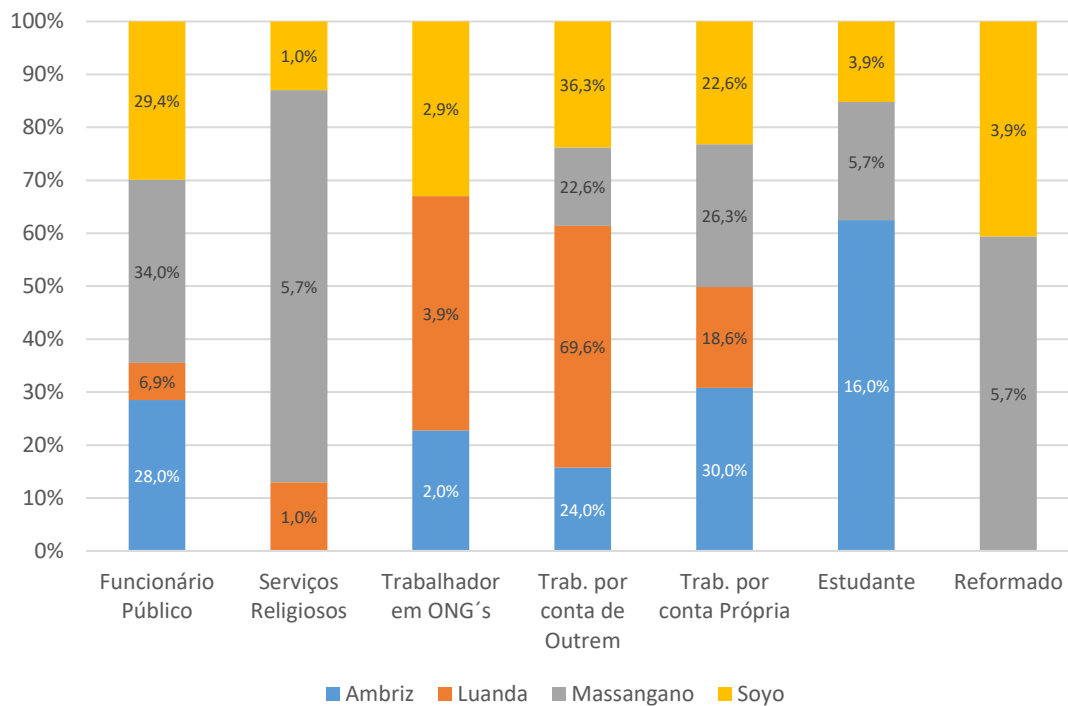


Figura 79. Habilitações Académicas

Fonte: elaboração própria

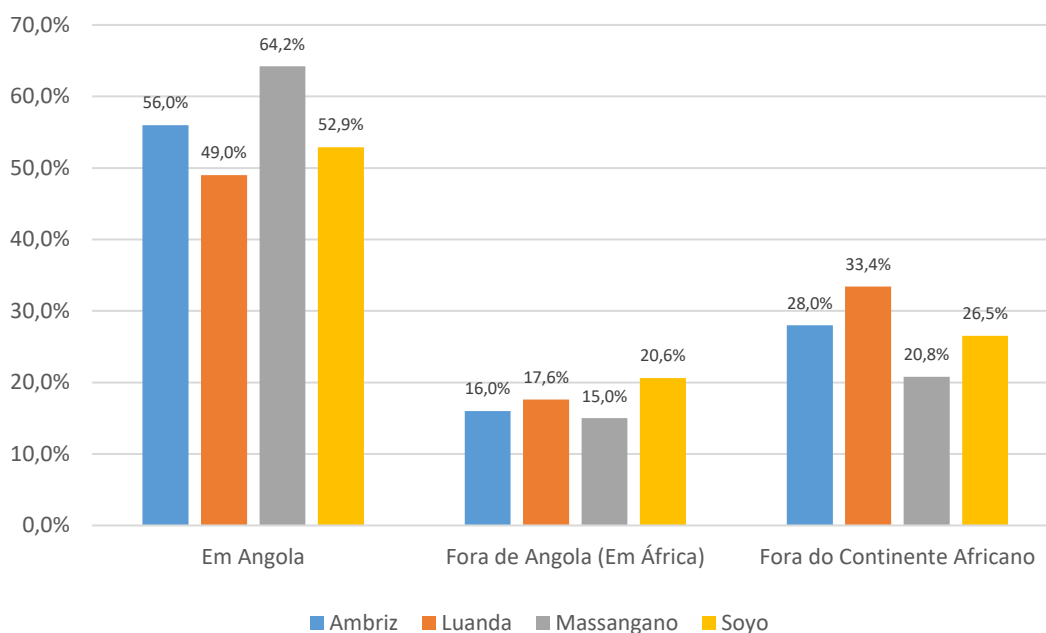


Figura 80. Onde passa habitualmente as férias?

Fonte: elaboração própria

Na tabela 25 estão evidenciados os resultados à questão “Qual o motivo da sua visita?”, sendo que todas as localidades referiram ser as visitas à família, à exceção de Massangano que salientou ser por motivo de férias.

Quanto ao tempo de permanência, observa-se que 48,0% dos inquiridos de Ambriz permanece entre 2 e 7 dias, assim como 39,6% dos inquiridos de Massangano. Já 48,0% dos inquiridos de Luanda e 51,0% do Soyo afirmaram permanecer 2 semanas nos locais. Relativamente ao que os inquiridos mais apreciam, observa-se que em todos os locais o eleito são os monumentos históricos, chegando aos 52,0% em Ambriz e 49,0% em Luanda.

Tabela 25. Características da amostra – questões “Qual o motivo da sua visita?”, “Tempo de permanência?” e “O que mais aprecia?”

Variáveis	Categorias	Ambriz		Luanda		Massangano		Soyo	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Qual é o motivo da sua visita?	Férias	12	24.0	15	14.7	18	34.0	17	16.7
	Negócios	1	2.0	20	19.6	2	3.8	13	12.7
	Serviço	1	2.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0
	Trabalho	1	2.0	2	2.0	0	0.0	0	0.0
	Trânsito	4	8.0	2	2.0	3	5.7	3	2.9
	Turismo e Lazer	8	16.0	9	8.8	10	18.9	26	25.5
	Visita Familiar	23	46.0	39	38.2	12	22.6	33	32.4
	Cultura e História	0	0.0	15	14.7	8	15.0	10	9.8
	Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0
Tempo de permanência?	Algumas Horas	5	10.0	1	1.0	10	18.9	0	0.0
	1 Dia	4	8.0	1	1.0	8	15.1	1	1.0
	Entre 2 e 7 Dias	24	48.0	16	15.7	21	39.6	41	40.2
	2 Semanas	14	28.0	49	48.0	8	15.1	52	51.0
	1 Mês	1	2.0	11	10.8	4	7.5	7	6.8
	Mais de 1 Mês	2	4.0	24	23.5	2	3.8	1	1.0
	Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0
O que mais aprecia?	Gastronomia, Música	18	36.0	30	29.4	19	35.8	29	28.4
	Hospitalidade do Povo	6	12.0	22	21.6	9	17.0	24	23.5
	Monumentos	26	52.0	50	49.0	25	47.2	49	48.1
	Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0

Fonte: elaboração própria

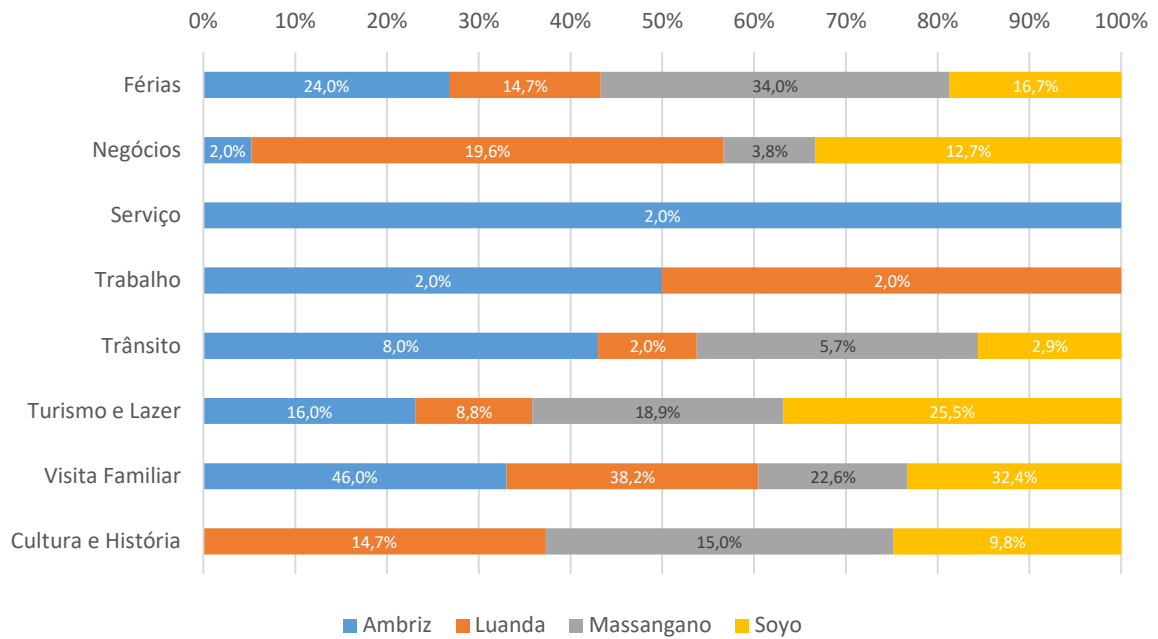


Figura 81. Habilitações Académicas

Fonte: elaboração própria

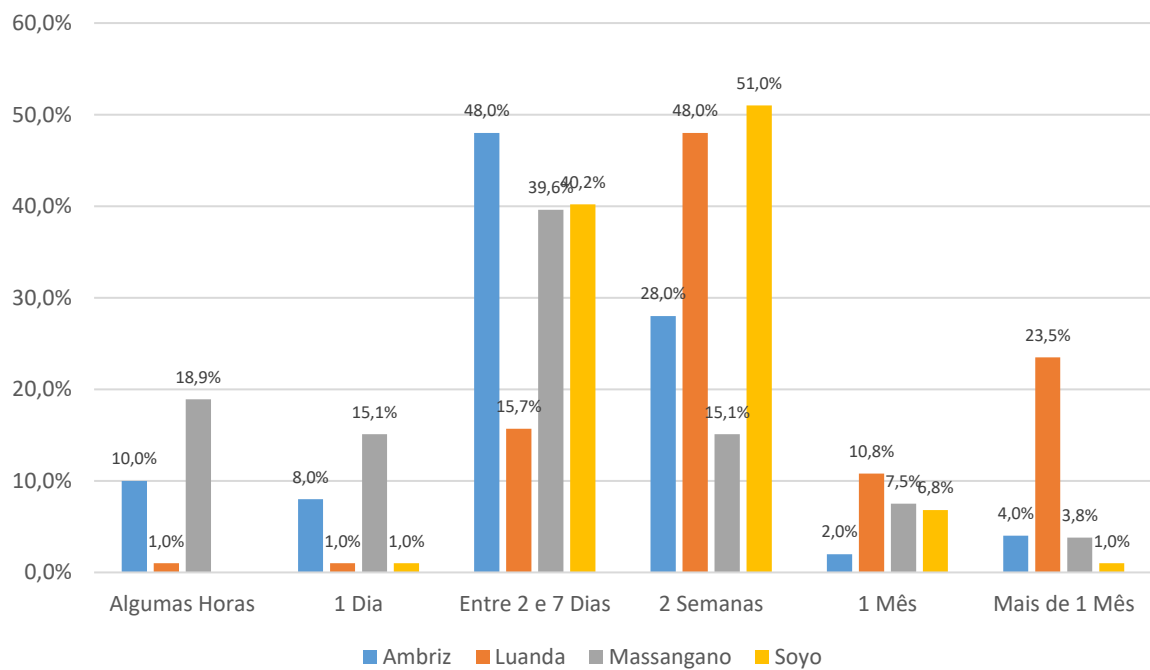


Figura 82. Tempo de permanência?

Fonte: elaboração própria

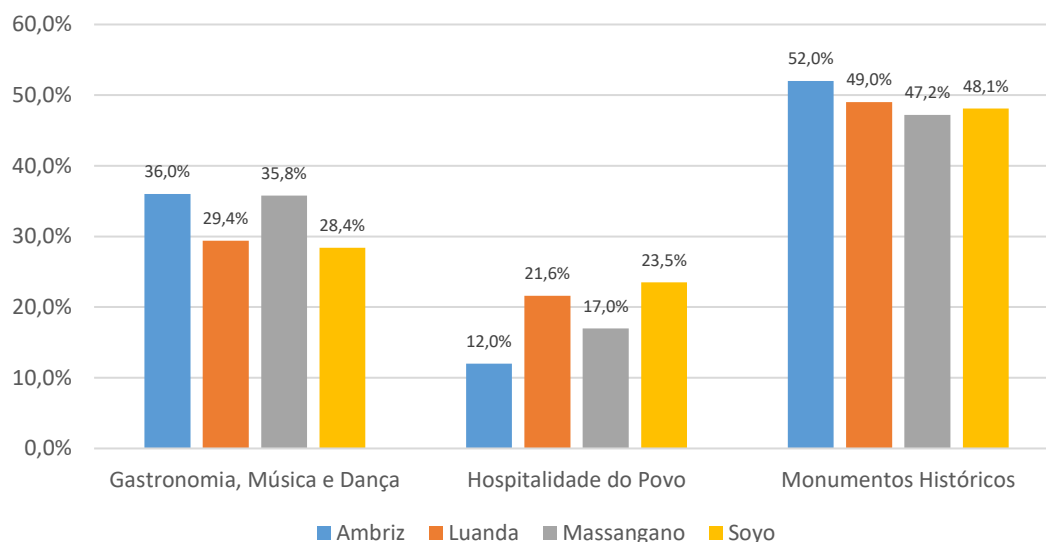


Figura 83. O que mais aprecia?

Fonte: elaboração própria

Na questão “onde está hospedado?”, observa-se que 58,8% dos inquiridos do Soyo referiram o hotel, enquanto 48,0% de Ambriz mencionaram a hospedaria. Por outro lado, a casa de familiares/amigos também foi a resposta de 52,0% dos inquiridos de Luanda e de 43,4% dos de Massangano (tabela 26). A maior parte dos respondentes afirmaram que visitam as cidades com a família (Ambriz 50,0%), apenas 39,6% da vila de Massangano referiu fazê-lo com os amigos.

Constatou-se que todos os inquiridos já ouviram falar em escravatura, e também a maioria é de opinião de que a integração da cidade na Rota Turística é uma mais-valia.

Tabela 26. Características da amostra – Questões “onde está hospedado?”, “Visita a cidade acompanhado(a)?”, “Já ouviu falar de escravatura?” e “A integração da cidade na Rota Turística é uma mais-valia?”

Variáveis	Categorias	Ambriz		Luanda		Massangano		Soyo	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Onde está hospedado?	Casa Familiar/Amigo	20	40.0	53	52.0	23	43.4	20	19.6
	Hospedaria	24	48.0	21	20.6	21	39.6	22	21.6
	Não me hospedo	1	2.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0
	Residência de	1	2.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0
	Trânsito	4	8.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0
	Hotel	0	0.0	28	27.5	9	17.0	60	58.8
	Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0
Visita a cidade acompanhado(a)?	Esposa(o)	12	24.0	16	15.7	7	13.2	12	11.8
	Família	25	50.0	33	32.4	12	22.6	35	34.3
	Namorada(o)	1	2.0	0	0.0	5	9.4	10	9.7
	Amigos	7	14.0	30	29.4	21	39.6	31	30.4
	Sozinha(o)	5	10.0	23	22.5	8	15.2	14	13.7
	Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0
Já ouviu falar da escravatura?	Sim	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0
	Não	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0
	Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0
A integração da cidade na Rota Turística é uma mais-valia?	Sim	50	100.0	90	88.2	50	94.3	102	100.0
	Não	0	0.0	12	11.8	3	5.7	0	0.0
	Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0

Fonte: elaboração própria

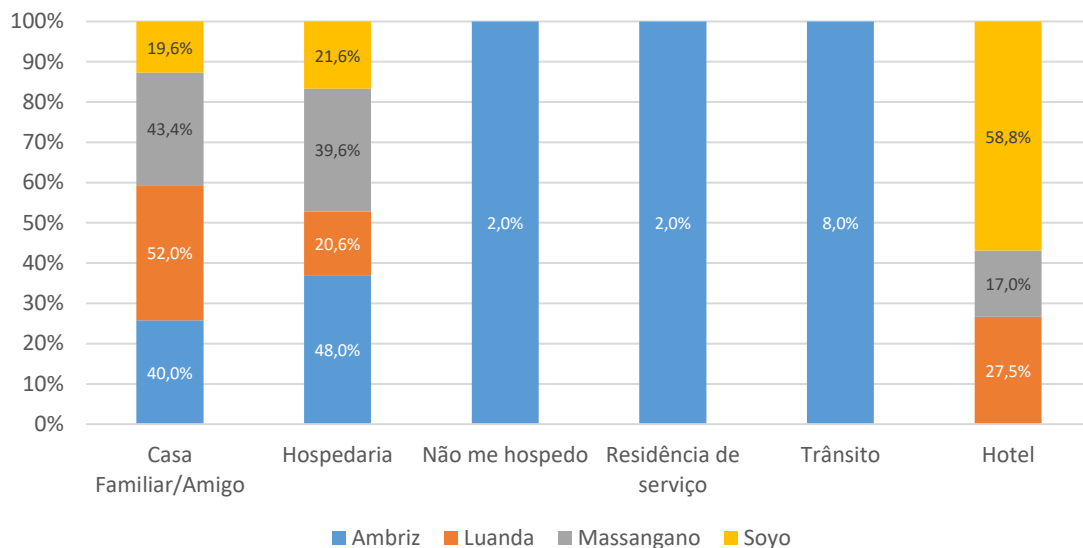


Figura 84. Onde está hospedado?

Fonte: elaboração própria

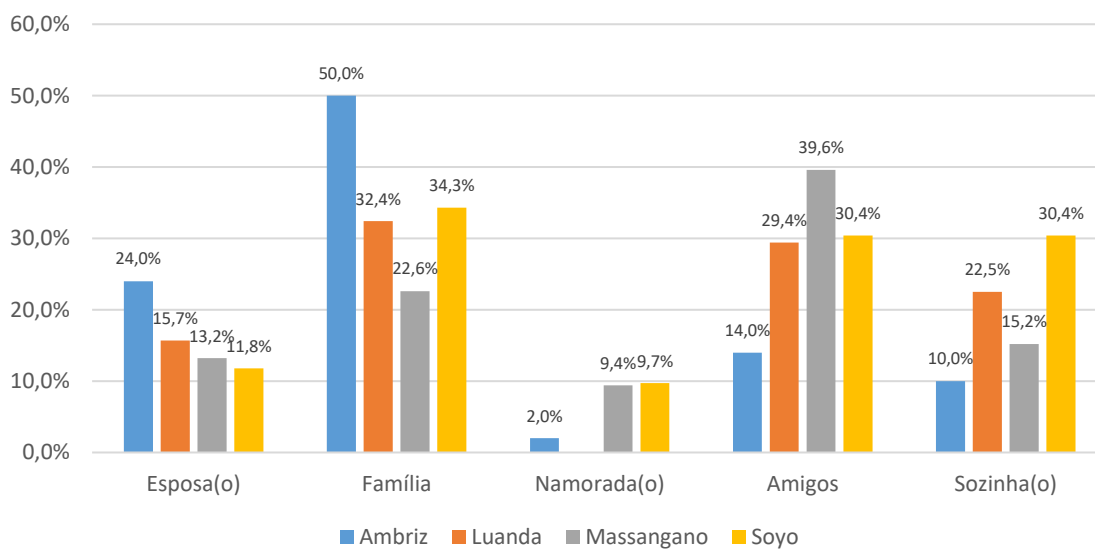


Figura 85. Visita a cidade acompanhado(a)?

Fonte: elaboração própria

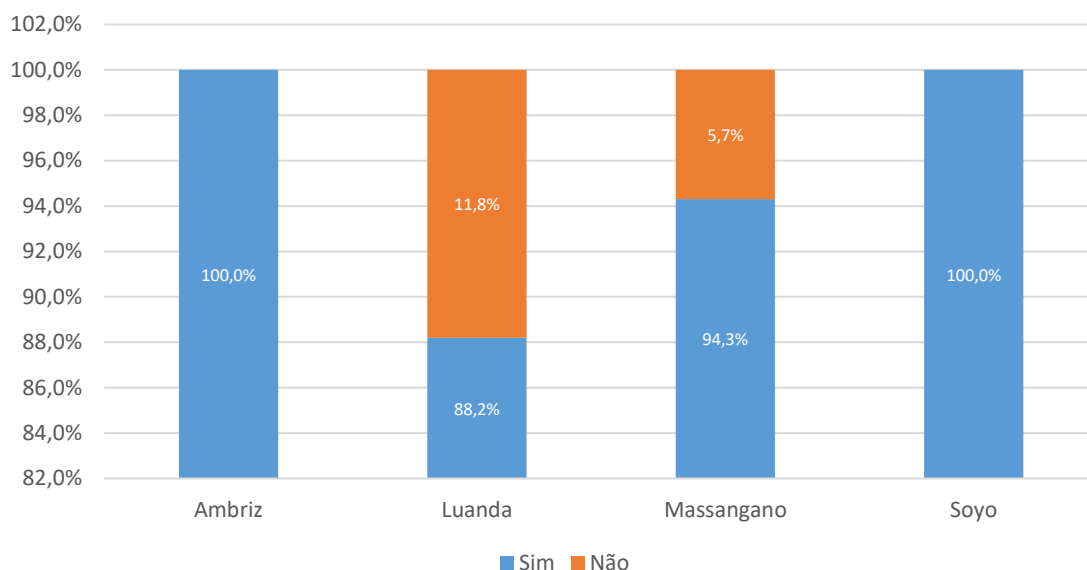


Figura 86. A integração da cidade na Rota Turística é uma mais-valia?

Fonte: elaboração própria

Na tabela 27 pode-se observar que a reconstrução da história da escravatura, através da criação de monumentos e de sítios históricos, é o que de principal deverá ser feito para valorizar e divulgar a história da escravatura em Angola, de onde se destacam os 39,5% de inquiridos de Luanda. Os inquiridos da vila de Massangano (34,6%) referiram igualmente que seria útil a definição de uma data de celebração sobre a escravatura angolana, como forma de valorizar e divulgar a história da escravatura.

Tabela 27. Tabela de Frequência da questão – “O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola?”

Motivos	Ambriz		Luanda		Massangano		Soyo	
	N	%	N	%	N	%	N	%
A história da escravatura deve ser ensinada	7	14.4	8	16.8	10	19.6	15	15.7
Definir uma data de celebração sobre a	15	30.1	10	20.9	18	34.6	28	28.4
Reconstruir a história da escravatura, criando	15	30.1	20	39.5	10	17.8	29	28.8
Promover palestras e seminários sobre a	12	24.7	11	22.3	15	28.0	29	28.8
Manter a situação com está	1	0.7	1	0.5	0	0.0	1	0.3
Total	50	100.0	102	100.0	53	100.0	102	100.0

Fonte: elaboração própria

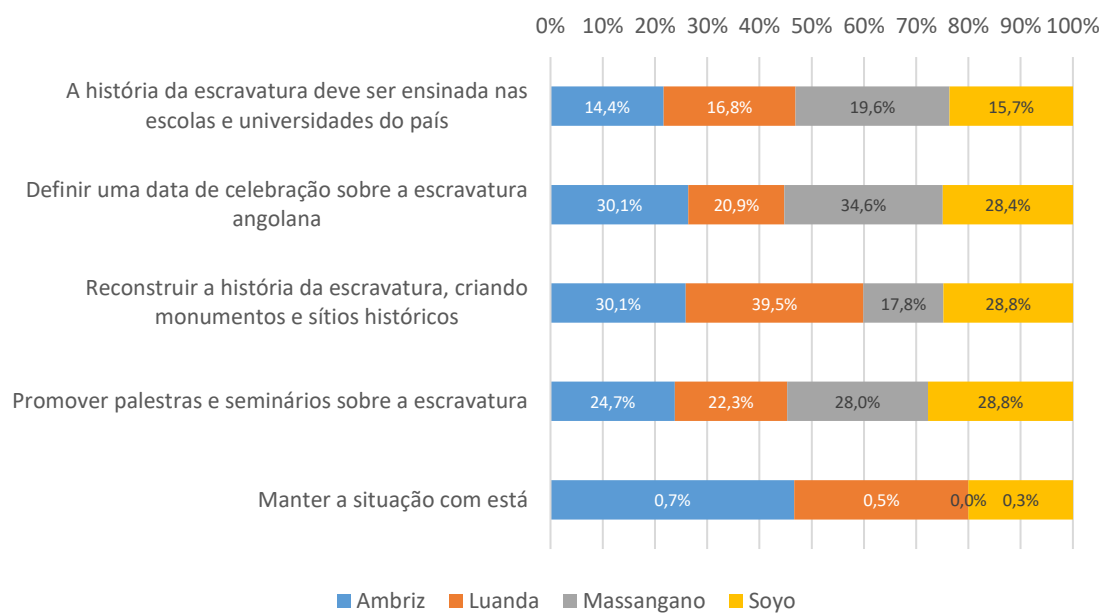


Figura 87. “O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravidão em Angola?”

Fonte: elaboração própria

Na tabela 28 verifica-se que 88,0% dos inquiridos de Ambriz concordam que os eventos culturais fazem falta aos visitantes da cidade, assim como hotéis, restaurantes e serviços turísticos de qualidade (84,0%).

Tabela 28. Tabela de frequências relativas da questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila do Ambriz?”

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Eventos culturais	0.0	2.0	2.0	88.0	8.0
Hotéis, restaurantes e	0.0	2.0	2.0	84.0	12.0
Sinalização dos pontos de	0.0	0.0	6.0	78.0	16.0
Painéis explicativos sobre a	0.0	0.0	12.0	54.0	34.0
Rent-a-car, guias turísticos,	0.0	0.0	18.0	36.0	46.0
Centros comerciais	0.0	0.0	20.0	30.0	50.0

Fonte: elaboração própria

De entre os motivos com que concordam totalmente estão o rent-a-car, guias turísticos, roteiros, brochuras e mapas (46,0%) e os centros comerciais modernos e lojas diversas (50,0%).

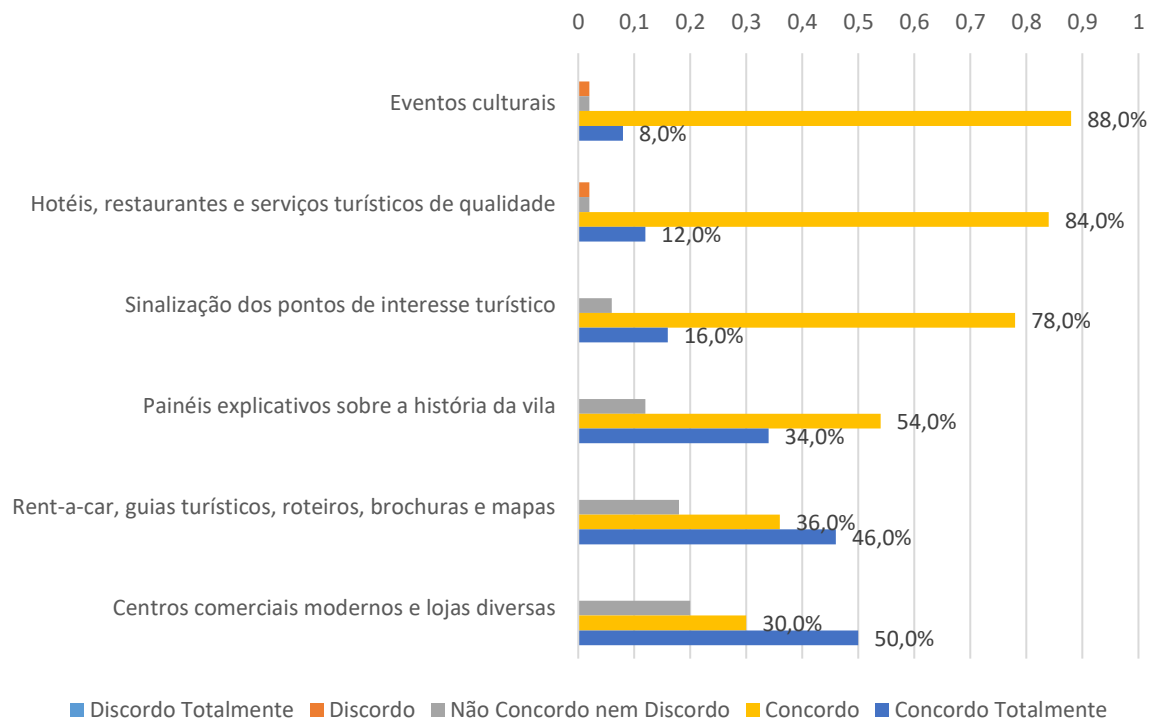


Figura 88. Questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila do Ambriz?”

Fonte: elaboração própria

Relativamente a Luanda, observa-se que a sinalização dos pontos de interesse turístico está entre os motivos que mais fazem falta aos visitantes, reunindo uma total concordância de 47,1% dos inquiridos, enquanto o rent-a-car, guias turísticos, roteiros, brochuras e mapas, 42,2% (Tabela 29).

Tabela 29. Tabela de frequências relativas da questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Luanda?”

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Eventos culturais	6.9	4.9	9.8	44.1	34.3
Hotéis, restaurantes e serviços	7.8	6.9	16.7	32.4	36.2
Sinalização dos pontos de interesse	5.9	1.0	7.8	38.2	47.1
Painéis explicativos sobre a história	5.9	2.0	8.8	41.2	42.1
Rent-a-car, guias turísticos, roteiros, brochuras e mapas	5.9	6.9	17.5	27.5	42.2
Centros comerciais modernos e lojas	8.8	14.7	27.5	20.6	28.4

Fonte: elaboração própria

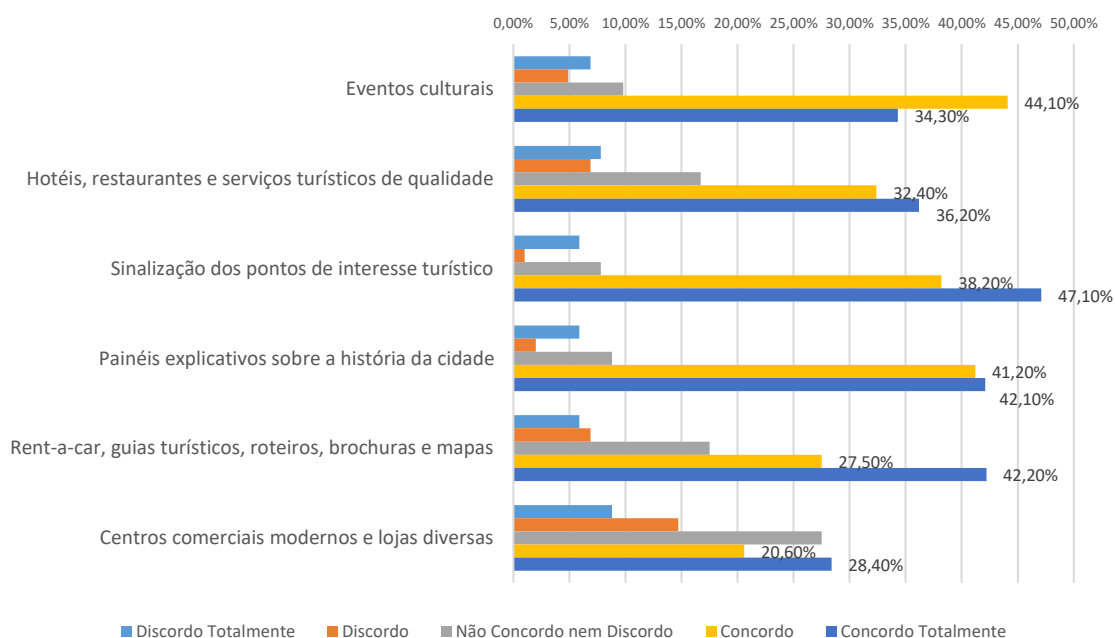


Figura 89. Questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Luanda?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 30. Tabela de frequências relativas da questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila do Massangano?”

Categories	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Eventos culturais	3.8	7.5	9.4	58.6	20.8
Hotéis, restaurantes e serviços	0.0	1.9	9.4	50.9	37.8
Sinalização dos pontos de interesse	3.8	3.8	15.1	43.3	34.0
Painéis explicativos sobre a história	1.9	0.0	28.3	35.8	34.0
Rent-a-car, guias turísticos, roteiros,	3.8	1.9	28.2	49.1	17.0
Centros comerciais modernos e lojas	3.8	1.9	20.8	45.3	28.2

Fonte: elaboração própria

Na tabela 30, pode-se constatar que na vila de Massangano, 58,6% dos inquiridos concordam com a categoria dos eventos culturais, como fazendo falta aos visitantes da vila. Assim como, 50,9% que são de opinião que os Hotéis, restaurantes e serviços turísticos de qualidade também fazem falta aos visitantes da vila.

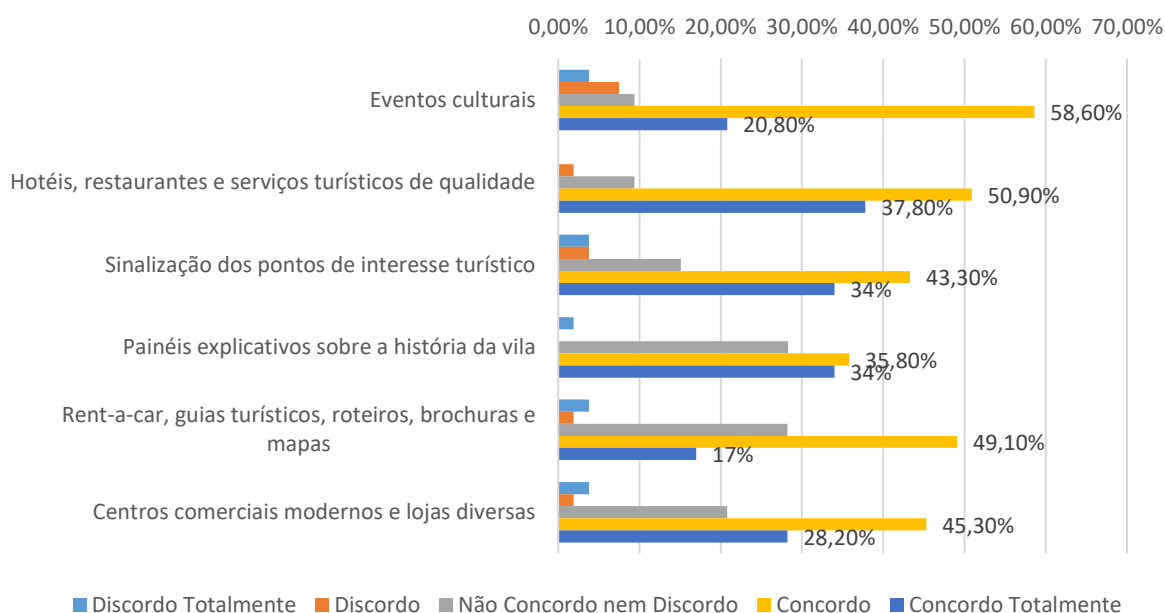


Figura 90. Questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila do Massangano?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 31. Tabela de frequências relativas da questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Soyo?”

Categorias	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Eventos culturais	0.0	0.0	2.0	71.6	26.4
Hotéis, restaurantes e	1.0	0.0	4.9	68.6	25.5
Sinalização dos pontos de	0.0	0.0	3.9	55.9	40.2
Painéis explicativos sobre a	0.0	0.0	6.9	47.1	16.0
Rent-a-car, guias turísticos,	2.0	0.0	9.7	42.2	46.1
Centros comerciais	2.0	0.0	23.5	39.2	35.3

Fonte: elaboração própria

Finalmente, 71,6% dos inquiridos do Soyo (tabela 31), concordam que os Eventos culturais fazem falta aos visitantes que procuram a cidade, assim como 68,6% que referem que os Hotéis, restaurantes e serviços turísticos de qualidade também fazem falta. Com menor percentagem, encontram-se os Centros comerciais modernos e lojas diversas (39,2%).

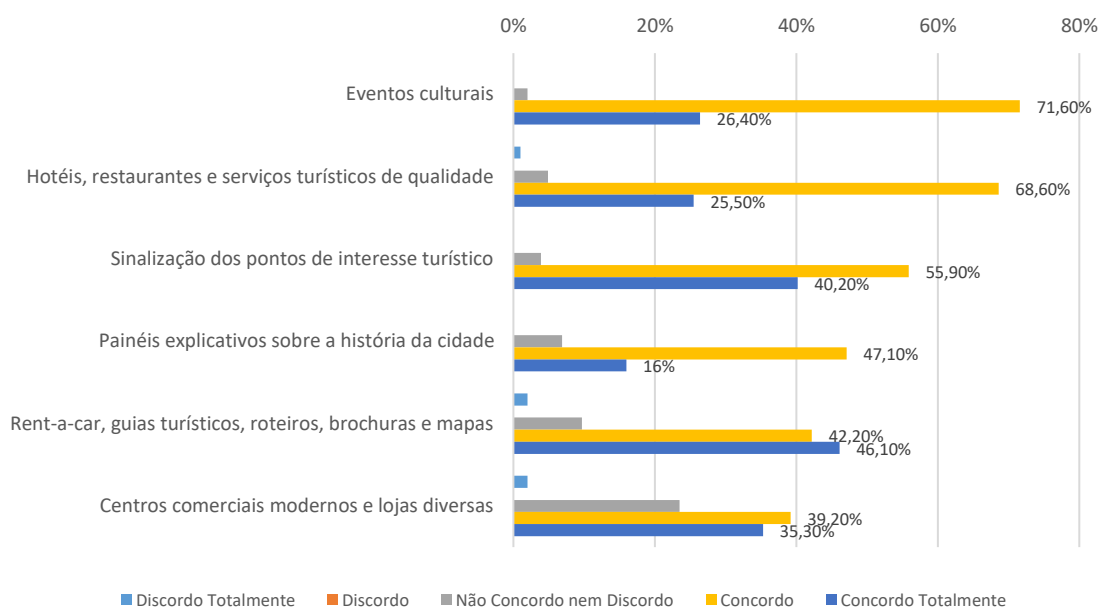


Figura 91. Questão “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Soyo?”

Fonte: elaboração própria

Tabela 32. Tabela de frequências relativas a questão “Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a visitar no período de 8 a 10 dias?”

	Sim		Não	
	N	%	N	%
Ambriz	50	100.0	0	0.0
Luanda	97	95.1	5	4.9
Massangano	53	100.0	0	0.0
Soyo	102	100.0	0	0.0

Fonte: elaboração própria

Através da tabela 32, conclui-se que os inquiridos de todas as localidades levariam a família a visitar as suas cidades durante 8 a 10 dias, no caso de estas serem incluídas na Rota Turística e Cultural de Escravos, em Angola.

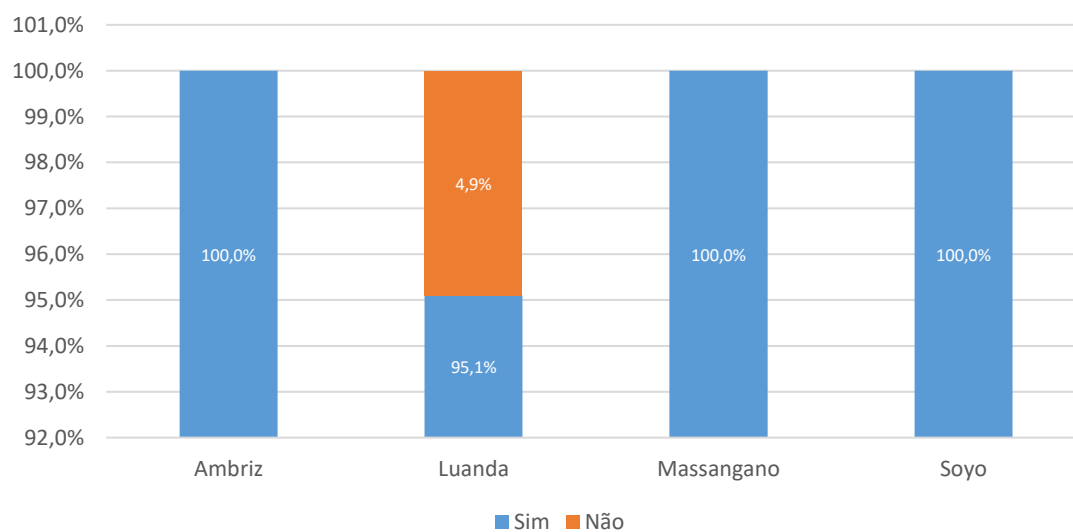


Figura 92. Levaria a sua família a visitar as suas cidades durante 8 a 10 dias, no caso de estas serem incluídas na Rota Turística e Cultural de Escravos, em Angola.

Fonte: elaboração própria

7.3. Correlação entre variáveis

7.3.1. Inquéritos aos residentes

Tabela 33. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Ambriz)

Variáveis / Questões	rho	p-value	N
Idade vs Actividade Profissional	-0.384**	0.006	50
Idade vs Estado Civil	0.582**	0.000	50
Género vs Habilitações Académicas	0.470**	0.001	50
Género vs 13d.Pode valorizar e promover os sítios, monumentos, dança, música, gastronomia e artesanato	0.317*	0.025	50
Habilitações Académicas vs Actividade Profissional	-0.452**	0.001	50
Habilitações Académicas vs 13 b.Pode dinamizar as actividades	0.343*	0.015	50
Habilitações Académicas vs 17 e .Cerimónias rituais	0.527**	0.008	24
Habilitações Académicas vs 17 f.Festas populares	-0.523**	0.009	24
Actividade Profissional vs 17 b.Sítios e monumentos	0.731**	0.000	24

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

Na tabela 33, e relativamente aos residentes de Ambriz, pode-se constatar a existência de correlação positiva e estatisticamente significativa entre as variáveis Idade e Estado Civil ($\rho(50) = 0.582 ; p = 0.000$), assim como entre a variável Actividade Profissional e a questão 17b - "Sítios e monumentos" ($\rho(24) = 0.731 ; p = 0.000$).

Tabela 34. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Luanda)

Variáveis / Questões	rho	p-value	N
Idade vs Nacionalidade	0.212**	0.003	201
Idade vs Estado Civil	0.274**	0.000	201
Idade vs 16 a.Melhorias em Luanda do nível: [Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade]	-0.207**	0.003	201
Idade vs 16 c.Moral, atitude e comportamento dos residentes	-0.150*	0.033	201
Género vs 13 c.Pode criar muitos negócios e empregos para os-	0.164*	0.020	201
Género vs 15 e.Gastronomia local	-0.153*	0.030	201
Habilitações Académicas vs 13 e.Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria	-0.262**	0.000	201
Habilitações Académicas vs 13 f.Pode contribuir para a-	0.173*	0.014	201
Estado Civil vs 13 e.Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria	-0.261**	0.000	201
Estado Civil vs 14 d.Pode degradar os locais históricos e as praias devido ao grande fluxo de visitantes	-0.204**	0.004	201

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

Na tabela 34, e relativamente aos residentes de Luanda, pode-se constatar a existência de correlação positiva e estatisticamente significativa entre as variáveis Idade e Estado Civil ($\rho(201) = 0.274 ; p = 0.000$), correlação negativa entre a variável Habilitações Académicas e a questão 13e - "Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria" ($\rho(201) = -0.262 ; p = 0.000$), assim como correlação igualmente negativa entre a variável Estado Civil e a questão 13e - "Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria" ($\rho(201) = -0.204 ; p = 0.000$).

Tabela 35. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Massangano)

Variáveis / Questões	Rho	p-value	N
Idade vs Actividade Profissional	0.322*	0.023	50
Idade vs Estado Civil	0.519**	0.000	50
Idade vs 13e.Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria	0.383**	0.006	50
Género vs Estado Civil	-0.593**	0.000	50
Habilitações Académicas vs Actividade Profissional	-0.311*	0.028	50
Habilitações Académicas vs Estado Civil	0.299*	0.035	50

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

Na tabela 35, e relativamente aos residentes de Massangano, pode-se verificar a existência de correlação positiva e estatisticamente significativa entre as variáveis Idade e Estado Civil ($\rho(50) = 0.519$; $p = 0.000$) e entre a variável Idade e a questão 13e - "Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria" ($\rho(50) = 0.383$; $p = 0.006$).

Tabela 36. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Soyo)

Variáveis / Questões	rho	p-value	N
Idade vs Actividade Profissional	0.426**	0.000	100
Idade vs Estado Civil	0.501**	0.000	100
Idade vs 15a. Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Sítios ligados a escravatura]	-0.235*	0.019	100
Idade vs 15f. Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual	-0.291**	0.003	100
Idade vs 16f. Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços	-0.224*	0.025	100
Género vs Nacionalidade	0.224*	0.025	100
Habilitações Académicas vs 14a. A actividade turística pode ser má para a cidade de Luanda porque? [Pode tornar a cidade suja]	-0.225*	0.024	100
Habilitações Académicas vs 15a. Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Sítios ligados a escravatura]	-0.200*	0.045	100
Actividade Profissional vs 16c. Moral, atitude e comportamento	-0.300**	0.002	100
Actividade Profissional vs 16f. Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços	-0.260**	0.009	100

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

Na tabela 36, e relativamente aos residentes ao Soyo, pode-se concluir pela existência de correlação positiva e estatisticamente significativa entre as variáveis Idade e Actividade Profissional ($\rho(100) = 0.426 ; p = 0.000$) e correlação negativa entre a variável Actividade Profissional e a questão 16c - "Moral, atitude e comportamento dos residentes" ($\rho(100) = -0.300 ; p = 0.002$).

7.3.2. Inquéritos aos visitantes

Tabela 37. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Ambriz)

Variáveis / Questões	rho	p-value	N
Idade vs Habilitações Académicas	0.368**	0.009	50
Idade vs Estado Civil	0.520**	0.000	50
Idade vs 11. Qual o motivo da sua visita em Luanda?	-0.436**	0.002	50
Habilitações Académicas vs Actividade Profissional	-0.602**	0.000	50
Habilitações Académicas vs 11. Qual é o motivo da sua visita	-0.692**	0.000	50
Habilitações Académicas vs 14. Onde está hospedado?	0.667**	0.000	50
Actividade Profissional vs 11. Qual é o motivo da sua visita em	0.460**	0.001	50
Actividade Profissional vs 14. Onde está hospedado?	-0.417**	0.003	50
Estado Civil vs 10a. Onde passa habitualmente as férias?	0.336*	0.017	50

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

Na tabela 37, e relativamente aos visitantes de Ambriz, pode-se verificar a existência de correlação positiva e estatisticamente significativa entre as variáveis Idade e o Estado Civil ($\rho(50) = 0.520 ; p = 0.000$) e correlação negativa entre a variável Actividade Profissional e a questão 14 - “Onde está hospedado?” ($\rho(50) = -0.417 ; p = 0.003$).

Tabela 38. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Luanda)

Variáveis / Questões	rho	p-value	N
Idade vs Nacionalidade	0.269**	0.006	102
Idade vs Estado Civil	0.467**	0.000	102
Idade vs 13. O que mais aprecia em Luanda?	0.197*	0.047	102
Idade vs 15. Visita a cidade acompanhado/a?	-0.195*	0.049	102
Nacionalidade vs 10a. Onde passa habitualmente as férias?	0.528**	0.000	102
Nacionalidade vs 12. Tempo de permanência?	0.380**	0.000	102
Habilitações Académicas vs 10a. Onde passa habitualmente as	0.293**	0.003	102
Estado Civil vs 10a. Onde passa habitualmente as férias?	0.330**	0.001	102
Estado Civil vs 12. Tempo de permanência?	0.226*	0.022	102

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

Na tabela 38, e relativamente aos visitantes de Luanda, pode-se verificar a existência de correlação positiva e estatisticamente significativa entre a variável Nacionalidade e a questão 10^a – “Onde passa habitualmente as férias?” ($\rho(102) = 0.528 ; p = 0.000$) e entre a variável Estado Civil e a questão 12. “Tempo de permanência?” ($\rho(102) = 0.226 ; p = 0.022$).

Tabela 39. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Massangano)

Variáveis / Questões	rho	p-value	N
Idade vs Habilitações Académicas	0.653**	0.000	53
Idade vs Estado Civil	0.480**	0.000	53
Idade vs 10a.Onde passa habitualmente as férias?	0.403**	0.003	53
Idade vs 13.O que mais aprecia em Luanda?	0.422**	0.002	53
Nacionalidade vs 10a.Onde passa habitualmente as férias?	0.568**	0.000	53
Habilitações Académicas vs Estado Civil	0.440**	0.001	53
Habilitações Académicas vs 10a.Onde passa habitualmente as	0.445**	0.001	53
Habilitações Académicas vs 13.O que mais aprecia em Luanda?	0.438**	0.001	53
Estado Civil vs 10a.Onde passa habitualmente as férias?	0.484**	0.000	53
Estado Civil vs 15. Visita a cidade acompanhado/a?	-0.453**	0.001	53

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

Na tabela 39, e relativamente aos visitantes de Massangano, pode-se constatar a existência de correlação positiva e estatisticamente significativa entre a variável Nacionalidade e a questão 10^a – “Onde passa habitualmente as férias?” ($\rho(53) = 0.568 ; p = 0.000$) e correlação negativa entre a variável Estado Civil e a questão 15 - “Visita a cidade acompanhado/a?” ($\rho(53) = -0.453 ; p = 0.001$).

Tabela 40. Coeficiente de correlação de Spearman, entre variáveis e questões (Soyo)

Variáveis / Questões	rho	p-value	N
Idade vs Estado Civil	0.319**	0.001	102
Idade vs 14.Onde está hospedado?	0.257**	0.009	102
Nacionalidade vs Actividade Profissional	0.313**	0.001	102
Nacionalidade vs 10a.Onde passa habitualmente as férias?	0.573**	0.007	102
Habilitações Académicas vs 10a.Onde passa habitualmente as	0.309**	0.002	102
Estado Civil vs 10a.Onde passa habitualmente as férias?	0.387**	0.000	102

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral)

Na tabela 40, e relativamente aos visitantes do Soyo, pode-se verificar a existência de correlação positiva e estatisticamente significativa entre a variável Habilitações Académicas e a questão 10 a – “Onde passa habitualmente as férias?” ($\rho(102) = 0.309$; $p = 0.002$) e entre a variável Estado Civil e a mesma questão 10a - ”Onde passa habitualmente as férias?” ($\rho(102) = 0.387$; $p = 0.000$).

7.4. Análise de independência de Qui Quadrado

7.4.1. Inquéritos aos residentes (Ambriz)

Tabela 41. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Género” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	G1	p-value
13d	8.461	2	0.015
14 ^a	8.461	3	0.037

Através da tabela 41, e para os residentes em Ambriz, verifica-se que a variável Género e as questões 13d – “A actividade turística pode ser boa para a vila de Ambriz porque? [pode valorizar e promover os sítios, monumentos, dança, música, gastronomia e artesanato]” e 14a – “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz porque?

[pode tornar a cidade suja e congestionada]”, não são independentes ($\chi^2(2) = 8.461 ; p = 0.015$) e ($\chi^2(3) = 8.461 ; p = 0.037$), respectivamente.

Tabela 42. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Naturalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	Gl	p-value
13 ^a	50.000	15	0.000
13b	54.043	30	0.005
13d	49.583	30	0.014
13e	49.500	30	0.014
13f	82.554	45	0.001
14b	73.205	45	0.005
14c	75.921	45	0.003
14d	123.269	60	0.000
14e	114.177	60	0.000
15 ^a	95.111	45	0.000
15b	85.144	45	0.000
15e	89.221	45	0.000
16 ^a	115.455	45	0.000
16e	86.979	45	0.000
16f	85.178	45	0.000

Através da tabela 42, e para os residentes em Ambriz, verifica-se que a variável Naturalidade e, por exemplo, as questões 14d – “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz porque? [Pode degradar os locais históricos e as praias devido ao grande fluxo de visitantes] ” e 16f – “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Ambriz do nível: [Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços] ”, não são independentes ($\chi^2(60) = 123.269 ; p = 0.000$) e ($\chi^2(45) = 85.178 ; p = 0.000$), respectivamente.

Tabela 43. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Académicas” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	Gl	P-value
13b	16.664	8	0.034
13f	31.772	12	0.002
14 ^a	40.520	12	0.000
14d	35.303	16	0.004
15 ^a	31.592	12	0.002
16 ^a	31.778	12	0.001
16c	22.823	12	0.029
16e	28.440	12	0.005
16f	27.172	12	0.007

Através da tabela 43, e para os residentes em Ambriz, verifica-se que a variável Habilitações Académicas e, por exemplo, as questões 14a – “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz porque? [Pode tornar a cidade suja e congestionada] ” e 16a – “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Ambriz do nível: [Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade] ”, não são independentes ($\chi^2(12) = 40.520 ; p = 0.000$) e ($\chi^2(12) = 31.778 ; p = 0.001$), respectivamente.

Tabela 44. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	Gl	P-value
13 ^a	15.986	4	0.003
13b	33.452	8	0.000
13c	51.646	12	0.000
13d	19.947	8	0.015
13f	23.176	12	0.025
14 ^a	40.520	12	0.000
14d	46.491	16	0.000
14e	66.316	16	0.000
15 ^a	40.176	12	0.000
15f	24.808	12	0.016
16 ^a	43.898	12	0.000
16e	25.387	12	0.013

Através da tabela 44, e para os residentes em Ambriz, verifica-se que a variável Actividade Profissional e, por exemplo, as questões 13b - “A actividade turística pode ser boa para a vila de Ambriz porque? [pode dinamizar as actividades económicas locais]” e 14d - “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz porque? [Pode degradar os locais históricos e as praias devido ao grande fluxo de visitantes]”, não são independentes ($\chi^2(8) = 33.452 ; p = 0.000$) e ($\chi^2(16) = 46.491 ; p = 0.000$), respectivamente.

Tabela 45. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	Gl	p-value
13e	9.661	4	0.047

Através da tabela 45, e para os residentes em Ambriz, verifica-se que apenas a variável Estado Civil e a questão 13e - “A actividade turística pode ser boa para a vila de Ambriz porque? [Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria] ”, não são independentes ($\chi^2(4) = 9.661 ; p = 0.047$).

7.4.2. Inquéritos aos residentes (Luanda)

Tabela 46. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Género” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	Gl	P-value
14e	10.488	4	0.033
14f	13.726	4	0.008
15 ^a	13.437	4	0.009
15e	12.150	4	0.016

Através da tabela 46, e para os residentes em Luanda, observa-se que a variável Género e, por exemplo, as questões 14e - “A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz porque? [Pode aumentar os preços dos bens e serviços]” e 15e - “Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Gastronomia local]”, não são independentes ($\chi^2(4) = 10.488 ; p = 0.033$) e ($\chi^2(4) = 12.150 ; p = 0.016$), respectivamente.

Tabela 47. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	P-value
15b	36.406	24	0.050
16b	44.318	24	0.007
16c	43.688	24	0.008

Através da tabela 47, e para os residentes em Luanda, observa-se que a variável Nacionalidade e, por exemplo, as questões 15b – “Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Monumentos Históricos] ” e 16c – “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Ambriz do nível: [Moral, atitude e comportamento dos residentes] ”, não são independentes ($\chi^2(24) = 36.406 ; p = 0.050$) e ($\chi^2(24) = 43.688 ; p = 0.008$), respectivamente.

Tabela 48. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Académicas” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	P-value
13e	31.414	16	0.012
14e	28.379	16	0.028
15 ^a	32.709	16	0.008

Através da tabela 48, e para os residentes em Luanda, verifica-se que a variável Habilitações Académicas e, por exemplo, as questões 13e - “A actividade turística pode ser boa para a vila de Ambriz porque? [Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria]” e 15a - “Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Sítios ligados a escravatura]”, não são independentes ($\chi^2(16) = 31.414 ; p = 0.012$) e ($\chi^2(16) = 32.709 ; p = 0.008$), respectivamente.

Tabela 49. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário

	Valor	gl	p-value
13 ^a	25.523	12	0.013
13b	31.283	12	0.002
13c	32.465	12	0.001
13d	28.626	12	0.004
13e	40.597	12	0.000
14b	27.738	12	0.006
14d	21.171	12	0.048
14e	21.828	12	0.039
15 ^a	35.792	12	0.000
15b	27.588	12	0.006
15d	25.477	12	0.013
15r	27.587	12	0.006
15f	38.945	12	0.000
16f	22.288	12	0.034

Através da tabela 49, e para os residentes em Luanda, verifica-se que a variável Estado Civil e, por exemplo, as questões 13e - “A actividade turística pode ser boa para a vila de Ambriz porque? [Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria]” e 15a - “Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Sítios ligados a escravatura]”, não são independentes ($\chi^2(12) = 40.597 ; p = 0.000$) e ($\chi^2(12) = 35.792 ; p = 0.000$), respectivamente.

7.4.3. Inquéritos aos residentes (Massangano)

Tabela 50. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Género” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
16f	10.543	4	0.032

Através da tabela 50, e para os residentes em Massangano, verifica-se que apenas a variável Género e a questão 16f - “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Ambriz do nível: [Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços]”, não são independentes ($\chi^2(4) = 10.543 ; p = 0.032$).

Tabela 51. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Académicas” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	P-value
13 ^a	27.814	15	0.023
15 ^a	32.296	20	0.040
16e	31.837	20	0.045

Através da tabela 51, e para os residentes em Massangano, observa-se que a variável Habilitações Literárias e, por exemplo, as questões 13a - “A actividade turística pode ser boa para a vila de Ambriz porque? [Pode trazer muito mais visitantes para a cidade]” e 15a - “Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Sítios ligados a escravatura]”, não são independentes ($\chi^2(15) = 27.814 ; p = 0.023$) e ($\chi^2(20) = 32.296 ; p = 0.040$), respectivamente.

Tabela 52. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	P-value
15 ^a	32.296	20	0.040
15b	42.627	15	0.000
16e	32.071	20	0.043

Através da tabela 52, e para os residentes em Massangano, observa-se que a variável Actividade Profissional e, por exemplo, as questões 15a - “Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Sítios ligados a escravatura]” e 15b - “Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Monumentos Históricos]”, não são independentes ($\chi^2(20) = 32.296 ; p = 0.040$) e ($\chi^2(15) = 42.627 ; p = 0.000$), respectivamente.

7.4.4. Inquéritos aos residentes (Soyo)

Tabela 53. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	P-value
15d	8.698	3	0.034

Através da tabela 53, e para os residentes no Soyo, observa-se que apenas a variável Género e a questão 15d - “Que aspectos da cultura local considera mais importante? [Músicas populares e as danças]”, não são independentes ($\chi^2(3) = 8.698 ; p = 0.034$).

Tabela 54. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
16c	38.501	24	0.031
16d	49.575	24	0.002

Através da tabela 54, e para os residentes no Soyo, observa-se que a variável Actividade Profissional e as questões 16c - “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Ambriz do nível: [Moral, atitude e comportamento dos residentes]” e 16d - “Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Ambriz do nível: [Hábitos e costumes]”, não são independentes ($\chi^2(24) = 38.501 ; p = 0.031$) e ($\chi^2(24) = 49.575 ; p = 0.002$), respectivamente.

7.4.5. Inquéritos aos visitantes (Ambriz)

Tabela 55. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	21.834	12	0.039
19 ^a	62.061	18	0.000
19b	58.038	18	0.000
19c	38.531	12	0.000

Através da tabela 55, e para os visitantes em Ambriz, observa-se que a variável Nacionalidade e, por exemplo, as questões 19a - “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila de Ambriz? Classifique na escala seguinte: [Eventos culturais]” e 19c - “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila de Ambriz? Classifique na escala seguinte: [Sinalização dos pontos de interesse turístico]”, não são independentes ($\chi^2(18) = 62.061 ; p = 0.000$) e ($\chi^2(12) = 38.531 ; p = 0.000$), respectivamente.

Tabela 56. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Acadêmicas” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	21.250	6	0.007
11	53.782	24	0.000
14	37.602	16	0.002

Através da tabela 56, e para os visitantes em Ambriz, observa-se que a variável Habilitações Acadêmicas e, por exemplo, as questões 10a - “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?” e 11 - “Qual é o motivo da sua visita no Ambriz?”, não são independentes ($\chi^2(6) = 21.250 ; p = 0.007$) e ($\chi^2(24) = 53.782 ; p = 0.000$), respectivamente.

Tabela 57. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
12	31.541	20	0.048
19e	20.326	8	0.009

Através da tabela 57, e para os visitantes em Ambriz, observa-se que a variável Actividade Profissional e as questões 12 - “Tempo de permanência?” e 19e - “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila de Ambriz? Classifique na escala seguinte: [Rent-a-car, guias turísticos, roteiros, brochuras e mapas sobre a cidade]”, não são independentes ($\chi^2(20) = 31.541 ; p = 0.048$) e ($\chi^2(8) = 20.326 ; p = 0.009$), respectivamente.

7.4.6. Inquéritos aos visitantes (Luanda)

Tabela 58. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Género” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	P-value
12	13.820	5	0.017

Através da tabela 58, e para os visitantes em Luanda, observa-se que apenas a variável Género e a questão 12 - “Tempo de permanência?”, não são independentes ($\chi^2(5) = 13.820 ; p = 0.017$).

Tabela 59. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	P-value
10 ^a	51.516	16	0.000
13	28.245	15	0.030
14	34.278	16	0.005
19e	47.206	32	0.041
19f	48.991	32	0.028

Através da tabela 59, e para os visitantes em Luanda, verifica-se que a variável Nacionalidade e as questões 10a - “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?” e 14 - “Onde está hospedado?”, não são independentes ($\chi^2(16) = 51.516 ; p = 0.000$) e ($\chi^2(16) = 34.278 ; p = 0.005$), respectivamente.

Tabela 60. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Académicas” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	19.999	10	0.029
14	19.979	10	0.029

Através da tabela 60, e para os visitantes em Luanda, observa-se que a variável Habilitações Académicas e as questões 10a - “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?” e 14 - “Onde está hospedado?”, não são independentes ($\chi^2(10) = 19.999 ; p = 0.029$) e ($\chi^2(10) = 19.979 ; p = 0.029$), respectivamente.

Tabela 61. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	P-value
13	16.991	8	0.030

Através da tabela 61, e para os visitantes em Luanda, observa-se que apenas a variável Actividade Profissional e a questão 13 - “O que mais aprecia no Ambriz?”, não são independentes ($\chi^2(8) = 16.991 ; p = 0.030$).

Tabela 62. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	15.073	6	0.020
11	34.854	18	0.010
12	25.021	15	0.050
13	17.125	6	0.009
19f	22.252	12	.035

Através da tabela 62, e para os visitantes em Luanda, verifica-se que a variável Estado Civil e, por exemplo, as questões 10a - “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?” e 13 - “O que mais aprecia no Ambriz?”, não são independentes ($\chi^2(6) = 15.073 ; p = 0.020$) e ($\chi^2(6) = 17.125 ; p = 0.009$), respectivamente.

7.4.7. Inquéritos aos visitantes (Massangano)

Tabela 63. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	41.691	18	0.001
12	63.018	45	0.039

Através da tabela 63, e para os visitantes de Massangano, verifica-se que a variável Nacionalidade e as questões 10a - “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?” e 12 - “Tempo de permanência?”, não são independentes ($\chi^2(18) = 41.691; p = 0.001$) e ($\chi^2(45) = 63.018 ; p = 0.039$), respectivamente.

Tabela 64. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Académicas” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
11	48.851	20	0.000
14	17.424	8	0.026
15	36.799	16	0.002

Através da tabela 64, e para os visitantes de Massangano, verifica-se que a variável Habilitações Académicas e, por exemplo, as questões 11 - “Qual é o motivo da sua visita a Massangano?” e 15 - “Visita a cidade acompanhado/a?”, não são independentes ($\chi^2(20) = 48.851 ; p = 0.000$) e ($\chi^2(16) = 36.799 ; p = 0.002$), respectivamente.

Tabela 65. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
11	37.875	25	0.048
14	20.828	10	0.022

Através da tabela 65, e para os visitantes de Massangano, verifica-se que a variável Actividade Profissional e as questões 11 - “Qual é o motivo da sua visita a Massangano?” e 14 - “Onde está hospedado?”, não são independentes ($\chi^2(25) = 37.875; p = 0.048$) e ($\chi^2(10) = 20.828 ; p = 0.022$), respetivamente.

Tabela 66. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	14.769	4	0.005
15	26.058	8	0.001

Através da tabela 66, e para os visitantes de Massangano, verifica-se que a variável Actividade Profissional e as questões 10a - “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?” e 15 - “Visita a cidade acompanhado/a?”, não são independentes ($\chi^2(4) = 14.769; p = 0.005$) e ($\chi^2(8) = 26.058 ; p = 0.001$), respectivamente.

7.4.8. Inquéritos aos visitantes (Soyo)

Tabela 67. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Nacionalidade” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	52.131	18	0.000
15	57.552	36	0.013

Através da tabela 67, e para os visitantes do Soyo, observa-se que a variável Nacionalidade e as questões 10a - “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?” e 15 - “Visita a cidade acompanhado/a?”, não são independentes ($\chi^2(18) = 52.131; p = 0.000$) e ($\chi^2(36) = 57.552 ; p = 0.013$), respectivamente.

Tabela 68. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Habilitações Acadêmicas” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	26.683	12	0.009
11	49.553	30	0.014
15	39.330	24	0.025
19 ^a	43.015	12	0.000
19c	21.003	12	0.050

Através da tabela 68, e para os visitantes do Soyo, observa-se que a variável Habilitações Acadêmicas e, por exemplo, as questões 10a - “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?” e 19a - “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila de Ambriz? Classifique na escala seguinte: [Eventos culturais]”, não são independentes ($\chi^2(12) = 26.683; p = 0.009$) e ($\chi^2(12) = 43.015 ; p = 0.000$), respectivamente.

Tabela 69. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Actividade Profissional” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
19 ^a	23.450	12	0.024
19c	21.522	12	0.043

Através da tabela 69, e para os visitantes do Soyo, observa-se que a variável Actividade Profissional e as questões 19a - “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila de Ambriz? Classifique na escala seguinte: [Eventos culturais]” e 19c - “Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila de Ambriz? Classifique na escala seguinte: [Sinalização dos pontos de interesse turístico]”, não são independentes ($\chi^2(12) = 23.450; p = 0.024$) e ($\chi^2(12) = 21.522 ; p = 0.043$), respectivamente.

Tabela 70. Teste de independência de Qui-Quadrado, entre as variáveis “Estado Civil” e as restantes questões do inquérito por questionário

Variáveis / Questões	Valor	gl	p-value
10 ^a	22.824	6	0.001

Através da tabela 70, e para os visitantes do Soyo, verifica-se que apenas a variável Estado Civil e a questão 10^a – “Onde passa habitualmente as férias? Em que país?”, não são independentes ($\chi^2(6) = 22.824 ; p = 0.001$).

7.5. Análise dos resultados qualitativos dos inquéritos por entrevistas

No âmbito das entrevistas, foram inquiridos 10 responsáveis de diferentes áreas de trabalho, razão pela qual o guião de entrevista tenha sido direccionado a cada um consoante a sua especialidade, e não de forma linear para todos como aconteceu nos inquéritos individuais. Foi assim produzida a análise estatística dos mesmos, reportando as evidências estatísticas dos mais relevantes, acompanhadas dos respectivos gráficos ilustrativos.

Questão 1 – É do conhecimento geral que Angola desempenhou um papel preponderante durante a escravatura como território de caça, captura e comercialização de escravos transportados para outros continentes. Como profissional do sector, o que pode significar a proposta do Projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola?

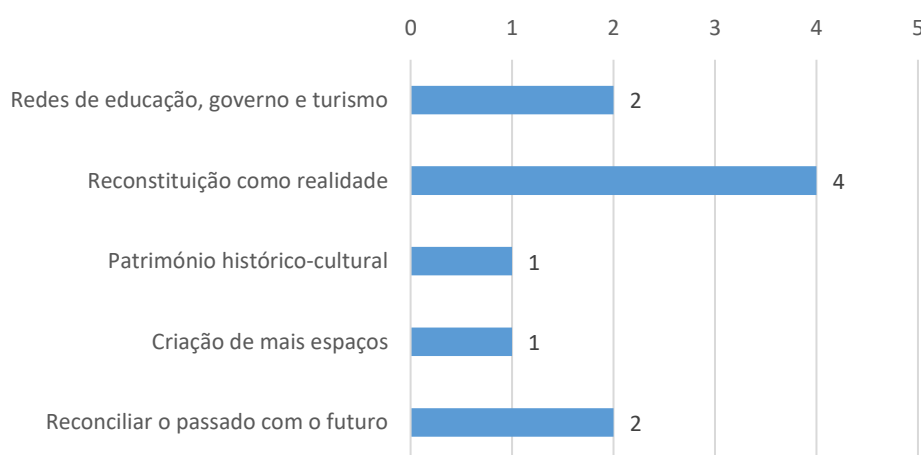


Figura 93. O que pode significar a proposta do Projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola?

Fonte: elaborado pelo autor

Na figura 96 se pode verificar que 4 dos entrevistados consideram que a proposta do Projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola tem que ser uma realidade, enquanto 2 referiram que são necessárias redes de educação com a participação do governo e para o fomento do turismo. Reconciliar o passado com o futuro também reuniu a opinião de 2 dos entrevistados.

Questão 2 – Sendo escravatura uma matéria multidimensional, visto que mexeu com a história, estrutura da demografia de todas as sociedades mundiais, acha que o Projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola, além de ser uma mais-valia para o Turismo, pode ser um veículo essencial para a promoção de Angola no exterior?

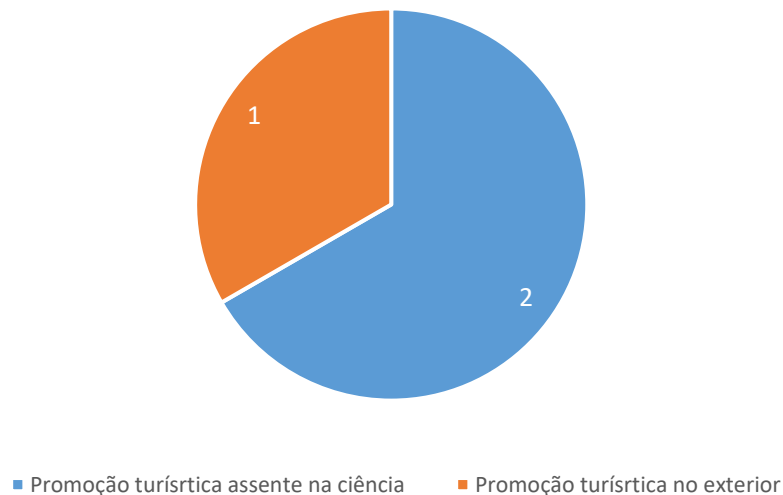


Figura 94. O Projecto pode ser um veículo essencial para a promoção de Angola no exterior?

Fonte: elaborado pelo autor

Na figura 97 se pode verificar que a promoção turística assente na ciência teve a opinião de 2 dos entrevistados, quando se analisa o facto de o projecto poder ser um veículo essencial para a promoção de Angola no exterior. Um diz respeito à promoção turística no exterior.

Questão 3 – Angola foi um dos principais países africanos que mais homens, mulheres e crianças perderam durante o tráfico de escravos e, paradoxalmente, é o país que não tem

quase nada que simbolize a história da escravatura. Concordaria com uma possível proposta de construção de monumentos e a definição de uma data comemorativa para homenagear os angolanos que foram vítimas da escravatura?

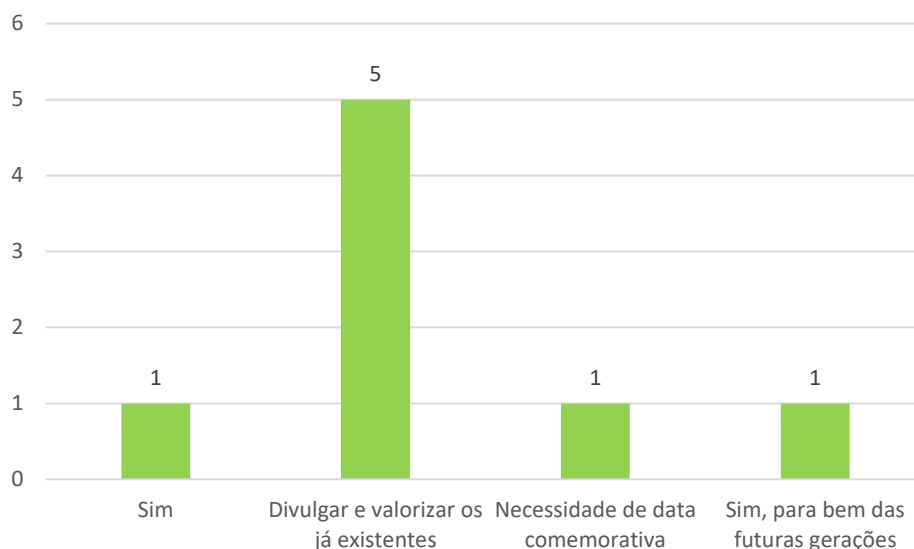


Figura 95. Proposta de construção de monumentos e a definição de uma data comemorativa para homenagear os angolanos que foram vítimas da escravatura?

Fonte: elaborado pelo autor

Foi solicitado aos entrevistados que opinassem sobre uma possível proposta de construção de monumentos e a definição de uma data comemorativa para homenagear os angolanos que foram vítimas da escravatura (figura 98). Foi afirmado por 5 que era importante divulgar e valorizar os monumentos já existentes, enquanto 1 referiu factores como a necessidade de uma data comemorativa e 1 afirma que são importantes para o bem das futuras gerações.

Questão 4 – Angola tem encontrado dificuldades em se posicionar no mercado internacional em termos turísticos, acha que o Projecto Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, pode contribuir para catapultar o seu país no mercado mundial?

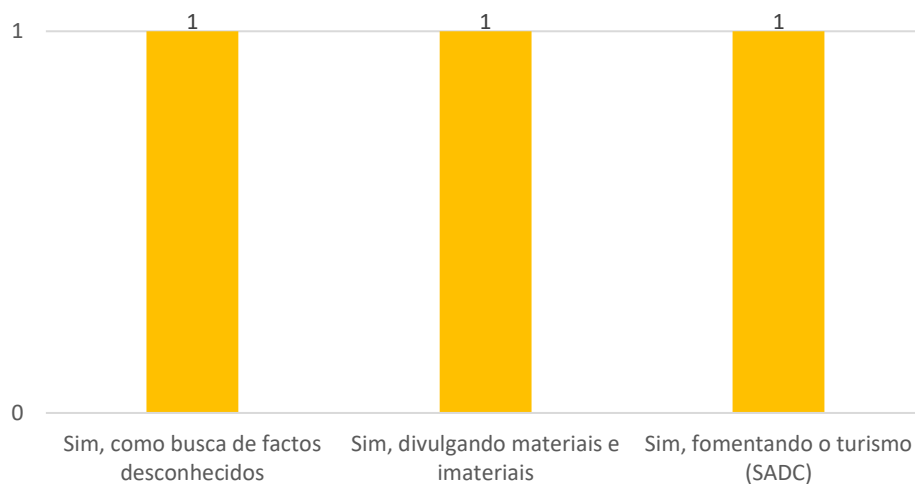


Figura 96. O Projecto Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, pode contribuir para catapultar o seu país no mercado mundial?

Fonte: elaborado pelo autor

Em relação à questão relacionada com a contribuição para catapultar Angola no mercado mundial (figura 99), observa-se que 1 dos entrevistados mencionou que o Projecto Rota Turística e Cultural de escravos em Angola é importante como busca de factos desconhecidos, 1 como forma de divulgar materiais e imateriais e outro fomentando o turismo (SADC).

Questão 5 – Se esse Projecto for importante para o seu sector, qual é o apoio que poderá oferecer para a sua

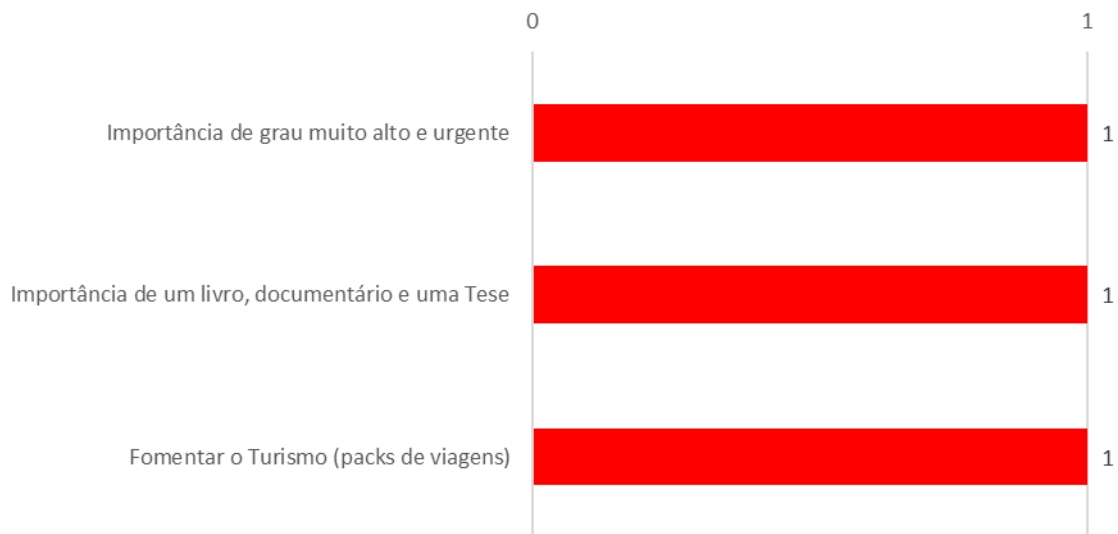


Figura 97. Qual é o apoio que o projecto poderá oferecer para a sua concretização, valorização e operacionalização?

Fonte: elaborado pelo autor

Na figura 100 se observar que 1 dos entrevistados acham que o projecto é de importância muito alta e urgente, no que se relaciona com a sua concretização, valorização e operacionalização. A importância de um livro, documentário e uma tese também foi a opinião de 1 dos entrevistados, e o mesmo valor para os que foram de opinião que o projecto pode fomentar o turismo, por exemplo através de pacotes turísticos especializados.

Questão 6 – Uma vez Reconstituída a Rota Turística e Cultural dos Escravos em Angola integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família ou amigos a percorrerem a mesma num período mínimo de 8 dias?

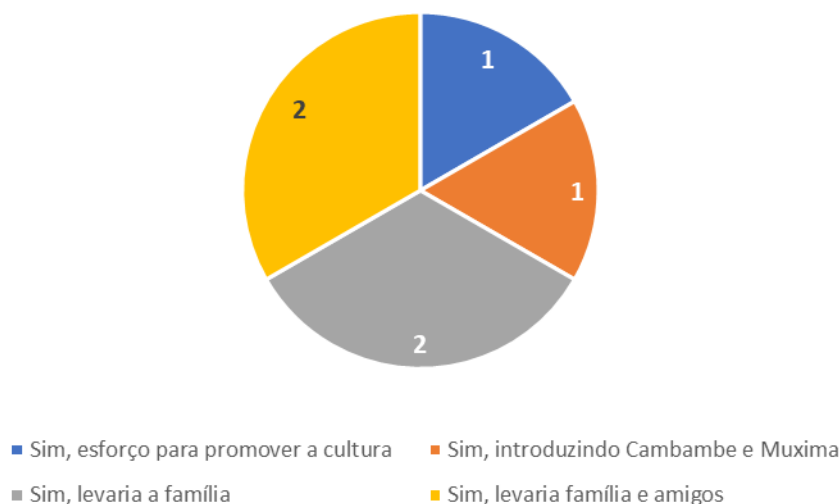


Figura 98. Levaria a sua família ou amigos a percorrerem a Rota Turística num período mínimo de 8 dias?

Fonte: elaborado pelo autor

Relativamente à questão se os entrevistados levariam a sua família ou amigos, por um período de 8 dias a percorrer a Rota Turística e Cultural dos Escravos em Angola integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, 2 afirmaram que levariam a família, 2 que levariam a família e amigos, 1 que deverá ainda de haver um esforço para promover a cultura, outro entrevistado afirmou que deverá ser incluído na Rota as localidades de Cambambe e Muxima.

Questão 7 – As Províncias do Bengo e Zaire foram palcos do fenómeno tráfico de escravos, mas precisamente nas localidades de Ambriz e Soyo, que se encontram totalmente abandonadas neste momento, há algum projecto com vista a recuperação, valorização e divulgação desses locais?



Figura 99. Há algum projecto com vista a recuperação, valorização e divulgação desses locais?

Fonte: elaborado pelo autor

Enquanto 1 dos entrevistados (Ambriz) afirmaram que a promoção de visitas será útil para gerar receitas, outro mencionou que a promoção deste projecto poderá apoiar na recuperação de diversos locais de interesse local (Zaire).

Questão 8 – Observando os poucos vestígios existentes em Angola ligados à escravatura, quase todos em estado de abandono, nota-se que não há sensibilidade das autoridades angolanas sobre essa matéria, diferente de outros países africanos. Qual é a sua opinião sobre a constatação?

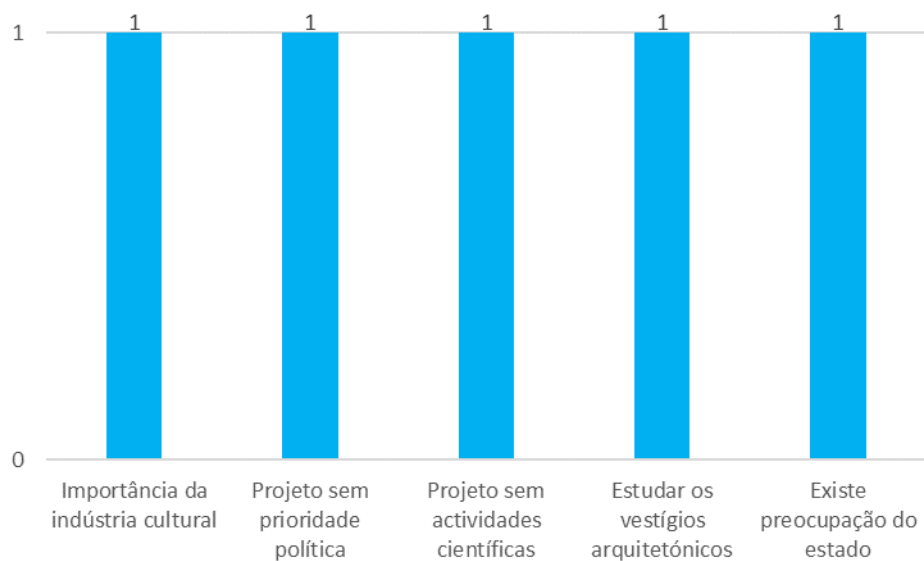


Figura 100. Qual é a sua opinião sobre a constatação?

Fonte: elaborado pelo autor

Na figura 103 observa-se que as respostas dos entrevistados foram equitativas, ou seja, factores como a importância da indústria cultural, um projecto sem prioridade política, um projecto sem actividades científicas, o facto de estudar os vestígios arquitectónicos e a existência de preocupação da parte do Estado, foram mencionadas em cada um de 5 entrevistados, relativamente à opinião de cada um sobre a constatação da existência de poucos vestígios em Angola ligados à escravatura.

Questão 9 – A reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola, visa entre outros objectivos, a definição do dia 23 de agosto como data comemorativa na cidade de Mbanza Kongo, do comércio triangular, alguma opinião ou comentário?

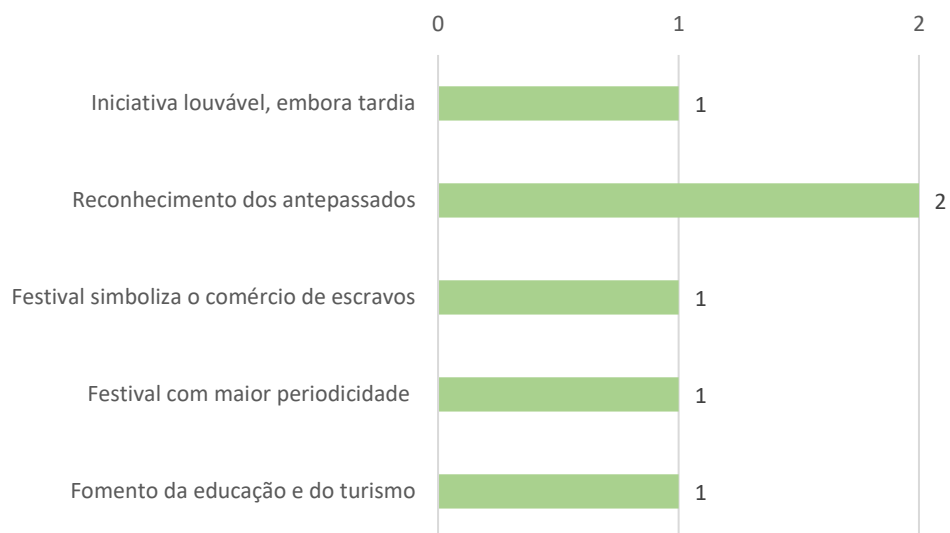


Figura 101. Tem alguma opinião ou comentário sobre o dia 23 de agosto na cidade de Mbanza Kongo?

Fonte: elaborado pelo autor

Em relação ao acontecimento “”, no dia 23 de agosto, 2 dos entrevistados referiram que é importante para o reconhecimento dos antepassados, enquanto que cada um de 4 entrevistados, referiu que a iniciativa é louvável embora tardia, que o festival simboliza o comércio de escravos, que o festival deveria ter maior periodicidade e que o festival vem fomentar a educação e o turismo.

Questão 10 – Gostaria de fazer mais algum comentário adicional sobre o referido projecto?

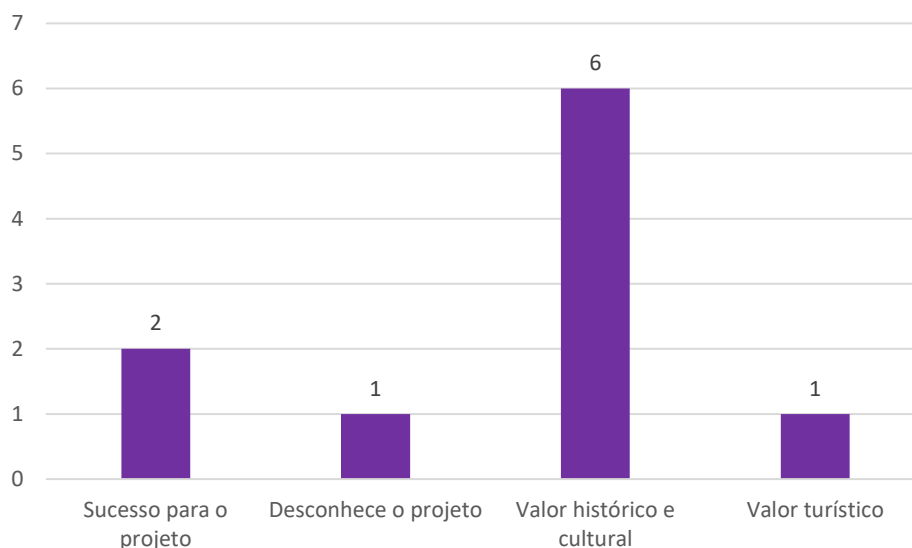


Figura 102. Gostaria de fazer mais algum comentário adicional sobre o referido projecto?

Fonte: elaborado pelo autor

Por último, foi colocada uma questão em que permitia aos entrevistados fazerem um comentário adicional sobre o Projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola. Assim, verifica-se que 6 dos mesmos realçou o valor histórico e cultural, 2 desejaram sucesso para o projecto, 1 apresentou o valor turístico como importante, enquanto 1 manifestou desconhecimento pelo projecto.

Com os resultados obtidos no presente capítulo, conseguiu-se ter uma melhor apreciação da situação real do património histórico e cultural angolano ligado ao tráfico negreiro e a dimensão do trabalho ainda por fazer para a sua preservação, valorização e divulgação. O capítulo a seguir constituiu a essência do trabalho desta tese de doutoramento visto que, se debruça sobre a concepção e Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola.

VIII. CAPÍTULO – CONCEPÇÃO E RECONSTITUIÇÃO DA GEOGRAFIA DAS ROTAS DE ESCRAVOS EM ANGOLA

A reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola constitui o objectivo primordial e a razão de ser desta tese, projecto essencial e fundamentalmente histórico, que pretende se transformar numa plataforma e alavanca para a promoção do turismo angolano através do seu passado histórico extraordinário, mas também triste, considerando as suas consequências.

A Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola é uma estrutura esquematizada composta por quatro localidades que foram palco do fenómeno tráfico de escravos, nomeadamente Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, pertencentes as províncias do Zaire, Bengo, Cuanza Norte e Luanda respectivamente. Serão reforçadas pela integração da cidade de Mbanza Kongo, antiga capital do Reino do Kongo, hoje Património Mundial, que também desempenhou um papel preponderante durante a escravatura, sobretudo na sua fase embrionária. Mbanza Kongo é indicada para ser o local de acolhimento do Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro da Africanidade em Angola.

A cidade de Luanda, sendo a única detentora de um aeroporto internacional que serve o país, será a única porta de entrada e saída de todos os participantes ao certame nesta fase inicial, salvo os provenientes dos países da região que entrarão através das diferentes fronteiras terrestres que depois seguirão para Mbanza Kongo, onde decorrerá o Festival Bianual. Com a duração de dois dias de intensas actividades comemorativas em homenagem aos ilustres visitantes, cujos ancestrais deixaram as suas terras de origem por força das circunstâncias históricas e pela ambição desmedida e desumana dos homens daquela época.

Nesta perspectiva, depois das festividades de Mbanza Kongo, a comitiva seguirá para a localidade do Soyo, que será em termos práticos a primeira localidade da Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola a ser visitado, onde se cumprirá um programa de aproximadamente dois dias. De seguida será a partida para a vila de Ambriz, cuja trajectória cobrirá cerca de três horas e meia, numa visita rápida de aproximadamente quatro horas de permanência, antes da ida à Massangano, para dois dias.

Visitar o centro histórico de Massangano é visitar “um museu ao céu aberto”, devido a concentração de um manancial de acervo histórico nacional no mesmo espaço, sem

esquecer o imponente património turístico natural na sua envolvência com características geográficas, que clamam pela sua valorização, divulgação e exploração racional para contribuir no bem-estar das populações locais e no desenvolvimento da região e consequentemente do país.

No seguimento do cumprimento da Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola a caravana seguirá para Luanda, onde observará a última parte do programa, vivenciando o património histórico, com maior destaque a “cidade velha”, que foi um dos maiores centros de tráfico de escravos da África. Dessa localidade partiram cerca de quatro milhões de almas vítimas da escravatura durante o comércio triangular. Apesar de não ter quase nada em termos de vestígios que demonstre a dimensão da perda de vidas humanas, os efeitos são sentidos no fraco crescimento populacional do país até aos dias de hoje. A visita a Luanda deverá durar pelo menos dois dias, tendo em conta a dimensão da cidade, os motivos históricos, culturais e de lazer existentes e por ser o maior centro urbano de Angola.

A Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola está a ser concebida para se transformar num projecto real, concreto e operacional com a realização já de alguns testes práticos congregando profissionais hoteleiros e turísticos, diplomatas acreditados em Angola, experiências que serviram de antecâmara daquilo que será a sua estrutura final e combinada com uma duração previsional de oito (8) dias no mínimo, para visita das quatro localidades, podendo levar mais tempo caso haja interesse por parte dos turistas ou dos organizadores da viagem.

Importa mencionar que, independentemente da realização do Festival Turístico e Cultural Bianual da Africanidade de Encontro em Mbanza Kongo, os locais que integram a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola deverão realizar actividades culturais nos seus programas específicos locais, podendo ser visitados por cidadãos nacionais ou estrangeiros, residentes e não, a qualquer momento e de forma combinada ou isolada. Através da criação de pacotes turísticos concebidos e comercializados pelas agências de viagens e tours operadores está prevista a criação de roteiros turísticos das diferentes localidades que integram o projecto para permitir maior movimento e rotação de fluxos turísticos nos referidos espaços geográficos.

Para melhor conhecimento e compreensão de como está estruturalmente esquematizada a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, as figuras 106, 107, 108, 109, 110,

111, 112 e 113 ajudam a entender a sua composição, circuito e funcionamento em termos de operacionalidade, que será assegurada por profissionais das agências de viagens especializadas para esse tipo de viagens turísticas.

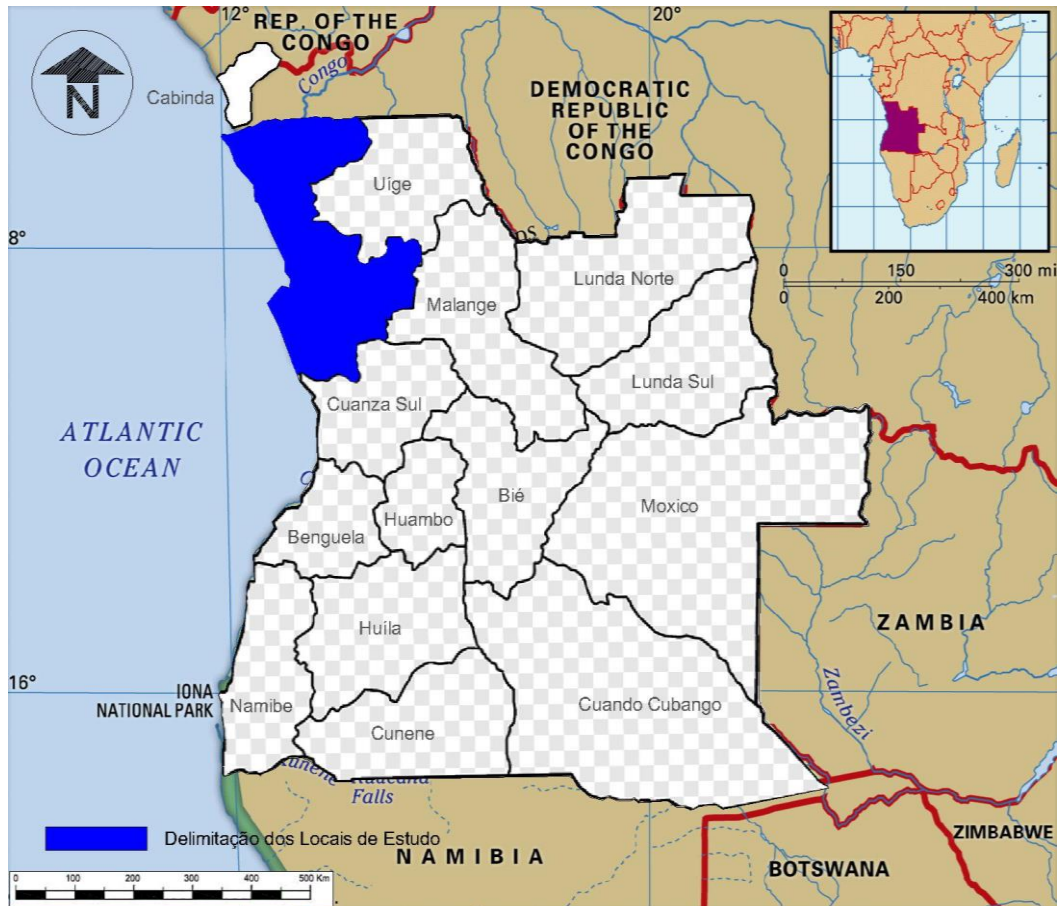


Figura 103. Mapa da delimitação dos locais estudos

Fonte: <https://www.britannica.com/place/Angola>, 2019, com adaptação do autor

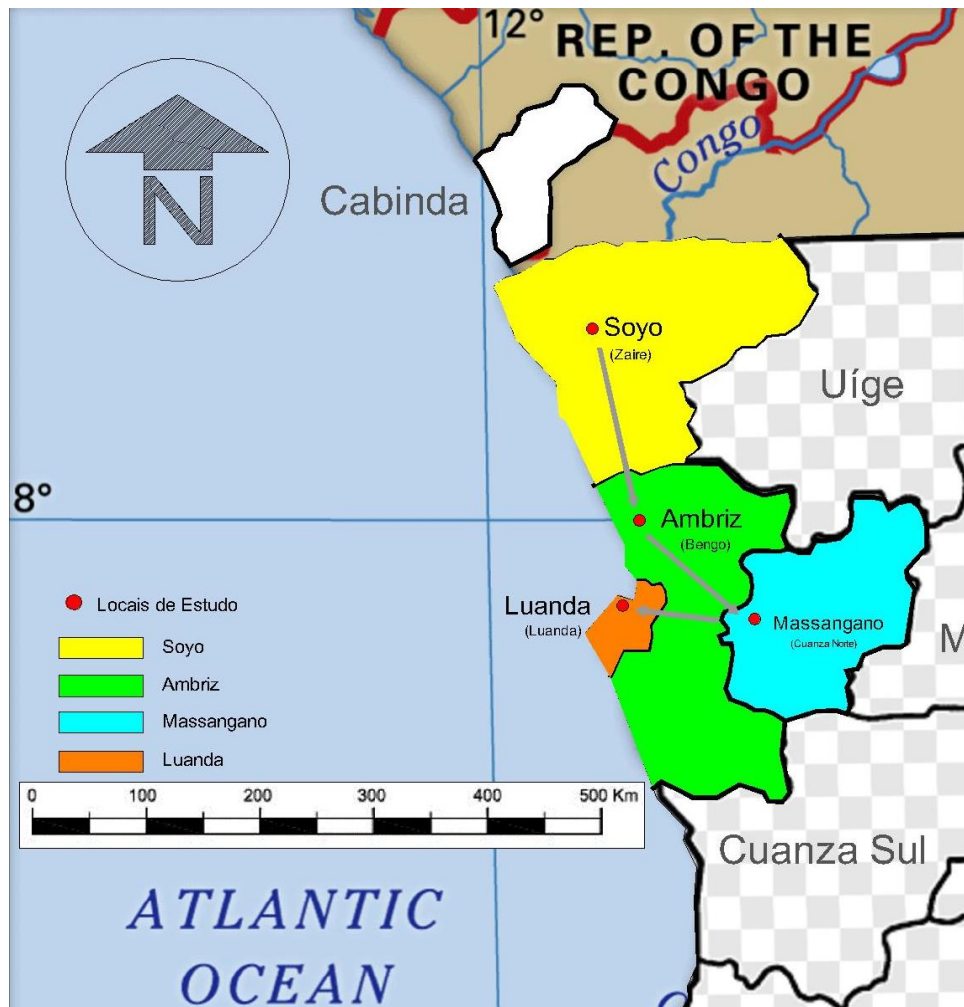


Figura 104. Composição da rota turística e cultural de escravos em Angola

Fonte: <https://www.britannica.com/place/Angola>, 2019, com adaptação do autor

“A people without the knowledge of their past history origin and culture is like a tree without roots”

By Marcus Garvey

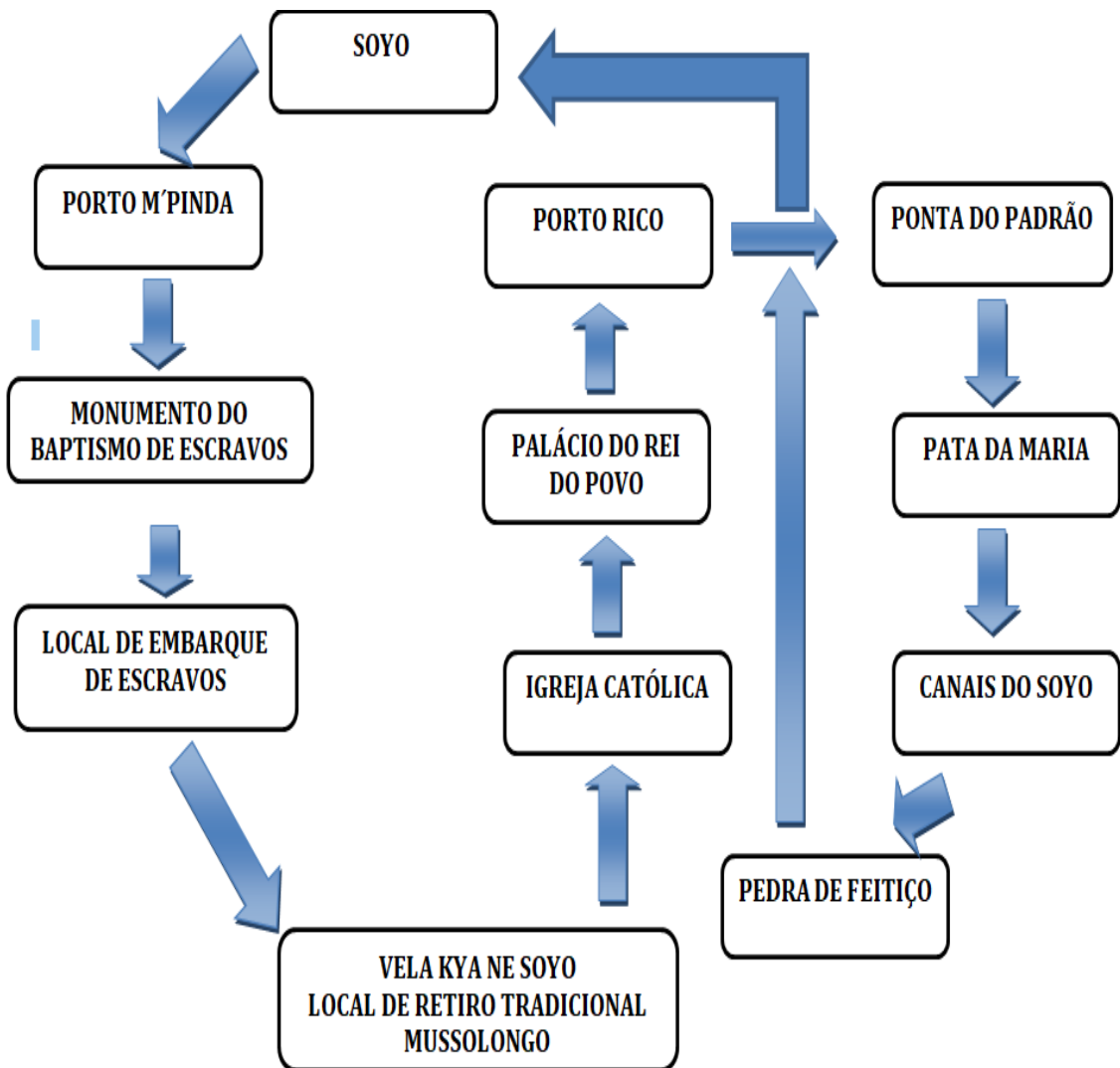


Figura 105. Rota turística e cultural de escravos do Soyo

Fonte: Elaboração própria

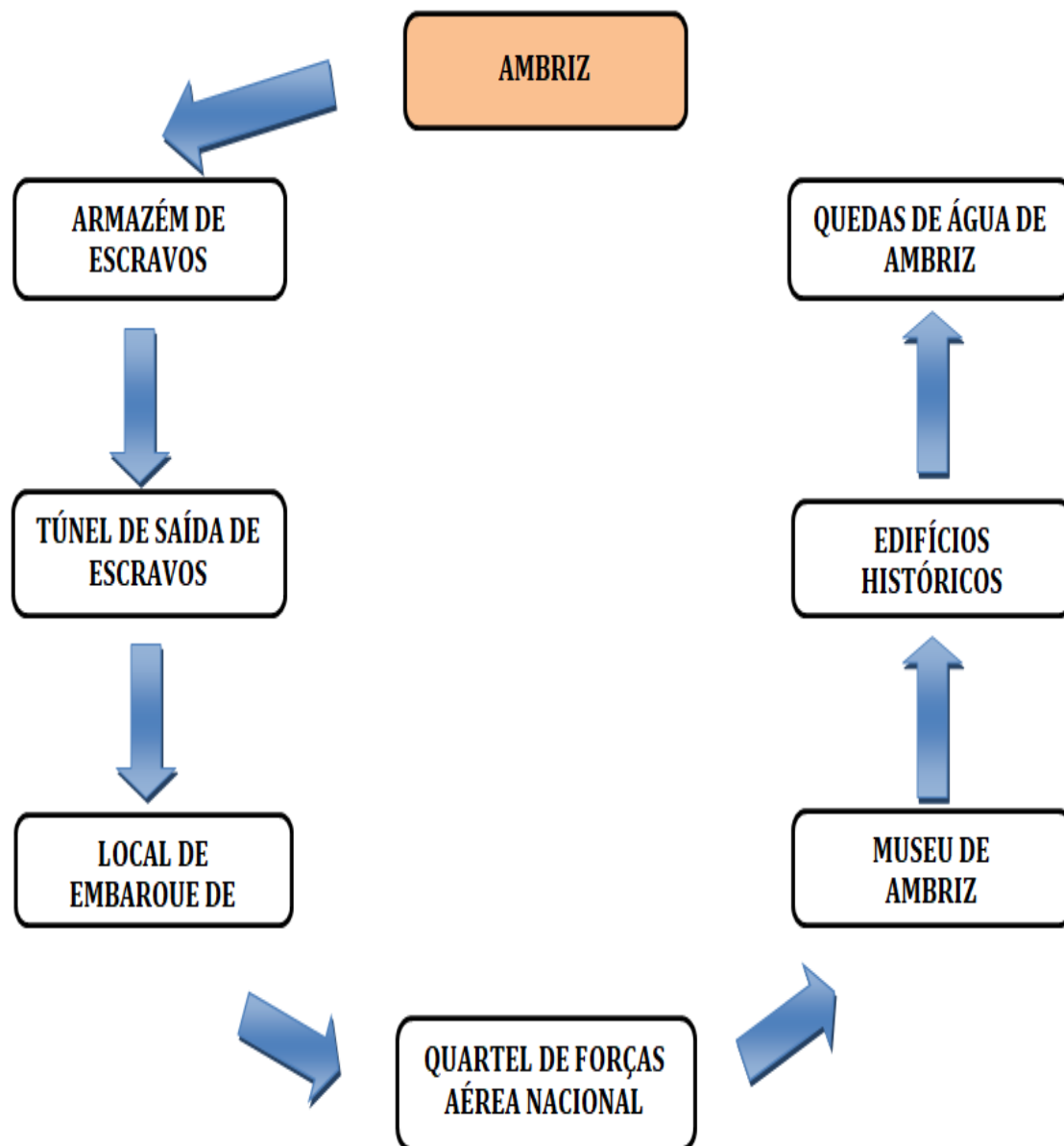


Figura 106. Rota turística e cultural de escravos de Ambriz

Fonte: Elaboração própria

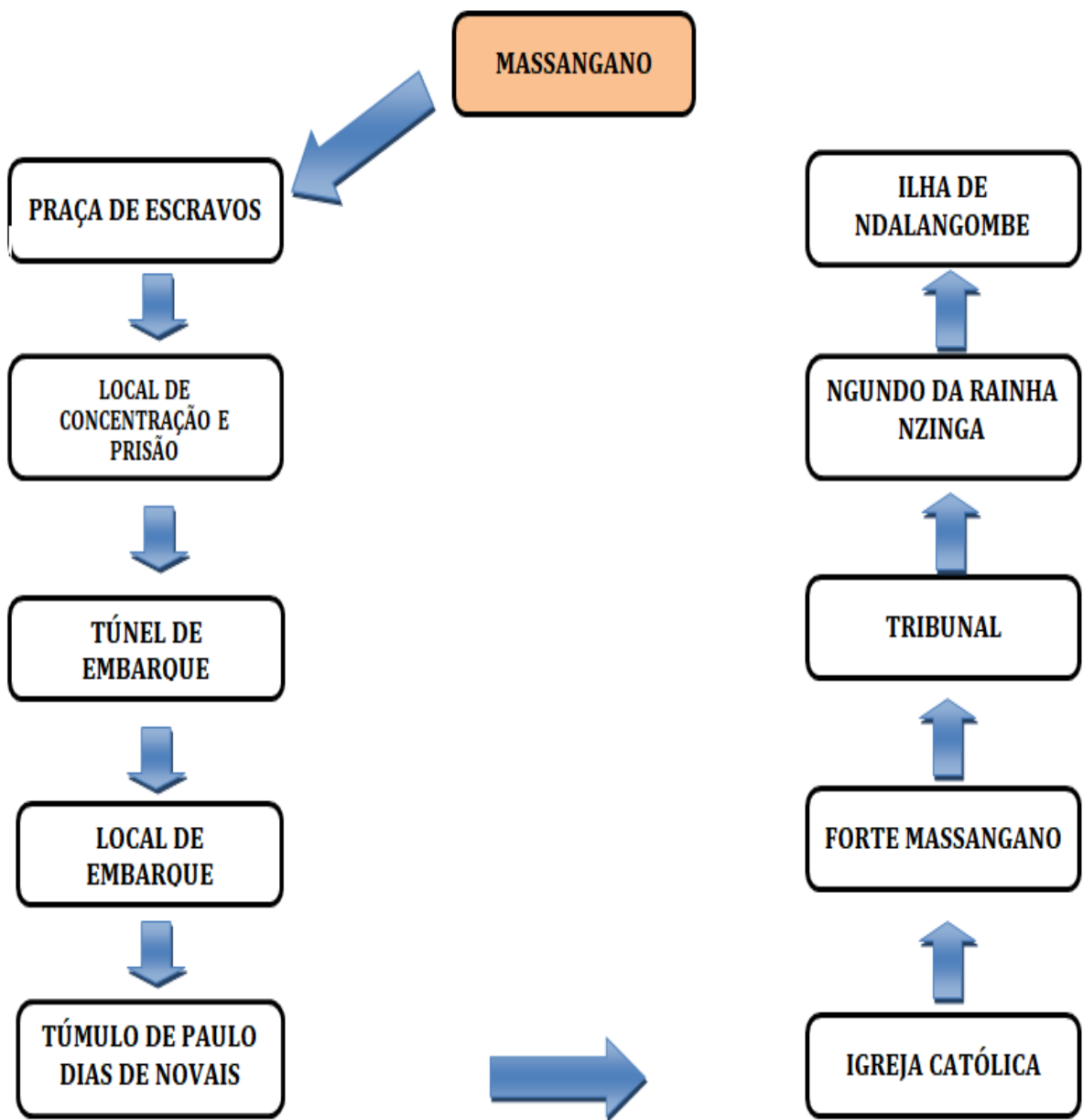


Figura 107. Rota turística e cultural de escravos de Massangano

Fonte: Elaboração própria

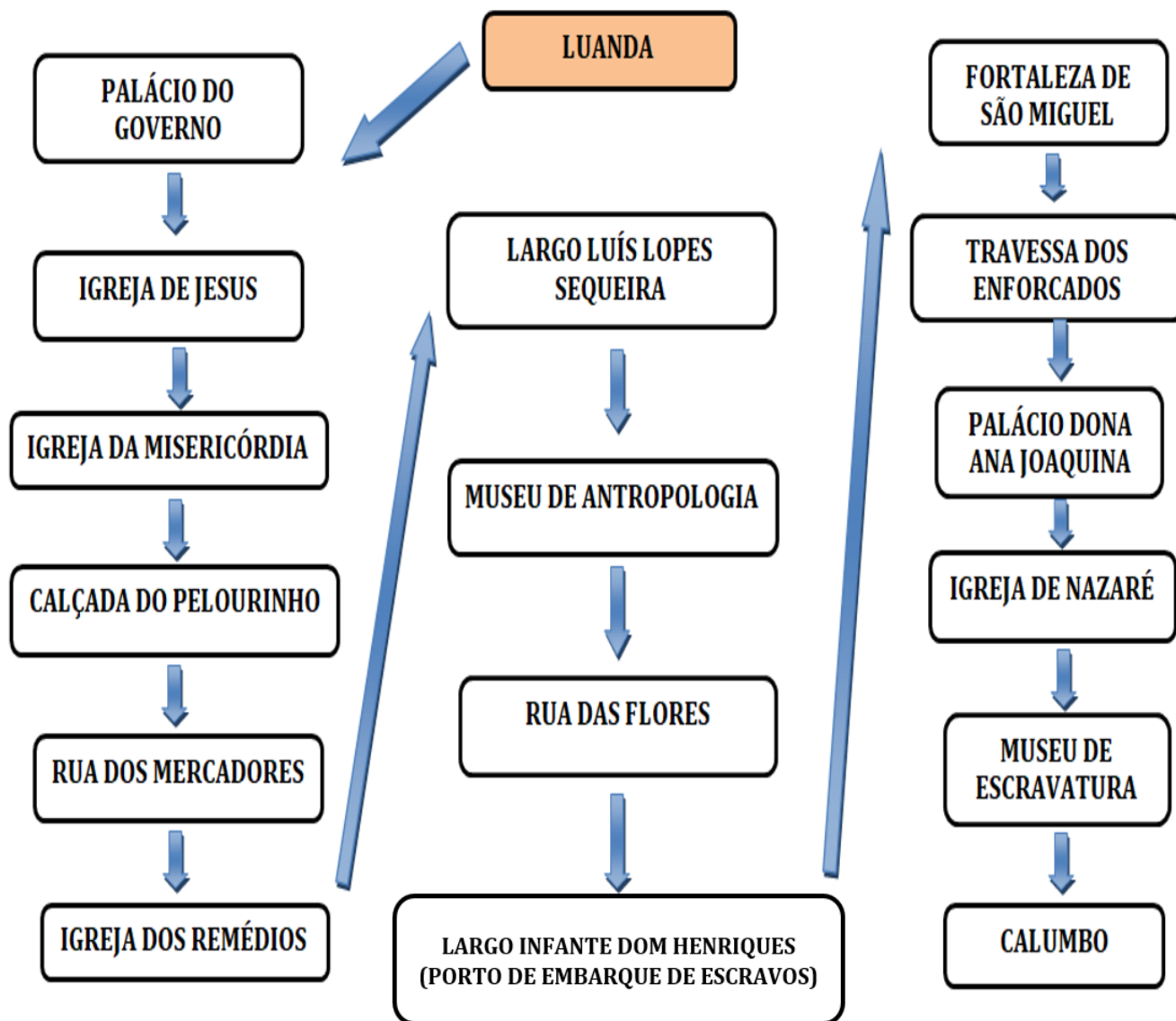


Figura 108. Rota turística e cultural de escravos de Luanda.

Fonte: Elaboração própria



Figura 109. Rota turística e cultural de escravos em Angola.

Fonte: Elaboração própria

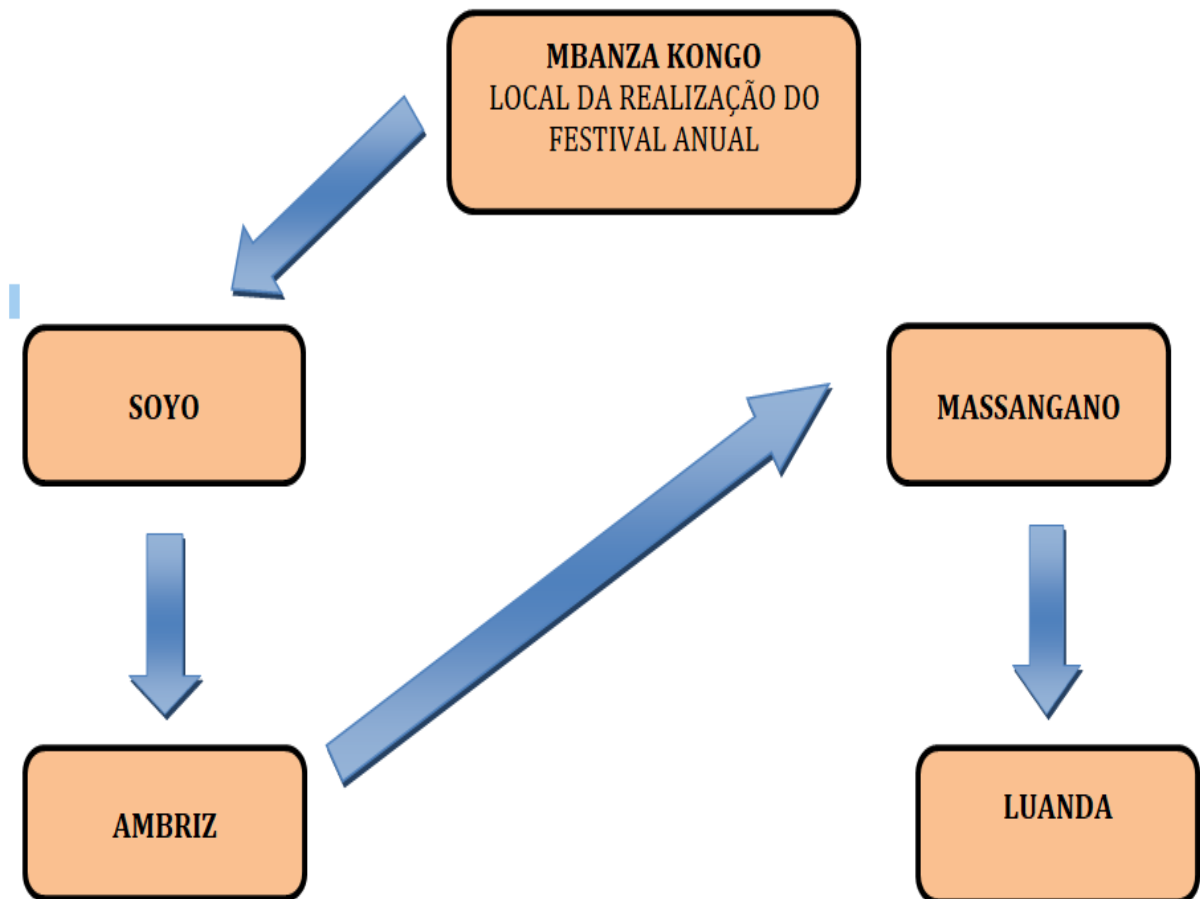


Figura 110. Circuito da rota turística e cultural de escravos em Angola

Fonte: Elaboração própria

8.1. Concepção do Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro da Africanidade em Angola

A concepção do Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro da Africanidade (FIBERAA), entre filhos de diferentes nações hoje, mas da mesma raiz cultural, visa a criar um ambiente propício de debates e intercâmbio ou ainda troca de experiências entre os visitantes e visitados, bem como facilitar a interação entre as partes, através das múltiplas actividades que serão realizadas durante o evento. O Festival permitirá aos seus participantes viver, reviver e desfrutar do manancial histórico-cultural herdado dos ancestrais que partiram para novo mundo e para eternidade. Muitos já ouviram falar, e será a grande oportunidade de vivenciar pessoalmente, sentindo a carga histórica e cultural do Reino do Kongo.

O FIBERAA será realizado sempre no dia 23 de agosto com a duração de dois dias. O mesmo terá lugar em Mbanza Kongo – Kongo Dya Ntotela – Património Mundial, uma cidade fundada pelo Rei Nimi-a-Lukeni, terra onde a célebre frase do poeta maliano e de todas as gerações, Amadou Hampâté Ba, pronunciada em 1962 transformada, hoje em provérbio africano: “em África quando um mais velho morre, é uma biblioteca que se queima”. Terra mística da profetisa Kimpa Vita ou Dona Beatriz e do Dom Saku Ne Vunda ou António Manuel N’vunda ou ainda o Negrita – o primeiro embaixador negro africano junto da Santa Sé, no Vaticano. Terra também do Don Lukeni Lwa Nzinga ou Henrique, consagrado como o primeiro Bispo negro e africano em Portugal, em 1704.

Durante a realização do certame com a duração de 2 dias, serão levadas a cabo múltiplas actividades, mas concretamente:

Mesa redonda

Será um momento de reflexão, interação e debate sobre vários temas, essencialmente ligados a história do Reino do Kongo, da sua fundação, apogeu até ao declínio, a multidimensional história do tráfico de escravos e outros assuntos de interesse geral.

Feira de artesanato

Serão realizadas feiras periódicas onde participarão representantes das quatro localidades que integram a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, dando-lhes a

oportunidade de evidenciar, valorizar, divulgar e comercializar os seus produtos culturais, a sua arte e o seu *savoir-faire* junto dos participantes, como ilustra a figura 114.



Figura 111. Feira de artesanato da Ilha de Luanda.

Fonte: Autor (2019)

Concurso de gastronomia

A gastronomia é uma componente fundamental de promoção turística, constituindo-se num elemento diferenciador entre uma localidade, região ou país, dando uma dimensão incontornável e fama aos empreendimentos turísticos, restaurantes e ao próprio destino turístico.

Gonçalves (2016) refere que a alimentação constitui a primeira necessidade biológica do homem desde tempos remotos. Constitui uma necessidade espiritual que é a base das suas actividades sociais. Desde o nascimento e a sua presença na terra, o homem valorizou a cozinha dos alimentos. Dizem os antropólogos que a gastronomia nasceu com o descobrimento do fogo e evoluiu mediante a criatividade das comunidades.

Segundo Santos e Cravidão (2015) “a presença da gastronomia nas estratégias promocionais dos destinos turísticos é um facto que caracteriza o papel relevante que os atractivos culinários locais assumiram na pós-modernidade no processo de formação dos produtos turísticos”. De acordo com Schuter, citado por Santos e Cravidão (2015) a dimensão social e cultural da gastronomia determinou que esta fosse incorporada às

políticas de património cultural. A utilização pelo turismo do património cultural determina que a gastronomia cada vez mais adquirira importância no momento de promover um destino e captar correntes turísticas.

Na visão de Dolores e Corner (2008), a gastronomia enquanto um património cultural imaterial se constituiu na herança passada de uma geração à outra de sua cozinha, seus costumes e gostos como factor de comunicação, por ser considerada uma linguagem própria dos que possuem a mesma origem. Para Barroco e Barroco (2008), o acto de se alimentar não é apenas biológico, mas é também social e cultural. Possui um significado simbólico para sociedade, e para cada cultura. É factor de diferenciação cultural, uma vez que a identidade é comunicada pelas pessoas também através do alimento, que reflecte as preferências, as aversões, identificações e discriminações.

De acordo com Furtado (2004), citado por Santos e Cravidão (2015), a gastronomia como produto turístico é um importante motivador e mesmo quando não é o motivo e/ou elemento principal, sempre estará inserida no contexto e terá o seu papel de destaque num evento turístico, como uma viagem, passeio, feira ou reuniões. Em suma, há destinos turísticos conhecidos hoje no mundo graças a sua expressão gastronómica como o caso de Couscous em Marrocos, Pizza na Itália, Hambúrguer nos Estados Unidos e Bacalhau com natas e Vinho do Porto em Portugal. As figuras 115 e 116 ilustram alguns pratos típicos do norte de Angola.



Figura 112. Safú e Mandioca fervida.

Fonte: Guia dos locais históricos de Mbanza Kongo



Figura 113. Kikuanga, kisaka e bacalhau

Fonte: Guia dos locais históricos de Mbanza Kongo

Nesta perspectiva, e partindo do princípio de que a gastronomia constitui a mais forte expressão da identidade cultural de um povo, serão realizados concursos gastronómicos, onde serão expostas e evidenciadas as diferentes iguarias das quatro localidades da Rota, visando a sua valorização, divulgação e promoção junto dos visitantes.

É fundamental enfatizar que Angola, tendo em conta a sua extensão territorial e a diversidade cultural do seu povo, dispõe de uma gastronomia rica, bastante variada e diferenciada de região a região, o que dará uma outra dimensão ao referido concurso, visto que concorrerão quatro províncias diferentes, incluindo a de Luanda capital do país.

Realização de concurso de dança

A dança sempre fez parte da manifestação cultural dos povos africanos desde os seus ancestrais, mas para o povo angolano em especial e particularmente o bakongo, cada dança tem o seu significado, assim como o canto e a música, ou seja, cada momento de dança transmite uma mensagem específica que pode ser de alegria ou tristeza. Há danças para desejar boas-vindas aos visitantes, danças para comemorar efemérides oficiais, privadas (como comemorações oficiais, casamentos, baptismos, cerimónias fúnebres e outras).

Para o FIBERAA preconiza-se a realização de concurso de dança tradicional das 4 localidades do projecto onde irão competir e demonstrar as suas valências e os vencedores

terão prémios simbólicos com vista a motivá-los a continuar a valorizar, preservar e divulgar a tradição e cultura angolana, numa primeira fase. Na segunda fase, os vencedores irão partilhar o palco com os visitantes, isto é, dançarão com visitantes para transmitir os dotes tradicionais e culturais aos participantes, criando assim um ambiente de interacção entre visitantes e visitados. As figuras 117 e 118, ilustram momentos de confraternização e dança entre a população da localidade visitada e os visitantes.



Figura 114. Dança tradicional defronte a Igreja de Mbanza Mazina.

Fonte: Autor (2018)



Figura 115. Momento de convívio entre os diplomatas e a população local.

Fonte: Autor (2018)

Visita guiada ao Centro Histórico de Mbanza Kongo

Depois da realização da mesa redonda e todas outras actividades, a parte final será reservada para uma visita guiada aos locais históricos e vestígios do antigo Reino do Kongo, obedecendo o Roteiro Turístico de Mbanza Kongo já concebido, para permitir aos visitantes e turistas compreenderem melhor a dimensão da história do referido reino, fazendo parte hoje da lista do Património Mundial da UNESCO.

Roteiro turístico de Mbanza Kongo

Independentemente das actividades tradicionais e culturais que serão realizadas em Mbanza Kongo, serão também realizadas outras manifestações culturais em todas as localidades do projecto, onde cada uma demonstrará as suas valências, dessa vez sem concorrentes, tendo uma sublime oportunidade para promover o seu património cultural imaterial (danças, músicas, cantos e histórias etc...).

É fundamental referenciar que, atendendo que o FIBERAA terá lugar na capital do antigo Reino do Kongo e como se sabe, durante a sua vigência congregava vários territórios que representam actualmente quatro países soberanos no paradigma actual do continente africano (repúblicas do Congo Brazzaville, Congo Kinshasa, Gabão e Angola), representa um grande potencial em termos de mercado para o festival. No entanto, existe já o Festikongo, o festival nascido da elevação dos vestígios da cidade a Património Mundial, que congrega os referidos países, mas são dois conceitos diferentes.

Um dos grandes objectivos é de ajudar o país a se posicionar como destino turístico na vertente Rota de Escravos e consequentemente aumentar a sua quota de mercado em termos de chegadas e receitas turísticas internacionais, através da oferta de um produto turístico diferenciado e de difícil imitação, baseado na força da sua história ou identidade cultural herdada dos seus ancestrais. Sintetizando, eis aqui o resumo dos grandes momentos do FIBERAA:

- Mesa redonda;
- Visita guiada ao Centro Histórico de Mbanza Kongo;
- Feira de artesanato e objectos de arte;
- Concurso de gastronomia entre as localidades integrantes da rota de escravos em Angola;
- Concurso de dança entre as quatro localidades integrantes do projecto;

- Dança entre os visitantes e visitados;
- Jantar de confraternização entre os filhos de diferentes nações, mas da mesma raiz cultural;
- Entrega de souvenirs aos visitantes.

8.2. Definição de uma estratégia de marketing-mix multidimensional para promover o Projecto Rota de Escravos em Angola

Nelson, citado por Petrocchi (2008), refere que sonhos sem método para torná-los realidade nunca deixarão de ser sonhos; em outras palavras, na vida as pessoas podem ter mil sonhos ou projectos, mas enquanto não traçam o caminho a seguir com acções concretas, objectivos claros e metas realizáveis para sua concretização, não valerão para nada, nem tão pouco trarão alguma mais-valia nas suas vidas, sejam elas profissionais ou individuais.

O marketing constitui o veículo ideal e uma arma estratégica por excelência para operacionalização e comercialização de um produto ou serviço em qualquer sector da actividade económica, recorrendo aos seus principais pilares que são a segmentação do mercado, a publicidade e a promoção, culminando com a combinação dos quatro p's. (política de produto, política de distribuição, política de preço e política de promoção).

A concepção de um projecto ligado a escravatura foi sempre um grande sonho do autor e transportado por muito tempo na mente desde os anos 1992, durante a licenciatura em Marrocos, mas nunca foi possível a sua concretização por falta de oportunidade e meios. Foram necessários mais de 20 anos de espera para finalmente surgir a oportunidade de transformar o grande desejo de ver os angolanos, os africanos e os seus descendentes da diáspora se reunirem e vivenciar em conjunto a sua história gloriosa e seu passado tenebroso no mesmo espaço territorial, através do turismo de memória, onde um dia os seus ancestrais foram arrancados e partiram para sempre.

A Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos é um projecto de memória que integrará uma verdadeira dimensão histórica, turística e económica, tocando uma humanidade inteira já visível nas interacções enraizadas pelo tráfico negreiro nos domínios da música, da dança, da culinária, dos desportos, do artesanato, das tradições espirituais e das artes no geral. Trata-se de um projecto multidimensional de grande importância que visa reunir os descendentes de escravos nas terras que testemunharam a dor, o clamor e o sofrimento dos seus ancestrais.

As Nações Unidas ao declararem a Década Internacional de Afrodescendentes, que compreende o período de 2015-2024, através da sua resolução 68/237, reconhecem com esse significativo gesto, embora tardio, que há uma comunidade de pessoas que foi forçada a abandonar o seu continente, suas terras, suas casas, suas famílias, em suma o seu habitat normal e transportada em navios em condições péssimas de salubridade para regiões longínquas, tendo sido espalhada em vários continentes, sobretudo nas Américas. De forma isolada representam hoje cerca de 200 milhões de pessoas, cujos direitos precisam de ser reconhecidos, promovidos e protegidos. Além das Américas, muitos outros milhões de afrodescendentes vivem em outras partes do mundo e, muitas vezes, suportando condições de segregação racial, discriminação e humilhação de vária ordem.

A Assembleia Geral da ONU ao proclamar a Década Internacional dos Afrodescendentes, manifesta claramente a necessidade de reforçar a cooperação nacional e internacional em relação ao pleno aproveitamento dos direitos económicos, sociais, culturais civis e políticos de afrodescendentes, bem como a sua participação plena e igualitária em todos os aspectos da sociedade. O tema para a Década Internacional dos Afrodescendentes⁵¹ é reconhecimento, justiça e desenvolvimento, três palavras-chaves que uma vez postas em prática de forma racional podem transformar a humanidade e criar um mundo melhor entre os homens.

Pela importância da Década Internacional dos Afrodescendentes no seio desta comunidade e, particularmente, para os países africanos que foram vítimas do fenómeno que deu origem a escravatura, importa aqui resumir os principais seus objectivos:

Promover o respeito, protecção e cumprimento de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais das pessoas afrodescendentes, como reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

Promover um maior conhecimento e respeito pelo património diversificado, a cultura e a contribuição de afrodescendentes para o desenvolvimento das sociedades;

Dotar e reforçar os quadros jurídicos nacionais, regionais e internacionais de acordo com a Declaração e Programa de Acção de Durban e da Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial, como assegurar a sua plena e efectiva implementação.

⁵¹ Fonte: <https://decada-afro-onu.org>

Em termos de implementação, a Década Internacional de Afrodescendentes prevê três níveis de actuação: nacional, internacional e regional. A nível nacional, os Estados devem tomar medidas concretas e práticas por meio da adopção e implementação nacional e internacional, de quadros jurídicos, políticas e programas de combate ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância enfrentados por afrodescendentes, tendo em conta a situação particular das mulheres, meninas e jovens do sexo masculino.

A nível internacional e regional, segundo a Assembleia da ONU, a comunidade internacional e as organizações internacionais e regionais são chamadas para, entre outras acções, sensibilizar e disseminar a Declaração e Programa de Acção de Durban e a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial, ajudar os Estados na implementação plena e efectiva dos seus compromissos no âmbito da Declaração, recolher dados estatísticos, incorporar os direitos humanos nos programas de desenvolvimento, honrar e preservar a memória histórica de pessoas afrodescendentes.

Entre o leque de acções levadas a cabo pelas Nações Unidas, está prevista também a nomeação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) para actuar como coordenador da década, a criação de um fórum para servir como um mecanismo de consulta, a convocação de uma avaliação final da década, bem como garantir a conclusão da construção do memorial denominado “Arca do Retorno”, inaugurado no dia 25 de Março de 2015, antes da revisão intercalar em 2020. Trata-se de um memorial permanente na sede da ONU em homenagem à memória das vítimas da escravidão e do tráfico transatlântico de escravos⁵². A “Arca do Retorno”, é uma estrutura de mármore de 5 metros de altura e 6 de cumprimentos, concebida pelo arquitecto norte-americano Rodney Leon, descendente de Haiti, em memória às 15 milhões de vítimas da escravatura.

Segundo Carlos Rodrigues, de nacionalidade portuguesa e especialista em mármore que liderou a equipe de instalação, explicou à Radio da ONU que a escultura tem um valor espiritual. “A figura que está representada na parte interior do monumento, é uma forma não masculina ou feminina, mas espiritual, que terá uma lágrima e isso é uma forma das pessoas realmente verem qualquer coisa que foi dramática, alguma coisa dos direitos humanos que foram extremamente violados. Essa é a ideia do Rodney Leon, ele como

⁵² Fonte: <https://www.acnur.org>

hatiano e eu como portugueses. Em termos históricos, estivermos em aspectos diferentes durante a escravatura, mas chegamos a um ponto em que podemos construir qualquer coisa juntos. É interessantíssimo e estou muito, muito emocionado com isso”. Carlos Rodrigues, concluiu dizendo que a “Arca do Retorno”, por ser um memorial permanente, poderá ajudar as gerações futuras a entender sobre a história do tráfico transatlântico de escravos. Para Ban Ki-Moon, a obra da “Arca do Retorno”, não só lembra o “terrível legado” da escravidão, mas serve para honrar as milhões de vidas.

Interpretando a visão histórica e extraordinária das Nações Unidas, facilmente se pode depreender que, o que se pretende é a valorização, promoção e divulgação da história e cultura dos afrodescendentes, reconhecendo os seus direitos em todas as sociedades onde se encontram, reconciliar as diferentes raças e facilitar a conexão com as suas origens, apesar de existirem ainda muitas barreiras por remover nos diferentes países onde se encontram, com maior realce ao Brasil e Estados Unidos da América.

O projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola enquadra-se efectivamente na visão e espírito das Nações Unidas, de forma mais realista e concreta, criando uma plataforma estruturada que vai permitir a interacção entre as diferentes comunidades espalhadas em vários países e continentes do mundo, assim como facilitará os encontros periódicos entre os mesmos. O projecto visa também homenagear os valerosos afrodescendentes sobreviventes pela sua coragem, resistência e sobretudo por terem sabido preservar a alma, o espírito e a identidade cultural dos seus ancestrais em momentos sombrios e extremamente difíceis das suas vidas, tal como aconteceu no Brasil com Aquilino, Ganga Zumba, Zumbi dos Palmares, Teresa de Benguela e Zacimba Gaba; e com Ângela e Jeremmy nos Estados Unidos.

O festival turístico e cultural criará uma plataforma de comunicação interactiva entre os afrodescendentes, bem como facilitará a reaproximação entre as partes graças ao turismo de memória. Como se sabe, uma das fortes características da actividade turística é de aproximar as nações e unir povos de diferentes origens, religiões e culturas.

Para Petrocchi (2008), o desafio de marketing do turismo é assegurar que os turistas construam expectativas apropriadas e que a viagem e os serviços e produtos a ela relacionados satisfaçam essas expectativas. O desenvolvimento desta parte da tese ligada a definição de uma estratégia de marketing-mix multidimensional para promover o projecto Rota de Escravos em Angola, que determinará o sucesso ou fracasso do mesmo,

deverá merecer uma atenção cuidada na sua formulação com vista a garantir a sustentabilidade do projecto em todas as suas fases.

Gunter (2016), da Associação do Turismo da Alemanha, citado por Cazalma (2016), identifica seis oportunidades e desafios que devem ser observados para o desenvolvimento dos destinos turísticos, mas concretamente: criação de um perfil e imagem de turismo únicos, definição de segmentos turísticos alvo, desenvolvimento de infra-estruturas turísticas modernas, existência de boas acessibilidades, conceber uma estratégia de vendas e de marketing variada e por último a implementação da sustentabilidade.

Criação de perfil e imagem de turismo únicos: a definição da imagem de destino é fundamental para permitir fazer a distinção entre um determinado destino turístico e os demais, que é o presente caso de estudo, que será acompanhado com um grande *slogan*, próprio e inconfundível, representado um monumento histórico local;

Definição de segmentos turístico alvo: a segmentação do mercado, feito através de um estudo apropriado em marketing para escolha dos potenciais clientes ou turistas, constitui uma fase crucial e a mais importante em termos de definição de estratégia de actuação num determinado mercado, porque a sua eficácia determina o sucesso ou fracasso da empresa. Para o projecto da reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola foram seleccionados 10 principais países numa primeira fase, que poderão ser alterados consoante o desenvolvimento da situação, assim como a definição do público-alvo;

Desenvolvimento de infra-estruturas turísticas modernas: um destino sem infra-estruturas turísticas modernas não é competitivo actualmente. As infra-estruturas incluem todos meios que participam para a organização de uma viagem como: aeroportos, portos, estradas, aviões, autocarros, hotéis, restaurantes, táxis, sistema de comunicação, serviços de saúde, etc., que asseguram um serviço de qualidade e satisfação do visitante a qualquer momento. Nesta matéria há boas expectativas, começando com o novo aeroporto em construção em Luanda, principal porta de entrada dos visitantes, surgimento de empreendimentos turísticos cada vez mais modernos, assim como melhorias em termos de meios de transportes utilizados que poderão dar um grande impulso ao projecto;

Existência de boas acessibilidades: a acessibilidade de um destino turístico é determinante para o sucesso de uma estratégia de turismo. A acessibilidade é um termo abrangente que começa com a aquisição do visto de entrada, reserva aos meios de alojamento,

restauração, transporte, bem como aos locais aonde se encontram os atractivos turísticos a serem visitados. Relativamente as acessibilidades em Angola, há um trabalho a ser desenvolvido em termos de facilidades na entrada do território nacional, mas requer ainda melhorias;

Conceber uma estratégia de vendas e de marketing variada: com o grande desenvolvimento verificado nos últimos anos em termos de tecnologias de informação, já não se justifica haver problemas em termos de canais de distribuição ou postos de venda. No caso presente, serão utilizadas as novas tecnologias para massificar as vendas e a promoção do projecto da reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola;

Implementação da sustentabilidade: a sustentabilidade do destino turístico é fundamental para garantir a sua continuidade, que deverá ser assegurada através da qualidade dos serviços prestados em vários níveis, segurança dos visitantes em todos os sentidos, assim como a sua satisfação e das populações locais que têm a responsabilidade de acolher condignamente os seus visitantes.

Nesta perspectiva, e para que haja compatibilidade entre o projecto e os objectivos traçados, a estratégia de marketing será consubstanciada na seguinte forma:

a) Identificação dos mercados alvos (*target*)

Os mercados alvos serão definidos em função do número de pessoas de origem angolana ou africana que um determinado país acolheu durante o trágico fenómeno da escravatura e o número de afrodescendentes existentes actualmente. Nesta perspectiva, o Brasil figura no topo da lista, visto que serviu de porta de entrada para as Américas (ostentando o estatuto de país com a maior população negra fora do continente africano) seguido por Estados Unidos da América, Colômbia, Haiti e a República Dominicana. Importa referir que o Haiti foi o primeiro país negro independente fora do continente africano, formada por uma população de raça negra. Além dos países mencionados existem outros que também possuem população de origem africana considerável.

Segundo a base de dados de 1950, o número de escravos de origem africana no continente americano estava distribuído da seguinte forma: Estados-Unidos da América/Canadá= 31%; México = 0,7%; Caraíbas = 20% e América do Sul = 48%. No período de 1701 a 1810, os escravos angolanos no Brasil representavam 68% do total de escravos provenientes do continente africano e de 1817 a 1843 este número diminuiu para 42%. Em 1843, os escravos de origem angolana somavam 33% do total de escravos traficados

para o continente americano. Neste mesmo período, 385 mil escravos foram exportados da África Central, 243 mil saíram através dos portos de Cabinda, Ambriz, Benguela, Luanda e Soyo.

De acordo com a reportagem das jornalistas da VOA, Mayra Lassalette e Betty Ayoud Zakrzewski, dedicada aos 400 anos da chegada dos primeiros 20 escravos africanos, por sinal angolanos, incluindo a lendária Ângela, em Jamestown, Virgínia – Estados Unidos da América, no dia 19 de Agosto de 1619, mencionaram que em 1861 já havia nos Estados Unidos da América quatro milhões de escravos, que levaram consigo técnicas e habilidades avançadas em termos agrícolas, guerras, artes e outras áreas que deram um grande contributo para produção de algodão e têxteis naquele país. As duas jornalistas visitaram os locais ligados a escravatura nos Estados Unidos e em Angola e concluíram que saíram de Angola como consequência da escravatura seis milhões de pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Além dos países já discriminados, há outros que deverão merecer um tratamento diferenciado atendendo a forte presença de algumas comunidades ligadas cultural e historicamente com Reino Kongo, como é o caso de Uruguai, Panamá, Cuba e outros. Relativamente aos três países citados, não haverá necessidade de recurso as pesquisas do Professor Doutor Gates, para descobrir a origem daquelas comunidades afro-americanas porque a sua história, cultura, hábitos e identidade cultural falam por si.

Relativamente ao Uruguai, e segundo dados divulgados pela sua embaixada em Angola, existe uma comunidade considerável afrouruguaia naquele país com fortes semelhanças em termos culturais com a população do antigo Reino do Kongo. As pessoas que desembarcaram no Uruguai através do tráfico transatlântico de escravos durante o período colonial na América, eram maioritariamente da África Central, e de acordo com os registos históricos eram provenientes da região do Kongo, tal como o Candombe que se encontra nas procissões cerimoniais dos Reis do Kongo⁵³.

O Candombe que até hoje adaptou-se e desenvolveu-se no Uruguai, desde a herança ancestral das raízes Bantu, foi levado pelos africanos e chegou ao Rio de la Plata. Segundo ainda a mesma fonte, a comunidade afrouruguaia tem uma influência relevante na cultura e folclore nacional através do tango e especialmente do Candombe. Tudo isso permite concluir que há laços históricos, sociais e culturais fortes entre Angola e Uruguai que

⁵³ Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org>

devem ser explorados e aprofundados em vários níveis. A mesma história repete-se no Panamá, na Ilha de Porto Bello, onde existe uma grande comunidade afropanamenha, tanto na sua estrutura, fisionomia, dança, música e outros aspectos culturais indissociáveis aos do antigo Reino Kongo.

Em suma, em todos os países mencionados neste texto sente-se uma forte influência e ligação com os povos de Angola, sobretudo com os do antigo Reino do Kongo que esteve sempre presente em todas as fases do triste comércio triangular. Um passado sombrio, escuro e tenebroso que hoje se pretende transformar em momentos memoráveis de lazer e recreação entre os diferentes povos.

O quadro 38 ilustra o número aproximado de descendentes africanos nas Américas assim como a sua localização geográfica, para melhor definir e segmentar os mercados alvos na estratégia de marketing.

Quadro 38. Estimativa dos afroamericanos nos principais países de destino

N/Ord.	País	Total de Afro-Americanos	Percentagem sobre a População Total
01	Brasil	100 Milhões	50%
02	Estados Unidos	44 Milhões	14%
03	Haiti	12.5 Milhões	99%
04	México	8 Milhões	9%
05	Colômbia	6 Milhões	15%
06	Venezuela	4 Milhões	15%
07	Cuba	3 Milhões	30%
08	Jamaica	2.5 Milhões	97%
09	Outros Territórios da América Latina	5 Milhões	-
10	Porto Rico	1 Milhão	33%
11	Argentina	52 Mil	1%

Fonte: <http://une-autre-histoire.org/fr>, 22/12/2020, às 15 horas.

Os dados permitem ter uma visão clara e abrangente da dimensão populacional e geográfica representada pela diáspora africana descendente de escravos em vários países

do mundo, num total de cerca de 235 milhões de pessoas, incluindo as Antilhas. Os afroamericanos de forma isolada representam cerca 197 milhões de indivíduos espalhados nos diferentes territórios do continente americano, com maior incidência no Brasil e os Estados Unidos.

Esses indicadores permitirão direccionar as acções de marketing do presente projecto, fazendo a selecção e segmentação dos mercados prioritários de forma mais adequada, facilitando a escolha e a definição dos mercados prioritários aqueles que apresentam o maior potencial em termos de comunidade africana como o Brasil, Estados Unidos, Haiti, México, Jamaica e Cuba, sem desprimor dos demais territórios dentro e fora das Américas.

Importa referir que há países latino-americanos com pequenas comunidades negras com origem no antigo Reino do Kongo, como foi já avançado, que deverão merecer uma distinção em termos de estratégias promocionais a fim de permitir o seu regresso às origens e, por outro lado, incentivar os angolanos a visitarem os mesmos territórios para resgatar e consolidar a sua irmandade perdida por força das circunstâncias históricas. A figura 119 ilustra os principais países seleccionados, onde serão direccionados as acções de marketing-mix, com vista a captar potenciais turistas e investidores para Angola, no âmbito da operacionalização, desenvolvimento, expansão e consolidação do presente projecto.



Figura 116. Países emissores de turistas para a rota turística e cultural de escravos em Angola

Fonte: Elaboração própria

b) Definição de uma estratégia de marketing-mix adaptada aos mercados alvos

No passado, o termo estratégia era originalmente aplicado em operações militares para fazer face aos diferentes desafios de guerra encontrando soluções pontuais e adequadas a cada momento e situação, procurando sempre tirar vantagens do inimigo através de uma leitura prévia do cenário. Hoje a estratégia transformou-se num conceito aplicado em todos os sectores de actividade, sobretudo aqueles ligados a economia e serviços, porque não se pode comercializar nenhum produto em grande quantidade em qualquer mercado sem recurso ao planeamento estratégico das vendas, com objectivos claros a curto, médio e longo prazo.

Segundo Kotler *et al.* (2001, p. 5), o conceito de marketing surge naturalmente como consequência do desenvolvimento económico das sociedades, definindo-o como “o processo social e organizacional pelo qual indivíduos e instituições obtêm o que necessitam, através da criação e troca entre eles de produtos com valor”. Para Õnate (1994, p. 50), citando Peter Drucker, “a finalidade do marketing é conhecer tão bem o cliente que o bem físico ou o serviço estejam naturalmente adaptados às suas necessidades e se vendam por si mesmo. Idealmente, a gestão de marketing deve levar até ao cliente aquilo que ele pretende comprar. Então tudo o que haverá a fazer é disponibilizar esse produto, em outras palavras, “a arte de saber vender”.

No seguimento da sua abordagem, o autor aconselha a segmentar o mercado, isto é, a identificação de grupos de pessoas que compartilham de maneira geral as mesmas características. Essa fase de marketing que passa por um estudo aprofundado do mercado alvo, compreende a divisão do público em grupos homogéneos, que possam ser diferenciados quanto ao local de origem, padrões comportamentais, atitudes, rendas, características demográficas, perfil psicográfico, etc., com objectivo de estruturar melhor o produto. Em outras palavras, a segmentação visa essencialmente adaptar o produto a um determinado mercado, sendo compatível às reais necessidades dos consumidores antes de passar para a fase seguinte, que é a da implementação do marketing mix.

Nesta perspectiva, e considerando os objectivos principais do presente projecto, o marketing-mix ou a conjugação dos 4 p’s (combinação de quatro políticas), afigura-se como o método mais adequado para ajudar a alcançar as metas preconizadas. Em termos conceituais, o marketing-mix pode ser definido como um conjunto de variáveis controláveis e geridas pelos profissionais de marketing com intuito de melhor satisfazer as necessidades e desejos latentes num determinado mercado.

Historicamente, o marketing-mix foi inicialmente proposto por McCarthy (1960) e depois amplamente divulgado por Kotler (1972-1986). Congrega acções sobre:

- Produto – tudo o que possa ser colocado no mercado para aquisição, utilização ou consumo, e que satisfaça uma necessidade;
- Preço – quantidade de unidade monetária necessária à aquisição de um produto/serviço;
- *Place* ou distribuição – actividades desenvolvidas pela empresa para que o produto/serviço esteja disponível no mercado;

- *Promotion* ou comunicação – actividades desenvolvidas no mercado para divulgar e persuadir a aquisição ou consumo de um produto.

Em termos operacionais e para garantir a dinamização do projecto, as acções de promoção turística nos diferentes mercados alvos serão assumidas por duas personalidades seleccionadas pelos residentes nos dois principais mercados do continente americano, nomeadamente Estados Unidos da América e o Brasil, subdividindo o mercado em duas partes, conforme a figura 120, abaixo.

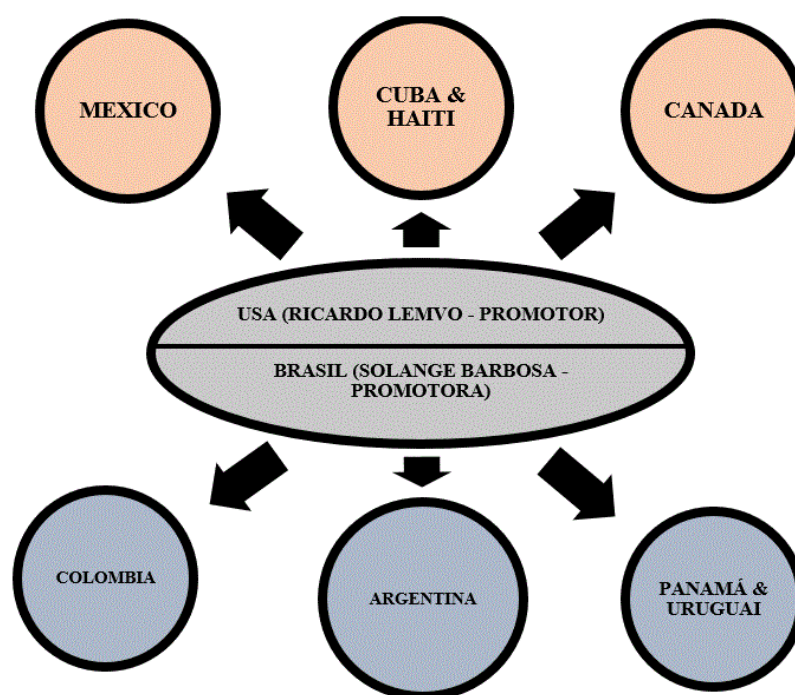


Figura 117. Principais mercados de promoção turística

Fonte: elaboração própria

No domínio do turismo, e de acordo com Levit, citado por Petrocchi (2008, p. 178), o destino turístico deve estruturar alguma vantagem competitiva diferencial, pós a diferenciação é a essência da competição. De acordo com o pensamento do autor, o Projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos em Angola é na sua essência um produto diferenciador do mercado angolano, tanto no ponto vista nacional, regional como continental, visto que além da diferenciação geográfica e cultural, introduzirá um catalisador que é o Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro entre angolanos e os seus descendentes da diáspora.

As estratégias, tal como já foi referido, são definidas para atingir um determinado objectivo depois da fase dedicada ao estudo do mercado, análise dos pontos fortes e

fracos, oportunidades e ameaças, culminando com a definição do público ou mercado alvo, ou seja, estruturação e segmentação do mercado. Para Markides (1999), “a essência da estratégia está na definição de um posicionamento sustentado por três dimensões”:

- a) Quais clientes focar (selecção de mercado);
- b) Que ofertas devem ser estruturadas (vantagens diferenciadas);
- c) Como realizar de forma competente, a gestão integrada do destino de turismo (eficiência operacional).

As respostas a essas três questões são determinantes para o sucesso do Projecto de Reconstituição da Geografia das Rotas de escravos em Angola, e se uma delas falhar pode comprometer o seu desenvolvimento em todas as vertentes. As estratégias definem como o destino turístico irá competir, em que mercado a competição poderá ser mais rígida, como fazer face a essa competitividade para ganhar os concorrentes directos e indirectos e sobreviver no mercado, considerando a sensibilidade e complexidade da actividade turística.

Nesta perspectiva, o responsável de marketing é chamado a usar várias técnicas para desempenhar com eficiência a sua função, como por exemplo o recurso permanente ao estudo e acompanhamento da evolução do mercado, visando a detectar as possíveis mudanças do comportamento dos seus consumidores, concorrentes, eventuais fornecedores e adoptar estratégias previsionais para manter a sua quota do mercado e consolidar o seu posicionamento.

Para que uma determinada região geográfica se possa considerar um destino turístico tem de dispor de um ou vários produtos turísticos para poder colocar à disposição dos seus visitantes para que sirvam de atracção turística. Um produto turístico é um conjunto integrado por vários serviços de diferentes especialidades que são combinados e formatados tecnicamente, visando a satisfação dos visitantes. A gestão e o domínio do produto turístico não são uma tarefa fácil, pressupõe profundos conhecimentos sobre a matéria de turismo devido a complexidade das suas características.

Na formação do produto turístico existem os atractivos ou recursos turísticos originais ou naturais como as montanhas, praias, fauna, flora, animais, aves e recursos derivados, ou criados pelo homem, como os monumentos históricos, museus, igrejas, edifícios antigos,

gastronomia, música, danças, etc. A esse conjunto de atractivos turísticos agrega-se os equipamentos turísticos de apoio aos turistas, ou seja, os empreendimentos de alojamento, restauração, recreação ou lazer, bem como as infra-estruturas de apoio como as estradas, energia, água e meios de transportes para assegurar a actividade turística.

O produto, em termos gerais, é tudo aquilo que é tangível e que pode ser comercializado num determinado mercado com características próprias, podem ser estocados e movimentados de um lugar para outro, contrariamente aos serviços turísticos que são intangíveis. Os serviços turísticos não podem ser estocados, nem tão pouco movimentados de um lugar para o outro, ou seja, a produção e o consumo são realizados no mesmo local ou espaço. A título de exemplo, não se pode estocar um quarto de hotel, mas sim reservar e ser ocupado e comercializado no período indicado na reserva, caso contrário se perderá para sempre. O mesmo sucede com as empresas de transportação, não se pode estocar o assento de um avião, autocarro, comboio barco ou outro meio de transporte durante uma viagem. Se não for ocupado no período previsto jamais poderá ser recuperado.

Essas e outras características tornam a gestão do produto turístico mais complexo e difícil de controlar, exigindo dos seus gestores e profissionais envolvidos no processo, a todos os níveis, grande capacidade e flexibilidade no desempenho das suas funções, usando todas as técnicas e ferramentas possíveis para prever os cenários e evitar custos imprevistos para garantir a sobrevivência das empresas, num mercado cada vez mais globalizado e competitivo.

Um dos destinos de maior sucesso no mundo actualmente e que deve servir de inspiração para os países emergentes no domínio turístico como Angola, são os Emirados Árabes Unidos, mas precisamente a cidade do Dubai, que foi transformado em muito pouco tempo num dos maiores gigantes do mercado turístico internacional. O Dubai desenvolveu-se de forma surpreendente em termos turísticos graças a visão estratégica dos seus líderes, que deve servir de lição para os dirigentes mundiais, particularmente os africanos, que muitos precisam de soluções para lançar e relançar as suas economias, onde o turismo pode desempenhar um papel preponderante de vector de desenvolvimento.

Os líderes dos Emirados Árabes Unidos investiram somas colossais de dinheiro na implantação de ousados equipamentos de hospitalidade e alta qualidade de serviços, que inicia essencialmente no desempenho da sua companhia aérea, uma das melhores do

mundo Petrocch (2009). Pela importância, consistência e impacto da sua estratégia, vale enumerar os principais factores que impulsionaram o seu desenvolvimento turístico e a sua imagem:

- a. Estabilidade política;
- b. Pessoas hospitaleiras e orientadas para prestação de serviços;
- c. Excelente reputação em qualidade de serviços e atractivos naturais, culturais e históricas;
- d. Tradição de visto de entrada livre e política de concessão de visto de entrada na chegada ao país;
- e. Valor pelo dinheiro;
- f. Vantagem da localização geográfica;
- g. Amplas conexões aéreas;
- h. Fortes campanhas promocionais;
- i. Excelência em transportes, hospedagem, infra-estruturas e restaurantes;
- j. Acções coordenadas e eficiência na gestão do turismo;
- k. Forte cooperação interna no sector (sector público e sector privado).

Esses fortes indicadores estiveram na base do sucesso da política turística implementada pelas autoridades dos Emirados Árabes Unidos e que deverão servir de referência no presente projecto, obviamente não na globalidade, tendo em conta as diferenças existentes entre os dois territórios.

Kotler e Armonstrong (1999) *apud*. Cunha (2006, p. 203), definiram o produto turístico como “qualquer coisa que pode ser oferecida no mercado para apreciação, aquisição, uso ou consumo e inclui objectos físicos, serviços, personalidades, lugares, organizações ou ideias”. Por extensão do conceito, o produto turístico será uma combinação de tudo quanto uma pessoa pode consumir, utilizar, experimentar, observar e apreciar durante uma viagem ou uma estada num determinado destino turístico.

Nesta perspectiva, e recorrendo a Silva e Umbelino (2017), o produto turístico pode ser definido como o conjunto de bens e serviços unidos por relações de interacção e interdependência que o tornam complexo, resultando da combinação de três elementos essenciais, nomeadamente: atractivo, facilidades e acessibilidades, como ilustra a figura 121 abaixo.



Figura 118. Pressupostos para concepção de produto turístico

Fonte: elaboração própria

Considerando os conceitos formulados pelos diferentes autores mencionados, a estratégia de marketing multidimensional para promover o projecto Rota de Escravos em Angola (produto turístico) se estruturará da seguinte maneira:

No âmbito da promoção

Merecerá uma atenção diferenciada, considerando a sua importância na criação de um determinado destino turístico, comercialização de um produto ou serviço e, sobretudo para um país como Angola que é totalmente desconhecido a nível internacional, principalmente nos grandes mercados emissores de turistas. Angola foi um país fechado para o exterior durante muito tempo devido ao seu passado histórico. O pouco que se conhece é relacionado com coisas negativas, como a guerra que assolou o seu território durante décadas, e depois da sua pacificação nunca se fez um trabalho de marketing sério e actuante para inverter a tendência e melhorar a sua imagem.

Nesta conformidade, deverá ser levado a cabo um trabalho de marketing consistente e bem direccionado para se atingir os objectivos definidos com a concepção deste multidimensional projecto, que prevê contribuir na diversificação da gama dos produtos turísticos angolanos, melhorar a visibilidade do país a nível internacional, consolidar o posicionamento de Angola como um destino turístico de destaque e criar empregos directos e indirectos para os angolanos, tendo em conta o bem-estar das populações.

Assim, as instituições que representam o país no exterior são chamadas a assumir o seu papel com responsabilidade, profissionalismo e *savoir-faire*, para permitir que Angola possa competir em igualdade de circunstâncias com outros países do continente e não só, ocupando o seu espaço no contexto internacional. As embaixadas e consulados de Angola no exterior desempenharão um papel preponderante para divulgação e promoção do produto turístico rotas de escravos em Angola, na medida em que serão responsáveis em promover campanhas e *workshops* periódicos em volta deste importante projecto.

Serão realizadas actividades culturais junto das comunidades afroamericanas evidenciando as potencialidades históricas, culturais e turísticas angolanas, demonstrando todo o manancial em termos de património turístico do país. Serão também realizadas conferências de imprensa direccionadas junto das principais cadeias televisivas internacionais como CNN, EuroNews, TV5, BBC e outras, fundamentalmente canais dos países *targets* para divulgação do projecto, tendo como bandeira da campanha o Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro da Africanidade em Angola.

A estratégia de marketing do projecto prevê também a criação da figura de pontos focais, que serão preferencialmente os líderes comunitários ou outros a serem identificados com capacidade de liderança, para desempenhar a função de representantes do projecto no seio das suas comunidades, a fim de facilitar a interacção e comunicação entre a direcção do projecto e o público-alvo. Os pontos focais, uma vez identificados e instituídos, serão munidos de toda informação sobre o projecto, visto que serão os primeiros a vivenciar o produto turístico através de deslocações *in loco* (Angola), nas quatro localidades que o compõem, com vista a adoptá-los de *background* suficiente para vender o destino turístico angolano.

A deslocação dos pontos focais ao terreno permitirá não só perceber a essência desse multidimensional projecto, na qualidade de parceiros estratégicos do mesmo, bem como compreender melhor os seus objectivos e importância para Angola e para os seus descendentes no exterior, assim como para a humanidade em geral.

Um dos principais objectivos da criação dos pontos focais nas grandes comunidades de origem africana na diáspora, para além de facilitar a interacção entre as partes, tem a ver com a grande responsabilidade de sensibilizar e mobilizar as comunidades, dialogar e propor acções concretas de consenso para encontrar a melhor forma de se viabilizar e operacionalizar o projecto em termos de periodicidade, datas e duração da viagem

turística, referente ao Festival Turístico e Cultural Internacional Bianual de Encontro da Africanidade em Angola.

No âmbito captação de visitantes (turistas)

Considerando a competitividade que poderá existir entre os países africanos com projectos similares na matéria da escravatura, como o Gana, Senegal, Tanzânia, Beni e outros emergentes, Angola deverá adoptar uma estratégia diferenciada e agressiva visando conquistar a sua parte do mercado, aplicando técnicas dinâmicas e bem estudadas.

Nesta perspectiva, a TAAG – Linhas Aéreas de Angola, deverá desempenhar um papel preponderante na captação de turistas, sendo a única transportadora nacional capaz de assegurar voos directos dos mercados alvos para Luanda e vice-versa, promovendo de forma dinâmica e actuante o país. No domínio da promoção de Angola como novo destino turístico na vertente rota de escravos, deverão ser praticados preços promocionais e atraentes durante período da realização do Festival Internacional Bianual, com o objectivo de captar o maior número de turistas. As reduções de preços serão segmentadas consoante a dimensão do grupo, ou seja, quanto maior for o número de turistas a viajar em conjunto maior será o desconto a ser atribuído aos mesmos.

Ainda no domínio de captar e fidelizar os turistas, deverão ser sugeridas algumas acções concretas para elevar consideravelmente a qualidade dos serviços da companhia de bandeira, que não são dos melhores em termos de acolhimento, atendimento, cumprimento dos horários e outros elementos que compõem um serviço digno de referência, para poder melhorar o seu posicionamento perante a forte concorrência no mercado aviação.

No âmbito da facilitação de entrada para Angola

Logo depois da sua ascendência ao poder, o Presidente da República de Angola, João Gonçalves Lourenço, cumpriu com a promessa eleitoral ao inaugurar novos tempos para Angola em termos de entrada e saída de estrangeiros no território nacional sem grandes constrangimentos, apesar de persistirem algumas insuficiências no funcionamento do actual sistema.

O sistema turístico angolano possui ainda constrangimentos relacionados com a acessibilidade ao país. Segundo vários autores, a acessibilidade é sem dúvida uma

ferramenta fundamental para o processo de construção de uma oferta ou destino turístico. Os turistas ou visitantes têm de poder aceder com facilidade aos destinos que elegem para as suas férias ou estadas, isto é, aos locais, equipamentos e serviços que possam ser os referenciais das experiências que pretendem acrescentar às suas memórias.

Williams (2009) refere que o conceito da acessibilidade, sendo complexo, convoca-nos para a dimensão multiescalar, uma vez que o turista passa por uma decisão de viagem principal, mais ou menos longínqua – aquela que liga o seu local de vida habitual ao destino turístico e o respectivo retorno – mas depois pratica um conjunto de outras deslocações, de carácter regional ou local, as quais ligam os locais onde as suas necessidades e escolhas vão sendo cumpridas.

Actualmente, Angola introduziu um novo sistema de facilitação de vistos de turismo para 61 países do mundo: 9 africanos, 27 Estados membros da União Europeia e outros do continente americano, incluindo o Brasil, Estados Unidos da América, Canadá e alguns países asiáticos, que podem solicitar o visto via *online* para ser concedido à chegada nas diferentes fronteiras nacionais. Além destas medidas de facilitação de entrada de turistas, o executivo concedeu a isenção de vistos a alguns países africanos como África do Sul, Moçambique, Zimbabwe, Ilhas Maurícias, Ilhas Seychelles, Cabo-Verde e a Singapura.

Estas medidas de isenção e facilitação de vistos de entrada para Angola, na visão do executivo angolano visam facilitar a entrada de turistas e outros visitantes ao país e ajudar a desenvolver o turismo nacional e consequentemente facilitar a captação de divisas necessárias para estimular e animar a economia no quadro da diversificação económica.

Fazendo um balanço da situação depois da entrada em vigor do novo sistema de vistos, pode-se concluir que houve algum desenvolvimento nesta matéria, reduziu-se consideravelmente o tempo de espera dos vistos e diminuiu-se a pressão sobre a solicitação de vistos. Contudo, é preciso melhorar a plataforma criada para o efeito e sobretudo reavaliar-se a questão dos valores cobrados pelos vistos. Por outro lado, considerando a grande necessidade de se estimular e dinamizar o sector turístico, que vive uma situação dramática provocada pela crise financeira que assola o país e sobretudo para combater a baixa taxa de ocupação registada nas unidades hoteleiras a nível nacional, é fundamental a isenção dos vistos aos cidadãos dos principais países emissores de turistas do mundo, sendo a forma mais rápida e eficiente de inverter a actual situação.

No âmbito do acolhimento nos empreendimentos turísticos em Angola

A hospitalidade de um país, região ou cidade desempenha um papel fundamental na captação e fidelização de turistas para um determinado destino turístico e pode facilmente influenciar o seu sucesso ou fracasso, consoante a sua forma e habilidade de actuação. Krippendorff (2003) refere que “o turista viaja para voltar” porque o que a cidade lhe proporcionou de forma afectiva formará uma informação positiva sobre o lugar, fazendo com que ele volte ou divulgue o lugar.

A forma de receber um visitante, tratar-lhe com amabilidade e proporcionar-lhe uma hospitalidade sem qualquer distinção de classe social, origem, religião, raça ou género é determinante para o destino turístico, nesta era da competitividade acentuada influenciada pela globalização. A hospitalidade é, portanto, uma componente fundamental de todo o processo do acolhimento do turista, por isso os destinos precisam definir estratégias assertivas de desenvolvimento de empreendimentos turísticos que satisfaçam as necessidades de hospedagem e do acolhimento no geral.

As tipologias dos empreendimentos turísticos a envolver no projecto e as actividades turísticas associadas serão determinantes para que seja lançada de forma sólida. A criação do produto turístico “Reconstituição da Geografia de Escravos em Angola”, deve consolidar-se com o “Festival de Encontro e Reencontro da Africanidade em Angola”, um evento que se prevê distinto e diferente na visão dos seus participantes, onde se tencionada utilizar a fórmula das actividades ligadas ao geoturismo para conquistar e cativar mais turistas e visitantes.

Para a fórmula aludida, importa tecer breves considerações. O geoturismo é uma proposta lançada pela *National Geographic Center for Sustainable Destinations*, nos Estados Unidos da América, com base em princípios para gestão do turismo. Segundo descrevem Petrocch, Mario e Hall Pearson (2008), em janeiro de 2008 a Guatemala firmou um convénio com a *National Geographic Society* para implantação dos critérios do geoturismo, passando a ser o sexto país a adoptar depois do Peru, Honduras, Roménia, Ilhas Cook e Noruega. O estado norte-americano de Arizona adoptou os princípios do geoturismo criando uma marca para divulgar essa iniciativa, que pretende ser “uma celebração da cultura, ambiente natural, história e património únicos do Arizona”.

O geoturismo é definido como o turismo que sustenta e realça as características geográficas de um lugar, seu meio ambiente, sua história, sua estética, favorecendo o

bem-estar da população residente ou local. De acordo com Tourtellot, citado por Petrocchi (2008, p. 209), o geoturismo:

- a) É sinérgico. O conjunto dos elementos cria uma experiência maior que a soma das partes;
- b) Produz informações para o turista e para o morador do lugar. As pessoas criam orgulho pelo acervo turístico do destino e habilidades para mostrá-lo;
- c) Beneficia economicamente a comunidade do destino;
- d) Preserva a integridade do meio ambiente;
- e) Proporciona viagens enriquecidas por momentos inesquecíveis. Os turistas retornam com conhecimentos novos, contam histórias e estimulam pessoas a visitar o lugar.

Pelas características e essência apresentadas, a fórmula do geoturismo se encaixaria perfeitamente na fase inicial do produto que se pretende criar, podendo ser revista consoante o seu desenvolvimento. Nesta perspectiva, tanto a abordagem da experiência turística quanto as abordagens do geoturismo ou senso de lugar, exigem níveis consistentes na qualidade dos serviços de hospitalidade. Sobre essa matéria, Lovelock e Wright (2002, p. 210), definem que “(...) a noção de serviço que não pode ser tocada ou carregada leva a uma metáfora teatral para a administração dos serviços do turismo: a visualização da entrega do serviço é semelhante à encenação de uma peça de teatro, tendo o pessoal de serviços como actores e os turistas como plateia” (Petrocchi, 2009).

Nesta base, recupera-se a importância da hospitalidade e do acolhimento para a materialização exitosa do produto turístico “Reconstituição da Geografia de Escravos em Angola”. Hotéis, restaurantes, pousadas, vilas ou cidades, são como cenários de palco, a realização dos serviços uma representação teatral e os turistas os espectadores, tendo como base a seguinte metáfora:

- a) Configuração dos aspectos performáticos;
- b) Uma contribuição para identificar o papel de cada um na representação;
- c) As pessoas das empresas de turismo seriam os actores de peça;
- d) Valorização das operações de bastidores em favor dos actores;
- e) Consideração do espaço físico como cenário e suporte da encenação;
- f) Os turistas constituiriam a plateia que assiste ao espectáculo;

- g) Compreensão de que a interacção entre o público e os actores constrói a imagem do destino.

Essa associação com a encenação teatral foi passada pelo turismo do estado do Tennessee para o seu slogan “*The stage is set for you*”, isto é “O palco está montado para você”.

A noção do acolhimento ou hospitalidade é muito abrangente e integra vários factores e actores, sendo fruto da combinação de diferentes acções como por exemplo:

- O sorriso de um oficial do consulado ou embaixada no momento do atendimento das pessoas interessadas a obter informações sobre os vistos ou Angola;
- O cumprimento dos horários de saída e chegada por parte da companhia aérea responsável pela transportaçã dos passageiros;
- A gentileza dos funcionários da companhia aérea no tratamento dos seus passageiros;
- A forma em que o oficial dos Serviços de Migração e Estrangeiros (SME) aborda os passageiros nacionais e estrangeiros no momento da solicitaçã de informações sobre a viagem;
- A atitude do oficial da alfândega ou polícia fiscal no momento de se dirigir aos passageiros para questionar algo sobre as bagagens;
- A amabilidade do taxista na prestaçã de informações sobre a cidade ou país e principalmente na cobrançã de valores reais, sem querer tirar proveito do visitante, que não conhece a realidade local;
- A cortesia de um simples cidadão que concede 5 ou 10 minutos do seu precioso tempo para prestar informações úteis ao visitante, sem cobrar nada em contrapartida;
- A gentileza e amabilidade de um recepcionista ou porteiro do hotel que ajuda um hóspede a carregar a suas malas ou outros objectos enquadrando o gesto na sua missã como profissional do turismo.

Em suma, todas essas acções e outras que podem parecer insignificantes e sem importância, concorrem significativamente para construçã e boa percepçã de um determinado destino turístico.

No domínio do turismo podem ser identificados quatro fases essenciais que definem o sistema do acolhimento turístico com forte impacto na imagem de marca do destino, a saber:

- a) O acolhimento nas representações diplomáticas do país no exterior;
- b) O acolhimento a bordo dos aviões e outros meios de transportes;
- c) O acolhimento nos aeroportos, portos e fronteiras nacionais;
- d) O acolhimento nos empreendimentos turísticos.

Atendendo que o acolhimento nas representações diplomáticas e outros locais já foi referenciado, nesta rubrica é dedicada especificamente ao acolhimento nos empreendimentos turísticos, nomeadamente hotéis, aldeamentos turísticos, aparthotéis, lodges, resorts, restaurantes e outros tipos de empreendimentos de alojamento, tendo em conta o seu impacto no sucesso de uma viagem, seja ela de negócios, lazer ou aventura.

Sendo importante mencionar que o turista quando chega num empreendimento turístico deve sentir-se protegido e com a sensação de estar num sítio seguro embora fora do seu ambiente. Essa sensação nem sempre é fácil de gerir e controlar, aumentando assim a responsabilidade dos profissionais do turismo na busca permanente da satisfação dos seus clientes.

Hospedar e dar de comer a pessoas de várias origens, culturas e religiões não é uma tarefa fácil, é uma missão complexa que deve ser assumida por verdadeiros profissionais, mestres de ofício que amam a sua profissão, onde o conceito de amabilidade e o protocolo de boas maneiras são sempre colocados em primeiro lugar. Entende-se por hospitalidade a arte de bem receber, ou seja, a estrutura e a rede de serviços que, através da qualidade do seu desempenho, visam atender a procura turística de forma agradável, gerando conforto e emoções positivas (Lockwood e Medlik, 2003).

Nesta base, os participantes ao Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro da Africanidade em Angola serão acolhidos consoante a hospitalidade local, baseada na sua identidade cultural herdada dos seus ancestrais. Sendo importante recordar que a procura turística na pós-modernidade é influenciada pelo carácter distintivo do lugar, ou seja, as estratégias promocionais dos destinos turísticos devem ressaltar aquilo que é singular, original e autêntico (Santos e Cravidão, 2015).

Assim, os empreendimentos turísticos localizados nas localidades que integram o projecto serão decorados com a indumentária tipicamente angolana, reforçada com os objectos de artesanato nas áreas públicas. Nos restaurantes será posta em evidência a deliciosa e diversificada gastronomia angolana, consoante a culinária da região onde estiver localizado o empreendimento, sem desprimor das iguarias da restauração internacional. A música, tendo em conta o seu espaço no contexto histórico e cultural angolano, será utilizada como meio de interacção e comunicação entre as comunidades locais e os visitantes.

Os empreendimentos turísticos deverão constituir-se em espaços privilegiados por excelência de promoção e divulgação daquilo que é a identidade cultural angolana, a sua bandeira, a sua história, as suas tradições, as suas músicas, as suas danças, a sua gastronomia, os seus valores e ritos tradicionais. Em suma, o seu património cultural, que deve constituir o baluarte de desenvolvimento em todas as vertentes.

Respeitar a identidade cultural angolana é honrar os ancestrais que tudo fizeram para defender e preservar a sua pátria; é homenagear aqueles homens e mulheres que lutaram toda sua vida sem medir esforços para libertar o seu país dos colonizadores, sem esquecer os milhões de angolanos e africanos inocentes transportados como mercadoria em navios, sem condições de salubridade para lugares incertos nos quatro cantos do mundo.

Para todos eles vai do autor o reconhecimento, o respeito, a gratidão e os profundos agradecimentos pelos sacrifícios consentidos em nome e pela causa de África, devido ao passado trágico que o projecto ora proposto pretende inverter em momentos de convívio, recreação e lazer, que terá no Festival Internacional de Encontro e Reencontro da Africanidade em Angola a sua marca e seu principal veículo de promoção, captação e atracção de visitantes.

CONCLUSÃO

A proposta da presente tese de doutoramento é o desenvolvimento do turismo cultural e de memória em Angola, avaliando até que ponto a reconstituição da geografia das rotas de escravos pode contribuir para a transformação dos locais de captura, comercialização, concentração e embarque de escravos em áreas de interesse para o turismo e fonte de receita turística para garantir o bem-estar das populações locais.

Como foi referido ao longo desta tese, Angola foi um dos países africanos que mais homens, mulheres e crianças perdeu enquanto durou o tráfico de escravos ou comércio triangular. Calcula-se que tenham saído do território angolano como vítimas, entre o período de 1501 e 1866, quase 5,7 milhões de pessoas, excluindo as que saíram antes e depois do referido período, o que pressupõe dizer que aproximadamente metade dos africanos traficados saíram da região de Angola, constituindo-se assim numa das mais importantes fontes emissoras de escravos.

A comemoração no dia 25 de agosto de 2019 dos 400 anos da chegada em 1619 dos primeiros escravos no solo norte-americano, mais concretamente em Jamestown, estado de Virgínia, constituiu um marco importante na história do tráfico negreiro entre Angola e os Estados Unidos da América. A presença da heroína angolana Ângela, primeira mulher africana escrava a pisar o solo americano, assim como a de Jemmy que liderou a rebelião Stono de 1739, uma das rebeliões mais sangrentas da época da escravatura; a réplica do Reino do Kongo no Quilombo dos Palmares do Brasil, ou a heróica participação do povo Kongo na revolução Haitiana em 1791 que levou a proclamação da primeira república negra fora do continente africano; são factos históricos que demonstram a influência dos angolanos na construção da história da humanidade e que devem ser reconhecidos, valorizados, preservados, divulgados e celebrados por todos.

Por outro lado, a Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos se sustenta na existência de vestígios do triste fenómeno que abalou a história da humanidade em várias localidades do território angolano; na criação pela UNESCO do projecto “Rota do Escravo” aprovado em 1993 através da Resolução 27. C/3.13; na Resolução n. 68/237 das Nações Unidas sobre a Década Internacional dos Afrodescendentes para o período 2015-2024; nas iniciativas de vários países africanos sobre essa matéria; e na vontade manifestada em alguns documentos oficiais do governo angolano sobre a necessidade da valorização da história da escravatura.

No entanto, se reconhece a complexidade e a sensibilidade desta investigação e do projecto que se propõe, devido aos seus contornos, dimensão, escala e o nível de desumanidade que atingiu, tendo alterado e influenciado consideravelmente a história e a estrutura demográfica de todas as sociedades a esfera global, cujas consequências negativas incalculáveis são vivenciadas até aos dias de hoje.

Como refere Ana Maria de Oliveira⁵⁴, “deve-se dar atenção particular à criação de espaços de memória ligados ao fenómeno da escravatura. Em Angola, uma dimensão histórica de tal amplitude recomenda-se à geração actual e ao poder decisor uma atenção particular em homenagem à ancestralidade angolana deportada para lugares longínquos, às variáveis intrínsecas ao próprio fenómeno (existenciais, culturais, económicas, demográficas) e à diáspora angolana descendente dessa ancestralidade, algures em parte incerta no mundo, que merece a melhor atenção por parte da sua pátria de origem”.

O turismo cultural, que representa actualmente um dos segmentos turísticos que mais cresce e atrai visitantes de todas as origens nos principais países receptores de turistas a nível mundial, tem constituído uma grande e forte oportunidade para facilitar a entrada de muitos países na competição internacional por força da sua identidade cultural. O continente africano com um património histórico e cultural vastíssimo, multidimensional, multiforme e inconfundível, tem sabido tirar proveito dos seus recursos, movimentando um fluxo considerável de turistas, como o Reino dos Marrocos, a África do Sul, o Quénia e o Egipto.

O turismo de memória, como uma das tipologias do turismo cultural, tem conhecido um crescimento significativo em países africanos que foram afectados pelo comércio triangular, como o Gana, Senegal, Benin, Tanzânia e outros que têm optado por valorizar, promover e divulgar os seus locais históricos ligados a escravatura, movimentando grande número de turistas anualmente, com o objectivo principal de descobrir e vivenciar os locais de origem dos seus ancestrais, graças a visão estratégica dos seus líderes, que deve servir de inspiração e modelo para países como Angola.

Nesta perspectiva, e considerando o manancial histórico e cultural que o território angolano dispõe, foram analisadas durante a presente investigação questões ligadas ao desenvolvimento do turismo cultural no segmento de memória, ou seja, Reconstituição

⁵⁴ Antropóloga, embaixadora e delegada permanente de Angola junto da UNESCO, na entrevista concedida durante esta investigação.

da Geografia das Rotas de Escravos em Angola, a fim de avaliar qual seria o seu contributo para desenvolvimento do turismo nacional e no bem-estar das populações locais. Assim, foi definido como objectivo geral da pesquisa:

«Elaborar um estudo sobre o turismo de memória nos territórios da escravatura e propor a criação da Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, visando a valorização dos pontos de captura, comercialização, concentração e embarque como lugares de interesse para o turismo».

Nesta conformidade, foram identificadas e definidas duas (2) hipóteses gerais e seis (6) específicas, desenvolvidas de forma individual e detalhada com recurso aos resultados dos dados das técnicas quantitativas e qualitativas de investigação, mais concretamente dos inquéritos por questionário e por entrevistas realizadas aquando do trabalho de campo.

Primeira hipótese: «o turismo de memória constitui o veículo ideal para a educação e reeducação dos angolanos sobre o seu passado histórico».

Como se previa inicialmente, a proposta de reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola despertou interesse de vários actores que acham, que será uma mais-valia para os angolanos por se tratar de espaços que constituem a história do país, seu passado e identidade colectiva. A reconstituição da história dos lugares de memória é de suma importância na medida em que irá valorizar a memória de uma realidade que marcou a sociedade angolana ao mesmo tempo que despertará e consciencializará a sua população sobre o seu passado histórico, ensinando-a a conhecê-la, valorizá-la, promovê-la e divulgá-la.

Houve unanimidade nos respondentes, tanto nos questionários como nas entrevistas, de que o presente projecto permitirá a colocação da história da escravatura na agenda nacional, despertando académicos/estudiosos, jornalistas, professores, artistas e profissionais do sector do turismo a promover debates e viagens sobre a matéria, o que permitirá perpetuar a história com a divulgação e massificação no seio da população angolana e não só. Quando foi colocada questão se participariam nas visitas juntamente com os seus familiares e amigos caso fosse reconstituída a geografia das rotas de escravos em Angola, que integrariam as quatro localidades de estudo com a duração mínima de 8 dias; Cerca de 99% dos residentes e visitantes das quatro localidades inquiridos

responderam afirmativamente, demonstrando claramente a vontade e a necessidade de ver a história da escravatura reconstituída em Angola com maior brevidade possível.

Reconstituir a geografia das rotas de escravos em Angola, para além de ser um gesto “sagrado” e patriótico de reconhecimento e reconciliação com o passado histórico, para iluminação do futuro através da conscientização do presente, vai permitir acima de tudo conhecer a verdade para libertar o país da carga histórica, a fim de compreender e perdoar os erros de um passado sombrio para construir tempos melhores.

Segunda hipótese: «o estudo sobre a escravatura em Angola vai permitir a descoberta de factos novos e abordagens inéditas sobre a história do país».

O estudo sobre a Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos permitiu descobrir novos factos protagonizados por elementos escravizados de origem angolana em várias partes do mundo, tendo influenciado e provocado mudanças profundas de políticas de governação e sociais em diferentes sociedades escravagistas onde passaram em defesa dos seus direitos, para além de permitir também o descobrimento ou conhecimento de vários locais históricos ligados a história da escravatura em Angola, que eram desconhecidos anteriormente.

Terceira hipótese: «a criação do projecto rota turística de escravos em Angola é fundamental para garantir o desenvolvimento dos territórios da escravatura e assegurar o bem-estar das populações locais».

Desde o seu surgimento, o turismo foi sempre considerado como um factor de desenvolvimento graças as suas múltiplas vantagens tradicionais como a geração de empregos, captação de divisas, equilíbrio da balança de pagamentos, urbanização do território e vector de desenvolvimento, carregando consigo vários sectores económicos como os da agricultura, construção civil, comércio, indústria, cultura, transporte e outros. A reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola procura levar o desenvolvimento aos locais ligados a história da escravatura, melhorando as acessibilidades, as infra-estruturas de apoio, os equipamentos turísticos, assim como garantir a empregabilidade dos cidadãos e consequentemente assegurar o bem-estar das populações locais.

As vantagens apresentadas sobre o turismo foram evidenciadas nas diferentes viagens de teste realizadas em grupo nos locais de estudo, onde os mercados populares eram

invadidos pelos visitantes em busca de produtos alimentares, roupas locais, objectos de artesanato e outras recordações ou souvenir para casa. Essa realidade foi observada repetidas vezes nos diferentes mercados situados ao longo das estradas onde são expostos os produtos a comercializar, sendo importante destacar que a viagem dos diplomatas africanos aos locais de estudo foi a que mais compras e rendimento gerou às populações, porque foi a primeira vez que viveram uma experiência igual desde que chegaram ao território angolano.

Quarta hipótese: «a implementação do projecto rota turística e cultural de escravos em Angola é a alternativa mais viável para o desenvolvimento do turismo de memória em Angola».

Pelo número de seres humanos que Angola perdeu como consequência do tráfico negreiro, cujas repercussões em termos demográficos são sentidas até aos dias de hoje, há poucas dúvidas sobre a reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola ser a alternativa mais viável, não apenas para o desenvolvimento do turismo de memória, mas também e, fundamentalmente, para homenagear as vítimas do fenómeno tráfico de escravos, que foram forçados a abandonar o seu habitat habitual, sua família e o seu território sem piedade, sendo que uma boa parte pagou com a própria vida.

Quinta hipótese: «o turismo de memória representa para Angola um elemento diferenciador para fazer face a competitividade turística regional e internacional».

Angola situa-se na região SADC, onde estão localizados países fortemente estruturados e organizados em termos do turismo clássico (sol e mar, ecoturismo, turismo cultural, turismo de negócios), que lideram o continente africano em termos de chegadas e receitas turísticas. Competir com esses países é uma missão difícil, tendo em conta que os mesmos possuem grandes vantagens competitivas que começam com as infra-estruturas gerais de apoio, estruturação do turismo, assim como um posicionamento consolidado no mercado regional e internacional. Portanto, afigura-se mais fácil para Angola a colocação de um produto inovador no mercado turístico da SADC com as características do projecto da reconstituição da geografia das rotas turísticas de escravos em Angola, porque nenhum dos países da região desenvolveu um segmento turístico igual e é baseado nos factos históricos e culturais do país, tornando a sua imitação quase impossível.

Em outras palavras, Angola terá muito mais chances de sucessos lançando um produto turístico diferenciado como o da reconstituição da geografia das rotas de escravos,

sobretudo nesta fase inicial, aproveitando a onda e o interesse dos afrodescendentes em descobrir as suas origens para evidenciar, valorizar e divulgar o seu passado histórico ligado à escravatura. Assim, não é de estranhar que a maioria dos inquiridos tenha considerado o projecto da reconstituição da geografia das rotas de escravos como um veículo essencial para a promoção de Angola no exterior devido a sua essência e exclusividade.

Nesta perspectiva, a formatação do projecto da reconstituição da geografia das rotas de escravos em Angola poderá representar uma importante alavanca e um elemento de distinção e diferenciação do produto turístico angolano com os demais destinos turísticos da região, que uma vez valorizado, gerido, promovido e divulgado de forma racional e consistente, poderá captar muitos visitantes e catapultar o país numa outra dimensão no domínio do turismo, cujo Festival Internacional Bianual de Encontro e Reencontro da Africanidade, será o seu principal veículo de captação de visitantes internos, regionais e internacionais.

Sexta hipótese: «o enquadramento festival da africanidade na rota turística e cultural de escravos em Angola, constituirá um elemento estratégico para captação de visitantes e turistas para o país».

Pelas suas características, formato, composição e dimensão, o festival constitui uma alavanca extremamente importante e incontornável para catapultar o turismo angolano para uma fase de desenvolvimento sustentável. Ficou demonstrando durante as entrevistas realizadas que existe um grande interesse em ver estruturado, organizado e operacionalizado o festival internacional bianual de encontro e reencontro da africanidade em Angola para a dinamização da oferta turística angolana em todas as vertentes.

Em suma, se pode afirmar que o trabalho de investigação desenvolvido responde aos objectivos e as hipóteses apresentadas, assim como responde as perguntas de partida formuladas. Importa referir que a grande força impulsionadora e motivadora do presente trabalho foi saber que existe um passado histórico de um povo esquecido que precisa de ser reconhecido, valorizado, divulgado e exaltado.

No decurso desta investigação procurou-se mostrar um caminho e acções que podem ser implementadas para se alcançar esse desiderato, apesar de reconhecer que existem ainda alguns obstáculos. Todavia, havendo vontade política transformada em acções concretas, e unindo todas as forças vivas da nação angolana em volta da mesma causa, será muito

mais fácil concretizar os objectivos propostos, partindo do princípio de que, não há sucesso individual sem a participação colectiva, ou seja, a união faz a força.

Limitação do trabalho e pistas para futuras investigações

a) Limitações do Trabalho

Ao longo do presente trabalho de investigação foram surgindo inúmeras dificuldades e limitações, algumas de ordem pessoal e outras conjunturais. Uma das principais dificuldades foi a gestão do tempo entre o trabalho e a tese e encontrar uma fórmula certa para equilibrar as coisas, sem prejudicar nenhum dos lados. A segunda dificuldade foi a situação financeira, que devido ao não cumprimento por parte do Ministério da Hotelaria e Turismo de Angola do acordo assinado entre o mesmo e a Universidade de Coimbra, que previa a assunção pelo ministério o pagamento da formação dos seus trabalhadores, forçando os estudantes a pagarem as propinas com recursos próprios.

No que se refere as limitações, a primeira foi a dificuldade de encontrar referências bibliográficas sobre a história da escravatura em Angola, situação que se conseguiu minimizar depois de muito esforço. Outra grande limitação durante a elaboração do presente trabalho foi o surgimento da pandemia Covid-19, que veio complicar a programação feita em termos de inquéritos por questionários e por entrevistas e teve como consequência a diminuição do número de inquiridos, sobretudo no tocante aos visitantes que escassearam depois do fecho das fronteiras do país. Para o efeito, foi preciso fazer uma adaptação ao novo normal e encontrar soluções alternativas.

b) Pistas para futuras investigações

No decorrer da investigação foi notável, em todas as fases, o interesse das pessoas sobre a matéria da história da escravatura em Angola e a necessidade de se alargar os estudos neste domínio. As regiões de Angola, forneceram quase metade de africanos escravizados, partindo do princípio de que foram aproximadamente doze milhões de almas forçadas a abandonar o continente africano.

Assim, considerando que Benguela foi uma das regiões de Angola que mais escravos forneceu e, tendo ficado fora do estudo por razões operacionais, seria recomendável a continuidade dos estudos naquela província e em outras localidades, como Malanje, Cuanza Sul e Namibe, com vista a completar o trabalho de investigação no domínio da

história da escravatura no país e permitir no futuro a reconstituição de várias rotas da geografia de escravos em Angola e prever a sua unificação.

Entende-se também ser importante a formação de gestores das rotas de escravos, historiadores e guias especializados, com vista a dar suporte e sustentabilidade aos projectos ligados à escravatura para garantir melhor gestão dos locais, bem como a preservação da história e dos espaços ligados a escravatura.

Finalmente, é importante a formação de especialistas de marketing para garantir a promoção e divulgação dos projectos ligados a história da escravatura ao nível local, nacional, regional e internacional, com vista a facilitar a promoção dos projectos e a consequente captação de potenciais visitantes a fim de se massificar o referido produto turístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, J. (2019). “Kimpa Vita – A Profetisa Ardente” – Teatro, Mayamba Editora, Luanda.
- Abrantes, J. (2019). “Filho Bem-Amado do Kongo” – Nsaku Ne Vunda/aliás, Dom Antonio Manuel/aliás, Marqués de Funesta/aliás, «O Negrita» Mayamba Editora, Luanda.
- Acerença, M.Á. (1999). “Administracion del turismo”, Madrid: Trillas.
- Antolovic, J. (1996). “Immovable Cultural Monuments and Tourism”, in cultural tourism sessions notes XIII assembly ICOMOS, pp.103 - 112, Mexico.
- Ashworth, G. (1995). Tourism and Spacial Transformations – Implications for Policy and Planning, Cab International, London.
- Barroco, S. & Barroco, E. (2008). “A importância da Gastronomia como Património Cultural, no Turismo Baiano”. Revista de Investigación en turismo y desarrollo local. Vol.1, Nº2. Disponível em: www.eumed.net/rev/turydes/. Acesso em 01 de Junho de 2020 às 21 horas.
- Beni, M. (2001). “Análise estrutural do turismo”, (6ªEdição), São Paulo, Editora Senac.
- Beni, M. (2007). “Análise estrutural do turismo” (12ªedição). São Paulo: Senac.
- Bell, J. (1997). “Como Realizar um Projeto de Investigação”, Um Guia para Pesquisas em Ciências Sociais e da Educação, Gradiva, Lisboa.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). “Investigação Qualitativa em Educação”, Coleção da Educação, Porto Editora, Porto.
- Boudieu, P. (1999). “A miséria do Mundo”, 3ª Edição, Voces, Petrópolis.
- Breton, Jean. (2009). “Patrimoine Culturel et Tourisme Alternatif”, Editions Karthala, Paris.
- Brito, M. (2013). “Percurso de sustentabilidade: Policas e políticas de planeamento para o desenvolvimento turístico do município de Sines”. Tese de Doutaramento, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Caldeira, A. (2013). “Escravos e traficantes no império Português” - O comércio negreiro português no Atlântico durante os séculos XV a XIX. Lisboa: A esfera de livros.

Carreira, A. (2000). “Cabo Verde-Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)”, Estudos e Ensaio, Cabo Verde.

Carvalho, K. (2010). “Lugares de memória e políticas públicas de preservação do património: Interface com o turismo cultural”, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC – BA).

CAMPABELL, (1994). “Tourism tomorrow”: Towards a Canadian Tourism Strategy, Canadian Government office of tourism, Ottawa.

Castro, B. (2019). Património Cultural e a Reabilitação Urbana – Um caminho para o desenvolvimento do Turismo em Cidades históricas – A especificidades do Dondo, Lisbon Internacional Press, Lisboa.

Cazalma, A. (2016). “Contributo do desenvolvimento sustentável do turismo nas áreas transfronteiriças de conservação, inclusão das comunidades e promoção da paz”. Área transfronteiriça de conservação de Okavango Zambeze, componente angolana – ATFC/Angola. Tese de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). “Metodologia da Investigação – Guia para auto – aprendizagem”, Universidade Aberta, Lisboa.

Césaire, A. (2013). “Discours sur le colonialism suivi de Discours sur la Negritude”, Editions Presence Africaine – CPI – Brodard & Talpin - France.

Chesnel, M. (2001). “ Le tourisme culturel de type urbain: Amenagement et strategies de Mise en Valeur, L´harmattan, Paris.

Colas & Buendia (2001). “Técnica mais utilizada na investigação educativa”.

Cohen, L. & Manion, L. (1980). “Introduction: The nature of inquiry”. In L.Cohen & L. Manion (Eds), Research methods in education, London, Routledge.

Cravidão, F. & Santos, N. (2013), “Turismo e Cultura – Destinos e Competitividade) ”, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Cunha, L. (2013). “Economia e políticas do turismo”. Lisboa: Lidel.

- Curtin, P. (1969). "The atlantic slave trade", University of Wisconsin Press, Madison.
- Curzon, L. (1859 – 1925). Britânico, Governador da Índia.
- Décio, F. (1982). Palmares – "A Guerra dos Escravos", Escravos Graal.
- Dolores, R. & Corner, R. (2008), "O Patrimônio Cultural Imaterial sob a Perspectiva da Gastronomia", In: V Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SeminTUR) Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina – Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/semin_tur/arquivos/gt13-05.pdf. Acesso em 20 de Junho de 2020.
- Denzin, N. (1970). "The Research Act.", Aldine, Chicago.
- Deveau, Jean. The Slave Trade and Consequently Slavery, which lasted from the 16th to the 19th Century, constitute one of "The Greatest Tragedies in the History of Humanity in terms of Scale and Duration. Unesco» Culture» Themes» Dialogue» The Slave Route» 2011.
- Denscombe, V. (2001). "The Mind's Provisions: A critique of cognitivism", NJ: Princeton University Press, Princeton.
- Documento do Arquivo Histórico Nacional de Angola – Luanda, caixa n-203, Documento n-82.
- Eltis, D. (1983). "Free and coerced transatlantic migrations: some comparisons", *The American Historical Review*, 251-280.
- Eltis, D. (1987). "Economic growth and ending of the transatlantic slave trade": a reassessment. *The William and Mary Quarterly*, 58 (1), 17-46.
- Eltis, D. (2000), "The rise of African Slavery in the Americas", Cambridge University Press.
- Eltis, D. (2001). "The volume and structure of the transatlantic slave trade": a reassessment. *The William and Mary Quarterly*, 58 (1), 17-47.
- Eltis, D. (2002). "Coerced and free migration: Global perspectives", Stanford University Press.

- Eltis.D. & Jennings, L. C. (1988), “Trade between Western Africa and the Atlantic World in the pre-colonial era”, *The American Historical Review*, 93(4), 936959.
- Erickson, F. (1986), “Qualitative Methods in Research on Teaching) ”, In M.C. Wittrock (Ed.), *Handbook of Research on Teaching*, Macmillan, New York.
- Erlandson, A., Harris, E., Skipper, B., & Allen, S. (1993), “Doing Naturalistic Inquiry: A guide to methods”, Macmillan, New York.
- Etaba, R. (2009). “Le tourisme culturel au Cameroun”, L’*harmattan*, Paris.
- Farmer, A. (2012). “Access to History for the IB Diploma”: *United States Civil War: causes, course and effects 1840 – 77*, Hodder Education.
- Ferreira, R. (2012). “Dos Sertões ao Atlântico – Tráfico Ilegal de Escravos e Comércio Lícito em Angola 1830-1830”, Editorial Kilombembe, Lda, Luanda.
- Fernando, M. (2015). “O Turismo em Angola” – Caso específico da planificação do Mussulo, Mayamba Editora, Luanda.
- Filho, N. Conferencista, consultor científico e educacional. Escritor da FTD. Pós-graduado em Microbiologia. Editor de 16 livros didáticos publicados e adotados em todo Brasil.
- Fortuna, V. (2011). “Angolanos na formação dos Estados Unidos da América”, Editora Damer Gráfica, Luanda.
- Fortin, M. (1999), “ O Processo de Investigação: da concepção à realização” (2ª Edição), Loures, Lusociência.
- Furtado, F. (2004). “A Gastronomia como Produto Turístico”, Editora Senac, <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/gastronomia.html>, consultado no dia 30 de Junho 2020.
- Geertz, C. (1989). “ A Interpretação das Culturas”, Editora LTC, Rio de Janeiro.
- Giddens, A. (2000). “Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós”, Record. Rio de Janeiro.
- Gil, A. (2006). “Metódos e técnicas de pesquisa”, (5ª Edição), Atlas, São Paulo.

- Gonçalves, J. (2016). “Gastronomia Angolana e Internacional”, Editora Pindal Coimbra – Portugal.
- Guba, G. & Lincoln, S. (1991), “Naturalistic Inquiry”, Sage Publications, Newberry Parc CA.
- Gunter, I. (2016). Oportunidades e desafios para os destinos turísticos. *Tourism Trends Review (Turismo 16)*. Porto.
- Haguete, F. (1997). “Metodologias Qualitativas na Sociologia”, 5ª Edição, Vozes, Petrópolis.
- Hallbwacs, M. (1991). “Fragmentos de la memória colectiva”, In: *Revista de la Cultura Psicológica*. Ano 1, numero1, UNAM – Faculdade de Psicologia, Mexico.
- Harriet Tubman, Civil Rights Activist in USA (c. 1820 – 1913).
- Hill, M. & Hill, A. (2002). “Investigação por questionário”, (2ª edição). Edições Silabo, Lisboa.
- Hunziker, W. & Krapf, K. (1942). “Allgemeine Fremdenverkehrslehre”, Zúrique.
- Japiassú, H. & Marcondes, D. (1996). “Dicionário da língua portuguesa”, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro.
- Krippendorf, J. (2009). “Sociologia do turismo. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens”, 2ª edição. São Paulo: Aleph.
- Krippendorf, J. (2003). “Sociologia do turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens”, 1ª edição. São Paulo.
- Keita, B. (2018). “História da África Negra”, Texto Editores (1ª Edição), Luanda.
- Kotler, P. & Armonstrong, G. (1999). “Princípios de Marketing”, Editorial LTC, Rio de Janeiro.
- Lakatos, E. & Musgrave, A. (1970). “A crítica e desenvolvimento do conhecimento”, Cultrix, São Paulo.
- Lakatos, E. & Marconi, M. (1990). “Fundamentos de Metodologia Científica”, Editora Atlas, São Paulo.

- Lakatos, E. & Marconi, M. (1991). “Fundamentos de metodologia científica”, Editora Atlas S.A, São Paulo.
- Lakatos, E. & Marconi, M. (1996). “Técnicas de Pesquisas”, 3ª Edição, Editora Atlas, São Paulo.
- Lienhard, M. (2001). “Le discours des esclaves de l’ Afrique à l’Amerique Latine”, L’harmattan, Paris.
- Lemos, L. (1999). “Turismo que negocio é esse?”, Campinas, Papyrus.
- Lennon, J. & Foley, M. (2000). “Dark Tourism”: The attraction of death and disaster, Continuum, London.
- Le Golf, J. (1996). “História e Memória, Editora Unicamp, Campinas, São Paulo.
- Linda, H. & Thornton, J. (2007). “Central africans creoles, and the Foundation of the Americas, 1585-1660, Cambridge University Press, New York.
- Levitt, T. (1990). “ A imaginação de marketing”, 2ª edição, Atlas, São Paulo.
- Ludke, M. & Andre, A. (1986). “Pesquisa em Educação, Abordagens Qualitativas”, E.P.U., São Paulo.
- Lovelock, C. & Wright, L. (2002). “Serviços de Marketing e Gestão ”, Saraiva, São Paulo.
- Lopez, M. (2020). “Diálogo com@pesquisador(02), realizado aos 17/08/2020.
- Lockwood, A. & Medlik, S. (2003). Turismo e Hospitalidade no século XXI. Barueri, Manole.
- OCDE (Organization de Cooperation et de Developpement Economiques), (1997), Mieux comprendre nosVilles-Rôle des indicateurs Urbain Durable-la ville Ecologique, OCDE, Paris.
- OCDE (2009), The impacto of culture on tourism.
- OMT (Organization Mundial de Tourisme), «Perspective du marche touristique d’ici à l’an 2000 e au de la» Gazette Officielle du tourisme, nº1163, 10 Mai (1993, pp. 2-8.
- OMT (Organização Mundial Tourisme), (1993), Desenvolvimento de turismo sustentável: Manual para organizadores locais, publicação de turismo e ambiente.

- OMT (Organização Mundial do Turismo), (1998), Informe sobre el desarrollo del turismo-política y tendencias, 1ª edición, Madrid.
- Onate, M. (1994). “Marketing Turístico, Editorial Centro de Estudios Ramón Aceres, Madrid.
- Origet, C. (1990). «L’acces materiel des touristes à la ville», Premieres Assises Europeennes du tourisme Urbain, l’enjeu touristique des dix prochaines années. Rennes, 15 e 16, Novembre 1990, pp. 99-102, Rennes.
- Origet, C. (2013). “Le tourisme culturel”. Edition Boeck Superieur. Paris-France.
- Petrocchi, M. & Hall, P. (2008). “Turismo Planeamento e Gestão ”, Casa de Idéas, São Paulo.
- Planel, M. (2005). “Tourisme et Musées”: Une cooperation necessaire, Cahier Espace, 87, Novembre.
- Portugues, P. (2001).“ Consumo e espaço”: Turismo, lazer e outros temas, Roca, São Paulo.
- Portuguez, P. (2004). (Org.). “Turismo, memória e património cultural”, Roca, São Paulo.
- Pollak, M. (1992). “Memória e Identidade Social”, Revista dos Estudos Historicos, Rio de Janeiro.
- Pollak, M. (1989). “Memória, Esquecimento e Silêncio”, Estudos Historicos, São Paulo.
- Plano Director do Turismo de Angola (2011). Ministerio da Hotelaria e Turismo.
- Ramos, S. (2017). “Desenvolvimento do Turismo em Luanda – Turismo de Negócios, Gestão e Sustentabilidade”, Tese de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura, Ramo de Turismo e Desenvolvimento, Orientada por Professor Doutor Norberto Nuno Pinto de Sousa, Co-orientada por Professora Doutora Fernanda Cravidão e apresentada ao Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Rawley, J. (1981). “The Trans-Atlantic Slave Trade”. www.norton & company, New York.
- Rasmussen, D. (2011). American Uprising, Harpercolling, New York.

Rebollo, V. & Baidal, I. (2001). “La formation y la investigacion turística en Españã: Una vision de síntese”, *Papers de Turisme*, Agência Valenciana del Turisme.

Vita, R. (2019) “Sobre a Igreja Católica e a escravatura dos Africanos”, *Jornal Público*, Artigo publicado no dia 30 de Abril de 2019, às 2 horas, Lisboa.

Ria Dunkey. University of Wales Institute, Cardiff.

Robert, H. (1981), *River of Wealth, River Sorrow: The Central Zaíre Basin in the Era of Slave and Ivory Trade, 1500 – 1891*, Yale University, London.

MARKIDES (1999), apud Carvalho, Marly, M. de Laurundo, Fernando J.B., *Estratégias para competitividade*”, Futura, São Paulo.

Marques, J. (2013). “Turismo de Negócios: Convention & Visitors Bureau na Região Centro de Portugal”. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

MARVA, Pamela (30/10/2020, às 8 horas) Artigo: Neste dia, em 1831, Nat Turner era preso por liderar uma Rebelião de Escravos.

Mascarenha, F. (2012). “O Outro Lado da Escravatura”- Repressão e abolição do serviço forçado de carregadores e do tráfico de escravos, DAMER, Luanda.

Mathieson, A. & Wall, G. (1982). “Tourism: Economic, Physical and Social Impacts”. Longman: Essex.

MAYRA, Lassalete e Betty, Zakrzewski, Jornalista da Voz da América – VOA, Reportagem sobre os 400 anos da chegada dos primeiros 20 escravos nos Estados Unidos.

Merrian, S. (1998). “Case Study in Education: A qualitative approach”, Jossey – Bass Inc., Publisher, London.

Ministerio da Hotelaria e Turismo de Angola: Boletim De Estatística Do Mercado Hoteleiro e Turístico Do Ano 2014. Edições Angola, Luanda.

Ministério Da Hotelaria E Turismo De Angola: Boletim De Estatística Do Mercado Hoteleiro E Turístico Do Ano 2013. Edições Angola, Luanda.

Ministério Da Hotelaria E Turismo De Angola: Plano Director Do Turismo De Angola- Acções E Metas 2011-2020.

Ministerio Da Cultura De Angola: Njinga Mbande E Aimé Césaire-Independência E Universalidade, (2013).

Morena, C. (2013). “Turismo, Território e Desenvolvimento”. Competitividade e Gestão Estratégica dos Destinos. Dissertação de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura. Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Nelson, Lloyd S. Estatístico, Professor, Autor, citado por Deming em Saia da Crise.

Nora, P. (1993). “Entre a memória e história. Problemática dos lugares”. Revista Projecto Historia, Pontifícia, Universidade Católica, nº10, São Paulo.

Nota Informativa da Embaixada de Uruguia em Angola, intitulada: 194º Aniversário da data nacional do Uruguay, datada: Luanda, 1 de Agosto de 2019.

Nuryanty, W. (1996). «Heritage and post-modern tourism», Annals of tourism research, Vol. 23, nº2 (1996), pp. 249-260.

Nascimento, S. Jornalista & Doutora em ciência da comunicação pela ECA-USP e autora do livro Brincando e Ouvindo Historias, parte de colecção do Nucleo de Apoio a pesquisa em estudos indisciplinares sobre a regra brasileira (NEINB), da USP.

Santos, C. (1999). “Trabalho Experimental na Aprendizagem em Ciências”. O desenvolvimento de Competências Científicas na disciplina de Técnicas Laboratoriais de Biologia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Lisboa.

Santos, N. & Cravidão, F. (2015). “Gastronomia e Vinhos do turismo de experiência à experiência pelo turismo”, Edições Minerva, Coimbra.

SANTOS, Joel (2013), “A Escravatura no Brasil”, Editora Melhoramentos Ltda, São Paulo.

Santos, C. (1999). “Trabalho Experimental na Aprendizagem em Ciências”, o Desenvolvimento de Competências Científicas na Disciplina de Técnicas Laboratoriais de Biologia, Universidade de Ciências e Tecnologia. Lisboa.

Setas, A. (2011). “História do Reino do Kongo”, Mayamba Editora, Luanda.

Solomon, N. (2014). “Doze Anos Escravo”, Relógio D’água Editores, Lisboa.

Sousa, A. (2005). “Investigação em Educação”. Livros horizonte. Coimbra.

- Silvestre, C. (1999). “Dondo de 1500 a 2000) ”, Sopol, SA. Luanda.
- Study (2009), Study on the competitiveness of the tourism industry.
- Silva, R. (1997). “Proposta do Governo do Estado do Maranhão para inclusão do Centro Historico de São Luis na lista do Patrimonio Mundial da UNESCO. São Luis.
- Silva, A. (2004).” A investigação científica e turismo”, Revista Turismo e Desenvolvimento”, Volume 1, Nº1, Editorial Noticias, Universidade de Aveiro.
- Schûter, R. & Winter, G. (2007). “Turismo. Una Perspectiva Empresarial. Ciet, Buenos Aires.
- Tomba, J. (2019) Artigo: Casamansa (Senegal) e o Povoamento dos Kongo do Poderoso Reino do Kongo do Século XIX, Públicado no dia 12/02/2019.
- Tomé, M. (2013). Turismo, Medo e Violencia, Edição 1
- Thornton, J. (2009). “The Kongolese Saint Anthony” – Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684-1706, Cambridge University Press, New York.
- Umbelino, J. & Silva, F. (2017). “Planeamento e Desenvolvimento Turistico”, Lidel – Edições Técnicas, Lda.
- Universidade Lusíada De Angola, 15º Forum de Arquitetura, realizado pelo Centro de Investigação Científica, em colaboração com a Universidade Federal Da Bahia Do Brasil, DE 5 a 9 de Outubro de 2020.
- Williams, S. (2009), “Tourism Geography. New Synthesis. Routledge, London.
- WTTC (Conselho Mundial de Turismo e Viagens).
- Unesco. (2015). Slave tourism african american travel. Retrieved from <http://www.unesco.org>
- Unesco. (2015). Dialogue the slavery route. Retrieved from <http://www.unesco.org>
- Unesco. (2015). Project transatlantic slave trade. Retrieved from <http://www.latitudenews.com>
- Politize. (2020). Zumbi dos Palmares, o Guerreiro da Liberdade. Retrieved from <http://www.museudacruzada.com.br>

Philasun. (2020). Diaspora smooth traveler virgins historic triangle Jamestown settlement part two. Retrieved from <https://www.philasun.com>

Tvbrasil. (2020). Consciencia negra Aquilune. Retrieved from <http://www.tvbrasil.org.br>

Santos. R. (2020). Damas Negra. Retrieved <http://www.gelede.org.br>

Infescola. (2020). Escravidão nos Quilombos – História do Brasil. Retrieved from <https://www.infescola.com>

BBC. World Africa. Retrieved from <http://www.bbc.com>

Wikipedia. (2020). Title dos palmares. Retrieved from <https://pt.wikipedia.org>

Todamateria. (2020). Ganga Zumba. Retrieved from <https://www.todamateria.com.br>

Almapreta. (2020). Tereza de Benguela a liderança negra brasileira. Retrieved from <https://www.almapreta.com>

Sabado. (2020). Vida detalhe chamava-se angela embarcou em lisboa e foi a primeira escrava dos eua. Retrieved from <https://www.sabado.pt>

Recantos das letras. (2020) website recantosdasletras. Retrieved from <https://www.recantosdasletras.com.br>

ANEXO I – FIGURAS ANGOLANAS QUE SE DESTACARAM NA LUTA CONTRA A ESCRAVATURA

Foi Manikongo ou Ntotela do Reino do Kongo, nasceu em 1456 em Mbanza Kongo, filho de Nzinga Nkuwu (João I), sucedeu o seu pai no trono, tendo reinado durante 37 anos, ou seja, de 1506 a 1543.

N´vemba Nzinga, marcou a história da colonização portuguesa pela duração do seu reinado, capacidade negocial, esforços empreendidos pela consolidação do cristianismo no reino do kongo, interesse pela educação e a sua oposição ao tráfico de escravos nos seus territórios a maneira Europeia.

Sendo importante realçar aqui que, inicialmente o Manikongo N´vemba Nzinga, tinha aceite integrar a comercialização de escravos que eram essencialmente os prisioneiros de guerra capturados nas batalhas entre os diferentes reinos, nos seus tratados comerciais com o Reino de Portugal, sem no entanto prever as consequências nefastas desta decisão e sobretudo do seu impacto em termos populacionais, tendo confundido talvez os conceitos entre o modelo de escravatura africana e o que foi imposto pelos Europeus que se transformou em comércio triangular.

Perante esse cenário complicado e com vista a manter o controlo da situação, N´vemba Nzinga, endereçou uma carta no dia 06 de Julho de 1543 ao Rei D, Manuel I de Portugal, chamando-o a atenção sobre a forma que o tráfico de escravos estava a expandir e a provocar paulatinamente o despovoamento do Reino, tendo sublinhado que “Vossa Alteza meu irmão em Cristo como o tratava não irá concordar com isto” ’, tendo acrescentado ainda que “É nossa vontade que nestes reinos não haja comércio de escravos, nem servir para transito dos mesmos (escravos), solicitando envio apenas de pessoas dignas aos seus territórios como sacerdotes e professores.

Importa referir que em Africa existia um conceito totalmente diferente da escravatura, onde o escravo apesar de ser prisioneiro de guerra na maior parte capturados nas batalhas entre os diferentes reinos, mas continuavam a ser tratados com seres humanos, contrariamente ao conceito trazido pelos europeus que transformou os seres humanos em mercadoria ou maquinas de trabalho.

Ricardo Vita, Panafricano e crítico da história da África, refere “A escravatura no Reino do Kongo, tinha uma definição jurídica: O escravo não perdia o seu estatuto de ser

humano, podia reaver a sua liberdade e os seus direitos momentaneamente perdidos e a prática era sobretudo vender prisioneiros de guerra”.

O Manikongo N'vemba Nzinga, receando que do comércio de escravos pudessem advir abusos por parte de comerciantes portugueses contra o seu povo e por forma a prevenir eventuais situações, chegou a exigir numa das suas cartas escritas entre 1519 e 1520, dirigida ao Rei D. Manuel I de Portugal, solicitando a emissão de um alvará proibindo o comércio no Kongo por parte dos navios portugueses que não fossem do Estado, muito antes da famosa carta que denunciava o despovoamento do seu reino. A situação ficou totalmente fora do controlo depois da morte do Rei D. Manuel I, que era o seu irmão em Cristo, tendo atingido os níveis incalculáveis conhecidos hoje em termos de números de escravos (mbundo).

a) Nzinga Mbandi (1582 – 1663)

Nzinga Mbandi, nasceu em 1582, depois do seu baptismo católico passou a chamar-se Ana de Sousa. Nzinga, foi rainha do Reino do Ndongo entre 1624 – 1626 e fundadora do Reino da Matamba, do qual foi rainha até a sua morte aos 17 de Dezembro de 1663, aos 81 anos de idade.

Nzinga Mbandi, foi um dos mais poderosos governantes do continente africano, tendo-se distinguindo no meio dos homens com as suas acções estratégicas e sobretudo como uma mulher valente, visionaria, destemida que foi capaz de enfrentar tudo e todos.

Nzinga Mbandi, foi filha do Ngola Kiluanji, rei do Ndongo e de Ngangela Makombe. Irmã do Ngola Mbandi que sucedeu o seu pai depois da sua morte e posteriormente substituído pela Nzinga Mbandi depois da sua morte em condições estranhas.

Nzinga Mbandi, rainha do Ndongo e da Matamba, lutou para preservar a soberania do seu povo, usando a diplomacia e o diálogo como fortes instrumentos da sua estratégia que só partia para guerra quando não houvesse uma solução negociada na maior parte dos casos.

Um dos exemplos mais referenciados sobre a grande líder africana, foi quando se deslocou à Luanda a mando do seu irmão Ngola Mbandi, para negociar com o governador português. Na sua chegada foram observados todos procedimentos protocolares com direito a parada militar e tapete, mas quando ela chega ao local do encontro, só havia uma cadeira, a do amfitrião e o mesmo sentado aguardando por ela. Depois de uma rápida análise e reflexão sobre o cenário e para demonstrar o seu poder e manter o equilíbrio

bilateral entre as partes do ponto de vista negocial, chamou um dos seus ajudantes para ajoelhar deitando ao chão e ela sentou-se nas costas dele, surpreendendo assim a outra parte.

Alem de defender o seu povo com garras, Nzinga Mbandi lutou para unidade dos diferentes reinos para poder fazer face ao inimigo comum que eram os invasores europeus, tal como veio defender Kwame Nkrumah, primeiro presidente do Ghana e um dos fundadores do Pan-Africanismo séculos depois, Muammar Al Kadhafi e agora Arikana Chihombori – Quao, Embaixadora da União Africana nos Estados Unidos da America que “a Unidade entre os Países Africanos constitui a única arma estratégica para fazer face as injustiças que a África tem sido vitima e aos desafios de desenvolvimento do continente”.

Nzinga Mbandi, foi também uma grande lutadora contra a escravatura, nunca concordou com o comércio triangular, tendo chegado a um entendimento com os seus adversários que todo e qualquer escravo que se escapa-se dos seus patrões e entrar nos territórios sobre sua alçada, era automaticamente considerado um homem livre.

Fruto da sua visão, força, coragem, valentia, tenacidade e persistência, Angola só foi totalmente ocupada pelos portugueses em 1683, depois da sua morte aos 81 anos de idade.

b) Nvita Nkanga (1617 – 1665)

Nvita Nkanga, que depois do seu baptismo católico, chamou-se Antonio I, foi Manikongo do Reino do Kongo, desde o dia 23 de Janeiro de 1660 até a sua morte aos 29 de Outubro de 1665 na famosa Batalha da Ambuila, contra o exército português.

A guerra da Ambuila, foi historicamente considerada como a primeira daquela dimensão tanto em termos de homens como em material bélico utilizado entre um exército do continente africano e europeu.

Nvita Nkanga, foi sobrinho do Dom Garcia II, rei do Kongo que não cultivou boas relações com Portugal, o que nos faz presumir que não concordava com a visão colonial, tendo gerado revalidades entre os dois reinos.

Nvita Nkanga, foi o Manikongo mais temido pelos seus adversários visto que era um homem de acção e que não tolerava muita coisa sobretudo as atrocidades e injustiças estrangeiras contra o seu povo.

Depois de vivenciar várias contrariedades, discriminação e injustiças contra o seu povo, situação que acabou por piorar devido a aproximação do período de pico do comércio triangular, onde os kongolezes (angolanos), ocupavam a linha da frente em termos de quantidade de homens que eram capturados para fazer face as necessidades da força de trabalho e São Tomé e outros mercados, decidiu ir a guerra contra os portugueses para defender a sua soberania, o seu povo e a sua identidade cultural, surgindo assim a famosa Batalha de Ambuila que teve lugar no dia 29 de Outubro de 1665, onde acabou por perder a vida por defender a sua liberdade e os seus direitos como já foi relatado neste trabalho de investigação.

c) Kimpa Vita (1684 -1706)

Kimpa Vita, foi uma jovem profetiza que em muito pouco tempo, atendendo o contexto e a instabilidade que se vivia, transformou-se em líder política do Reino do Kongo, em defesa do seu território, sua soberania, seu povo e a sua identidade cultural.

Dona Beatriz Kimpa Vita, nome que lhe foi atribuído depois do baptismo, nasceu em 1684 no Reino Kongo e faleceu aos 2 de Julho 1706, tendo sido queimada viva numa fogueira pelo regime colonial com a cumplicidade da Igreja Católica.

Kimpa Vita, jovem visionaria e super dotada com a capacidade de prever o futuro, liderou o movimento Antoniano, tendo defendido com unhas e dentes a sua identidade cultural, denunciando as manobras e táticas coloniais que procuravam dominar a Reino do Kongo a qualquer preço e destruir o seu passado histórico.

Esta grande defensora da identidade africana, adolescente de apenas 20 anos de idade, enfrentou os colonizadores e os seus lacaios católicos, pregando e divulgando aos seus seguidores que os brancos vieram para roubar os nossos valores culturais e tradicionais herdados dos nossos ancestrais e que a única forma, era unir o povo e restaurar o Reino do Kongo, restabelecendo a autoridade que estava em declínio depois da morte em guerra do Rei Nvita Nkanga.

Kimpa Vita, líder exemplar e revolucionária, anunciou ao seu povo que Jesus Cristo, era africano, negro e nasceu em Mbanza Kongo, pedindo a todos para não acreditarem nas mentiras trazidas da Europa com o objectivo de desviar e desorientar os africanos e facilitar a penetração e dominação estrangeira do continente com ajuda dos padres.

Devido a sua coragem, frontalidade, luta contra dominação estrangeira, tráfico de escravos e injustiças no Reino do Kongo, que constituíam uma grande ameaça para o sistema colonial que defendia a supremacia branca, foi sentenciada a morte e queimada viva, processo liderado pelos sacerdotes católicos, e os seus seguidores foram vendidos como escravos nas Americas, destacando o Jemmy que liderou a Rebelião Stono de 1739, na Carolina do Sul, nos Estados Unidos da America.

Importa referir que, no Reino do Kongo ou Angola em geral, além das personalidades acima citadas, houve outras que também lutaram cada uma da sua maneira contra as injustiças impostas pelo colono, tal como aconteceu em quase todas as partes do continente africano.

Figuras angolanas que se destacaram na luta de destaque nos países de destino e dignas de reconhecimento nacional

É um dever cívico, patriotismo, cidadania e de importância capital reconhecer ao longo deste trabalho dedicado a história da escravatura angolana ou seja reconstituição das sua geografia das rotas de escravos, o papel desempenhado por algumas figuras de origem angolana essencialmente provenientes dos territórios do antigo Reino do Kongo (República Democrática do Congo, Congo Brazzaville, Gabão e Angola), na preservação da sua identidade cultural, organização e protecção das suas comunidades nos países de destino mesmo estando em terras estranhas ou longe do seu habitat habitual, conseguiram organizar-se, estruturar-se e defender-se em termos territoriais, sociais, administrativos, hierárquicos, criando mecanismos próprios de defesa dos seus interesses territoriais, soberania e sobretudo a sua e nossa identidade cultural herdada dos nossos ancestrais.

Como não podia deixar de ser, começar-se-a o referido resumo com o Brasil que foi a principal porta de entrada dos angolanos e outros africanos escravizados para o novo mundo, onde eles marcaram a sua história, influenciaram a sua alma, cultura deixando marcas endelêveis na sua vivência visíveis até aos nossos dias, olhando para as características da sua população, música, dança, gastronomia, desportos, cinema, novelas e outras artes daquele país, contando hoje com mais de 5000 comunidades quilombolas de afro-brasileiras. Dando sustentabilidade a afirmação de Vilma Silva, durante a sua apresentação no Painel I – Diaspora, integrado pelos oradores Fábio Velame, Nice Pita e Luis Pinto, moderado por Crisóstono Martinho, no 15º Forum de Arquitectura, realizado pelo Centro de Investigação Científica da Universidade Lusíada de Angola, em

colaboração com a Universidade Federal da Bahia do Brasil, de 5 a 9 de Outubro de 2020, que “Salvador é a Cidade mais Negra fora da África”.

Segundo vários historiadores brasileiros, Aqualtune foi filha de um dos reis do Reino do Kongo, aonde foi uma princesa real e participou na famosa e histórica batalha da Ambuila, no Reino do Kongo, entre o exercito colonial portugues e as forças reais do Kongo, no dia 29 de Outubro de 1665, juntamente com o rei Nvita Nkanga, onde os kongoleses foram derrotados pelo colono, o rei decapitado e a princesa capturada e vendida como escrava reprodutora e enviada para o Brasil.

Depois da sua chegada ao Brasil e confrontada com uma realidade totalmente diferente da sua, Aqualtune, quis regressar ao navio negreiro para voltar a sua terra de origem o que era impossível naquele momento tendo em conta as circunstâncias daquela altura e como consequência da sua acção, foi maltratada, castigada e humilhada de todas as formas possíveis pelos seus patrões.

Naquela época segundo a história, um grupo de 40 escravos fugidos das fazendas, organizaram-se algures em terras longiquas com grandes dificuldades de acesso e criaram numa localidade chamada Serra da Barriga, pertencente a região de Pernambuco, o que viria a ser o Quilombo dos Palmares ou Janga Angolana que se transformou numa forte réplica do Reino do Kongo e um verdadeiro Estado autónomo dentro da colonia portuguesa, o Brasil.

Já em estado de gestação do seu primeiro filho Ganga Zumba, ouviu falar da existência de um local dentro do Brasil que congregava negros ou africanos livres o que devolveu-lhe a esperança de voltar a ser a senhora do seu destino e recontrar a sua liberdade arrancada e perdida sem justiça, nem humanismo simplesmente para satisfação da ambição dos colonialista e seus seguidores.

Aqualtune, já trazia experiencia de luta e outras técnicas tradicionais de sobrevivencia do Reino do Kongo, arquitectou a sua estratégia, mobilizando mais companheiros escravizados, figiram rumo ao Quilombo dos Palmares, onde conseguiram chegar sem grandes dificuldades, tendo iniciado uma nova página da sua vida.

Segundo Sandra do Nascimento (Doutora em ciências da Comunicação pela ECA – USP), Aqualtune ganhou o comando do território porque tinha descendência nobre e pelo facto de ter conhecimentos políticos, organizacionais e de estratégia de guerra.

Sob a liderança de Aqualtune, o Quilombo dos Palmares, reorganizou-se, desenvolveu-se, consolidou-se tanto em termos estruturais, dimensionais assim como demográficos. Depois de um período de tempo, nasceram os dois filhos da princesa africana que se tornaram também em guerreiros reverenciados na história brasileira Ganga Zumba, Ganga Zona e depois a Sabina, mãe do Zumbi, o guerreiro de todos os tempos que marcará a história do Brasil para sempre como Zumbi dos Palmares, um dos maiores líderes negro do passado brasileiro.

No pretérito dia 21 de Setembro de 1677, Aqualtune Kinlaza, já idosa e debilitada, a região onde residia foi atacada como acontecia frequentemente e não há registos consistentes do que sucedeu depois do referido ataque com a princesa matriarca que conseguiu transpor fortes barreiras dos criminosos da humanidade daquele tempo, transportando consigo os ensinamentos dos seus ancestrais, “Os Pais fundadores do Reino do Kongo”, Mfumu Nimi-A-Lukeni e outros para implantar fora do continente negro o grande Imperio que ficou conhecido no mundo inteiro como o Quilombo dos Palmares, exemplo que viria ser seguido pelos haitianos em 1791.

Segundo Juliana Bezerra (professora de história do Brasil), Ganga Zumba ou grande filho do senhor como era carinhosamente chamado, foi o primeiro Rei do Quilombo dos Palmares, o maior Quilombo da era colonial no Brasil que servia de abrigo de escravos foragidos das fazendas. Um Quilombo que sobreviveu fortes ataques tanto de holandeses como portugueses durante mais de século que pretendiam destruí-lo e voltar a transformar os seus habitantes que se tornaram homens livres graças a sua determinação, perspicácia, coragem e valentia em escravos e instrumentos de trabalho.

O nome Ganga, tem provocado contraversias e discussões visto que, sendo ele proveniente de Angola, o mesmo poderia ser antecedido de um N ou seja Nganga que em kikongo, língua nacional angolana que significa visionário, representante de Deus ou kimbandeiro. Sendo importante sublinhar que numa das cartas escrita pelo governador de Pernambuco em 1678, endereçada à ele que se encontra actualmente segundo historiadores, nos arquivos da Universidade de Coimbra, consta o nome de Gana Zumba, que também encontra enquadramento na língua nacional angolana kimbundo que significa senhor Zumba.

O Quilombo dos Palmares localizado na Capitania de Pernambuco, actual região de União dos Palmares, Alagoas, era uma comunidade, um reino formado por escravos negros que

havam escapado como já foi mencionado das fazendas, sanzalas e prisões brasileiras durante a colonização do Brasil. A sua extensão territorial aproxima a dimensão ou superfície de Portugal e durante o reinado do seu primeiro Rei, já contava com uma população de cerca trinta mil habitantes, região autónoma sob tutela do seu histórico e supremo líder Ganga Zumba.

Quilombo dos Palmares era um reino formado por um conjunto de onze mocambos (aldeias), que assemelhavam as cidades muradas medievais da Europa, mas os seus construtores colocavam madeira ao invés de pedra, o que tornava a sua arquitectura mais rústica e tipicamente africana, mas também frágil porque facilitava as acções inimigas em termos de ataques, provocando grandes incêndios destruidores. A principal aldeia, foi fundada pelo primeiro grupo de escravos foragidos, estava localizada na Serra da Barriga e chamava-se Cerca do Macaco.

Zumba foi filho primogénito da estratega e visionária princesa Aqualtune e irmão de Sabina, a mãe de Zumbi dos Palmares. Ganga Zumba foi o continuador fiel do trabalho iniciado pela sua mãe, tendo conseguido desenvolver estratégias políticas, económicas, militares e diplomáticas que permitiram aquele território sobreviver como independente e soberano por mais de cem anos.

Nos quilombos os negros reconstituíam a sua vida, situação social como homens livres, produziam os seus alimentos, produtos comerciais e o território funcionava de forma autónoma e independente em termos políticos, económicos, administrativos e sociais sem interferências da Coroa portuguesa ou das suas colónias. Havia limitações que se impunham em termos de liberdades de circulação fora dos Quilombos e participação na sociedade brasileira como cidadãos normais para não correrem o risco de serem recapturados pelos brancos e voltarem a ser escravizados.

Ganga Zumba, conseguiu estabelecer relações comerciais com as populações das regiões circundantes como Vilarejos, onde havia fortes intercâmbios de produtos entre as partes sobretudo dos excedentes da produção agrícola e artesanal da comunidade quilombola. Os principais produtos produzidos no Quilombo eram: feijão, milho, batata-doce, mandioca, cana de açúcar, banana e algodão. Sendo importante referenciar também que era praticada a caça e pesca na comunidade quilombola para aquisição da carne para completar a sua dieta.

Fruto da forte diplomacia que caracterizava Zumba e como resultado das suas relações com as regiões circundantes, foi possível estabelecer mecanismos de comunicação entre as partes que permitiam alertar o Quilombo dos Palmares, dos possíveis ataques que eram planeados contra o seu Reino e assim preparar-se convenientemente de forma antepada e conceber as suas estratégias de defesa e ataque.

Ganga Zumba, foi um excelente articulador político, tendo conseguido organizar vários povoados num comando e central único, treinar as suas tropas regulares para defesa dos quilombos com poder hierarquizado estando ele na liderança, mas todas as decisões estratégicas eram tomadas de forma colegial como recomendam as grandes democracias.

O Quilombo dos Palmares, era uma confederação de quilombos com língua própria, um verdadeiro território autónomo ou nação independente encravado no Brasil, com um código de conduta interno que punia severamente a traição e outras acções que chocavam ou que não coadunavam com os princípios societários estabelecidos naquele território.

Cada mocambo era liderado por um líder por sinal, o mais valente em termos físicos, visionário e corajoso capaz de traçar uma estratégia de sobrevivência para vencer qualquer perigo que surgisse no território sob sua liderança. Em geral, os líderes dos mocambos eram parentes ou homens de confiança do rei afim de se manter a unidade territorial e melhor controlo da situação.

Apesar de Ganga Zumba, ter sido proclamado o Rei do Quilombo dos Palmares, todas as decisões importantes sobre aquele território eram tomadas como já foi referenciado de forma colectiva, com a presença de todos os líderes das localidades que integravam o Reino à semelhança do Reino do Kongo ou seja a administração e gestão do Quilombo dos Palmares era uma autentica réplica dos territórios do “Kongo dya Ntotela”, experiencias que levaram consigo.

Ganga Zumba, governava a maior das vilas que constituía o Quilombo dos Palmares, denominada Cerro dos Macacos, liderava e presidia o conselho de chefes de mocambos na sua qualidade de Rei dos Palmares. Os outros 9 assentamentos eram liderados pelos seus irmãos, filhos ou sobrinhos. Zumbi, seu sobrinho comandava uma das comunidades tendo em conta as suas habilidades, características de liderança e visão e o seu irmão Andalaquituxe liderava uma outra localidade.

Já primórdios anos de 1670, Ganga Zumba, possuía um palácio, três esposas, ministros, guardas e subditos devotos ao Palácio Real denominado “Macaco”, em homenagem ao animal que havia sido morto na mesma localidade.

O Palácio Real era constituído por 1500 casas que abrigavam suas famílias, ministros, oficiais e guardas que faziam parte da nobreza e ele (o Rei) recebia todas honras, respeito e tratamento devidos à um monarca.

Com as frequentes fugas de escravos das fazendas colonialistas e capitalistas foi possível a expansão rápida do Quilombo dos Palmares, bem como o aumento da sua população tendo atingido como já foi referenciado trinta mil e há autores que falam em cinquenta mil pessoas de várias origens africanas. O referido aumento populacional do Quilombo dos Palmares, era o principal motivo de múltiplos ataques das autoridades coloniais holandesas e portuguesas, tanto no período da dominação holandesa como o da colonização portuguesa, com o objectivo de recuperar a mão de obra escrava perdida e evitar que os restantes escravos que ainda se encontravam nas fazendas seguissem o mesmo exemplo.

Segundo os dados históricos, durante a existência do Quilombo dos Palmares, foram travados 66 combates, 30 dos quais pelo Rei Ganga Zumba como tentativas de derrubar e destruir a localidade durante os 120 anos da sua história, mas sem sucessos porque os seus líderes e povo estavam suficientemente preparados para defender a sua identidade, dominando as técnicas da guerrilha dos seus ancestras do antigo Reino do Kongo e outros, experiências e sapiência valiosas que permitiram resistir e vencer os planos maquiavélicos dos colonialistas e capitalistas fortemente armados.

Assim, Ganga Zumba, foi enfrentando vários ataques derrotando o exército colonizador português usando um sistema de guerrilha tradicional de não confrontar o inimigo de frente, mas atacando-o por trás, tendo sofrido também derrotas em alguns combates e danos que destruíram parte da sua produção agrícola dos Mocambos e numa das batalhas os seus filhos e sobrinhos tinham sido capturados para força-lo a negociar.

Num dos fortes ataques ao Quilombo dos Palmares, Sabina, irmã de Ganga Zumba e mãe do Zumbi foi fortemente atingida e morta, o seu filho ainda criança, levado como prisioneiro e entregue à um padre onde passou alguns anos, tendo conseguido escapar apenas quando já contava com 15 anos de idade, depois do seu baptismo tendo-lhe sido atribuído o nome católico de Francisco.

Segundo Abílio Machado, os principais combates enfrentados pelo Ganga Zumba foram:

Em 1667, foi atacado por grupo comandado pelo mestre de campo Zenódio Accioly de Vasconcelos que o surpreendeu atacando pela retarguarda e fez o primeiro do reconhecimento tático do local que o ajudaria no futuro realizar outros ataques, tendo conseguido apenas destruir parte da produção agrícola do Quilombo dos Palmares;

No período de 1671 a 1677 foram realizados ataques de menor dimensão contra a população do Quilombo dos Palmares, destacando-se um dirigido pelo Capitão André da Rocha, organizado pelo herói da guerra contra os holandeses Francisco Barreto;

Em 1672 Ganga Zumba, usando a sua experiência e táticas de guerrilha, submeteu Domingos Gonçalo numa derrota humilhante onde os seus homens tiveram que fugir perante um forte ataque que foram infringidos pelos quilombolas dos Palmares;

Em 1675 e depois de várias tentativas de destruição do Quilombo dos Palmares falhadas e a fama criada em volta das forças quilombolas, os colonizadores começaram a organizar melhor as suas investidas contra a região, tendo um grupo comandado por Manuel Lopes, conseguido matar mais de 800 pessoas;

Um dos homens que pretendia mudar a sorte de líder do Quilombo, foi Fernão Carrilho, conhecido como experiente exterminador de quilombos, constando no seu currículo a destruição de dois quilombos no estado de Sergipe, com a crueldade que o caracterizava, não tendo tido a mesma sorte ao enfrentar o todo poderoso Rei do Quilombo dos Palmares em 1676, que lhe infringiu uma dura derrota.

No entanto, em 1677, Carrilho mudou de estratégias, aumentando os meios e o seu efectivo militares, distribuindo-os em pequenos grupos e atacando os povoados dos Palmares de forma isolada, tendo conseguido capturar tal como sonhava dois filhos do Rei dos Palmares: Zambi e Acaiene, incluindo dois chefes militares Acaiúba e Ganga Muiça.

Nesta última batalha, o Rei foi ferido tendo perdido o seu filho Tocolo, no entanto, apesar de uma parte de membros da sua família estar em poder dos seus inimigos, Zumba continuou com os ataques às fazendas dos colonizadores para libertar mais escravos descreditando o poder colonial e reforçar as suas posições em termos de homens.

O governador Pedro de Almeida, da Capitania de Pernambuco, cansado de longos conflitos entre os dois Estados, usou estrategicamente em 1678 os familiares de Zumba

como trunfo, decidindo libertá-los quebrando psicologicamente o seu adversário, apresentando uma proposta de aproximação e de paz entre as duas partes. A proposta do governador, sugeria a mudança de todos os habitantes do Quilombo dos Palmares para o Vale do Cacaú, proibindo a aceitação de novos escravos fugidos das fazendas e o Quilombo dos Palmares, submeter-se à autoridade da Coroa Portuguesa.

A proposta foi submetida a discussão dos líderes dos Mocambos no Quilombo dos Palmares e vários líderes se opuseram da mesma como Zumbi, seu sobrinho e outros, decidindo permanecer no mesmo território e continuar a luta, provocando assim a divisão no seio dos históricos guerreiros do Quilombo.

Um dos argumentos de Zumbi, era de que não admitia que os negros que se encontravam no Quilombo dos Palmares fossem libertos e os que se estavam nas fazendas e outras localidades pertencentes aos patrões continuassem como escravos; A outra razão e por sinal a mais forte e consistente, na visão do líder e Comandante Zumbi, no Quilombo tinham as suas leis específicas, crenças, cultura e costumes próprios e não tinham nada que obdiciar a sua liberdade e identidade cultural duramente conquistadas com perda vidas humanas, sangue e muito sacrifício, conquistas que deviam ser defendidas e protegidas seja qual fosse o preço depois de uma longa, difícil e histórica caminhada.

Depois de varias discussões sem consenso, o grupo liderado pelo Rei Zumba, partiu para a nova região sugerida pelo governador, onde supostamente iriam encontrar melhores condições da habitabilidade, cultivo e outras para o bem estar das populações, tendo a parte liderada pelo poderoso sobrinho Zumbi dos Palmares, permanecido no local e sob seu comando.

Os seguidores de Ganga Zumba, cansados das batalhas frequentes que Quilombo dos Palmares foi enfrentando, ao chegarem com o seu líder ao Vale do Cacaú, aperceberam-se que haviam sido enganados, as terras da zona não eram férteis para produção agrícola como foi prometido, bem como os moradores da referida área não teriam direito de circular livremente porque estariam no perímetro vigiado contrariamente ao Quilombo dos Palmares.

Foi durante esse período de instabilidade, fragilidade e decepção profunda do histórico e grande líder Ganga Zumba, que surge a sua morte no meio da confusão, em condições até ao momento desconhecidas ou não esclarecidas, dando lugar a varias interpretações. Há estudiosos que atribuem a sua morte aos aliados ou seguidores do Zumbi, afim de

deixar o poder ao seu sobrinho. Outros afirmam que foi morto pelos líderes desapontados que integravam o seu próprio grupo. Há ainda outra versão de que ele se tenha suicidado depois de dar conta que ele e o seu povo haviam sido ludibriados pelo governador e sendo ele o líder supremo que devia ter evitado a situação e não o fez, decidiu aplicar-se a pena máxima, sacrificando-se a si próprio e preservando o orgulho “Mukongo”.

Segundo Abílio Machado, o Quilombo dos Palmares, era grande e organizado demais para ser tolerado como território independente dentro do Brasil, seria uma verdadeira Aruanda ou paraíso negro dentro de um país dominado pela escravidão, aonde se refugiava todo tipo de pessoas que queriam ficar distante da tirania da coroa portuguesa como caboclos, mulatos, índios e brancos pobres o que constituía pelo tamanho da população uma grande ameaça ao sistema de escravocrata vigente naquele país na altura.

Importa referir que pela sua trajectória, história, grandeza e importância, a vida de Ganga Zumba, foi retratada num filme por Cacá Diegues, em 1964, baseando-se no livro do historiador João Felício dos Santos, que havia sido premiado pela Academia Brasileira de Letras.

O poderoso Zumbi dos Palmares, cuja sua história atravessou fronteiras e oceanos, nasceu em 1655, na Serra da Barriga, Capitania de Pernambuco, no Brasil e faleceu no dia 20 de Novembro de 1695, muito jovem com 40 anos de idade. Zumbi, foi um líder Quilombola brasileiro, o último do quilombo substituindo o seu histórico tio e primeiro Rei do Quilombo dos Palmares e o maior dos quilombos brasileiros. Zumbi, foi capturado enquanto criança com 6 anos e entregue ao padre missionário português Antonio Melo.

Na sequência da sua captura foi baptizado e atribuído o nome de Francisco. Francisco Zumbi recebeu os sacramentos, aprendeu o português, o latim e a sua missão era ajudar diariamente o padre na celebração das missas. Sendo importante referir que, foi eventualmente neste ambiente onde o Zumbi, começou a ter a noção da vida, vivenciando no meio religioso com as diferentes classes sociais daquela época e sobretudo, tratando-se de um período da escravatura activa, é possível que ele tenha notado sem sombra de dúvidas que, mesmo estando no seio da igreja, havia um tratamento diferenciado dentro da comunidade religiosa entre os negros e brancos despertando assim a sua mente e visão, tendo forjado a sua personalidade guerreira e revolucionária considerando a sua origem.

Depois da rejeição da proposta do governador da Capitania de Pernambuco e da morte do seu histórico tio Ganga Zumba, Zumbi, assume trôno e a liderança do Quilombo dos Palmares, tendo-se observado uma grande mudança em termos de gestão e estratégias, visto que eram duas pessoas de personalidades diferentes, o tio era um grande líder e diplomata, contrariamente ao sobrinho que foi um grande comandante e guerreiro exemplar.

Zumbi dos Palmares, desenvolveu a estratégia de governação, fortificando as suas bases de apoio, defesa e criando um verdadeiro império a semelhança dos reinos africanos, dando continuidade a filosofia de gestão territorial iniciada pela Aqualtune, sua avô em termos de administração e gestão da população, princípios que tinham sido seguidos pelo seu tio Ganga Zumba.

Segundo Nina Rodrigues, ” no Quilombo dos Palmares, havia um governo central despótico semelhante aos da África na ocasião, se algum escravo fuisse dos Palmares, eram enviados negros no seu encalço e, se o capturassem, era executado pela severa justiça do Quilombo”.

Depois de varias guerras sangrentas ganhas pelo Zumbi e seu povo em defesa do seu território, tendo transformado o temível Zumbi em um homem invensível e imortal no seio da sua comunidade, crenças que foram chegando também a parte adversaria, irritando cada vez mais a Coroa Portuguesa pelas derrotas consecutivas do seu exercito, foi preciso montar um plano estratégico para destruir o grande Fantasma e invuneravel Zumbi, que conseguiu demonstrar, manter o poder geracional e mistico dos seus ancestrais.

No pretérito dia 6 de Fevereiro de 1694, mais precisamente quinze anos depois do Zumbi dos Palmares, assumir a liderança daquele espaço territorial, o Quilombo dos Palmares, foi invadido forças militares comandadas pelo Domingos Jorge Velho à quem recaiu a missão de organizar o ataque final de destruição do histórico Quilombo dos Palmares, o que finalmente foi bem sucedido e o Rei - Comandante Zumbi dos Palmeares, foi ferido, mas conseguiu figir e refugiou-se no seu reduto estratégico.

No entanto, passados dois anos do ataque Zumbi, acabou por ser traído pelo seu próprio colega Antonio Soares, sendo surpreendido pelo capitão Mendonça em seu reduto que o apunhalou, ainda assim resistiu, mas não tinha como fazer face a um grupo de homens fortemente armados nas condições que ele se encontrava, acabou por ser morto com mais

vinte guerrilheiros seus, mais precisamente dia 20 de Novembro de 1695, constituindo assim uma grande Victoria e conquista para a colonia portuguesa, bem como para a própria Coroa que tinha a figura do Zumbi como uma grande ameaça na sua estratégia de dominação do Brasil.

Para comemorar a sua morte, humilhar os seus seguidores e a população negra em geral como habito nas colónias portuguesas, a cabeça do Zumbi foi decapitada, salgada e levada ao governador Melo de Castro, que ordenou a sua exposição em praça pública no Pátio do Carmo, em Recife, segundo ele, foi para desmentir a crença da população sobre a lenda da imortalidade de Zumbi dos Palmares e desencorajar os seus seguidores.

O mesmo cenário aconteceu depois da Batalha de Ambuila, como já foi mencionado nos capítulos anteriores, que vitimou o poderoso Rei do Kongo, Nvita Nkanga, no dia 29 de Outubro de 1665, cuja cabeça do Rei foi exibida como se fosse um troféu em procissão partindo da igreja de Jesus até à igreja da Nazaré, oande foi exposta e depois colocada nas fundações da referida igreja, com a liderança e cumplicidade dos católicos como sempre.

No dia 14 de Março de 1696, Caetano de Melo e Castro, governador de Pernambuco, escreveu ao Rei o seguinte:

“Determinei que pusessem a sua cabeça em um poste público desta Praça, para satisfazer os ofendidos e justamentes queixosos e atemorizar os negros que supersticiosamente julgavam Zumbi um imortal, para que esta empresa acabava de todo com os Palmares”.

Zumbi dos Palmares, é considerado um dos grandes líderes da história brasileira de todos os tempos. Símbolo da resistência e luta contra a escravidão, lutou pela liberdade do culto, religião e pratica da cultura africana no Brasil Colonial. Em homenagem ao grande valente que não mediu forças, nem sacrifícios para defender o seu povo, seguindo o exemplo dos seus ancestrais que ficaram na outra margem do oceano, no continente negro, foi consagrado o dia da sua morte, 20 de Novembro, como Dia da Consciência Negra no Brasil, comemorado em todo território nacional brasileiro.

Em suma, Zumbi, nome que kimbundo (língua nacional angolana), significa fantasma ou seja alma de uma pessoa falecida, foi um importante guerreiro da história de resistência

durante a escravatura no Brasil, tendo sido considerado como um dos pioneiros da luta contra a escravidão na América e que ajudou a comunidade negra brasileira e não só, a despertar, lutar, emancipar e defender os seus direitos cívicos nas sociedades, servindo de exemplo e inspiração para o povo da primeira república negra fora do continente africano o Haiti e outros.

ÁRVORE GENEALÓGICA DE ZUMBI

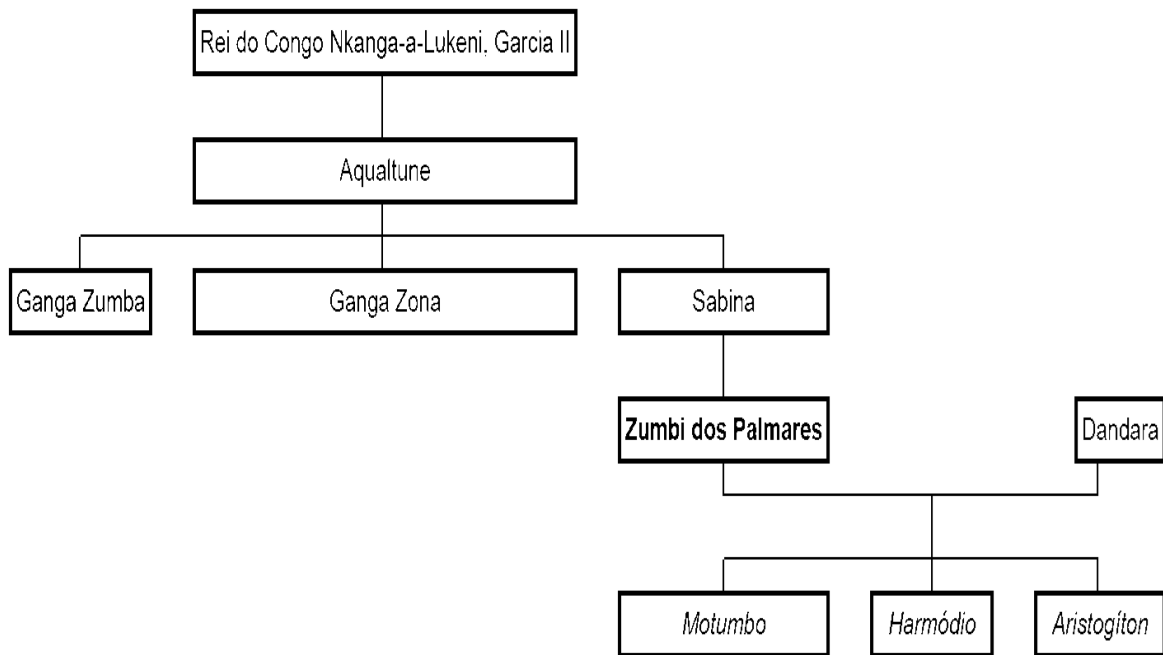


Figura 119. Árvore Genealógica de Zumbi

Fonte: Informações do site da TV Brasil, em Reginaldo de Souza Santos.

De acordo com historiadores brasileiros, Zacimba Gaba, foi uma princesa proveniente mais uma vez do Reino do Kongo, mais precisamente de Cabinda, onde foi vendida como escrava e enviada para o Brasil e recebida também como princesa pelos seus irmãos negros naquele território que era na época uma colônia da Coroa Portuguesa, tal como Angola e outros. O facto das notícias terem chegado aos escravos da fazenda de que ela era uma princesa e recebida como tal no seio dos seus irmãos negros, gerou polémica e fúria junto do patrão ou dono da fazenda, tendo sido castigada fisicamente, humilhada e proibida de sair da Casa Grande, criando um sentimento de revolta junto dos escravos que

aí se encontravam, tendo levado os mesmos a planearem a fuga da princesa e da morte do Barão.

Sendo uma mulher experiente e visionária, depois de viver momentos difíceis de sofrimentos e humilhação pública, concebeu um plano estratégico, com ajuda dos seus irmãos escravos, para matar lentamente o Barão, dono da fazenda, usando a sua perspicácia, sabedoria e paciência, pondo em marcha a sua técnica de criar um veneno tradicional através da cabeça da cobra Jararaca, cortada, torrada, moída e transformada em pó, foi servindo o seu Barão Português José Trancoso, tendo-o levado até a morte.

Depois da morte do Barão, a princesa Gaba, encabeçou a fuga de todos escravos que se encontravam na fazenda e juntos localizaram o território numa mata fechada aonde construíram o seu Quilombo que serviu de refúgio para os negros que se encontravam naquela região do Brasil, tendo travado varias revoltas e muitas vitórias do seu povo.

No entanto, na visão da princesa Gaba, apenas a liberdade daqueles escravos que conviviam com ela, não era suficiente para completar a sua missão porque ela continuou a presenciar o sofrimento de outros escravizados e sobretudo a chegada regular de embarcações com novos escravos a entrar para Porto de São Mateus em condições precárias, muitos morriam durante a travessia e os que aguentavam sobrevivendo as tempestades do mar, eram humilhados e submetidos a agressões físicas por parte dos patrões logo depois a sua chegada ao Brasil.

Assim a princesa Gaba, usando mais uma vez a sua perspicácia e sabedoria, engendrou um plano de resgates nos navios negreiros tão logo os mesmos atracassem no porto, contando com apoio dos negros que já gozavam da liberdade que eram seus fieis e ela liderava as operações e depois de liberta-los, eram encaminhados para o seu Quilombo.

Maciel de Aguiar, no seu livro intitulado “Os Últimos Zumbis”, refere o seguinte sobre a grande Princesa do Reino do Kongo:

“ Há cerca de trezentos anos o fazendeiro portugues José de Trancoso, desembarcara no Porto de São Mateus, com uma dúzia de negros de Angola na África e “mocinha de feições finas e olhos esfumaçantes” sem se dar conta que estava levando para a sua fazenda, aquela que seria uma das precursoras das lutas dos negros contra o regime cruel e desumano, que levou muitos africanos a perderem sua hinra, liberdade, pátria e até mesmo suas vidas, na região de São Mateus no Espirito Santo. Crescendo em absoluto

sofrimento e sobrepujada pelas acoitadas dolorosas, amarrada ao tronco. Zacimba foi uma negra que se diferenciou entre os seus, por se tornar uma libertadora e líder de seu povo Africano Escravizado”.

Teresa Benguela, foi uma rainha que existiu no século XVIII, visionaria, estrategista militar e dirigente política que reinou no Quilombo de Quariterê, localizado em Vale do Guaporé, no Estado do Mato Grosso. tornou-se uma lenda na história brasileira pela sua emancipação na luta contra a escravatura dos negros e índios no Brasil durante a colonização Portuguesa naquele território americano, tendo participado directamente na luta, concebendo estratégias de actuação e liderando vários combates de forma exemplar para defender o seu povo, a sua história, em suma a sua identidade cultural e de outros povos desfavorecidos como os índios que integravam a sua comunidade.

Os historiadores não definem claramente o seu local de nascimento se foi em África ou no Brasil, nem a sua data de nascimento, mas pelo seu nome, não restam dúvidas que partiu de Angola ou é de origem angolana, tendo em conta que o país tem uma província que coincidentemente leva o seu nome Benguela e foi o segundo mercado angolano que mais escravos forneceu para o território brasileiro durante o tráfico negreiro. Os dados históricos mostram que ela viveu no século XVIII, no Vale do Guaporé, no Mato Grosso e foi a maior liderança que a localidade de Quanterê, município de Vila Bela da Santíssima Trindade conheceu.

Teresa de Benguela reinou e administrou o maior Quilombo do Mato Grosso, resistindo as acções de bandeirantes de 1730 a 1795, quando o seu território foi brutalmente atacado e destruído sob comando da capitania regional, uma batalha que vitimou o seu esposo e companheiro José Piolho, que era líder do referido Quilombo.

Segundo dados os históricos, a rainha Teresa de Benguela, assumiu a liderança da sua comunidade depois da morte do seu marido José Piolho, ela tornou-se a líder do Quilombo e sob sua liderança a comunidade negra e indígena como era tratado, resistiu a escravidão por duas décadas, sobrevivendo até 1770.

A rainha Teresa de Benguela, liderou a sua estrutura política, económica e administrativa do Quilombo, concebendo e matendo um sistema de defesa com armas de fogo adquiridas através de negócios com os elementos brancos ou roubadas nas vilas que se encontravam nas imediações do seu Quilombo. O seu reino era auto-sustentável, desenvolvia agricultura com a produção de algodão que lhes permitia fabricar tecidos, roupas e outros

produtos alimentares para as comunidades e alguns eram comercializados fora da localidade.

Segundo historiadores, Teresa de Benguela, tinha um sistema de governação colegial onde reinava o consenso em termos de tomada de decisões cruciais para manutenção e sobrevivência da sua estratégia política. Criou uma estrutura como se fosse um parlamento com deputados e conselheiros da rainha que analisavam as questões e consoante a problemática, eram tomadas as decisões estratégicas cujas reuniões eram presididas por ela.

Considerando o seu contributo na luta contra a escravatura no Brasil e o seu papel na emancipação da mulher negra naquele país, foi proclamado o Dia 25 de Julho: Dia Nacional de Teresa de Benguela.

“Lembrar o 25 de Julho e a luta do Quilombo liderado por Teresa de Benguela, significa não esquecer jamais a luta das mulheres negras”.

By, Paula Almeida (quarta-feira 25 de Julho de 2018/Edição do dia)

ANEXO II - DISCURSO DE D. MANUEL ALVES DA CUNHA

-I-

“Senhor Ministro, meus senrs!

Teve o Sr. Ministro das Colónias a feliz iniciativa desta comemoração, como também já no ano findo foi ele quem ideou a Exposição histórica da Ocupação e o Congresso da Expansão portuguesa no mundo, grandes factos históricos e memoráveis dois grandes acontecimentos que serviram para fortalecer a nossa a nossa mentalidade colonial, revigorar a educação nacional nos assuntos ultramarinos; e ao mesmo tempo, para afirmar o prestígio Portugal como país colonizador e civilizador, nos seus processos, realizações e sublimidade dos seus ideais, afirmando ao mesmo tempo a nossa colaboração brilhante para o progresso e alargamento da civilização europeia.

Afirmamos mais uma vez a nossa vocação histórica, os n/ destinos nestes tempos e neste século que, pelas suas investigações, melhor conhecimento das fontes de informação e acção educativa que tem desenvolvido, se tem chamado já “o século da história”. São oportunas estas comemorações. Elas servem a colocar melhor a obra portuguesa, na trajetória da história, e a mostrar o seu grande papel civilizador e cristão através dos tempos, e a sua influência civilizadora. Servem a tornar mais engrandecida a nossa Pátria e contribuem para que se faça mais justiça a Portugal e à espiritualidade cristã da história.

A verdade é que somos por tantas vezes tratados muito injustamente por historiadores estrangeiros que tem classificado a nossa obra marítima e colonial como obra de acaso, sem orientação científica nas nossas viagens, como obra de aventureiros, sem cuidados para com as populações indígenas que encontramos, como meras explorações de lucros e comércio.

A 8 século de vida independente na metrópole, ainda nos confundem muitas vezes, na sua ignorância da geografia e da história, com os nossos vizinhos espanhóis. A 5 séculos das nossas explorações marítimas, de vida activa nos mares, deturpa-se ainda a orientação científica das viagens marítimas com base na adiantada cultura portuguesa em que eles se estribaram.

É certo que a mentalidade mundial, se tem modificado muito com o conhecimento e estudo mais cuidado das fontes de informação. Portugal não pode parar no seu caminho,

para que os outros nos conheçam melhor e para que melhor marcado o n/lugar na história colonial do mundo.

Em nome da delegação inglesa ao Congresso da Expansão por (tuguesa) no mundo, disse um congressista (dr. Gooye West) que, com a exposição histórica, mostrou Portugal que não receia pôr em frente dos investigadores estrangeiros toda a documentação do seu esforço colonizador, e que o Congresso e a Exposição demonstram a firme boa vontade do povo português de caminhar e dar ao mundo uma larga impressão da sua grandeza histórica.

O ilustre congressista (dr. Eduard Wechsler) que, na mesma sessão de encerramento do Congresso, fez em nome dos congressistas alemães, declarou que a ciência alemã trabalha com fervor no estudo dos temas que se relacionam com a história da expansão portuguesa no mundo, pois, assim, presta homenagem ao grande espírito civilizador lusitano.

A comemoração de hoje entra nestes grandes objetivos. Por isso eu cumpro o dever de apresentar a S. Exia. o Ministro das Colônias as minhas respeitadas saudações pela sua feliz iniciativa, filha daquela política de espírito que o Governo Nacional tem desenvolvido com tanto brilho. E na pessoa do senhor Ministro, eu saúdo também com íntimo respeito e profunda consideração, o nobre Chefe do Estado e o ilustre Presidente do Conselho, o Sr. Dr. Oliveira Salazar, cuja fecunda administração a cidade de Luanda e o País inteiro acabaram de festejar com vivo reconhecimento e gratidão.

É o Senhor Ministro das Colônias, por definição da lei, o principal orientador e dirigente da política colonial. É o Chefe do Ultramar Português, o depositário, nas suas funções de direcção, das tradições imperialistas de Portugal que, bem dizer-se que começam junto das muralhas de Ceuta, aonde fora, em 1415, o Rei de boa Memória com os seus filhos “íclita geração, altos infantes”, na frase do nosso épico imortal. Aí vai prender-se o fio das nossas tradições imperialistas, o ponto de partida da nossa expansão marítima e colonial, que vem por aí fora, estreitando tantos povos diferentes, civilizando, colonizando, construindo impérios, respeitando sempre, sob a influência do nosso direito público e privado, os costumes das populações e procurando sempre o seu progressivo perfeiçoamento e adiantamento; - e essas tradições, formando a nossa doutrina colonial, mantêm-se através dos tempos, desde aquela época recuada até os nossos dias, com as nossas virtudes e defeitos, com algumas crises de fraqueza, é certo, mas sempre com a

nossa feição tão caracteristicamente-nacionalista – tão nossa, tão própria da nossa maneira de ser, sempre diferente da dos outros em matéria ultramarina, dentro sempre do nosso sentimento de Pátria; - vêm por aí fora até a promulgação do Ato Colonial de 1930, que é um alto documento de “defesa de civilização e poderio, de sucessão história e eterna glória” para o nosso engrandecimento ; - e chegam até as realizações da época presente , até o ressurgimento da nossa Marinha de Guerra e o revigoramento das instituições militares portuguesas, feitas em nossos dias, até as perspectivas risonhas do futuro, dum país de próspera civilização.

Depois do caído o 1º Império Lusitano, que o domínio dos mares, que circundam a África por Oeste e por Leste, das Ilhas e costas da África e do Oriente, constituíam; - depois de caído, com a separação e independência do Brasil, o 2º Império Lusitano, formado pela colonização e exploração do Brasil, que foi e será sempre um traço inapagável do valor da nossa raça; - fomos entrando, pouco e pouco, no actual que é o 3º Império Lusitano, o da África Portuguesa – reduzindo em relação ao que nos davam os nossos direitos históricos, mas grande ainda; e, tão grande para o exercício da nossa missão histórica, que ele constitui um todo completo, pela sua posição geográfica, pela distribuição e importância estratégica e naval dos seus domínios, pelas suas variadas e magníficas riquezas. Este Império acentua-se definitivamente na minha geração, na geração do Ultimatum. O golpe que nos foi vibrado fez estuar ao mais alto expoente os sentimentos patrióticos do país que assim (assim) se voltaram decisivamente para as nossas tradições imperialistas.

Após a partilha da África realizada pela Conferência de Berlim de 1885, após a ferida nacional aberta pela extorsão do Ultimatum de 1890, é a África o nosso sonho, o nosso natural campo de acção e a demonstração das qualidades da nossa raça.

Neste Império ocupa o lugar primacial Angola onde vivemos, sem a qual não se compreende bem nem a história nem a vida de Portugal. Angola tem fé no seu futuro, que são os grandes destinos de Portugal, - que o Ato Colonial tão admiravelmente resume e concretiza nas suas afirmações e reivindicações patrióticas.

-II-

São talvez demasiado longas as palavras que acabei de pronunciar, mas julguei-as a propósito como preliminar das que vão seguir-se sobre a comemoração de hoje – que visa a afirmar o nosso esforço civilizador e a defesa do bom nome de Portugal pela parte

importante que tomou neste escabroso assunto da abolição do tráfico humano em África e da condição servil.

A escravatura e escravidão – são duas palavras diferentes que se pronunciam sempre com repugnância, que soam sempre mal aos nossos ouvidos, com significação um pouco diferente, é certo, pois que uma é o comércio do ser humano e outra o estado, a condição desse ser, objeto desse comércio; uma, a segunda, é origem do armazém que servia a primeira.

As duas palavras confundem-se e fundem-se no mesmo odioso significado de abatimento da pessoa humana, de desaparecimento duma consciência, duma pessoa, para aparecer como mercadoria, como um animal ou uma coisa. O conceito jurídico da antiga Roma definia com clareza esta triste situação, quando exprimia: “os escravos são homens, mas não pessoas”.

O ser humano nesta aviltante situação era só para trabalhar e sofrer, para ser objeto de venda.

O cristianismo, ensinando a igualdade dos homens, vibrou um profundo golpe na escravidão antiga, abriu assim a era dos princípios humanitários da libertação das consciências. Para o cristianismo não havia diferença entre o escravo e o homem livre. A luz da doutrina do Evangelho, o escravo é reabilitado e digno de liberdade.

No tempo das perseguições, dos mártires, os escravos recebiam as mesmas honras dos seus senhores. Os escravos eram admitidos como ministros dos altares e podiam subir às culminâncias da Igreja.

No mundo pagão, para o escravo não existia nem família nem casamento. O cristianismo proclamou outros princípios; os escravos eram admitidos aos mesmos sacramentos que os homens livres.

Diz o insuspeito Renan: “ A frequência da igreja era a mais perfeita lição de igualdade religiosa... Desde que o escravo tem a mesma religião que o seu senhor, ora no mesmo templo que ele, a escravatura está bem perto do seu fim” (em Marc- Aurele, p.610).

Proclamando os princípios de liberdade, a Igreja não podia implicar com o estado social que as leis antigas reconheciam, não dispunha de força para isso. Esses princípios foram-se desenvolvendo e acentuando pelos tempos fora, e foram entrando no domínio da

civilização, cujos progressos, auxiliados por aqueles princípios, levaram finalmente à liberdade.

Mas nós, portugueses, aceitamos a escravidão africana que encontramos estabelecida, e até desenvolvemos o tráfico da pessoa humana, chegando a excessos muito condenáveis.

É uma nódoa da nossa história colonial?

Se o é, ela pertence por igual a todas as Nações que tiveram dominós em África e a todas manchou com a mesma ignomínia - a Espanha, a França, e a Inglaterra. Todas traficaram!

Eu não venho defender Portugal, em matéria tão delicada e tão odiosa ao mesmo tempo. Quero afirmar que, em respeito pelas ideias do tempo, nós, como todos os outros, aceitamos o facto social que estava estabelecido, aproveitando-o como uma necessidade da colonização e da civilização.

“Sem escravos nação alguma começou”, diz Oliveira Martin com o grande poder sugestivo da sua inteligência. “Sempre que houve escravos, os escravos se vendem, porque o próprio da escravidão é tornar o homem um objeto venal”. Todos, a nosso exemplo, foram buscar negros ao armazém da África, para lavrarem as suas colónias africanas”. “(O Brasil e as Colónias portuguesas, p.53).

Esta instituição é contemporânea das primeiras agremiações de homens e, agravada pelo islamismo africano, em África a encontramos à data da nossa chegada.

A escravatura foi para Angola um verdadeiro cataclismo, a causa máxima do seu atraso e decadência, que se prolongou por séculos. O Brasil fez-se à custa dos africanos, o que tomou proporções enormes no século XVIII.

“Sem negros, o Brasil não teria existido “, escreveu também Oliveira Martins. E o Sr. Malheiro Dias repetiu, na História da colonização portuguesa no Brasil, a mesma verdade por estas palavras: Sem o holocausto do negro, o Brasil não se poderia ter construído”.

Por isso Angola teve comércio a absorvente actividade de todos; não havia outra, quer para os potentados negros, quer para os colonos e autoridades. Todos – autoridades e habitantes – traficaram. E Angola não tinha agricultura nem indústria, e só este comércio, só a caça ao negro da selvas, que depois se transportava para o outro lado do Atlântico. Daí a despopulação, o egoísmo, a ociosidade, a desmoralização, a fome, as crises de fome, - país de guerra e escravaria!

A última saída legal de escravos de Angola foi de 7.935 no ano de 1830, segundo refere Lopes Lima (páginas 72 do 1º. 3º dos seus Ensaios).

Há que notar que, antes da abolição do tráfico em 1836, já desde 1830 estava abolido o tráfico da escravatura de África, em virtude do tratado anglo-brasileiro de 23 de Novembro de 1822 assinado no Rio de Janeiro entre o D. Pedro e a Inglaterra, findos três anos após as ratificações. Assim consta dum Ofício da Secretária dos Negócios Ultramarinos de Lisboa, de 7 de Abril de 1827, para o G.G. de Angola, transmitindo ordens da Infanta Regente de Portugal em nome de El-Rei (Arquivo Episcopal de Luanda).

Mas nos anos anteriores saíram de Angola e Benguela 25 a 30 mil escravos por ano, consoante refere o Vigário Capitular de Angola desse tempo (citado Arquivo).

Todavia, diante dum facto histórico, que à luz da história tem de ser apreciado como um facto positivo – e todo o assunto de hoje é essencialmente histórico – há que salientar as mitigações que Portugal procurou sempre pôr ao tráfico humano.

Foi sempre característica da gente portuguesa tratar o indígena com brandura. Não permitiam as nossas antigas leis que eles fossem embarcados para o Brasil sem serem primeiro regenerados nas águas do baptismo. Parece uma contradição, mas é um pensamento elevado na intenção que o ditou e na espiritualidade que representa. É datada de 5-3-1697 a Carta de El-Rei D. Pedro II para o Capitão General de Angola (Luís César de Meneses), que diz o seguinte:

“Para que não falte com todos os meios de acudir com remédios para que as almas dos escravos que se navegam de minhas conquistas se possam mais fácil e brevemente trazer ao grémio da Igreja... Fui servido ordenar que em qualquer porto que os ditos escravos fizeram alguma assistência ou demora se aplique toda a diligência moral para serem instruídos quanto o tempo der lugar sem prejuízo na navegação, para que estando capazes se possam batizar e sem que também se exponham ao perigo de ser em ou nulamente ou infrutuosamente batizados, e que havendo clérigos, vá um em cada navio, assim para os ir ensinando como para os batizar se estiverem em perigo de vida e que na falta deles se encarregue esta diligencia a algum seculares que for mais pio e capaz e que cada navio leve infalivelmente certidão ao prelado...”

Foi enviada esta Carta ao Bispo de Angola, na mesma data.

Mais tarde, em 27-4-1719, no reinado de D. João V, foi renovada esta ordem para o Cabido da Sé de Benguela, acrescentando-se: “Sobre se lhe recomendar muito procurarem não venham os escravos para o Brasil sem virem primeiramente batizados”.

Por ocasião do baptismo, podiam ser resgatados os escravos. Há muitos assentos destes, donde consta, do próprio texto, a carta de liberdade dada aos escravos, e assim ficaram livres e se consignava nos assentos.

Os escravos podiam casar, o que era já permitido, pelo menos, desde a Carta Régia de 7-2-1701, que deu um grande golpe na escravidão. Encontram-se ainda na C. Ecles. Muitos assentos de escravos casados e outros de baptismo de seus filhos.

Não quero fazer, por palavras minhas, a comparação da forma humanitária como nós fazíamos o embarque de escravos para o Brasil. Eu, Português, calo-me e deixo falar por mim a coleção de relatos de viagens em África, coligida por Walcknaer, membro do Instituto de França. A páginas 127 do tomo XIV desta coleção, editada em Paris em 1842, lê-se:

“Antes de os embarcar (os escravos), o uso dos portuguezes de Loanda é de “os cuidar, numa grande casa que não tem outro emprego. Fornecem-lhes azeite de palma para friccionar o corpo refrescar-se. Se não há “navio pronto a recebê-los, ou se não são em número bastante para completar uma cargação, empregam-nos no cultivo das suas terras. Quando estão a bordo, toma-se todo o cuidado coma a sua saúde, indo os navios providos de remédios, sobretudo de limões para os garantir contra o escorbuto. Se algum deles cai doente, é logo alojado à parte e sujeito a tratamento.

“Nos navios de transporte dão-lhes cobertas, que são mudadas regularmente de doze em doze dias. Este método não os expõe a perder muitos escravos; “– ao passo que os holandeses, que não toma nenhum cuidado nos seus transportes para o brasil, têm o pesar de ver morrer uma grande parte “durante a travessia”.

Refere-se este autor, como se vê, à época do condómio holandês de meados do século XVII. Enquanto os portuguezes, acantonados em Massangano, levavam vida atribulada a rechazar a rebelião dos vários sobas, que os holandeses intrigavam contra nós, iam os invasores embarcando gente para as suas roças do Brasil...

De todas as Nações cultas fomos nós que vibramos os primeiros golpes na escravidão e na escravatura.

Séculos antes que, na Inglaterra, um dos primeiros abolicionistas ingleses propusesse na Universidade de Cambridge (1785) a célebre tese – “se é lícito fazer escravos, os outros, contra sua vontade” - já nós não tínhamos dúvidas a esse respeito, como se vê de muitas decisões régias desde 1570 por diante.

Podemos afirmar que, na Inglaterra, quando entrou decisivamente na campanha abolicionista, encontrou-nos já adiantados nesse caminho, e nós fomos sinceros cooperadores nessa campanha.

É que havia entre nós uma tradição abolicionista, as nossas leis, nos nossos costumes, uma tradição de humanidade e de doutrina, para suavizar as agruras da escravidão. Leia-se a nossa história colonial.

Guiando pelo texto das nossas leis e pelas compilações que Portugal fez por vezes, para defender o seu direito e o seu nome, vou extrair alguns princípios, embora muito rapidamente.

Em fins do 16º abolimos a escravidão e a escravatura dos indígenas da América e da Ásia em relações conosco. Começa essa legislação em 1570.

Proclamamos os indígenas do Brasil livres e iguais aos outros homens desde o Alvará de 1570, renovada esta lei por diplomas sucessivos até 1611.

Esta mesma doutrina devia regular as nossas relações no Oriente, com Japoneses, com Chineses e com os indígenas da Ásia com quem travamos relações.

Desde muitos anos, desde o princípio, procuramos pôr normas de humanidade e de prudência, para atenuar os horrores do tráfico humano.

Estará qui contida a condenação doutrinária e jurídica da escravidão e escravatura dos indígenas do continente Negro, como se afirma uma das compilações por nós feitas. Assim, podemos afirmar que, antes que qualquer outra Nação, se começou entre nós a abolir a escravidão nas nossas possessões.

Desde o princípio nos esforçamos por lançar as populações nativas na luz da fé cristã – a civilização da época – e sujeitar a escravatura aos ditames da justiça e da razão.

Os alvarás de 19-9-1761 e 2-1-1766 extinguem o comércio dos negros nos mercados do continente europeu português e proclamam livres o escravo africano e o mulato que

desembarquem em Portugal. Estamos no tempo de D. José I e do seu Ministro, o Marquês de Pombal.

O Alvará da mesma época (de 16-I-1773) reforça as práticas anteriores e determina que a escravidão não vá além da vida dos que nascem nela, acabando com a perpetuação cativoiro.

No tratado com a Inglaterra com a abolição do tráfico de 19-2-1810, assinado no Rio de Janeiro, comprometemo-nos a cooperar com a Inglaterra com a abolição do tráfico.

O Congresso de Viena, que remodelou a carta política da Europa, após as guerras napoleónicas, proclamou um grande princípio de direito internacional – a abolição da escravatura – para o que o Papa Pio VII, o Papadas lutas napoleónicas, fez os maiores esforços junto das grandes Potências. É um novo direito. Desenvolve-se o interesse das potências pela África. A luta contra o nefando comércio passa a ser uma luta da civilização.

É de notar que os representantes de Portugal propuseram aos diplomatas ingleses, por ocasião do Congresso, a abolição completa da escravatura nas nossas possessões, mediante a derrogação da convenção comercial, onerosa para as nossas industrias, que fizeram com a Inglaterra em 1810. Não foi aceite a proposta, mas Portugal aderiu às declarações abolicionistas do Congresso, sem consideração dos consideração dos seus prejuízos. Fez depois com a Inglaterra os Tratados de 21 e 22 de Janeiro de 1815, e outros em 28 de Julho e II de Novembro de 1817, 15 de Março de 1823 e, mais tarde, o de 3 de Julho de 1842.

A independência do Brasil em 1822 e a sua prematura e completa separação não foram estranhas às nossas tradições e às tendências abolicionistas. Como mais tarde, em 1889, a queda do Império do Brasil se prende à abolição. Quando a Princesa Imperial Regente, D. Isabel, estava para assinar o decreto da abolição, em 1888, o Barão de Cotejipe, em resposta ao entusiasmo que a Princesa lhe mostrava existir na população, teve estas palavras proféticas, que dentro em pouco tiveram a sua realização: “Vossa Alteza redimiu uma raça, mas perdeu seu trono” (Formação histórica do Brasil, P. Calógeras, edição de 1935).

A escravidão e a escravatura estavam condenadas na opinião, podemos dizer na educação portuguesa, antes que as extinguisse o texto da lei.

Tantissimo testemunhos eloquentes poderia referir, a condenar o odioso tráfico. A admirável reação manifestada no notável governo de Angola por Sousa Coutinho (1764-1772), é prova disto. Representa esse governo uma nova era na administração da exclusiva actividade angolana. Mas era cedo para a modificar radicalmente. Um dos seus imediatos sucessos, D. Miguel Antônio de Melo, diz no seu relatório de 1800:

“Pretender reduzir ao grémio da santa igreja todos os negros de Ang., e ao mesmo tempo entreter e conservar o comérc. da escravat., são 2 fins que entre si repugnam... conseguido o primeiro, tornar-se-ia impraticável o 2.º, porque a fecunda e principal origem dos cativeiros nasce dos costumes bárbaros dos negros, os quais eles abandonariam logo que conhecessem as verdades católicas... Mas nem tanto seria necessário, porque logo que os negros se civilizarem conhecerão ser um grande absurdo vender um pai a seu filho... um marido a sua mulher. ...”.

1836 – Estamos chegados ao Iº Facto fulminante, já dirigido por Sá da Bandeira, presid. do Ministério.

É o decreto de 10-12-1836 que proibiu a exportação de escravos, por mar ou por terra, em todos os domínios portugueses, bem como a sua importação feita por mar, sob qualquer pretexto.

Inicia-se a verdadeira cruzada abolicionista, a despeito de todos os embaraços, intriga e injustiças que nos acarretou esta campanha e o combate que tivemos de lhe fazer, porque – é bem sabido - os negreiros continuaram a função clandestina, alguns nacionais, mais sobretudo estrangeiros.

É impossível descrever essa notável luta.

Não se resiste à tentação de transcrever períodos lapidares do relatório do humanitário decreto, que são afirmações gloriosas que falam bem ao n/sentimento.

“Os portugueses têm sido caluniados por historiadores modernos, que representante n/guerreiros e navegadores traficando com espada na mão... E todavia, não há um só documento em toda a Iª. Época de n/ descobrimentos, que não prove que o principal e

quase o único intuito do Governo Port. era a civilização dos povos pelo meio do Evangelho. O comércio foi secundário, posto que meio civilizador também; e a dominação foi uma necessidade consecutiva, não um objectivo.....”

“A Índia primeiro, depois o Brasil fez-nos deixar a África, n/mais natural campo de trabalhos. Mas a colonização do Brasil e a exploração das s/minas, e bem depressa o interesse de todas as outras Potencias... foram os maiores inimigos da civilização da África... O infame tráfico dos negros é certamente uma nódoa indelével na história das Nações modernas; mas não fomos nós os principais, nem os únicos, nem os piores réus. Cúmplices, que depois nos arguíram tanto, pecaram mais feiamente. Emendar pois o mal feito... é dever de honra portuguesa...”

Acusaram-nos de termos sido os invasores da escravidão e da escravatura. Encontramo-las estabelecidas na África, nos usos e costumes e até nas necessidades das populações primitivas indígenas. Utilizamo-las em benefício do Brasil e da civilização cristã.

As providencias oficiais nessa cruzada afirmam-se daí por diante. E são muitas, são todos os anos, apesar de provocarem uma grande crise e decadência nas n/ colónias, visto que este comércio era a base da sua economia, principalmente nas maiores e mais importantes. A cruzada humanitária tinha de continuar até o fim, como era honra da Nação.

Logo em 2-7-1842 é assinado entre Portugal e a Inglaterra um tratado, pelo qual nos unimos para pôr termo ao tráfico, que continuava a fazer-se clandestinamente. Os navios de guerra portugueses e ingleses tinham o direito de visitar os navios duma e doutra Nação que fossem suspeitos de escravatura. Criam-se as comissões mistas para julgar os casos de escravatura. Aqui funcionou uma, em Luanda, até 1870 ou 71. Portugal declarou depois que o tráfico era considerado como pirataria.

Providencias sucessivas se adoptam para tornar livre o trabalho africano. Resumirei as fundamentais.

O decreto de 14-12-1854 é muito importante. Libertou todos os escravos pertencentes ao Estado, e ordenou que todos os escravos importados por terra nos domínios portugueses ficassem imediatamente libertos.

Este decreto que começa propriamente a abolição do tráfico da escravatura dentro do território africano, onde era até então consentido. O decreto permite que os escravos se libertassem indemnizando os seus senhores, podendo assim reivindicar a sua liberdade.

Dá logo liberdade, como se disse, aos que pertenciam à fazenda, e criou as Juntas protetoras dos escravos e libertos, de que era presidente, em cada província, o Bispo da diocese. Recomenda e facilita a remissão dos escravos pelo baptismo, dos menores até 5 anos de idade, pagando-se pelos fundos das Juntas a soma de cinco mil réis fortes por cada um, aos ministros batizantes, ficando ipso facto livres como se assim nascessem. Isto mesmo se renovou e recomendou por portaria de 31-12-1856, para se desenvolver a manumissão dos escravos das Câmaras Municipais e das Misericórdias; em 24 de Julho do mesmo ano declaram-se livres os filhos de mulher escrava; em 25 de Julho o mesmo se aplica aos escravos das igrejas.

Ocupou-se o Ambriz em 1855 com o fim principal de acabar com o tráfico negreiro, proteger o comércio nacional e estrangeiro ali estabelecido e firmar direitos de soberania. A lei de 5-7-1856 aboliu a escravatura no Ambriz e nos territórios, de Cabinda a Malembo, quer dizer em todos os territórios desde 8° até 5° 12' de latitude meridional em que tínhamos os chamados direitos reservados, incluindo o rio Zaíre. Não havia ocupação efetiva, porque nos territórios tínhamos feitorias e ali fazíamos desde há muito a polícia, pelos nossos cruzeiros, que nos era imposta pelos nossos princípios.

Criou-se logo o distrito do Ambriz, que abrangia todos os territórios do Norte. É seu P. Governador o distinto oficial da Marinha de Guerra, mais tarde Almirante Baptista Andrade.

Mas a escravidão era verdadeiramente a mãe do comércio negreiro, a fonte originaria dele. Havia 22 anos que havia sido decretada a extinção do tráfico e, nos anos seguintes, se decretaram providencias para gradualmente irem aproximando a época da abolição daquela fonte originária, sem prejuízo dos direitos consagrados pela organização social de então.

É Sá da Bandeira quem apresenta a medida como Ministro da Marinha e Ultramar. O decreto traz apenas a sua referenda. Tem a data de 29 de Abril de 1958 data escolhida com um grande significado patriótico, para marcar bem uma afirmação; era uma data de gala nacional, sempre observada religiosamente pelo Constitucionalismo; era o aniversário da outorga da Carta Constitucional, em igual dia de 1826. Outra significação tem a data deste decreto. Foi nesse mesmo dia que se efetuou, em Berlim, o casamento de El-Rei D. Pedro V, que assinou este decreto que Sá da Bandeira lhe havia apresentado

como “uma memória das régias núpcias”. (Sá da Bandeira, O trabalho rural africano. 1873).

Ordenou este decreto que passassem a ser de condição livre todos os escravos existentes em território português no dia em que se completassem 20 anos depois da data do mesmo decreto. Era o dia 29 de Abril de 1878 que seria o último da escravidão em todo Portugal.

Com exceção da Espanha e Portugal, todas as nações europeias com colónias tinham já abolido a escravidão até o ano 1869. Mantinha-se ainda no Brasil.

Sá da Bandeira, já Marquês de Sá da Bandeira, era presidente do Ministério e o académico Latino Coelho era o Ministro da Marinha. Promulga-se então o decreto 25-2-1869, referendado por todo o Governo, pelo qual, finalmente, é abolido o estado de escravidão em todas as colónias portuguesas desde o dia da publicação do mesmo diploma; os escravos ainda existentes passavam à condição de libertos, e ficavam, como tais, devendo serviços aos seus antigos senhores, até 29 de Abril de 1878. Ficariam como libertos nas condições do decreto de 1854.

Estas disposições antecipam-se. O decreto de 31-10-1874 declarou livres todos os libertos existentes na província de Cabo Verde, que então incluía toda a Guiné.

Finalmente, a Lei de 29 de Abril de 1875 extinguiu no fim dum ano, inteiramente, a condição servil designada do decreto de 25-2-1869 e ficavam sendo livres aqueles a quem ela se referia. É referenciada pelo Ministro Andrade Corvo.

Sá da Bandeira ainda assistiu ao fecho de generoso e humanitário desta cruzada da fase escravagista de Portugal africano. Faleceu pouco depois em Lisboa em 6-1-1876, com 81 anos de idade, gastos em grande parte na campanha da liberdade africana.

-IV-

Fecha-se aqui esta resenha, nas vésperas de começar a história do 3º Império Lusitano – o da África Portuguesa.

Teve de haver muitas outras providencias para tornar praticamente aproveitável pelos indígenas a sua liberdade de trabalho, que se foi regulamentando, pois que, como é natural, muitos não compreenderam as conveniências do livre exercício da sua actividade. A lei do trabalho é base da sociedade, do progresso e da grandeza dos povos. É lei de

Deus, condição da existência humana, a que todos estão sujeitos, seja qual fôr a sua raça e origem, para todos se elevarem ao nível da civilização e se aproximarem de Deus.

Além das medidas da tutela e protecção, outras continuarão a ser precisas, também, e até a intervenção naval e militar. É que ficaram restos das costumagens antigas, abusos praticados pelos traficantes negreiros... que não se acabaram diante da promulgação das leis.

Foram excessos e abusos que há sempre, e só se abusa do que é bom! Não são de considerar aqui, na região serena dos princípios que formaram e informaram o nosso direito social, cristão e humano.

Abolimos o tráfico negreiro e a escravatura. Regulamentamos o trabalho indígena e regulamos as relações entre serviçais e patrões. E fomos mais longe. As nossas colónias são consideradas como parte integrante da Nação, jurídica e politicamente como meras províncias de Portugal.

A antiga Carta Constitucional declarou cidadãos portugueses todos “os que tiverem nascido em Portugal ou seus domínios” (artigo 7º). Assim, os indígenas das nossas colónias, sem diferença de raça, de cor ou religião, gozam de direitos iguais àqueles que a Carta atribuía aos portugueses da Europa. Demos-lhe, pois, os mesmos direitos e liberdade da metrópole.

Não ficamos aquém das outras Nações coloniais, muito pelo contrário, na concessão de direitos às populações nativas.

Nesta grande campanha, de que hoje se comemora um dos seus marcos miliários, não podemos deixar de salientar a vontade tenacíssima do nobre Marquês de Sá da Bandeira – o principal promotor da emancipação africana, a quem a causa anti – escravagista deve os maiores serviços. É ele um dos grandes construtores da nossa grandeza imperial, que hoje se ostenta com toda a ufania perante o mundo civilizado e diante de todas as ambições estranhas, sejam elas quais forem.

A civilização e a formação histórica de Angola não lhe deve só esta cruzada. Cuidou de todos os seus aspectos, quer no Poder, quer fora do Poder, como primeiro presidente do antigo Conselho Ultramarino restaurado em 1851, para ouvir a voz das colónias, quer como político e parlamentar. Foi ele quem aboliu (portaria de 31-I-1839) a prática desumana de serviço forçado dos carregadores que os sobas vassallos eram obrigados a

fornecer aos feirantes e aviados, para a condução de fazendas e transportes comerciais no interior. Referendou o decreto de 3-II-1856, que novamente aboliu o serviço forçado.

Foi ele quem autorizou a formação duma companhia construtora de vias férreas em Angola, de Luanda a Calumbo e de Cambambe ao rio Cuango (decreto de 28-8-1857), - a primeira ideia da viação acelerada nestas terras. Animou sempre o desenvolvimento da construção de estradas carrateiras por essa província fora, para facilitar e valorizar as suas riquezas; e, com o mesmo objectivo, enviou para aqui plantas e sementes várias, para aumentar a riqueza pública e particular.

Contribuiu grandemente para a investigação científica de Angola, para o estudo da sua flora e da sua fauna e até para o reconhecimento geológico, nesta investigação em que tanto se distinguem o sábio Welwitsch e Jose Anchieta.

A propósito da repressão do tráfico, se iniciou, por sua iniciativa, o povoamento do Sul, no litoral e no planalto meridional, que mais tarde Pinheiro Chagas vai desenvolver e firmar, e se traduz hoje no alargamento da grei portuguesa, triunfante e radiante, por todos os planaltos.

Em cumprimento das Instruções de 4-10-1838 que Sá da Bandeira deu ao Governador Antônio de Saldanha, para se executar o decreto da abolição do tráfico, mandou aquele homem público ocupar os portos do Ambriz, Zaire, Cabinda, Malemo e Mossêmedes e colocar autoridades nesses pontos. Desta ocupação só se efectua então a de Mossamedes, onde se fundou um estabelecimento em 1840. Pedro Alexandrino da Cunha explorou a costa para o Sul de Benguela, e por terra faz-se a expedição comandada pelo tenente João Francisco Garcia, por Caconda e Quilengue, explorando os sertões planálticos do Sul. É o principio da grande obra da colonização planáltica e o vassalamento da terra.

Constava dessas Instruções que se devia fundar nas margens do Zaire uma povoação que se chamaria – Nova Lisboa – e seria o centro da nossa actividade e da nossa acção civilizadora no Norte. Ai se formaria uma grande colónia, que, pelo seu comércio, riqueza e população, se tornaria merecedora de tal denominação. O célebre explorador Stanley e o Rei Leopoldo II não viram melhor muito mais tarde, na penúltima década do século passado, e viram com muito menos direito do que a sábia providência de Sá da Bandeira, na discussão a que deu lugar a nossa ocupação do Ambriz, em 1885, publicou uma interessante e elucidativa memória sobre os territórios de Molemo, Cabinda e Ambriz

entre o 5°. 12' e o 8° graus de latitude meridional, juntando-se assim à defesa, feita na mesma ocasião e triunfante, do Visconde de Santarém.

-V-

Sr. Presidente, Meus Srs.:

Angola é terra de Portugal. Não será de mais chamar-lhe o centro nacional do Império extra-europeu, classificação que bem lhe merece pela sua grandeza, pela sua posição geográfica, pelas suas condições naturais e importância, pela sua fisionomia tão particularmente portuguesa.

Desta terra nos quizeram turar mais que uma vez, acusando-nos precisamente de escravagistas, desde inventores do comércio de escravo neste armazém da África, até negreiros confessos e impenitentes. Durou a camanha odiosa e injusta mais de um século, se é que não perdura ainda no nosso tempo... exarcebada com mais crueza quando as ambições estranhas mais se apertavam em volta dos nossos direitos de soberania.

Mas nós fizemos a obra da colonização da terra, fizemos a ocupação integral de todas as suas parcelas de território; ocupamo-la total e efectivamente, com mais cuidado desde meados do século passado, quando começa a nossa renascença colonial, e, sobretudo, desde 1890; demarcamos as suas fronteiras; cobrimos toda a colónia duma admirável e externa rede de estradas; e criamos as modernas missões católicas portuguesas, para desenvolverem a sua acção ensinante e protectora, já libertas da praga escravagista, que tão fundo tinha prejudicado a sua eficiência de outras eras.

Foi esta uma época gloriosa, aureolada pela plêiade dos nossos soldados e guerreiros . não posso citar nmes, tantos são;compreende-los-ei a todos nestes dois, desde o valoroso e heróico Artur de Paiva até o grande General Pereira d'Eça.

Aos sacrifícios e ao sangue de tantos heróis da epopeia da ocupação angolana, junta-se o arrojo dos nossos sertenejos e comerciantes, a dedicação dos nossos missionários – apóstolos da fé e da influencia nacional -, os cuidados dos nossos administradores e Governadores, e os sacrifícios dos colonos que moirejavam por toda a Colónia, elevando-nos com os seu trabalho, energias e resistências de toda a ordem.

Fazer comemorações patrióticas de hoje é homenagear os nossos grandes homens públicos que, com as suas medidas, defendem o território e promoveram a educação social e cristã, a civilização e melhoria de condições de vida das populações nativas. Todos

trabalhadores para defender o património dos nossos maiores: - guardar essa herança e engrandecê-las cada vez mais.

Eles, e todos os que por aqui trabalharam e trabalham, serviram e servem a grandeza de Portugal, como o estão fazendo, nas diferentes actividades, por toda a vastíssima Cólônia: - os soldados colóos estabilizados, os funcionários públicos e os missionários, os africanos com o seu cunho nacional português e também os próprios indígenas, afeitos ao nosso domínio e autoridade, hoje pacíficos cultivadores e amigos do trabalho, grangeadores duma grande parte da produção da actividade e riqueza conómica de Angola. A todos cabe o seu lugar na nossa grandeza imperial.

A esse engrandecimento vem juntar-se, dentro em breve, a honrosa visita de S. Exia. O Presidente da Republica – o Iº Chefe do Estado que vem pisar o chão sagrado de Angola! - e que Angola vai receber com todo o seu entusiasmo, com todo o seu sentimento de vivo e arreigado patriotismo! Com este sentimento traduzirá, na sua gratidão, o indelével reconhecimento pelo abraço de estreita aproximação que a visita do nobre Chefe do Estado vem selar entre Angola e a Pátria distante do glorioso Portugal de Além- Mar!

O D. Manuel Alves da Cunha, no seu longo e histórico discurso, disse que Portugal não foi o principal, nem o único, o pior réu do tráfico de escravos, querendo defender ou seja diminuir a responsabilidade deste país neste triste processo, esquecendo-se que foi esta iniciou o triste fenómeno e que o momopolizou cerca de 100 anos, apesar de friamente tendo reconhecido que “ emendar pois o mal feito... era dever de honra de Portuguesa...”

Durante o presente trabalho de investigação, foi mencionado que a igreja católica foi usada para facilitar a colonização em Africa ou seja tudo que foi contra os negros africanos foi com a cumplicidade do Vaticano naquela, que orientou reduzir todos os infiéis em escravidão, usando o santo nome de Deus criador vão para facilitar a penetração dos colonizadores, sendo importante mencionar aqui que quando os Europeus chegaram ao continente, aos africanos já conheciam Deus. O mais chocante é que neste importante discurso, encontrou-se o conceito jurídico da antiga Roma que definia com clareza a situação dos escravos nos seguintes termos: “ os escravos são homens, mas pessoas”.

Foi também surpreendente tomar conhecimento através do pronunciamento do D. Manuel Alves da Cunha, sobre a carta de lei de 30/06/1956, onde foram declarados os libertos os escravos das Câmaras Municipais e das Misericórdias; em 24 de Julho do mesmo ano declaram-se livres os filhos de mulher escrava; em 25 de Julho o mesmo se aplica aos

escravos das igrejas, demonstrando claramente que além da cumplicidade da igreja católica na colonização dos países africanos, a igreja também participou de directamente no processo de escravatura.

Finamente destacou o papel determinante desempenhado pelo Sá da Bandeira, para impulsionar o fim da escravatura, tendo criado vários decretos para acelerar a abolição do comércio de escravos em Portugal e suas colónias, assim a sua influencia e interesse no desenvolvimento das províncias Ultramares portuguesas, sobretudo Angola.

Documento do Arquivo Historico Nacional de Angola – Luanda – Caixa N° 203,
Documento n.º82

ANEXO III: Questionário dos inqueritos aos residentes das localidades de estudo.

QUESTIONÁRIO DO RESIDENTE DO SOYO



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Prezado (a) Senhor (a)

Na qualidade de estudante de Doutoramento do Curso de Geografia Humana da Universidade de Coimbra (Portugal), solicito a sua colaboração na elaboração da tese do curso, preenchendo o questionário abaixo.

O tema da tese é: Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O objectivo central é apresentar uma proposta para desenvolver o produto “Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola”.

Garanto que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a sua privacidade.

Agradeço desde já o seu apoio, colaboração e disponibilidade.

I. DADOS BIOGRÁFICOS

1. Idade _____

2. Género

Masculino

Feminino

3. Bairro de residência _____ 4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

6. Habilitações académicas

Não sei ler/ Nem escrever

Ensino primário

Entre 7^a e 9^a classe

Entre 10ª e 12ª classe

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

7. Grupo da sua actividade profissional

Turismo/Lazer/Entretenimento

Artes/Cultura/Informação

Marketing/Finanças/Seguros/Consultoria

Tecnologias de informação

Ensino/Investigação/Saúde/Serviços Sociais

8. Actividade Profissional

Trabalhador por conta própria

Trabalhador por conta de outrem (Sector privado)

Funcionário público

Trabalhador em ONGs

Serviços religiosos

9. Estado civil

Solteiro/a

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

II. CIDADE DO SOYO

10. Já ouviu falar da escravatura ou tráfico de escravos que a África foi vítima?

Sim

Não

11. Soyo desempenhou um papel preponderante durante a escravatura em Angola. Acha que a sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola pode trazer benefícios para as populações locais?

Sim

Não

12. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola? (Assinale uma ou mais opções)

Manter a situação como está

Reconstituir a história da escravatura

Criar monumentos para simbolizar a escravatura

Ensinar a história da escravatura nas escolas

Maior divulgação por parte dos mídias (TV e Rádio, etc.)

Criar manifestações culturais sobre a escravatura

Indicação de uma data para homenagear anualmente as vítimas da escravatura

13. A actividade turística pode ser boa para a cidade do Soyo, porquê?

(Assinale com as seguintes opções):

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo;
5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Pode trazer muito mais visitantes para a cidade					
Pode dinamizar as actividades económicas locais					
Pode criar muitos negócios e empregos para os residentes					
Pode valorizar e promover os sítios, monumentos, dança, música, gastronomia e artesanato					
Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria					
Pode contribuir para a reabilitação da cidade					

14. A actividade turística pode ser má para a cidade do Soyo, porquê? (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Pode tornar a cidade suja e congestionada					
Pode contribuir para aumentar a delinquência					
Pode aumentar o uso de drogas e prostituição					
Pode degradar os locais históricos e as praias devido ao grande fluxo de visitantes					
Pode aumentar os preços dos bens e serviços					
Pode poluir o meio ambiente					

15. Que aspectos da cultura local considera mais importante? (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Sítios ligados a escravatura					
Monumentos Históricos					
Cerimónias, rituais e tradições antigas					
Músicas populares e as danças					
Gastronomia local					
Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual					

16. Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Soyo do nível (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade					
Condições de vida das populações					
Moral, atitude e comportamento dos residentes					
Hábitos e costumes					
Grau académico dos residentes					
Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços					

17. Indique os sítios, monumentos e manifestações culturais que conheces (Assinale uma ou mais opções):

Sítios e monumentos:

Música e dança:

Artesanato e artefactos: Cerimónias

Cerimónias rituais:

Festas populares:

Prato típico mais popular:

Outra: Qual?

18. Quais são os locais do Soyo que conhece ligados a escravatura?

19. O que deve ser melhorado em termos culturais no Soyo para se valorizar e preservar a nossa identidade cultural sobretudo por parte da juventude? (3 a 4 palavras)

20. Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda levaria a sua família a visitar, no período de 8 a 10 dias?

Sim

Não

QUESTIONÁRIO DO RESIDENTE DO AMBRIZ



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Prezado (a) Senhor (a)

Na qualidade de estudante de Doutoramento do Curso de Geografia Humana da Universidade de Coimbra (Portugal), solicito a sua colaboração na elaboração da tese do curso, preenchendo o questionário abaixo.

O tema da tese é: Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O objectivo central é apresentar uma proposta para desenvolver o produto “Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola”.

Garanto que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a sua privacidade.

Agradeço desde já o seu apoio, colaboração e disponibilidade.

I. DADOS BIOGRÁFICOS

1. Idade _____

2. Género

Masculino

Feminino

3. Bairro de residência _____ 4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

6. Habilitações académicas

Não sei ler/ Nem escrever	<input type="checkbox"/>
Ensino primário	<input type="checkbox"/>
Entre 7ª e 9ª classe	<input type="checkbox"/>
Entre 10ª e 12ª classe	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>

Licenciatura	
Mestrado	
Doutoramento	

7. Grupo da sua actividade profissional

Turismo/Lazer/Entretenimento	
Artes/Cultura/Informação	
Marketing/Finanças/Seguros/Consultoria	
Tecnologias de informação	
Ensino/Investigação/Saúde/Serviços Sociais	

8. Actividade Profissional

Trabalhador por conta própria	
Trabalhador por conta de outrem (Sector privado)	
Funcionário público	
Trabalhador em ONGs	
Serviços religiosos	

9. Estado civil

Solteiro/a	
Casado/a	
Divorciado/a	
Viúvo/a	

II. VILA DO AMBRIZ

10. Já ouviu falar da escravatura ou tráfico de escravos que a África foi vítima?

Sim

Não

11. Ambriz desempenhou um papel preponderante durante a escravatura em Angola. Acha que a sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola pode trazer benefícios para as populações locais?

Sim

Não

12. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola? (Assinale uma ou mais opções)

Manter a situação como está	
Reconstituir a história da escravatura	
Criar monumentos para simbolizar a escravatura	
Ensinar a história da escravatura nas escolas	
Maior divulgação por parte dos mídias (TV e Rádio, etc.)	
Criar manifestações culturais sobre a escravatura	
Indicação de uma data para homenagear anualmente as vítimas da escravatura	

13. A actividade turística pode ser boa para a vila do Ambriz, porquê?

(Assinale com as seguintes opções):

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

Pode trazer muito mais visitantes para a cidade					
Pode dinamizar as actividades económicas locais					
Pode criar muitos negócios e empregos para os residentes					
Pode valorizar e promover os sítios, monumentos, dança, música, gastronomia e artesanato					
Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria					
Pode contribuir para a reabilitação da cidade					

14. A actividade turística pode ser má para a vila do Ambriz, porquê? (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Pode tornar a cidade suja e congestionada					
Pode contribuir para aumentar a delinquência					
Pode aumentar o uso de drogas e prostituição					
Pode degradar os locais históricos e as praias devido ao grande fluxo de visitantes					
Pode aumentar os preços dos bens e serviços					
Pode poluir o meio ambiente					

15. Que aspectos da cultura local considera mais importante? (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Sítios ligados a escravatura					
Monumentos Históricos					
Cerimónias, rituais e tradições antigas					
Músicas populares e as danças					
Gastronomia local					
Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual					

16. Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias no Ambriz do nível (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade					
Condições de vida das populações					
Moral, atitude e comportamento dos residentes					
Hábitos e costumes					
Grau académico dos residentes					
Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços					

17. Indique os sítios, monumentos e manifestações culturais que conheces (Assinale uma ou mais opções):

Sítios e monumentos:	
Música e dança:	

Artesanato e artefactos: Cerimónias	
Cerimónias rituais:	
Festas populares:	
Prato típico mais popular:	
Outra: Qual?	

18. Quais são os locais do Ambriz que conhece ligados a escravatura?

19. O que deve ser melhorado em termos culturais no Ambriz para se valorizar e preservar a nossa identidade cultural sobretudo por parte da juventude? (3 a 4 palavras)

20. Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda levaria a sua família a visitar, no período de 8 a 10 dias?

Sim

Não

QUESTIONÁRIO DO RESIDENTE DO MASSANGANO



Prezado (a) Senhor (a)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Na qualidade de estudante de Doutoramento do Curso de Geografia Humana da Universidade de Coimbra (Portugal), solicito a sua colaboração na elaboração da tese do curso, preenchendo o questionário abaixo.

O tema da tese é: Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O objectivo central é apresentar uma proposta para desenvolver o produto “Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola”.

Garanto que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a sua privacidade.

Agradeço desde já o seu apoio, colaboração e disponibilidade.

I. DADOS BIOGRÁFICOS

1. Idade _____

2. Género

Masculino

Feminino

3. Bairro de residência _____ 4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

6. Habilitações académicas

Não sei ler/ Nem escrever

Ensino primário

Entre 7^a e 9^a classe

Entre 10ª e 12ª classe

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

7. Grupo da sua actividade profissional

Turismo/Lazer/Entretenimento

Artes/Cultura/Informação

Marketing/Finanças/Seguros/Consultoria

Tecnologias de informação

Ensino/Investigação/Saúde/Serviços Sociais

8. Actividade Profissional

Trabalhador por conta própria

Trabalhador por conta de outrem (Sector privado)

Funcionário público

Trabalhador em ONGs

Serviços religiosos

9. Estado civil

Solteiro/a

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

II. MASSANGANO

10. Já ouviu falar da escravatura ou tráfico de escravos que a África foi vítima?

Sim

Não

11. Massangano desempenhou um papel preponderante durante a escravatura em Angola. Acha que a sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola pode trazer benefícios para as populações locais?

Sim

Não

12. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola? (Assinale uma ou mais opções)

Manter a situação como está

Reconstituir a história da escravatura

Criar monumentos para simbolizar a escravatura

Ensinar a história da escravatura nas escolas

Maior divulgação por parte dos mídias (TV e Rádio, etc.)

Criar manifestações culturais sobre a escravatura

Indicação de uma data para homenagear anualmente as vítimas da escravatura

13. A actividade turística pode ser boa para Massangano, porquê?

(Assinale com as seguintes opções):

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo;
5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Pode trazer muito mais visitantes para a cidade					
Pode dinamizar as actividades económicas locais					
Pode criar muitos negócios e empregos para os residentes					
Pode valorizar e promover os sítios, monumentos, dança, música, gastronomia e artesanato					
Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria					
Pode contribuir para a reabilitação da cidade					

14. A actividade turística pode ser má para Massangano, porquê? (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Pode tornar a cidade suja e congestionada					
Pode contribuir para aumentar a delinquência					
Pode aumentar o uso de drogas e prostituição					
Pode degradar os locais históricos e as praias devido ao grande fluxo de visitantes					
Pode aumentar os preços dos bens e serviços					
Pode poluir o meio ambiente					

15. Que aspectos da cultura local considera mais importante? (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Sítios ligados a escravatura					
Monumentos Históricos					
Cerimónias, rituais e tradições antigas					
Músicas populares e as danças					
Gastronomia local					
Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual					

16. Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Massangano do nível (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade					
Condições de vida das populações					
Moral, atitude e comportamento dos residentes					
Hábitos e costumes					
Grau académico dos residentes					
Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços					

17. Indique os sítios, monumentos e manifestações culturais que conheces (Assinale uma ou mais opções):

Sítios e monumentos:

Música e dança:

Artesanato e artefactos: Cerimónias

Cerimónias rituais:

Festas populares:

Prato típico mais popular:

Outra: Qual?

18. Quais são os locais de Massangano que conhece ligados a escravatura?

19. O que deve ser melhorado em termos culturais em Massangano para se valorizar e preservar a nossa identidade cultural sobretudo por parte da juventude? (3 a 4 palavras)

20. Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda levaria a sua família a visitar, no período de 8 a 10 dias?

Sim

Não

QUESTIONÁRIO DO RESIDENTE DO LUANDA



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Prezado (a) Senhor (a)

Na qualidade de estudante de Doutoramento do Curso de Geografia Humana da Universidade de Coimbra (Portugal), solicito a sua colaboração na elaboração da tese do curso, preenchendo o questionário abaixo.

O tema da tese é: Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O objectivo central é apresentar uma proposta para desenvolver o produto “Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola”.

Garanto que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a sua privacidade.

Agradeço desde já o seu apoio, colaboração e disponibilidade.

I. DADOS BIOGRÁFICOS

1. Idade _____

2. Género

Masculino

Feminino

3. Bairro de residência _____ 4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

6. Habilitações académicas

Não sei ler/ Nem escrever

Ensino primário

Entre 7^a e 9^a classe

Entre 10ª e 12ª classe

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

7. Grupo da sua actividade profissional

Turismo/Lazer/Entretenimento

Artes/Cultura/Informação

Marketing/Finanças/Seguros/Consultoria

Tecnologias de informação

Ensino/Investigação/Saúde/Serviços Sociais

8. Actividade Profissional

Trabalhador por conta própria

Trabalhador por conta de outrem (Sector privado)

Funcionário público

Trabalhador em ONGs

Serviços religiosos

9. Estado civil

Solteiro/a

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

II. CIDADE DO LUANDA

10. Já ouviu falar da escravatura ou tráfico de escravos que a África foi vítima?

Sim

Não

11. Luanda desempenhou um papel preponderante durante a escravatura em Angola. Acha que a sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola pode trazer benefícios para as populações locais?

Sim

Não

12. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola? (Assinale uma ou mais opções)

Manter a situação como está

Reconstituir a história da escravatura

Criar monumentos para simbolizar a escravatura

Ensinar a história da escravatura nas escolas

Maior divulgação por parte dos mídias (TV e Rádio, etc.)

Criar manifestações culturais sobre a escravatura

Indicação de uma data para homenagear anualmente as vítimas da escravatura

13. A actividade turística pode ser boa para a cidade de Luanda, porquê?

(Assinale com as seguintes opções):

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo;
5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Pode trazer muito mais visitantes para a cidade					
Pode dinamizar as actividades económicas locais					
Pode criar muitos negócios e empregos para os residentes					
Pode valorizar e promover os sítios, monumentos, dança, música, gastronomia e artesanato					
Pode aumentar a produção agrícola e o fomento da indústria					
Pode contribuir para a reabilitação da cidade					

14. A actividade turística pode ser má para a cidade de Luanda, porquê? (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Pode tornar a cidade suja e congestionada					
Pode contribuir para aumentar a delinquência					
Pode aumentar o uso de drogas e prostituição					
Pode degradar os locais históricos e as praias devido ao grande fluxo de visitantes					
Pode aumentar os preços dos bens e serviços					
Pode poluir o meio ambiente					

15. Que aspectos da cultura local considera mais importante? (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Sítios ligados a escravatura					
Monumentos Históricos					
Cerimónias, rituais e tradições antigas					
Músicas populares e as danças					
Gastronomia local					
Artesanato e outros trabalhos de arte ou manual					

16. Após a conquista da paz em 2002, houve melhorias em Luanda do nível (Assinale com as seguintes opções:

1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
Ordenamento, urbanização e reabilitação da cidade					
Condições de vida das populações					
Moral, atitude e comportamento dos residentes					
Hábitos e costumes					
Grau académico dos residentes					
Aumento de infra-estruturas, indústria, comércio e serviços					

17. Indique os sítios, monumentos e manifestações culturais que conheces (Assinale uma ou mais opções):

Sítios e monumentos:

Música e dança:

Artesanato e artefactos: Cerimónias

Cerimónias rituais:

Festas populares:

Prato típico mais popular:

Outra: Qual?

18. Quais são os locais de Luanda que conhece ligados a escravatura?

19. O que deve ser melhorado em termos culturais em Luanda para se valorizar e preservar a nossa identidade cultural sobretudo por parte da juventude? (3 a 4 palavras)

20. Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola integrando as localidades do Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda levaria a sua família a visitar, no período de 8 a 10 dias?

Sim

Não

ANEXO IV: Questionario dos inqueritos aos visitantes das localidades de estudo.

QUESTIONÁRIO AO VISITANTE DE SOYO



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Prezado (a) Senhor (a)

Na qualidade de estudante de Doutoramento do Curso de Geografia Humana da Universidade de Coimbra (Portugal), solicito a sua colaboração na elaboração da tese do curso, preenchendo o questionário abaixo.

O tema da tese é: Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O objectivo central é apresentar uma proposta para desenvolver o produto “Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola”.

Garanto que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a sua privacidade.

Agradeço desde já o seu apoio, colaboração e disponibilidade.

I. DADOS BIOGRÁFICOS

1. Idade _____

2. Género

Masculino

Feminino

3. Bairro de residência _____ 4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

6. Habilitações académicas

Não sei ler/ Nem escrever

Ensino primário

Entre 7^a e 9^a classe

Entre 10ª e 12ª classe

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

7. Grupo da sua actividade profissional

Turismo/Lazer/Entretenimento

Artes/Cultura/Informação

Marketing/Finanças/Seguros/Consultoria

Tecnologias de informação

Ensino/Investigação/Saúde/Serviços Sociais

8. Actividade Profissional

Trabalhador por conta própria

Trabalhador por conta de outrem (Sector privado)

Funcionário público

Trabalhador em ONGs

Serviços religiosos

9. Estado civil

Solteiro/a

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

10. Onde passa habitualmente as férias?

Em Angola

Fora de Angola (Em África)

Fora do continente africano

Em que País? _____

Em que Cidade? _____

II. CIDADE DO SOYO

11. Qual é o motivo da sua visita no Soyo?

Férias

Visita Familiar

Cultura e história da cidade

Turismo e Lazer

Transito

Negócios

12. Tempo de permanência?

Algumas horas

Um dia

Entre 2 e 7 dias

Duas semanas

Mais de duas semanas

Um mês

Mais de um mês

13. O que mais aprecia no Soyo?

A gastronomia

Os monumentos históricos, artesanato e a sua história

A hospitalidade do seu povo

A paisagem e os serviços turísticos

A música e dança

14. Onde está hospedado?

Hotel

Aparthotel

Aldeamento turístico

Pensão

Hospedaria

Casa familiar / amigo

15. Visita a cidade acompanhado/a?

Da esposa (o)

Da família

Da namorada (o)

Dos amigos (as)

Sozinho (a)

16. Já ouviu falar da escravatura?

Sim

Não

Não sei /Não respondo

17. Soyo desempenhou um papel importante como local de caça, concentração e embarque de escravos para as Américas. Acha que a sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, pode constituir uma mais-valia para as populações vítimas do processo?

Sim

Não

18. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola? (Assinale uma ou mais opções)

Manter a situação como está;

Reconstituir a história da escravatura criando monumentos e sítios históricos nos locais de referência sobre essa matéria;

A história da escravatura deve ser ensinada nas escolas e universidades do país;

Promover palestras e seminários sobre a escravatura;

Definir uma data de celebração sobre a escravatura Angolana;

19. Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade do Soyo? Classifique na escala seguinte:

Eventos culturais

Hotéis, restaurantes e serviços turísticos de qualidade

Sinalização dos pontos de interesse turístico

Painéis explicativos sobre a história da cidade

Rent-a-car, guias turísticos, roteiros, brochuras e mapas sobre a cidade

Centros comerciais modernos e lojas diversas

Outro/ Qual? R:

20. Mencione três medidas que considera importantes para melhoria da imagem da cidade do Soyo (3 a 4 palavras).

21. Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola integrando o Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a percorrer no período de 8 a 10 dias?

Sim

Não

QUESTIONÁRIO AO VISITANTE DE AMBRIZ



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Prezado (a) Senhor (a)

Na qualidade de estudante de Doutoramento do Curso de Geografia Humana da Universidade de Coimbra (Portugal), solicito a sua colaboração na elaboração da tese do curso, preenchendo o questionário abaixo.

O tema da tese é: Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O objectivo central é apresentar uma proposta para desenvolver o produto “Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola”.

Garanto que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a sua privacidade.

Agradeço desde já o seu apoio, colaboração e disponibilidade.

I. DADOS BIOGRÁFICOS

1. Idade _____

2. Género

Masculino
Feminino

3. Bairro de residência _____ 4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

6. Habilitações académicas

Não sei ler/ Nem escrever

Ensino primário

Entre 7ª e 9ª classe

Entre 10ª e 12ª classe

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

7. Grupo da sua actividade profissional

Turismo/Lazer/Entretenimento

Artes/Cultura/Informação

Marketing/Finanças/Seguros/Consultoria

Tecnologias de informação

Ensino/Investigação/Saúde/Serviços Sociais

8. Actividade Profissional

Trabalhador por conta própria

Trabalhador por conta de outrem (Sector privado)

Funcionário público

Trabalhador em ONGs

Serviços religiosos

9. Estado civil

Solteiro/a

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

10. Onde passa habitualmente as férias?

Em Angola

Fora de Angola (Em África)

Fora do continente africano

Em que País? _____

Em que Cidade? _____

II. VILA DE AMBRIZ

11. Qual é o motivo da sua visita no Ambriz?

Férias

Visita Familiar

Cultura e história da cidade

Turismo e Lazer

Transito

Negócios

12. Tempo de permanência?

Algumas horas

Um dia

Entre 2 e 7 dias

Duas semanas

Mais de duas semanas

Um mês

Mais de um mês

13. O que mais aprecia no Ambriz?

A gastronomia

Os monumentos históricos, artesanato e a sua história

A hospitalidade do seu povo

A paisagem e os serviços turísticos

A música e dança

14. Onde está hospedado?

Hotel

Aparthotel

Aldeamento turístico

Pensão

Hospedaria

Casa familiar / amigo

15. Visita a cidade acompanhado/a?

Da esposa (o)

Da família

Da namorada (o)

Dos amigos (as)

Sozinho (a)

16. Já ouviu falar da escravatura?

Sim

Não

Não sei /Não respondo

17. Ambriz desempenhou um papel importante como local de caça, concentração e embarque de escravos para as Américas. Acha que a sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, pode constituir uma mais-valia para as populações vítimas do processo?

Sim

Não

18. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola? (Assinale uma ou mais opções)

Manter a situação como está;

Reconstituir a história da escravatura criando monumentos e sítios históricos nos locais de referência sobre essa matéria;

A história da escravatura deve ser ensinada nas escolas e universidades do país;

Promover palestras e seminários sobre a escravatura;

Definir uma data de celebração sobre a escravatura Angolana;

19. Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da vila de Ambriz? Classifique na escala seguinte:

Eventos culturais

Hotéis, restaurantes e serviços turísticos de qualidade

Sinalização dos pontos de interesse turístico

Painéis explicativos sobre a história da cidade

Rent-a-car, guias turísticos, roteiros, brochuras e mapas sobre a cidade

Centros comerciais modernos e lojas diversas

Outro/ Qual? R:

20. Mencione três medidas que considera importantes para melhoria da imagem da vila do Ambriz (3 a 4 palavras).

21. Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola integrando o Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a percorrer no período de 8 a 10 dias?

Sim

Não

QUESTIONÁRIO AO VISITANTE DE MASSANGANO



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Prezado (a) Senhor (a)

Na qualidade de estudante de Doutoramento do Curso de Geografia Humana da Universidade de Coimbra (Portugal), solicito a sua colaboração na elaboração da tese do curso, preenchendo o questionário abaixo.

O tema da tese é: Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O objectivo central é apresentar uma proposta para desenvolver o produto “Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola”.

Garanto que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a sua privacidade.

Agradeço desde já o seu apoio, colaboração e disponibilidade.

I. DADOS BIOGRÁFICOS

1. Idade _____

2. Género

Masculino
Feminino

3. Bairro de residência _____ 4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

6. Habilitações académicas

Não sei ler/ Nem escrever

Ensino primário

Entre 7^a e 9^a classe

Entre 10^a e 12^a classe

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

7. Grupo da sua actividade profissional

Turismo/Lazer/Entretenimento

Artes/Cultura/Informação

Marketing/Finanças/Seguros/Consultoria

Tecnologias de informação

Ensino/Investigação/Saúde/Serviços Sociais

8. Actividade Profissional

Trabalhador por conta própria

Trabalhador por conta de outrem (Sector privado)

Funcionário público

Trabalhador em ONGs

Serviços religiosos

9. Estado civil

Solteiro/a

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

10. Onde passa habitualmente as férias?

Em Angola

Fora de Angola (Em África)

Fora do continente africano

Em que País? _____

Em que Cidade? _____

II. MASSANGANO

11. Qual é o motivo da sua visita em Massangano?

Férias

Visita Familiar

Cultura e história da cidade

Turismo e Lazer

Transito

Negócios

12. Tempo de permanência?

Algumas horas

Um dia

Entre 2 e 7 dias

Duas semanas

Mais de duas semanas

Um mês

Mais de um mês

13. O que mais aprecia em Masangano?

A gastronomia

Os monumentos históricos, artesanato e a sua história

A hospitalidade do seu povo

A paisagem e os serviços turísticos

A música e dança

14. Onde está hospedado?

Hotel

Aparthotel

Aldeamento turístico

Pensão

Hospedaria

Casa familiar / amigo

15. Visita a cidade acompanhado/a?

Da esposa (o)

Da família

Da namorada (o)

Dos amigos (as)

Sozinho (a)

16. Já ouviu falar da escravatura?

Sim

Não

Não sei /Não respondo

17. Massangano desempenhou um papel importante como local de caça, concentração e embarque de escravos para as Américas. Acha que a sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, pode constituir uma mais-valia para as populações vítimas do processo?

Sim

Não

18. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola? (Assinale uma ou mais opções)

Manter a situação como está;

Reconstituir a história da escravatura criando monumentos e sítios históricos nos locais de referência sobre essa matéria;

A história da escravatura deve ser ensinada nas escolas e universidades do país;

Promover palestras e seminários sobre a escravatura;

Definir uma data de celebração sobre a escravatura Angolana;

19. Em sua opinião, o que faz falta ao visitante de Massangano? Classifique na escala seguinte:

Eventos culturais

Hotéis, restaurantes e serviços turísticos de qualidade

Sinalização dos pontos de interesse turístico

Painéis explicativos sobre a história da cidade

Rent-a-car, guias turísticos, roteiros, brochuras e mapas sobre a cidade

Centros comerciais modernos e lojas diversas

Outro/ Qual? R:

20. Mencione três medidas que considera importantes para melhoria da imagem de Massangano (3 a 4 palavras).

21. Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola integrando o Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a percorrer no período de 8 a 10 dias?

Sim

Não

QUESTIONÁRIO AO VISITANTE DE LUANDA



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Prezado (a) Senhor (a)

Na qualidade de estudante de Doutoramento do Curso de Geografia Humana da Universidade de Coimbra (Portugal), solicito a sua colaboração na elaboração da tese do curso, preenchendo o questionário abaixo.

O tema da tese é: Desenvolvimento do Turismo Cultural e de Memória em Angola: Reconstituição da Geografia das Rotas de Escravos. O objectivo central é apresentar uma proposta para desenvolver o produto “Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola”.

Garanto que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a sua privacidade.

Agradeço desde já o seu apoio, colaboração e disponibilidade.

I. DADOS BIOGRÁFICOS

1. Idade _____

2. Género

Masculino
Feminino

3. Bairro de residência _____ 4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

6. Habilitações académicas

Não sei ler/ Nem escrever

Ensino primário

Entre 7^a e 9^a classe

Entre 10^a e 12^a classe

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

7. Grupo da sua actividade profissional

Turismo/Lazer/Entretenimento

Artes/Cultura/Informação

Marketing/Finanças/Seguros/Consultoria

Tecnologias de informação

Ensino/Investigação/Saúde/Serviços Sociais

8. Actividade Profissional

Trabalhador por conta própria

Trabalhador por conta de outrem (Sector privado)

Funcionário público

Trabalhador em ONGs

Serviços religiosos

9. Estado civil

Solteiro/a

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

10. Onde passa habitualmente as férias?

Em Angola

Fora de Angola (Em África)

Fora do continente africano

Em que País? _____

Em que Cidade? _____

II. CIDADE DE LUANDA

11. Qual é o motivo da sua visita em Luanda?

Férias

Visita Familiar

Cultura e história da cidade

Turismo e Lazer

Transito

Negócios

12. Tempo de permanência?

Algumas horas

Um dia

Entre 2 e 7 dias

Duas semanas

Mais de duas semanas

Um mês

Mais de um mês

13. O que mais aprecia em Luanda?

A gastronomia

Os monumentos históricos, artesanato e a sua história

A hospitalidade do seu povo

A paisagem e os serviços turísticos

A música e dança

14. Onde está hospedado?

Hotel

Aparthotel

Aldeamento turístico

Pensão

Hospedaria

Casa familiar / amigo

15. Visita a cidade acompanhado/a?

Da esposa (o)

Da família

Da namorada (o)

Dos amigos (as)

Sozinho (a)

16. Já ouviu falar da escravatura?

Sim

Não

Não sei /Não respondo

17. Luanda desempenhou um papel importante como local de caça, concentração e embarque de escravos para as Américas. Acha que a sua integração na Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola, pode constituir uma mais-valia para as populações vítimas do processo?

Sim

Não

18. O que deve ser feito para a valorização e divulgação da história da escravatura em Angola? (Assinale uma ou mais opções)

Manter a situação como está;

Reconstituir a história da escravatura criando monumentos e sítios históricos nos

locais de referência sobre essa matéria;

A história da escravatura deve ser ensinada nas escolas e universidades do país;

Promover palestras e seminários sobre à escravatura;

Definir uma data de celebração sobre a escravatura Angolana.

19. Em sua opinião, o que faz falta ao visitante da cidade de Luanda? Classifique na escala seguinte:

Eventos culturais

Hotéis, restaurantes e serviços turísticos de qualidade

Sinalização dos pontos de interesse turístico

Painéis explicativos sobre a história da cidade

Rent-a-car, guias turísticos, roteiros, brochuras e mapas sobre a cidade

Centros comerciais modernos e lojas diversas

Outro/ Qual? R:

20. Mencione três medidas que considera importantes para melhoria da imagem da cidade de Luanda (3 a 4 palavras).

21. Caso haja a Rota Turística e Cultural de Escravos em Angola integrando o Soyo, Ambriz, Massangano e Luanda, levaria a sua família a percorrer no período de 8 a 10 dias?

Sim

Não

ANEXO V - Projecto Rota de Escravo da Unesco



As atividades de pesquisa científica, principalmente sobre o tráfico transatlântico, e a implementação e promoção de redes temáticas constituíram, em um primeiro momento, uma das prioridades do projeto *Rota do Escravo*. As redes, que estão localizadas nas instituições científicas, ou coordenadas por cientistas ou pesquisadores de reconhecida competência, alimentam resultados de trabalhos de pesquisa, o ensino e a educação sobre o tráfico negro, esclarecem a justificativa dos lugares de memória e dão sentido às expressões artísticas e culturais vivas.

O projeto suscitou um interesse crescente em diferentes países do mundo, principalmente nos que foram afetados pelo tráfico negro e escravidão. Criou uma dinâmica que favoreceu o lançamento de campanhas de sensibilização, o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa, a publicação de livros e a produção de materiais audiovisuais e pedagógicos. Ao conferir uma dimensão universal à questão do tráfico negro e da escravidão, o projeto contribuiu para que as pessoas reconhecessem tratar-se de uma

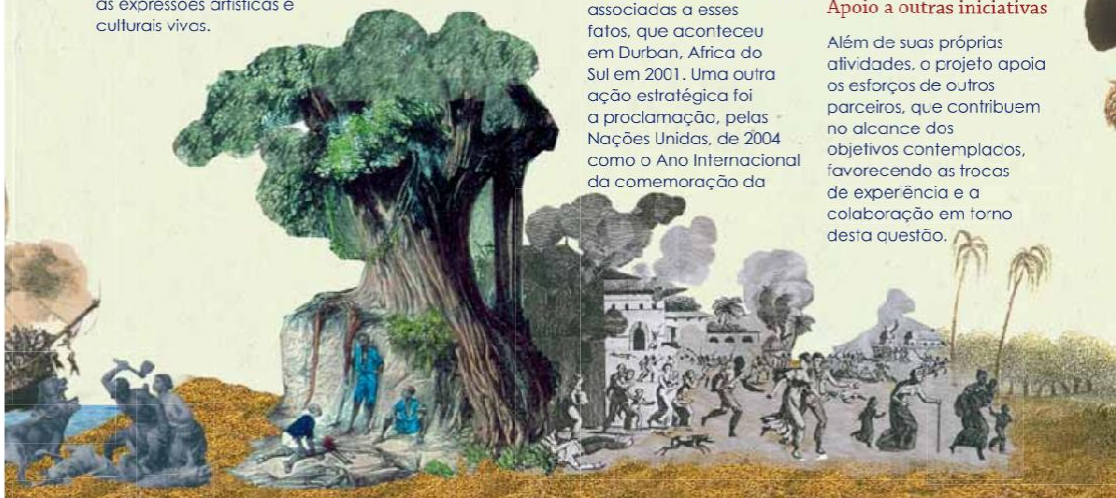
tragédia que abrange a humanidade como um todo. Hoje em dia, há menos reticências da parte dos países em abrir este capítulo de suas histórias e há mais vontade de inscrevê-lo nas memórias coletivas, com sua inserção nos calendários das comemorações das agendas políticas.

Uma das maiores realizações do projeto foi sua contribuição ao reconhecimento do tráfico negro e da escravidão como um « crime contra a humanidade » pela Conferência mundial contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância associadas a esses fatos, que aconteceu em Durban, África do Sul em 2001. Uma outra ação estratégica foi a proclamação, pelas Nações Unidas, de 2004 como o Ano Internacional da comemoração da

luta contra a escravidão e sua abolição, visando homenagear a Revolução haitiana e a luta engajada dos próprios escravos, por sua liberdade e sua dignidade. Durante esse ano, o projeto iniciou uma série de eventos importantes como a exposição itinerante « **Dever de memória : triunfo sobre a escravidão** » e a atribuição do prêmio UNESCO *Toussaint-Louverture* a duas figuras emblemáticas da luta contra as sequelas da escravidão : **Aimée Césaire** e **Abdias do Nascimento**.

Apoio a outras iniciativas

Além de suas próprias atividades, o projeto apoia os esforços de outros parceiros, que contribuem no alcance dos objetivos contemplados, favorecendo as trocas de experiência e a colaboração em torno desta questão.





I. Origem do projeto

Foi através de proposta do Haiti e dos países africanos que a Conferência Geral da UNESCO aprovou, em sua vigésima sétima sessão de 1993, a implementação do projeto : «Rota do Escravo» (Resolução 27 C/3.13). O projeto foi oficialmente lançado em 1994 no Benin, em Ouidah.

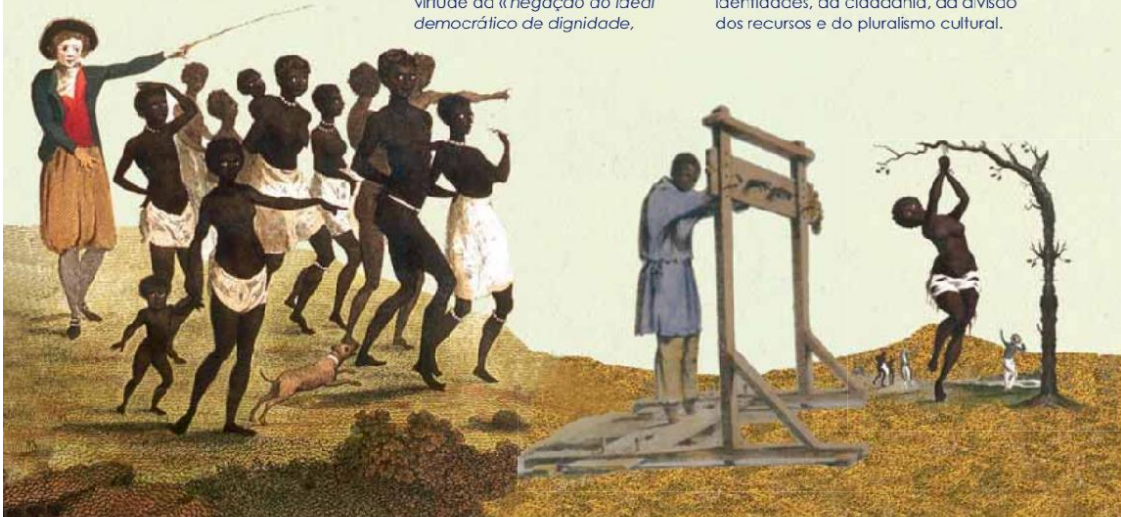
Consciente do fato de que ignorar ou ocultar eventos históricos de grande importância constitui em si um obstáculo à compreensão mútua, à reconciliação internacional e à estabilidade, a UNESCO

decidiu colocar em pauta a questão do tráfico de escravos e da escravatura, no intuito de contribuir com a preservação da paz, um dos objetivos fundamentais das Nações Unidas.

De fato, símbolo da negação dos direitos humanos mais elementares, esta tragédia deveria ser lembrada pela consciência humana. Ela se jacta do preâmbulo do Ato Constitutivo da UNESCO, que reconhece que horrores tais como os da última Guerra Mundial aconteceram em virtude da «negação do ideal democrático de dignidade,

de igualdade e de respeito da pessoa humana e pela vontade de substituí-lo através da exploração da ignorância, do preconceito, do dogma da desigualdade das raças e dos homens.»

O tráfico de escravos, pelo sufocante silêncio universal, a violência extrema que o acompanhou, a consciência perturbadora provocada nos discursos que o justificam, e, também, pelos sistemas paradoxais dos quais foi a causa, interpela as sociedades contemporâneas. Levanta algumas das questões mais polêmicas do mundo atual, como a dos direitos humanos, da construção de identidades, da cidadania, da divisão dos recursos e do pluralismo cultural.



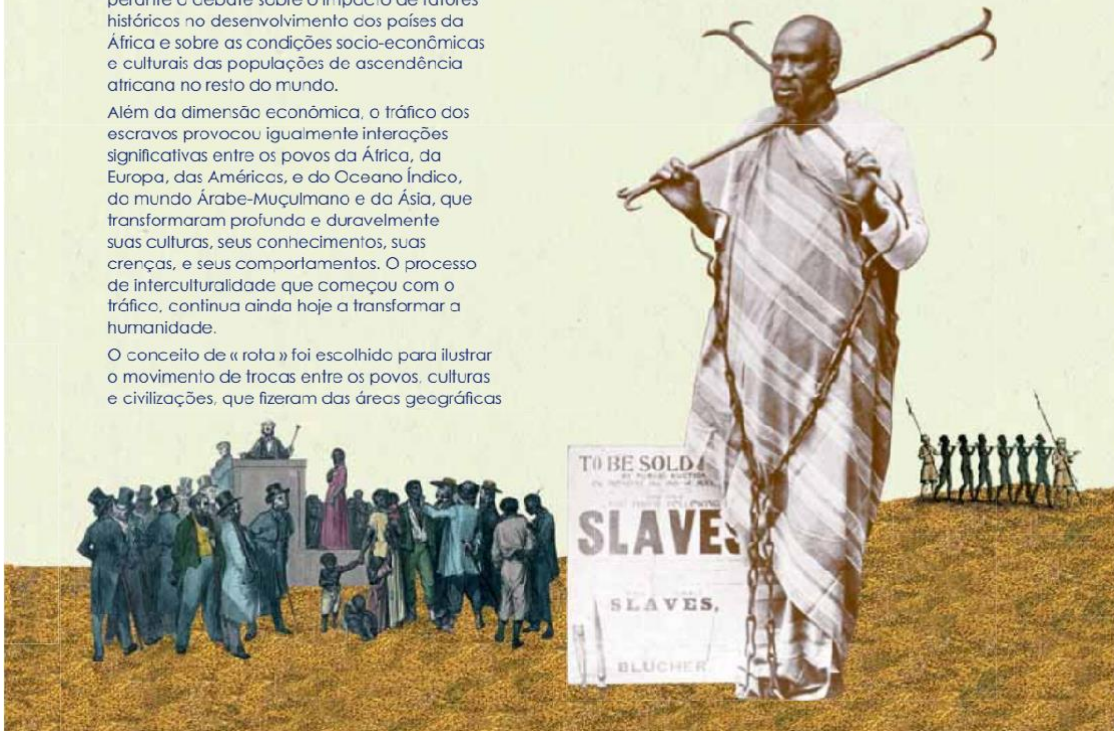
Considerado a maior tragédia da história humana, por sua duração e sua amplitude, e, também, uma estranha forma de globalização, o tráfico de escravos provocou, em nível global, profundas transformações que explicam, em parte, as configurações geopolíticas e socio-econômicas do mundo contemporâneo.

A necessidade de tratar de forma holística e metódica este capítulo doloroso da história da humanidade tornou-se ainda mais urgente perante o debate sobre o impacto de fatores históricos no desenvolvimento dos países da África e sobre as condições socio-econômicas e culturais das populações de ascendência africana no resto do mundo.

Além da dimensão econômica, o tráfico dos escravos provocou igualmente interações significativas entre os povos da África, da Europa, das Américas, e do Oceano Índico, do mundo Árabe-Muçulmano e da Ásia, que transformaram profunda e duravelmente suas culturas, seus conhecimentos, suas crenças, e seus comportamentos. O processo de interculturalidade que começou com o tráfico, continua ainda hoje a transformar a humanidade.

O conceito de « rota » foi escolhido para ilustrar o movimento de trocas entre os povos, culturas e civilizações, que fizeram das áreas geográficas

localizadas pela escravatura um campo excepcional do diálogo intercultural, cujas problemáticas são de uma importância considerável para as sociedades modernas. Assim, o projeto não se caracteriza por uma posição retrógrada, pois, ao contrário, tenta explicar de maneira mais clara o presente e contribuir ao futuro das sociedades multi-étnicas e multiculturais.

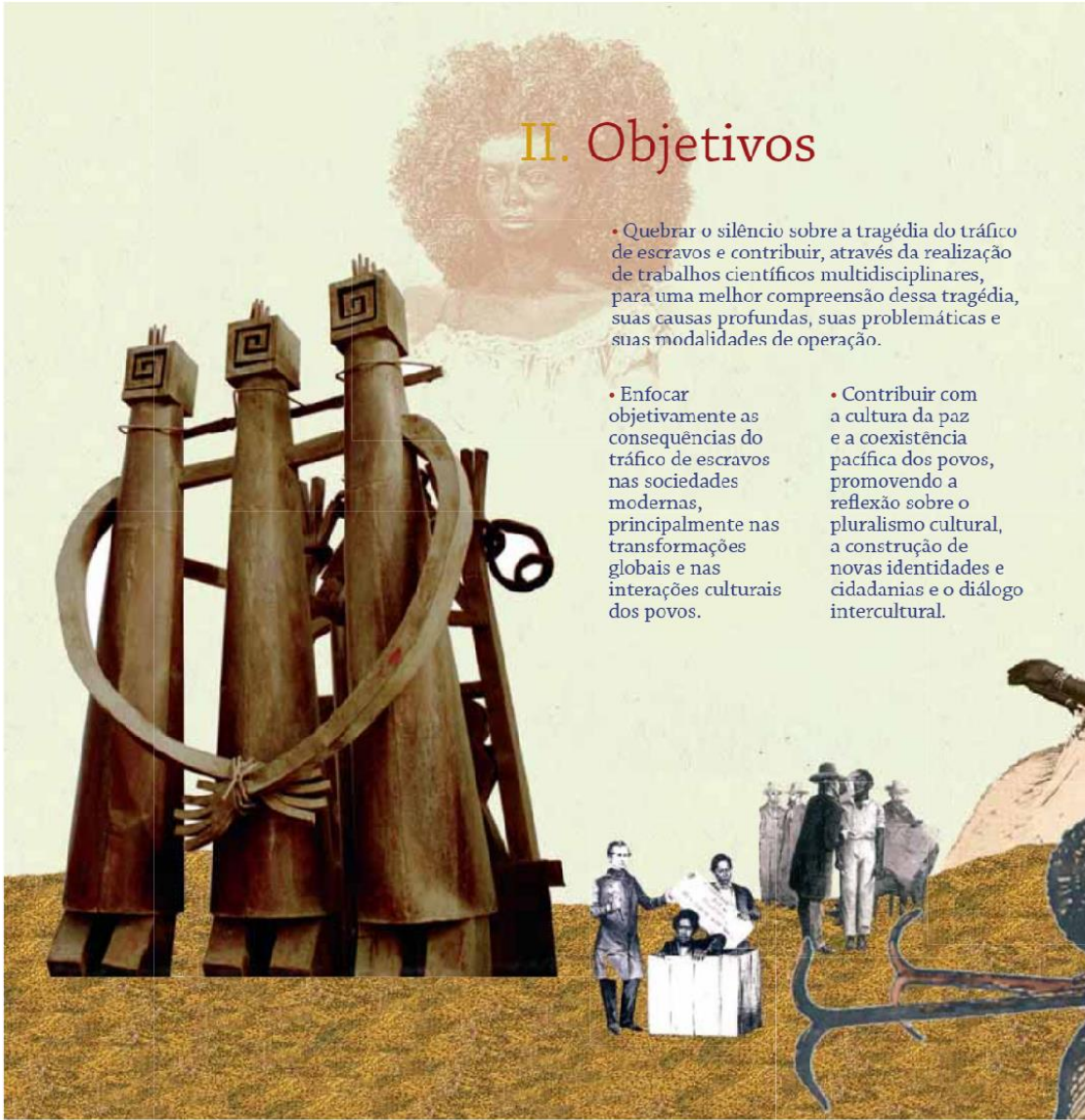


II. Objetivos

- Quebrar o silêncio sobre a tragédia do tráfico de escravos e contribuir, através da realização de trabalhos científicos multidisciplinares, para uma melhor compreensão dessa tragédia, suas causas profundas, suas problemáticas e suas modalidades de operação.

- Enfocar objetivamente as consequências do tráfico de escravos nas sociedades modernas, principalmente nas transformações globais e nas interações culturais dos povos.

- Contribuir com a cultura da paz e a coexistência pacífica dos povos, promovendo a reflexão sobre o pluralismo cultural, a construção de novas identidades e cidadanias e o diálogo intercultural.





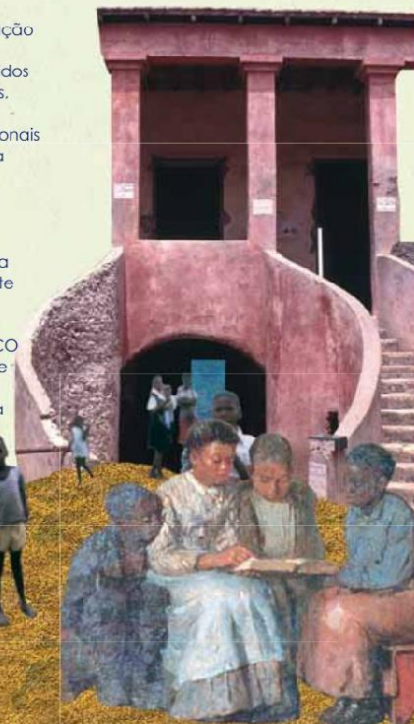
III. Estrutura

O projeto «Rota do Escravo» é um projeto intersetorial e transdisciplinar da UNESCO, o qual está ligado a todos os domínios de competência da Organização. Para atender a esta característica particular do projeto, o Diretor Geral da UNESCO compôs uma equipe especial, envolvida em atividades da UNESCO relativas ao estudo do tráfico negreiro e suas implicações. A coordenação e o controle das atividades do projeto são asseguradas pela Divisão das Políticas Culturais e do Diálogo Intercultural. A estrutura do projeto está assim, nos seguintes órgãos :

Comitê Científico Internacional Os Comitês Nacionais

Composto de vinte membros designados pelo Diretor Geral da UNESCO com base nas suas competências pessoais, o Comitê, que foi reestruturado em 2006, está encarregado de garantir a abordagem objetiva e, se possível, consensual das problemáticas da Rota do Escravo, como também aconselhar a UNESCO na orientação do Projeto. Multidisciplinar e Multicultural. O Comitê é formado de especialistas de diferentes disciplinas científicas e de diferentes regiões do mundo (África, Américas, Caribe, Europa, Ásia, Oceano Índico, e Mundo Árabe-Muçulmano).

Para mobilizar e instigar a participação no projeto Rota do Escravo das populações, de seus atores envolvidos (intelectuais, pesquisadores, artistas, educadores, jornalistas, líderes comunitários, etc), os comitês nacionais foram criados em vários países. Sua missão é suscitar, a nível nacional, a conscientização necessária, promover o debate e contribuir na busca do consenso no tratamento da questão do tráfico negreiro e da escravatura. O comitê é geralmente composto de especialistas destas questões, de representantes das Comissões Nacionais para a UNESCO e de outros membros da sociedade civil, das instituições acadêmicas e dos ministérios relacionados com a questão.



IV. Os Diferentes Programas do Projeto

O projeto está estruturado em torno de cinco programas intrinsecamente ligados :

- Um programa de pesquisa científica que se baseia em uma grande rede de instituições e de especialistas do mundo ;
- Um programa pedagógico e educativo que se apoia principalmente na rede de 7.000 escolas associadas da UNESCO no mundo, as quais buscam encorajar a integração do ensino desta tragédia nos programas escolares e para-escolares ;
- Um programa sobre a contribuição da diáspora de ascendência africana e a promoção de culturas vivas e expressões artísticas e espirituais oriundas das interações decorrentes do tráfico negreiro e da escravidão ;
- Um programa sobre a coleta e a preservação de arquivos escritos e de tradições orais ligadas ao Tráfico negreiro ;
- Um programa sobre o inventário e a preservação de lugares e edifícios de memória ligados à esta tragédia e sua promoção através do turismo cultural.

V. As realizações do projeto

Com base nas recomendações e orientações definidas pelo Comitê Científico Internacional, o projeto concretizou os seguintes tipos de atividade :

- Realização de estudos e trabalhos de pesquisa sobre as dimensões essenciais do tráfico negreiro, assim como suas consequências culturais, econômicas e políticas ;
- Organização de colóquios, seminários e outros encontros técnicos importantes ;
- Organização de exposições, festivais e concertos ;
- Elaboração de materiais pedagógicos e de informação ;
- Realização de filmes documentários ;
- Inventário de lugares de memória para o desenvolvimento de um turismo de memória ;
- Coleta de dados sobre a tradição oral ;
- Apoio à criação e à promoção de museus sobre a escravidão ;
- Identificação e armazenamento de informações sobre o tráfico ; exploração de arquivos ;
 - Implementação de redes de instituições científicas ;
 - Publicação de livros científicos e de documentos destinados ao grande público ;
 - Implementação de um site Internet : <http://www.unesco.org/culture/slaveroute> ;
 - Celebração do Ano Internacional da comemoração da luta contra a escravidão e sua abolição, assim como as jornadas internacionais de comemoração.





VI. As Publicações do Projeto

O projeto criou uma Coleção UNESCO intitulada *Memória dos Povos- A rota do Escravo*, destinada a publicar os resultados dos trabalhos iniciados pela UNESCO e pelas diferentes redes de parceiros. Estas publicações permitem também divulgar os debates entre especialistas sobre as questões do tráfico negro e de suas consequências. Assim, quinze livros foram publicados ; seus títulos estão indicados no site internet do projeto : <http://www.unesco.org/culture/slaveroute>.

O projeto publica um Boletim Informativo, que editou um número especial consagrado à celebração do *Ano Internacional de comemoração da luta contra a escravidão e de sua abolição*.

VII. Nova Fase do Projeto

Apos dez anos de existência, o projeto é hoje objeto de uma avaliação externa, que colocou em realce seu impacto considerável nas diferentes regiões do mundo e as importantes esperanças e expectativas que ele suscita. As conclusões dessa avaliação nortearam a reflexão e a definição de nova orientação para o projeto. Assim, o projeto deverá direcionar-se, principalmente, para :

- O aumento de atividades do projeto, e o encorajamento, nas regiões pouco cobertas até agora, como o Oceano Índico, Ásia, o Mundo Árabe-Muçulmano e a América Latina Andina ;
- O desenvolvimento de temáticas pouco exploradas, como : as consequências de longo prazo do tráfico e da escravidão ; a transferência de conhecimentos, de *know-how*, da África para o resto do mundo ; a luta contra os preconceitos raciais e o racismo herdado desta tragédia.

Para obter informações favor contatar :
Seção de História e Cultura,
Divisão das políticas culturais e do diálogo intercultural
1, rue Miollis, 75015 Paris, FRANCE
Tel. : (33) 1.45.68.49.45
Fax : (33) 1.45.68.57.51
Site Web : <http://www.unesco.org/culture/slaveroute>
(CLT-2006/MSB)



As atividades de pesquisa científica, principalmente sobre o tráfico transatlântico, e a implementação e promoção de redes temáticas constituíram, em um primeiro momento, uma das prioridades do projeto *Rota do Escravo*. As redes, que estão localizadas nas instituições científicas, ou coordenadas por cientistas ou pesquisadores de reconhecida competência, alimentam resultados de trabalhos de pesquisa, o ensino e a educação sobre o tráfico negro, esclarecem a justificativa dos lugares de memória e dão sentido às expressões artísticas e culturais vivas.

O projeto suscitou um interesse crescente em diferentes países do mundo, principalmente nos que foram afetados pelo tráfico negro e escravidão. Criou uma dinâmica que favoreceu o lançamento de campanhas de sensibilização, o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa, a publicação de livros e a produção de materiais audiovisuais e pedagógicos. Ao conferir uma dimensão universal à questão do tráfico negro e da escravidão, o projeto contribuiu para que as pessoas reconhecessem tratar-se de uma

tragédia que abrange a humanidade como um todo. Hoje em dia, há menos reticências da parte dos países em abrir este capítulo de suas histórias e há mais vontade de inscrevê-lo nas memórias coletivas, com sua inserção nos calendários das comemorações das agendas políticas.

Uma das maiores realizações do projeto foi sua contribuição ao reconhecimento do tráfico negro e da escravidão como um « **crime contra a humanidade** » pela Conferência mundial contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância associadas a esses fatos, que aconteceu em Durban, África do Sul em 2001. Uma outra ação estratégica foi a proclamação, pelas Nações Unidas, de 2004 como o Ano Internacional da comemoração da

luta contra a escravidão e sua abolição, visando homenagear a Revolução haitiana e a luta engajada dos próprios escravos, por sua liberdade e sua dignidade. Durante esse ano, o projeto iniciou uma série de eventos importantes como a exposição itinerante « **Dever de memória: Triunfo sobre a escravidão** » e a atribuição do prêmio UNESCO *Toussaint-Louverture* a duas figuras emblemáticas da luta contra as sequelas da escravidão: **Aimée Césaire** e **Abdias do Nascimento**.

Apoio a outras iniciativas

Além de suas próprias atividades, o projeto apoia os esforços de outros parceiros, que contribuem no alcance dos objetivos contemplados, favorecendo as trocas de experiência e a colaboração em torno desta questão.

